BRIAN HERBERT

KEVIN J. ANDERSON



DUNA

O Jihad Butleriana

BRIAN HERBERT E KEVIN J. ANDERSON

DUNA

O Jihad Butleriana

Para nossos agentes, Robert Gottlieb e Matt Bialer, do Trident Midle Group, que compreenderam as possibilidades deste projeto no primeiro momento, e cujo entusiasmo nos ajudou a transformá-lo em um êxito.

AGRADECIMENTOS

Ao Penny Merritt, por sua colaboração na administração do legado literário de seu pai, Frank Herbert.

Nossos editores, Pat LoBrutto e Carolyn Caughey, ofereceram sugestões detalhadas e muito valiosos aos múltiplos rascunhos, com o fim de conduzir este relato até sua versão definitiva. Tom Doherty, Linda Quinton, Jennifer Marcus e Paul Stevens, do Tor Books, contribuíram seu apoio e entusiasmo a este projeto.

Como sempre, Catherine Sidor, do WordFire, Inc., trabalhou sem descanso para transcrever dúzias de microcassetes e datilografar centenas de páginas para seguir nosso ritmo de trabalho maníaco. Sua colaboração em todos os passos deste projeto contribuiu para proteger nossa razão, e até conseguiu nos fazer acreditar que somos organizados.

Diane E. Jones e Erwin Bush fizeram às vezes de leitores e cobaias, nos deram sua opinião sincera e sugeriram cenas adicionais que deram mais solidez ao livro.

Rebecca Moesta contribuiu com sua imaginação, seu tempo e apoio em todas as fases deste livro, do principio ao fim.

A Herbert Limited Partnership, que inclui Jan Herbert, Rum Merritt, David Merritt, Byron Merritt, Julie Herbert, Robert Merritt, Kimberly Herbert, Margaux Herbert e Theresa Shackelford, emprestou-nos seu apoio mais entusiasta e nos confiou a visão magnificente de Frank Herbert.

A Beverly Herbert, por quase quatro décadas de apoio e devoção a seu marido, Frank Herbert.

E, sobretudo, graças a Frank Herbert, cujo gênio criou o universo prodigioso que estamos explorando.

1

A princesa Irulan escreve:

Qualquer estudante consciente tem que compreender que a história não tem início. Independentemente de quando comece a história, sempre há heróis e tragédias temporais.

Antes que alguém possa compreender o Muad'Dib ou a atual Jihad que seguiu ao derrocada de meu pai, o imperador Shaddam IV, tem que compreender contra o que lutamos. Por conseguinte, tem que remontar-se a mais de dez mil anos de antigüidade, dez milênios antes do nascimento de Paul Atreides.

É aí onde encontramos a fundação do Império, onde vemos um imperador elevar-se das cinzas da batalha de Corrin para unificar os restos dizimados da humanidade. Investigaremos os documentos históricos mais antigos, os mitos de Duna, na época da a Grande Revolta, mais conhecida como Jihad Butleriano.

A terrível guerra contra as máquinas pensantes foi a gênese de nosso universo político e comercial. Escutem a história dos humanos livres que se rebelaram contra a dominação de robôs, computadores e cimeks. Notem os alicerces da grande traição que transformou a Casa Atreides e a Casa Harkonnen em inimigos mortais, uma violenta inimizade que se prolonga até nossos dias. Conheçam as raízes da irmandade Bene Gesserit, da Confraria Espacial e seus navegantes, dos Professores Espadachins do Ginaz, da Escola de médicos Suk, dos mentat. Presenciem a vida dos zensunni errantes que fugiram do deserto de Arrakis, de onde se converteram em nossos maiores soldados, os Fremen.

Tais acontecimentos conduziram ao nascimento e vida do Muad'Dib.

Muito antes do *Muad'Dib*, nos últimos dias do Império Antigo, a humanidade perdeu seu vigor. A civilização terrestre se pulverizou pelas estrelas, mas chegou a um momento de estancamento. Carente de ambições, a maioria das pessoas permitia que máquinas eficientes se encarregassem de todas as tarefas cotidianas. Pouco a pouco, os humanos deixaram de pensar, sonhar... ou viver.

Então, chegou um homem do longínquo sistema de Thalim, um visionário que adotou o nome do Tlaloc, em honra a um antigo deus da chuva. Falou com as multidões apáticas, tentou reviver seu espírito humano, sem resultado aparente. Mas alguns inadaptados escutaram a mensagem de Tlaloc.

Estes novos pensadores se reuniram em segredo e procuraram formas de mudar o Império, sempre que pudessem derrocar seus estúpidos

governantes. Renunciaram a seus nomes de batismo e adotaram os nomes de grandes deuses e heróis. Entre eles sobressaíam o general Agamenon e sua amante Juno, cujo talento para escolher a tática adequada não tinha comparação. Estes dois recrutaram o perito programador Barba Azul, que desenhou um plano para transformar as servis máquinas onipresentes do Império em intrépidos agressores, ao dotar a inteligência artificial de seus cérebros com certas características humanas, incluindo a ambição de conquistar. Depois, vários humanos se uniram aos audazes rebeldes. No total, vinte mentes geniais formaram o núcleo de um movimento revolucionário que derrocou o Império Antigo.

Vitoriosos, se autodenominaram os titãs, em honra aos deuses gregos mais antigos. Guiados pelo visionário Tlaloc, os vinte se distribuíram a administração de planetas e povos, e impuseram sua ditadura graças às agressivas máquinas pensantes da Barba Azul.

Conquistaram quase toda a galáxia conhecida.

Alguns grupos de resistência reagruparam suas defesas na periferia do Império Antigo. Formaram sua própria confederação (a Liga dos Nobres), lutaram contra os Vinte Titãs e, depois de muitas batalhas sangrentas, conservaram sua liberdade. Detiveram o impulso dos titãs e os repeliram.

Tlaloc jurou que algum dia dominaria aqueles indesejáveis, mas ao fim de menos de uma década no poder, o líder visionário morreu em um trágico acidente. O general Agamenon herdou a liderança do Tlaloc, mas a morte de seu amigo e mentor constituía um sombrio aviso da mortalidade dos titãs.

Agamenon e sua amante Juno, que aspiravam governar durante séculos, aceitaram correr um grave risco. Ordenaram que lhes extirpassem o cérebro mediante uma operação cirúrgica e o implantassem em dispositivos que poderiam ser instalados em vários corpos mecânicos. Um a um, quando os titãs restantes sentiram a proximidade da velhice e sua vulnerabilidade, todos foram se convertendo em *cimeks*, máquinas com mentes humanas.

A Era dos Titãs durou um século. Os usurpadores *cimeks* governavam seus diversos planetas, e utilizavam computadores e robôs cada vez mais sofisticados para impor a ordem.

Mas em um desventurado dia, o hedonista titã Xerxes, ansioso por dispor de mais tempo para seus prazeres, permitiu um acesso excessivo a sua extensa rede de inteligência artificial.

A rede informatizada consciente se apoderou de todo um planeta, ao que seguiram outros. A avaria se propagou como um vírus de um planeta a outro, e a "mente" informática cresceu em poder e alcance. A inteligente e regulável rede, que se autodenominou *Omnius*, conquistou todos os planetas

governados pelos titãs antes que os *cimeks* tivessem tempo de alertar-se mutuamente do perigo.

Continuando, *Omnius* se dispôs a estabelecer e manter a ordem a sua maneira, muito estruturada, e a oprimir os humilhados *cimeks*. Donos do Império até aquele momento, Agamenon e seus companheiros se transformaram em servidores reticentes da mente onipotente.

Na época do *Jihad Butleriano*, fazia mil anos que *Omnius* e suas máquinas pensantes governavam com mão de ferro os Planetas Sincronizados.

Apesar disso, grupos de humanos livres resistiam nos limites do Império, unidos para assegurar seu mútuo amparo, como espinhos cravados nos flancos das máquinas pensantes. Sempre que eram atacados, a Liga dos Nobres se defendia com eficácia.

Mas as máquinas pensantes sempre estavam desenvolvendo novos planos.

2

Quando os humanos criaram um computador capaz de armazenar informação e aprender com ela, assinaram a sentença de morte da humanidade.

IRMÃ BECCA

Salusa Secundus pendia como um pendente de uma jóia no deserto do espaço, um oásis de riquezas e campos férteis, plácido e agradável para os sensores ópticos. Por desgraça, estava infestado de humanos em estado selvagem.

A frota robotizada se aproximou do planeta capital da Liga de Nobres. As naves de guerra blindadas estavam carregadas de armas, objetos enormes de uma estranha beleza com suas capas protetoras de liga refletiva, seus adornos de antenas e sensores. Os motores de popa lançavam fogo puro, e propulsionavam as naves até acelerações que teriam esmagado simples passageiros biológicos. As máquinas pensantes no necessitavam de sistemas de manutenção vital nem comodidades físicas. Neste momento, estavam concentradas em destruir a os restos de da resistência humana escondida nos limites exteriores dos Planetas Sincronizados.

No interior de sua nave em forma de pirâmide, o general *cimek* Agamenon dirigia o ataque. A glória ou a vingança eram alheias à lógica das máquinas pensantes, mas não a Agamenon. Seu cérebro humano, em alerta máxima dentro de seu dispositivo, seguia segundo a segundo o desenvolvimento dos planos.

A frota principal de naves de guerra entrou no sistema infestado de humanos, envolveu as tripulações das surpreendidas naves de vigilância como uma avalanche surda do espaço. Cinco delas abriram fogo para deter os atacantes, mas quase todos os seus projéteis foram muito lentos para alcançar os invasores. Disparos afortunados destruíram ou avariaram um punhado de naves robô, e o mesmo número de naves humanas acabaram desintegradas, não porque constituíram uma ameaça concreta, mas sim porque se interpuseram no caminho dos projéteis.

Só algumas naves de reconhecimento afastadas da refrega conseguiram transmitir a advertência ao vulnerável planeta Salusa Secundus. As naves de

guerra robotizadas desintegraram o difuso perímetro interior das defesas humanas, sem reduzir nem um momento sua velocidade, indo atrás do verdadeiro objetivo. A frota de máquinas pensantes, que estremeciam devido à extrema desaceleração, chegaria pouco depois que a capital recebesse a informaçãodoeta ivo.

Os humanos não teriam tempo de se preparar.

A frota robotizada era dez vezes maior e mais potente que qualquer outra força enviada por *Omnius* contra a Liga de Nobres. Os humanos se acomodaram, por não ter sofrido nenhuma agressão robotizada em grande escala durante o último século de precária guerra fria. Mas as máquinas podiam esperar muito tempo, e agora Agamenon e seus titãs sobreviventes iriam aproveitar a oportunidade.

Descobertas por diminutas sondas espiãs, a liga tinha instalado a pouco tempo uma série de defesas, em teoria invencíveis, contra máquinas pensantes de circuitos eletrônicos. A imensa frota robô esperaria a uma distância prudente, enquanto Agamenon e sua pequena vanguarda de *cimeks* se lançavam à missão, talvez suicida, de abrir a porta.

Agamenon não cabia em si de impaciência. Os desventurados humanos já estariam disparando alarmes, preparando defesas... mortos de medo. Graças ao eletrolíquido que mantinha vivo seu cérebro, Agamenon transmitiu uma ordem às tropas de assalto *cimeks*.

- Vamos destruir o coração da resistência humana. Em frente!

Durante um espantoso milênio, Agamenon e seus titãs se viram obrigados a servir à mente robô, *Omnius*. Esmagados sob seu controle, os ambiciosos mas derrotados *cimeks* tinham desviado sua frustração contra a Liga de Nobres. Um dia, o general esperava revoltar-se contra o próprio *Omnius*, mas até o momento não havia se apresentado uma oportunidade.

A liga tinha disposto novos escudos decodificadores ao redor de Salusa Secundus. Tais campos destruiriam os sofisticados circuitos eletrônicos de todos os computadores com inteligência artificial, mas as mentes humanas poderiam sobreviver. E embora possuíssem sistemas mecânicos e corpos robóticos intercambiáveis, os *cimeks* ainda tinham cérebros humanos.

Portanto, poderiam atravessar as defesas sem sofrer o menor dano.

Salusa Secundus encheu o campo de visão de Agamenon. O general tinha estudado com detalhe projeções táticas, e aplicado a experiência militar que tinha desenvolvido ao longo dos séculos, além de sua intuição inata para a arte de conquistar. Seus dotes haviam permitido que apenas vinte rebeldes se apoderassem de um império... até que *Omnius* os despojou de tudo.

Antes de lançar este importante ataque, a supermente tinha insistido em realizar um simulacro atrás de outro, com o fim de desenvolver planos para cada contingência. Agamenon, por sua parte, sabia que era inútil planejar com excessiva precisão no que se referia aos ingovernáveis humanos.

Enquanto a imensa frota robô enfrentava às defesas orbitais e naves periféricas da liga, a mente de Agamenon sondou desde seu dispositivo conectado com os sensores, e sentiu que lhe guiavam como um extensão de seu desaparecido corpo humano. As armas integradas formavam parte dele. Via com um milhar de olhos, e os potentes motores davam a sensação de possuir de novo pernas musculosas e de poder correr como o vento.

- Preparem-se para o ataque terrestre. Assim que nossos blindados penetrem nas defesas salusianas, temos que proceder com celeridade. - Ao recordar as câmaras que gravavam até o último momento da batalha para o posterior escrutínio da supermente, acrescentou: - Arrasaremos este asqueroso planeta pela glória do *Omnius*. Agamenon diminuiu a velocidade de descida, e os outros o imitaram. - Xerxes, assuma o comando. Envie a frente seus *neocimeks*.

Xerxes, vacilante como de costume, queixou-se.

- Contarei com seu apoio total? Esta é a parte mais perigosa do...

Agamenon o silenciou.

- Agradeça esta oportunidade de demonstrar seu valor. Mova-se de uma vez! Cada segundo de atraso concede mais tempo aos *hrethgir*.

Era o termo depreciativo que as máquinas inteligentes e seus lacaios *cimeks* utilizavam para designar os insetos humanos.

Outra voz soou no comunicador: o robô no comando da frota que lutava contra as força defensivas humanas situadas na órbita da Salusa.

- Esperamos seu sinal, general Agamenon. A resistência humana está se intensificando.

- Vamos agir. Xerxes, obedeça minhas ordens!

Xerxes, que nunca opunha grande resistência, absteve-se de fazer mais comentários e chamou três *neocimeks*, máquinas de última geração com mente humana. O quarteto de naves em forma de pirâmide apagou seus sistemas auxiliares, e seus transportes blindados penetraram sem guia na atmosfera. Durante alguns perigosos momentos seriam alvo fácil, e as defensas terrestres da liga talvez acertassem alguns, mas a grossa blindagem os protegeria do pior do impacto, e os manteria incólumes inclusive quando aterrissassem com violência nos subúrbios da Zimia, a capital, onde se achavam as principais torres geradoras dos escudos protetores.

Até o momento, a Liga de Nobres tinha defendido à humanidade da eficácia organizada de *Omnius*, mas os selvagens organismos biológicos apenas sabiam governar-se, e normalmente não entravam em acordo na hora de tomar decisões importantes. Assim que Salusa Secundus fosse esmagado, a instável aliança se desintegraria presa do pânico, e a resistência desmoronaria.

Mas os primeiros *cimeks* de Agamenon tinham que desconectar os escudos protetores. Então, Salusa ficaria indefeso e tremente, preparado para que a frota robô lançasse o golpe mortal, como uma enorme prensa mecânica que esmagasse um inseto.

O líder *cimek* colocou em posição seu transporte blindado, disposto a dirigir a segunda onda com o resto da frota exterminadora. Agamenon fechou todos os sistemas informatizados e seguiu Xerxes. Seu cérebro flutuava em um limbo dentro do dispositivo de segurança. Cego e surdo, o general não sentiu o calor nem as violentas vibrações quando seu blindado se precipitou para o objetivo desprevenido.

3

A máquina inteligente é um gênio maligno, escapado de sua garrafa.

BARBA AZUL, Anatomia de uma rebelião

Quando a rede de sensores de Salusa detectou a chegada da frota de guerra robotizada, Xavier Harkonnen entrou em ação imediatamente. Uma vez mais, as máquinas pensantes queriam pôr à prova as defesas da humanidade livre.

Embora ostentasse a patente de terceiro na tropa salusiana (o ramo autônomo local da Armada da Liga), Xavier ainda não tinha nascido quando aconteceram as últimas escaramuças reais contra os planetas da liga. A batalha mais recente tinha ocorrido quase cem anos antes.

Depois de tanto tempo, as agressivas máquinas talvez imaginassem que as defesas humanas eram débeis, Xavier jurou que se enganariam.

- Primeiro Meach, recebemos um aviso urgente e imagens tomadas por uma nave de reconhecimento da periferia - disse a seu comandante. Mas a comunicação foi cortada.

- Olhem! - gritou o quinto Wilby quando viu imagens vindas da rede de sensores externos. O oficial de patente menor estava em frente a uma fileira de painéis de instrumentos, junto com outros soldados, dentro do edifício abobadado.

Omnius nunca tinha enviado algo semelhante.

Vannibal Meach, o pequeno, mas vociferante primeiro da tropa salusiana, se encontrava no centro de controle das defesas planetárias, e assimilava com frieza o caudal de informação.

- Nosso último relatório do perímetro é de horas atrás, devido ao atraso com o que chegam os sinais. Nestes momentos, estarão travadas em combate com nossas naves de vigilância, e trataram de aproximar-se mais. Não conseguiram, ao que parece.

Embora esta fosse a primeira advertência da invasão iminente, reagiu como se tivesse esperado que as máquinas aparecessem a qualquer momento.

A luz da sala de controle, o cabelo castanho escuro de Xavier cintilava com tons canela.

Era um jovem sério, propenso à sinceridade e a desprezar os meio termos. Como membro da terceira patente militar, o terceiro Harkonnen era o subcomandante dos postos exteriores da defesa local. Muito admirado por seus superiores, Xavier tinha subido com celeridade. Como seus soldados também lhe respeitavam, era o tipo de homem a que seguiriam à batalha sem pensar duas vezes.

Apesar do tamanho e potência de fogo da força robotizada, obrigou-se a manter a calma, solicitou informes das naves de vigilância mais próximas e pôs em alerta máxima à frota de defesa espacial. Os comandantes das naves de guerra já tinham avisado suas tripulações que estivessem preparadas para a batalha, desde o momento em que ouviram a transmissão urgente das naves de reconhecimento, agora destruídas.

Os sistemas automáticos zumbiam ao redor de Xavier. Enquanto escutava as sirenes flutuantes, a sucessão incessante de ordens e os informes da situação que chegavam à sala de controle, exalou um largo suspiro e estabeleceu uma prioridade de tarefas.

- Podemos detê-los - disse. – Vamos detê-los.

Sua voz transmitia um tom autoritário, como se fosse muito maior e estivesse acostumado a lutar contra *Omnius* todos os dias. Na realidade, era a primeira vez que ia a enfrentar as máquinas pensantes.

Anos antes, um ataque surpresa *cimek* tinha acabado com a vida de seus pais e seu irmão maior, quando retornavam de uma inspeção as propriedades familiares em Hagal. As forças mecânicas sempre tinham significado uma ameaça para a Liga de Nobres, mas os humanos e *Omnius* haviam mantido uma paz precária durante décadas.

- Fique em contato com o segundo Lauderdale, e com todas as naves de guerra da periferia. Diga-lhes que procurem destruir todos inimigos que encontrem em seu caminho - disse o primeiro Meach, e logo suspirou. - Nossos grupos de batalha pesados demorarão meio-dia em aceleração máxima para chegar da periferia, mas é possível que as máquinas estejam tentando abrir caminho ainda nesse momento. Poderia ser um dia de glória para nossos rapazes.

O quarto Young obedeceu a ordem com eficiência. Enviou uma mensagem que demoraria horas para chegar aos subúrbios do sistema.

Meach concordou com ar ausente e repetiu a seqüência tantas vezes ensaiada. Como sempre viviam sob a ameaça das máquinas, a milícia salusiana treinava com regularidade para fazer frente a todas as eventualidades possíveis, assim como todos os destacamentos da Armada em todos os sistemas principais da liga.

- Ative os escudos defensivos Holtzman que rodeiam o planeta e avise todo o tráfico comercial aéreo e espacial. Quero que a potência do transmissor de escudo da cidade funcione a máxima potencializa dentro de dez minutos.

- Isso deveria bastar para fritar os circuitos gelificados de qualquer máquina pensante - disse Xavier com confiança forçada. - Todos vimos os experimentos.

Só que isto não é um experimento.

Assim que o inimigo topasse com as defesas que os salusianos tinham instalado, confiava que se retirariam ao calcular um número excessivo de baixas. As máquinas pensantes não eram aficionadas em correr riscos.

Lançou um olhar a um painel.

Mas há muitas.

Depois, se levantou e comunicou as más noticias.

- Primeiro Meach, se os dados sobre a velocidade da frota robotizada são corretos, inclusive a velocidade de desaceleração se deslocam quase com a mesma rapidez que o sinal de advertência recebido de nossas naves de reconhecimento.

- Já poderiam estar aqui! - Exclamou o quinto Wilby.

Meach reagiu imediatamente.

- Dêem o sinal de evacuação! Abram os refúgios subterrâneos.

- Evacuação em andamento, senhor - informou a quarto Young momentos depois, enquanto seus dedos voavam sobre os painéis. A moça oprimiu um cabo de comunicação fixo a sua têmpora. - Estamos enviando ao vice-rei Butler toda a informação de que dispomos.

Serena está com ele no Parlamento, recordou Xavier quando pensou na jovem de dezenove anos. Estava muito preocupado por ela, mas não se atreveu a revelar seu medo a seus companheiros. Tudo em seu momento e lugar adequados.

Viu em suas mentes os numerosos fios que devia tecer, cumprindo sua missão enquanto o primeiro Meach dirigia a defesa global.

- Quarto Chiry, tome um esquadrão e escolte ao vice-rei Butler, sua filha e a todos os representantes da liga até os refúgios subterrâneos.

- Já teriam que estar em caminho, senhor - disse o oficial.

Xavier lhe dirigiu um sorriso tenso.

- Acredita que os políticos agem com inteligência?

O quarto correu a obedecer a ordem.

4

Quase todas as histórias são escritas pelos vencedores dos conflitos, mas as escritas pelos vencidos (se sobrevivem) costumam ser mais interessantes.

IBLIS GINJO,
A paisagem da humanidade

Salusa Secundus era um planeta verde de clima temperado, o lar de centenas de milhões de humanos livres alinhados na Liga de Nobres. Os aquedutos transportavam abundante água de um lugar a outro. Ao redor do centro governamental e cultural da Zimia, as colinas ondulantes estavam cobertas de vinhedos e olivas.

Momentos antes que as máquinas pensantes atacassem, Serena Butler subiu ao estrado de discursos do Parlamento. Graças aos serviços públicos que prestava, assim como às argúcias de seu pai, lhe tinham concedido a oportunidade de dirigir-se aos representantes.

O vice-rei Manion Butler tinha aconselhado em privado a sua filha que fosse sutil, que se expressasse com termos simples.

- Passo a passo, querida. O que une a nossa liga não é mais que o fio de um inimigo comum, não uma série de valores ou crenças compartilhados. Nunca ataque o estilo de vida dos nobres.

Era o terceiro discurso de sua breve carreira política. Nos anteriores, expressou-se com brutal sinceridade, pois ainda não compreendia o balé da política, e suas idéias tinham sido recebidas com uma mescla de bocejos e risos provocados por sua ingenuidade. Queria terminar com a prática da escravidão humana, adotada de vez em quando por alguns planetas da liga. Queria que todos os humanos fossem iguais, queria que todos recebessem alimentação e amparo.

- É possível que a verdade ofenda. - Tentava que se sentissem culpados. Sozinho conseguiu que fizessem ouvidos surdos a suas palavras.

Serena tinha suavizado o tom do discurso para incorporar o conselho de seu pai, mas sem renunciar a seus princípios. Passo a passo. Ela também aprenderia com cada passo. Seguindo o conselho de seu pai, tinha falado em privado com representantes que compartilhavam seus pontos de vista, logrado alguns apoios e uns poucos aliados antes da hora da verdade.

Elevou o queixo, procurou que sua expressão fosse mais autoritária que ansiosa e entrou na câmara de gravações que rodeava o estrado como uma cúpula geodésica. Seu coração transbordava de boas intenções. Sentiu uma luz cálida quando o mecanismo de projeção transmitiu imagens ampliadas da área exterior da cúpula.

Uma pequena tela situada sobre o estrado permitia que visse sua imagem projetada: um rosto doce de beleza clássica, hipnóticos olhos lavanda e cabelo castanho de reflexos ambarinos com mechas douradas naturais. Levava na lapela esquerda uma rosa branca procedente de seus jardins, cuidados com mimo. O projetor fazia que Serena parecesse ainda mais jovem, pois o mecanismo havia sido manipulado pelos nobres para dissimular o efeito dos anos sobre suas feições.

O vice-rei Butler, embelezado com seus melhores ornamentos dourados e negros, sorriu com orgulho para sua filha de seu camarote, situado diante do público. O selo da Liga de Nobres adornava sua lapela, uma mão humana aberta debruada em ouro, que representava a liberdade.

Compreendia o otimismo de Serena, pois recordava ambições similares que havia albergado em sua juventude. Sempre tinha sido paciente com as cruzadas de sua filha. Ajudava a jovem a arrecadar recursos para os refugiados de ataques robóticos, permitia que viajasse a outros planetas para atender aos feridos, ou para rebuscar entre os escombros e colaborar na reconstrução dos edifícios incendiados. Serena nunca tinha tido medo de sujar as mãos.

- As mentes estreitas erigem barreiras - havia dito sua mãe em uma ocasião. - Mas contra estas barreiras, as palavras constituem armas formidáveis.

Os dignitários falavam entre sussurros. Alguns sorviam bebidas ou comiam os aperitivos que lhes haviam servido em seus assentos. Um dia como outro qualquer no Parlamento.

Sentadosataoe advert queriam pôr a em suas vilas e mansões, não recebiam de bom grau as mudanças. Entretanto, a possibilidade de ferir seus egos não ia impedir que Serena dissesse o que pensava.

Ativou o sistema de projeção auditiva.

- Muitos de vocês pensam que defendo idéias néscias porque sou jovem, mas talvez os jovens tenham a vista mais aguda, enquanto os velhos se tornam cegos pouco a pouco. Sou néscia e ingênua... ou será que alguns de vós, presunçosos e auto satisfeitos, foram afastados da humanidade? Inclinam-se para o lado do bem ou do mal?

Viu que uma onda de indignação percorria aos reunidos, mesclada com expressões de rechaço visceral. O vice-rei Butler lhe dirigiu um penetrante

olhar de desaprovação, mas transmitiu um veloz aviso à sala, solicitando a atenção respeitosa que se concedia a todo orador.

Serena fingiu não perceber. Será que não captavam a idéia fundamental?

- Se queremos sobreviver como espécie, temos que transcender nosso egoísmo. Durante séculos restringimos nossas defesas a um punhado de planetas chave. Embora faça décadas que *Omnius* não lança um ataque em grande escala, vivemos sob a sombra permanente dessa ameaça.

Serena oprimiu vários botões do estrado e projetou a imagem da abóbada celeste circundante, como um cacho de jóias no teto. Indicou com uma varinha luminosa os planetas da liga e os Planetas Sincronizados, governados por máquinas pensantes. Depois, desviou a vara para regiões mais extensas da galáxia, livres da dominação de humanos organizados ou máquinas.

- Olhem estes pobres Planetas Não Aliados: planetas dispersos como Harmonthep, Tlulax, Arrakis, Anbus IV e Caladan. Devido a dita dispersão, as colônias humanas não são membros de nossa liga, não gozam de nosso amparo militar se em algum momento são ameaçadas... por máquinas ou por outros humanos. Serena fez uma pausa, para deixar que o público assimilasse suas palavras. Muitos dos nossos cometem o engano de saquear estes planetas, com o fim de capturar escravos para alguns planetas da liga.

Seu olhar se cruzou com o do representante do Poritrin, o qual franziu o cenho, porque se estava referindo a ele. O homem respondeu em voz alta e a interrompeu.

- A escravidão é uma prática aceita na liga. Como carecemos de máquinas complexas, não há outro remédio senão aumentar nossa mão de obra. – Olhou para ela com expressão complacente. - Além disso, o próprio Salusa Secundus manteve uma população de escravos *zensunni* durante quase dois séculos.

- Acabamos com essa prática - replicou Serena com considerável veemência. - A mudança exigiu um pouco de imaginação e força de vontade, mas...

O vice-rei se levantou com a intenção de acalmar os ânimos.

- Cada planeta da liga determina seus próprios costumes, tecnologia e leis. Já temos bastante com um inimigo temível como as máquinas pensantes para iniciar uma guerra civil entre nossos planetas.

Sua voz possuía um tom levemente paternal, uma ligeira reprimenda para que voltasse para ponto principal de seu discurso.

Serena suspirou, sem render-se, e ajustou a vara para que os planetas não aliados brilhassem em sua tela.

- Até assim, não podemos esquecer de todos esses planetas, objetivos ricos em todo tipo de recursos à espera de que *Omnius* os conquiste.

O oficial de ordem, sentado em uma cadeira alta a um lado, golpeou o chão com seu bastão.

- Tempo.

Aborrecia-se com facilidade, e muito poucas vezes escutava os discursos.

Serena continuou a toda pressa, tentando transmitir suas idéias sem parecer ansiosa.

- Sabemos que as máquinas pensantes querem controlar a galáxia, embora faça quase um século que nos deixam em paz. Foram conquistando de maneira sistemática todos os planetas dos sistemas estelares sincronizados. Não se deixem enganar por seu aparente falta de interesse em nós. Sabemos que voltarão a atacar... mas como e onde? Não deveríamos agir antes que *Omnius* o faça?

- O que é o que querem, madame Butler? - perguntou com impaciência um dos dignitários. Elevou a voz mas não ficou em pé, como ordenava o protocolo. - Estão defendendo uma espécie de ataque preventivo contra as máquinas pensantes?

- Havemos de trabalhar para incorporar os planetas não aliados à liga, e terminar com a prática do escravismo. - Apontou com a vara à projeção do teto. - Somá-los a nosso bando para aumentar nossa força, e a deles. Todos sairíamos beneficiados! Proponho que enviemos embaixadores e agregados culturais com o propósito rápido de formar novas alianças políticas e militares. Tantas quantas pudermos.

- Quem pagará todo esse esforço diplomático?

- Tempo - repetiu o oficial de ordem.

- Se lhe concedem três minutos mais como turno de réplica, já que o representante de Hagal formulou uma pergunta - disse o vice-rei Butler em tom autoritário.

Serena estava se enfurecendo. Como era possível que aquele representante se preocupasse com quantidades de dinheiro insignificantes, quando o custo final era tão elevado?

- Todos pagaremos, com sangue, se não fizermos isto. Temos que fortalecer a liga e a espécie humana.

Alguns nobres começaram a aplaudir: os representantes que Serena tinha cortejado antes do discurso, de repente, alarmes estridentes ressonaram em todo o edifício e nas ruas.

As sirenes emitiram um tom conhecido estremecedor (que sé se ouvia durante as simulações), convocando todos os reservistas da tropa salusiana.

- As máquinas pensantes penetraram no sistema salusiano - disse uma voz pelos alto-falantes. Avisos semelhantes estariam soando por toda Zimia. - Assim nos advertiram as naves de reconhecimento situadas na periferia e os grupos de vigilância em órbita.

Serena leu os detalhes quando entregaram um resumo urgente e lacônico ao vice-rei.

- Nunca vimos uma frota robô deste tamanho! - Exclamou o ancião. - Quanto tempo faz que as primeiras naves de reconhecimento enviaram o aviso? Quanto tempo resta?

- Estão nos atacando! - Gritou um homem. Os delegados saltaram de seus assentos e se dispersaram como formigas aterrorizadas.

- Preparem-se para evacuar o Parlamento. - O oficial de ordem se transformou em um vulcão de atividade. - Todos os refúgios blindados estão abertos. Representantes, dirijam-se às zonas que lhes tenham sido designadas.

O vice-rei Butler gritou no meio do caos, procurando aparentar serenidade.

- Os escudos Holtzman nos protegerão!

Serena percebeu a angustia de seu padre, ainda que a dissimulasse bem.

Os representantes da liga correram para as saídas. Os inimigos implacáveis da humanidade tinham chegado.

5

Qualquer homem que exija mais autoridade não a merece.

TERCEIRO XAVIER HARKONNEN,
discurso à tropa salusiana

- A frota robô acaba de atacar nosso guarda espacial. - Anunciou Xavier Harkonnen de seu posto. – A troca de fogo é intensa.

- Primeiro Meach! - Gritou o quarto Steff Young das telas orbitais. Xavier percebeu o aroma salgado e metálico do suor nervoso do Young. - Senhor, um pequeno destacamento de naves mecânicas se separou da frota robô principal em órbita. Configuração desconhecida, mas se estão preparando para um descida atmosférica.

Assinalou as imagens e fez insistência nas luzes brilhantes que indicavam um grupo de projéteis inativos.

Xavier lançou um olhar aos leitores do perímetro, informação em tempo real transmitida pelos satélites defensivos situados acima dos campos decodificadores do Tio Holtzman. Na resolução mais alta viu um esquadrão de naves piramidais que se entravam na atmosfera, em direção aos campos.

- Vão ter uma desagradável surpresa - disse Young com um sorriso desprovido de alegria. - Nenhuma máquina pensante pode sobreviver a essa aposta.

- Nossa principal preocupação será desviar os restos das naves destruídas - interveio o primeiro Meach. - Não descuidem a vigilância.

Mas os blindados atravessaram os campos decodificadores e continuaram avançando.

- Não apareceram sinais eletrônicos de que tenham penetrado no limite.

- Como passaram?

O quinto Wilby secou o rosto e afastou o cabelo castanho de seus olhos.

- Nenhum computador poderia. - De repente, Xavier compreendeu o que estava acontecendo. - São blindados cegos, senhor!

Young levantou a vista de suas telas, com a respiração entrecortada.

- Impacto em menos de um minuto, primeiro. A segunda onda vem logo atrás. Conto vinte e oito projéteis. - Meneou a cabeça. - Não produzem sinais eletrônicos.

- Rico, Powder - gritou Xavier, - trabalhem com equipes de resposta média e esquadrões de bombeiros. Apresse-os. Ânimo, ensaiamos isso centenas de vezes! Quero que todos os veículos e equipes de resgates móveis e aéreas estejam preparadas para intervir antes que a primeira nave se choque. Destinem defesas para repelir aos invasores assim que aterrissem. - O primeiro Meach baixou a voz e olhou para seus camaradas. - Terceiro Harkonnen, tome uma estação de comunicações portátil e dirija-se ao ponto de aterrissagem. Quero que seja meus olhos no cenário dos fatos. Pressinto que esses blindados contêm algo desagradável.

O caos se espalhou pelas ruas, sob um céu semeado de nuvens. Xavier, em meio da confusão, ouviu o uivo metálico da atmosfera torturada quando os projéteis inativos caíram como balas disparadas do espaço.

Uma chuva de blindados piramidais golpearam o chão. Com um estrondo ensurdecedor, as quatro primeiras naves cegas derrubaram edifícios, arrasaram ruas inteiras com a dispersão explosiva da energia cinética, mas sofisticados sistemas de deslocamento de choque protegeram o carregamento mortal que continham.

Xavier correu pela rua com o uniforme enrugado, o cabelo suado colado a cabeça. Deteve-se ante o gigantesco edifício do Parlamento. Embora fosse o lugar-tenente das defesas salusianas, encontrava-se em uma posição insegura, pois devia dar ordens de terra. Não era exatamente o que lhe tinham ensinado nos cursos da academia da Armada, mas o primeiro Meach confiava em seu bom julgamento e capacidade de atuar com independência.

Tocou o comunicador fixo a seu queixo.

- Estou em posição, senhor.

Cinco projéteis mais se chocaram nos subúrbios da cidade, deixando crateras fumegantes. Explosões. Fumaça. Bolas de fogo.

Nos pontos de impacto, os módulos inativos se abriram e revelaram um enorme objeto que recobrava vida dentro de cada um. Unidades mecânicas reativadas afastaram os restos dos escudos carbonizados. Xavier adivinhou, aterrorizado, o que ia ver, compreendeu por que as máquinas inimigas tinham conseguido atravessar os escudos decodificadores. Não eram mentes eletrônicas, eram...

Cimeks.

Horríveis monstruosidades mecânicas surgiram das pirâmides destroçadas, impulsionadas por cérebros humanos extraídos cirurgicamente. Sistemas de mobilidade recobraram vida. Pernas articuladas e armas potencializadas entraram em movimento.

Os corpos *cimek* emergiram das crateras fumegantes, gladiadores em forma de caranguejo quase tão altos como os edifícios derrubados. Suas pernas eram tão grosas como vigas, cheias de canhões lança-chamas, lança-foguetes e de gás venenoso.

- Soldados *cimek*, primeiro Meach! - Gritou Xavier pelo comunicador. - Descobriram a forma de atravessar nossas defesas orbitais!

Ao largo e acima de Salusa, desde os subúrbios da Zimia até o continente mais afastado, as tropas planetárias tinham recebido ordens de agir. Já tinham separado naves defensivas desenhadas para combater nas capas atmosféricas inferiores (*kindjals*), carregadas com projéteis capazes de atravessar qualquer blindagem.

A população fugia pelas ruas, presa do pânico. Alguns cidadãos estavam paralisados por causa do terror, e se limitavam a olhar o que ocorria a seu redor. Xavier descreveu aos gritos o que estava presenciando. Ouviu a voz de Vannibal Meach.

- Quarto Young, dê ordens de distribuir os aparelhos de respiração. Encarregue-se da distribuição de máscaras filtradoras entre a população. Qualquer pessoa que não se ache dentro de um refugio deve levar um respirador.

As máscaras não protegiam dos lança-chamas nem das detonações de alta energia, mas as podiam livrar-se das nuvens venenosas. Enquanto colocava o respirador, Xavier sentiu-se invadido pelo temor de que as precauções da tropa não fossem suficientes.

Os soldados *cimek* abandonaram seus blindados e avançaram sobre seus monstruosos pés. Lançaram projéteis explosivos, que abrasaram edifícios e a pessoas aterrorizadas. Brotaram chamas das bocas de seus membros dianteiros, que incendiaram a cidade da Zimia. Continuavam caindo blindados do céu, preparados para abrir-se assim que tocassem a terra. Vinte e oito no total.

O jovem terceiro viu uma coluna de fogo e fumaça que caía dando voltas com um rugido ensurdecedor, tão veloz e brilhante que esteve a ponto de queimar suas retinas. O blindado se chocou no recinto militar situado a um quilômetro de distância, desintegrou o centro de controle e o quartel geral da tropa planetária. A onda de choque derrubou Xavier e destruiu as janelas de dúzias de casas.

- Primeiro! - gritou Xavier pelo comunicador. - Primeiro Meach! Centro de comando!

Mas ao ver as ruínas, soube que não ia obter nenhuma resposta do complexo.

Enquanto percorriam as ruas, os *cimeks* cuspiam uma fumaça verde negra, uma neblina oleosa que, ao assentar-se, produzia um filme tóxico que cobria o chão e os edifícios.

Então, chegou o primeiro esquadrão de bombardeiros *kindjal*. Lançaram uma chuva de explosivos ao redor dos soldados mecânicos, que derrubou tanto os *cimeks* como os edifícios.

Xavier ofegava, incapaz de acreditar em seus olhos. Chamou de novo o comandante, mas não obteve resposta. Por fim, os centros subtáticos que rodeavam a cidade entraram em contato com ele para perguntar o que tinha acontecido e pedir que se identificasse.

- Terceiro Harkonnen falando - disse. Então, compreendeu a enormidade do ocorrido. Com um supremo esforço, fez provisão de valor e serenou sua voz. - Sou... sou o atual chefe da tropa salusiana.

Correu para o núcleo de fumaça gordurenta. Os civis desabavam a seu redor, com náuseas. Lançou um olhar aos atacantes aéreos, e ardeu em desejos de deter o comando supremo.

- É possível destruir *cimeks* - transmitiu aos pilotos *kindjal*. Depois, tossiu. A máscara não funcionava bem. O peito e a garganta ardiam como se houvesse inalado ácido, mas continuou gritando ordens.

Enquanto o ataque continuava, as naves de emergência salusianas sobrevoaram a zona de batalha, e lançaram contêineres de pós e espuma anti-incêndio. Esquadrões médicos providos de máscaras avançavam sem vacilar.

Indiferentes aos insignificantes esforços dos humanos para defender-se, os *cimek* continuavam seu avanço, não como um exército, mas sim como indivíduos: cães mecânicos enlouquecidos que semeavam a destruição em qualquer parte. Um soldado mecânico flexionou suas pernas de caranguejo e desintegrou duas naves de resgate que desciam, para seguir seu caminho com movimentos sinistros.

A vanguarda de bombardeiros salusianos lançaram projéteis explosivos contra um dos primeiros *cimeks*. Dois projéteis alcançaram o corpo blindado, e o terceiro fez impacto em um edifício próximo, o qual desmoronou, sepultando sob os entulhos o corpo mecânico do invasor.

Mas depois que as chamas e a fumaça se dissiparam, o *cimek* voltou à carga. A máquina assassina se libertou dos entulhos e lançou um contra-ataque

contra os *kindjals* que chegavam do céu.

Xavier estudava os movimentos dos atacantes de longe, utilizando uma tela tática portátil. Era preciso que descobrisse o plano global das máquinas pensantes.

Dava a impressão de que os *cimeks* tinham um objetivo definido.

Não podia vacilar ou perder o tempo lamentando a morte de seus camaradas. Não podia perguntar ao primeiro Meach o que devia fazer. Tinha que pensar com a mente limpa e tomar decisões instantâneas. Se conseguisse descobrir o objetivo do inimigo...

A frota robótica continuava disparando em órbita sobre a guarda espacial salusiana, embora o inimigo dotado de inteligência artificial não pudesse atravessar os campos Holtzman.

Talvez fossem capazes de derrotar às naves de vigilância e bloquear a capital da liga..., mas o primeiro Meach já tinha chamado aos grupos de batalha periféricos, e logo toda a potência de fogo da Armada oporia uma séria resistência às naves de guerra robôs.

Viu na tela que a frota inimiga mantinha suas posições... como se esperasse algum sinal das tropas de assalto *cimek*. As idéias se amontoaram em sua mente. O que estavam fazendo?

Um trio de gladiadores mecânicos lançou explosivos contra a asa oeste do Parlamento. A formosa fachada ruiu sobre a rua como uma avalanche de finais da primavera. Alguns escritórios governamentais, já evacuados, ficaram à mostra.

Xavier tossiu por causa da fumaça, forçou a vista e olhou para os olhos do médico que colocava uma nova máscara sobre seu rosto. Os pulmões de Xavier ardiam, como se estivessem empapados de combustível e que tivessem aceso o fogo.

- Vai lhe fazer bem - prometeu o médico em tom pouco convincente, enquanto aplicava uma injeção no pescoço de Xavier.

- Assim espero. - O terceiro voltou a tossir e viu manchas negras diante de seus olhos. - Agora não tenho tempo para morrer.

Xavier se esqueceu de si mesmo e sentiu uma profunda preocupação como Serena. Menos de uma hora antes, tinha que pronunciar um discurso ante a câmara de representantes. Rezou para que estivesse a salvo.

Ficou em pé e afastou ao médico com um gesto, enquanto a injeção fazia efeito.

Conectou sua tela tática portátil e solicitou uma vista do céu, tomada das defesas *kindjal*. Estudou os caminhos enegrecidos dos graciosos e titânicos *cimeks* na tela.

Aonde vão?

Em sua mente, reproduziu o caminho seguido pelos monstros mecânicos, as crateras fumegantes e as ruínas do quartel geral da tropa.

Então, compreendeu o que deveria ter visto desde o começo, e amaldiçoou-se baixo.

Omnius sabia que os escudos decodificadores Holtzman destruiriam os circuitos gelificados das máquinas pensantes. Por isso, o grosso da frota robô se mantinha afastada da órbita salusiana. Se os *cimeks* se apoderassem dos geradores de campo, o planeta ficaria exposto a uma invasão em grande escala.

Xavier enfrentava a uma decisão crítica, mas já a tinha tomado. Gostasse ou não, agora estava no comando. Ao aniquilar ao primeiro Meach e a estrutura de comando da tropa, os *cimeks* lhe tinham posto à frente da situação, sequer de forma temporária. E sabia o que devia fazer.

Ordenou à tropa salusiana que retrocedesse e concentrasse todos seus esforços em defender o objetivo mais vital, deixando o resto da Zimia a mercê dos *cimeks*. Embora tivesse que sacrificar uma parte desta importante cidade, devia impedir que as máquinas alcançassem seu objetivo.

A todo custo.

6

O que influi mais, o tema ou o observador?

ERASMO,
expedientes de laboratório não cotejados

Em Corrin, um dos principais Planetas Sincronizados, o robô Erasmo passeava pela praça ladrilhada que havia em frente a sua vila. Movia-se com a agilidade que tinha conseguido imitar depois de séculos de estudar a elegância humana. Seu rosto de metal líquido era como um espelho polido carente de expressão, até que decidia formar uma série de emoções imitadas no filme de polímero metálico, como as antigas máscaras teatrais.

Mediante fibras ópticas implantadas em sua membrana facial, admirou as fontes iridescentes que lhe rodeavam, as quais constituíam um digno complemento da selaria, as estátuas, trabalhadas tapeçarias e as colunas de alabastro esculpidas a laser da vila. Tudo luxuoso e opulento, desenhado por ele. Depois de muitos estudos e análise, tinha chegado a apreciar os patrões da beleza clássica, e estava orgulhoso de seu evidente bom gosto.

Seus escravos humanos se encarregavam de infinidade de tarefas domésticas: polir troféus e objetos artísticos, tirar o pó dos móveis, plantar flores, podar os arbustos ornamentais sob a luz púrpura crepuscular do sol gigante vermelho. Cada escravo tremente fazia uma reverência quando Erasmo passava a seu lado. Reconhecia a todos, mas não se incomodava em identificá-los, embora tomasse nota mental de cada detalhe. O menor dado podia conduzir à compreensão total.

Erasmo tinha uma pele de compostos *plastiorgânicos* entretecidos com elementos neuroeletrônicos. Gabava-se de que sua sofisticada rede de sensores lhe permitia experimentar sensações físicas reais. Sob a reluzente brasa do gigantesco sol do Corrin, sentia a luz e o calor sobre sua pele, em teoria como se fosse de carne verdadeira. Vestia um grosso manto dourado debruado de adornos carmesins, parte de um elegante vestuário pessoal que lhe diferenciava dos robôs inferiores de *Omnius*. A vaidade era outra coisa que Erasmo tinha aprendido ao estudar nos humanos, e gostava.

A maioria dos robôs não gozavam de tanta independência como Erasmo. Eram pouco mais que caixas pensantes móveis, meros apêndices da supermente. Erasmo também obedecia as ordens de Omnius, mas gozava de

maior liberdade para as interpretar. Ao longo dos séculos, tinha desenvolvido sua própria identidade e algo parecido com um ego. Omnius lhe considerava uma curiosidade.

Enquanto o robô continuava andando com graça perfeita, detectou um zumbido. Suas fibras ópticas localizaram uma pequena esfera voadora, um dos muitos espiões móveis de *Omnius*.

Sempre que Erasmo se afastava das onipresentes telas dispostas em todos os edifícios, os ávidos olhos lhe seguiam, gravavam todos seus movimentos. Os atos da supermente falavam de uma curiosidade insaciável, ou de una paranóia peculiarmente humana....

Muito tempo antes, quando manipulava os primeiros computadores providos de inteligência artificial do Império Antigo, o rebelde Barba Azul tinha acrescentado imitações de certos traços de personalidade e ambições humanas. Por conseguinte, as máquinas haviam evoluído até transformar-se em uma só mente eletrônica que conservou alguns desejos e características humanos.

Na opinião de *Omnius*, os *cimeks* biológicos, compostos de cérebros humanos e membros mecânicos, eram incapazes de assimilar as perspectivas históricas que os circuitos gelificados de uma mente robô podiam abranger. Quande Omnius analisava o universo de possibilidades, era como una imensa rede. Havia muitas formas de vencer, e sempre as levava em consideração.

O programa básico de *Omnius* tinha sido duplicado em todos os planetas conquistados pelas máquinas, e sincronizado mediante o uso de atualizações regulares. Carentes de rosto, mas capazes de ver e comunicar-se através da rede interestelar, existiam cópias quase idênticas de Omnius distribuídas por toda parte, presentes de maneira vigária em inumeráveis olhos espiões, aparelhos e redes de contacto.

No momento atual, dava a impressão de que a mente robô não tinha nada melhor que fazer que bisbilhotar.

- Aonde vai, Erasmo? - Perguntou *Omnius* de um diminuto alto-falante situado sob o olho espião. - Por que anda tão depressa?

- Você também poderia andar, se te desse vontade. Por que não te concede pernas durante um tempo e adota um corpo artificial, para saber como é? - A máscara de polímero metálico de Erasmo compôs um sorriso. - Poderíamos ir passear juntos.

O olho espião zumbia ao lado do Erasmo. As estações do Corrin eram longas, porque sua órbita se afastava muito do gigantesco sol. Tanto invernos como verões se prolongavam durante milhares de dias. A escarpada paisagem carecia de bosques ou desertos, apenas um punhado de hortas e terrenos de lavoura antigos que não se semearam desde a conquista das máquinas.

Muitos escravos humanos ficaram cegos devido à exposição a potente luz solar. Como conseqüência, Erasmo tinha proporcionado a seus trabalhadores protetores oculares. Era um amo benévolo, preocupado com o bem-estar de seus recursos.

Quando chegou à cancela de sua vila, o robô ajustou seu novo módulo de potencialização sensorial, conectado por pontos neuroeletrônicos a seu núcleo corporal e oculto sob seu manto. O módulo, desenhado pelo próprio Erasmo, permitia-lhe reproduzir os sentidos dos humanos, mas com certas limitações inevitáveis. Queria saber mais do que o módulo permitia, queria sentir mais. Neste aspecto, era possível que os *cimeks* superassem Erasmo, porém nunca saberia a ciência certa.

Os *cimeks*, em especial os primeiros titãs, constituíam uma turma de seres brutais e intolerantes, sem a menor avaliação pelos sentidos e sensibilidades que Erasmo tanto se esforçava por alcançar. A brutalidade não era desdenhável, é obvio, mas o sofisticado robô considerava que se tratava de uma faceta mais da conduta humana que valia a pena estudar. Mesmo assim, a violência era interessante, e empregá-la proporcionava prazer com freqüência...

Sentia uma extremada curiosidade por saber o que convertia em humanos aos seres biológicos racionais. Era inteligente e seguro de si mesmo, mas também queria compreender as emoções, a sensibilidade humana e as motivações, os detalhes essenciais que máquinas nunca conseguiam reproduzir com fidelidade.

Durante sua larguíssima investigação, que remontava a séculos atrás, Erasmo havia assimilado a arte, a música, a filosofia e a literatura humanas. Em último extremo, desejava descobrir a epítome e a substância da humanidade, a chama mágica que fazia diferentes esses seres, esses criadores. O que lhes dava... alma?

Entrou em seu salão de banquetes, e o olho voador se elevou até o teto, de onde podia observar tudo. Seis telas de *Omnius* arrojavam um resplendor cinza leitoso das paredes.

Sua vila imitava o opulento estilo greco romano das propriedades em que tinham vivido os Vinte Titãs antes de renunciar ao corpo humano. Erasmo era o proprietário de imóveis similares em cinco planetas, incluídos Corrin e a Terra. Possuíam instalações adicionais: currais de escravos, salas de

dissecação e laboratórios médicos, assim como estufas, galerias de arte, esculturas e fontes. Todas elas lhe permitiam estudar o comportamento e a fisiologia humanas.

Erasmo tomou assento à cabeceira de uma larga mesa provida de prata e castiçais, mas com talheres para um só comensal. Ele. A cadeira de madeira havia pertencido a um nobre humano, Nivny O'Mura, um dos fundadores da Liga de Nobres.

Erasmo tinha estudado a organização dos humanos rebeldes, que tinham erigido fortalezas contra os primeiros ataques dos *cimeks* e as máquinas. Os engenhosos *hrethgir* eram capazes de adaptar-se e improvisar, de confundir a seus inimigos de maneiras surpreendentes. Fascinante.

De repente, a voz da supermente ressonou a seu redor, em tom cansado.

- Quando concluirá seus experimentos, Erasmo? Vem aqui dia após dia, e sempre faz o mesmo. Espero ver resultados.

- Há perguntas que me intrigam. Por que os humanos ricos comem com tanta cerimônia? Por que consideram certos mantimentos e bebidas superiores a outros, quando seu valor nutritivo é o mesmo? - A voz do robô adotou um tom erudito. - A resposta, *Omnius*, está relacionada com a brutal brevidade de suas vidas. Compensam-na com mecanismos sensoriais eficazes capazes de proporcionar sentimentos intensos. Os humanos possuem cinco sentidos básicos, com incontáveis gradações. O sabor da cerveja do Yondair em contraposição com o vinho de Ularda, por exemplo. O tato da estopa de Ecaz comparada com a paraseda, a música de Brahms com...

- Suponho que tido isso é muito interessante, de um ponto de vista esotérico.

- Parece, *Omnius*. Você continua me estudando, enquanto eu estudo aos humanos.

Erasmo fez um gesto aos escravos que o olhavam, nervosos, de um guichê da porta da cozinha. Uma sonda se estendeu de um módulo embutido no quadril do Erasmo e surgiu por baixo de seu manto. Delicados sensores neuroeletrônicos se agitaram como cobras espectadoras.

- Tolero suas investigações, Erasmo, porque espero que desenvolva um modelo detalhado capaz de predizer o comportamento humano. E de saber como usar a esses seres.

Escravos vestidos de branco saíram da cozinha com bandejas de comida: galinha selvagem de Corrin, boi amendoado do Walgis, inclusive deliciosos salmões do rio Platina do Parmentier.

Erasmo afundou os extremos membranosos de sua sonda em cada prato e os "provou", utilizando em ocasiões um cúter para perfurar a carne e saborear os sucos internos. Erasmo documentou cada sabor para seu crescente repertório.

Enquanto isso, continuou seu diálogo com *Omnius*. Dava a impressão de que a supermente distribuía dados e observava as reações de Erasmo.

- Tenho estado aumentando minhas forças militares. Depois de tantos anos, chegou o momento de entrar em ação de novo.

- Seriamente? Ou os titãs lhe estão animando a adotar uma postura mais agressiva? Durante séculos, Agamenon se impacientou com o que ele considera sua falta de ambição.

Erasmo estava mais interessado no bolo de bagos amargos que tinha diante de si. Quando analisou os ingredientes, ficou perplexo ao detectar um forte rastro de saliva humana, e se perguntou se constava na receita original. Ou talvez fosse devido a algum escravo ter cuspido na massa?

- Eu tomo minhas próprias decisões - disse a supermente. - Neste momento, pareceu-me apropriado lançar uma nova ofensiva.

O *chef* empurrou um carrinho até a mesa e utilizou uma faca para cortar uma parte de filete salusiano. O *chef*, um homenzinho servil que gaguejava, depositou a suculenta fatia em um prato limpo acrescentou um pingo de molho marrom e a estendeu a Erasmo. A faca caiu da bandeja e ricocheteou contra um pé do Erasmo, deixando um entalhe e uma mancha. O homem, aterrorizado, agachou-se para recuperar a faca, mas Erasmo estendeu uma mão mecânica e agarrou a manga. O elegante robô se endireitou, sem deixar de falar com *Omnius*.

- Uma nova ofensiva? É uma mera coincidência que o titã Barba Azul a exigisse como recompensa quando derrotou a sua máquina de combate no circo?

- Irrelevante.

O *chef* contemplou a faca e tartamudeou.

- Eu pe-pessoalmente li-limparei até que pa-pareça novo, lorde Erasmo.

- Os humanos são idiotas, Erasmo - disse *Omnius* dos alto-falantes da parede.

- Alguns sim - admitiu Erasmo, enquanto movia a faca com movimentos graciosos. O pequeno *chef* rezou em silêncio uma oração, incapaz de mover-se. - Pergunto-me o que deveria fazer. - Erasmo limpou a faca no avental do tremente homenzinho, e depois contemplou o reflexo distorcido do indivíduo na folha metálica.

– A morte humana é diferente da morte mecânica – disse *Omnius* com frieza. - Podemos duplicar uma máquina, substituir. Quando os humanos morrem, é para sempre.

Erasmo simulou uma gargalhada estentórea.

- *Omnius*, embora sempre fale da superioridade das máquinas, nunca reconhece em que nos superam os humanos.

- Não me torture com outro de seus catálogos - disse a supermente. - Recordo nossa última discussão sobre este tema com absoluta precisão. A superioridade reside no olho do observador, e sempre implica filtrar detalhes que não se sobrepõem a uma idéia pré-concebida concreta.

Graças a seus detectores sensoriais, que se agitavam como cílios no ar, Omnius percebeu o fedor de suor do *chef*.

- Vai matar este? - perguntou *Omnius*.

Erasmo deixou a faca sobre a mesa e ouviu que o homem emitia um suspiro.

- É fácil matar os humanos de um em um. Mas como espécie, constituem uma provocação muito maior. Quando se sentirem ameaçados, se unem e se transformam em seres mais poderosos, mais ameaçadores. A vezes, é melhor pegá-los de surpresa. - Sem prévio aviso, pegou a faca e a cravou no peito do *chef*, com força suficiente para atravessar o esterno e afundá-lo no coração. - Assim.

O sangue manchou o uniforme branco, a mesa e o prato do robô.

O humano desencravou a faca e emitiu um gorgolejo. Enquanto Erasmo sustentava a arma, pensou em tentar imitar a expressão de incredulidade de sua vítima com sua máscara dúctil, mas desistiu. Seu rosto de robô continuou sendo um ovalóide inexpressivo e refletivo. Em qualquer caso, Erasmo nunca se veria obrigado a adotar uma expressão semelhante.

Atirou a faca para um e afundou cílios sensores no sangue de seu prato. O sabor era muito interessante e complexo. Perguntou-se se o sangue de vítimas diferentes saberia de maneira diferente.

Guardas robô levaram o cadáver, enquanto outros escravos, aterrorizados, formavam redemoinhos na porta, conscientes de que deveriam se encarregar da limpeza. Erasmo estudou seu medo.

- Agora - disse *Omnius*, - desejo comunicar algo importante. Meus planos de ataque já foram colocados em prática.

Erasmo fingiu interesse, como em tantas outras ocasiões. Ativou um mecanismo de limpeza que esterilizou a ponta de sua sonda, e logo o ocultou sob o manto.

- Confio em seu bom julgamento, *Omnius*. Não sou um perito em temas militares.

- Por isso mesmo deveria prestar atenção a minhas palavras. Sempre diz que quer aprender. Quando Barba Azul derrotou meu robô gladiador no combate de exibição, me solicitou autorização para atacar à Liga de Nobres. Os titãs restantes estão convencidos de que sem estes *hrethgir*, o universo seria infinitamente mais eficaz e ordenado.

- Muito medieval - comentou Erasmo. - O grande *Omnius* seguiria as sugestões militares de um *cimek*?

- Barba Azul divertiu-me, e sempre existe a possibilidade de que algum titã acabe morto. Não é algo tão mau, não é verdade?

- É obvio - disse Erasmo, - já que as restrições da programação impedem que atente contra seus criadores de uma maneira direta.

- Com freqüência ocorrem acidentes. Em qualquer caso, nossa ofensiva conquistará os planetas da liga ou exterminará os restos de humanidade que os habitam. Dou por boa qualquer alternativa. Há muito poucos humanos que valha a pena conservar, talvez nenhum.

Erasmo não gostou daquelas palavras.

7

A mente dá ordens ao corpo, e este obedece de imediato.
A mente se dá ordens a si mesma, e encontra resistência.

SAN AGUSTÍN,
antigo filósofo da Terra

Embora o ataque dos *cimeks* contra Zimia não mais que começar, Xavier Harkonnen sabia que a humanidade livre devia resistir até o último momento. E fazer valer sua vitória.

Os soldados mecânicos carregados de armas avançaram fechando filas. Elevaram seus braços chapeados e lançaram projéteis explosivos, cuspiram chamas, pulverizaram gás venenoso. Com cada muro derrubado, os *cimeks* se aproximavam mais e mais da central geradora de escudo protetor, uma torre muito alta de curvas parabólicas e persianas complexas.

Nos limites da atmosfera salusiana, um desdobramento orbital de numerosos satélites teceu uma rede com amplificadores em cada nódulo. Em todos os continentes, torres de transmissão alimentaram a substância do campo decodificador Holtzman, até construir uma intrincada malha sobre o planeta, uma tapeçaria de energia impenetrável.

Mas se os *cimeks* se apoderassem das principais torres da superfície, abrir-se-iam ocos vulneráveis no escudo. Toda a malha protetora viria abaixo.

Xavier tossiu sangue e gritou no comunicador:

- Aqui fala o terceiro Harkonnen, que assume o comando das forças locais. O primeiro Meach e o centro de controle foram desintegrados.

O canal permaneceu em silencio durante vários segundos, como se toda a tropa estivesse aturdida.

Xavier tragou saliva, provou o sabor metálico do sangue em sua boca, e depois lançou a ordem terrível.

- Que todas as forças locais formem um cordão ao redor das torres de transmissão de escudo. Precisamos de recursos para defender o resto da cidade. Repito, retrocedam. Isto vale para todos os veículos de combate e naves de ataque.

Se ouviram os esperados protestos.

- Não pode falar sério, senhor! A cidade está ardendo!

- Zimia caiará indefensa! Isto tem que ser um equivoco!

- Pense bem, senhor! Viu os destroços que esses bastardos *cimeks* já causaram? Pense nos habitantes de nossa cidade!

- Não reconheço a autoridade de um terceiro que dá ordens tão...

Xavier sossegou todos os protestos.

- O objetivo dos *cimeks* é evidente: tentam destruir nossos campos decodificadores para que a frota robô possa nos exterminar. Temos que defender as torres a toda costa. Toda costa.

Sem fazer caso de sua ordem, uma dúzia de pilotos continuaram lançando explosivos sobre os *cimeks*.

Xavier grunhiu em tom inflexível.

- Quem deseja discutir minhas ordens poderá fazê-lo depois... no seu julgamento em um conselho de guerra.

Ou no meu, pensou.

Gotas escarlate mancharam o interior de sua máscara de plaz, e se perguntou pela magnitude dos danos que já teriam provocado os gases tóxicos em seu organismo. Cada vez custava-lhe mais respirar, mas afastou essas preocupações de sua mente. Agora não podia mostrar debilidade.

- Que todas as forças retrocedam e protejam as torres! É uma ordem. Temos que nos reagrupar e mudar de estratégia.

Por fim, as forças terrestres salusianas se retiraram para o complexo transmissor. O resto da cidade ficou tão vulnerável como um cordeiro preparado para o matadouro. E os *cimeks* se aproveitaram da circunstância com sinistro regozijo.

Quatro soldados mecânicos atravessaram um parque cheio de estátuas e destroçaram obras magníficas. Os monstros mecânicos derrubaram edifícios, pulverizaram e queimaram museus, edifícios de moradias, refúgios. Qualquer objetivo lhes agradava.

- Não cedam terreno - ordenou Xavier em todos os canais, e silenciou os gritos de indignação das tropas. - Os *cimeks* tentam nos afastar de nosso objetivo.

Os soldados mecânicos dispararam contra um campanário ereto pelo Chusuk para comemorar uma vitória contra as máquinas pensantes, ocorrida quatro séculos antes. Os sinos repicaram quando a torre desabou sobre as pedras de uma praça.

A esta altura, quase toda a população da Zimia tinha fugido para os refúgios blindados. Frotas de médicos e bombeiros se esquivavam do fogo

inimigo para lutar contra o desastre. Muitos tentativas de resgate se transformavam em missões suicidas.

Em meio a tropa congregada ao redor das torres de transmissão, Xavier sentiu um indício de dúvida e se perguntou se havia tomado a decisão correta; por hora não se atrevia a mudar de opinião. Ardiam-lhe os olhos por causa da fumaça, e lhe doíam os pulmões cada vez que respirava. Sabia que tinha razão. Estava lutando pelas vidas de todos os habitantes do planeta. Incluída Serena Butler.

- E agora o que, terceiro? - disse o quarto Jaymes Powder atrás dele. Embora o rosto anguloso do subcomandante estivesse oculto em parte por uma máscara, seus olhos revelavam a indignação que sentia.

- Sentamos e observamos como esses bastardos reduzem Zimbia a escombros? Do que serve proteger os transmissores de escudo se não restar nada da cidade?

- Não podemos salvar à cidade se perdermos nossos escudos e abrimos o planeta ao ataque das máquinas - respondeu Xavier.

As tropas salusianas montaram uma defesa ao redor das antenas parabólicas das torres. Tropas terrestres e veículos blindados aguardavam nas ruas e fortificações circundantes. Os *kindjals* voavam em círculos sobre a cidade, disparavam suas armas e repeliam os *cimeks*.

Os membros da tropa aferravam suas armas, cheios de ódio. Frustrados os homens ardiam de desejo de carregar contra os atacantes... ou talvez de esquartejar lentamente Xavier.

A cada explosão ou edifício destruído, iradas tropas avançavam um passo mais para o motim.

- Até que cheguem reforços, temos que concentrar nossas forças - disse Xavier, e tossiu.

Powder olhou a máscara de *plaz* do terceiro e viu sangue no interior.

- Está bem, senhor?

- Não é nada.

Mas Xavier ouvia o fôlego líquido de seus pulmões cada vez que tomava fôlego.

Notou que perdia o equilíbrio, enquanto o veneno continuava queimando suas malhas, e se apoiou em um baluarte de *plasmento*. Estudou a última posição que tinha estabelecido em pouco tempo e confiou que resistiria.

- Agora que as torre estão protegidas - disse por fim Xavier, - podemos sair caçar de nossos atacantes. Está preparado, quarto Powder?

Powder sorriu, e os soldados lançaram gritos de júbilo. Alguns homens dispararam suas armas para o ar, dispostos a precipitarem-se à destruição.

Como um cavaleiro que sujeitasse as rédeas de um corcel, Xavier os conteve.

- Esperem! Prestem atenção. Não podemos utilizar nenhum truque, nem existem pontos fracos que nos permitam ganhar em astúcia dos cimeks. Mas contamos com a vontade e a necessidade de vencer... do contrário perderemos tudo. - Sem fazer caso do sangue em sua máscara, não sabia como era capaz de insuflar confiança em sua voz. - Assim nós os derrotaremos.

Durante as escaramuças iniciais, Xavier tinha visto pelo menos um dos gigantescos invasores destruído por explosões múltiplas e concentradas. Seu corpo articulado já não era mais que uma carcaça fumegante. Entretanto, os bombardeiros e unidades de terra blindadas tinham repartido seus ataques entre muitos objetivos, fazendo inúteis seus esforços.

- Nosso ataque será coordenado. Escolheremos apenas um objetivo e o destruiremos, um *cimek* por vez. Dispararemos uma e outra vez, até que não fique nada. Depois, nos dedicaremos ao seguinte.

Logo que pode respirar, Xavier quis ir à frente dos esquadrões. Como terceiro, estava acostumado a participar ativamente nos exercícios de treinamento e nos simulacros.

- Senhor? - disse Powder, surpreso. - Não deveria ficar em uma zona segura? Como comandante em chefe, os procedimentos exigem...

- Tem toda a razão, Jaymes - respondeu em voz baixa. – Mesmo assim, vou subir. Nós jogamos uma só carta. Fique aqui e proteja essas torres a todo custo.

Elevadores subterrâneos depositaram mais *kindjals* na superfície, preparados para o lançamento. Subiu em um dos aparelhos salpicados de cinza e se encerrou na cabine. Os soldados correram para suas naves de ataque, gritando promessas de vingança aos camaradas obrigados a ficar para trás. Depois de transferir o canal de comunicações do *kindjal* a sua freqüência de comando, Xavier deu novas ordens.

O terceiro Harkonnen ajustou o assento da cabine e lançou seu *kindjal*. A aceleração o empurrou para trás e dificultou ainda mais sua respiração. Um fio de sangue escorregou pelo canto de sua boca.

As naves o seguiram, enquanto um pequeno grupo de veículos terrestres blindados se afastava das torres de transmissão para interceptar os atacantes. Com as armas carregadas e as bombas preparadas para ser lançadas, os *kindjals* descenderam para o primeiro *cimek* eleito como branco, uma das máquinas menores. A voz do Xavier ressonou na cabine de todas as naves.

- Disparem quando eu ordenar... Agora!

Os defensores atacaram o corpo em forma de caranguejo de todas direções, até que a máquina caiu, com as patas articuladas enegrecidas e retorcidas, e o contêiner do cérebro destruído. Gritos de júbilo ressonaram em todos os canais de comunicação.

Xavier elegeu um segundo alvo.

- Sigam-me. O seguinte.

O esquadrão da tropa convergiu sobre o segundo objetivo e golpeou como um martelo. As unidades terrestres móveis abriram fogo da superfície, enquanto os *kindjals* lançavam bombas do céu.

O segundo *cimek* captou o ataque iminente e elevou suas patas metálicas para cuspir jorros de chamas. Dois *kindjals* de Xavier foram abatidos, e se chocaram com edifícios próximos

Já caídos. Bombas erráticas arrasaram toda uma rua da cidade. Mas o resto do ataque concentrado obteve seu objetivo. As múltiplos explosões racharam o corpo robótico, e o *cimek* ficou destroçado. Um de seus braços metálicos se agitou, e logo caiu sobre os escombros.

- Três a menos - disse Xavier. - Faltam vinte e cinco.

- A menos que fujam antes - respondeu outro piloto.

Os *cimeks* eram indivíduos, como quase todas as máquinas pensantes de *Omnius*. Alguns eram sobreviventes dos primeiros titãs. Outros (os *neocimeks*) eram colaboradores humanos dos Planetas Sincronizados. Todos tinham sacrificado seus corpos físicos para se aproximar mais da suposta perfeição das máquinas pensantes.

Entre as tropas que rodeavam as torres transmissoras, o quarto Powder utilizava tudo quanto havia em seu arsenal para rechaçar quatro *cimeks* que se aproximaram o suficiente para ameaçar edifícios vitais. Destruiu um guerreiro mecânico e obrigou a outros três a se retirar coxeando para reagrupar. Nesse ínterim, as forças aéreas de Xavier aniquilaram mais dois *cimeks*.

As voltas estavam mudando.

Os *kindjals* de Xavier atacaram uma nova onda de invasores. Seguida de veículos terrestres blindados e canhões de artilharia, a milícia salusiana lançou projétil atrás de projétil contra o *cimek* que estava a frente. O bombardeio danificou as patas mecânicas e neutralizou suas armas. Os *kindjals* voaram em círculos para atirar o golpe definitivo.

Sem aviso prévio, a torre central que continha o cérebro humano do *cimek* se separou do corpo. O contêiner esférico blindado se elevou para o céu com um brilho luminoso, fora do alcance das armas salusianas.

- Uma cápsula de fuga que contém o cérebro do traidor. - O esforço de falar fez que Xavier cuspisse mais sangue. - Disparem contra ela!

Seus *kindjals* abriram fogo contra a cápsula, mas sem acertar seu objetivo.

- Maldição!

Os pilotos dispararam contra o rastro de gases de escapamento, mas a cápsula não demorou para perder-se de vista.

- Não esbanjem seus projéteis - disse Xavier pelo comunicador. - Esse já não representa nenhuma ameaça.

Sentia-se enjoado, a ponto de sumir na inconsciência, ou... de morrer.

- Sim, senhor.

Os *kindjals* deram meia volta para terra e se concentraram no *cimek* seguinte.

Entretanto, quando o esquadrão de ataque convergiu sobre outro inimigo, o *cimek* também expulsou sua cápsula de fuga.

- Eh! – Lamentou-se um piloto. - Fugiu antes que pudéssemos derrubá-lo.

- O importante é que fujam - disse Xavier, quase inconsciente. Confiou em não cair. - Sigam-me para o próximo alvo.

Como em resposta a um sinal, todos os *cimeks* restantes abandonaram seus corpos metálicos. As cápsulas de fuga ascenderam como foguetes, atravessaram a rede decodificadora e se perderam no espaço, em direção à frota atacante.

Quando os *cimeks* desistiram da invasão, os defensores salusianos sobreviventes prorromperam em vivas.

Durante as horas seguintes, os salusianos sobreviventes saíram dos refúgios, e contemplaram o céu impregnado de fumaça com uma mescla de estupor e otimismo.

Depois da retirada dos *cimeks*, a frota robótica frustrada tinha lançado uma chuva de mísseis contra a terra, mas seus computadores também falharam. Os sistemas antimísseis salusianos deram conta de todos os projéteis antes de que alcançassem seu objetivo.

Por fim, quando os grupos de combate dispersos começaram a convergir sobre a frota atacante do perímetro do sistema Gamma Waiping, as máquinas pensantes calcularam de novo suas possibilidades, e ao ver os resultados, decidiram desistir, deixando os restos das naves destruídas em órbita.

Na superfície, Zimia continuava ardendo, e dezenas de milhares de cadáveres jaziam entre os escombros.

Xavier havia conseguido agüentar durante a batalha, porém no final era incapaz de se manter em pé. Seus pulmões estavam alagados de sangue. Notava um sabor ácido na boca. Tinha insistido que os médicos concentrassem seus esforços nos feridos graves que semeavam as ruas.

De um balcão situado no último piso do maltratado Parlamento, contemplou os horríveis danos. O mundo se tingiu de um vermelho doentio a seu redor, falharam-lhe as pernas e caiu para trás. Ouviu que alguém chamava um médico.

Não posso considerar isto uma vitória, pensou, e depois mergulhou na mais negra inconsciência.

8

No deserto, a linha que separa a vida da morte é afiada e veloz.

Poesia de acampamento
zensunni no Arrakis

Longe das máquinas pensantes e da Liga de Nobres, o deserto nunca mudava. Os descendentes dos *zensunni* refugiados em Arrakis viviam em covas isoladas, formando comunidades que logo que conseguiam subsistir no hostil deserto. Desfrutavam de escassos prazeres, porém lutavam ferozmente para sobreviver um dia mais.

O sol abrasava o deserto de areia, esquentava as dunas que ondulavam como ondas que rompessem em uma borda imaginária. Algumas rochas negras sobressaíam das ilhas de pó, mas não ofereciam o menor refúgio do calor ou os vermes demoníacos.

Esta paisagem desolada era a última que veria. As pessoas tinham acusado o jovem, que receberia seu castigo. Sua inocência carecia de importância.

- Suma daqui, Selim! - Gritaram das cavernas. – Afaste-se de nós!

Reconheceu a voz de seu jovem amigo (ex-amigo) Ebrahim. Talvez o outro se sentia aliviado, porque havia temido que fosse ele quem confrontasse o exílio e a morte, em lugar de Selim. Mas ninguém choraria pela perda de um órfão, e a versão *zensunni* da justiça tinha expulsado Selim.

- Que os vermes cuspam sua pele - disse uma voz áspera. Era a anciã Glyffa, que em outro tempo tinha sido como uma mãe para ele. - Ladrão de água!

A tribo começou a jogar pedras das covas. Uma pedra afiada golpeou o tecido que tinha enrolado ao redor de seu cabelo escuro para proteger do sol. Selim se agachou, mas não lhes proporcionou a satisfação de vê-lo encolher-se. Tinham-lhe despojado de quase tudo, mas enquanto respirasse não renunciaria a seu orgulho.

O *naib* Dhartha, o líder da tribo, apareceu.

- A tribo falou.

Afirmar sua inocência não lhe serviria de nada, nem tampouco desculpas ou explicações. O jovem desceu pelo íngreme atalho sem perder o

equilíbrio e se inclinou para agarrar uma pedra de bordas afiadas. Segurou-a na palma e mirou sua gente.

Selim sempre tinha tido habilidade para atirar pedras. Caçava corvos, ratos canguru ou lagartos para contribuir com a panela da comunidade. Se tivesse mirado com cuidado, poderia deixar o *naib* sem um olho. Selim tinha visto Dhartha falar em sussurros com o pai do Ebrahim, tinha-lhes visto forjar o plano para jogar a culpa nele, no lugar do moço culpado. Haviam preferido culpar Selim em vez de defender a verdade.

O *naib* Dhartha tinha as sobrancelhas escuras e o cabelo negro, apertado em um rabo-de-cavalo que sujeitava com um aro metálico. Uma tatuagem geométrica púrpura de ângulos escuros e linhas retas se destacava em sua face esquerda. Sua esposa havia tatuado em sua cara com a ajuda de uma agulha de aço e o suco de uma tintaparra que os *zensunni* cultivavam em seus jardins.

O *naib* olhou para Selim como se lhe desafiasse a lançar a pedra, porque os *zensunni* responderiam com uma chuva de pedras grandes.

Mas esse castigo o mataria com excessiva rapidez. A tribo tinha optado por expulsar ao Selim de sua fechada comunidade. E em Arrakis ninguém sobrevivia sem ajuda. A existência no deserto exigia colaboração, e cada pessoa contribuía. Os *zensunni* consideravam o roubo (sobretudo o roubo de água) como o pior delito imaginável.

Selim guardou a pedra. Sem fazer caso dos insultos e os vitupérios, continuou sua tediosa descida para o deserto.

- Selim, que não tem pai nem mãe - entoou Dhartha com uma voz que recordava o uivo grave do vento enfurecido. - Selim, que foi aceito como membro de nossa tribo, foste considerado culpado de roubar água da tribo. Por conseguinte, tem que atravessar a areia. - Dhartha elevou a voz e gritou para que o condenado lhe ouvisse. - Que *Shaitan* esprema seus ossos.

Durante toda sua vida, Selim não tinha feito outra coisa que trabalhar para outros. Como era de pais desconhecidos, a tribo o exigia. Ninguém lhe ajudava quando estava doente, salvo talvez a anciã Glyffa. Ninguém lhe dava uma mão. Tinha visto alguns de seus companheiros saciar-se com as reservas de água familiares, inclusive ao Ebrahim. E mesmo assim, o outro moço, ao ver meio *litrojon* de água nauseabunda sem vigilância, tinha-o bebido, com a vã esperança de que ninguém visse. Que fácil tinha sido para Ebrahim culpar seu amigo quando descobriram o roubo...

Depois de expulsar Selim das covas, Dhartha tinha se negado a lhe dar nenhuma gota de água para a viagem, porque se considerava um esbanjamento dos recursos da tribo.

Ninguém esperava que Selim sobrevivesse mais de um dia, embora conseguisse escapar dos temidos monstros do deserto.

Resmungou para si, sabendo de que não podiam ouvir.

- Que sua boca se encha de pó, *naib* Dhartha.

Selim se afastou dos penhascos, enquanto seu povo continuava amaldiçoando-i do alto.

Uma pedra quase o acertou.

Quando chegou à base da muralha rochosa, que se elevava como um escudo contra o deserto e os vermes de arena, caminhou em linha reta, com a intenção de afastar-se o máximo possível. O calor seco arremetia contra sua cabeça. Os que o observavam se surpreenderiam sem dúvida ao ver que se afastava nas dunas, em lugar de refugiar-se em uma cova.

O que posso perder?

Selim tomou a decisão de que nunca voltaria para suplicar ajuda. Caminharia entre as dunas com a cabeça bem erguida, até afastá-lo o máximo possível. Morreria antes que mendigar o perdão a seus iguais. Ebrahim tinha mentido para proteger sua vida, mas o *naib* Dhartha tinha cometido um crime muito pior aos olhos do Selim, quando tinha condenado a morte um órfão inocente só porque simplificava a política tribal.

Selim possuía notáveis aptidões para sobreviver no deserto, mas Arrakis constituía um entorno muito duro. Durante as diversas gerações transcorridas da chegada dos *zensunni*, ninguém tinha retornado do exílio. O deserto os tinha engolido sem deixar rastro. Aventurava-se no desconhecido somente com uma corda pendurada em seu ombro, um faca presa ao cinto e um bastão afilado, um objeto que tinha obtido no depósito de sucata do espaçoporto do Arrakis City.

Talvez Selim conseguisse chegar à cidade e encontrar emprego com os comerciantes extraplanetários, baixando o carregamento das naves que aterrissavam ou penetrando de vagabundo em uma das naves que viajavam de planeta em planeta, e que com freqüência demoravam anos em completar seu périplo. Entretanto, muito poucas naves faziam escala em Arrakis, pois o planeta estava afastado das rotas comerciais principais. Por outra parte, conviver com os estranhos habitantes de outros planetas talvez exigisse muito de Selim. O melhor seria habitar sozinho no deserto... se conseguisse sobreviver.

Recolheu outra pedra afiada que haviam jogado de cima. Quando os contrafortes montanhosos se perderam na distância, encontrou uma terceira pedra que lhe pareceu adequada para lançar. Com certeza, seria obrigado a caçar. Poderia chupar a carne úmida de um lagarto e viver um pouco mais.

Quando entrou no deserto, Selim distinguiu uma larga península rochosa, longe das cavernas *zensunni*. Ali estaria longe da tribo, mas ainda poderia rir deles cada dia que sobrevivesse em seu exílio. Mofaria-se daqueles aldeões e gritaria sarcasmos que o *naib* Dhartha não poderia ouvir.

Selim afundou o bastão nas brandas dunas, como se açulasse um inimigo imaginário. Desenhou na areia um símbolo *budislâmico* depreciativo, com uma flecha que apontava às moradias da montanha. Seu desafio lhe proporcionou uma satisfação especial, embora o vento apagaria o insulto antes de que passasse um dia. Ascendeu uma duna com passo mais vivo e desceu patinando.

Começou a cantarolar uma canção tradicional e acelerou o passo. A península rochosa distante brilhava à luz da tarde, e tentou convencer-se de que seu aspecto era animador. Seus ânimos aumentavam à medida que se afastava de seus torturantes.

Mas quando se encontrava a um quilômetro da rocha negra, Selim notou que a areia solta tremia sob seus pés. Elevou a vista, compreendeu que se estava em perigo e viu as ondulações que indicavam a passagem de um animal grande abaixo das dunas.

Selim correu. Escorregou e engatinhou duna acima, procurando não cair, sabendo que esta duna alta não significaria nenhum obstáculo para o verme de areia que se aproximava. A península rochosa estava muito longe, e o demônio continuava se aproximando.

Selim se obrigou a parar, embora seu coração espremido pelo pânico o animava a continuar correndo. Os vermes seguiam o rastro de qualquer vibração, e ele tinha se deslocado como um menino aterrorizado em vez de ficar petrificado como a astuta lebre do deserto. O gigantesco animal já o teria localizado a esta altura. Quantos antes que ele tinham caído de joelhos para rezar uma última prece, aterrados, antes de ser devorados? Ninguém havia sobrevivido a um encontro com os monstros do deserto.

A menos que pudesse enganá-lo... distraí-lo.

Selim obrigou a suas pernas e pés a adotar uma imobilidade absoluta. Tirou a primeira pedra que havia pego e a lançou o mais longe possível, entre as dunas. Aterrissou com um ruído surdo, e o caminho onipresente do verme se desviou apenas.

Lançou outra pedra, e uma terceira, com a intenção de afastar o verme. Selim lançou o resto das pedras, mas a besta se elevou muito perto dele.

Com as mãos vazias, já não contava com mais possibilidades de desorientar o animal.

O verme engoliu areia e pedras, em busca de um pedaço de carne. A areia que pisava Selim desmoronou na beira do caminho da besta, e compreendeu que o monstro o devoraria. Percebeu um detestável fedor de canela procedente do fôlego do verme, viu brilhos de fogo em suas fauces.

Sem dúvida, o *naib* Dhartha riria da sorte do jovem ladrão. Selim gritou uma maldição. E em lugar de render-se, decidiu atacar.

O aroma de especiaria se intensificava perto da boca cavernosa. O jovem aferrou o bastão metálico e sussurrou uma oração. Quando o verme se ergueu de debaixo da duna, Selim saltou sobre seu lombo curvo. Levantou o bastão como se fosse uma lança e afundou a ponta na pele, que suspeitava dura e coriácea. Ao invés disso, a ponta escorregou entre dois segmentos e perfurou a carne branda e rosada.

A besta reagiu como se lhe tivessem acertado com um canhão maula. elevou-se para atrás, agitou-se e se retorceu.

Selim, surpreso, afundou mais o bastão e o sujeitou com todas as suas forças. Fechou os olhos, apertou os dentes e se preparou para conservar o equilíbrio. Se se soltasse, tudo teria acabado.

Face à violenta reação do verme, era impossível que o pequeno bastão lhe houvesse ferido. Tratava-se de um simples gesto de desafio humano, o anseio de ver uma gota de sangue. Em qualquer momento, o verme se afundaria sob a areia e arrastaria Selim com ele.

Entretanto, o animal correu para frente, erguido sobre as dunas, para que a areia não roçasse no delicado tecido exposto.

Selim, aterrorizado, aferrou-se ao bastão, e depois riu, ao perceber que estava montando em *Shaitan*. Alguém teria realizado alguma vez tamanha façanha? Em qualquer caso, nenhum homem havia vivido para contar.

Selim selou um pacto entre ele e Budalá: nunca seria derrotado, nem pelo *naib* Dhartha nem por este demônio do deserto. Fez pressão sobre sua lança improvisada e abriu ainda mais o segmento carnudo, de modo que o verme saltou sobre a areia, como se pudesse correr mais que o molesto parasita montado em seu lombo...

O jovem exilado nunca chegou à franja rochosa onde tinha pensado estabelecer seu acampamento. O verme o arrastou para as profundezas do deserto, longe de sua antiga vida.

9

Aprendemos algo negativo dos computadores, que fixar as diretrizes é tarefa dos humanos, não das máquinas.

RELL ARKOV,
assembleia fundadora da Liga de Nobres

Depois de ser rechaçada em Salusa Secundus, a frota de máquinas pensantes retornou a sua longínqua base de Corrin. A supermente eletrônica não gostaria de escutar o relatório de seu fracasso.

Como lacaios de *Omnius*, os restantes *neocimeks* seguiram à frota derrotada. Não obstante, os seis sobreviventes dos primeiros titãs (Agamenon e seu estado maior) preparavam uma manobra de diversão. Era a oportunidade de dar um empurrão em seus planos contra a opressiva supermente...

Enquanto as naves de batalha dispersas sulcavam o espaço transportando seus olhos espiões, Agamenon desviou sua nave em uma rota diferente. Depois de escapar da tropa salusiana, o general tinha transladado seu contêiner cerebral de uma forma bélica móvel a esta elegante nave blindada. Face à derrota, sentia-se alegre e vivo. Sempre haveria outras batalhas que liderar, tanto contra humanos selvagens como contra *Omnius*.

Os antigos *cimeks* mantinham seus sistemas de comunicação em silêncio, temerosos de que uma onda eletromagnética extraviada fosse detectada por alguma nave da frota. Haviam pensado em uma rota mais rápida e perigosa, que lhes aproximaria dos obstáculos celestes evitados pelas naves robóticas. O atalho proporcionaria tempo suficiente aos *cimeks* rebeldes para encontrar-se em privado.

Quando sua rota se cruzou com uma estrela anã vermelha, os titãs se aproximaram de uma rocha disforme que orbitava perto do sol. Um temporal de neve e chuva de vento estelar e partículas ionizadas, combinada com potentes campos magnéticos, os ocultaria dos espiões robóticos. Depois de um milênio de servir a *Omnius*, Agamenon tinha aprendido maneiras de burlar à maldita supermente.

Os seis *cimeks* se desviaram para o planetóide utilizando suas habilidades humanas, em lugar dos sistemas de navegação eletrônicos. Agamenon escolheu um lugar situado perto de uma cratera, e os outros

titãs aterrissaram junto a sua nave, atrás de detectar terreno estável em uma planície ondulada.

Dentro da nave, Agamenon guiou os braços mecânicos que extraíram o contêiner cerebral de sua cavidade e o instalaram em outro corpo terrestre móvel, provido de seis robustas pernas e um núcleo corporal. Depois de conectar os mentrodos, provou as pernas reluzentes, levantou os pés metálicos e ajustou o sistema hidráulico.

Desceu pela rampa até a rocha branda. Outros titãs se reuniram com ele, todos providos de corpos móveis com órgãos internos visíveis e sistemas de manutenção vital impermeáveis ao calor e a radiação.

O primeiro titã sobrevivente se adiantou para apertar botões sensores sobre o corpo mecânico do general, parecendo uma carícia romântica. Juno era o gênio da estratégia que tinha sido amante de Agamenon quando ambos possuíam corpos humanos. Agora, um milênio depois, continuavam sua relação, pois necessitavam de pouco mais que o afrodisíaco do poder.

- Atuaremos logo, meu amor? - perguntou Juno. - Ou temos que esperar um ou dois séculos mais?

- Tanto não, Juno. Nem muito menos.

A seguir chegou Barba Azul, o mais parecido a um amigo humano que Agamenon tinha conhecido durante os últimos mil anos.

- Cada momento é como uma eternidade - disse.

Durante a conquista inicial dos titãs, Barba Azul tinha descoberto a forma de manipular as onipotentes máquinas pensantes do Império Antigo. Por sorte, o modesto gênio também tinha tido a precaução de implantar restrições de programação que impediam as máquinas pensantes de prejudicar os titãs, restrições que tinham mantido com vida Agamenon e seus companheiros depois de que *Omnius* tomasse o poder à traição.

- Ainda não sei se prefiro esmagar computadores ou humanos - disse Ajax.

O mais cruel dos velhos *cimeks* se adiantou a grandes pernadas em uma forma móvel particularmente enorme, como se ainda estivesse flexionando os músculos de seu antigo corpo orgânico.

- Cada vez que arriscamos um plano, temos que apagar nosso rastro duas vezes.

Dante, um contador e burocrata perito, dominava com facilidade os detalhes complexos. Nunca tinha sido o mais chamativo ou atrativo dos titãs, mas a queda do Império Antigo não teria sido possível sem suas inteligentes manipulações dos assuntos burocráticos e administrativos. Carente da fanfarronice de outros conquistadores, Dante tinha levado a cabo uma divisão

igualitária da liderança, o que tinha permitido aos titãs governar sem problemas durante um século.

Até que os computadores lhes tinham arrebatado o poder das mãos.

Xerxes foi o último *cimek* que entrou na cratera. O titã de menor patente tinha cometido muito tempo atrás o imperdoável equívoco que permitiu à mente eletrônica recentemente nascida dominar a todos. Embora os titãs ainda necessitavam dele em seu grupo, cada vez mais minguado, Agamenon nunca o tinha perdoado. Durante séculos, o abatido Xerxes não abrigou outro desejo que emendar seu engano. Acreditava que Agamenon lhe aceitaria de novo se encontrasse uma forma de redimir-se, e o general *cimek* se aproveitava desse entusiasmo.

Agamenon guiou seus cinco camaradas até as sombras da cratera. As máquinas de mente humana se olharam entre rochas esmiuçadas e penhascos meio fundidos para falar de seus traiçoeiros projetos e planejar a vingança.

Xerxes, que apesar de seus defeitos, nunca os trairia. Mil anos antes, depois de sua vitória, os primeiros titãs tinham acessado à transformação cirúrgica antes que aceitar a mortalidade, com o fim de que seus cérebros imateriais vivessem eternamente e consolidassem seu domínio. Tinha sido um pacto dramático.

Agora, *Omnius* recompensava de vez em quando seus seguidores humanos convertendo-os em *neocimeks*. Em todos os Planetas Sincronizados, milhares de cérebros novos com corpos mecânicos serviam a a supermente.

Entretanto, Agamenon não confiava em ninguém que se rendesse às ordens da supermente.

O general *cimek* transmitiu suas palavras em uma banda de freqüência que se conectava diretamente com os centros de processamento mental dos titãs.

- Não somos esperados em Corrin antes de algumas semanas. aproveitei esta oportunidade para criar um plano contra *Omnius*.

- Já seria hora - grunhiu Ajax.

- Acha que a supermente se acomodou, meu amor, como os humanos do Império Antigo? - Perguntou Juno.

- Não observei o menor sinal de debilidade - interveio Dante, - e sempre estou atento a essas coisas.

- Sempre há debilidades - disse Ajax, enquanto retorcia uma de suas pesadas pernas blindadas e fazia um buraco no chão, - se estiver decidido explorá-las.

Barba Azul golpeou a rocha com uma de suas pernas dianteiras.

- Não se deixem enganar pela inteligência artificial. Os computadores não pensam como os humanos. Inclusive depois de mil anos, *Omnius* não se descuida. Conta com mais capacidade de processamento e olhos espiões do que imaginamos.

- Suspeita de nós? Duvida *Omnius* de nossa lealdade? - Xerxes já parecia preocupado, e a reunião só tinha começado. - Se acreditar que estamos conspirando contra ele, por que não nos elimina?

- Às vezes acho que você tem um vazamento no contêiner cerebral - disse Agamenon. - O programa de *Omnius* contém restrições que o impede de nos matar.

- Não é necessário me insultar. *Omnius* é tão poderoso que, às vezes, parece capaz de superar tudo o que Barba Azul carregou em seu sistema.

- Ainda não o fez, e nunca o fará. Sei o que me levava fiz, acreditem - disse Barba Azul. – Lembrem-se que *Omnius* deseja ser eficaz. Não tomará decisões desnecessárias, não desperdiçará recursos. Para ele, nós somos recursos.

- Se *Omnius* está tão empenhado em governar com eficiência - disse Dante, - por que tem escravos humanos por toda parte? Até os robôs simples e as máquinas com uma inteligência artificial mínima poderiam realizar suas tarefas com menos problemas.

Agamenon saiu das sombras para a luz, e logo voltou sobre seus passos. Os conspiradores esperavam a seu redor como gigantescos insetos metálicos.

- Durante anos, sugeri que exterminássemos os cativos humanos dos Planetas Sincronizados, mas *Omnius* se nega.

- Talvez se mostre reticente porque os humanos criaram às máquinas pensantes - sugeriu Xerxes.

- Pode que *Omnius* considere os humanos uma manifestação de Deus.

Agamenon zombou dele.

- Está insinuando que a supermente é religiosa?

O *cimek* caído em desgraça guardou silêncio.

- Não, não - disse Barba Azul como um professor paciente. - *Omnius* não deseja investir a energia ou provocar o escândalo que ocasionaria tal medida. Acredita que os humanos são recursos que não devem ser esbanjados.

- Temos tentado convencê-lo do contrário durante séculos - disse Ajax.

Consciente de que o tempo estava acabando, Agamenon abordou a questão principal.

- Temos de encontrar uma forma de provocar uma mudança radical. Se desconectarmos os computadores, os titãs governarão de novo, junto com todos os *neocimeks* que possamos recrutar. - Fez girar sua torre de sensores. - Tomamos o poder antes e voltaremos a fazê-lo.

Quando os titãs humanos tinham conquistado o estagnado Império Antigo, os robôs de combate tinham lutado por eles. Tlaloc, Agamenon e outros rebeldes haviam se limitado a recolher os restos. Desta vez, os titãs teriam que lutar em pessoa.

- Talvez devessemos localizar Hécate - disse Xerxes. - É a única de nós que nunca esteve sob o controle de *Omnius*. Nosso curinga.

Hécate, a ex-companheira de Ajax, era a única titã que tinha renunciado a governar.

Antes da conquista das máquinas pensantes, perdeu-se nas profundidades do espaço, e nunca mais tinham sabido nada dela. Mas Agamenon não podia confiar em Hécate, embora a localizassem, mais do que confiava em Xerxes. Hécate lhes tinha abandonado muito tempo atrás. Não era o aliado que necessitavam.

- Deveríamos procurar ajuda em outra parte - disse Agamenon. - Meu filho Vorian é um dos poucos humanos com acesso permitido ao complexo central da *Omnius* Terra, e entrega atualizações com regularidade às supermentes de outros Planetas Sincronizados. Talvez possa nos ser útil.

Juno simulou uma gargalhada.

- Deseja confiar em um humano, meu amor? Um dos insetos à que despreza? Há alguns momentos atrás queria exterminar todos os membros da raça.

- Vorian é meu filho genético, e até o momento o melhor de minha origem. Estive observando-o, adestrando-o. Já leu minhas memórias uma dúzia de vezes. Albergo grandes esperanças de que um dia seja meu sucessor.

Juno compreendia Agamenon melhor que outros titãs.

- Disse coisas parecidas sobre seus doze filhos anteriores, se não me engano. Mesmo assim, encontrou desculpas para matar a todos.

- Conservei uma boa quantidade de meu esperma antes de me transformar em *cimek*, e tenho tempo para fazê-lo bem - respondeu Agamenon. - Mas Vorian... Acredito que Vorian poderia ser o adequado. Um dia, deixarei que se converta em *cimek*.

Ajax o interrompeu em voz baixa.

- Não podemos lutar contra dois inimigos perigosos ao mesmo tempo. Como *Omnius* permitiu-nos por fim atacar os *hrethgir*, graças à vitória de Barba

Azul no circo de gladiadores, eu digo que prossigamos a guerra o melhor que possamos. Depois, nos ocuparemos de *Omnius*.

Imersos nas sombras da cratera, os *cimeks* murmuraram, meio convencidos. Os humanos da liga tinham escapado do jugo dos titãs séculos antes, e os antigos *cimeks* sempre lhes tinham odiado. As fibras ópticas de Dante se moviam de um lado a outro enquanto calculavam.

- Enquanto isso, continuaremos procurando uma forma de eliminar *Omnius* - acrescentou Barba Azul. - Tudo a seu tempo.

- Possivelmente tenha razão - admitiu Agamenon. O general *cimek* não queria alargar muito mais sua reunião clandestina. Encaminhou-se para as naves seguido pelos outros. - Primeiro, destruiremos a liga humana. Aproveitando esse trampolim, dedicaremos nossa atenção a um competidor mais difícil.

10

A lógica é cega, e com frequência só conhece seu próprio passado.

Arquivos de Genética da filosofia,
recolhidos pelas feiticeiras do Rossak

Às máquinas pensantes não importava em excesso a estética, mas a nave de atualizações de *Omnius* era, por um acidente de desenho, um veículo esbelto negro e prateado, diminuído pela imensidão do cosmos durante seu trajeto entre os Planetas Sincronizados. Uma vez cumprida sua missão, o *Dream Voyager* retornava à Terra.

Vorian Atreides se considerava afortunado por ser o responsável por uma tarefa tão vital.

Nascido de uma pulseira fecundada com o esperma conservado de Agamenon, a linhagem de Vorian se remontava a uma época muito anterior a Era dos Titãs, até a casa do Atreus na antiga a Grécia e outro Agamenon famoso. Devido à importância de seu pai, Vorian, de vinte e dois anos, tinha sido criado e educado na Terra pelas máquinas pensantes. Era um dos humanos privilegiados "de confiança" ao serviço do *Omnius*, e podia mover-se com absoluta liberdade.

Tinha lido todas as histórias de sua gloriosa linhagem nas extensas memórias que seu pai tinha escrito para documentar seus triunfos. Vorian considerava a grande obra do general como algo mais que um monumento literário, algo próximo a um documento histórico sagrado.

Justo diante do terminal de trabalho de Vor, o capitão do Viajante onírico, um robô autônomo, inspecionava os instrumentos sem a menor possibilidade de incorrer em nenhum engano.

A pele de metal acobreado de Seurat cobria um corpo em forma humana composto de peças polimerizadas, suportes de liga, processadores de circuitos gelificados e musculatura de tecido elástico.

Enquanto Seurat estudava os instrumentos, conectava de vez em quando os leitores de comprimento alcance da nave ou olhava pela porteira com suas fibras ópticas. O robô continuava realizando suas múltiplas tarefas enquanto conversava com seu servil co-piloto humano.

Seurat tinha uma desgraçada propensão às piadas ruins.

- Vorian, o que se obtém do cruzamento de um porco com um humano?

- Não sei.

- Um ser que, mesmo assim, come muito, e não trabalha nada!

Vorian dedicou ao capitão uma risada educada. Quase sempre, as piadas de Seurat demonstravam que o robô não compreendia os humanos. Mas se Vor não risse, Seurat contaria outra piada, e outra mais, até obter a reação adequada.

- Não tem medo de cometer um engano ao contar piadas enquanto vigia nossos sistemas de navegação?

- Eu não cometo enganos - disse Seurat com sua voz mecânica.

Vor respirou fundo pela provocação.

- Ah, mas o que aconteceria se eu sabotasse uma das funções vitais da nave? Somos os únicos seres que viajamos a bordo, e afinal, sou um humano falacioso, seu inimigo mortal.

- Estaria bem merecido por essas piadas espantosas.

- Esperaria isso de um escravo pestilento ou um artesão, mas você nunca faria isso, Vorian. Tem muito que perder. - Seurat voltou sua cabeça com um ágil movimento, ainda menos atento aos controles do Viajante onírico. - E embora o fizesse, eu o descobriria.

- Não me subestime, Mente metálica. Meu pai me ensinou que os humanos, apesar de nossas múltiplas debilidades, guardamos na manga o ás de ser imprevisíveis. - Vor, sorridente, aproximou-se do capitão e estudou as telas métricas.

- Por que acha que *Omnius* pede-me que altere seus minuciosos simulacros cada vez que planeja um ataque contra os *hrethgir*?

- Você caráter caótico é o único motivo de que possa ganhar em qualquer jogo de estratégia - disse Seurat. - Não tem nada que ver com suas habilidades inatas.

- Um ganhador possui mais habilidades que um perdedor - respondeu Vor, - com independência de como defina a competição.

A nave de atualizações seguia uma rota contínua e regular entre os Planetas Sincronizados. O Viajante onírico, uma de quinze naves idênticas, transportava cópias da versão atual de *Omnius* com o fim de sincronizar as diferentes supermentes eletrônicas de planetas separados por enormes distância.

As limitações dos circuitos e a velocidade de transmissão eletrônica restringia o tamanho de qualquer máquina. Por conseguinte, a mesma supermente informática não podia expandir-se além de um planeta.

Entretanto, existiam cópias de *Omnius* em todas as partes, como clones mentais. Graças às atualizações regulares que subministravam naves como o Viajante onírico, todas as distintas encarnações de *Omnius* eram virtualmente idênticas em toda a autarquia das máquinas.

Depois de muitas viagens, Vor sabia pilotar a nave e tinha acesso a todos os bancos de dados, pois utilizava os códigos de Seurat. Com os anos, o capitão robô e ele haviam travado uma amizade que muita gente não podia compreender. Devido à grande quantidade de tempo que compartilhavam nas profundidades do espaço (falando de muitos temas, praticando jogos de habilidade, contando contos), diminuíam o abismo entre máquina e homem.

Às vezes, para divertir-se, Vor e Seurat invertiam os papéis. Vor fingia ser capitão da nave, enquanto Seurat passava a ser seu subordinado, como nos tempos do Império Antigo.

Em uma destas ocasiões, Vor tinha batizado à nave com seu nome atual, uma necessidade poética que Seurat não só tolerava, mas sim conservava.

Por ser uma máquina consciente, Seurat recebia com regularidade novas instruções e transferências de cor de *Omnius*, mas como passava muito tempo desligado quando viajava entre as estrelas, tinha desenvolvido sua própria personalidade e independência. Na opinião de Vor, Seurat era a melhor mente mecânica que conhecia, embora o robô pudesse ser irritante às vezes. Sobretudo por culpa de seu peculiar senso de humor.

Vor cruzou as mãos e estralou os dedos. Suspirou satisfeito.

- Relaxar é estupendo. Lamento que você não possa fazê-lo.

- Não preciso relaxar.

Vorian não admitia que ele também considerava seu corpo orgânico inferior em muitos sentidos, frágil e propenso aos dores, doenças e feridas que qualquer máquina podia solucionar com facilidade. Confiava que sua forma física agüentasse até ser convertido em *neocimek*, todos os quais haviam sido humanos de confiança, como ele, um dia, *Omnius* concederia a permissão a Agamenon, se Vor se esforçasse para servir a supermente.

O *Dream Voyager* levava muito tempo viajando, e o jovem estava contente de voltar para casa. Logo veria seu pai.

Enquanto o *Dream Voyager* voava entre as estrelas, Seurat sugeriu uma competição amistosa. Os dois se sentaram em uma mesa e se envolveram em uma de suas diversões habituais, um jogo privado que tinham desenvolvido graças à prática freqüente. A estratégia se centrava em uma batalha espacial imaginária entre duas raças diferentes (os "vorians" e os "seurats"),

cada uma provida de uma frota com capacidades e limitações precisas. Apesar de o capitão robô contar com uma memória mecânica perfeita, Vor era um bom competidor, pois sempre imaginava táticas criativas que surpreendiam seu rival.

Enquanto colocavam naves de guerra nos diferentes setores do campo de batalha imaginário, Seurat recitou uma inumerável sucessão de piadas e adivinhações humanas que tinha descoberto em suas velhas bases de dados.

- Tenta me distrair - disse Vor por fim, irritado. - Onde aprendeu todo isso?

- De você, é obvio. - O robô enumerou as incontáveis ocasiões em que Vor tinha zombado dele, ameaçando, sabotando a nave sem a menor intenção de fazê-lo, ou inventando emergências inverossímeis. - Acha que é um engano? De sua parte ou da minha?

A revelação surpreendeu Vor.

- Me entristece pensar que, até brincando, o ensinei a enganar. Envergonho-me de ser humano.

Sem dúvida, Agamenon se decepcionaria.

Depois de duas rondas mais, Vor perdeu a partida. Já não lhe interessava.

11

Todo empenho é um jogo, não é verdade?

IBLIS GINJO,
Opções para a liberação total

Em um terraço ajardinado que dominava as ruínas da Zimia, Xavier Harkonnen pensava com temor no iminente desfile da "vitória". O sol da tarde esquentava seu rosto. O canto dos pássaros tinha substituído os gritos e as explosões. A brisa tinha varrido a fumaça venenosa.

Ainda assim, a liga demoraria muito para se recuperar. Nada voltaria a ser igual.

Embora tivessem transcorrido vários dias do ataque, ainda via fios de fumaça que elevavam-se dos escombros. Mas não sentia o odor dessa fumaça. O gás venenoso havia danificado a tal ponto seus sentidos que nunca recuperaria totalmente os sentidos do olfato e paladar.

Até respirar se transformou em puro ato mecânico.

Mas não podia reclamar da sua sina quando tantos outros haviam perdido muito mais.

Depois do ataque dos *cimeks*, havia conservado a vida graças aos heróicos esforços de uma equipe médica salusiana. Serena Butler tinha ido vê-lo no hospital, mas só a recordava através de uma bruma de dor, medicamentos e sistemas de manutenção vital. Em tais circunstâncias, Xavier tinha sido objeto de um transplante duplo de pulmão, órgãos sãos proporcionados pelos misteriosos *tlulaxa*. Sabia que Serena tinha colaborado com os brilhantes cirurgiões, e que um mercado de carne *tlulaxa* chamado Tuk Keedair lhe havia facilitado o tratamento que necessitava.

Já podia respirar de novo, apesar de ocasionais pontadas de dor. Xavier viveria para lutar contra as máquinas outra vez. Graças aos fármacos e as avançadas técnicas médicas, havia podido abandonar o hospital pouco depois da operação.

No momento do ataque, o mercado de carne Keedair se encontrava na Zimia no curso de uma visita rotineira, e se salvou pelos cabelos. No planeta não aliado do Tlulax, no longínquo sistema solar do Thalim, seu povo

administrava granjas de órgãos, onde cultivavam corações, pulmões, rins e outros órgãos vitais humanos a partir de células sãs. Depois que os *cimeks* foram rechaçados, o misterioso *tlulaxa* tinha devotado seus produtos biológicos aos médicos do principal hospital da Zimia. Os contêineres criogênicos de sua nave estavam cheios de órgãos. Por sorte, tinha admitido Keedair com um sorriso, pôde ajudar aos cidadãos de Salusa em seu momento de maior necessidade.

Depois da operação, Keedair tinha ido ver Xavier no centro médico. O *tlulaxa* era um homem de média estatura, fraco, de olhos escuros e rosto anguloso. Uma trança de cabelo escuro pendurava no lado esquerdo de sua cabeça.

- Foi uma sorte que estivesse aqui com órgãos frescos armazenados em sua nave - disse Xavier com voz rouca.

Keedair esfregou suas mãos de dedos compridos.

- Se soubéssemos que os *cimeks* se dispunham a atacar com tal ferocidade, teria trazido mais material de nossas granjas de órgãos. Teriam sido de grande utilidade a seus sobreviventes, mas as naves não poderão chegar do sistema de Thalim antes de alguns meses.

Antes que o mercador de carne abandonasse o quarto de Xavier, voltou-se para o ferido.

- Considere-se afortunado, terceiro Harkonnen.

Os sobreviventes de Zimia, afligidos pela pena, procuraram seus mortos e lhes deram sepultura. À medida que se retiravam os escombros, o número de vítimas aumentava. Recuperaram cadáveres e confeccionaram a lista de desaparecidos. Apesar da dor e da aflição, o ataque fortaleceu a humanidade livre.

O vice-rei Manion Butler tinha insistido em que as pessoas só mostrassem determinação depois do desastre. Nas ruas estavam terminando os preparativos para a celebração de ação de graças. As bandeiras com o símbolo da mão aberta, emblema da liberdade humana, ondeavam ao vento. Homens de aspecto rude, vestidos com jaquetões sujos, se esforçavam por controlar os magníficos corcéis brancos salusianos, nervosos devido ao alvoroço. As crinas dos cavalos estavam adornadas com borlas e campainhas, e agitavam as caudas como cascatas de cabelo muito fino. Os animais, enfeitados com cintas e flores, faziam cambalhotas, preparados para desfilar pela ampla avenida principal, que tinha sido limpa dos entulhos, fuligem e manchas de sangue.

Xavier lançou um olhar vacilante para o céu. Como poderia voltar a contemplar as nuvens, sem o temor de ver mais blindados piramidais atravessar os escudos decodificadores? Já estavam instalando mísseis e novas baterias para proteger o planeta de um ataque espacial.

Patrulhas em estado de alerta máximo vigiavam a periferia do sistema.

Em lugar de assistir um desfile, teria que estar preparando à tropa salusiana para outro ataque, aumentando o número de naves de vigilância e reconhecimento no limite do sistema, elaborando um plano de salvamento e resposta mais eficaz. A volta das máquinas pensantes era só questão de tempo.

A reunião seguinte do Parlamento da liga seria dedicado as medidas e reparações de emergência. Os representantes esboçariam um plano de reconstrução de Zimia. As formas de combate *cimeks* capturadas seriam desmontadas e analisadas para descobrir seus pontos fracos.

Xavier esperava que a liga mandasse chamar imediatamente o Tio Holtzman, instalado em Poritrin, para que inspecionasse seus escudos decodificadores recém instalados. Só o grande inventor em pessoa podia encontrar o remédio para os defeitos técnicos que os *cimeks* haviam descoberto.

Quando Xavier falou de suas preocupações ao vice-rei Butler, o líder tinha assentido, mas negou-se a continuar a conversa.

- Antes de qualquer ação, temos de celebrar nosso dia de afirmação nacional, comemorar o fato de que estamos vivos. - Xavier adivinhou uma profunda tristeza atrás da máscara de confiança do vice-rei. - Nós não somos máquinas, Xavier. Em nossas vidas há coisas mais importantes que a guerra e a vingança.

Quando ouviu passos no terraço, Xavier se virou e viu Serena Butler, sorridente, com um brilho secreto nos olhos que podia compartilhar com ele, agora que nada podia vê-los.

- Aqui está meu heróico terceiro.

- Não pode chamar de herói ao homem responsável pela destruição de meia cidade, Serena.

- Não, mas o termo é correto para o homem que salvou o resto do planeta. Como sabe muito bem, se não tivesse tomado uma decisão tão dolorosa, toda Zimia, todo Salusa, teriam sido destruídos. - Apoiou uma mão em seu ombro, muito perto dele. - Não permitirei que se afunde na culpa durante o desfile da vitória. Por um dia não passará nada.

- Por um dia podem acontecer muitas coisas - insistiu Xavier. - Conseguimos a duras penas rechaçar aos atacantes, porque confiávamos muito nos escudos decodificadores, e porque fomos tão cretinos para pensar que

Omnius tinha decidido nos deixar em paz depois de tantas décadas. Seria o momento perfeito para voltar a nos atacar.

- E si lançam em uma segunda tentativa?

- *Omnius* ainda está lambendo as feridas. Duvido que suas forças já tenham retornado aos Planetas Sincronizados.

- As máquinas não lambem as feridas.

- Você é um jovem muito sério. Não pode relaxar um pouco, ao menos enquanto dure o desfile? Nosso povo necessita de um pouco de alegria.

- Seu pai me fez o mesmo discurso.

- Já sabe que, se dois Butler disserem o mesmo, tem que ser verdade.

Deu um forte abraço em Serena, e depois a seguiu até a tribuna de honra, onde se sentaria ao lado do vice-rei.

Desde meninos, Xavier sempre havia se sentido atraído por Serena. Quando cresceram, perceberam a profundidade do sentimento mútuo. Tanto Serena como ele davam por certo que se casariam, uma combinação perfeita de política, linhagens aceitáveis e romance.

Não obstante, devido ao súbito incremento das hostilidades, Xavier se recordou de suas prioridades. Graças ao desastre que tinha acabado com a vida do primeiro Meach, Xavier Harkonnen era comandante em chefe provisório da tropa salusiana, o que o obrigava a confrontar provocações mais importantes. Desejava-o, mas era só um homem.

Uma hora depois, reunidos tomaram assento na tribuna principal da praça central. Andaimes e vigas provisórias cobriam as fachadas destroçadas dos edifícios governamentais. As fontes decorativas já não funcionavam, mas os cidadãos da Zimia sabiam que não existia um lugar mais adequado para tal celebração.

Ainda incendiados e danificados, o aspecto dos altos edifícios era magnífico, construídos em estilo gótico salusiano com coberturas a diversas alturas, vigas e colunas esculpidas. Salusa Secundus era a sede do governo da liga, mas também albergava os principais museus culturais e antropológicos. As moradias dos bairros circundantes eram de uma construção mais simples mas agradável à vista, caiados com cal extraída dos escarpados de rocha.

Os salusianos se orgulhavam de contar com os melhores artesãos da liga. A maior parte de sua produção era manual, em vez de utilizar máquinas automáticas.

Ao longo da rota do desfile, os cidadãos esperavam vestidos em tons magenta, azul e amarelo. As pessoas conversavam e apontavam com admiração os magníficos corcéis, seguidos por músicos e bailarinos. Um monstruoso touro salusiano, drogado até as sobrancelhas, arrastava-se pela rua.

Embora Xavier procurasse tranqüilizar-se, não parava de olhar o chão, as cicatrizes da cidade ferida...

Ao concluir o desfile, Manion Butler pronunciou um discurso onde celebrou a triunfal defesa, mas reconheceu o alto custo da batalha, dezenas de milhares de pessoas feridas ou mortas.

- A recuperação será lenta e longa, mas nosso espírito é indomável, face ao que possam tentar as máquinas pensantes. - O Vice-rei indicou Xavier que se aproximara da plataforma central. – Apresento-lhes seu maior herói, um homem que não retrocedeu ante os *cimeks* e tomou as decisões necessárias para nos salvar a todos. Muito poucos teriam sido capazes de fazer o mesmo.

Xavier, que se sentia desconjurado, avançou para receber uma medalha militar que estava pendurada de uma fita com raias azuis, vermelhas e douradas. Enquanto ressonavam os vivas, Serena lhe beijou a bochecha. Confiou em que ninguém lhe tivesse visto ruborizar-se.

- Acompanha a esta medalha uma promoção à patente de terceiro, primeiro grau. Xavier Harkonnen, ordeno-lhe estudar táticas defensivas e preparar instalações para toda a Armada de da Liga. Suas obrigações incluirão a milícia salusiana, além da responsabilidade de melhorar a segurança militar de toda a Liga de Nobres.

O jovem se sentia um pouco violento, mas aceitou a promoção.

- Ardo em desejos de começar a lutar por nossa sobrevivência... e progresso. - Dedicou a Serena um sorriso indulgente. - Depois das festividades de hoje, é obvio.

12

Duna é o planeta natal do verme.

Da "Lenda de Selim Cavaleiro de Vermes",
poesia de acampamento zensunni

Durante todo um dia, até bem entrada a noite, o monstruoso verme de areia atravessou a toda velocidade o deserto, obrigado a atravessar o limite de seus territórios.

Quando as duas luas se elevaram e iluminaram com sua luz peculiar Selim, este se aferrou ao bastão metálico, esgotado. Embora tivesse obtido não ser devorado pelo selvagem e confuso animal, não demoraria para perecer por causa da viagem interminável. Budalá lhe tinha salvado, mas agora dava a impressão de que estava jogando com ele.

Enquanto segurava o bastão oxidado, o jovem se encaixou no oco situado entre os segmentos do verme, com a esperança de que não ficaria sepultado vivo se o demônio mergulhasse sob as dunas. Se ajoelhou contra a carne, que cheirava a podre com um toque de canela. Não sabia o que fazer, mas rezou e meditou, em busca de uma explicação.

Talvez seja uma espécie de prova.

O verme continuava cruzando o deserto, como se seu pequeno cérebro se houvesse resignado a não voltar a encontrar paz ou segurança. A besta desejava inundar-se nas dunas e esconder-se daquele pequeno parasita, mas Selim movia o bastão como se fosse uma alavanca, aprofundando-o na ferida.

O verme só podia continuar em frente. Hora atrás de hora. Selim tinha a garganta seca, os olhos incrustados de pó. Já devia ter atravessado a metade do deserto, e não reconhecia o menor acidente geográfico na monótona aridez. Nunca tinha estado tão longe da cova comunal, nem ele nem ninguém, por isso sabia. Embora conseguisse escapar do gigantesco monstro, estaria condenado no implacável deserto de Arrakis por culpa de uma sentença injusta.

Estava seguro de que seu traidor amigo Ebrahim se delataria um dia, e a verdade sairia à luz. O infame violaria alguma outra norma da tribo, e

descobririam que era um ladrão e um mentiroso. Se Selim voltasse a lhe ver algum dia, desafiaria Ebrahim a um duelo de morte, e a honra se imporia.

Talvez a tribo o aplaudiria, pois ninguém, nem sequer nos poemas mais heróicos, havia domado um verme de areia e vivido para contar. Talvez as desavergonhadas jovens *zensunni* de olhos escuros o olhariam com um sorriso brilhante. Talher de pó, mas com a cabeça bem alta, plantar-se-ia ante o severo *naib* Dhartha e exigiria que lhe readmitisse na comunidade por ter cavalgado em um demônio do deserto e sobrevivido!

Mas, embora Selim tivesse conseguido sobreviver mais do que esperava, o desenlace era incerto. Que iria fazer agora?

Sob seu corpo, o verme emitia ruídos peculiares, um som débil que se impunha ao sussurro da areia. O cansado animal estremeceu, e um tremor percorreu seu corpo sinuoso.

Selim percebeu o aroma de pederneira e o poderoso aroma da especiaria. Fornos induzidos pela fricção ardiam na garganta do verme, como as profundidades do *Sheol*.

Quando uma aurora amarelada tingiu o céu, o verme deu mostras de maior desespero. Tentou afundar na areia, mas Selim não permitiu. O monstro golpeou uma duna com a cabeça, e um jorro de areia saltou pelos ares. O jovem teve que apoiar todo seu peso contra o bastão, afundando-o no segmento exposto do verme.

- Está tão dolorido e exausto como eu, não é, *Shaitan*? - perguntou com uma voz tão fina e seca como papel. - Quase morto de cansaço.

Selim não ousava soltar-se. Assim que saltasse para as dunas, o verme daria meia volta e o devoraria. Não tinha outra alternativa que seguir açulando ao animal. A odisséia parecia interminável.

Quando a luz se intensificou, distinguiu uma leve neblina no horizonte, uma tormenta que arrastava grãos de areia e pó. Mas estava muito longe, e outras preocupações turvavam a mente de Selim.

Por fim, o demônio se deteve não longe de um promontório rochoso, e se negou a continuar.

Com uma convulsão final, sua cabeça de réptil desabou sobre uma duna, agitou-se alguns segundos... e ficou imóvel.

Selim tremia de cansaço, temeroso de que fosse um truque. Talvez o monstro estivesse esperando que baixasse a guarda para devorá-lo. Um verme podia ser tão ardiloso? Era na verdade o *Shaitan*? Ou o montei até acabar com sua vida?

Selim tirou forças de fraqueza e se endireitou. Seus músculos intumescidos tremeram. Logo que pode mover-se. Sentiu um formigamento

quando seus membros recuperaram a circulação.

Por fim, arrancou o bastão metálico da pele rosada.

O verme nem sequer se moveu.

Selim deslizou pelo lombo do verme e começou a correr assim que seus pés tocaram a areia. Suas botas levantaram pequenas nuvens de pó quando atravessou a paisagem ondulada. As rochas longínquas eram como montículos de salvação negros que sobressaíam das dunas douradas.

Negou-se a olhar para trás e continuou correndo. Cada fôlego era como fogo seco em sua garganta. Seus ouvidos formigavam, como se antecipasse o vaio da areia, com a proximidade do vingativo animal. Mas o verme de areia continuava imóvel.

Selim correu meio quilômetro a toda a velocidade de suas pernas, impelido por uma energia desesperada. Quando chegou à barreira rochosa, subiu ao topo e desabou por fim. Apoiou os joelhos contra o peito e observou o verme.

Não se movia. *Está me enganando Shaitan? Está me pondo a prova Budalá?*

Selim sentia uma fome feroz.

- Se me salvou por algum motivo - gritou ao céu, - por que não me oferece um pouco de comida?

Morto de agonia, se pôs a rir.

A Deus não se exige nada.

Então, percebeu que havia comida a seu alcance, em certo modo. Enquanto fugia para o refúgio de rocha, Selim tinha cruzado uma grosa capa ocre de especiaria, veios de *melange* como as que os *zensunni* encontravam às vezes quando se aventuravam na areia.

Recolhiam a substância, que utilizavam como aditivo alimentar e estimulante. O *naib* Dhartha guardava uma pequena reserva na cova, e de vez em quando destilavam com ela uma potente cerveja, que os membros da tribo consumiam em ocasiões especiais e trocavam no espaçoporto de Arrakis City.

Ficou sentado à sombra durante quase uma hora, à espreita de qualquer movimento do verme. Nada. O calor aumentou, e o deserto desapareceu em um preguiçoso silêncio. Dava a impressão de que a tormenta longínqua não se aproximava. Selim tinha a sensação de que o planeta estava contendo o alento.

Depois, ousado de novo (afinal, tinha montado o *Shaitan*!), Selim desceu das rochas e correu para a mancha de *melange*. Lançou um olhar temeroso ao detestável vulto do verme.

Arranhou a areia e recolheu o pó vermelho. Engoliu-o, cuspiu uns grãos de areia e experimentou imediatamente o estímulo da especiaria, uma quantidade excessiva para tomar de uma vez. Aturdiu-lhe, mas também lhe provocou uma explosão de energia.

Satisfeito por fim, manteve-se a uma prudente distancia do verme, os braços em brasas.

Logo, agitou as mãos e gritou no silencio absoluto:

- Eu o derrotei, *Shaitan*! Queria me comer, velha larva, mas eu te dominei! - Moveu os braços de novo. – Está me ouvindo?

Mas não detectou o menor movimento. Eufórico devido à *melange*, caminhou com ousadia para o corpo comprido e sinuoso caído sobre a duna. A poucos passos de distância, contemplou a cara, a boca cavernosa repleta de dentes cintilantes. As largas presas se assemelhavam a cabelos minúsculos em comparação com o tamanho imenso do ser.

A tormenta de areia se aproximava, acompanhada de brisas quentes. O vento levantava grãos de areia e fragmentos de rocha, jogava-os contra seu rosto como dardos diminutos.

Rajadas de vento assobiavam ao redor do corpo do verme. Era como se o fantasma da besta estivesse desafiando-o, empurrasse-o para diante. A especiaria corria nas veias de Selim.

Aproximou-se das fauces do verme e esquadrinhou o infinito negrume de sua boca. Os fogos internos estavam apagados. Não havia nenhuma brasa.

- Eu o matei, velha larva - gritou de novo. - Sou o assassino de vermes.

O verme não respondeu nem mesmo a esta provocação.

Selim contemplou as presas semelhantes a adagas que flanqueavam a boca fedorenta, Dava a impressão de que Budalá lhe estava animando a continuar, ou talvez fosse seu próprio desejo. Sem fazer caso do sentido comum, Selim subiu ao lábio inferior do verme e agarrou o dente mais próximo.

O jovem exilado o segurou com ambas as mãos e sentiu sua dureza, um material ainda mais forte que o metal. Retorceu-o e moveu de um lado a outro. O corpo do animal era brando, como se as malhas da garganta estivessem se desmoronando. Selim arrancou a presa com um sonoro grunhido. Era tão largo como seu antebraço, curvo, de um branco puro. Seria uma faca excelente.

Retrocedeu sem soltar sua bota de cano longo, aterrorizado pela enormidade do que tinha feito. Um ato sem precedentes, pelo que ele sabia. Quem mais haveria corrido o risco, no solo de montar *Shaitan*, ou ainda de entrar nas suas fauces? Um pavoroso tremor sacudiu seu corpo. Não

acreditava na sua proeza. Nenhuma outra pessoa de Arrakis possuía um tesouro semelhante àquele dente.

Embora as outras presas cristalinas estivessem penduradas como estalactites, aos centos, que poderia vender no espaçoporto de Arrakis City (se algum dia conseguisse retornar), sentiu uma debilidade repentina. O efeito da *melange* começava a desvanecer-se.

Baixou à areia. Tinha a tormenta quase em cima, o que lhe recordou seu treinamento para sobreviver no deserto. Devia voltar para as rochas e encontrar algum refúgio, ou do contrário estaria morto sobre as dunas, vítima dos elementos.

Mas já não acreditava que isso fosse lhe acontecer. *Agora tenho um destino, uma missão de Budalá, se consigo captar seu significado....*

Correu para a linha de rochas, com a presa nas mãos. O vento lhe empurrava para frente, como ansioso por afastá-lo da carcaça.

13

Os humanos tentaram desenvolver máquinas inteligentes como sistemas reflexos secundários, e deixaram em mãos dos servos mecânicos as decisões principais. Pouco a pouco, os criadores ficaram com pouca coisa que fazer. Começaram a sentir-se alienados, desumanizados e inclusive manipulados. Por fim, os humanos se transformaram em pouco mais que robôs incapazes de decidir, sem a menor compreensão de sua existência natural.

TLALOC,
As debilidades do Império

Agamenon não sentia o menor desejo de ver *Omnius*. Como já tinha vivido mais de mil anos, o general *cimek* tinha aprendido a ser paciente.

Tão paciente como uma máquina.

Depois da entrevista secreta nas cercanias da anã vermelha, ele e os outros titãs tinham chegado a Corrin depois de uma viagem interestelar de quase dois meses. A frota robô havia atracado com alguns dias de antecedência, e entregado as imagens da batalha captadas pelos olhos espiões. A supermente já estava inteirada da derrota. O único que podia fazer *Omnius* era distribuir reprimendas e recriminações, em especial a Agamenon, que estava no comando.

Quando posou sua nave sob o gigantesco sol de Corrin, o general *cimek* estendeu sua rede de sensores e recebeu dados. *Omnius* estaria esperando, como sempre depois de uma missão.

Talvez a supermente já tivesse aceitado o fracasso.

Uma falsa esperança, como bem sabia Agamenon. O computador não reagia como os humanos.

Antes de sair da nave, o titã escolheu um corpo móvel eficaz, pouco mais que um carro aerodinâmico que transportava seu contêiner cerebral e os sistemas de manutenção vital conectados a armação. O general deslizou sobre as avenidas pavimentadas sob o enorme olho do gigante vermelho. Uma luz púrpura intensa banhava as ruas ladrilhadas e as fachadas brancas.

Milênios antes, a estrela se expandiu, até alcançar tal tamanho que suas capas exteriores tinham engolido os planetas interiores do sistema. Corrin tinha sido um planeta gelado, mas o calor do gigante inchado tinha transformado o planeta em habitável.

Depois que a atmosfera esquentasse e os mares evaporassem, a paisagem do Corrin se transformou em uma rocha nua, sobre a qual o Império Antigo estabeleceu uma colônia durante seus anos mais jovens e ambiciosos. Quase todo o ecossistema tinha sido transplantado de outras partes, mas mesmo depois de milhares de anos Corrin parecia um planeta inacabado, pois carecia de muitos detalhes ecológicos necessários para um planeta que fervia de vida. *Omnius* e seu robô independente, Erasmo, gostavam do planeta, porque parecia novo, sem estar aflito pelo peso da história.

Agamenon avançou pelas ruas, seguido por olhos espiões que lhe vigiavam como cães guardiães eletrônicos. Graças aos monitores e alto-falantes espalhados por toda a cidade, a supermente teria podido conversar com ele em qualquer lugar de Corrin. Não obstante, *Omnius* insistia em receber o general *cimek* em um luxuoso pavilhão central construído por escravos humanos. Esta peregrinação de contrição fazia parte da penitência de Agamenon pelo fracasso de Salusa. O potente computador compreendia bem o conceito de dominação.

Os eletrolíquidos que rodeavam seu cérebro se tingiram de azul quando Agamenon preparou sua defesa contra um rigoroso interrogatório. Seu corpo móvel passou sob altas arcadas sustentadas por colunas de metal branco. O robô Erasmo, um poderoso excêntrico, havia copiado ostentosos adornos de gravações históricas de impérios humanos. A intenção do aterrador portal era que os visitantes tremessem, embora o titã duvidasse que *Omnius* se preocupasse com tais coisas.

O general se deteve no centro de um pátio onde caía água de diversas fontes mediante ocos existentes nos muros. Pardais domesticados revoavam ao redor dos beirais e se aninhavam sobre as colunas. No interior de vasos de terracota, lírios escarlate estalavam em violentas explosões de pétalas.

- Acabei de chegar, lorde *Omnius* - anunciou Agamenon por meio do sintetizador de voz. Uma mera formalidade, já que não tinham deixado de lhe observar desde que saíra da nave. Esperou.

Não se via em nenhuma parte a cara refletiva de Erasmo. *Omnius* queria repreender seu general sem o curioso escrutínio do independente e irritante robô. Embora Erasmo se gabasse de compreender as emoções

humanas, Agamenon duvidava que o excêntrico robô demonstrasse a menor compaixão.

A voz ressonou de uma dúzia de alto-falantes fixos às paredes, como uma deidade colérica. Não cabia dúvida de que o efeito era intencionado.

- Você e seus *cimeks* fracassaram, general.

Agamenon já sabia como se desenvolveria a discussão, assim como *Omnius*. Estava seguro de que a supermente havia realizado simulacros. Entretanto, tinha que seguir a corrente.

- Combatemos com denodo, mas não pudemos alcançar a vitória, lorde *Omnius*. Os *hrethgir* opuseram uma resistência encarniçada, e preferiram sacrificar sua cidade que os geradores de escudo. Como já disse muitas vezes, os humanos selvagens são perigosamente imprevisíveis.

Omnius replicou sem vacilar.

- Insistiu muitas vezes que os *cimeks* são muito superiores aos insetos humanos, pois combinam as melhores características da máquina e do homem. Como é possível, pois, que fossem rechaçados por seres tão incivilizados e inexperientes?

- Neste caso, equivoquei-me. Os humanos perceberam qual era nosso verdadeiro objetivo antes do que eu supunha.

- Vocês não combateram com suficiente arrojo.

- Seis *neocimeks* foram destruídos. O corpo de gladiador do titã Xerxes foi aniquilado, e este escapou com muita dificuldade em um módulo.

- Sim, mas o resto de seus *cimeks* sobreviveram. Uma simples perda de vinte e um por cento não confirma suas palavras.

Os pardais voavam pelo pátio, ignorantes da tensão suscitada entre *Omnius* e seu oficial de maior patente.

- Deveria ter sacrificado todos seus *cimeks* para destruir os escudos decodificadores.

Agamenon se alegrou de não poder compor expressões humanas, que a mente eletrônica poderia interpretar.

- Lorde *Omnius*, os *cimeks* são indivíduos insubstituíveis, ao contrário de vocês máquinas pensantes robóticas. Em minha opinião, correr o perigo de perder seus titãs mais vitais não valia a pena, em troca de um insignificante planeta infestado de humanos selvagens.

- Insignificante? Antes da missão, você insistiu na extrema importância de Salusa Secundus para a Liga de Nobres. Afirmou que sua conquista precipitaria a ruína da humanidade livre. Você estava no comando.

- Mas vale a pena acabar com a liga em troca da destruição de seus titãs restantes? Nós os criamos, estabelecemos os alicerces de seus Planetas Sincronizados. Os titãs deveriam ser utilizados para algo mais que carne de canhão.

Agamenon sentia curiosidade pela resposta da supermente a seu raciocínios.

Talvez se enviasse os titãs a uma morte certa, *Omnius* poderia burlar as restrições da programação de Barba Azul.

- Deixe que reflita sobre isso - disse *Omnius*. As telas das paredes do pavilhão projetaram imagens da batalha da Zimia. - Os *hrethgir* são mais preparados do que imagina. Compreenderam qual era seu objetivo. Cometeu um engano ao supor que vocês *cimeks* destruiriam suas defesas com facilidade.

- Errei meus cálculos - admitiu Agamenon. - Os humanos contam com um chefe militar inteligente. Suas inesperadas decisões lhes permitiram defender-se com êxito. Agora, ao menos, provamos seus escudos decodificadores.

As explicações de Agamenon não demoraram para degenerar em uma sucessão de racionalizações e desculpas. *Omnius* as analisou e desprezou, de maneira que o titã se sentiu despido e humilhado.

No plácido pátio, as flores de brilhantes cores se abriam e os pássaros cantavam. As fontes contribuíam a trilha sonora para a cena... e Agamenon continha sua raiva. Nem sequer seu sensível corpo mecânico mostrava a menor agitação. Um milênio antes, ele e os outros titãs tinham controlado estas malditas máquinas pensantes. *Nós os criamos, Omnius. Um dia, também os destruiremos.*

Embora o visionário Tlaloc e seu grupo de rebeldes não tinham demorado mais de uns poucos anos para conquistar o adormecido Império Antigo, *Omnius* e suas máquinas pensantes tinham demonstrado ser um adversário muito superior, que nunca dormia, sempre vigilante.

Mas até as máquinas cometiam enganos. Agamenon só precisava se aproveitar deles.

- Algo mais, lorde *Omnius*? - interrompeu. Mais discussões e desculpas não serviriam de nada. As máquinas procuravam a eficácia acima de tudo.

- Somente minhas instruções, Agamenon. - A voz de Omnius se movia de alto-falante em alto-falante, para dar a impressão de que estava em todas partes de uma vez. – Envio você e seus titãs de volta a Terra. Acompanharão Erasmo, que pretende continuar seus estudos com os cativos humanos.

- Como ordenar, lorde *Omnius*. Mesmo surpreso, Agamenon não demonstrou. A Terra... Uma viagem muita longa. - Encontraremos outras formas de destruir esta praga de humanos. Os titãs só existem para servi-lo.

Era uma das poucas vantagens da faceta humana de Agamenon: embora a supermente estivesse carregada com uma imensa quantidade de dados, *Omnius* era incapaz de reconhecer uma simples mentira.

14

De certa perspectiva, a defesa e a ofensiva se nutrem de táticas quase idênticas.

XAVIER HARKONEN,
discurso à tropa salusana

Novos deveres, novas responsabilidades... e mais despedidas.

Um Xavier Harkonnen quase totalmente recuperado se encontrava com Serena Butler no interior do espaçoporto de Zimia, que se apresentava muito esterilizado, com seus chãos de *plaz*. Nem sequer a expressão cálida de Serena compensava a frieza do edifício. As cristaleiras davam ao pavimento onde separavam e aterrissavam lançadeiras a cada poucos minutos, em viagens de ida e volta as naves que aguardavam em órbita.

Em uma asa do espaçoporto, equipes de trabalhadores escoravam seções de um hangar prejudicado durante o ataque *cimek*. Grandes gruas alçavam paredes provisórias.

Xavier, embelezado com um impecável uniforme dourado e negro da Armada, insígnia de sua nova patente, esquadrinhou os olhos lavanda de Serena. Sabia como ela o via. Seus traços faciais não eram nada incomuns (tez corada, nariz bicudo, lábios grossos), mas em conjunto o considerava atraente, sobretudo pelos olhos castanho claro e seu contagioso sorriso, que se prodigalizava muito pouco.

- Oxalá pudéssemos passar mais tempo juntos, Xavier.

A jovem acariciou uma rosa branca que adornava sua lapela. O estrondo de maquinaria, operários e outros operários os rodeava.

Xavier reparou em que Octa, a irmã menor de Serena, estava observando-os. Uma jovem de dezessete anos e longos cabelos loiros, sempre tinha tido um fraco por Xavier. A esbelta Octa era una garota muito agradável, mas nos últimos tempos Xavier desejava que lhes concedesse um pouco mais de intimidade, sobretudo agora que estariam separados durante tanto tempo.

- Eu também desejo isso. Vamos aproveitar estes minutos que nos restam.

Rendeu-se ao desejo que ambos experimentavam e se inclinou para beijá-la, como se uma força magnética atraísse seus lábios. O beijo se

prolongou, cada vez mais intenso. Por fim, Xavier se endireitou. Serena pareceu decepcionada, mais pela situação que por ele. Ambos tinham importantes responsabilidades, que exigiam seu tempo e energia.

Recém promovido, Xavier ia embarcar com um grupo de especialistas militares em um viagem de inspeção pelas defesas planetárias da liga. Depois do ataque *cimek* contra Salusa Secundus dois meses antes, comprovaria que não existissem pontos fracos em outros planetas da liga. As máquinas pensantes aproveitariam o defeito mais ínfimo, e os humanos livres não podiam permitir o luxo de perder nenhum de seus lugares fortes.

Nesse ínterim, Serena Butler se concentraria em expandir o domínio da liga. Depois que os médicos tivessem empregado com êxito os órgãos proporcionados pelo Tuk Keedair,

Serena tinha falado com paixão sobre os serviços e recursos que os Planetas Não Aliados, como *Tlulaxa*, podiam facilitar. Queria que se somassem oficialmente à união de humanos livres.

Mais mercadores de carne tinham chegado a Salusa com seus produtos biológicos. Antes, muitos nobres e cidadãos da liga tinham receado os misteriosos forasteiros, mas agora que os feridos confrontavam terríveis perdas de órgãos e membros, aceitavam de bom grau os substitutos clonados. Os *tlulaxa* nunca tinham explicado de onde obtinham uma tecnologia biológica tão sofisticada, porém Serena anunciava sua generosidade e recursos.

Em qualquer outro momento, seu discurso no Parlamento teria sido descartado, mas o ataque *cimek* tinha demonstrado a vulnerabilidade dos Planetas Não Aliados. E se as máquinas decidiam na próxima vez aniquilar o sistema do Thalim, eliminando assim a capacidade dos *tlulaxa* para devolver a vista a veteranos cegos, e proporcionar novos membros aos entrevados?

Tinha examinada centenas de documentos de inteligência e relatórios diplomáticos, com a intenção de decidir qual dos Planetas Não Aliados era o melhor candidato para somar-se a a irmandade da liga. Unificar os restos da humanidade se transformou em sua paixão, dotar de força suficiente às pessoas livre para rechaçar qualquer agressão das máquinas.

Apesar da sua juventude, já tinha liderado com êxito duas missões de auxílio, a primeira quando só tinha dezessete anos. Em uma delas, tinha levado comida e medicamentos aos refugiados de um planeta sincronizado abandonado, e na outra havia prestado ajuda para vencer uma praga biológica que quase destruiu as granjas do Poritrin.

Nem ela nem Xavier tinham tempo para eles.

- Quando voltar, prometo que o compensarei - disse Serena, com olhos cintilantes. - Vou oferecer um banquete de beijos.

Xavier se permitiu uma de suas escassas gargalhadas.

- Nesse caso, procurarei chegar muito faminto. - Agarrou sua mão e a beijou. - Quando comermos juntos, irei com flores.

Sabia que seu próximo encontro estava a meses de distancia.

Dedicou-lhe um sorriso cálido.

- Gosto muito de flores.

Xavier estava a ponto de abraçar Serena, quando um menino de pele morena os interrompeu: Vergyl Tantor, de oito anos, o irmão do Xavier. Tinham-lhe deixado sair do colégio para se despedir dele. Vergyl se soltou de seu professor e correu para abraçar seu ídolo.

Afundou o rosto na camisa do uniforme.

- Cuide da propriedade durante minha ausência, irmãozinho - disse Xavier, enquanto passava os dedos sobre o cabelo encaracolado do menino. – Você é responsável por de cuidar de meus galgos, compreendido?

Os olhos do menino se abriram de par em par, e assentiu com seriedade.

- Sim.

- E obedeça a seus pais, do contrário não chegará a ser um bom oficial da Armada.

- Farei isso!

Pelos alto-falantes indicaram à equipe de inspeção que se dirigisse à lançadeira. Xavier prometeu que traria algo para Vergyl, Octa e Serena. Enquanto Octa o olhava de longe, com um sorriso esperançoso, abraçou de novo seu irmão pequeno, apertou a mano de Serena e afastou-se com os oficiais e engenheiros.

Serena olhou para o menino e pensou em Xavier Harkonnen. Xavier só tinha seis anos quando as máquinas pensantes tinham matado seus pais naturais e a seu irmão mais velho.

Graças a acordos interfamiliares e ao testamento de Ulf e Katarina Harkonnen, o pequeno Xavier tinha sido criado como filho adotivo dos poderosos Emil e Lucille Tantor, que então não tinham filhos. O nobre casal já tinha tomado medidas para que seus bens fossem administrados por parentes de Tantor, primos e sobrinhos longínquos que não teriam herdado nada em circunstâncias normais. Mas quando Emil Tantor começou a educar Xavier, se apegou ao orfãozinho e o adotou legalmente, embora Xavier conservasse o sobrenome Harkonnen e todos seus direitos de nobreza associados.

Depois da adoção, e de maneira inesperada, Lucille Tantor concebeu um filho, Vergyl, doze anos mais jovem que Xavier. O herdeiro Harkonnen, que não se preocupava com a política dinástica, concentrou-se em um curso de estudos militares, com a intenção de ingressar na Armada da Liga. Com a idade de dezoito anos, recebeu o título legal das propriedades Harkonnen, e um ano depois se transformou em oficial da tropa salusiana. devido a seu comportamento impecável e sua rápida ascensão, todos perceberam que Xavier chegaria muito longe.

Três pessoas que lhe queriam o viram ascender a lançadeira em que viajaria. Vergyl agarrou a mão de Serena com a intenção de consolá-la.

- Xavier voltará são e salvo. Pode confiar nele.

Serena experimentou uma pontada de dor, mas sorriu para o menino.

- Claro que sim.

Não havia outro remédio. O amor era uma das coisas que diferenciavam aos humanos das máquinas.

15

A resposta é um espelho da pergunta.

PENSADORA KWYNA,
Arquivos da Cidade da Introspecção

A sala de reuniões temporária dos delegados da liga tinha sido em um princípio o lar do primeiro vice-rei, Bovko Manresa. Antes que os titãs se apoderassem do débil Império Antigo, Manresa tinha construído a mansão no então isolado Salusa Secundus, como uma forma de celebrar a riqueza que lhe proporcionavam suas terras. Mais tarde, quando começaram a chegar refugiados humanos, expulsos pelo cruel governo dos Vinte Titãs, a casa se tinha convertido em sala de reuniões, com cadeiras e um suporte de livro dispostos na majestosa sala de baile, assim como hoje.

Meses antes, depois de poucas horas do ataque *cimek*, o vice-rei Butler parou sobre uma pilha de escombros, sob a cúpula central destroçada do Parlamento. Enquanto o pó venenoso se assentava sobre as ruas e ainda prosseguiam os incêndios nos edifícios danificados, tinha jurado reparar o venerável edifício que tinha servido à liga durante séculos.

O edifício governamental era algo mais que um edifício. Era um terreno sagrado onde líderes legendários tinham debatido grandes idéias e forjado planos contra as máquinas. Os danos sofridos no teto e nas plantas superiores eram graves, mas a estrutura básica continuava intacta. Igual ao espírito humano que representava.

A manhã era muito fria, e a névoa obscurecia as janelas. As folhas das colinas haviam começado a tingir-se de outono, com tons amarelo, laranja e castanho. Serena e os representantes entraram na sala de reuniões provisória sem desprender-se de seus casacos.

A jovem contemplou as paredes da abarrotada sala de baile, os retratos de líderes mortos muito tempo atrás e quadros que imortalizavam vitórias antigas. Perguntou-se o que traria o futuro, e qual seria seu papel. Ardia em desejos de fazer algo, de colaborar na grande cruzada da humanidade.

Quase toda sua vida tinha sido uma ativista, sempre com o desejo de participar, de ajudar as vítimas de outras tragédias, como catástrofes naturais

ou ataques das máquinas. Inclusive em épocas plácidas, tinha trabalhado nos vinhedos e olivais da família na época da colheita.

Sentou na primeira fila, e depois viu que seu pai atravessava a sala em direção ao suporte de livro. Um monge coberto com uma túnica de veludo vermelho, carregado com um contêiner de *plexiplaz* que guardava um cérebro humano vivo, submerso em um eletrolíquido viscoso, o seguia. O monge depositou com devoção o contêiner sobre uma mesa situada junto ao suporte de livro, e depois permaneceu imóvel a seu lado.

Serena viu que a malha cinza rosado ondulava levemente no interior do líquido azul claro. Isolado dos sentidos e distrações do mundo físico durante mais de um milênio, e estimulado pela contemplação constante, o cérebro da pensadora tinha crescido com o tempo.

- A pensadora Kwyna não abandona com freqüência a Cidade da Introspecção - disse o vice-rei Butler, em tom sério e exaltado ao mesmo tempo. - Mas nestes momentos necessitamos das melhores idéias e conselhos. Se alguma mente for capaz de compreender as máquinas pensantes, será Kwyna.

Via-se em tão poucas ocasiões estes filósofos esotéricos imateriais, que muitos representantes da liga não entendiam como conseguiam comunicar-se. Para aumentar o mistério que lhes rodeava, os pensadores não diziam grande coisa, pois preferiam reservar suas energias e contribuir somente com as idéias mais importantes.

- O subordinado da pensadora falará por Kwyna - disse o vice-rei, - mo caso de que possa nos oferecer alguma idéia.

O monge tirou a tampa do contêiner e deixou a descoberto o líquido viscoso. Piscou várias vezes e esquadrinhou o depósito. Pouco a pouco, o monge introduziu uma mão no interior da sopa. Fechou os olhos, respirou fundo e tocou com cuidado o cérebro. Sua fronte se enrugou de concentração quando o eletrolíquido empapou seus poros, conectando a pensadora com o sistema neural do subordinado, utilizando-o como uma extensão assim como os *cimeks* utilizavam corpos mecânicos artificiais.

- Não entendo nada disse o monge com voz estranha e distante. - Serena sabia que era o princípio básico que adotavam os pensadores, e os cérebros contemplativos passavam séculos abismados em seus estudos.

Séculos antes dos primeiros titãs, um grupo de humanos espirituais haviam gostado de estudar filosofia e discutir temas esotéricos, mas muitas debilidades e tentações da carne inibiram sua capacidade de concentração. No tédio do Império Antigo, estes eruditos metafísicos tinham sido os primeiros a instalar seus cérebros em sistemas de manutenção vital. Liberados de

limitações biológicas, dedicavam todo seu tempo a aprender e pensar. Cada pensador queria estudar toda a filosofia humana, com o fim de reunir os ingredientes necessários para a compreensão do universo. Viviam em suas torres de marfim e meditavam, e raras vezes se molestavam em reparar nas relações superficiais e acontecimentos do mundo exterior.

Kwyna, a pensadora de dois mil anos que residia na Cidade da Introspecção de Salusa, afirmava ser politicamente neutro.

- Estou preparada para interagir - anunciou por meio do monge, que olhava com olhos frágeis os congregados. - Podem começar.

O vice-rei Butler passeou a vista pela sala, e seu olhar posou em diversos rostos, incluído o de sua filha.

- Meus amigos, sempre vivemos sob a ameaça da aniquilação, e agora devo pedir que dediquem vosso tempo, energia e dinheiro a nossa causa.

Rendeu tributo às dezenas de milhares de salusianos que tinham morrido durante o ataque *cimek*, junto com cinqüenta e um dignitários visitantes.

- A milícia salusiana continua em alerta máxima, e temos enviado naves a todos os planetas da liga para lhes avisar do perigo. Nossa única esperança reside em que outros planetas não sejam atacados.

Continuando, o vice-rei chamou o Tio Holtzman, que acabava de chegar depois de quase um mês de viagem desde seus laboratórios de Poritrin.

- Sábio Holtzman, estamos ansiosos por escutar sua análise das novas defesas.

Holtzman ardia de desejo de inspecionar seus escudos decodificadores, para ver como tinham sido modificados e melhorados. Em Poritrin, o nobre Niko Bludd financiava as investigações do sábio. Devido a seus lucros anteriores, os membros da liga sempre mantinham a esperança de que Holtzman tiraria outro milagre da manga.

Holtzman, de corpo pequeno, vestido com objetos elegantes, movia-se com graça e um grande domínio da situação. O cabelo cinza que caia até seus ombros emoldurava um rosto enxuto. Era um homem muito seguro de si mesmo e egocêntrico, e que se encantava em falar a importantes dignitários do Parlamento, porém neste momento parecia preocupado, coisa estranha nele. Na verdade, custava ao inventor admitir um equívoco. Não cabia dúvida de que seu campo decodificador havia falhado. Os *cimeks* o haviam transpassado! O que ia dizer a esta gente que tinha acreditado nele?

Quando subiu ao estrado, o homem pigarreou e passeou a vista a seu redor, contemplou a pensadora e o monge que a acompanhava. Era um

assunto muito delicado. Como podia se esquivar de sua culpabilidade?

O cientista utilizou sua melhor voz.

- Em uma guerra, quando um bando consegue um avanço tecnológico, o outro tenta superá-lo. Recentemente o experimentamos com meus campos decodificadores atmosféricos. Se não tivessem sido instalados, a frota de máquinas pensantes teria arrasado Salusa. Por desgraça, não levei em conta as capacidades únicas dos *cimeks*. Descobriram uma falha na blindagem e a aproveitaram.

Ninguém tinha o acusado de nada, mas era o mais próximo da admissão de um engano que Holtzman podia tolerar.

- Precisamos agora superar às máquinas com uma nova idéia. Espero que esta tragédia me inspire, que impulsione minha inspiração até seu limite. - Deu a impressão de que se sentia envergonhado, inclusive constrangido. - Trabalharei nisso assim que retorne a Poritrin. Espero lhes dar uma surpresa o quanto antes possível.

Uma mulher de elevada estatura deslizou para o suporte de livro, atraindo a atenção de todos.

- Talvez possa lhes sugerir algo.

Tinha as sobrancelhas claras e o cabelo branco, assim como uma pele luminosa que lhe conferia uma qualidade etérea, porém impregnada de poder.

- Ouçamos as mulheres de Rossak. Seja bem-vinda Zufa Cenva.

Holtzman, com expressão de alívio, voltou depressa para seu assento e desabou nele.

A mulher tinha um aspecto misterioso. Jóias cintilantes adornavam seu vestido negro e transparente, que revelava a perfeição de seu corpo. Zufa Cenva se deteve em frente ao contêiner do cérebro da pensadora e esquadrinhou seu interior. Sua frente se enrugou ao concentrar-se, e deu a impressão de que o cérebro vibrava. O eletrolíquido redemoinhou, e se formaram borbulhas.

Alarmado, o devoto monge retirou sua mão do líquido.

A mulher relaxou, satisfeita, e subiu ao estrado.

- Devido às peculiaridades de nosso meio, muitas fêmeas nascidas em Rossak gozam de capacidades telepáticas.

As poderosas feiticeiras das selvas apenas habitáveis tinham aproveitado seus poderes mentais para influenciar na política. Os homens de Rossak careciam de tal disposição.

- A Liga de Nobres se formou faz mil anos para contribuir com nossa defesa mútua, primeiro contra os titãs e depois contra *Omnius*. Após, tentarmos proteger nossos planetas do inimigo. - Os olhos da mulher

cintilaram como pedras polidas. - Temos que mudar nossa estratégia. Possivelmente chegou o momento de que atacar aos Planetas Sincronizados. Do contrário, *Omnius* e seus lacaios nunca nos deixarão viver em paz.

Os representantes da liga murmuraram entre si, com aspecto atemorizado, sobretudo depois da destruição da Zimia. O vice-rei foi o primeiro a contestar.

- Isso é um pouco prematuro, madame Cenva. Não estou seguro de que sejamos capazes.

- Logo que sobrevivemos ao último ataque! - Gritou um homem. - E só enfrentamos um punhado de *cimeks*.

Manion Butler parecia muito preocupado.

- Atacar *Omnius* seria uma missão suicida. Que armas utilizaríamos?

Em resposta, a impressionante mulher ergueu os ombros e estendeu as mãos, ao mesmo tempo em que fechava os olhos e se concentrava. Embora todos soubessem que Zufa possuía poderes extra-sensoriais, nunca os tinha exibido ante o Parlamento. Parecia que uma luz interior iluminava sua pele leitosa. A atmosfera da sala se agitou, e a eletricidade estática arrepiou os pelos dos congregados.

Cintilaram relâmpagos nas gemas de seus dedos, como se estivesse contendo uma tormenta em seu interior. Seus cabelos se retorceram como serpentes. Quando Zufa voltou a abrir os olhos, pareciam transbordantes de energia, como se o universo habitasse atrás de suas pupilas.

Os delegados lançaram exclamações afogadas. Serena sentiu a pele arrepiada, como se milhares de aranhas venenosas rastejassem sobre sua mente. A pensadora Kwyna se removeu em seu contêiner.

Então, Zufa relaxou, reprimiu a reação em cadeia de sua energia mental. A feiticeira exalou um longo suspiro e dedicou um sorriso sombrio aos espectadores.

- Temos uma arma.

16

Os olhos da percepção normal não possuem um grande alcance. Com excessiva freqüência, tomamos as decisões mais importantes nos apoiando em informação superficial.

NORMATIZA CENVA,
cadernos de laboratório inéditos

Depois de pronunciar seu discurso ante a assembléia da Liga de Nobres, Zufa Cenva retornou a Rossak. depois de várias semanas de travessia, sua lançadeira pousou sobre um espesso setor do dossel selvagem que havia sido pavimentado com um polímero para transformar ramos e folhas em uma massa sólida. Com o fim de que as árvores recebessem a umidade e a troca de gases necessários, o polímero era poroso, sintetizado a partir de elementos químicos e orgânicos da selva.

Os oceanos tóxicos faziam que o plancton, kelp e animais arinhos de Rossak fossem venenosos para os humanos. Rachaduras de lava cobriam a maior parte da superfície terrestre do planeta, semeada de gêiseres e lagos de enxofre. Como a química botânica não dependia da clorofila, a cor primitiva de todas as plantas era de um púrpura prateado. Não havia nada fresco e verde.

Na zona tectonicamente estável que circundava o Equador, grandes fendas da placa continental criavam amplos vales onde a água se filtrava e o ar era respirável. Nestes ecossistemas protegidos, os colonos humanos tinham construído sofisticadas cidades caverna, como colméias construídas nos penhascos negros. Nas escarpadas paredes externas cresciam trepadeiras, samambaias e musgo. Aposentos confortáveis dominavam um espesso dossel selvagem que se apertava contra os penhascos. A população podia sair sem problemas aos ramos superiores e descer a a espessa vegetação, onde se cultivavam produtos alimentícios.

Para compensar a falta de vida no resto de Rossak, os vales fervilhavam de formas de vida agressivas: cogumelos, liquens, bagos, flores, parasitas similares a orquídeas e insetos.

Os homens de Rossak, que careciam das capacidades telepáticas de suas mulheres, haviam dedicado seu talento ao desenvolvimento e extração de drogas, produtos farmacêuticos e venenos ocasionais da despensa natural. Todo o planeta era como uma caixa da Pandora apenas entreaberta...

A alta feiticeira viu que seu amante Aurelius Venport, muito mais jovem que ela, cruzava uma ponte suspensa que comunicava os penhascos com as copas das árvores. Suas feições aristocráticas eram belas, o cabelo escuro e encaracolado, o rosto comprido e enxuto. Seguia-lhe, sobre suas pernas rechonchudas, a decepcionante filha de quinze anos de Zufa, fruto de uma relação anterior.

- Dos inadaptados. Não me estranha que se entendam tão bem.

Antes de seduzir Aurelius Venport, a feiticeira tinha mantido relações conjugais com outros quatro homens durante sua época mais fecunda, selecionados por sua linhagem.

Depois de gerações de investigação, desventurados abortos e brotos defeituosos, as mulheres de Rossak tinham recolhido detalhados índices genéticos de diversas famílias. Por culpa das numerosas toxinas e teratógenos ambientais, as possibilidades de que nascessem meninos sãos e fortes eram mínimas, mas para cada monstro ou varão carente de todo talento, podia aparecer uma milagrosa feiticeira de pele clara. Cada vez que uma mulher concebia um filho, era como jogar à roleta. A genética nunca fora uma ciência exata.

Mas Zufa tinha analisado com supremo cuidado cada linhagem. Apenas uma de suas relações conjugais tinha gerado fruto: Norma, uma anã de apenas um metro e vinte de estatura, de traços irregulares, cabelo castanho opaco e caráter aborrecido, além de ser um rato de biblioteca.

Muitos meninos do Rossak nasciam com corpos defeituosos, e inclusive os sãos de aparência poucas vezes exibiam os poderes mentais das feiticeiras. Não obstante, Zufa experimentava uma profunda decepção, e inclusive vergonha, pelo fato de que sua filha não possuísse capacidades telepáticas. A feiticeira viva mais poderosa teria que ter irradiado suas aptidões mentais superiores, e ardia em desejos de que sua filha se somasse à guerra contra as máquinas, mas Norma não dava amostras de ter herdado seu talento.

Além disso, face aos impecáveis créditos genéticos de Aurelius Venport, Zufa nunca havia podido coroar com êxito outra gravidez.

Quantas vezes mais tenho que tentar, antes de lhe substituir por outra semente? Mais uma, decidiu.

Tentaria ficar grávida no curso dos próximos meses. Seria a última chance de Venport.

Zufa também estava decepcionada pela independência e caráter desafiante de Norma. Muito freqüentemente, a adolescente se concentrava em complicados problemas matemáticos que ninguém podia compreender. Norma parecia perdida em seu próprio mundo.

Minha filha, teria que ter sido muito mais brilhante!

Ninguém carregava com o peso de mais responsabilidades que o pequeno clã de feiticeiras do planeta, e a carga da Zufa era a mais pesada de todas. Oxalá pudesse confiar em todos os demais, sobretudo tendo em conta o perigo que representavam os *cimeks*.

Como a diminuída Norma nunca poderia participar de uma batalha mental, Zufa tinha que concentrar-se em suas irmãs espirituais, aquelas jovens que tinham ganho a "loteria genética" e conseguido capacidades mentais superiores. Zufa as adestraria e incentivaria, ensinaria a destruir ao inimigo.

Viu que Aurelius e a jovem Norma chegavam ao outro lado da ponte e começavam a descer pela complicada rede de escadas que baixavam até o chão. Como dois desterrados satisfeitos, Norma e Aurelius tinham simpatizado, e se utilizavam mutuamente como muletas.

Imersos em suas respectivas preocupações, que nada tinham com a vitória, nenhum deles tinha reparado que Zufa tinha retornado na lançadeira. Sem dúvida, os dois inadaptados passavam horas abrindo-se caminho entre a folhagem em busca de drogas novas, que Aurelius incorporava a seus negócios.

A feiticeira meneou a cabeça, sem compreender suas prioridades. Aquelas drogas que os homens desenvolviam serviam de pouco mais que a misteriosa matemática de Norma. Sim, Aurelius era um homem de negócios perito e inteligente, mas do que servia obter enormes benefícios se a humanidade livre estava condenada a escravidão?

Decepcionada com os dois, consciente de que suas feiticeiras e ela teriam que liberar a verdadeira batalha, Zufa se foi em busca das jovens mais poderosas que tinha recrutado para lhes ensinar a devastadora nova técnica que tinha criado para combater os *cimeks*.

Enquanto Norma lhe seguia através da vegetação, Aurelius consumia cápsulas de um estimulante que seus químicos haviam sintetizado a partir dos feromônios de um escaravelho do tamanho de uma pedra bruta. Venport se sentia mais forte, com a percepção aumentada e os reflexos potencializados.

Não equivalia aos poderes telepáticos da frígida Zufa, mas era melhor que seus capacidades naturais.

Algum dia daria um salto de gigante, e ficaria à altura da poderosa feiticeira. Talvez Norma e ele conseguissem juntos.

Aurelius conservava seu afeto pela severa mãe da menina. Tolerava de bom grado a atitude desdenhosa de Zufa. As mulheres de Rossak se permitiam em muito estranhas ocasiões o luxo do amor romântico.

Embora Aurelius soubesse muito bem que Zufa o tinha escolhido por seu potencial reprodutor, a conhecia melhor do que ela supunha. Treinada em ocultar suas debilidades, a poderosa feiticeira revelava suas dúvidas em ocasiões, temerosa de não estar à altura das responsabilidades que assumira. Uma vez, quando comentou que conhecia seu empenho de ser forte, Zufa se havia sentido furiosa e envergonhada. "Alguém tem que ser forte", limitou-se a responder.

Como Aurelius não era telepata, Zufa não se interessava muito em conversar com ele.

Possivelmente reconhecia seu talento como homem de negócios, investidor e político, mas não valorizava estas qualidades quando as comparava com seus limitados objetivos. Com freqüência, a feiticeira tentava que se sentisse um fracassado, porém seus escárnios só serviam para esporear Aurelius em suas ambições, sobretudo em seu desejo de descobrir uma droga que lhe proporcionasse poderes telepáticos equivalentes aos de sua companheira.

Existiam outras formas de liberar uma guerra.

A selva oferecia um sem-fim de possibilidades de curar enfermidades, abrir a memória e melhorar as capacidades humanas. As possibilidades eram infinitas, mas Aurelius se decantou por investigar todas. Graças a técnicas de venda e desenvolvimento apropriadas, os produtos de Rossak já lhe tinham posto no caminho de uma grande riqueza. Um bom número de feiticeiras o respeitava, exceto... sua própria companheira.

Como empresário visionário, estava acostumado a explorar alternativas. Como caminhos que atravessassem uma selva espessa, muitas rotas podiam conduzir ao mesmo lugar. Às vezes, bastava abrir caminho com a ajuda de um machado.

Até o momento, não obstante, a droga correta havia lhe escapado.

Por outro lado, tinha distribuído com orgulho os trabalhos matemáticos de Norma entre os círculos científicos. Embora não compreendesse seus teoremas, intuía que ia descobrir algo importante. Talvez já o tivesse feito, mas só olhos peritos perceberiam. Venport gostava da moça, e se comportava com ela como se fosse um irmão maior.

Em sua opinião, Norma era um prodígio da matemática, de maneira que não lhe importavam sua estatura ou sua aparência. Queria lhe conceder uma oportunidade, embora sua mãe nunca o fizesse.

Norma estudava a seu lado o desenho de uma larga folha púrpura, e utilizava um calibrador de raio estreito para medir suas diversas dimensões e as relações entre os ângulos das veias repletas de seiva. A intensidade de sua concentração dotava suas feições com uma expressão ofegante.

- Esta folha foi desenhada e construída pela mãe terra - disse Norma com voz surpreendentemente amadurecida, enquanto se voltava para olhar para ele, - Deus Criador, Budalá ou como quiser chamá-lo. - Elevou a folha, que atravessou com um raio de luz para pôr em relevo os intrincados desenhos celulares. - Configurações dentro de configurações, tudo unido em complexas relações.

Em seu estado eufórico induzido pelas drogas, Aurelius encontrou o desenho hipnótico.

- Deus está em tudo - disse. Ao parecer, o estimulante que tinha tomado sobrecarregava suas sinapse. Examinou a textura iluminada da folha, enquanto a moça assinalava as formas internas.

- Deus é o matemático do universo. Existe uma antiga correlação conhecida como a seção áurea, uma proporção de forma e estrutura que se encontra nesta folha, nas conchas marinhas e nos seres vivos de muitos planetas. É a parte mais diminuta da chave, conhecida desde a época dos gregos e os egípcios da Terra. Utilizaram-na em sua arquitetura e nas pirâmides, em seu pentagrama pitagórico e na seqüência Fibonacci. - A moça jogou a folha. - Mas há muitas coisas mais.

Venport assentiu e tocou com um dedo umedecido uma bolsa de polvilho negro que pendurava de seu cinturão. Esfregou o pó sobre a malha sensível de sua língua e notou que outra droga penetrava em seus sentidos, até mesclar-se com os restos da anterior. Norma continuou falando. Embora Aurelius não compreendesse seu desenvolvimento lógico, estava seguro de que as revelações eram fabulosas.

- Dê-me um exemplo prático - disse, arrastando as palavras. - Algo com uma função que eu possa compreender.

Acostumou-se a que Norma debulhasse em voz alta formulações obscuras. Podia ser que se apoiasse na geometria clássica, mas aplicava seus conhecimentos de maneiras muito mais complexas.

Posso imaginar cálculos até o infinito - disse Norma, como em transe. - Não preciso escrevê-los.

E nem tão sequer necessita de drogas para obtê-lo, maravilhou-se Aurelius.

- Neste preciso momento, imagino um edifício imenso e utilitário, que poderia ser construído por um custo razoável, de uns dez quilômetros de comprimento, e apoiado na proporção da seção áurea.

- Mas quem necessitaria algo tão imenso?

- Não posso esquadrinhar o futuro, Aurelius - brincou Norma. Depois, entrou na selva, ainda intrigada e entusiasmada pelo que poderia descobrir. Seu rosto brilhava de energia. - Mas poderia haver algo... algo no que ainda não pensei.

17

Os preparativos e defesas mais minuciosos jamais podem garantir a vitória. Entretanto, fazer caso omisso de estas precauções é uma receita quase segura para a derrota.

Manual de estratégia da Armada da Liga

Durante quatro meses, o terceiro Xavier Harkonnen e suas seis naves de reconhecimento da Armada viajaram seguindo uma rota predeterminada, detiveram-se para inspecionar e analisar as instalações militares e preparativos defensivos dos planetas da liga.

Depois de muitos anos de conhecer somente algumas poucas escaramuças, ninguém sabia onde *Omnius* atacaria na próxima vez.

Xavier nunca tinha renegado a difícil decisão que tinha tomado durante o ataque *cimek* contra Zimia. O vice-rei o tinha elogiado por sua têmpera e determinação. Mesmo assim, Manion Butler havia afastado do planeta ao jovem oficial durante o período de reconstrução, com o fim de conceder tempo aos salusianos de curar suas feridas sem procurar um bode expiatório.

Xavier não quis escutar as desculpas dos nobres avaros que não desejavam contribuir com os recursos necessários. Não terei que reparar em gastos. Qualquer planeta livre que caísse nas garras das máquinas significaria uma perda para toda a raça humana.

As naves de reconhecimento viajaram das minas do Hagal às largas planícies banhadas por rios do Poritrin, e logo se dirigiram a Seneca, onde o clima era detestável e a chuva tão corrosiva que até as máquinas pensantes se oxidariam em pouco tempo de conquista.

Continuando, visitaram os planetas do Relicon, Kirana III, depois Richese, com suas indústrias de alta tecnologia que tanto inquietavam os outros nobres da liga. Em teoria, os sofisticados aparelhos de fabricação não funcionavam com informática ou inteligência artificial, mas sempre havia perguntas, sempre havia dúvidas.

Por fim, a equipe de Xavier atracou em sua última escala, Giedi Prime. A excursão estava a ponto de concluir. Poderia voltar para casa, ver Serena de novo, e assim cumprir as promessas que se faziam…

Todos os outros planetas da liga tinham instalado torres decodificadoras. Conhecidas as debilidades dos escudos aproveitadas pelos *cimeks* não desvirtuavam por completo a engenhosa obra de Holtzman, e as custosas barreiras ainda proporcionavam um amparo substancial contra os ataques das máquinas pensantes. Além disso, todos os planetas humanos tinham acumulado há muito tempo antes enormes reserva de armas atômicas, em caso de uma defesa desesperada. Com tantas cabeças nucleares, um governador planetário decidido podia converter seu planeta em escória antes que entregá-lo a *Omnius*.

Embora as máquinas pensantes também tivessem acesso a engenhos atômicos, *Omnius* havia chegado à conclusão de que este tipo de armas constituíam uma forma ineficaz e pouco seletiva de impor o controle, e a posterior limpeza da radiatividade era difícil. Além disso, com seus recursos ilimitados e uma reserva de paciência inesgotável, a supermente não necessitava de tais armas.

Quando Xavier desembarcou da nave no espaçoporto de Giedi City, piscou por causa do sol intenso. A bem conservada metrópole se estendia ante ele, com seus complexos de moradias, edifícios industriais, parques impolutos e canais. As cores eram brilhantes e vivas, e as flores estalavam em leitos decorativos, embora com seus novos pulmões e tecidos *tlulaxa* logo podia perceber os aromas mais potentes, inclusive quando respirava fundo.

- Gostaria de vir com Serena algum dia - disse com saudade. Se se casasse com ela, talvez este seria o planeta apropriado para passar sua lua de mel. Durante a excursão de inspeção havia mantido os olhos bem abertos, com a esperança de encontrar um lugar adequado.

Depois de quatro meses no espaço, Xavier sentia falta da Serena terrivelmente. Sabia que pareciam um para o outro. Sua vida seguia um caminho bem definido. Quando voltasse para Salusa, prometeu-se que formalizaria sua relação. Era absurdo esperar mais.

O vice-rei Butler já lhe tratava como um filho, e o jovem oficial tinha recebido a bênção de seu pai adotivo, Emil Tantor. Por isso Xavier sabia, todos os membros da liga opinavam que seria uma estupenda união de duas casas nobres.

Sorriu, enquanto pensava no rosto de Serena, em seus intrigantes olhos lavanda... e então viu que o magno Sumi se aproximava das naves. Acompanhavam o líder eleito por votação democrática uma dúzia de membros da tropa local de Giedi Prime.

O magno era um homem magro de idade amadurecida, pele clara e cabelo loiro cinzento que caía até os ombros. Sumi levantou uma mão.

- Ah, terceiro Harkonnen! Damos as boas-vindas à Armada da Liga, ansiosos por saber como pode Giedi Prime melhorar suas defensas contra as máquinas pensantes.

Xavier lhe dedicou uma breve reverência.

- Sua colaboração me agrada, eminência. Contra *Omnius* não devemos utilizar materiais baratos nem sistemas defensivos que não protejam como é devido a seu povo.

Depois da batalha da Zimia, o corpo de engenheiros do Xavier tinha exigido melhoras estratégicas em toda a liga. Os nobres arranharam os bolsos, aumentaram os impostos de seus súditos e gastaram o dinheiro necessário em potencializar suas defesas. Em cada escala, planeta atrás de planeta, mês atrás de mês, Xavier tinha atribuído a equipes de engenheiros e tropas da Armada aos lugares mais necessitados.

Mas logo voltaria para casa. Logo. À medida que se aproximava o momento, pensava mais e mais em Serena.

Bem vestida e bem armada, a tropa local ficou firme ao redor das naves de reconhecimento. O magno Sumi indicou com um gesto para que Xavier que o seguisse.

- Desejo esclarecer todos os pontos no curso de um suntuoso banquete, terceiro Harkonnen. Ordenei que preparem doze refinados pratos, com bailarinos, música e nossos melhores poetas. Você e eu poderemos relaxar em minha residência governamental enquanto discutimos os planos. Estou seguro de que chegou cansado de sua viagem. Quanto tempo poderão ficar conosco?

Xavier formou um sorriso tenso, e pensou no longe que se encontrava da Salusa Secundus.

Inclusive depois de partir do Giedi Prime, as naves necessitariam de outro mês de viagem para retornar para casa. Quanto antes partisse daqui, antes voltaria a abraçar a Serena.

- Eminência, esta é a última escala de nosso longo périplo. Se não o incomodar, preferiria dedicar menos tempo a festejos e mais à inspeção. - Indicou sua nave. - Temos que cumprir um horário. Temo que só posso conceder dois dias a Giedi Prime. Será melhor que nos concentremos em nosso trabalho.

O magno pareceu decepcionado.

- Sim, suponho que uma celebração não é o mais pertinente depois da tragédia de Salusa Secundus.

Durante dois dias, Xavier dedicou às defesas planetárias uma rápida inspeção, quase superficial.

Descobriu que Giedi Prime era um planeta deslumbrante e próspero, talvez inclusive apropriado para estabelecer-se algum dia.

Sua valoração foi positiva, embora acompanhada de uma advertência.

- Se trata sem dúvida de um planeta que as máquinas desejarão conquistar, eminência. - Estudou os planos da cidade e a distribuição dos recursos nos principais continentes. - Qualquer ataque *cimek* procurará manter as indústrias intactas, para que os robôs possam explorá-las. *Omnius* prega a eficácia.

A seu lado, o magno Sumi reagiu com orgulho. Apontou subcentrais no diagrama.

- Temos a intenção de instalar torres de transmissão de escudo secundárias em diversos pontos estratégicos. - Enquanto falava, apareceram luzes na tela do plano. - Já construímos uma estação de transmissões em uma das ilhas desabitadas do mar do norte, capaz de proporcionar amparo total de uma projeção polar. Confiamos em tê-la em funcionamento dentro de um mês.

Xavier assentiu, distraído, com a mente cansada depois de muitos meses de atender a detalhes semelhantes.

- Me alegra saber, embora duvide que um segundo complexo transmissor seja necessário.

- Queremos nos sentir seguros, terceiro.

Quando os dois homens passearam abaixo das torres parabólicas que se elevavam sobre o Giedi Prime, Xavier inspecionou os aterros de *plasmento* que bloqueavam o acesso a veículos de grande tamanho. Não teve a menor duvida de que um guerreiro *cimek* os destroçaria com facilidade.

- Eminência, sugiro que apostem mais tropas terrestres e obstáculos aqui. Aumentem o número de baterias de mísseis planetárias para lhes proteger de qualquer invasão do espaço. Em Salusa, a estratégia dos *cimeks* consistiu em concentrar todo seu ataque na destruição das torres, e pode ser que voltem a tentar. - Golpeou com os nódulos a coluna de apoio da torre. - Estes escudos são sua primeira e última linha de defesa, sua barricada mais eficaz contra as máquinas pensantes. Não se descuidem.

- De maneira nenhuma. Nossas fábricas de munições estão construindo artilharia pesada e veículos terrestres blindados. Nossa intenção é rodear o quanto antes este complexo com uma enorme concentração de poder militar.

Quanto à estação geradora secundária incompleta, estava muito isolada para proteger de um ataque maciço, mas dava a impressão de que sua existência tranqüilizava ao magno e seu povo.

- Estupendo - disse Xavier, e depois consultou o cronômetro do bracelete. Tudo ia muito bem, e talvez suas naves poderiam decolar antes da tarde...

O magno continuou, com voz vacilante.

- Terceiro, estão preocupados com as limitadas defesas espaciais de Giedi Prime? Nossa tropa local conta com poucas naves grandes em órbita para repelir um ataque das máquinas, e nossas naves de vigilância e reconhecimento são mínimas. Admito que me sinto vulnerável nesse aspecto. E se *Omnius* nos atacar da órbita planetária?

- Têm mísseis terra-ar, e sempre demonstraram sua eficácia. - Impaciente, Xavier elevou a vista para o céu azul. - Acredito que o melhor seria proteger seu complexo decodificador terrestre. Nenhuma armada, por numerosa que seja, pode comparar-se com o poder dos escudos decodificadores. Quando a frota robô que atacou Salusa percebeu que não poderiam neutralizar os decodificadores, bateu em retirada.

- Mas e se bloquearem Giedi Prime da órbita?

- Seu planeta é bastante auto-suficiente para resistir qualquer assédio até a chegada das forças da liga. - Ansioso por voltar para o espaçoporto, Xavier decidiu tranqüilizar ao governador. - Não obstante, recomendarei que um ou dois destróieres de classe Javali sejam estacionados nas cercanias de Giedi Prime.

Aquela noite, o magno ofereceu um banquete de despedida aos homens da Armada.

- Algum dia - disse - agradeceremos por nos salvar a vida.

Xavier se desculpou na metade do jantar. Era como se a comida e o vinho carecessem de sabor.

- Peço que me desculpe, eminência, mas meu esquadrão tem que aproveitar o momento ótimo de decolagem.

Fez uma reverência na porta, e depois correu para sua nave. Alguns de seus soldados teriam gostado de ficar alguns dias mais, mas a maioria estavam ansiosos por voltar para casa. Esperavam-lhes suas noivas e suas famílias, e haviam ganho mais que uma permissão.

Uma vez concluída a excursão de inspeção, Xavier abandonou o delicioso Giedi Prime, acreditando que tinha visto e feito todo o necessário.

Mas inconsciente por completo dos pontos fracos que não se incomodou em descobrir...

18

Durante o processo de nos converter em escravos das máquinas, transferimos-lhes conhecimentos técnicos, em lugar de repartir sistemas de valores apropriados.

PRIMEIRO FAYKAN BUTLER,
Memórias da Jihad

O *Dream Voyager* se aproximava da Terra, berço da humanidade e agora o planeta sincronizado central. Mesmo permanecendo atento, Seurat permitiu que Vorian pilotasse a nave.

- Estes riscos me divertem.

Vor soprou, e lançou um olhar à expressão indecifrável da pele acobreada da máquina.

- Já demonstrei ser um piloto muito competente, talvez o melhor de todos os humanos.

- Para ser um humano não está mau, com reflexos lentos e as debilidades de um corpo físico propenso as enfermidades.

- Ao menos, minhas piadas são melhores que as suas.

Vor tomou os controles da nave. Demonstrou sua habilidade quando esquivou de restos procedentes de asteróides, ao mesmo tempo que acelerava em curva aberta ao redor da potente gravidade do Júpiter. Acenderam-se alarmes nos painéis de diagnóstico.

- Vorian, você está nos conduzindo além dos parâmetros aceitáveis. Se não conseguirmos vencer a gravidade do Júpiter, vamos queimar. - O robô se dispôs a recuperar o controle na ponte de comando. - Não tem que pôr em perigo a atualização de *Omnius* que transportamos...

Vor riu da peça que lhe tinha pregado.

- Peguei você, mente metálica! Quando não estava olhando, alterei a calibração do sensor de alarmes. Comprove com seus instrumentos, e verá que há muito espaço para manobrar.

Afastaram-se com facilidade do gigante gasoso.

- Está certo, Vorian, mas por que fez algo tão imprudente?

- Para ver se um robô é capaz de mijar nas calças. - Vor calculou um vetor de aproximação final entre as estações de vigilância, operadas por robôs, e os satélites que orbitavam em torno da Terra. – Você nunca compreenderá as brincadeiras pesadas.

- Muito bem, Vorian. Continuarei tentando... e praticando.

Vor compreendeu que talvez um dia se arrependeria de ensinar a Seurat aquele tipo de humor.

- Por certo, tenho algo mais que metal em meu cérebro, como todas as máquinas pensantes. Nossos sistemas neuroeletrônicos são feitos das ligas mais exóticas, em uma rede de fibras óticas, polímeros complexos, circuitos gelificados e...

- De qualquer modo, continuarei te chamando de mente metálica. Só porque isso te incomoda.

- Nunca compreenderei a estupidez humana.

Para guardar as aparências, Seurat assumiu o comando quando o *Dream Voyager* aterrissou no buliçoso espaçoporto.

- Chegamos ao final de outra rota perfeita, Vorian Atreides. - O jovem, sorridente, passou os dedos por seu longo cabelo negro. - Percorremos uma rota circular, Seurat. Um círculo não tem fim. *Omnius* Terra é o princípio e o fim.

- É muito literal. Por isso eu o venço em tantos jogos de estratégia.

- Só em quarenta e três por cento das vezes, jovenzinho - corrigiu Seurat. Ativou a rampa de saída.

- A metade, mais ou menos. - Vorian encaminhou-se para a escotilha, ansioso por sair a respirar ar fresco. - Não está mal para alguém propenso as enfermidades, as distrações, as debilidades físicas e outros desastres. Estou ganhando terreno, se você examinar a tendência.

Saltou para a pista de *plasmento* fundido. Robôs de carga se moviam entre grandes peças de maquinaria com inteligência artificial que se moviam sobre campos deslizantes.

Operários de pequeno tamanho se introduziam em escapamentos. Máquinas de manutenção examinavam componentes necessários para reparos. Robôs tanque abasteciam as naves estacionadas, preparando cada uma para a missão que *Omnius*, em sua infinita inteligência, decidisse.

Enquanto Vorian piscava sob o sol, um *cimek* gigantesco avançou sobre pernas articuladas. Os mecanismos híbridos internos da máquina se viam com clareza: sistemas hidráulicos, sensores, impulsos nervosos azulados que se

transmitiam do eletrolíquido até os *mentrodos*. No núcleo de seu corpo artificial pendia o contêiner que guardava a mente de um antigo general humano.

O *cimek* fez girar suas torres sensoras, como se lhe estivesse apontando, e depois se desviou para Vor, ao mesmo tempo em que elevava seus braços. Pesadas tenazes estalaram.

Vorian correu para diante.

- Pai!

Devido as trocas de corpos freqüentes que os *cimeks* faziam em função das exigências físicas de suas diversas atividades, era difícil distingui-los entre si. Entretanto, o pai de Vor sempre ia recebê-lo quando o *Dream Voyager* retornava de suas missões.

Muitos escravos humanos viviam nos Planetas Sincronizados, a serviço da supermente, embora nenhum gozasse das prerrogativas de Vorian. Os humanos como ele recebiam um adestramento especial em colégios de elite, e logo ocupavam postos importantes sob o domínio das máquinas.

Vor tinha lido livros sobre as façanhas dos titãs e conhecia as grandes conquista de seu pai. Educado sob o amparo da supermente e treinado por seu pai *cimek*, o jovem nunca tinha questionado a ordem galáctica nem sua lealdade a *Omnius*.

Como conhecia o caráter aprazível do capitão robô, Agamenon tinha utilizado seu influencia para colocar seu filho na nave de Seurat, um posto muito cobiçado, sobretudo entre os humanos renegados. Por ser um robô independente, Seurat não desprezava a companhia do jovem, o que sugeria que a personalidade imprevisível de Vor era muito útil para suas missões. Em outras ocasiões, o próprio *Omnius* pedia a Vor que participasse de jogos para compreender melhor a psicologia dos humanos selvagens.

Vorian cruzou correndo a pista de aterrissagem e parou junto ao *cimek* carregado de armas, muito mais alto que ele. O jovem contemplou com afeto o contêiner cerebral de seu pai, com seu estranho rosto mecânico na parte inferior.

- Seja bem-vindo. - A voz do Agamenon era profunda e paternal. - Seurat já enviou seu relatório. Uma vez mais, sinto-me orgulhoso de você. Avançando mais um passo na conquista de seus objetivos.

Sua torre deu um giro de cento e oitenta graus, e Vorian correu junto às pernas blindadas quando Agamenon se afastou da nave.

- Sempre que meu débil corpo sobreviva o suficiente para alcançá-los - disse com veemência Vor. Ardo em desejo de ser eleito para *neocimek*.

- Você só tem vinte anos, Vorian. Muito jovem para mostrar um interesse tão mórbido por sua mortalidade.

Do alto começaram a descer cargueiros abarrotados de material. Caminhões conduzidos por operários humanos se prepararam para distribuir o carregamento, seguindo rígidas instruções. Vor lançou um olhar para os escravos, mas não pensou em sua situação. Cada pessoa tinha uma tarefa independente, pois todos, humanos e máquinas eram peças nos Planetas Sincronizados. Mas Vor era superior a outros, já que algum dia seria como seu pai: um *cimek*.

Passaram ante armazéns de combustível e fornecimentos. Funcionários humanos distribuíam mantimentos e materiais aos escravos da cidade. Equipes de inspetores, tanto humanos como robóticos, levavam a cabo controles de qualidade e quantidade, em função dos planos do *Omnius*.

Vor não compreendia a vida dos operários analfabetos que descarregavam pesadas caixas no cais espacial. Os escravos realizavam tarefas que uma simples máquina poderia efetuar com mais rapidez e eficácia. Não obstante, alegrava-se de que pessoas tão inferiores pudessem trabalhar para ganhar seu sustento.

- Seurat contou-me sobre Salusa Secundus, pai. - Caminhou a bom passo para acompanhar as grandes pernadas do *cimek*. - Sinto que seu ataque não tivesse êxito.

- Foi uma simples prova - disse Agamenon. - Os humanos selvagens contam com um novo sistema defensivo, e agora já o testamos.

Vor sorriu.

- Estou seguro de que encontrará a maneira de submeter todos os *hrethgir* à vontade de *Omnius*. Como nos tempos que descreve em suas memórias, quando os titãs detinham o poder absoluto.

O *cimek* franziu o cenho para si mesmo. As fibras ópticas do Agamenon detectavam numerosos olhos espiões que flutuavam a seu redor enquanto os dois andavam.

- Não sinto falta dos velhos tempos - disse. - Tornou a ler minhas memórias?

- Nunca me canso de suas histórias, pai. A era dos Titãs, o grande Tlaloc, as primeiras rebeliões dos *hrethgir*... Tudo é fascinante. - Acompanhar o impressionante *cimek* fazia com que Vor se sentisse especial. Sempre procurava melhorar, dentro dos limites de sua condição. Queria demonstrar que era digno das oportunidades que lhe haviam concedido..., e mais. - Eu gostaria de

saber como é esse novo sistema defensivo dos *hrethgir*, pai. Possivelmente possa ajudar a descobrir um meio de neutralizá-lo.

- *Omnius* está analisando os dados e decidirá o que se deve fazer. Acabo de chegar à Terra.

Como a ambição era um pouco enraizada em sua psicologia, os titãs sempre estavam projetando edifícios e monumentos dedicados a celebrar os velhos tempos da humanidade e a era dos Titãs. Ordenavam a artistas e arquitetos humanos que desenvolvessem desenhos e esboços originais, que os *cimeks* modificavam ou aprovavam.

Muito perto deles, enormes máquinas colocavam componentes de arranha-céu e acrescentavam pisos superiores aos complexos já existentes, embora as máquinas pensantes não precisassem expandir-se mais. Em certas ocasiões, Vor imaginava que tais esforços extravagantes serviam como meras desculpas para manter os escravos ocupados...

Não tinha conhecido sua mãe, mas sabia que séculos atrás, antes que os titãs tivessem se transformado em *cimeks*, Agamenon tinha criado seu próprio banco de esperma, graças ao qual tinha engendrado Vorian. Com o tempo, o general poderia procriar tantos filhos quantos quisesse utilizando mães aceitáveis.

Embora nunca tivesse sabido se tinha mais irmãos, Vorian suspeitava que eles existiam. Se perguntava o que sentiria se os conhecesse, mas em uma sociedade mecânica os vínculos emocionais não eram práticos. Só esperava que seus irmãos não tivessem decepcionado Agamenon.

Quando seu pai partia em suas freqüentes missões, Vorian tentava falar com os outros titãs, intrigado pelos acontecimentos documentados nas célebres e volumosas memórias de Agamenon. Alguns dos *cimeks* originais, sobretudo Ajax, eram arrogantes e tratavam Vor como se fosse um estorvo. Outros, como Juno ou Barba Azul, consideravam-lhe divertido. Todos falavam com grande paixão de Tlaloc, o primeiro dos grandes titãs, que tinha aceso a chama da revolução.

- Oxalá houvesse conhecido Tlaloc - dizia Vor, com a intenção de prolongar a conversa.

Agamenon gostava de falar dos dias gloriosos.

- Sim, Tlaloc era um sonhador com idéias que eu nunca tinha escutado antes - murmurou o *cimek* enquanto avançava pelas avenidas. - Em alguns momentos, era um pouco ingênuo, nem sempre compreendia as repercussões práticas de suas idéias. Mas eu as descobria. Por isso formávamos uma grande equipe.

Deu a impressão de que Agamenon caminhava a maior velocidade enquanto falava dos titãs. Cansado de tentar manter seu ritmo, Vorian ofegou em busca de fôlego.

- Tlaloc tomou seu nome de um antigo deus da chuva. Entre os titãs, Tlaloc era nosso visionário, enquanto eu era o chefe militar. Juno era nossa tática e manipuladora. Dante se ocupava das estatísticas, da burocracia e do censo. Barba Azul foi o responsável por reprogramar as máquinas pensantes, com o fim de que seus objetivos fossem os mesmos que os nossos. Dotou-as de ambição.

- Isso é bom - disse Vorian.

Agamenon vacilou, mas não verbalizou nenhuma objeção, preocupado com os olhos espiões.

- Quando visitou a Terra, Tlaloc compreendeu que a raça humana se estagnara, que as pessoas tinham chegado a depender a tal ponto das máquinas que tinha caído na apatia mais absoluta. Seus objetivos se dissiparam, assim como sua energia, sua paixão. Quando não tinham outra coisa para fazer além de dar rédea solta a seus impulsos criativos, eram muito preguiçosos inclusive para esporear sua imaginação.

Seus alto-falantes projetaram um som desagradável.

- Mas Tlaloc era diferente – animou-o Vor.

A voz do *cimek* adquiriu mais emoção.

- Tlaloc criou-se no sistema de Thalim, em uma colônia exterior onde a vida era difícil, onde se trabalhava com sangue, suor e lágrimas. Teve que esforçar-se muito para ganhar seu posto. Na Terra, viu que o espírito humano estava a ponto de morrer... e as pessoas nem sequer se tinha dado conta!

"Pronunciou discursos com a intenção de reanimar os humanos, de despertar à realidade. Alguns o seguiram com interesse, como se fosse uma novidade. - Agamenon elevou seus poderosos braços metálicos. - Mas só o consideravam uma diversão passageira. Muito em breve, as pessoas voltaram a dedicar-se a seus passatempos hedonistas."

- Mas você não, pai.

- Minha vida monótona me desagradava. Já tinha conhecido Juno, e nós entesourávamos nossos sonhos. Tlaloc os cristalizou por nós. Depois que Juno e eu nos unimos a ele, pusemos em marcha os acontecimentos que conduziram à queda do Império Antigo.

Pai e filho tinham chegado ao complexo central onde residia *Omnius* Terra, embora houvesse nódulos da supermente pulverizados por todo o planeta, formando uma rede de câmaras couraçadas e torres elevadas. Vorian

seguiu o *cimek* até o interior do gigantesco edifício, ansioso por interpretar seu papel. Era um ritual que tinha repetido em numerosas ocasiões.

O corpo mecânico percorreu amplos corredores e entrou em uma instalação de manutenção cheia de tubos lubrificantes, cilindros nutrientes borbulhantes, mesas polidas e análise de sistemas oscilantes. Vor extraiu uma maleta de ferramentas, e depois conectou mangueiras pneumáticas e jorros de água a alta pressão, localizou trapos suaves e loções para lustrar. Era a tarefa que considerava mais importante como humano de confiança.

No centro da sala esterilizada, Agamenon se deteve sob um aparelho elevador. Uma mão magnética desceu e se prendeu ao contêiner que guardava seu crânio. Abriram-se pontos de conexão neuronal e surgiram cabos de *mentrodos*. O braço elevou o contêiner, ainda conectado às baterias provisórias e os sistemas de manutenção vital.

Vorian se adiantou, carregado de aparelhos.

- Sei que não pode sentir, mas eu gosto de pensar que se sentirá mais cômodo e eficiente.

Lançou jorros de ar a alta pressão e água quente sobre os pontos de conexão, e depois utilizou uma camurça molhada para polir cada superfície. O general *cimek* emitiu murmúrios de agradecimento.

Vor terminou seu trabalho, e depois ajustou cabos e lançou uma vista ao diagnóstico.

- Todas as funções ótimas, pai.

- Não sinto saudades, graças a sua minuciosa manutenção. Obrigado, meu filho. Cuida muito bem de mim.

- É uma honra para mim, pai.

- Um dia, Vorian - disse Agamenon com sua voz sintética, - se continuar me servindo assim, vou recomendá-lo para a maior recompensa. Pedirei a *Omnius* que o converta em um *cimek*, como eu.

Ao escutar suas palavras, Vorian voltou a polir o contêiner, e depois olhou com afeto as circunvoluções do cérebro. Tentou dissimular seu rubor de vergonha, mas apareceram lágrimas em seus olhos.

- Isso é o melhor que um humano pode esperar.

19

É fácil esmagar aos humanos, já que são formas físicas frágeis. Representa alguma provocação em especial danificá-los ou aleijá-los?

ERASMO,
expedientes de laboratório não cotejados

Erasmo não se sentia satisfeito, enquanto contemplava uma vez mais o céu da Terra mediante centenas de fibras ópticas. O robô se encontrava em um elevado campanário de sua vila, atrás de um mirante curvo blindado. A paisagem deste planeta, com seus oceanos, bosques e cidades construídas sobre os ossos de outras cidades, já tinha sido testemunha do auge e decadência de incontáveis civilizações. Suas realizações lhe pareciam muito pequenas e humildes comparados com a amplitude da historia.

Por isso, teria que redobrar seus esforços.

Nem *Omnius* nem nenhum de seus arquitetos robô compreendiam a autêntica beleza. Para Erasmo, os edifícios e o traçado da cidade reconstruída pareciam componentes de ângulos agudos e bruscas descontinuidades. Uma cidade devia ser algo mais que um diagrama de circuitos prático. Submetido a seu escrutínio multifásico, a metrópole se assemelhava a um complexo mecanismo, desenhado e construído com força utilitária. Possuía suas próprias linhas e eficácia sistemática, o que resultava uma beleza casual... mas carente de delicadeza.

Era decepcionante que a supermente se negasse a viver de acordo com suas infinitas possibilidades. Às vezes, as irreais ambições humanas possuíam certo valor.

Omnius desprezava, ou rechaçava de maneira consciente, a beleza elegante da arquitetura humana da Idade de Ouro. Mas essa superioridade fria e petulante não era lógica. Erasmo reconhecia certa beleza em máquinas e componentes aerodinâmicos. Gostava de sua pele de platina polida, a delicadeza de sua face refletiva com que formava expressões faciais, mas considerava absurdo preservar a fealdade com o fim de desprezar o conceito de beleza de um inimigo.

Como podia uma supermente distribuída entre centenas de planetas exibir sequer um pingo de tolerância? Para Erasmo, devido a sua imparcial e amadurecida compreensão, desenvolvida graças a prolongadas meditações, a atitude de *Omnius* revelava uma carência absoluta de flexibilidade.

Emitiu o som de um suspiro exagerado, que tinha copiado dos humanos, e transmitiu uma ordem mental que projetou imagens bucólicas de outros planetas sobre a janela. Algo relaxante e plácido.

Deteve-se em frente a um sintetizador de objetos de vestir, escolheu o desenho que desejava e esperou a que lhe confeccionassem a peça. Um blusão tradicional de pintor. Quando esteve preparado, o pôs sobre seu corpo esbelto e se encaminhou para um cavalete onde já havia disposto uma tela em branco, uma paleta e pincéis da melhor qualidade.

Ao mover uma mão, se projetaram na parede imagens ampliadas de obras de mestres da pintura, cada uma pertencente a um gênio diferente. Escolheu Casas do Cordeville, de um antigo artista da Terra, Vincent Van Gogh. Era um quadro ousado e cheio de colorido, mas tosco em sua execução, com traços ineptos e aplicações infantis de pigmento, no que destacavam manchas de pintura e grossas pinceladas de cor. Não obstante, o conjunto possuía uma energia selvagem, um dinamismo primitivo indefinível.

Depois de um momento de intensa concentração, Erasmo pensou que tinha chegado a assimilar certa compreensão da técnica desenvolvida por Van Gogh, mas não conseguia entender por que alguém tinha desejado criar aquela obra.

Embora nunca tivesse pintado, copiou o quadro com exatidão. Pincelada a pincelada, pigmento a pigmento. Quando terminou, Erasmo examinou sua obra.

Louvor em seu estado mais puro.

Um brilho cinza pálido apareceu na parede mais próxima. *Omnius* tinha observado, como sempre. Erasmo teria que justificar suas atividades, já que a supermente nunca entendia o que estava fazendo o robô independente.

Estudou a pintura de novo. Por que custava tanto compreender a criatividade? Devia mudar algum dos componentes, para depois qualificar a obra de original? Quando o robô terminou seu escrutínio, satisfeito de não ter cometido enganos, de não haver se desviado das pautas que discernia na imagem do quadro, esperou a labareda de compreensão que iluminaria seu esforço.

Pouco a pouco, percebeu que não tinha criado arte, do mesmo modo que uma imprensa não engendrava literatura. Limitou-se a recriar a obra até o último detalhe.

No havia criado nada novo. E ardia em desejos de compreender a diferença.

Erasmo, frustrado, concentrou-se em outro projeto. Chamou com voz implacável três criados e lhes ordenou que transladassem seus utensílios de pintura para um dos laboratórios.

- Tenho a intenção de criar uma nova obra de arte, absolutamente pessoal. Uma espécie de natureza morta. Vocês três participarão de maneira muito direta nela. Regozijem-se com sua boa sorte.

No ambiente esterilizado do laboratório, com a fria colaboração de seus guardas robô pessoais, Erasmo procedeu a viviseccionar o trio de vítimas, indiferente a seus gritos.

- Quero chegar ao coração do assunto - brincou, - à medula da questão.

Estudou os órgãos com suas mãos metálicas, espremeu-os, viu fluir os líquidos e as estruturas celulares. Levou a cabo uma análise superficial, descobriu mecanismos torpes e sistemas circulatórios ineficazes, desnecessariamente complexos e propensos a deterioração.

Depois, ao experimentar uma energia vibrante, uma impulsividade, Erasmo se dispôs a pintar. Uma obra nova, única em seu gênero! Utilizaria filtros diferentes, e cometeria enganos de propósito para imitar melhor a imperfeição e a insegurança humanas.

Por fim, devia estar no caminho correto.

A uma ordem de Erasmo, robôs sentinela trouxeram uma Cuba cheia de sangue humano fresco, porém sem coagular. Começou a extrair os órgãos internos de suas vítimas, ainda quentes ao tato, e indicou a dois lacaios que raspassem o interior dos cadáveres. Enquanto contemplava a disposição dos órgãos, deixou-os cair um após o outro no sangue e viu que se agitavam no líquido, olhos, fígados, rins, corações.

Analisou com atenção cada fase do processo e obedeceu a suas "urgências criativas".

Um capricho atrás de outro. Erasmo acrescentou mais ingredientes à sinistra receita. Imitando algo que tinha descoberto em Van Gogh, cortou a orelha de um cadáver e a lançou também à Cuba.

Por fim, com as mãos metálicas jorrando sangue, retrocedeu. Uma formosa disposição, fruto de sua originalidade. Não pôde pensar em nenhum artista humano que tivesse trabalhado em um tecido semelhante. Ninguém mais tinha feito algo parecido com isto.

Erasmo secou as mãos e começou a pintar em um tecido branco. Desenhou no centro um dos três corações, reproduzindo com supremo detalhe os ventrículos, as aurículas e a aorta. Mas não desejava que fosse a

imagem realista de uma dissecação. Decepcionado, rabiscou algumas linhas para inserir um toque artístico. A verdadeira arte exigia a quantidade exata de incerteza, do mesmo modo que um cozinheiro talentoso necessitava das especiarias e sabores adequados.

Deste modo devia funcionar a criatividade. Enquanto pintava, Erasmo tentou imaginar a relação cinética entre seu cérebro e seus dedos mecânicos, os impulsos mentais que punham os dedos em ação.

- É isso o que os humanos definem como arte? - perguntou *Omnius* de uma tela mural.

Por uma vez, Erasmo não quis discutir com a supermente. *Omnius* tinha razão ao mostrar-se cético. Erasmo não tinha alcançado a verdadeira criatividade. Sim, tinha obtido uma disposição original e gráfica, mas na arte humana, a soma dos componentes dava como resultado algo mais que os componentes individuais. O simples feito de arrancar órgãos das vítimas, inundá-los em sangue e pintá-los não lhe aproximava mais da compreensão da inspiração humana. Inclusive embora manipulasse os detalhes, continuava sendo um artista impreciso e carente de inspiração.

De qualquer modo, talvez tivesse avançado um passo na direção correta.

Erasmo foi incapaz de levar este pensamento ao próximo passo lógico, e conseguiu compreender o motivo. O processo não era racional. A criatividade e a precisão de análise se excluíam mutuamente.

O robô, frustrado, apertou o macabro quadro entre suas poderosas mãos, rompeu a tela e reduziu a farrapos o tecido. Teria que melhorar, e muito. Erasmo compôs uma expressão pensativa em seu rosto de polímero metálico. Não havia avançando nem um milímetro na compreensão dos humanos, face a um século de investigações e meditações intensas.

Erasmo caminhou com parcimônia para seu refúgio privado, um jardim botânico onde escutava música clássica emitida através das estruturas celulares das plantas. Rapsódia em azul, um clássico da Velha Terra.

No jardim, o preocupado robô se sentou sob o sol avermelhado e sentiu calor sobre sua pele metálica. Era outra coisa que os humanos pareciam gostar, mas não entendia por que. Já que a seu módulo de potencializarão sensorial, só parecia calor.

E as máquinas aquecidas se avariavam.

20

A tapeçaria do universo é imensa e complexa, com infinitos estampados. Apesar de fibras de tragédia formarem a malha primitiva, a humanidade, com seu inflamado otimismo, ainda consegue bordar pequenos desenhos de felicidade e amor.

PENSADORA KWYNA,
arquivos da Cidade da Introspecção

Dentro de seu comprido viaje espacial, Xavier só podia pensar em voltar para casa, aos cálidos braços de Serena Butler.

De licença, retornou à propriedade de Tantor, onde seus pais adotivos e o entusiasta Vergyl, seu meio-irmão, deram-lhe as boas-vindas. Os Tantor formavam um casal de idade avançada, afáveis, inteligentes e doces, de pele escura e cabelo grisalhos. Davam a impressão de que Xavier fora talhado do mesmo patrão, com interesses similares e valores morais elevados. Tinha sido criado nesta confortável e espaçosa mansão, que ainda considerava seu lar. Embora tivesse herdado legalmente outras posses Harkonnen (minas e indústrias em três planetas), muitas habitações da casa ainda estavam destinadas a seu uso exclusivo.

Quando entrou em seus aposentos, Xavier encontrou um par de galgos que lhe esperavam, meneando a cauda. Deixou cair suas bolsas e brincou com os cães. Os animais, maiores que seu irmão menor, sempre tinham vontade de brincar e se alegravam em vê-lo.

Aquela noite, a família o tratou com atenção com a especialidade do cozinheiro, galo selvagem recheado com mel, nozes e azeitonas de Tantor. Por desgraça, depois de ter estado exposto aos gases venenosos dos *cimeks*, os sutis matizes de sabores e aromas lhe escapavam. O cozinheiro o olhou alarmado quando acrescentou sal e especiarias, que necessitava para saborear o delicioso guisado.

Outra coisa que as máquinas haviam tomado.

Depois, Xavier se acomodou em uma pesada poltrona de carvalho em frente ao fogo da lareira, acompanhado de um copo de vinho tinto dos vinhedos da família, também, por desgraça, sem poder desfrutar de seu sabor. adorava relaxar em casa, longe do protocolo militar. Havia passado quase meio

ano a bordo de uma nave da Armada. Esta noite, dormiria como um bebê em sua própria casa.

Um dos galgos cinzas roncava sonoramente, com o focinho apoiado sobre os pés de Xavier. Emil Tantor, com uma orla de cabelo negro ao redor de sua cabeça calva, estava sentado em frente a seu filho adotivo. Emil lhe interrogou a respeito das posições estratégicas dos Planetas Sincronizados e a capacidade militar da Armada.

- Quais são as possibilidades de uma escalada bélica depois do ataque a Zimia? Podemos fazer algo mais que rechaçar ao inimigo?

Xavier terminou seu vinho, serviu-se meia taça e uma inteira ao ancião, e logo se reclinou na poltrona, sem molestar o cão.

- A situação é grave, pai. - Como pouco se recordava de seus pais, sempre havia chamado assim ao senhor de Tantor. - Mas sempre foi grave, desde a Era dos Titãs. Talvez vivêssemos com muita comodidade nos tempos do Império Antigo. Esquecemos de ser nós mesmos, ser dignos de nossas possibilidades, e durante mil anos pagamos o preço. Fomos presa fácil, primeiro de homens malvados, e depois de máquinas carentes de alma.

Emil Tantor sorveu seu vinho e cravou a vista no fogo.

- De modo que ao menos há esperança? Temos que nos aferrar a algo.

Os lábios do Xavier formaram um leve sorriso.

- Somos humanos, pai. Enquanto nos aferrarmos a isso, sempre haverá esperança.

No dia seguinte, Xavier enviou uma mensagem ao escritório de Butler, onde pedia permissão para acompanhar a filha do vice-rei à caçada anual ao javali, que aconteceria dentro de dois dias. Serena já estaria saberia do retorno de Xavier. Suas naves de reconhecimento haviam chegado com muita festa, e Manion Butler estaria esperando sua nota.

Ainda assim, a sociedade salusiana era formal e extravagante. Para cortejar à formosa filha do vice-rei, teria que render-se a certas expectativas.

Avançada a manhã, um mensageiro chamou às portas da mansão Tantor. Vergyl estava ao lado de seu irmão maior, e sorriu quando viu a expressão de Xavier.

- O que é? Posso te acompanhar? O vice-rei concordou?

Xavier compôs uma expressão zombeteira e séria ao mesmo tempo.

- Como poderia rechaçar o homem que salvou Salusa Secundus dos *cimeks*? Lembre-se disso, Vergyl, se algum dia quiser ganhar o afeto de uma jovem.

- Tenho que salvar o planeta para ter uma noiva? - perguntou o menino com ceticismo, embora procurando não manifestar incredulidade pelas

palavras do Xavier.

- Por uma mulher tão maravilhosa como Serena, é justamente o que deve fazer.

Entrou na mansão para contar seus planos a Tantor.

No dia seguinte, Xavier se vestiu com uma indumentária eqüestre esplêndida e saiu em direção à propriedade dos Butler. Pediu emprestado a seu pai o corcel salusano cor chocolate, um excelente animal de crina trançada, focinho estreito e olhos brilhantes. As orelhas do cavalo eram grandes, e corria sem o ritmo irregular de animais menos adestrados.

Sobre uma colina coberta de erva se elevava um conjunto de edifícios caiados: a casa propriamente dita, estábulos, aposentos dos criados e abrigos, situados próximos ao perímetro. Enquanto seu cavalo subia, viu a vista impressionante dos prédios de Zimia muito distantes.

Um atalho pavimentado com pedra calcária triturada subia à cúpula. O cascalho rangia sob os cascos do cavalo. Xavier notou o afresco de princípios da primavera, viu folhas nas árvores, flores silvestres que acabavam de arrebentar. Mas não percebeu o aroma do ar.

A colina estava flanqueada de videiras como um manto de veludo cotelê verde, cada videira amarrada a cabos sujeitos entre estacas para que os cachos pendurassem sobre o chão, facilitando assim seu recolhimento. Oliveiras retorcidas rodeavam a casa principal, e seus ramos baixos estavam cheios de flores brancas. Cada ano, as primeiras prensagens de uvas e azeitonas eram causa de festejos em todas as casas salusianas. Os vinhedos competiam entre si para ver qual era capaz de produzir as melhores colheitas.

Quando Xavier entrou no pátio, já o esperavam outros cavaleiros. Os cães ladravam entre as patas dos cavalos, mas o majestoso corcel os desprezou, como se fossem meninos mal educados.

Os caçadores aferraram as rédeas e calaram os cães. Vários cavalos de caça negros mostravam-se tão impacientes como os cães. Dois dos caçadores lançaram sonoros assobios, e outros se reuniram com eles, dispostos a iniciar as festividades do dia.

Manion Butler saiu dos estábulos e convocou seu grupo, como um chefe militar que dispusera a suas tropas para a batalha. Jogou uma olhada ao jovem oficial e levantou uma mão como saudação.

Então, Xavier viu Serena montada em uma égua cinza. Calçava botas altas, calças de montar e uma jaqueta negra. Seus olhos despediram faíscas de eletricidade quando se encontraram com os dele.

Aproximou-se de Xavier, e um sorriso se insinuou nos cantos de sua boca. Face aos cães ruidosos, os cavalos inquietos e os homens que gritavam, Xavier desejava tanto beijá-la que quase não pôde conter-se. Não obstante, Serena permaneceu fria e tranqüila, e estendeu uma mão enluvada como saudação. Ele a agarrou e apertou seus dedos.

Desejou possuir poderes telepáticos como as feiticeiras do Rossak, para lhe enviar seus pensamentos, embora fosse evidente o prazer que transparecia em suas feições, compreendeu que Serena sabia muito bem quais eram seus sentimentos, e os correspondia.

- As viagens espaciais foram muito longas. - disse Xavier. - Sempre estava pensando em você.

- Sempre? Deveria ter se concentrado em suas tarefas. - Ela dedicou-lhe um sorriso cético. - Possivelmente possamos estar um momento a sós durante a caçada, e me contará seus sonhos.

Dirigiu sua égua até o ponto onde se encontrava seu pai. Consciente dos olhos que os observavam, Xavier e ela mantiveram uma distância aceitável. Xavier se aproximou do vice-rei e estreitou sua mão.

- Agradeço por me deixar participar da caçada.

Manion Butler sorriu.

- Alegro-me que tenha podido acudir, terceiro. Estou seguro de que este ano caçaremos um javali. Refugiaram-se nesses bosques, e estou ansioso por comer presunto e chuletas assadas. E bacon, sobretudo. Não há nada comparável.

Serena olhou para ele com olhos travessos.

- Talvez, pai, se levássemos cães menos escandalosos, cavalos a galope e homens desajeitados, seria mais fácil localizar algum desses tímidos animais.

Em resposta, Manion sorriu como se ainda fosse uma menina pequena.

- Me alegro que esteja aqui para protegê-la, jovem - disse para Xavier.

O vice-rei levantou o braço direito. Soaram os chifres de caça e um gongo retumbou nos estábulos. Os cães se precipitaram para a grade. O caminho discorria sob as oliveiras até entrar no bosque salusiano. Dois moços de olhos ansiosos abriram as portas, impacientes por participar de sua primeira caçada.

O grupo entrou em marcha. Os cães foram os primeiros a sair, seguidos pelos cavalos montados por caçadores profissionais. Manion Butler ia com eles. Soprou uma tromba de caça que tinha sido da família desde que Bovko Manresa se estabeleceu em Salusa.

Seus seguidores usavam cavalos de menor tamanho. Seriam os encarregados de montar o acampamento e esfolar as peças abatidas. Também

prepararam a festa que se celebraria quando o grupo voltasse para casa.

Os caçadores já se dispersaram, formando grupos com um chefe à frente. Xavier e Serena trotaram sem pressa para o bosque. Um jovem de olhos brilhantes olhou atrás e piscou os olhos para Xavier, como se soubesse que o casal não tinha a menor intenção de juntar-se à caçada.

Xavier esporeou a seu corcel. Serena cavalgou a seu lado, e se dirigiram para o leito lamacento de um riacho. Trocaram um sorriso de cumplicidade e escutaram os latidos longínquos dos cães, assim como o corno do vice-rei.

O bosque privado dos Butler abarcava centenas de hectares, atravessadas por trilhas de caça. Era como uma espécie de reserva natural, com prados e rios, aves e grandes extensões de flores que estalavam em capas sucessivas de cores quando a neve se derretia.

Xavier estava feliz porque afinal estava sozinho com Serena. Enquanto cavalgavam, roçavam-se os braços e os cotovelos de propósito. Ele afastava os ramos de sua cara, e ela assinalava aves e animais pequenos, que ia identificando.

Em seu cômodo traje de caçada, Xavier levava uma adaga cerimoniosa, um látego e uma pistola Chandler que disparava fragmentos de cristal. Serena levava sua faca e uma pistola pequena, mas nenhum dos dois esperava abater peça alguma. Foram decididos a caçar-se mutuamente, e ambos sabiam.

Serena escolheu seu caminho sem vacilar, como se houvesse aproveitado a ausência de Xavier para percorrer o bosque em busca de lugares onde pudessem estar sozinhos. Por fim, guiou-o através de um bosque de pinheiros até um prado de erva alta, flores similares a estrelas e plantas mais altas que elas. As canas rodeavam um lago de águas cristalinas, um pequeno lago criado pela neve derretida e alimentado por uma fonte subterrânea.

- Há borbulhas na água - explicou a jovem. - Fazem cócegas na pele.

- Isso significa que quer nadar?

Xavier sentiu a garganta seca quando pensou na perspectiva.

- Está fria, mas a fonte possui um calor natural. Quero prová-la.

Serena desmontou com um sorriso e deixou que sua égua pastasse. Ouviu um chapinho no lago, mas as canas não deixavam ver.

- Parece que também há muitos peixes - disse Xavier. Desceu de seu corcel, afagou o musculoso pescoço, e o cavalo foi pastar perto da égua.

Serena tirou as botas e as meias, subiu as calças por cima dos joelhos e caminhou descalça sobre a erva.

- Vou a provar a água.

Xavier comprovou os fechos da sela do corcel. Abriu um dos compartimentos de couro e tirou um cantil de água perfumada com limão. Seguiu Serena até as canas, enquanto se imaginava nadando com ela, os dois sós sulcando nus o solitário lago, beijando-se...

De repente, um monstruoso javali saiu de entre as canas a toda velocidade, arrojando barro e água ao ar. Serena lançou um grito, mais alarmada que assustada, e caiu de costas no barro.

O javali chutou a erva com suas patas fendidas. Largas presas sobressaíam de seu focinho, capazes de arrancar árvores jovens de um golpe e estripar inimigos. Os olhos do animal eram grandes e negros. Emitia potentes grunhidos, como se estivesse a ponto de cuspir fogo. Dizia a lenda que muitos homens, cães e cavalos tinham morrido nas caçadas de javalis, mas restavam poucos deles.

- Pule na água, Serena!

O animal se voltou quando ouviu seu grito. Serena seguiu as instruções do Xavier. Começou a nadar, consciente de que o animal não poderia atacá-la se estivesse na água.

O javali carregou com toda sua raiva. Os dois cavalos relincharam e correram para a bordo do prado.

- Cuidado, Xavier!

Serena, afundada na água até a cintura, desembainhou sua faca de caça, mas sabia que não podia ajudar.

Xavier plantou com firmeza as pernas no chão, com a faca em uma mão e a pistola Chandler na outra. Apontou a arma sem que o pulso tremesse e disparou três vezes na cara do javali. Os projéteis destroçaram o pescoço e a fronte do animal, e arranharam o grosso crânio.

Outro projétil estilhaçou uma das presas, porém o animal continuou carregando para ele, impulsionado por sua velocidade.

Xavier disparou duas vezes mais. O animal sangrava profusamente, ferido de morte, mas nem sequer a iminência do desenlace diminuiu sua velocidade. Quando o animal estava quase em cima de Xavier, este saltou para um lado e o degolou com a afiada faca, abrindo-lhe a jugular e a carótida. O javali deu meia volta e o cobriu de sangre enquanto seu coração parava de pulsar.

O peso do animal atirou Xavier ao chão, mas rolou para longe para evitar que a presa restante o atravessasse. Xavier ficou em pé e caminhou alguns passos, tremendo. Sua indumentária de caça estava empapada do sangue da besta.

- Serena!

- Estou bem - respondeu a jovem, enquanto nadava para a borda.

Xavier contemplou seu reflexo no plácido lago, viu sua camisa e sua cara cobertas de sangue. Confiou em que não fosse dele. Enlaçou as mãos e se molhou com água fria, e logo afundou a cabeça para tirar o fedor do cabelo. esfregou as mãos com areia.

Serena se aproximou dele com a roupa empapada e o cabelo colado ao crânio. Utilizou um pedaço da jaqueta para secar o sangue do pescoço e das bochechas de Xavier. Depois, abriu-lhe a camisa e também lhe secou o peito.

- Não tenho nem um arranhão - disse Xavier, sem saber se era certo. Notava a pele do pescoço quente e arranhada, e o peito doía como conseqüência da colisão com o monstro. Atraiu para si a jovem.

- Está segura de que não sofreu nenhum dano? Não se cortou, não quebrou nenhum osso?

- Você me pergunta isso? - zombou ela. – Eu não sou a valente caçadora de javalis.

Serena o beijou. Tinha os lábios frios da água, mas Xavier os reteve contra os seus até que as bocas se abriram um pouco e as línguas se encontraram. Conduziu-a em direção ao prado, longe do animal morto.

Os jovens amantes retiraram o cabelo molhado das orelhas e dos olhos, e voltaram a beijar-se. O contato com a morte fazia que se sentissem intensamente vivos. A pele de Xavier estava quente, e seu coração pulsava com força, embora o perigo tivesse passado. Uma nova emoção estava crescendo. Desejou poder captar melhor o sedutor aroma do perfume da jovem, mas só percebeu uma insinuação fascinante.

As roupas molhadas de Serena estavam frias, e Xavier observou que tinha o pêlo dos braços arrepiados. A única solução era tirar a roupa.

- Venha, vou aquecê-la.

Ajudou-a a desabotoar a jaqueta negra e a blusa, enquanto seus dedos trabalhavam em excesso com a camisa manchada de Xavier.

- Só quero me assegurar de que não está ferido - disse Serena. - Não sei o que teria feito se ele tivesse te matado.

Suas palavras surgiam trêmulas entre um beijo e outro.

- É preciso algo mais que um javali para me afastar de você.

Serena lhe tirou a camisa por cima de seus ombros e lutou com os botões dos punhos para tirá-la por completo. O chão do prado era macio e confortável. Os cavalos pastavam com parcimônia Xavier e Serena deram rédeas soltas a sua paixão reprimida entre sussurros.

A caçada soava muito longínqua, embora Xavier tivesse matado um javali e poderia contar uma história dramática durante a festa. Claro que alguns detalhe deveriam ser omitidos...

No momento, a guerra contra as máquinas pensantes não existia. Nesta breve e apaixonada hora, não eram mais que dois seres humanos, sozinhos e apaixonados.

21

A ciência peca pela arrogância ao acreditar que, quanto mais desenvolvemos a tecnologia e mais aprendemos, melhor será nossa vida.

TLALOC,
A Era dos Titãs

Qualquer coisa imaginada pode se tornar real... desde que exista o gênio suficiente.

Tio Holtzman tinha repetido a frase em centenas de discursos pronunciados ante o Conselho de Nobres de Poritrin. Suas idéias e lucros alimentavam sonhos e fomentavam a confiança na capacidade tecnológica humana contra as máquinas pensantes.

O mantra também tinha convencido seu protetor, lorde Niko Bludd, e aos representantes da Liga de Nobres. No princípio de sua carreira, Holtzman tinha compreendido que não sempre eram os melhores cientistas quem recebiam os aplausos ou os recursos necessários para suas investigações, e sim os melhores atores, os políticos mais eficazes.

Holtzman era um cientista dotado, disso não havia dúvida. Possuía uma bagagem técnica excepcional e tinha obtido grandes êxitos com suas invenções e sistemas de armamento, todos os quais se utilizaram com êxito contra *Omnius*, mas as havia divulgado para receber mais publicidade e atenção das que seus inventos mereciam. Graças a seus dotes de oratória e de enfeitar certos detalhes, tinha construído um pedestal de fama sobre o que agora se elevava.

Holtzman tinha se transformado no herói de Poritrin, em vez de ser outro inventor anônimo. Sua habilidade para deslumbrar o público, para iluminar uma chama de esperança e credulidade em sua mente, superava a sua capacidade científica.

Com o fim de alimentar sua mitologia, Holtzman procurava sem cessar novas idéias, o que exigia inspiração e dilatados períodos de meditação ininterrupta. Gostava de deixar que as possibilidades rodassem como calhaus levados pela corrente. Às vezes, os calhaus se detinham em seu carreira, com um pouco de ruído mas sem em contribuir nada. Em outras ocasiões, tais idéias desencadeavam uma avalanche.

Algo imaginado pode se tornar real.
Porém primeiro é necessário imaginá-la.

Depois de voltar para casa, depois de presenciar a devastação da Salusa Secundus, havia reservado um camarote privado a bordo de uma luxuosa nave, um dos silenciosos zepelins que partiam da cidade da Starda e derivavam a mercê de correntes de ar quente, sobrevoando as infinitas planícies de Poritrin.

Holtzman estava em pé na cobertura do aparelho, contemplando as pradarias que fluíam em um mar verde e marrom, salpicado de lagos. Abaixo ele, os pássaros voavam como bandos de peixes. O lento aparelho derivava sem pressa, sem horário previsto.

Cravou a vista no horizonte. Distâncias sem limites, possibilidades infinitas. Algo hipnótico, que induzia à meditação... ao nascimento da inspiração. Esses lugares expandiam sua mente, permitiam-lhe seguir idéias loucas e acossá-las como um predador e seu presa.

A barcaça passava sobre formas geométricas similares a tatuagens na terra, parcelas dedicadas ao cultivo de cana de açúcar. Em outros campos cresciam grão e fibras destinadas à fabricação de roupa. Exércitos de escravos humanos trabalhavam nas fazendas e ranchos, como insetos em uma colméia.

Seguindo uma derivação bucólica do *navacristianismo*, a população de Poritrin havia ilegalizado os aparelhos de colheita eletrônicos para voltar para raízes mais humildes. Sem a sofisticada maquinaria, necessitavam de grande quantidade de mão de obra. Muito tempo antes, Sajak Bludd tinha sido o primeiro nobre da liga em introduzir a escravatura como meio de viabilizar a agricultura em grande escala.

O senhor de Poritrin tinha justificado seu ato ao escolher somente aqueles que estavam em dívida com a humanidade, sobretudo covardes *budislâmicos* que tinham fugido em vez de lutar contra os titãs e as máquinas pensantes. Se não tivessem tido tanto medo de combater em defesa da humanidade, dizia Sajak Bludd, seu número teria bastado para imprimir um giro de cento e oitenta graus no curso da guerra. Trabalhar nos campos era um preço muito pequeno para seus descendentes...

Holtzman passeou pela cobertura da barcaça, pediu uma taça de suco açucarado a um garçom e meditou enquanto sorvia a bebida. Desfrutou de sua viagem mental ao tempo que contemplava o mar de erva. Nenhuma distração... mas tampouco a menor inspiração.

O grande cientista estava acostumado a empreender travessias similares com o fim de pôr em ordem suas idéias, só olhar e pensar... e trabalhar,

embora desse a impressão de que todas as pessoas a bordo estivessem em férias.

Devido aos êxitos anteriores de Holtzman, Niko Bludd tinha lhe concedido liberdade total para desenvolver as defesas e armas inovadoras que sua imaginação concebesse. Por desgraça, durante o ano anterior, o cientista tinha chegado a desagradável conclusão de que estava ficando sem idéias.

O gênio não era nada sem o impulso criativo. O sábio podia viver durante uma temporada de seus triunfos anteriores, mas tinha que contribuir com novos inventos com regularidade, do contrario *lord* Bludd começaria a duvidar dele.

Holtzman não podia permitir isso. Era uma questão de orgulho.

Sentia-se envergonhado de que os *cimeks* tivessem atravessado com tanta facilidade seus escudos decodificadores de Salusa Secundus. Como tinha podido, ele e todos os outros engenheiros e técnicos que tinham colaborado no projeto, ter esquecido o fato de que os *cimeks* tinham mentes humanas, em lugar de circuitos gelificados de inteligência artificial? Era uma falha significativa, assustadora.

De qualquer modo, a fé e esperança depositadas nele (para não falar dos recursos que financiavam seus projetos) submetiam a uma pressão incessante. A população nunca lhe permitiria que se aposentasse neste momento. Tinha que encontrar outra solução, salvar a cara uma vez mais.

Em seus laboratórios de Starda, investigava sem cessar, lia dissertações e documentos teóricos, que examinava em busca de possibilidades plausíveis. Muitos dos informe eram esotéricos, inclusive incompreensíveis, mas de vez em quando esporeavam sua imaginação.

Holtzman havia trazido consigo numerosas gravações para examinar durante seu périplo sobre as planícies de Poritrin. Um documento ambicioso e intrigante tinha sido escrito por uma teórica desconhecida de Rossak, chamada Norma Cenva. Por isso ele sabia, carecia de antecedentes, mas suas idéias eram pouco menos que assombrosas. Pensava em coisas simples de um ponto de vista totalmente diferente. Intuía que havia algo diferente nela. E ninguém a conhecia...

Enquanto a luz das estrelas acendia o imenso céu de Poritrin, permaneceu sozinho em seu camarote, bebendo um suco de frutas. Contemplou os cálculos de Norma, repetiu-os em sua memória em busca de erros, enquanto tentava compreender. Dava a impressão de que a jovem e desconhecida matemática não tinha a menor pretensão, como se extraíra das

idéias e desejasse compartilhá-las com um homem que considerava seu colega intelectual.

Estupefato por algumas de suas deduções, compreendeu que suas dúvidas surgiam mais por sua falta de capacidade que dos postulados da mulher. Norma Cenva parecia inspirada pela divindade.

Exatamente o que necessitava.

Holtzman esteve pensando durante toda a noite. Por fim, ao iluminar a aurora, relaxou e dormiu uma vez tomada sua decisão. A brisa balançava a barcaça, que continuava derivando sobre a paisagem. Dormiu com um sorriso no rosto.

Logo conheceria Norma. Talvez suas idéias pudessem ser aplicadas aos engenhos que desejava usar contra as máquinas pensantes.

Naquela tarde, o sábio escreveu um convite pessoal a Norma Cenva, e a enviou para Rossak mediante um correio da liga. Esta jovem que tinha crescido isolada na selva talvez significasse sua salvação... se dirigisse a situação com diplomacia.

22

As oportunidades constituem um cultivo enganoso, em que as diminutas flores são difíceis de ver e ainda mais difícil de colher.

ANÔNIMO

Norma Cenva se encontrava no estúdio de sua mãe, que dominava as árvores púrpura. Sentia-se como uma intrusa. Caía uma fina chuva. Algumas gotas continham impurezas e produtos químicos venenosos procedentes dos vulcões em erupção que se viam a distância. Observou que se nuvens escuras se aproximavam. Não demoraria para chover.

- O que Aurelius Venport queria que encontrasse aqui?

Sua mãe severa vivia em uma austera habitação de paredes caiadas. Um oco albergava as elegantes roupas da feiticeira, artigos muito grandes e formosos para Norma. Zufa Cenva possuía uma beleza intimidante, uma pureza luminosa que a convertia em algo tão perfeito, e tão rígido, como uma escultura clássica. Até sem poderes telepáticos, era capaz de atrair aos homens como abelhas para o mel.

Mas o encanto da chefa das feiticeiras era só superficial, e ocultava uma convicção absoluta sobre determinados temas que dissimulava em frente a Norma. Não que Zufa não confiasse em sua filha. Simplesmente pensava que a moça não seria capaz. Como suas companheiras telepáticas, dava a impressão de que Zufa sentia prazer no segredo.

- Porém Aurelius tinha visto algo na jovem.

- Encontre-o aqui e não se arrependerá, Norma - havia dito, sorridente. - Creio que sua mãe vai lhe contar logo... mas não acredito que considere prioridade.

Eu nunca fui uma de suas prioridades. Intrigada, mas temerosa de que a surpreendessem, Norma continuou o registro.

Seu olhar pousou em uma agenda que descansava sobre uma mesa. O grosso volume tinha uma coberta marrom com palavras indecifráveis, tão misteriosas como as notas matemática que Norma tinha desenvolvido. Em uma ocasião, enquanto escutava as feiticeiras falarem de seus planos complexos, Norma captou que chamavam seu misterioso idioma de "Azhar".

Desde que tinha retornado de Salusa Secundus, sua mãe se mostrou ainda mais indiferente e áspera do habitual. Devido ao ataque *cimek*, parecia inclinada a empreender projetos mais grandiosos. Quando Norma lhe perguntou sobre o esforço bélico, ela tinha se limitado a franzir o cenho.

- Nos ocuparemos disso.

A feiticeira passava a maior parte de seu tempo enclausurada com um grupo de mulheres. A Zufa tinha ocorrido uma nova idéia para defender-se das máquinas pensantes. Se sua mãe tivesse pensado que Norma podia contribuir para a causa, teria se apressado em incentivá-la. Em vez disso, Zufa tinha descartado sua filha por completo, sem lhe conceder a menor chance.

As mulheres, por volta de trezentas, tinham estabelecido uma zona de segurança nas profundidades da selva, impedindo o passo aos investigadores farmacêuticos contratados por Aurelius Venport. Qualquer explorador que se aventurasse na zona proibida se encontrava com estranhas barreiras cintilantes.

Sempre alerta, Norma tinha visto explosões inexplicáveis e fogueiras no lugar de onde as feiticeiras escolhidas por Zufa passavam semanas de intenso treinamento. Sua mãe freqüentava em poucas ocasiões seus aposentos...

Norma descobriu duas folhas de papel branco debaixo da agenda o pergaminho utilizado freqüentemente pelos correios da liga. Isso devia ser o que Aurelius desejava que encontrasse.

Aproximou um tamborete da mesa e subiu. Viu o cabeçalho da primeira folha: um documento oficial de Poritrin. Intrigada, e temerosa de que sua mãe aparecesse de um momento para outro, passou as páginas e ficou atônita ao ler em letras negras TIO HOLTZMAN.

Por que motivo o grande inventor teria escrito uma carta para sua mãe? A moça inclinou-se e leu a linha de saudação: "Querida Norma Cenva". Leu a mensagem, e logo a releu com uma mescla de prazer e ira. Tio Holtzman quer que vá aprender com ele em Poritrin! Acha que sou brilhante? Não posso acreditar.

Sua própria mãe tinha tentado ocultar, ou ao menos atrasar, a mensagem! Zufa não havia dito nada, talvez incapaz de acreditar que o sábio quisesse algo de sua filha. Por sorte, Aurelius havia dito.

Norma correu ao distrito comercial da população. Encontrou Venport em um salão de chá, concluindo uma reunião com um mercador de aspecto maltrapilho. Quando o homem de pele escura se levantou de seu assento, Norma ocupou seu lugar.

Venport sorriu com afeto.

- Você parece nervosa, Norma. Terá encontrado a carta do sábio Holtzman.

A jovem colocou o pergaminho sobre a mesa.

- Minha mãe tentou impedir que eu visse sua oferta!

- Zufa é uma mulher irritante, sei, mas tem que procurar compreendê-la. Como nenhum de nós somos capazes de fazer as coisas que ela mais valoriza, Zufa não tem em conta nossas capacidades. Sim; é consciente de seu talento para a matemática, Norma, e sabe que eu sou um homem de negócios competente, mas isso não tem importância para ela.

Norma se remexeu no assento, sem querer conceder a sua mãe o benefício da dúvida.

- Então, por que escondeu esta carta?

Venport riu.

- A atenção que você recebeu deve envergonhá-la. - Apertou sua mão. - Não se preocupe, intervirei se sua mãe tentar impedir. De fato, como está tão atarefada com as outras feiticeiras, não vejo como poderia opor-se se eu me ocupar da papelada em seu nome.

- Você faria isso? E se minha mãe...?

- Deixe que eu me ocupe de tudo. Acertarei isso com ela. - Deu um abraço em Norma. - Acredito em suas capacidades.

Aurelius Venport enviou uma carta de resposta ao famoso inventor, em que acertava a viagem de Norma. A jovem estudaria com ele em Poritrin e lhe ajudaria em seus laboratórios. Para Norma, era a oportunidade de sua vida.

Se se mudasse, sua mãe nem sequer perceberia.

23

O lar pode estar em qualquer lugar, porque faz parte de nós mesmos.

Dito zensunni

Até em pleno deserto, açoitado pelo vento, a sorte não abandonava Selim. A sobrevivência se transformou em um jogo prodigioso.

Deixou atrás de si o verme morto e tratou de encontrar uma gruta ou um terreno baixo entre as rochas, onde poderia refugiar-se da tormenta iminente. Selim, morto de sede, procurou a seu ao redor sinais de habitáculos humanos, embora duvidasse que algum homem tivesse pisado paragens tão afastadas.

Certamente, nenhum tinha vivido para contar.

Depois de vagar de planeta em planeta, os *zensunni* tinham chegado a Arrakis, onde se dispersaram e fundaram diversos povoados, muito afastados entre si.

Durante várias gerações, tinham vivido com muita dificuldade no deserto, mas só muito de vez em quando se aventuravam fora de suas zonas protegidas, temerosos dos vermes gigantes.

O verme de areia tinha arrastado o Selim para muito longe do espaçoporto, muito longe dos recursos vitais que até os *zensunni* mais acostumados necessitavam. Suas chances de sobreviver pareciam muito limitadas.

Por isso, quando topou com uma antiga estação de experimentos botânicos, não acreditou na sua boa sorte. Sem dúvida, era um sinal de Budalá. Um milagre!

Parou imóvel em frente o recinto abobadado erigido por ecologistas perdidos que haviam estudado Arrakis. Talvez cientistas do Império Antigo tinham vivido aqui e recolhido dados durante a estação das tormentas. A tosca estrutura consistia em vários edifícios baixos construídos na rocha, meio ocultos pelo tempo e pela areia impulsionada pelo vento.

Enquanto a tormenta lhe aguilhoava com grãos de areia, Selim passeou ao redor da estação abandonada. Viu veletas inclinadas, coletores de vento

trincados e outros instrumentos destinados a recolher dados que pareciam avariados. O mais importante, descobriu uma porta de entrada.

Selim procurou uma forma de entrar com suas mãos e braços doloridos pela longa viagem nas costas do verme. Afastou pó e areia, em busca de algum mecanismo manual, pois as baterias já teriam perecido. Precisava entrar no refúgio antes que a tormenta caísse sobre ele com toda sua intensidade.

Selim tinha ouvido falar de lugares semelhantes. Aventureiros *zensunni* tinham encontrado e saqueado alguns. Estas estações autônomas tinham sido construídas em Arrakis nos dias de gloria da humanidade, antes que as máquinas pensantes tomassem o poder, antes que os refugiados *budislâmicos* fugissem para se salvar. Esta instalação automatizada devia ter mil anos, talvez mais. Mas no deserto, onde o clima não mudava durante milênios, o tempo corria em uma velocidade diferente.

Selim localizou por fim o mecanismo que controlava a porta. Tal como temia, as células de energia tinham perecido, e tão só produziram uma faísca que abriu a porta alguns centímetros.

O vento uivava. A areia levantada pelo vento caia como névoa no horizonte e ocultava o sol. O polvo aguilhoava suas orelhas e rosto, e Selim sabia que logo se transformaria em uma chuva mortal.

Cada vez mais desesperado, fincou a presa na fenda e a utilizou como alavanca. A abertura se alargou um pouco, mas não o suficiente. Surgiu um jorro de ar frio do interior. Utilizou os músculos doloridos de seus braços, apoiou os pés contra a rocha para aplicar todo o peso de seu corpo e empurrou a alavanca improvisada.

A porta se abriu com um último grunhido de resistência. Selim riu e atirou a presa curva para dentro, que se chocou contra o chão com um ruído metálico. Entrou na estação, ao mesmo tempo que ouvia o rugido da tormenta cada vez mais forte. Estava em cima dele.

Embaraçado pelo vento e a areia projetada, Selim agarrou a borda da porta e empurrou com força. A areia que penetrava caiu por um ralo no chão em um receptáculo.

Tinha que ser rápido. O vento se acalmou apenas um segundo, mas foi suficiente. Fechou a porta e se encontrou a salvo da tormenta.

A salvo... incrível. Riu de sua boa sorte, e depois rezou uma oração de agradecimento, mais sincera que nenhuma outra de sua vida. Como podia duvidar de semelhante bênção?

Selim aproveitou o raio de luz para olhar ao seu redor. Por sorte, a estação abandonada tinha janelas de *plaz* e apesar de estarem arranhadas e

gretadas pela larga exposição a intempérie, permitiam entrar um pouco de luz.

O lugar era como a cova do tesouro. Guiado pela luz das janelas, encontrou umas tiras luminosas que lhe permitiram ver melhor. Depois registrou gavetas e câmaras de armazenagem. Grande parte do que havia não servia de nada: placas de dados ilegíveis, sistemas de gravação eletrônicos inutilizados, estranhos instrumentos que tinham o nome de empresas arcaicas. Não obstante, encontrou cápsulas de comida bem conservadas que não tinham se deteriorado, apesar do tempo transcorrido.

Abriu uma cápsula e comeu o conteúdo. Embora os sabores fossem estranhos, a comida teve sabor de glória, notou que sua carne esgotada se enchia de energia. Outros contêineres guardavam sucos concentrados, que lhe pareceram com ambrósia. Mas o mais valioso de tudo foi descobrir água destilada, centenas de *litrojons*. Sem dúvida tinha sido recolhimento ao longo dos séculos por extratores de umidade automáticos, abandonados pela expedição científica.

Constituía uma riqueza pessoal inimaginável. Poderia devolver várias vezes a água salobra que tinham lhe acusado de roubar da tribo. Poderia voltar aos *zensunni* como um herói. O *naib* Dhartha teria que lhe perdoar. Mas para começar, Selim não era culpado desse delito.

Descansado e satisfeito, Selim jurou que nunca daria a Dhartha a satisfação de lhe ver retornar. Ebrahim tinha traído sua amizade, e o corrupto *naib* o tinha condenado falsamente. Seu próprio povo o tinha exilado, convencidos de que ele não sobreviveria.

Agora que tinha descoberto uma maneira de viver por seus próprios meios, para que ia voltar e entregar tudo?

O jovem dormiu durante duas noites seguidas. Ao amanhecer do segundo dia, despertou e abriu mais caixas e armários. Descobriu ferramentas, corda, tecido resistente, material de construção. As possibilidades lhe encheram de alegria, e Selim tirou o chapéu rindo sozinho n o interior da estação botânica.

Estou vivo!

A tormenta tinha passado enquanto dormia, tinha arranhado sem êxito as paredes do refúgio como um monstro que tentasse entrar. Quase toda a areia se desviou, de modo que havia muito pouca amontoada ao redor do recinto. Da janela maior da estação, Selim contemplou o oceano deserto que tinha cruzado nas costas do verme. As dunas eram recentes, sem sinais distintos. Todo rastro do animal morto tinha sido apagado.

Só restava este jovem solitário.

Imaginou a longa viagem que lhe esperava, e pensou que devia aguardar uma missão especial. Porque, senão, teria Budalá tomado tantas moléstias para permitir que o pobre Selim vivesse?

O que quer que faça?

O exilado olhou para o deserto, sorridente, e se perguntou como poderia cruzar de novo aquela infinita extensão. O panorama lhe proporcionou uma sensação de suprema solidão.

Distinguiu algumas rochas na distância, erodidas por ventos eternos. Viu umas poucas plantas resistentes. Pequenos animais corriam a esconder-se em suas tocas. As dunas se fundiam com as dunas, o deserto com o deserto.

Encantado por suas lembranças, com a sensação de ser invulnerável, Selim decidiu o que deveria fazer, cedo ou tarde. A primeira vez tinha sido uma sorte incrível, mas agora sabia melhor como fazê-lo.

Devia montar de novo em um verme de areia. E da próxima vez não seria por acidente.

24

Uma das perguntas que a Jihad Butleriana respondeu com violência foi se o corpo humano é uma simples máquina que uma máquina feita pelo homem pudesse emular. Os resultados da guerra responderam à pergunta.

DOUTOR RAJID SUK,
Análise pós-traumática da espécie humana

Com uma nova forma bélica desenhada para aterrorizar aos humanos de Giedi Prime, Agamenon avançou sobre suas patas blindadas através das indústrias destroçadas e das ruínas fumegantes da cidade. Os *hrethgir* não tiveram a menor chance.

Giedi Prime tinha sido conquistada com facilidade.

As tropas invasoras abriram fogo sobre os complexos residenciais, converteram parques em campos enegrecidos. Seguindo as ordens de Agamenon, a maior honra e glória de *Omnius*, os *neocimeks* e os guerreiros robô deixaram intactas quase todas as industrias de Giedi Prime.

Agamenon tinha jurado que Giedi Prime compensaria a humilhação dos *cimeks* em Salusa. Neste momento, olhos espiões sobrevoavam o terreno e gravavam a chacina, para documentar a eficácia da operação militar liderada pelos dois titãs.

Acompanhado de seu camarada Barba Azul, Agamenon examinou a topografia das metrópoles e localizou a magnífica residência do magno. Era um lugar apropriado para estabelecer o novo centro de um governo sincronizado, um gesto simbólico de autoridade ao mesmo tempo em que uma afronta ao povo derrotado.

A forma bélica do general *cimek* era o sistema múltiplo mais monstruoso que havia concebido. Descargas elétricas percorriam músculos artificiais, esticavam cabos de fibra e moviam extremidades carregadas de armas. Flexionava suas garras de metal líquido e esmagava blocos de construção, imaginando que eram crânios de inimigos. Barba Azul, com outra configuração de ferocidade semelhante, ria da exibição.

Os *cimeks*, elevados sobre suas múltiplas pernas, percorriam as ruas semeadas de escombros. Nada se interpunha no caminho dos senhores da guerra. Os dois recordavam situações acontecidas mil anos antes, quando Vinte Titãs tinham conquistado o Império Antigo pisoteando os cadáveres de seus inimigos.

Assim devia ser. Isto não fazia mais que despertar ainda mais seu apetite.

Antes do ataque, Agamenon tinha estudado as defesas do Giedi Prime, analisado as imagens tomadas por olhos espiões que atravessava o sistema como diminutos meteoros. A partir daquelas leituras, o general *cimek* tinha idealizado um movimento tático brilhante, que aproveitaria um ponto fraco das defesas planetárias. *Omnius* tinha aceito pagar o preço necessário pela conquista de um planeta da liga, que não havia perigo de vida de um só titã, nem sequer de um *neocimek* inferior. Somente um cruzador robô. Perfeitamente aceitável, na opinião de Agamenon.

Os humanos tinham erguido campos decodificadores como os de Salusa, e haviam concentrado as torres de transmissão em Giedi Prime. Naves de combate *kindjal*, em teoria inexpugnáveis e veículos terrestres blindados protegiam suas torres. Os humanos tinham aprendido uma lição em Salusa Secundus, mas não era suficiente para protegê-los da aniquilação.

A primeira linha de forças protetoras orbitais tinha sido vaporizada pela força gigantesca da frota. As perdas robóticas foram aceitáveis. Quando Agamenon lançou o ataque das naves *cimek*, junto com os cruzadores destinados ao sacrifício, os defensores humanos compreenderam que não havia salvação.

Para iniciar o ataque, o gigantesco cruzador robô se colocou sobre Giedi Prime, com as adegas carregadas de explosivos. Dúzias de outros cruzadores se prepararam para o ataque. Guiado pela inteligência de uma máquina pensante, a enorme nave acendeu seus motores e acelerou a toda velocidade para seu objetivo.

- Descida de aproximação em curso - havia informado a mente da nave, ao mesmo tempo que transmitia imagens as forças que aguardavam. Trinta naves de assalto haviam saído disparadas para a superfície, também com a esperança de alcançar o alvo, mas destinadas a ser o objetivo dos mísseis defensivos terra-ar.

O plano se apoiava na força bruta e na supremacia numérica, não na delicadeza. Entretanto, seria efetivo.

Com os motores a toda velocidade, a nave destinada ao sacrifício tinha acelerado até penetrar na atmosfera de Giedi Prime, mais veloz que qualquer míssil defensivo. Outros cruzeiros se aproximaram do escudo decodificador invisível. Nuvens de fumaça brancas e explosões indicavam que os mísseis terra-ar tinham encontrado o objetivo. O número diminuía, assim como a distância. Os humanos jamais poderiam repelir os invasores.

A nave robô condenada enviou as últimas imagens aos olhos espiões, para que *Omnius* dispusesse de uma gravação completa da conquista do Giedi Prime. Cada nanosegundo... até que atravessou a rede decodificadora, que apagou o cérebro guia de inteligência artificial.

As transmissões se interromperam.

Mesmo assim, o colosso continuou descendendo. Embora com seu cérebro de circuitos gelificados neutralizado, o cruzeiro caía como um martelo do tamanho de um asteróide.

As naves *kindjal* dispararam contra o cruzador carregado de explosivos, mas era impossível desviá-lo.

O gigantesco cruzeiro se chocou contra as torres transmissoras situadas nos subúrbios de Giedy City. Abrindo uma cratera de meio quilômetro de largura. Os transmissores, as defesas e as zonas habitadas circundantes foram vaporizadas.

As ondas de choque tinham derrubado arranha-céu em quilômetros à volta e destroçado janelas. Os escudos decodificadores Holtzman foram neutralizados em um abrir e fechar de olhos, e a tropa local sofreu muitas baixas.

Depois, os *cimeks* e os robôs se encarregaram do restante.

- Barba Azul, meu amigo, fazemos nossa entrada triunfal? - perguntou Agamenon quando chegaram à residência do magno.

- Como quando entramos com Tlaloc nos salões do Império Antigo - respondeu o outro titã. - Fazia muito tempo que não desfrutava tanto de uma vitória.

Guiaram os entusiasmados *neocimeks* sem problemas pelas ruas da cidade mártir. Os humanos estupefatos eram incapazes de opor resistência. Depois dos conquistadores *cimek* partiam tropas robô, encarregadas de colaborar na limpeza de inimigos.

Embora parte da população do Giedi Prime se ocultasse, com o tempo os cidadãos desmoronariam. Possivelmente levariam anos para acabar com as últimas células de resistência feroz. Não havia dúvida de que as máquinas suportariam décadas de ataques de guerrilhas, dirigidos pelos sobreviventes da

tropa local, convencidos de que algumas mordidas sem importância obrigariam aos invasores a partir. Formar grupos de resistentes seria uma tarefa inútil, mas sabia que os nativos não se resignariam com facilidade.

Agamenon se perguntou se deveria chamar Ajax para terminar a limpeza. O brutal *cimek* gostava de caçar humanos, como tinha demonstrado com tanta eficácia durante as revoltas *hrethgir* de Walgis. Enquanto instalavam uma cópia da supermente nas cinzas de Giedi City, Agamenon transmitiria as devidas recomendações à nova encarnação de *Omnius*.

Agamenon e Barba Azul derrubaram a fachada da residência do governador, deixando espaço suficiente para seus corpos. Soldados robô, muito menores que os *cimeks*, seguiram-lhes ao interior do edifício. Ao fim de poucos momentos, os robôs conduziram o magno ante os dois titãs.

- Tomamos posse de seu planeta em nome de *Omnius* - declarou Barba Azul. - Giedi Prime é agora um planeta sincronizado. Exigimos sua colaboração para consolidar nossa vitória.

O magno Sumi, que tremia de medo, teve não obstante arrestos para cuspir no chão de formosos ladrilhos, que os *cimeks* tinham esmagado com seu peso.

- Incline-se ante nós - trovejou Barba Azul.

O magno riu.

- Está louco. Eu nunca...

Agamenon girou para um lado um de seus esbeltos braços metálicos. Ainda não tinha testado totalmente seu novo corpo, e desconhecia a magnitude de sua força. Sua intenção era esbofetear ao governador, mas o braço deu-lhe um golpe tão feroz que partiu pela metade o torso do homem. As duas partes do corpo foram parar contra a parede do fundo, entre uma nuvem de sangue.

- De qualquer modo, minha petição era pura formalidade.

Agamenon voltou as fibras ópticas para seu companheiro.

- Comece a trabalhar, Barba Azul. Estes robôs o ajudarão.

O gênio da informática começou a desmantelar os sistemas da residência do governador e a colocar condutos de energia e maquinaria. Acrescentou junções e instalou uma esfera gelificada elástica com a qual carregou a última versão da mente de *Omnius*.

O processo durou várias horas, durante as quais os invasores se desdobraram pela cidade, apagaram incêndios e escoraram os edifícios industriais que Agamenon considerava importantes para o funcionamento do planeta.

Não obstante, deixaram queimar os edifícios de moradias. Que os humanos as arrumassem como pudessem. A desdita os ajudaria a compreender que sua posição era se desesperada.

Os olhos espiões gravavam tudo sem cessar. Ao menos, desta vez era uma vitória. Agamenon dissimulava sua impaciência com desagrado, sabendo que a resistência contra a supermente era estéril. *Por enquanto*. Devia escolher o momento e lugar adequados.

Uma vez instalada e ativada, a nova encarnação de *Omnius* não expressaria gratidão aos dois titãs, na aparência leais, por sua vitória, nem tampouco lamentaria a perda de seu cruzador. Era uma operação militar bem executada, e os Planetas Sincronizados haviam acrescentado mais uma jóia da humanidade ao seu império. Um êxito psicológico e estratégico.

Quando terminou a carga, Agamenon ativou a nova cópia da supermente. Os sistemas ganharam vida e o computador onisciente começou a examinar seus novos domínios.

- Bem-vindo lorde *Omnius* - disse Agamenon aos alto-falantes. - Ofereço outro planeta como presente.

25

Nossa felicidade é máxima quando planejamos nosso futuro, dando rédea solta a nosso otimismo e imaginação. Por desgraça, o universo nem sempre dá atenção a esses planos.

ABADESSA LIVIA BUTLER,
diários pessoais

Embora seu matrimônio estivesse cantado de antemão, Serena e Xavier suportaram sem problemas o luxuoso banquete de compromisso oferecido pelo vice-rei Manion Butler em seu palácio.

Emil e Lucille Tantor haviam trazido cestas de maçãs e peras de seus pomares, assim como enormes tonéis de azeite de oliva virgem para encharcar os pãezinhos de compromisso.

Manion Butler ofereceu aos convidados boi assado, galinha recheada e pescados cheios. Serena contribuiu com flores de seus jardins, que tinha cuidado desde sua infância.

Os famosos artistas salusianos ataram cintas aos arbustos do pátio e deram uma exibição de bailes populares. As mulheres prenderam seus cabelos com pentes de prender cabelos adornados com jóias, embelezadas com vestidos brancos bordados. As saias voavam como redemoinhos ao redor de sua cintura, enquanto belos cavalheiros revoavam a seu redor como perus reais. A melancólica música dos *balisets* se prolongou até a tarde.

Xavier e Serena vestiam trajes impressionantes, dignos de um oficial militar e a inteligente filha do vice-rei da liga. Passearam entre os convidados, e tiveram o bom cuidado de chamar a cada um por seu nome. O casal degustou vinhos de qualidade oferecidos pelos nobres de cada casa. Xavier, que já não podia captar os matizes das colheitas, procurou não embebedar-se muito. A perspectiva de seu iminente matrimonio o aturdia.

A irmã menor de Serena, Octa, dois anos mais jovem, parecia igualmente emocionada. Com seu comprido cabelo castanho adornado com laços, Octa estava fascinada pelo prometido de sua irmã, e fantasiava com a possibilidade de contrair matrimônio algum dia com outro oficial jovem e bem posto.

Para surpresa de todos, a mãe de Serena, Livia, foi passar o fim de semana na mansão dos Butler. A esposa de Manion saía em poucas ocasiões da Cidade da Introspecção, um retiro onde vivia afastada das preocupações e pesadelos do mundo terrestre. O recinto espiritual, propriedade dos Butler, tinha sido criado para estudar e meditar sobre o Zen Hekiganshu de III Delta Pavonis, o Tawrah e o Zbur talmúdico, inclusive o ritual Obeah. Sob a proteção dos Butler, a cidade havia chegado a ser algo que seus similares não tinham conhecido durante milênios.

Xavier não tinha visto com freqüência a mãe de Serena, sobretudo nos últimos anos. Com sua pele bronzeada e rosto enxuto, Livia Butler era uma beleza. Alegrava-se do compromisso de sua filha, e dava a impressão de que desfrutava dançando com seu jovial marido, ou sentada a seu lado à mesa do banquete. Não parecia uma mulher que houvesse renunciado o mundo.

Anos antes, muitas famílias nobres tinham invejado o sólido matrimônio de Livia e Manion. Serena era sua filha maior, porém também tinham dois gêmeos, dois anos mais novos: a tranqüila e tímida Octa, e um menino inteligente e sensível, Fredo. Enquanto Serena se dedicava ao estudo das ciências políticas, os gêmeos cresceram muito unidos, pois nenhum tinha as aspirações de sua irmã maior.

Fredo estava fascinado pelos instrumentos musicais, as canções folclóricas e as tradições dos planetas mais importantes do Império Antigo. Aprendeu música e poesia, enquanto Octa se decantou pela pintura e a escultura. Na sociedade salusiana, se respeitava em grau supremo os artistas e as pessoas criativas, aos que se admirava tanto como aos políticos.

Mas com quatorze anos, Fredo morreu de uma enfermidade galopante. Tinha ido piorado a cada mês que passava, e seus músculos se atrofiaram. Seu sangue não se coagulava, e seu estômago era incapaz de reter qualquer alimento. Os médicos salusianos nunca tinham visto algo semelhante. O vice-rei Butler pediu ajuda à liga, desesperado.

Os homens de Rossak ofereceram certos fármacos experimentais, procedentes de suas selvas ricas em cogumelos. Livia insistiu em provar tudo. Por desgraça, o moço reagiu mal ao terceiro fármaco de Rossak, uma reação alérgica que inchou sua garganta. Fredo sofreu uma série de convulsões e deixou de respirar.

Octa tinha chorado a morte de seu irmão, e chegou a temer por sua vida. Ao fim, opinaram que a enfermidade de Fredo era de tipo genético, o qual significava que seus irmãos também podiam contrair a mesma doença. Octa cuidou de sua saúde e viveu cada dia no temor de que sua vida terminaria igual à de seu irmão, lenta e dolorosamente.

Serena, sempre otimista, tentou consolar sua irmã. Embora nenhuma das irmãs mostrou sintomas da cruel enfermidade, Octa abandonou suas atividades artísticas e se converteu em um ser comedido e meditabundo. Era uma adolescente frágil, aferrada a a esperança de que algo iluminara sua vida.

Embora seu marido fosse um político brilhante, e sua importância aumentasse a cada dia que passava, Livia tinha se retirado da vida pública e apenas abandonava seu retiro espiritual, onde concentrava-se em matérias filosóficas e religiosas. Doava importantes quantias para a construção de centros médicos, templos e bibliotecas. Depois de dedicar incontáveis noites a conversar com a pensadora Kwyna, Livia se transformou na abadessa do monastério.

Depois da tragédia, Manion Butler se entregou em corpo e alma a trabalhar pela liga, enquanto Serena se sentia afligida por um peso crescente e se fixava objetivos mais importantes. Embora não pôde fazer nada para ajudar a seu irmão, desejava aliviar o sofrimento do próximo sempre que podia. Dedicou-se à política, obcecada pela abolição da escravidão, prática habitual nos planetas da liga, e trabalhou por descobrir uma forma de vencer as máquinas pensantes. Ninguém a tinha acusado jamais de falta de perspectiva ou energia...

Embora vivessem separados, Manion e Livia Butler continuavam sendo os pilares da sociedade salusiana, orgulhosos das realizações mútuas. Não estavam divorciados, nem separados do ponto de vista emocional... mas seguiam caminhos diferentes. Xavier sabia que a mãe de Serena voltava de vez em quando para ficar com seu marido, e gostava de passar o fim de semana com suas filhas. Porém sempre retornava à Cidade da Introspecção.

O compromisso de Serena era um acontecimento importante o bastante para que sua mãe saísse à luz pública. Depois que Xavier dançou com sua prometida quatro vezes seguidas, Livia insistiu em compartilhar uma dança com seu futuro genro.

Mais tarde, durante um prolongado concerto acústico de baladas interpretadas por histriões salusianos, Xavier e Serena desapareceram, enquanto Livia chorava, quando recordou que Fredo tinha desejado ser músico. Manion, sentado ao lado de sua esposa, a embalava com doçura.

Xavier e Serena já estavam fartos de saudar os convidados, degustar vinho e comida, de fazer conversar. Riam todas as brincadeiras, fossem sutis ou grosseiras, para não ofender as famílias importantes. A estas alturas, ansiavam passar alguns momentos a sós.

Por fim, fugiram pelos corredores da mansão, até chegar a um pequeno estúdio situado junto à sala do Sol Invernal. No inverno, a luz do sol tingia de

arco íris oblíquos esta estância. A família Butler sempre tomava o café da manhã aqui no inverno, enquanto contemplavam o sol nascente. Era um lugar que trazia muitas lembranças a Serena.

Se escondeu com o Xavier no gabinete e o beijou. Ele acariciou-lhe o cabelo e a beijou por sua vez, ansioso por possuí-la.

Quando ouviram passos apressados no corredor, os amantes guardaram silêncio, mas Octa os descobriu com facilidade. Ruborizada, afastou a vista.

- Vocês precisam voltar para a sala de banquetes. Papai está a ponto de servir a sobremesa. Além disso, está a ponto de chegar um mensageiro extra-planetário.

- Um mensageiro? - Xavier perguntou. - De onde?

- Foi a Zimia para solicitar audiência ao Parlamento, mas como quase todos os nobres vieram ao banquete, vem para cá.

Xavier ofereceu um braço a cada irmã.

- Vamos ver o que nos quer comunicar esse mensageiro - disse, em tom frívolo forçado. - Afinal, não comi quase nada. Um prato de nata torrada e outro de ovos roubados não seriam nada mal.

Octa riu, mas Serena olhou-o com expressão zombeteira.

- Suponho que terei que me resignar a viver com um marido obeso.

Entraram na sala, onde os convidados estavam dando conta de uma extensa seleção de sobremesas. Manion e Livia brindaram pelo casal.

Xavier sorveu seu vinho e detectou certa preocupação nos gestos do vice-rei. Todos fingiam indiferença pelas notícias que o mensageiro poderia comunicar, mas quando se ouviu um golpe na porta, toda atividade cessou. O próprio Manion Butler foi abrir a porta, e indicou ao homem que entrasse.

Não era um correio oficial. Tinha o olhar extraviado e o uniforme desalinhado, como se fosse indiferente ao protocolo e as aparências. Xavier reconheceu a insígnia da tropa local de Giedi Prime. Como outros uniformes da liga, exibia o selo dourado da humanidade livre na lapela.

- Trago graves notícias, vice-rei Butler. A nave mais veloz me trouxe para seu lar.

- O que acontece, jovem?

A voz do vice re transparecia temor.

- Giedi Prime caiu em poder das máquinas pensantes! - O oficial elevou a voz para fazer-se ouvir por cima dos gritos incrédulos dos convidados. - Os robô e os *cimeks* descobriram uma falha em nossas defesas e destruíram nossos escudos decodificadores. Grande parte da população foi exterminada, e os sobreviventes escravizados. Um novo *Omnius* já foi ativado.

Todos prorromperam em gritos de dor. Xavier aferrou a mão de Serena com tal força que teve medo de lhe machucar. Estava petrificado de estupor.

Acabara de chegar de Giedi Prime, tinha inspecionado as defesas em pessoa. Sim, só pensava em terminar sua viagem de inspeção para voltar para Serena. Tinha passado por cima de algum defeito? Fechou os olhos, enquanto as perguntas e os comentários incrédulos aconteciam. Tinha sido culpa dele? Um simples engano, a impaciência de um jovem apaixonado, tinha provocado a queda de todo um planeta?

Manion Butler apoiou ambas as mãos sobre a mesa para não perder o equilíbrio. Livia pousou a mão sobre o ombro de seu marido, afim de lhe brindar seu apoio silencioso. A mulher fechou os olhos, e moveu os lábios como se rezasse.

O vice-rei falou.

- Outro mundo livre conquistado pelos Planetas Sincronizados, e um de nossos lugares fortes. - Endireitou e respirou fundo. - Devemos convocar imediatamente um conselho de guerra, e chamar todos os representantes. - Dirigiu um olhar significativo a Serena. - Daremos as boas-vindas a qualquer um que deseje falar em nome dos Planetas Não Aliados e deseje somar-se à luta.

26

Todo elemento do universo contém defeitos, incluídos nós.
Nem sequer Deus alcança a perfeição em Suas criações.
Só a humanidade defende tamanha arrogância.

PENSADORA KWYNA,
arquivos da Cidade da Introspecção

Seus gritos ressonavam nas silenciosas cidades dos penhascos que dominavam a selva púrpura. Zufa Cenva estava tombada em um colchão em seu quarto. Gritava de dor, com os dentes apertados e os olhos frágeis.

Sozinha. Ninguém ousava aproximar-se de uma feiticeira do Rossak presa do delírio.

Uma cortina metálica que fazia as vezes de porta vibrava por obra de uma força telecinética invisível. As prateleiras das paredes estremeciam depois das explosões psíquicas da Zufa. Potes e lembranças caíam ao chão.

Tinha o longo cabelo branco desgrenhado, sacudido pela energia interna. Suas mãos pálidas aferravam os lados do colchão como garras. Se alguma mulher se aproximasse para acalmá-la, Zufa teria arranhado seu rosto e a lançado contra a parede com sua força mental.

Voltou a gritar. A feiticeira já tinha sofrido abortos em ocasiões anteriores, mas nunca um tão doloroso e dilacerador. Amaldiçoou em silencio Aurelius Venport.

A coluna vertebral da Zufa estremeceu, como se alguém lhe tivesse aplicado uma descarga elétrica. Delicados objetos decorativos flutuaram no ar, como se estivessem suspensos por cabos invisíveis, e logo saíram disparados em todas direções, até romper-se em mil pedaços. Um vaso de flores secas estalou em chamas brancas.

Ofegou quando seu corpo sofreu todo tipo de cãibras e atendeu seus músculos abdominais. Dava a impressão de que aquele feto queria matá-la antes que pudesse expulsá-lo do útero.

Outro fracasso! Tinha tanta vontade de dar a luz uma verdadeira filha, uma sucessora que guiasse suas irmãs feiticeiras para novas cúpulas de poder

mental. O índice genético a tinha enganado uma vez mais. Maldito fosse Venport e seus defeitos! Deveria tê-lo abandonado muito tempo antes.

Zufa, louca de dor e desespero, teve vontades de matar o homem que a havia inseminado, apesar que fora ela quem tinha insistido em ficar grávida. Havia efetuado os cálculos de linhagem com tanta atenção, examinado os genes uma e outra vez. Procriar com Venport teria que ter dado como resultado uma descendência de classe superior.

Nada parecido com isto.

Descargas telepáticas ressonaram nos corredores, e as mulheres do Rossak fugiram aterrorizadas. Então, viu Aurelius Venport na soleira, com expressão preocupada.

Mas Zufa sabia que era um falsário.

Venport, indiferente a sua sorte, entrou na habitação, um modelo de paciência, preocupação e tolerância. As descargas mentais de sua amante ressoavam de uma parede a outra do dormitório, derrubavam móveis. Com intenção de lhe desprezar, a feiticeira destroçou um conjunto de diminutas esculturas que lhe tinha presenteado durante seu noivado e análise genética.

Seguiu avançando, como se fosse imune a seus estalos de ferocidade. Do corredor, vozes apagadas lhe aconselharam precaução, mas ele desprezou esses avisos. Aproximou-se do colchão, com um sorriso que projetava compaixão e compreensão.

Venport se ajoelhou ao lado da cama, acariciou sua mão suarenta. Sussurrou em seu ouvido. A feiticeira não podia compreender suas palavras, mas agarrou seus dedos com a esperança de quebrá-los. Mesmo assim, o homem não se deixou intimidar.

Zufa lançou acusações de traição.

- Leio seus pensamentos! Sei que só pensa em você.

Sua imaginação concebia estratagemas, que atribuía à mente tortuosa de Venport. Se a grande Zufa Cenva já não o protegia, quem cuidaria dele como a um animal doméstico? Quem iria querê-lo? Duvidava de que fosse capaz de cuidar de si mesmo.

E depois se perguntou, com maior temor, ele podia?

Venport tinha enviado Norma a Poritrin, pelas costas da Zufa, como se estivesse convencido que um homem como Tio Holtzman desejasse trabalhar com sua filha. O que estava tramando? Apertou os dentes, com o desejo de demonstrar que compreendia suas intenções. Suas ameaças surgiram entre os dentes.

- Não pode... me deixar morrer, bastardo! Ninguém mais... o... aceitaria!

Ele a olhou com ar paternal.

- Você me disse muitas vezes que procedo de uma boa estirpe genética, querida. E não desejo mais nenhuma feiticeira. Prefiro ficar contigo. - Baixou a voz, e olhou-a com um amor intenso, que ela foi incapaz de compreender. – Eu a compreendo melhor que você, Zufa Cenva. Sempre insistente, sempre exigindo mais do que ninguém pode dar. Ninguém, nem sequer você, pode ser perfeita sempre.

Com um grito prolongado final, a feiticeira expulsou o feto disforme e monstruoso. Ao ver o sangue, Venport pediu auxílio aos gritos, e duas valentes parteiras entraram no quarto. Alguém envolveu o feto em uma toalha como se fosse um sudário, enquanto a outra aplicava calmantes naturais na pele de Zufa. Venport foi procurar os melhores fármacos que guardava em seu laboratório.

Por fim, tomou o feto em suas mãos. Tinha a pele escura e estranhas manchas, disseminadas por seu corpo carente de membros, que pareciam olhos. Viu que o feto se agitava uma última vez, e logo deixava de mover-se.

Envolveu-o na toalha, sem fazer caso da lágrima que escapava de seu olho. Venport estendeu o feto a uma das parteiras, sem dizer nada. Elas o levariam para a selva, e ninguém voltaria para vê-lo.

Esgotada-a feiticeira sofria tremores incessantes. Estava voltando a si. E ao desespero. O aborto lhe tinha provocado uma profunda tristeza, que não tinha nada com o programa de reprodução. Quando recuperou a visão, observou a destruição que tinha causado na casa. Uma demonstração de debilidade, de falta de controle.

Era seu terceiro aborto horripilante desde que tinha tomado Venport como marido.

Estava cheia de decepção e raiva.

- Eu o escolhi por sua linhagem, Aurelius - murmurou entre seus lábios ressecados. - Qual foi meu erro?

Ele a olhou, inexpressivo, como curado de sua paixão.

- A genética não é uma ciência exata.

Zufa fechou os olhos.

- Fracassos, sempre fracassos.

Era a grande feiticeira do Rossak, mas tinha suportado muitas decepções. Zufa lançou um suspiro de desagrado quando pensou em sua filha, sem querer acreditar que a feia anã era o melhor que podia dar de si.

Venport meneou a cabeça, sério e impaciente agora que o perigo tinha passado.

- Você teve êxitos, Zufa. O problema é que não quer reconhecê-lo.

A feiticeira se obrigou a descansar, a recuperar-se. Com o tempo, Zufa voltaria a tentar, mas com outro homem.

27

A investigação excessivamente organizada é confusa, e não produz nada novo.

TIO HOLTZMAN,
carta a lorde Niko Bludd

Quando chegou a Poritrin, depois de sua primeira viagem espacial, Normatiza Cenva se sentiu deslocada. Sua forma diminuta chamava a atenção, mas estava acostumada que as pessoas a olhasse com compaixão. Existiam diversas raças nos Planetas Não Aliados, algumas de pequena estatura. Ela só queria impressionar ao Tio Holtzman.

Antes que Norma partisse de Rossak, sua mãe a tinha tratado com assombro depreciativo. Zufa preferia acreditar que o brilhante sábio tinha cometido um equívoco ou havia interpretado mal algum trabalho teórico de Norma. Esperava que sua filha voltasse para casa ao fim de pouco tempo.

Aurelius Venport se encarregou de todos os trâmites, e pagou de seu bolso um camarote melhor do que Holtzman havia oferecido. Enquanto sua mãe continuava trabalhando com as aprendizas de feiticeira, Venport tinha acompanhado a Norma até a estação espacial de Rossak. Tinha lhe dado um buquê de flores secas, e um casto abraço antes que a moça subisse à nave.

- Nós os fracassado temos que permanecer unidos.

Norma recordou aquele comentário carinhoso, mas ao mesmo tempo inquietante, durante a longa viagem até Poritrin... Quando a lançadeira aterrissou na cidade da Starda, Norma adornou seu cabelo castanho com as flores secas do Venport, um toque de beleza que contrastava com a fealdade de sua cara larga, cabeça grande e nariz redondo. Vestia uma blusa folgada e calças confortáveis, ambos feitos de fibras de samambaias.

A moça só levava uma pequena bolsa de viagem. Desceu pela rampa, ansiosa por conhecer o cientista que mais admirava, um pensador que a levava a sério. Tinha ouvido falar em numerosas ocasiões das proezas matemáticas de Holtzman, e faria o possível para ajudá-lo. Esperava não decepcioná-lo.

Esquadrinhou a multidão e reconheceu imediatamente o eminente cientista. Holtzman era um homem amadurecido, bem barbeado e de cabelo

cinza comprido até os ombros. Suas mãos e unhas estavam bem cuidadas, sua indumentária era impecável.

Ele a recebeu com um amplo sorriso e os braços abertos.

- Seja bem-vinda a Poritrin, senhorita Cenva. - Holtzman apoiou ambas as mãos sobre seus ombros, no modo de saudação oficial. Se sentiu-se decepcionado ao ver a estatura e as feições pouco agraciadas de Norma, não demonstrou. - Espero que tenha trazido consigo sua imaginação.

Indicou uma porta.

- Temos que trabalhar muito juntos.

Guiou-a longe dos olhares curiosos, e logo subiram a bordo de uma barcaça que sobrevoou o rio Isana.

- Poritrin é um planeta calmo, onde posso deixar vagar minha mente e pensar em coisas que podem salvar a raça humana. - Holtzman sorriu com orgulho. - Espero que você me ajude.

- Farei o que puder, sábio Holtzman.

- Que mais poderia pedir?

A luz do entardecer pintava de um tom amarelado as nuvens que cobriam os céus de Poritrin. A barcaça deslizou sobre os regatos que rodeavam ilhas e bancos de areia. Navios carregados de cereais e outros produtos sulcavam o largo rio. O fértil Poritrin alimentava muitos planetas menos afortunados, e em troca recebia matérias primas, aparelhos, produtos manufaturados e escravos humanos.

Alguns dos edifícios maiores do espaçoporto eram navios sobre pontes de tábua, ancorados às bases de penhascos de arenito. Os telhados eram compostos por placas de metal azul prateado, fundido nas minas do norte.

O sábio assinalou um penhasco que dominava a cidade da Starda, em cujos edifícios reconheceu Norma a influência da arquitetura navacristiana clássica.

- Meus laboratórios se encontram ali em cima. Edifícios e armazéns, moradias para meus escravos e calculadores, assim como meu lar. Tudo construído no interior desse pico de rocha.

O transporte se desviou por volta de duas seções de pedra, como dedos que se elevassem sobre o leito do rio. Norma viu janelas de plaz, balcões cobertos com toldos e uma passarela que se comunicava com a abóbada de uma torre com os edifícios de outra torre.

Holtzman se sentiu lisonjeado com seu assombro.

- Temos aposentos para você, Norma, além de laboratórios privados e uma equipe de ajudantes que se encarregarão de efetuar os cálculos apoiados em suas teorias. Espero que os mantenha sempre muito ocupados.

Norma olhou para ele, perplexa.

- Haverá outras pessoas que se ocupem dos cálculos matemáticos?

- É obvio! - Holtzman afastou o cabelo do rosto e se envolveu no manto branco.

- Você é uma pessoa de idéias, como eu. Queremos que desenvolva conceitos, mas sem se preocupar em colocá-los em prática. Não deveria perder tempo em tediosos cálculos aritméticos. Qualquer pessoa mais ou menos preparada pode fazê-lo. Para isso existem os escravos.

Quando a barcaça pousou sobre um mole de lajes vidradas, apareceram criados para se ocupar da bagagem de Norma e oferecer a ambos os refrescos. Como um moço ansioso, Holtzman conduziu Norma até seus impressionantes laboratórios. Estavam cheios de relógios de água e esculturas magnéticas, onde orbitavam esferas seguindo caminhos elétricos sem necessidade de cabos ou mecanismos de transmissão. Esboços e desenhos por terminar cobriam tabuleiros eletrostáticos rodeados de cálculos sinuosos sem nenhuma conclusão lógica.

Norma passou a vista ao seu redor e percebeu que Holtzman havia abandonado mais conceitos dos que ela tinha criado em sua vida. Mesmo assim, muitos papéis e desenhos geométricos pareciam um pouco antigos. Estavam quase apagados e os papéis se curvavam nas bordas. Holtzman desprezou os intrigantes objetos com um gesto desdenhoso.

- Simples brinquedos, artefatos inúteis que guardo para me divertir. - Afundou um dedo em uma das bolas flutuantes, o que impulsionou outros modelos de planetas a órbitas perigosas, pois ficaram girando como corpos celestiais descontrolados.

Às vezes, brinco com eles para inspirar-me, porém no genal só conseguem me fazer pensar em outros brinquedos, não em armas de destruição que necessitamos para nos salvar da tirania das máquinas. - Holtzman franziu o cenho e continuou. - O fato de não poder utilizar computadores sofisticados põe travas a meu trabalho. Para efetuar os enormes cálculos necessários para demonstrar uma teoria, não me fica outro remédio senão confiar nas capacidades mentais humanas e esperar o melhor do falível talento para o cálculo de gente adestrada. Venha, vou apresentar os calculadores.

Guiou-a até uma sala bem iluminada, rodeada de ventiladores. Contava com numerosos bancos e mesas idênticas, ocupadas por trabalhadores que utilizavam calculadoras manuais. A julgar por sua roupa ordinária e expressão abatida, Norma deduziu que aqueles homens e mulheres deviam ser escravos.

- Esta é a única maneira de imitar as capacidades de uma máquina pensante - explicou Holtzman. - Um computador é capaz de repetir milhares de milhões de operações. A nós custa mais, mas com gente suficiente trabalhando em conjunto, efetuamos milhões de cálculos sem ajuda. O único problema é que demoramos mais.

Percorreu os estreitos corredores que separavam os calculadores, eles riscavam freneticamente cifras e símbolos matemáticos em tabuletas, conferiam e voltavam a conferir os resultados antes de passar ao seu companheiro de fileira.

- Até a operação matemática mais complicada pode dividir-se em uma seqüência de passos corriqueiros. Cada um destes escravos foi preparado para completar equações concretas, como em uma linha de montagem. Em conjunto, esta mente humana coletiva é capaz de levar a cabo a maravilha.

Holtzman inspecionou a sala como se esperasse que seus calculadores prorrompessem em vivas. Em troca, continuaram estudando sua parte, equação após equação, sem compreender nem o motivo nem o objetivo.

Norma sentiu compaixão por eles, devido a ter sido desprezada e ignorada durante tanto tempo. Sabia que a escravidão era algo normal em muitos planetas da liga, assim como nos planetas governados pelas máquinas. Não obstante, supôs que estes indivíduos preferiam trabalhar com a mente que como agricultores.

- Todos os calculadores estão a sua disposição, Norma - disse o sábio, - sempre que desenvolver uma teoria que seja preciso verificar. O passo seguinte é construir protótipos para o desenvolvimento e análise posterior. Temos muitos laboratórios e instalações experimentais, mas o trabalho mais importante começa aqui.

Bateu o dedo na fronte.

Holtzman sorriu e baixou a voz.

- Sempre existe a possibilidade de cometer enganos, inclusive gente de nossa categoria. Se isso ocorrer, terá que confiar em que lorde Niko Bludd nos permita continuar trabalhando para ele.

28

Só aquelas pessoas de visão estreita não percebem que a definição de impossível é "falta de imaginação e estímulo".

SERENA BUTLER

No salão principal da mansão Butler, Xavier Harkonnen se removia inquieto em um sofá de brocado verde. Seu uniforme não estava pensado para acomodar-se em móveis elegantes.

Quadros de antepassados Butler adornavam as paredes, incluído um que parecia a caricatura de um cavalheiro, com um fino bigodinho e um tricornio.

Tinha aproveitado um momento de descanso para dirigir-se para casa e surpreender Serena. Os criados tinham pedido que esperasse. Octa, ruborizada, apareceu com um refresco. Embora sempre a tivesse visto como a irmã menor de Serena, Xavier percebeu com surpresa de que era uma jovem muito atraente. Agora que Serena acabara de se comprometer, Octa devia estar sonhando com casar-se, se algum dia superasse a adoração adolescente que sentia por ele.

- Serena não o esperava, mas virá em seguida. - Octa desviou a vista. - Está reunida com um grupo de homens e mulheres de aspecto muito sério, ajudantes providos de aparelhos eletrônicos e alguns membros da tropa. Um pouco relacionado com seu trabalho no Parlamento, parece-me.

Xavier lhe dedicou um pálido sorriso.

- Nós dois temos muitos projetos, mas vivemos tempos difíceis.

Enquanto Octa se dedicava a organiza livros e estatuetas em uma estante, Xavier pensou na sessão do Parlamento que tinha presenciado dois dias antes. Abatida pela trágica queda do Giedi Prime, Serena tinha tentado instigar os representantes dos planetas mais poderosos, com a esperança de forjar uma operação de resgate. Sempre tinha desejado fazer algo. Esse era um dos motivos pelos quais Xavier a queria tanto. Enquanto outros aceitavam a derrota e viviam em o temor de que *Omnius* desejasse prosseguir suas conquistas, Serena queria salvar o mundo.

Qualquer mundo.

Havia falado com apaixonadamente na sede provisória do Parlamento.

- Não podemos abandonar Giedi Prime! As máquinas pensantes burlaram seus campos decodificadores, assassinado o magno, escravizando o povo, e sua presença é cada dia mais numerosa. Tem que haver sobreviventes da tropa local lutando atrás das linhas inimigas, e sabemos que estavam a ponto de concluir a construção de outra estação geradora de escudo protetor. Talvez possa funcionar! Temos que combater antes que as máquinas pensantes estabeleçam sua própria infra-estrutura. Se esperarmos, sua defesa será inexpugnável.

- Pelo que sabemos, já é inexpugnável - grunhiu o representante da Colônia Vertree, um planeta industrial.

- Levar a Armada a Giedi Prime seria um suicídio - acrescentou o representante de Zanbar. - Sem seus escudos decodificadores, não restam defesas, e as máquinas nos aniquilariam em um enfrentamento direto.

Serena agitou um dedo em direção ao nervoso público.

- Não necessariamente. Se pudermos entrar no planeta sem ser vistos e terminar o trabalho no segundo complexo gerador de escudo protetor, com o fim de projetar uma nova capa de campos decodificadores, poderíamos interromper...

Os membros da liga tinham rido da sugestão. Ao ver a expressão contrita de Serena, Xavier se sentiu tão ferido como ela, mas a jovem não havia compreendido a dificuldade de sua ingênua fantasia, a impossibilidade de restaurar os escudos de Giedi Prime diante dos narizes dos conquistadores. Durante sua excursão de inspeção, Xavier tinha averiguado que os engenheiros podiam demorar dias ou semanas, trabalhando nas condições ótimas, para fazer o sistema funcionar.

Mas Serena nunca retrocedia em seu empenho, ao pensar no sofrimento de tantos seres humanos.

A votação significou uma derrota entristecedora para ela.

- Não podemos investir os recursos, potência de fogo ou pessoal necessários em uma missão imprudente para ajudar um planeta que já perdemos. Agora se transformou em uma praça forte das máquinas.

Os nobres temiam por suas próprias defesas.

Esse trabalho ocupava quase todo o tempo de Xavier. Como oficial da Armada, havia celebrado longas reuniões com funcionários e representantes do Parlamento, incluído o vice-rei Butler. Xavier estava decidido a averiguar qual tinha sido a falha das defesas de Giedi Prime, e se tinha sido culpa dele.

Os táticos da Armada haviam estudado os informes de inspeção, e asseguravam que não teria podido fazer nada para impedir a conquista, senão estacionar toda uma frota de naves de guerra em todos os planetas da liga. Se *Omnius* estava disposto a sacrificar parte de sua força atacante para neutralizar os campos decodificadores, nenhum planeta estava a salvo. Mesmo assim, a informação não tranqüilizou Xavier.

Tio Holtzman estava trabalhando em Poritrin para melhorar o sistema decodificador. Lord Bludd se mostrou otimista e crédulo nos resultados do sábio, sobretudo desde que o inventor tinha contratado outro matemático, a filha da feiticeira Zufa Cenva, para que o ajudasse. Xavier confiava que logo aplicaria melhoras a seu invento...

Encantadora mas afligida, Serena entrou no salão e o abraçou.

- Não tinha nem idéia de que você fosse vir.

Octa saiu pela porta lateral.

Xavier lançou um olhar ao relógio do suporte.

- Queria te fazer uma surpresa, mas tenho que voltar para o trabalho. Esta tarde me espera uma longa reunião.

Ela assentiu, preocupada.

- Desde o ataque contra Giedi Prime, todos somos prisioneiros de nossas reuniões. Acredito que já perdi a conta de todos os comitês que participo.

- Teria que ter sido convidado a esta misteriosa reunião? - brincou Xavier.

Ela lançou uma gargalhada que soou forçada.

- O que acontece? A Armada da Liga não te dá suficiente trabalho, também quer assistir a minhas aborrecidas reuniões? Talvez deveria falar com seu novo comandante.

- Não, obrigado, querida. Preferiria enfrentar dez *cimeks* que tentar dissuadi-la quando coloca algo na cabeça. - Serena respondeu a seu beijo com surpreendente paixão. Xavier retrocedeu, com a respiração entrecortada, e alisou o uniforme. - Tenho que ir.

- Eu o compensarei esta noite. Um jantar íntimo, só nós dois? - Seus olhos cintilaram. - É importante para mim, sobretudo agora.

- Não faltarei.

Serena exalou um suspiro de alívio, depois de ter aplacado as suspeitas de Xavier, e retornou à sala do Sol Invernal, onde sua equipe se reuniu. Secou uma gota de suor da fronte.

Vários rostos se voltaram para ela, e levantou uma mão para acalmar qualquer preocupação. O sol do meio-dia banhava as cadeiras, as superfícies de lajes e uma mesa de café da manhã coberta de planos, mapas e gráficos de recursos.

- Temos de voltar ao trabalho - disse o veterano Ort Wibsen. - Se quer pôr isto em ação, resta pouco tempo.

- Essa é minha intenção, comandante Wibsen. Qualquer que um que tenha dúvidas, teria que ter partido há dias.

O pai de Serena acreditava que ela passava as manhãs na bem iluminada estância lendo, porém durante semanas tinha traçado planos, reunido voluntários, pessoal perito e matérias primas. Ninguém poderia impedir que Serena Butler dedicasse suas energias em trabalhos humanitários.

- Tentei seguir os canais regulamentares e animar à liga a entrar em ação - disse, - mas às vezes temos de obrigar às pessoas a tomar a decisão correta. É necessário dirigi-la, como se fosse um corcel salusiano.

Depois de que o Parlamento rira de sua "ingênua necessidade", Serena tinha saído da sala provisória sem aceitar a derrota. Decidiu mudar de tática, embora tivesse que organizar e financiar uma missão sem ajuda de ninguém.

Quando Xavier descobrisse seu plano, seria muito tarde para detê-la, esperava que se sentisse orgulhoso dela.

Estudou a equipe que tinha reunido entre os melhores peritos da Armada em operações de comandos: capitães, responsáveis por abastecimentos, inclusive especialistas em infiltração. Os homens e mulheres a observaram. Fechou as persianas do teto com um comando a distância. A luz da habitação diminuiu, embora o sol continuasse filtrando-se.

- Se formos capazes de reconquistar Giedi Prime, significará uma Ária moral muito superior a conseguida pelas máquinas - explicou Serena. – Nós os ensinaremos que não podem nos dominar.

Wibsen tinha aspecto de não ter deixado nunca de lutar, embora fizesse mais de uma década que tinha abandonado o serviço ativo.

- Todos estamos mais que contentes de participar de uma tarefa que obtenha resultados tangíveis. Ardo em desejos de dar um bom golpe nas condenadas máquinas.

Ort Wibsen era um antigo comandante espacial que tinham obrigado a aposentar-se, em teoria por idade, embora o mais provável era que estivesse relacionado com sua personalidade, certa propensão a discutir com seus superiores e todo um histórico de ignorar detalhes das ordens. Apesar de seu mau gênio, era o homem que Serena necessitava para dirigir uma missão que

outros membros da liga tinham considerado insensata, ou ao menos imprudente.

- Então, esta é sua oportunidade, comandante - disse Serena.

Pinquer Jibb, o mensageiro de cabelo encaracolado e aspecto gasto que tinha fugido da conquista de Giedi Prime para anunciar a terrível noticia, estava sentado muito rígido, e passeava a vista ao redor da sala.

- Eu lhes dei toda a informação necessária. Recolhi informe detalhados. A estação geradora de escudo secundária estava quase terminada quando as máquinas atacaram o planeta. Só precisamos entrar sem ser notados e colocá-la em funcionamento. - Seus olhos flamejaram. - Muitos membros da tropa local devem ter sobrevivido. Farão o que puderem atrás das linhas inimigas, mas não será suficiente a menos que possamos ajudá-los.

- Se conseguimos acionar os geradores secundários, os *cimeks* e robôs da superfície não conseguirão opor uma resistência coerente à Armada. - Serena olhou para os reunidos. - Acham que podemos conseguir?

Brigit Paterson, uma mulher de aspecto masculino, franziu o cenho.

- O que a faz pensar que a Armada se juntará à luta? Depois que meus engenheiros terminem seu trabalho, como estaremos seguros de que os militares virão a nos salvar o rabo?

Serena lhe dedicou um sombrio sorriso.

- Deixem isso em minhas mãos.

Serena tinha sido educada pelos melhores professores para converter-se em uma líder. Tendo em conta a enormidade do trabalho que faltava fazer, não podia conformar-se em esperar sentada em sua confortável mansão, sem utilizar o poder e a riqueza do vice-rei.

Estava a ponto de pôr a prova dita determinação.

- Comandante Wibsen, têm a informação que solicitei?

O veterano, com seu rosto sulcado de rugas e a voz rouca, parecia mais um homem curtido pela intempérie que um ardiloso estrategista, mas ninguém em Zimia sabia mais sobre operações militares que ele.

- Há aspectos bons e aspectos ruins. Depois de esmagar o governo de Giedi City, as máquinas deixaram uma frota robô em órbita. Um titã e vários de *neocimeks* dirigem as tarefas de limpeza na superfície. - Tossiu, franziu o cenho e ajustou um dispensador de medicamentos implantado em seu esterno.

- *Omnius* pode enviar mais máquinas, ou fabricar reforços utilizando as indústrias cativas de Giedi Prime - disse Pinquer Jibb com voz tensa. - A menos que ponhamos em funcionamento o complexo gerador secundário.

- Isso é o que faremos - disse Serena. - A tropa local se dispersou pelo continente habitado, e parece que os regimentos fronteiriços passaram à clandestinidade. Se nos pomos em contato com eles e os organizamos, possivelmente poderíamos combater aos conquistadores.

- Eu posso colaborar nisso - insistiu Jibb. - É nossa única oportunidade.

- Eu continuo dizendo que é uma loucura - interveio Wibsen. - Mas que demônios. Não pensem que fosse me intimidar.

- A nave está preparada? - perguntou Serena.

- Sim, mas existem muitas deficiências nesta operação, se querem saber minha opinião.

- Tenho em meu poder mapas e planos detalhados de todos os aspectos de Giedi Prime e Giedi City - disse Brigit Paterson, - incluindo diagramas funcionais dos geradores de escudo secundários. - Entregou um maço de microfilmagens cheias de informação. - Pinquer diz que estão atualizados.

Serena sempre tinha sido uma perita em organização. Dois anos antes, pôs-se a frente de uma equipe de auxílio enviado a Caladan, um planeta não aliado para onde tinham fugido milhares de refugiados dos Planetas Sincronizados. Em sua cruzada mais recente, um ano antes, tinha entregue três transportes carregados de medicamentos ao isolado Tlulaxa, cujos habitantes padeciam misteriosas enfermidades. Agora que os mercadores de carne da Tlulaxa os tinham proporcionado ajuda médica e órgãos cultivados em suas tanques biológicos (o que tinha salvado seu amado Xavier), pensava que seu esforço tinha recebido uma justa compensação.

Serena tinha pedido que lhe devolvessem o favor com o fim de organizar uma missão que apresentava algumas semelhanças com seus êxitos anteriores. Esperava outro triunfo, face aos perigos.

Serena passeou a vista ao redor da mesa. Onze pessoas que iriam desafiar os conquistadores, apesar das probabilidades contra.

Ort Wibsen tinha manobrado entre os canais habituais para obter um couraçado veloz. Os engenheiros de Paterson tinham equipado a nave com os melhores materiais experimentais que a mulher tinha conseguido subtrair das fábricas de armamento. Serena, utilizando contas pessoais e documentos falsificados, havia pago os gastos do comandante veterano. Desejava que sua impetuosa missão fosse coroada de êxito.

Todas as pessoas da liga tinham perdido um ente querido nos ataques das máquinas pensantes, e agora vamos fazer algo a respeito.

- Ponhamos mãos à obra - disse Pinquer Jibb. - Chegou o dia da vingança.

Aquela noite, Serena e Xavier jantaram a sós no majestoso salão. Os garçons iam de um lado a outro com jaquetas de tons vermelhos e dourados e calças negras.

Enquanto dava conta dos pedaços de pato, Xavier falava muito animado dos planos de mobilização da Armada e os métodos de proteger aos planetas da liga.

- Não falemos de trabalho esta noite. - Serena ficou em pé com um sorriso deslumbrante e se sentou a seu lado, muito perto. - Quero saborear cada momento que passo contigo, Xavier - disse, sem revelar seu plano.

Xavier sorriu por sua vez.

- Depois do gás venenoso, pouco posso saborear, mas você é melhor que o banquete mais delicado ou o perfume mais embriagador.

Serena acariciou sua bochecha.

- Acredito que deveríamos ordenar aos criados que voltem para seus aposentos. Meu pai está na cidade minha irmã não voltará nessa noite. Vamos desperdiçar este tempo de que gozamos para estar a sós?

Xavier a aproximou de si e sorriu.

- De qualquer modo, não tenho fome.

- Eu sim.

Beijou-lhe a orelha, a bochecha, e por fim a boca. Xavier passou as mãos por seu cabelo, acariciou sua nuca e a beijou com paixão.

Deixaram os restos do jantar na mesa. Ela agarrou sua mão e os dois correram a seus aposentos. A porta era pesada, e se fechava com facilidade. Serena já tinha aceso um fogo na lareira, que projetava um resplendor alaranjado no quarto. Beijaram-se uma e outra vez, enquanto tentavam desabotoar cordões e botões sem separar-se.

Serena apenas podia controlar seu desejo, não só sentir seus caricias, mas também gravar cada sensação em sua mente. Xavier ignorava que ela ia partir, e ela precisava recordar aquela noite, que compensaria sua separação.

Os dedos de Xavier foram como fogo quando percorreram suas costas nuas. Serena só podia pensar naquele momento, enquanto lhe tirava a camisa.

Com a lembrança do abraço de seu amante ainda vivo nas terminações nervosas de seu corpo, Serena partiu da mansão. Perdeu-se na noite, disposta a reunir-se com sua equipe em uma pista particular situada nos subúrbios do espaçoporto da Zimia.

Ansiosa por partir, a angústia contida por seu otimismo, reuniu-se com os dez voluntários. Partiram depois de uma hora na nave repleta de ferramentas de engenharia, armas e esperança.

29

Uma e outra vez, a religião derrubou impérios, apodrecendo-os por dentro.

IBLIS GINJO,
planos preliminares para o Jihad

O conquistado planeta Terra parecia ser um esgoto para os grandiosos monumentos que celebravam as glórias fictícias dos titãs.

O capataz da equipe, que passeava sobre uma plataforma de madeira elevada, contemplava outro enorme projeto em construção, desenhado pela imaginação presunçosa dos *cimeks*. Sua homens eram bons trabalhadores, dedicados de corpo e alma a ele, mas o projeto era muito absurdo. Quando o trabalhado pedestal estivesse acabado e escorado com arcos reforçados, transformar-se-ia na plataforma de uma estátua colossal que representaria a forma idealizada do titã Ajax.

Iblis Ginjo, um dos humanos mais respeitados da Terra, levava seu trabalho muito a sério. Estudou o grupo de escravos que foram de um lado a outro. Tinha-lhes convencido de que fossem entusiastas, e tinha ganho sua atenção com frases bem escolhidas e recompensas, embora Iblis detestasse desperdiçar tanta lealdade e esforço com um valentão brutal como Ajax.

De qualquer modo, cada pessoa interpretava um papel na gigantesca maquinaria da civilização. Iblis tinha que se assegurar que funcionasse bem, ao menos aquilo que estivesse sob seu controle.

O líder da equipe não tinha por que estar presente na obra. Seus subordinados de confiança podiam fiscalizar os trabalhos sob o ardente sol, mas Iblis preferia isto a suas outras responsabilidades. Ao ver que ele os vigiava, parecia que os escravos atacavam suas tarefas com mais vigor. Orgulhava-se do que eram capazes de fazer, se os travava bem, e eles faziam o possível para agradá-lo.

Do contrário, dedicaria intermináveis horas a preparar novos escravos e distribuí-los entre as diversas equipes. Com freqüência, indisciplinados necessitavam de um adestramento especial, ou se rebelavam com violência, problemas que alteravam a tranqüilidade do trabalho cotidiano.

Erasmo, o e excêntrico robô independente, tinha ordenado recentemente que inspecionasse os escravos *hrethgir* capturados em Giedi Prime, em particular qualquer humano que mostrasse qualidades de independência e liderança. Iblis estaria alerta a descoberta do candidato adequado... sem atrair a atenção sobre si mesmo.

Pouco se importavam com os objetivos de *Omnius*, mas como capataz gozava de certas mordomias apoiadas na produtividade. Embora essas mordomias tornassem vida passável, distribuía a maior parte das recompensas entre seus empregados.

Iblis, de cara larga e cabelo espesso que caía sobre sua fronte, possuía uma aparência forte e viril. Capaz de fazer seus escravos trabalharem mais que qualquer outro capataz, conhecia as melhores ferramentas e incentivos, a manipulação das promessas ao invés de ameaças.

Comida, dias de descanso, serviços sexuais proporcionados pelas mulheres em idade fértil, o que fosse necessário para motivá-los. Inclusive lhe tinham pedido que divulgasse suas opiniões na escola de serventes humanos, mas suas técnicas não tinham sido adotadas por quase nenhum humano privilegiado.

A maioria dos capatazes se decantavam pelas privações e a tortura, mas Iblis considerava isso um desperdício. Tinha chegado a seu cargo graças à força de sua personalidade e a fidelidade que inspirava em seus escravos. Até os homens mais difíceis sucumbiam a sua vontade.

As máquinas percebiam sua capacidade inata, de modo que *Omnius* lhe concedia liberdade para trabalhar a seu modo. Iblis contou meia dúzia de monólitos que rodeavam o Foro, construído no alto de uma colina, e cada pedestal sustentava a estátua gigantesca de um dos Vinte Titãs, começando por Tlaloc, seguido de Agamenon, Juno, Barba Azul, e Alexandro. Uma imensa reprodução de Ajax ocuparia o seguinte, não porque Ajax fosse tão importante, a não ser devido a sua violenta impaciência. Dante podia esperar, e Xerxes também.

Iblis era incapaz de recordar de cor o resto dos titãs, pero sempre aprendia mais do que desejava cada vez que se erigia uma estátua. Este trabalho nunca terminava. Iblis havia colaborado na construção de todas as esculturas durante os últimos cinco anos, primeiro como escravo e logo depois como capataz.

O verão chegava a seu fim, mas a temperatura era superior a normal. Seus escravos utilizavam roupas resistentes de cor marrom, cinza e negro, que só precisavam lavar ou remendar esporadicamente.

Sob a plataforma de Iblis, o chefe de uma equipe ladrou ordens. Alguns robôs supervisores perambulavam entre os operários, sem fazer o menor gesto para ajudá-los. Olhos espiões flutuavam no alto, gravando tudo para *Omnius*. Iblis apenas se lembrava deles. Os humanos eram laboriosos, engenhosos e, ao contrário das máquinas, dóceis, sempre que se concedessem incentivos e recompensas, os orientasse da forma correta e guiasse para o comportamento adequado. As máquinas pensantes não podiam entender as sutilezas, mas Iblis sabia que cada recompensa sem importância multiplicava por dez o rendimento de seus trabalhadores.

O normal era que os escravos entoassem canções de trabalho e se encetassem em competições entre as equipes, mas agora estavam silenciosos, e grunhiam enquanto levantavam blocos, embora às vezes também se queixassem em seus cubículos. Os *cimeks* estavam ansiosos por ver o pedestal terminado para erigir a estátua de Ajax, que outra equipe estava construindo em outro lugar. Cada parte do projeto seguia um cronograma muito apertado, e os atrasos ou a falta de qualidade não eram permitidos.

No momento, Iblis estava contente de que sua gente pudesse trabalhar em paz, sem o escrutínio aterrador de Ajax. Iblis ignorava onde se encontrava o titã neste momento, mas rezou para que estivesse acossando outros indivíduos indefesos. Tinha que trabalhar e cumprir um programa.

Em sua opinião, os monólitos eram inúteis, enormes obeliscos, colunas, estátuas e fachadas para edifícios vazios e desnecessários, mas não estava em situação de questionar tais projetos. Iblis sabia muito bem que os monumentos agradavam uma necessidade psicológica dos tiranos usurpadores. Além disso, as obras mantinham ocupados os escravos, e se transformavam em resultados visíveis de seu esforço.

Depois da humilhante derrota sofrida nas mãos de *Omnius* séculos antes, os titãs haviam se esforçado sem trégua por recuperar sua influência perdida. Iblis pensava que os *cimeks* haviam perdido a razão, por mandar construir estátuas monumentais e pirâmides só para se sentirem importantes. Passeavam em espetaculares mas antiquados corpos mecânicos, e se gabavam de suas conquistas militares.

Iblis se perguntava até que ponto eram verdadeiras. Afinal, quem podia contradizer aqueles que controlavam a história? Era muito provável que os humanos selvagens dos planetas da liga tivessem uma visão muito diferente sobre as conquistas.

Secou o suor da fronte e percebeu o aroma do pó que se elevava da obra. Lançou um olhar à caderneta eletrônica que tinha na mão, e comparou os progressos com o calendário. Tudo corria bem, tal como era de esperar.

Divisou com seus olhos penetrantes um homem apoiado contra uma parede à sombra, que estava tomando um descanso não autorizado. Com um sorriso, Iblis apontou ao indivíduo uma arma "estimulante" e roçou sua perna esquerda com um raio de energia. O escravo deu uma palmada na pele irritada e levantou a vista para Iblis.

- Está tentando me deixar em situação ruim? - gritou Iblis. - E se Ajax aparecesse de repente e o visse cochilando? A quem mataria primeiro, a você ou a mim?

O homem, envergonhado, abriu caminho a cotoveladas entre os operários suados e recomeçou seu trabalho com disposição renovada.

Alguns capatazes consideravam necessário matar escravos para dar exemplo a outros, mas Iblis nunca tinha utilizado essa tática e jurava que nunca o faria. Estava certo de que quebraria o inexplicável feitiço que projetava sobre seus homens. Bastava demonstrar-lhes decepção, e eles trabalhavam mais.

A cada poucos dias pronunciava um discurso improvisado. Em tais ocasiões, os escravos recebiam água e períodos de descanso, o que lhes proporcionava renovadas energias que compensavam o período de ócio. Sua forma de juntar as frases costumava suscitar vivas e entusiasmo, e poucas perguntas por parte dos escravos mais atrevidos, os quais não acabavam de explicar-se por que deviam se sentir emocionados por um monumento mais. O talento do capataz residia no fato que podia ser muito convincente.

Iblis odiava às máquinas, mas ocultava seus sentimentos com tal eficácia que seus superiores confiavam nele. Por um momento imaginou a destruição da supermente, e que ele ocupava seu lugar. Muito mais que um simples escravo humano de confiança. Pobre perspectiva: Iblis Ginjo, dono e senhor absoluto de tudo!

Desprezou a fantasia. A realidade era um professor muito duro, como ver um *cimek* em um dia bonito. Se Iblis não terminasse obelisco a tempo, Ajax pensaria em algum castigo extravagante para todos eles.

O capataz faria o impossível para cumprir os prazos.

30

Cada um de nós influi nos atos das pessoas que conhecemos.

Xavier HARKONNEN,
comentário a seus homens

Durante dias, o terceiro Xavier Harkonnen ficou trabalhando até muito tarde da noite nos planos defensivos para a liga. Desde sua doce noite com Serena, uma brilhante promessa de seu futuro, tinha se dedicado de corpo e alma a a proteção da humanidade livre.

Em Salusa, executou simulações de missões, treinou novos combatentes, aumentou o número de naves de vigilância no perímetro do sistema e estendeu a rede de exploração para aumentar a capacidade de alerta. Engenheiros e cientistas desmontaram e estudaram as formas de combate abandonadas pelos *cimeks* entre as ruínas da Zimia, com a esperança de descobrir defeitos e falhas. Cada vez que respirava com seus pulmões novos, sentia mais ódio contra as máquinas pensantes.

Desejava passar mais tempo com Serena, sonhar com o lugar para onde iriam depois das bodas, mas impulsionado pela raiva e a culpa do que acontera a Giedi Prime, Xavier se inundou no trabalho. Se tivesse se concentrado em sua missão principal, em lugar de fantasiar como um colegial apaixonado, talvez tivesse reparado nos pontos fracos da defensa e ajudado ao magno a preparar-se. Até incentivá-lo a terminar quanto antes o gerador de escudo secundário poderia ter sido fundamental. Mas agora era muito tarde.

Equívocos em teoria sem importância podiam resultar em acontecimentos de enorme transcendência. Xavier prometeu que nunca mais esqueceria suas responsabilidades, por nenhum motivo. Se isso significasse passar menos tempo com Serena, ela compreenderia.

As reuniões de emergência do estado maior tiveram como resultado uma revisão da estrutura militar da Armada, combinando os recursos e numerosas naves de guerra de todas as tropas locais planetárias. Discutiram em detalhe as necessidades defensivas especiais e a importância tática de cada

planeta da liga. O recrutamento da Armada aumentou até níveis incomuns. As fábricas trabalhavam dia e noite para produzir mais naves e armas.

Xavier esperava que fosse suficiente.

Em seu escritório, situado no último piso do edifício do alto comando, mapas estelares eletrônicos cobriam as paredes. Todas as mesas estavam semeadas de gráficos e relatórios. Em cada fase do trabalho obtinha a aprovação do comandante supremo, quem por seu vez repassava os elementos chave com o vice-rei Butler.

Quando dormia, Xavier o fazia em seu escritório ou nos barracões subterrâneos.

Ficou dias sem ir a sua mansão de Tantor, embora sua mãe enviasse com freqüência o pequeno Vergyl para lhe entregar pratos preparados especialmente para ele.

Não sabia nada de Serena, e supôs que a filha do vice-rei estaria ocupada em seu próprio trabalho. Os dois jovens amantes eram iguais em sua capacidade em imaginar prioridades a longo prazo... e em sua independência.

Decidido a renovar as defesas da liga, Xavier se mantinha ativo a base de cápsulas e bebidas estimulantes. Logo não reparava em se era dia ou noite, envolvido na próxima reunião de sua agenda. Olhou as ruas tranqüilas e as luzes da cidade da janela de seu escritório. Desde quando tinha anoitecido? As horas se encadeavam umas com outras, e o arrastavam com elas.

Afinal, o que podia fazer um homem sozinho? Alguns planetas da liga já estavam condenados, apesar de seus esforços? Devido às distâncias entre os planetas e a lentidão das viagens espaciais, as comunicações eram lentas, e as noticias podiam chegar com muito atraso a Salusa Secundus.

Seu apego aos estimulantes o fazia sentir nervoso e cansado. Estava acordado, mas tão destroçado pela fadiga que já não podia concentrar-se. Exalou um profundo suspiro e piscou.

Em um canto do escritório, seu ajudante, o quarto Jaymes Powder, tinha aberto um espaço sobre parte de mesa e apoiado a cabeça na madeira polida.

Quando a porta se abriu, o quarto Powder não se moveu, nem sequer roncou, mas continuou dormindo como um morto. Xavier se surpreendeu ao ver o vice-rei Butler entrar, também muito cansado.

- Havemos de pôr em prática o que tenha preparado, Xavier. Os recursos estão garantidos. Com o fim de levantar seu moral, o povo tem que ver que fazemos algo.

- Eu sei, mas necessitamos mais de uma solução, senhor. Que lorde Bludd anime ao sábio Holtzman a apresentar as idéias preliminares que esteja

desenvolvendo. - Esfregou os olhos. - No mínimo, são necessárias novas opções para nosso arsenal.

- Já falamos sobre isto ontem à noite, Xavier, extensamente. - O vice-rei olhou para ele de uma forma estranha. - Não se lembra? Tem vários protótipos quase terminados.

- Sim... claro. Só queria lembrá-lo.

Xavier cruzou a sala e se sentou em frente a uma tela de informação interativa, um sistema de alta segurança que flertava com os perigos de um computador. O sistema eletrônico era capaz de organizar e proporcionar dados fundamentais, mas carecia de consciência. Muitos nobres, sobretudo Bludd de Poritrin, rechaçavam o uso desses toscos computadores, mas em momentos como o atual, esses sistemas eram vitais.

Xavier passou a mão sobre a tela, efetuou modificações em seu relatório ao Parlamento, incluindo um compêndio de apêndices com dados específicos de cada planeta, e imprimiu o documento, copias dele seriam enviadas a cada planeta da liga. Entregou a pilha ao vice-rei, que leu as recomendações e assinou sua aprovação. Continuando, o pai de Serena saiu depressa do escritório, deixando a porta aberta.

O quarto Powder se remexeu e despertou, com olhos turvos. Xavier se acomodou na cadeira de sua mesa. Do outro lado da habitação, a tela se acendeu em uma aurora de luz, quando os técnicos a examinaram para comprovar que o sistema não continha inteligência artificial.

Enquanto seu ajudante voltava a cochilar, Xavier sumiu também no sonho. Sonhou que Serena tinha desaparecido, junto com uma nave e uma equipe militar. Pareceu muito surrealista, embora plausível, depois compreendeu sobressaltado que já não estava dormido...

Powder estava de pé em frente a sua mesa com outro oficial, escutando as más notícias.

- Levou um couraçado, senhor! Modificado com blindagens e armas novas. Acompanhada de um comando, sob as ordens de um antigo veterano, Ort Wibsen.

Xavier lutou por liberar-se da confusão induzida pelo cansaço. Depois de esfregar os olhos, ficou surpreso ao ver que Octa estava atrás dos dois homens. Sustentava em sua pálida mão um colar de diamantes negros cintilantes, pendurando de uma cadeia de ouro, que apressou-se a lhe entregar.

- Serena me disse que esperasse cinco dias, e que depois lhe desse isso.

Octa parecia etérea, delicada. Afastou-se para um lado, sem olhar para seus olhos.

Em busca de respostas, Xavier tirou o colar da cadeia. Quando tocou os diamantes negros, o suor de sua mão ativou um diminuto projetor que mostrou uma pequena imagem holográfica de Serena. Olhou-a, estupefato e apavorado. Tinha a impressão de que a imagem olhava somente para ele.

- Xavier, meu amor, fui para Giedi Prime. A liga teria discutido o problema durante meses, enquanto o povo subjugado sofre. Não posso permitir isso. - Seu sorriso era enternecedor, mas esperançoso. - Conto com uma equipe composta pelos melhores engenheiros, comandos e especialistas em infiltração. Temos toda a equipe e experiência necessários para entrar no planeta sem ser localizados e ativar o transmissor de escudo secundário. Terminaremos a construção e instalaremos os sistemas, o que nos permitirá isolar o planeta das naves das máquinas pensantes, ao mesmo tempo que as da superfície ficam presas. Você precisa que vir com a Armada e reconquistar este planeta. Contamos com você. Pense no muito que podemos ajudar à humanidade.

Xavier não acreditava em seus ouvidos. A imagem de Serena continuou recitando a mensagem gravada.

- Vou esperá-lo, Xavier. Sei que não me decepcionará.

Xavier apertou as mãos até que os nódulos empalideceram. Se alguém podia sair triunfante de semelhante missão, era Serena Butler. Era impetuosa, mas ao menos tentava fazer algo. E sabia que sua decisão obrigaria os outros a agir.

Octa começou a chorar em voz baixa a seu lado. O vice-rei Butler entrou no escritório com uma exalação, consternado pelo que tinha ouvido.

- Muito próprio dela - disse Xavier. - Agora, temos que pensar em uma resposta. Não há outro remédio.

31

Pensem na guerra como um comportamento

GENERAL AGAMENON
Memórias

Na areia banhada pelo sol abrasador da zona equatorial da Terra, Agamenon se preparava para lutar contra a máquina gladiadora de *Omnius*. A supermente considerava estes simulacros de combate um desafio para os titãs sobreviventes, uma forma de descarregarem sua agressividade e se manterem ocupados, mas para Agamenon significava a oportunidade de golpear o inimigo verdadeiro.

Duzentos e trinta anos antes, escravos humanos e robôs tinham terminado este coliseu semicircular aberto ao ar livre para as batalhas de *Omnius*. A supermente gostava de pôr a prova a capacidade destrutiva de diferentes desenhos robóticos. Veículos blindados e sistemas de artilharia conscientes podiam enfrentar-se em circunstâncias controladas.

Muito tempo atrás, o gênio Barba Azul tinha programado gosto pelo combate e sede de conquista à inteligência artificial que evoluiu até transformar-se em *Omnius*. Nem sequer mil anos depois a supermente tinha perdido seu prazer pela vitória.

Às vezes, nestas competições se enfrentavam homens contra máquinas. Escravos escolhidos ao azar entre equipes de operários recebiam paus, explosivos ou raios cortantes, e saíam para a arena para lutar contra robôs. A violência irracional de humanos desesperados nunca deixava de desafiar à mente calculadora de *Omnius*. Em outras ocasiões, o computador onipresente preferia demonstrar sua superioridade contra os *cimeks*.

Pensando no combate, Agamenon tinha dedicado consideráveis esforços para desenhar seu novo corpo de luta. Às vezes, *Omnius* enviava a lutar contra os titãs seus modelos mais fortes. Em outras, respondia com absurdas monstruosidades que nunca teriam sido práticas em nenhum tipo de luta. Tudo fazia pelo espetáculo.

Meses atrás, quando Barba Azul tinha conseguido uma grande vitória contra *Omnius*, o *cimek* tinha solicitado permissão para atacar os humanos livres como recompensa. Embora o ataque contra Salusa Secundus tivesse fracassado, a segunda tentativa dos titãs se saldou com a conquista de Giedi Prime. Barba Azul se encontrava no comando de dúzias de *neocimeks* encarregados de subjugar à população. De novo um titã se transformava em senhor e dono de um planeta. Ao menos, era um passo na direção certa...

Se hoje conseguia vencer na arena, Agamenon tinha seus próprios planos.

Quando as sirenes soaram para anunciar o evento, Agamenon rodou para diante sobre extremidades flexíveis e passou entre as colunas da Porta dos Desafios. Sentia a energia de seus sistemas de mobilidade, o pulsar da energia que percorria suas conexões neuroelétricas.

No interior da forma de gladiador, o núcleo corporal consistia em um par de esferas reforçadas, uma protegida por uma blindagem opaca, a outra feita de *aleocristal* transparente.

Dentro do globo transparente estavam os hemisférios branco acinzentados de seu cérebro humano, que flutuava em um eletrolíquido azul pálido, conectado a *mentrodos*. Tênues descargas de fótons chisparam nos lóbulos cerebrais quando o corpo do *cimek* avançou, disposto a lutar.

Ao redor da esfera dupla, volumosos motores de impulsão zumbiam no interior de cobertas protetoras. Os motores faziam funcionar o sistema hidráulico de quatro patas preênseis. Cada extremidade articulada terminava em uma massa de polímero metálico, capaz de adaptar a forma de um sem número de armas.

Agamenon tinha construído esta forma feroz sob a vigilância de olhos espiões que controlavam até o menor de seus movimentos. Em teoria, *Omnius* arquivava parte da informação em uma parte isolada de sua supermente, para não levar uma vantagem injusta no combate. Ao menos, *Omnius* afirmava isso.

Enquanto Agamenon esperava, seu oponente avançou, controlado pela supermente. *Omnius* tinha escolhido uma forma provida de uma armadura medieval exagerada: duas pernas enormes, com pés como os alicerces de um edifício e braços que terminavam em punhos enormes, tão grandes como o núcleo corporal. As proporções eram exageradas, como o fanfarrão da classe convocado no pesadelo de um menino. Surgiam puas dos gigantescos nódulos do robô, e descargas apocalípticas saltavam de um lado a outro do punho.

Agamenon avançou ao mesmo tempo que elevava suas extremidades frontais, similares as de um caranguejo, cujas extremidades se transformaram

em garras. Embora ganhasse o combate, a supermente não sofreria, nem sequer se sentiria humilhada pela derrota.

Por sua parte, *Omnius* podia destruir por acidente o contêiner cerebral do titã. Coisas imprevistas ocorriam nesses combates, e talvez *Omnius*, face à programação que lhe impedia matar de maneira intencional um titã, contasse com isso. Para Agamenon, o combate era muito sério.

Alguns observadores robóticos observavam dos camarotes com fibras ópticas potencializadas, mas guardavam silêncio. Agamenon não necessitava de aplausos. Outros assentos de pedra do coliseu estavam vazios, e refletiam a luz do sol. O grande estádio, como um sepulcro povoado de ecos, contava com espaço suficiente para que os dois inimigos se despachassem a gosto.

Nenhum proclama precedeu o combate, os alto-falantes não ofereceram qualquer informação.

Agamenon foi o primeiro a atacar.

O titã elevou seus braços como chicotes, reforçados com um filme de diamante, e se lançou para frente. Com surpreendente agilidade, o robô de *Omnius* levantou uma enorme perna e esquivou o ataque.

Agamenon atacou com outra extremidade dianteira, coroada com uma bola destruidora que disparava raios paralisantes. O guerreiro de *Omnius* estremeceu ao ser alcançado em sistemas vulneráveis. De repente, o gigante girou e golpeou com força brutal o braço segmentado do *cimek*. Nem sequer o filme de diamante pôde resistir ao impacto, e a extremidade se desprendeu da cavidade flexível. O *cimek*, indiferente à perda, levantou um braço cortante que se transformou em uma confusão de folhas de diamante.

Agamenon rasgou o torso blindado de seu adversário, e cortou uma série de fibras de controle neuroelétrico. Um líquido esverdeado se derramou dos canais lubrificantes cortados. O robô fez girar seu outro punho cheio de puas, mas Agamenon se afastou para um lado.

A força do golpe fez com que o robô gladiador perdesse o equilíbrio. Agamenon levantou dois braços cortantes e esfaqueou as articulações do braço com ferros incandescentes.

Encontrou pontos vulneráveis com facilidade surpreendente, e o braço direito do gigante pendurou inutilizado, um matagal de fibras neuroelétricas e líquidos condutores.

Omnius fez seu robô retroceder dois passos para analisar os danos. Agamenon aproveitou sua vantagem e diminuiu a distância. Então, recebeu sua primeira grande surpresa.

Uma pequena tampa se abriu em um compartimento oculto dentro do antiquado alojamento do motor, e saíram disparados oito cabos reforçados de fibras condutoras, cada um terminado em uma garra conectora magnética. Os cabos voaram como um ninho de víboras sobressaltadas e se afundaram no robô gigante. Assim que os extremos alcançaram seu objetivo, Agamenon liberou uma poderosa descarrega elétrica.

O general *cimek* esperava que aquele ataque traiçoeiro acabasse com o robô de combate, mas *Omnius* devia ter protegido bem seu guerreiro. Agamenon lançou outra descarga, como a picada de um escorpião, porém o gladiador de *Omnius* não caiu, mas projetou seu punho com a força de uma locomotiva.

O punho cheio de pontas se chocou contra a esfera protetora transparente que continha o cérebro imaterial, e uma tênue teia de rachaduras apareceu no cristal. O eletrolíquido se derramou pelas frestas como sangue azul. Os *mentrodos* se romperam, e o cérebro caiu de seus cabos suspensores, pendurando exposto no ar quente.

Isso podia significar a morte de Agamenon.

Mas o general *cimek* tinha enganado *Omnius*. O cérebro protegido dentro do contêiner transparente não era mais que uma cilada, uma reprodução sintética de seus contornos cerebrais. O cérebro de Agamenon se achava no interior da esfera metálica opaca, de onde controlava a forma do gladiador. Seguro e intacto.

Não obstante, Agamenon estava furioso e estupefato. *Omnius* tinha demonstrado sua vontade de infligir severos danos ao titã mais poderoso e engenhoso de todos. Pelo visto, os anseia de ganhar de *Omnius* pareciam capazes de impor-se a suas restrições de programação.

Ou acaso a supermente estaria ciente da cilada do primeiro momento? Agamenon reagiu com furor vingativo.

Ao mesmo tempo em que se afastava na maior velocidade possível, disparou a esfera que continha o falso cérebro contra o núcleo corporal do gigantesco robô.

Depois, Agamenon se agachou, levantou suas extremidades blindadas e baixou seu contêiner cerebral entre as filas de afiadas extremidades para proteger-se, como uma tartaruga escondendo-se dentro da carapaça.

A esfera se chocou contra o gladiador e estalou. O cérebro falso era feito de espuma sólida de alta energia. A explosão decapitou o robô e rasgou seu torso. A onda de choque bastou para derrubar parte do muro do coliseu.

Agamenon havia sobrevivido, e o gladiador de *Omnius* estava destruído.

- Excelente general! - A voz eletrônica ressonou na arena dos alto-falantes, em tom muito satisfeito. - Uma manobra inédita e agradável.

Agamenon ainda se perguntava se *Omnius* sabia que o cérebro visível era falso. Ou possivelmente a supermente tinha descoberto uma forma de contornar os bloqueios restritivos que Barba Azul tinha instalado tanto tempo atrás. Nunca mais estaria seguro se a supermente lhe deixaria morrer em combate alguma vez. Talvez *Omnius* quisesse evitar que os titãs se sentissem muito triunfantes ou supervalorizados, em especial Agamenon.

Somente *Omnius* sabia com toda certeza.

Entre as chamas e fumaça que se elevavam dos restos da monstruosa máquina, Agamenon elevou sua forma, o vencedor indisputável.

- Eu o derrotei, *Omnius*. Reclamo minha recompensa.

- Claro, general - respondeu de bom humor o robô. - Não precisa verbalizar seu desejo. Sim, permitirei que você e seus *cimeks* ataquem os *hrethgir* mais uma vez. Isso os diverte.

32

Os sobreviventes aprendem a adaptar-se.

ZUFA CENVA,
discurso às feiticeiras

Na impecável cabine do Viajante onírico, Vorian Atreides e Seurat voltavam a viajar entre sistemas estelares, recolhendo e entregando atualizações de *Omnius* para manter a congruência da supermente distribuída por todos os Planetas Sincronizados. Trocavam atualizações com outras cópias da supermente, sincronizavam as encarnações de *Omnius* e partiam com novos dados que distribuiriam entre as redes. Vor adorava ser um humano de confiança.

Os dias transcorriam no espaço, eternamente iguais. O estranho casal realizava seus trabalho com eficácia. Seurat e o pequeno grupo de robôs de manutenção se encarregavam da limpeza e eficácia da cabine, enquanto que Vor deixava de vez em quando manchas de comida e bebida, algumas coisas meio terminar ou desordenadas.

Como de costume, Vor se achava ante um console interativo do apertado compartimento traseiro, investigando na base de dados da nave com o fim de obter mais informação sobre seus destinos. Tinham-lhe ensinado as vantagens de destacar-se sobre outros humanos privilegiados da Terra. O exemplo de seu pai, um homem desconhecido que tinha chegado a ser o maior dos titãs, conquistador do Império Antigo, ensinava-lhe o que um simples humano podia obter.

Ficou surpreso ao ver que a rota normal do *Dream Voyager* tinha mudado.

- Seurat! Por que não me disse que tínhamos conquistado um novo planeta? Nunca havia ouvido falar deste... Giedi Prime, no sistema de Ophiuchi B. Antes estava catalogado como um sólido planeta da liga.

- *Omnius* programou esse destino em nossa rota antes que partíssemos da Terra. Esperava que seu pai o tivesse conquistado no momento de nossa chegada. *Omnius* confia que Agamenon tirará o espinho do fracasso em Salusa Secundus.

Vor se sentiu orgulhoso de que seu pai tivesse tomado outro planeta para as máquinas pensantes.

- Não me cabe dúvida de que tudo terá concluído quando chegarmos, e nossas forças estarão acabando com a resistência.

- Saberemos quando chegarmos - disse Seurat. - Ainda faltam meses.

Em muitas ocasiões se encetavam em competições humanas tradicionais que encontravam nas base de dados, como o pôquer ou o *backgammon*. Em outras, Vorian inventava um novo jogo, fixava uma série de normas absurdas, e depois começava a vencer Seurat, até que o robô autônomo aprendia a manipular as regras por si mesmo.

Os dois estavam empatados, mas com habilidades muito diferentes. Enquanto Seurat se destacava nos jogos de estratégia e fosse capaz de calcular muitos movimentos antecipadamente, Vor lançava mão freqüentemente de giros inovadores para ganhar. Seurat custava a compreender o comportamento errático do humano.

- Posso seguir as conseqüências de um acontecimento humano em uma progressão lógica, mas não entendo como consegue transformar um comportamento impulsivo e ilógico em uma estratégia eficaz. Não existe relação causa-efeito.

Vor sorriu.

- Detestaria vê-lo calcular uma resposta "irracional", velha Mente Metálica. Deixe isso para os peritos como eu.

O filho do Agamenon também era um perito em táticas e estratégias militares, um talento que havia desabrochado graças a seus estudos das grandes batalha da história humana antiga, tal como as tinha documentado Agamenon em suas extensas memórias. O general *cimek* não ocultava que esperava ver seu filho transformado algum dia em um gênio militar.

Sempre que Seurat perdia em alguma luta concreta, insistia em seu irritante hábito de distrair Vor com piadas, trivialidades ou anedotas, com a intenção de interessar o jovem.

Desde que o capitão mecânico conhecia seu co-piloto humano, Seurat tinha acumulado e analisado informação, preparando-a para usos futuros. O capitão robô tinha se acostumado a tirar vantagem de temas que absorviam Vor e enchiam sua cabeça de idéias.

Seurat falava sem cessar da legendária vida de Agamenon, e acrescentava detalhes que Vor nunca tinha lido nas memórias: grandes batalha ganhas pelos titãs, planetas que tinham sido somado aos Planetas Sincronizados, formas de combate que Agamenon havia desenhado para utilizar em combates de gladiadores. Em uma ocasião, o robô inventou uma história absurda a respeito

de que o general tinha perdido, literalmente, a cabeça. O contêiner cerebral do *cimek* se soltou de sua forma móvel e rodou pelo pendente de uma colina, enquanto o corpo mecânico, em programação automática, tinha tido que ir buscá-lo.

Entretanto, Vorian tinha descoberto fazia pouco uma informação mais inquietante que qualquer outra que o robô pudesse revelar. Entre partidas e desafios, investigava as base de dados, relia os fragmentos favoritos das memórias de seu pai, e tentava encontrar um sentido nas minuciosas observações de *Omnius*. Em uma de tais ocasiões, Vor descobriu que seu pai tinha gerado outros doze filhos. Vorian nunca tinha imaginado que fosse o único, mas... doze irmãos desconhecidos! Era lógico que o grande general quisesse ter descendentes dignos de seu legado.

Pior ainda, descobriu que cada um desses doze filhos tinha constituído um fracasso. Agamenon não encaixava as decepções com alegria, e tinha matado a sua origem inaceitável, embora houvessem sido humano privilegiados como Vor. O último tinha sido executado menos de um século antes. Agora, todas as esperanças de Agamenon estavam depositadas em Vor, mas não era necessariamente a única alternativa. Agamenon devia ter mais esperma armazenado, portanto Vor era tão descartável como os demais.

Depois de averiguar esse dado, Vor ficou imune aos intentos de Seurat em lhe distrair.

Vor estava sentado à mesa, contemplando o tabuleiro de jogo projetado, e refletia sobre seu próximo movimento. Sabia que Seurat não podia decidir o que estava passando no interior da imprevisível mente humana. Apesar de toda sua sofisticação e independência, o robô só acumulava dados externos, mas sem reconhecer as sutilezas.

O humano sorriu apenas, mas o robô percebeu.

- Vai me aprontar alguma sacanagem? Está usando algum poder humano oculto?

Vor continuou sorrindo e olhando o tabuleiro. Era uma competição de multi jogos, que tinha lugar dentro de uma tela tridimensional incrustada na mesa. Dentro de uma ampla seleção de jogos, cada jogador tentava escolher um torneio ou situação que lhe beneficiasse, e depois efetuar um movimento. Estavam empatados, e o próximo ponto decidira a competição.

Os diversos jogos apareciam aleatoriamente, e cada vez Vor só contava com uns poucos segundos para realizar o movimento. Um antigo jogo terráqueo apareceu na paleta de seleções. Não lhe beneficiava. Desfilaram mais opções. Continuando, viu um jogo mais adequado para máquinas, pela

quantidade de cor que requeria. Deixou-o passar. Apareceram outros dois jogos que não gostou, seguidos por uma mão de pôquer.

Acreditando na sorte e no instinto, Vor olhou para o capitão robô, que não compreendia a estratégia do instinto nem o "talento" do azar. A expressão de Vor era inescrutável, e riu ao ver a confusão que expressava a cara de Seurat.

- Está perdido - disse Vor. - E perdeu. - Cruzou os braços sobre o peito, satisfeito depois que o robô desse seu braço a torcer.

- Não é só a pontuação, e sim a forma com que tenta ganhar.

Seurat respondeu que não queria jogar mais, e Vor riu dele.

- Ficou zangado, Mente Metálica!

- Estou analisando minha tática.

Vor afagou o ombro de seu adversário, para consolá-lo.

- Porque não fica aqui e pratica, enquanto eu piloto a nave? Giedi Prime está ainda muito longe.

33

Os remorsos são numerosos, e eu já tenho muitos.

SERENA BUTLER,
memórias inéditas

O couraçado não só era veloz e difícil de ver nos céus escuros de Giedi Prime, como seus sofisticados sistemas permitiam que passasse desapercebido em quase qualquer situação. Serena confiava que Ort Wibsen seria capaz de guiar seu comando até a ilha isolada do mar do norte, onde começaria seu trabalho.

Pinquer Jibb tinha contribuído com os gráficos, planos e códigos de acesso das torres secundárias, para o caso de que algum sistema continuasse intacto. Entretanto, mesmo com os excelentes engenheiros e conselheiros militares, a missão não ia ser simples.

Depois da longa viagem desde Salusa, sulcavam em silêncio o céu escuro ao mesmo tempo que estudavam a massa de terra que sobrevoavam. Os invasores tinham desligado partes desnecessárias do sistema elétrico, e as cidades estavam ocultas em um negrume absoluto. Afinal, as máquinas podiam adaptar seus sensores ópticos à escuridão.

Serena ignorava quantos membros da tropa local tinham sobrevivido. Confiava em que alguns tivessem passado para a clandestinidade depois da conquista das máquinas, tal como tinha prometido o desesperado mensageiro Jibb. Assim que seu comando reativasse os escudos decodificadores, os milicianos sobreviventes teriam um papel crucial na retomada do planeta. Contava que Xavier viria em sua ajuda com naves da Armada, aproveitando sua influência.

Serena estava sentada no compartimento de passageiros da nave, ansiosa por começar. Seu pai já teria reparado em sua ausência, e esperava que Xavier tivesse partido em direção a Giedi Prime no comando de suas forças. Se não viesse, sua missão estaria condenada ao fracasso, assim como ela e sua equipe.

Xavier estaria preocupado por ela, irritado pelo perigo a que tinha se exposto. Mas se tivesse resultados positivos, todos os seus esforços estariam

justificados.

A única coisa que importava era a missão.

O velho Wibsen, inclinado para frente na cabine, examinava as regiões polares com o fim de localizar a estação de transmissão inacabada. Serena somente tinha lançado um olhar ao relatório de Xavier, mas sabia que as máquinas, ocupadas em subjugar à população de Giedi Prime, não teriam se incomodado em explorar uma ilha isolada do ártico. Enquanto não chamassem a atenção, talvez os engenheiros de Brigit Paterson poderiam terminar seu trabalho sem ser incomodados.

O veterano estudava um painel de instrumentos, enquanto coçava a barba incipiente que cobria suas bochechas. Depois de sua aposentadoria forçada, Wibsen não tinha mantido uma aparência militar. Agora, ao concluir sua larga travessia espacial, parecia mais desarrumado que nunca, mas Serena não o tinha recrutado por sua vestimenta ou higiene pessoal.

O homem contemplava traços e pontos de luz na tela do explorador.

- Essa tem que ser a ilha. - Emitiu um grunhido de satisfação e começou a apertar botões, como um músico que tocasse um teclado para abrir caminho entre a rede de sensores das máquinas. - O revestimento de camuflagem de nosso casco deve bastar para atravessar seus sistemas de vigilância. Eu diria que temos sessenta ou setenta por cento de chances.

Serena aceitou a sombria realidade.

- Isso é mais do que teve a população de Giedi Prime.

- No momento - replicou Wibsen.

Brigit Paterson entrou na cabine, sem perder o equilíbrio quando as turbulências sacudiram a nave.

- A Armada nunca teria aceito correr este risco. Teriam se esquecido de Giedi Prime até que as circunstâncias fossem favoráveis.

- Teremos que lhes ensinar como se fazem as coisas - disse Wibsen.

Serena desejou que Xavier estivesse a seu lado, para tomarem juntos as decisões.

O couraçado camuflado atravessou a atmosfera e desceu por cima do mar gelado.

- É hora de desaparecer de vista - disse o veterano. – Segurem-se.

A nave afundou sob as águas como um ferro incandescente. A superfície apenas se ondulou. Depois, a nave virou para o norte, em direção às coordenadas da ilha rochosa onde um nervoso magno Sumi tinha construído seus transmissores de escudo secundários.

- Eu diria que estamos o bastante longe do raio de ação de seus sensores - disse Serena. - Podemos respirar tranqüilos por um momento.

Wibsen arqueou as sobrancelhas.

- Eu ainda não tinha começado a suar.

Para contradizer seu comentário, reprimiu um ataque de tosse enquanto dirigia a nave. O ancião amaldiçoou sua saúde e a seringa implantada em seu peito.

- Comandante, não ponha em perigo a missão por culpa de seu orgulho – repreendeu-o Serena.

A nave se inclinou para um lado e rangeu. Algo raspou por baixo de um amparo.

- Malditas turbulências! - Wibsen, congestionado, recuperou o controle da nave, e se voltou para Serena. - Neste momento sou seu chofer. Relaxarei assim que os tiver desembarcado.

A nave deslizou sob a superfície durante uma hora, à profundidade suficiente para se esquivar dos fragmentos de gelo flutuantes das regiões polares, e por fim os conduziu até uma baía protegida. Nas telas da cabine, a ilha parecia nua e rochosa, uma massa de gelo e escarpados negros.

- Não parece um refúgio paradisíaco - comentou Wibsen.

- O magno Sumi não a escolheu por sua beleza - disse Brigit Paterson. - daqui, uma projeção polar é simples e eficaz. Estes transmissores cobrem todas as massas de terra desabitadas.

Wibsen guiou o cruzador até a superfície.

- Continuo dizendo que é um lugar muito feio - grunhiu. Começou a tossir de novo quando penetraram no porto rodeado de escarpados, pior que antes. - Justo no momento preciso. - Parecia mais irritado que preocupado. - Seguiremos o curso em piloto automático.

- Digam ao Jibb que venha. Afinal, conhece o território.

Pinquer Jibb lançou um olhar à ilha, decepcionado ao que parecia quando viu que os trabalhos ainda não tinham terminado. Encarregou-se dos controles e guiou a nave para os moles abandonados da ilha. Depois de desligar os motores, abriu as escotilhas.

Um amanhecer púrpura tingia a parte norte do céu. Serena respirou o ar puro mas gélido, protegida pelo casaco. O aspecto da ilha era detestável, e parecia deserta.

Mais reconfortante foi a visão das torres chapeadas, de lados parabólicos e raios metálicos. Estavam cobertos de gelo e geada, mas dava a impressão que os invasores não as haviam destruído.

- Enquanto as ligarmos, os robôs não saberão o que aconteceu - disse Wibsen quando saiu, recuperado na aparência. Soprou um jorro de vapor em suas mãos.

Serena continuou contemplando as torres, com uma expressão decidida e esperançosa em seu rosto. Brigit Paterson assentiu.

- Até assim, temos muito trabalho para fazer.

34

Em tempos de guerra, todo mundo se gaba de contribuir com o esforço bélico. Alguns o fazem verbalmente, alguns contribuem com ajuda econômica, mas poucos estão dispostos a sacrificar tudo. Por isso, em minha opinião, fomos incapazes de derrotar às máquinas pensantes.

ZUFA CENVA,
A arma de Rossak

Quando contemplou às quatorze jovens feiticeiras, escolhidas entre as mais potentes e devotas que Rossak tinha formado, Zufa Cenva compreendeu que estas mulheres não eram a única esperança da humanidade. Não eram a única arma de que dispunham contra os terríveis *cimeks*.

Mas significavam um elemento fundamental no esforço bélico.

Zufa olhou a suas alunas com amor e compaixão. Ninguém, em todos os planetas da liga, confiava mais no triunfo nem lutava mais por alcançar a vitória. Deu a impressão de que seu coração ia explodir quando as viu concentrarem-se no objetivo definitivo. Se todo mundo pudesse fazer o mesmo, não demorariam para derrotar às máquinas pensantes.

Como tinha feito meses antes, Zufa guiou seu grupo de elite para o coração da selva, onde poderiam pôr em prática suas habilidades e convocar o poder. Cada uma destas mulheres era o equivalente a uma ogiva psíquica. Zufa, abençoada desde seu nascimento com mais talentos que qualquer uma delas, havia ensinado seus métodos, as havia empurrado pouco a pouco até seus limites.

Tinha-lhes ensinado a desatar incríveis capacidades telepáticas, e a controlá-las. As mulheres tinham respondido com admirável precisão, superando as expectativas mais otimistas de Zufa.

Mas seus esforços deviam aplicar-se a algo.

Tomou assento sobre um tronco coberto de cogumelos. As taças das árvores formavam um espesso dossel envolto em sombras. A folhagem

purpúrea filtrava a água da chuva, e gotas como lágrimas caíam no chão esponjoso, frescas e potáveis. Insetos de bom tamanho e roedores cheios de pontas formigavam por toda parte, indiferentes ao experimento que as feiticeiras estavam a ponto de começar.

- Prestem atenção. Relaxem... mas estejam preparadas para se concentrar com toda sua força quando eu lhes ordenar.

Zufa olhou para as mulheres, todas altas e pálidas, de pele translúcida e cabelo branco reluzente. Pareciam anjos da guarda, seres luminosos enviados para proteger à humanidade das máquinas pensantes. Podia existir outro motivo para que Deus lhes tivesse concedido tais poderes?

Seu olhar escrutinou um rosto atrás de outro: Silin, a intrépida e impulsiva; Camio, a criativa, que improvisava formas de luta; Tirbes, que ainda não tinha descoberto todas as suas possibilidades; Ruça, que sempre se decantava pela integridade; Heoma, com seu poder ainda sem polir... e outras nove. Se Zufa pedisse uma voluntária, todas as suas escolhidas solicitariam a honra.

Sua tarefa consistia em escolher a primeira mártir. Xavier Harkonnen estava ansioso por partir para Giedi Prime.

Amava a suas alunas como se fossem suas filhas... e eram, em um sentido muito real, porque seguiam seus métodos, potenciavam suas possibilidades. Estas jovens eram tão diferentes de Norma...

As quatorze mulheres se erguiam imóveis a sua frente, em aparência contentes e serenas, mas tensas por dentro. Tinham os olhos entrecerrados. Suas narinas se alargavam ao respirar, contavam os batimentos do coração e utilizavam técnicas de bio-regeneração inatas para alterar as funções corporais.

- Comecem a alimentar o poder em sua mente. Sintam-no como eletricidade estática antes de uma tormenta.

Viu que sua expressão se alterava apenas.

- Vão aumentando o poder. Imaginado-o em seu cérebro, porém não percam o controle. Passo a passo. Sintam o aumento da energia, porém, não a liberem. Controlem.

Zufa sentiu que a energia crepitava a seu redor. Sorriu.

Zufa voltou a sentar-se no tronco, debilitada, mas não ousou revelá-lo. Seu recente aborto, quando tinha expulso o monstruoso broto do Aurelius Venport, a tinha deixado sem forças, mas havia muito trabalho que fazer, e não podia postergar-se nem delegar-se. Os planetas da liga dependiam dela, sobretudo agora.

Todo mundo confiava na feiticeira, mas Zufa Cenva tinha carregado outro peso sobre seus ombros. Em cada giro dos acontecimentos, seus planos

e sonhos vieram abaixo quando a mente se negava a levar a cabo o esforço ou a correr os riscos necessários. Estas devotas alunas pareciam diferentes, e estava segura de que não a decepcionariam. Com muita freqüência, quando punha a prova outras pessoas, descobria que não estavam à altura de suas expectativas.

- Um pouco mais - disse. - Intensifiquem seu poder. Provem seu alcance, mas sempre com cautela. Um engano neste momento liquidaria a todas, e a raça humana não pode se permitir o luxo de nos perder.

A energia psíquica aumentou. O cabelo claro da feiticeira começou a elevar-se, como se a gravidade tivesse falhado.

- Bem, bem. Continuem.

Seu êxito a agradava.

A auto-exaltação nunca tinha interessado a Zufa. Era uma supervisora rigorosa e difícil, que não tinha paciência nem compaixão para os fracassos de outros. Não necessitava de riquezas como Aurelius Venport, nem louvores como Tio Holtzman, nem sequer um pouco de atenção, como a que Norma parecia desejar ao convencer o sábio para que a tomasse como aprendiz. Se Zufa Cenva era impaciente, tinha direito a sê-lo. Viviam uma época crítica.

A vegetação se agitou quando insetos e roedores fugiram das ondas psíquicas, cada vez mais potentes. As árvores sussurraram, folhas e ramos se desprenderam como se tentassem fugir da selva. Zufa entreabriu os olhos e examinou suas alunas.

Estavam chegando à parte mais perigosa. A energia mental tinha aumentado até o ponto em que seus corpos começaram a brilhar. Zufa teve que utilizar suas habilidades para erigir uma barreira protetora contra a pressão psíquica combinada que sentia em sua mente. Um deslize, e tudo se perderia.

Mas sabia que estas devotas aprendizes jamais cometeriam tal equívoco. Compreendiam o que estava em jogo e as conseqüências. Zufa as olhou com o coração esmigalhado.

Uma das alunas, Heoma, projetava mais energia que suas companheiras, mas ainda mantinha o controle. A força destrutiva poderia abrasar com facilidade suas células cerebrais, mas Heoma a dominava, olhando sem ver enquanto seu cabelo se agitava como uma tormenta.

De repente, caiu do alto uma árvore, um animal recoberto de escamas com dentes afiados como agulhas e grossa blindagem corporal. Desabou entre as jovens com um ruído surdo, enlouquecido pelas ondas mentais. Todo músculo e cartilagem, revolveu-se com seus poderosas mandíbulas e fortes garras.

Tirbes, sobressaltada, deu um coice, e Zufa sentiu uma onda incontrolada de poder que surgia como um jorro de fogo.

- Não! - gritou, e estendeu as mãos, ao mesmo tempo que utilizava seus poderes para emendar o deslize da estudante. – Controle-se!

Heoma, com absoluta calma, apontou com o dedo para a árvore como se estivesse apagando uma mancha de uma tabela magnética. Desenhou uma linha de destruição psíquica passando sobre o corpo do depredador. O animal estalou em chamas, seus ossos se carbonizaram e sua pele se converteu em cinzas. Brotaram chamas das órbitas vazias de seus olhos.

As companheiras de Heoma se esforçaram por controlar seus forças mentais, mas se haviam distraído em um momento crítico e estavam perdendo seu precário controle sobre seus aríetes telepáticos. Heoma e Zufa mantinham uma serenidade sobrenatural, em contraste com os frenéticos esforços das demais. A força psíquica combinada ondulava e se agitava.

- Contenham-se - disse Zufa com lábios trementes. - Temperem o poder. Sepultem em seu interior. Controlem e devolvam a sua mente. É uma bateria, e precisam conservá-la carregada.

Respirou fundo e viu que todas suas guerrilheiras psíquicas a estavam imitando. Pouco a pouco, quando começaram a moderar seus esforços constantes, a eletricidade da atmosfera foi diminuindo.

- Basta por enquanto. Isto é o melhor que já fizeram. - Zufa abriu os olhos e viu que todas as estudantes a estavam olhando, Tirbes pálida e assustada, as demais assombradas pelo perto que tinham estado da autoaniquilação. Heoma, uma ilha à parte, parecia inabalável.

A vegetação estava retorcida e chamuscada, formando um amplo círculo a seu redor. Zufa estudou a folhagem enegrecida, os ramos caídos e os liquens murchos. Um momento mais, e todas teriam se desintegrado em uma bola de chamas telepáticas.

Mas tinham sobrevivido. A prova tinha constituído um êxito terminante.

Uma vez desaparecida a tensão, Zufa se permitiu um sorriso.

- Estou orgulhosa de todas vocês - disse, e falava a sério. Vocês... minhas armas... estarão preparadas assim que a Armada chegar.

35

As respostas matemática nem sempre se expressam de maneira numérica. Como se calcula o valor da humanidade, ou de uma só vida?

PENSADORA KWYNA,
arquivos da Cidade da Introspecção

Na extravagante casa de Tio Holtzman, situada no alto de um escarpado, Norma Cenva dedicou três dias a acomodar-se em seu extenso laboratório. Tinha muito que fazer, muito que aprender. E o melhor de tudo era que o sábio estava ansioso por escutar suas idéias. Não poderia pedir mais.

A tranqüila Poritrin não recordava em nada às perigosas selvas e canhões de lava de Rossak. Desejava explorar as ruas e canais da Starda, que divisava das janelas.

Pediu permissão a Holtzman para descer ao rio, onde tinha visto muita gente levar a cabo diferentes trabalhos. Até se sentia culpada por tão humilde pedido, em lugar de trabalhar tenazmente para descobrir meios de lutar contra as máquinas pensantes.

- Minha mente está um pouco cansada, sábio Holtzman, e sinto curiosidade.

Em lugar de olhar para ela com ceticismo, o sábio aceitou a idéia de bom grado, contente de encontrar uma desculpa para acompanhá-la.

- Lembre-se que lhe pagam para pensar, Norma. Podemos fazer isso em qualquer lugar. - Afastou para um lado um maço de rascunhos e esboços. - Talvez um pouco de turismo a inspire. Nunca se sabe quando e onde surge a inspiração.

Guiou-a por uma escada que se aferrava a um escarpado sobre o Isana. Norma percebeu o aroma do rio, o limo arrastados das terras altas. Pela primeira vez em sua vida, sentiu-se aturdida pelas possibilidades que lhe ofereciam. O sábio estava muito interessado em sua imaginação, em sua mente, escutava suas sugestões, ao contrário de mãe, sempre desdenhosa.

Norma explicou uma idéia que lhe tinha ocorrido naquela manhã.

- Sábio Holtzman, estudei seus escudos decodificadores. Acredito que entendo seu funcionamento, e me perguntei se seria possível... ampliá-los.

O cientista expressou um interesse cauteloso, como se temeroso de que ela fosse a criticar seu invento.

- Ampliá-los? Já abrangem a atmosfera dos planetas.

- Refiro-me a uma aplicação muito diferente. Seus decodificadores constituem um conceito puramente defensivo. O que aconteceria se utilizássemos os mesmos princípios para um arma ofensiva.

Perscrutou sua expressão, e detectou perplexidade, porém também desejo de escutar.

- Uma arma? Como imagina obter isso?

Norma respondeu depressa.

- E se construíssemos um... projetor? Transmitir o campo para o interior de uma fortaleza das máquinas pensantes, para desorganizar seus cérebros de circuitos gelificados. Quase como o impulso eletromagnético de uma explosão atômica no ar.

O rosto de Holtzman se iluminou.

- Agora entendo! Seu raio de ação seria limitado, e a energia necessária focalizada. Mas talvez... poderia funcionar. O suficiente para neutralizar às máquinas pensantes dentro de um perímetro substancial. - Deu algumas pancadinhas no queixo, entusiasmado pela idéia. - Um projetor... Estupendo, estupendo!

Caminharam pela borda até que chegaram à extensão fedorenta das terras baixas alagadas, salpicada de atoleiros lamacentos. Equipes de escravos seminus chapinhavam nessa zona, alguns descalços, outros com botas altas até as coxas. A intervalos regulares, se viam pontes de tábua sobre as quais descansavam barris metálicos. Os escravos iam e vinham dos barris, de onde extraíam punhados do conteúdo, para logo afundar seus dedos em marcas riscadas no barro.

- O que estão fazendo? - perguntou Norma. Dava a impressão de que se dedicassem a enterrar adornos no barro.

Holtzman forçou a vista, como se nunca tivesse atentado para aqueles detalhes.

- Ah, sim! Estão pulverizando alevinos de almeja, diminutos moluscos que criamos a partir de ovos filtrados da água do rio. A cada primavera, os escravos pulverizam centenas de milhares, talvez milhões. - Encolheu os ombros. - As águas se elevam de novo, cobrem os viveiros, e depois baixam de novo. No outono, as equipes recolhem os moluscos: almejas tão grandes como

sua mão. - Elevou sua palma direita. - Deliciosas, sobretudo fritas com manteiga e cogumelos.

Norma franziu o cenho quando olhou para os numerosos escravos que chapinhavam na água. O conceito de operários cativos lhe era muito estranho e desagradável, incluindo os calculadores de Holtzman.

O cientista não ousou aproximar-se em excesso do fedor dos escravos, face a curiosidade de Norma.

- O melhor é manter distância.

- Sábio, não lhe parece... hipócrita lutar para libertar os humanos da dominação das máquinas, enquanto ao mesmo tempo alguns planetas da liga utilizam escravos?

O homem pareceu perplexo.

- Mas como se poderia trabalhar em Poritrin, já que carecemos de máquinas sofisticadas?

Quando reparou por fim na expressão séria de Norma, demorou um momento em compreender o motivo de sua preocupação.

- Ah, tinha esquecido que em Rossak não há escravos! Estou certo?

Norma não quis criticar o estilo de vida de seu anfitrião.

- Não fazem falta, sábio. A população de Rossak é escassa, e há muitos voluntários que vão trabalhar na selva.

- Entendo. Bem, a economia de Poritrin se baseia na mão de obra e no trabalho físico constante. Faz muito tempo, nossos líderes decretaram um decreto proibindo qualquer maquinaria eletrônica, talvez uma medida mais radical que em outros planetas da liga. Não nos restou outra alternativa senão optar pela mão de obra humana. - Sorriu e apontou as equipes. - Não é tão grave, Norma. Nós os vestimos e alimentamos. Entenda que estes operários procedem de planetas primitivos onde levavam uma existência miserável, morriam de enfermidades e desnutrição. Isto é um paraíso para eles.

- Todos são dos Planetas Não Aliados?

- Restos de colônias de fanáticos religiosos que fugiram do Império Antigo. Todos *budislâmicos*. Reduzidos a desagradáveis níveis de barbárie, logo que civilizados, vivem como animais. Ao menos, a maior parte de nossos escravos recebem uma educação rudimentar, sobretudo os que trabalham para mim.

Norma protegeu os olhos do sol e olhou com ceticismo as formas curvadas que trabalhavam nos pântanos. Os escravos estariam de acordo com a cega definição do cientista?

A expressão de Holtzman endureceu.

- Além disso, esses covardes estão em dívida com a humanidade, por não combater contra as máquinas pensantes como nós. É excessivo pedir a seus descendentes que contribuam para alimentar os sobreviventes e veteranos que mantiveram, e ainda mantêm, as máquinas a distância? Esta gente renunciou a seu direito à liberdade a muito tempo, quando desertaram da raça humana. - Não parecia muito irritado, como se o problema fosse alheio a ele. - Temos um trabalho mais importante a fazer, Norma. Você e eu também temos que pagar uma dívida, e a Liga de Nobres confia em nós.

Naquela noite, obstinada ao frio metal do corrimão de liga forjada, a pequena mulher olhava do balcão as luzes da cidade. Os navios e barcaças que flutuavam no Isana pareciam vaga-lumes empapados de água. Na escuridão, balsas iluminadas se afastavam do setor dos escravos, fogueiras móveis que entravam no pântano até desvanecer no negrume.

Holtzman, que cantarolava, aproximou-se para lhe oferecer uma taça de chá, e Norma perguntou sobre as embarcações. O homem forçou a vista, mas demorou um pouco em compreender o que os escravos estavam fazendo.

- Ah, devem ser balsas crematórias. O Isana se leva os corpos da cidade, e as cinzas são arrastadas para o mar. Tudo muito eficaz.

- Mas por que há tantas? - Norma indicou as dúzias de luzes flutuantes. - Tantos escravos morrem a cada dia?

Holtzman franziu o cenho.

- Ouvi falar de uma praga que assola os operários. O pior é que é difícil substituí-los. - Se apressou a tranqüilizá-la, com olhos brilhantes. - Não tem por que preocupar-se. Asseguro-lhe. Contamos com montões de medicamentos, suficiente para atender todos os cidadãos livres de Starda, no caso de também ficarem doentes.

- E o que acontece aos escravos que morrem?

- Lorde Bludd já solicitou substitutos - foi a evasiva resposta do sábio. - Ultimamente, há muita demanda de candidatos sãos. Os mercados de carne da *Tlulaxa* não param de capturar homens e mulheres nos planetas periféricos. A vida continua em Poritrin.

Afagou o ombro de Norma como se fosse uma menina.

A jovem tentou contar os barcos flutuantes do balcão, mas não demorou para desistir. O chá lhe caiu frio e amargo.

Holtzman continuou falando.

- Gostei muito da sua idéia de utilizar meu escudo decodificador como arma. Já estou pensando na forma de desenhar um projetor portátil que possa funcionar de terra.

- Entendo - disse Norma, vacilante. – Vou me esforçar em sugerir novas idéias.

Antes de partir, Norma não pôde afastar a vista dos barcos funerários que sulcavam o rio. Havia visto escravos nos pântanos pulverizando alevinos de almeja, assim como nos laboratórios, calculando centenas de equações. Agora, estavam morrendo aos montes, vítimas da febre..., mas eles eram fáceis de substituir.

A Liga de Nobres lutava com todas suas forças para não serem escravos das máquinas pensantes. Norma pensou na hipocrisia da situação.

36

Nem todos os homens são criados iguais, e essa é a raiz dos distúrbios sociais.

TLALOC,
Era-a dos Titãs

A nave de escravos *tlulaxa* caiu sobre o Harmonthep como um comboio fatigado, em vez de um esquadrão militar. Tuk Keedair ia na nave capitânia, mas tinha permitido que o novato Ryx Hannem se encarregasse de pilotar e disparar. O jovem Hannem, que ainda não estava acostumado a este tipo de operações, estaria ansioso por agradar a Keedair, e o veterano mercador de carne queria ver de que o novato era feito.

Keedair tinha o nariz esmagado, que tinha quebrado duas vezes na sua juventude. Gostava do aspecto rude que contribuía a seu rosto feroz. Levava na orelha direita um pendente de ouro triangular, com um símbolo hieroglífico gravado que se negava a traduzir. Uma trança negra, riscada de cinza, caia entre seus ombros da parte esquerda de sua cabeça: uma marca de orgulho, pois a tradição comercial exigia que um mercador de carne cortasse a trança depois de um ano de perdas. E a de Keedair era muito longa.

- Já temos as coordenadas? - perguntou Hannem, e passeou seus olhos nervosos entre o painel de controle e o pára-brisa da cabine. - Por onde vamos começar, senhor?

- Harmonthep é um planeta não aliado, moço, e os budislâmicos não publicam mapas.

- Buscaremos um povoado, e depois capturaremos seus habitantes. Ninguém leva o censo.

Hannem olhou pelo visor, à busca de aldeias. As naves de Tlulaxa sobrevoavam um continente verde alagado. Nem montanhas nem colinas se elevavam sobre a paisagem de lagos, pântanos e canais fluviais. Dava a impressão de que Harmonthep tinha aversão a elevar suas massas de terra sobre o nível da água. Até os oceanos eram pouco profundos.

Depois de mais algumas caçadas, talvez Keedair pudesse tirar umas longas férias em Tlulax, o planeta isolado de seu povo. Era um magnífico lugar

para relaxar, embora estivesse seguro de que não demoraria para se sentir inquieto de novo. Como "fornecedor de recursos humanos", Keedair não possuía um lar fixo.

A indústria biológica *tlulaxa* exigia sem cessar material de primeira mão, a partir de novos sujeitos, linhas genéticas desperdiçadas. Graças a rodear suas atividades de um impenetrável segredo, os *tlulaxa* tinham conseguido enganar seus inocentes clientes da liga. Quando o preço era justo e grande a necessidade, os nobres aceitavam com facilidade histórias de biotanques sofisticados onde se cultivavam órgãos. Inclusive, os dedicados pesquisadores se dedicavam a modificar suas tanques de clonagem com o fim de produzir tais produtos, mas ainda não contavam com a tecnologia adequada.

Era muito mais fácil capturar humanos esquecidos que viviam em planetas remotos. Ninguém sabia dos seqüestros, e se catalogava os cativos segundo suas características genéticas.

No momento, a repentina carência de escravos aptos em Poritrin tinha mudado o objetivo de Keedair. Enquanto a praga não fosse erradicada, era mais benéfico proporcionar cativos vivos, corpos quentes que não era necessário processar...

Quando as naves se aproximaram dos pântanos, Keedair deu alguns golpes sobre o mapa topográfico que aparecia na tela.

- Voe a baixa altitude sobre esse rio largo e siga-o. Por minha experiência, é provável que encontre uma aldeia na confluência dos canais navegáveis.

Quando a nave desceu, distinguiu grandes forma escuras que se moviam nas águas, animais similares a serpentes que descansavam entre as canas. Enormes flores alaranjadas brotavam na extremidade dos caules, abriam-se e fechavam como bocas carnudas. Keetair se alegrou de não ser obrigado a prolongar sua estadia neste planeta desagradável.

- Vejo algo, senhor!

Hannem projetou uma imagem ampliada na tela, e assinalou um grupo de cabanas elevadas sobre postes nos pântanos.

- Estupendo, moço. - Keedair chamou as outras naves. - Será como roubar frutas no jardim de um nobre.

A aldeia não parecia muito extensa. As cabanas redondas eram feitas de canas e barro, solidificadas com uma espécie de cimento plástico. Entre elas pendiam algumas antenas, espelhos e coletores de vento, embora os *budislâmicos* utilizassem muito pouca tecnologia sofisticada. Duvidou que poderia encher os porões de todas as naves com os exemplares desta única aldeia, mas era sempre otimista. Os negócios marchavam de vento em popa.

Três naves de combate flanquearam à nave capitânia de Keedair, enquanto as de carga se afastaram. Ryx Hannem compôs uma expressão inquieta quando se aproximaram do povoado.

- Está seguro de que contamos com muitos armas, senhor? Nunca participei de um ataque com estas características.

Keedair arqueou uma sobrancelha.

- São *zensunnis*, moço, pacifistas até a medula. Quando chegaram as máquinas pensantes, não tiveram colhões para lutar. Duvido que nos façam um arranhão sequer. Confie em mim, nunca verá mais pranto e ranger de dentes. São patéticos. - Abriu o canal de comunicações e falou com seus homens. - Derrubem os postes de três cabanas e as joguem na água. Eles sairão correndo. Depois, utilizaremos atordoantes. - Sua voz era serena, inclusive um pouco aborrecida. - Teremos muito tempo para capturar os que valerem a pena. Se algum estiver ferido gravemente, recolham-no para as reservas de órgãos, entretanto eu prefiro corpos intactos.

Hannem olhou-o com ar de adoração. Keedair voltou a falar pelo canal de comunicações.

- Haverá benefícios para todos, e uma recompensa por cada macho e fêmea férteis que forem capturados ilesos.

Os pilotos prorromperam em vivas, e depois as quatro naves de combate se lançaram sobre a aldeia indefesa. O jovem Hannem deu um salto quando as naves atacaram. Cortaram os postes com raios desintegradores, e as cabanas sem sustentação afundaram nas águas turvas.

- Bem...

- Abra fogo, moço! - ordenou Keedair.

Hannem disparou suas armas, desintegrou um dos postes, derrubou a parede lateral de uma cabana e incendiou as canas.

- Não tanta destruição - disse Keedair, impondo um pouco de calma a sua impaciência. - Não é para aniquilar os aldeões. Ainda não pudemos ver se valem a pena.

Tal como tinha antecipado, os patéticos *zensunni* saíram a toda pressa de suas cabanas. Alguns portavam escadas e postes para subir aos barcos presos às suas cabanas.

As duas naves de carga aterrissaram junto ao povoado. Abriram pontes para manter a flutuação das naves, e rampas de carga se estenderam até colinas de aspecto sólido cobertas de erva.

Keedair indicou a Hannem que descesse perto dos grupos que fugiam.

Alguns se afundavam até a cintura na água, enquanto as mulheres arrastavam os meninos até as canas e os jovens brandiam lanças, que pareciam mais adequadas para pescar que para combater.

Os primeiros invasores *tlulaxa* já tinham saído de suas naves. Quando Keedair pisou em um montículo de erva esmagada com o atordoante em suas mãos, seus camaradas já estavam abrindo fogo, escolhendo seus alvos com precisão.

Os adultos sãos foram os primeiros, porque eram os que se valiam mais no mercado de Poritrin, e porque podiam causar mais problemas, se lhes concedesse a oportunidade.

Keedair entregou a arma a um sorridente mas intimidado Ryx Hannem.

- Será melhor que comece a disparar, moço, se quiser sua parte do botim.

O pequeno Ishmael guiava seu barco pela via fluvial, entre o labirinto de arroios e canais.

A vegetação se elevavam por cima de sua cabeça, inclusive quando ficava de pé. As flores laranja se abriam e fechavam com um estalo, cada vez que apanhavam um mosquito.

Ishmael, de oito anos, fazia muito tempo que saia a caça sozinho. Sua avó materna, que lhe tinha criado depois da morte de seus pais, tinha-lhe ensinado bem. Ishmael sabia localizar esconderijos de ovos de *qaraa*, que nem mesmo as águias gigantes eram capazes de descobrir.

Tinha encontrado uma boa quantidade de folhas para preparar salada e capturado dois peixes, de uma espécie que nunca tinha visto. Sua cesta se agitava, enquanto os seres venenosos presos em seu interior subiam e desciam pelas paredes, e projetavam diminutas patas negras pelos buracos. Ele tinha capturado dezoito percevejos de leite, grandes como sua mão. Esta noite, a família comeria bem!

Mas quando se aproximou da aldeia, Ishmael ouviu gritos, além de estranhos zumbidos. Descargas de estática. Remou com celeridade, mas sem esquecer da prudência. As canas eram muito altas para que visse algo.

Quando dobrou uma curva, viu as naves, um dos maiores temores de sua tribo e o motivo de que tivessem construído a aldeia em um lugar tão isolado. Várias cabanas tinham caído na água, enquanto outras ardiam em chamas. Impossível!

O menino quis gritar e correr para a luta, mas sua razão o aconselhou que fugisse. Ishmael viu que os caçadores apontavam seus atordoantes,

abatendo um aldeão atrás de outro. Algumas pessoas tentavam esconder-se em suas casas, mas os atacantes abriam caminho através delas.

Os *zensunni* não tinham fechaduras em suas portas, nem lugares protegidos onde esconder-se. Como seguidores do Budalá, eram gente pacífica. Nunca tinham surgido guerras entre os povos de Harmonthep. Ao menos, Ishmael não tinha notícia disso.

Seu coração pulsava acelerado. Tal alvoroço atrairia às enguias gigantes, embora os predadores fossem bastante preguiçosos a esta hora do dia. Se os caçadores não levassem todos os aldeões inconscientes caídos na água, as enguias teriam um festim...

Ishmael aproximou o barco de uma das naves. Viu sua prima Taina cair por causa de um disparo, e depois, alguns homens de aspecto sujo carregaram seu corpo imóvel sobre uma balsa metálica.

Ishmael não sabia o que fazer. Ouviu um rugido: o sangue que corria em seus veias, seu fôlego ofegante.

Então, seu avô, Weyop, avançou para o centro das cabanas e plantou cara ao caos.

O ancião carregava um magro gongo de bronze que estava pendurado de um pau, símbolo de seu cargo de porta-voz da tribo. O avô do Ishmael não parecia assustado, e o menino experimentou um grande alívio imediatamente. Tinha fé no homem sábio, que sempre encontrava uma forma de resolver as disputas. Weyop salvaria aos aldeões.

Mas no fundo de seu coração, Ishmael sentia um medo terrível, pois sabia que a situação não se solucionaria com tanta facilidade.

Ryx Hannem demonstrou ser um bom elemento. Depois de derrubar seu primeiro cativo, continuou disparando com entusiasmo. Keedair ia contando mentalmente o botim, embora não saberia com segurança até que os corpos inconscientes fossem depositados em ataúdes de êxtase para serem transportados.

Keedair apertou as mandíbulas quando os *zensunni* suplicaram e gemeram, talvez do mesmo modo que a população de Giedi Prime depois da conquista das máquinas pensantes. Keedair tinha sócios comerciais em Giedi City, mas não acreditava que os veria vivos de novo.

Não sentia a menor compaixão por aqueles bastardos *zensunni*.

Hannem apontou para um ancião que avançava imperturbável.

- O que ele acredita que está fazendo, senhor? - O velho não parava de golpear um gongo metálico que pendia de um pau comprido. Hannem levantou seu atordoante. – Devemos capturá-lo?

Keedair negou com a cabeça.

- Muito velho. Não desperdice uma descarga com ele.

Dois negreiros acostumados pensaram o mesmo. Quebraram o pau do líder e o jogaram na água, e depois riram quando ele os amaldiçoou em uma mescla de seu jargão natal e *galach*, o idioma universal dos planetas humanos. O humilhado ancião nadou até a borda.

Os outros aldeões gemiam e soluçavam, mas a maioria dos jovens sãos já estavam nos barcos, inconscientes. As anciãs e os meninos choravam, mas sem expressar o menor gesto de resistência. Keedair olhou para Ryx Hannem.

De repente, um menino saiu correndo da vegetação atrás deles. Lançou paus contra Hannem e Keedair, gritando algo a respeito de seu avô. Keedair se agachou. Uma pedra passou roçando sua cabeça.

Então, o menino agarrou uma cesta que levava em seu barco e a lançou contra Hannem. O frágil vime se rompeu e libertou um enxame de enormes insetos de patas finas, que se equilibraram sobre o peito e o rosto de Hannem. O co-piloto emitiu um grito fraco enquanto esmagava a multidão de atacantes, mas continuaram subindo por seus braços e por sua roupa. Os corpos esmagados segregavam uma substância leitosa que parecia pus.

Keedair se apoderou do atordoante de Hannem e apontou para o menino. Quando o menino caiu, Keedair também acertou seu co-piloto com o raio paralisante. Não era o melhor método, mas ao menos incapacitava os insetos venenosos, além de Hannem. Uma vez a bordo da nave de carga, introduziriam ao caçador ferido em um ataúde de êxtase, junto com os novos cativos. Keedair ignorava se o moço viveria, ou só sofreria pesadelos durante o resto de sua vida.

Gritou para os demais *tlulaxa* que recolheram os corpos inconscientes. Parecia que iriam necessitar da segunda nave de carga. Não foi nada mal, pensou. Estudou a forma imóvel do menino nativo. Não havia dúvida de que o pequeno *zensunni* era imprudente e impetuoso. Não serviria de grande coisa para o amo que o comprasse.

Mas isso não preocupava Keedair. Poritrin se encarregaria do problema. Até aturdido e sujo, o menino parecia são e forte, embora talvez um pouco jovem para acompanhar aos outros escravos. Embora só se sentisse irritado, Keedair decidiu incluí-lo no lote. Tinha lhe causado problemas e merecia um castigo, sobretudo se Hannem acabasse morrendo.

O ancião da tribo se achava na borda, empapado, gritavam *sutras budislâmicos* aos atacantes, descrevia os enganos de seus costumes. Havia corpos

flutuando de bruços na água. Alguns dos desesperados aldeões utilizavam paus para aproximar os cadáveres da borda, sem deixar de choramingar e soluçar.

Keedair viu grandes formas sinuosas que se aproximavam pelos canais, atraídas pelo barulho. Uma delas elevou a cabeça da água e exibiu uma boca cheia de presas.

Quando viu o animal, um calafrio percorreu a espinha de Keedair. Quem sabia que outras criaturas viviam?

Ansioso por afastar-se dos pântanos, ordenou a seus homens que se apressassem. Viu como carregavam aos novos escravos nas naves. Tinha vontade de voltar para sua nave. Entretanto, os benefícios que obteria da operação compensariam os inconvenientes e o desconforto.

Uma vez tudo disposto, entrou em sua nave, ligou os motores e elevou os estabilizadores incrustados de barro. Quando se elevou no céu nebuloso, Tuk Keedair olhou para baixo e viu que as enguias gigantes começavam a devorar os cadáveres.

37

A mente governa o universo. Temos que nos assegurar de que seja a mente humana, em lugar da versão das máquinas.

PRIMEIRO FAYKAN BUTLER
Memórias da Jihad

Zufa Cenva escolheu a sua aluna mais brilhante para transformá-la na primeira arma de Rossak dirigida contra os *cimeks* de Giedi Prime. A feiticeira Heoma, enérgica e devotada, parecia mais que disposta a responder a chamada.

Zufa coordenava a operação com a Armada da Liga. A chefa das feiticeiras mordeu o lábio inferior e piscou para reprimir as lágrimas de orgulho que brotavam em seus olhos.

A inesperada e imprudente incursão de Serena Butler proporcionou o ímpeto necessário para que a Armada decidisse passar à ofensiva. Entre as discussões e o ruído de sabres, Xavier Harkonnen tinha esboçado um plano bem organizado para o ataque. Depois, havia convencido seu comandante em chefe que lhe permitisse dirigir o ataque. No céu de Rossak, a frota de naves de guerra estava preparada para zarpar das estações orbitais.

A desforra inicial contra os invasores devia constituir uma vitória radical e absoluta, muito mais que uma escaramuça isolada. Cada planeta influía em outros, como os elos de uma corrente. O terceiro Harkonnen estaria no comando de um grupo de combate, provido com os novos decodificadores portáteis de Tio Holtzman, que deixariam fora de combate às instalações robóticas.

Não obstante, uma feiticeira deveria se encarregar dos *cimeks*, porque seus cérebros humanos eram imunes às ondas decodificadoras. Heoma tinha aceitado sua tarefa sem a menor vacilação.

Era uma jovem magra de vinte e três anos, cabelo branco, olhos amendoados e feições comuns que desmentiam a energia de sua poderosa mente. Para a Zufa, não só contavam seus poderes mentais. Queria Heoma como a uma filha. Heoma era a maior de cinco irmãs. Mais três já tinham ingressado na ordem.

Zufa apoiou as mãos sobre os ombros de sua protegida.

- Sabe o muito que depende desta missão. Sei que não me decepcionará, nem a mim nem a humanidade.

- Estarei à altura de suas expectativas - prometeu Heoma. - Talvez inclusive mais.

O coração da Zufa se encheu de orgulho. Quando Heoma subiu à lançadeira, a feiticeira disse:

- Não estará sozinha. Todas voaremos com você.

Durante os últimos preparativos, Zufa tinha falado aos homens mais fortes de Rossak com palavras graves e expressão dura, tinha-lhes repreendido por sua incapacidade de desempenhar um papel decisivo no combate crucial. O fato de não possuírem poderes telepáticos não impedia que pudessem participar de outras maneiras. O ataque contra Giedi Prime também necessitava de sua ajuda. A escultural feiticeira tinha convencido seis deles a que acompanhassem Heoma como guarda-costas.

Os homens de Rossak levaram sua reserva particular de estimulantes e sedativos, que Aurelius Venport lhes tinha facilitado. Tinham aprendido a dirigir todo tipo de armas e as técnicas da luta corpo a corpo. Quando chegasse o momento, se transformariam em guerreiros fanáticos, que iriam ao combate indiferentes a sua sobrevivência, sem outro objetivo além de aproximar a feiticeira dos *cimeks*. Venport tinha preparado as drogas com supremo cuidado, e inventado uma fórmula que permitiria aos homens superar horrores sem conta.

Enquanto via a lançadeira subir para as naves que aguardavam, as idéias amontoaram-se na mente da Zufa, transita de remorsos e impaciência. Tentou conter seus sentimentos atrás de uma muralha de confiança e fidelidade a sua missão.

Aurelius Venport se deteve em silencio a seu lado, como se não soubesse o que dizer. O homem era o bastante sensível para perceber a tristeza de Zufa ao ver partir para sua aluna favorita.

- Tudo sairá bem.

- Não.

- Mas ela triunfará.

O olhar pormenorizado de Venport deu a entender que não se deixava enganar pelo comportamento desdenhoso da feiticeira.

- Sei que teria desejado ser você a primeira arma, minha querida. Heoma possui muito talento, mas você é a melhor de todas. Lembre-se que ainda está se recuperando do aborto, e que sua debilidade poderia fazer fracassar a missão.

- E cabe-me a responsabilidade de preparar às demais. - Zufa viu que a lançadeira desaparecia entre as nuvens. - Só me resta a alternativa de ficar aqui e fazer o que puder.

- É curioso. Eu estava pensando o mesmo a respeito de meu trabalho.

Quando se recordou dos torpes guarda-costas, a feiticeira estudou seu amante com indisfarçado desprezo. Seus olhos aristocráticos eram incisivos, livres de drogas corruptoras, mas sua atitude independente a irritava.

- Por que não se ofereceu como voluntário para a operação, Aurelius? Ou é muito egoísta para isso?

- A minha maneira, sou um patriota. - Venport olhou-a com um sorriso irônico. - Mas não espero que você o compreenda.

A feiticeira ficou sem respostas, e os dois continuaram observando o céu, muito depois de que a lançadeira tivesse chegado à estação orbital.

38

Não acredito que exista isso que chamam de "causa perdida". Somente gente que carece de seguidores fanáticos.

SERENA BUTLER,
discurso no Parlamento da liga

Apesar do relatório otimista do magno Sumi, a estação transmissora secundária de Giedi Prime estava muito longe de sua conclusão.

Quando o comando de Serena aterrissou na ilha rochosa açoitada pelos ventos do mar do norte, dedicaram todo um dia a transportar seu equipamento e equipe até a borda, abrir os barracões e voltar a pôr em funcionamento os geradores. As torres parabólicas se erguiam como esqueletos incrustados de geada, mas nenhum dos sistemas funcionava.

Assim que Brigit Paterson fez uma idéia da magnitude de sua tarefa, voltou-se para Serena com o cenho franzido.

- O máximo que posso dizer é que não será impossível terminar o trabalho. - Encolheu seus largos ombros. - A armação e a construção estão terminadas, mas a maioria dos componentes ainda não foram conectado. As sub-estações não estão conectadas, e os cabos nem sequer chegam as vigas mestras mais elevadas.

Indicou as grades que gemiam na brisa.

Serena não sentiu inveja do voluntario que teria de subir para concluir as conexões vitais.

- Não sabemos com exatidão quando Xavier chegará com a Armada para nos resgatar, mas se não tivermos terminado quando as suas naves chegarem, não vale a pena começar. Nós o decepcionaremos, tanto quanto as pessoas de Giedi Prime.

Brigit convocou seus engenheiros para uma reunião de urgência.

- Teremos de consumir muitos estimulantes. Podemos trabalhar dia e noite, desde que montemos luzes para iluminar as plataformas.

- Façam - disse Serena, - e peçam nossa ajuda sempre que for necessário. O comandante Wibsen deseja alguns dias de descanso, mas o tiraremos de sua cama a pancadas, se for preciso, para que colabore.

Brigit lhe dedicou um sorriso irônico.

- Gostaria de ver isso.

Trabalharam durante toda a semana seguinte sem que ninguém os incomodasse. As máquinas pensantes desconheciam sua presença, e o que estavam fazendo. Sem sofrer mais que algumas contusões leves, a equipe finalizou a parte mais perigosa do trabalho. Brigit Paterson anunciou que as fases restantes seriam as que consumiriam mais tempo.

- Temos de examinar todos os componente, e fortalecer os circuitos. devido a sua própria natureza, estas torres transmissoras geram um campo que neutraliza os circuitos gelificados. Temos que nos assegurar de que o sistema resistirá mais de cinco minutos depois de ativado.

Serena mordeu o lábio e assentiu.

- Isso seria estupendo.

- E se os experimentos revelarem nossa presença - continuou Brigit, - alguma máquina pensante poderia adivinhar o que estamos tramando. É um processo delicado.

- Quanto tempo? - perguntou Ort Wibsen, impaciente.

- Uma semana, com sorte. - Brigit franziu o cenho. - Dez dias se algo enguiçar e terá que arrumar peças.

- Oito dias é o mínimo que a Armada demorará para chegar - disse Serena. - Caso Xavier organizasse a força atacante e separasse dois dias depois de receber minha mensagem.

- A liga é incapaz disso - grunhiu Wibsen. - Convocarão reunião atrás de reunião, interrompidas por dilatados banquetes, e logo farão mais reuniões.

Serena suspirou.

- Espero que Xavier possa acelerar os trâmites.

- Sim - disse Wibsen, - e eu espero que os robôs deixem Giedi Prime voluntariamente..., mas não acredito possível.

- Mantenha seus engenheiros ocupados - disse Serena a Brigit Paterson, sem fazer conta do pessimismo do veterano. - O comandante Wibsen e eu subiremos ao couraçado. Atravessaremos a rede de sensores sem ser localizados e trataremos de nos reunir com a Armada. Xavier tem que ser informado do plano, para aproveitar nosso trabalho. Vamos enviar-lhes um cronograma e coordenaremos o ataque.

Wibsen tossiu, e logo franziu o cenho.

- Será melhor que levemos também Pinquer Jibb, se por acaso necessitarmos de um co-piloto.

Jibb passou a vista entre Serena e o veterano, vacilante.

- Acredito que o comandante em chefe deveria ficar aqui. - O veterano cuspiu na terra geada.

- Nem por sonho. A possibilidade de que necessite ajuda é muito remota.

- Como quiserem - respondeu Serena, enquanto dissimulava um sorriso. - Brigit, detectarão a chegada da Armada quando penetrar no sistema?

- Estamos controlando a rede de comunicações das máquinas pensantes. Imagino que quando as naves da Armada se aproximem, os robôs ficarão muito nervosos. Sim, nós saberemos.

O couraçado voltou a sulcar as profundezas do mar do norte.

- Quando começamos a missão - disse Wibsen em tom filosófico, - pensei que você estava louca, Serena Butler.

- Por tentar ajudar essa gente? - A jovem arqueou as sobrancelhas.

- Não. Pensei que estava louca por me conceder outra oportunidade.

Segundo os planos que fizeram, Ort Wibsen tinha identificado pontos fracos na rede de sensores dos robôs, quando atravessaram pela primeira vez a atmosfera. Uma vez que emergissem do mar a uns quarenta graus de latitude norte, poderiam a repetir a jogada com chances razoáveis de não serem detectados. As telas de observação cintilavam de maneira irregular, como focos invisíveis no céu.

- Permaneceremos em silêncio - disse o veterano. Tossiu uma vez mais e deu alguns golpes no injetor do peito, como se fosse um inseto molesto. - Esperaremos até me assegurar de que conheço sua rotina.

- Se podemos afirmar algo sobre as máquinas - pensantes disse Pinquer Jibb, vacilante – é que são previsíveis. Mas os *cimeks* não.

Quando ainda não tinha transcorrido uma hora, várias naves robô se lançaram sobre o couraçado semi-submergido. Wibsen amaldiçoou, e cuspiu sangue.

- Onze! - exclamou Pinquer Jibb, que olhava a tela. - Como nos localizaram?

- Como é possível que não os visse? - replicou Wibsen.

- Surgiram da água, como nós!

Serena examinou a tela e viu que as naves se precipitavam para eles. Ativou as armas de estibordo e disparou contra os atacantes. Acertou um mas errou outros. Não era uma perita em armamento. Se tivesse suspeitado que teriam que abrir caminho pela força, nunca teriam aceito a provocação de infiltrar-se em Giedi Prime.

- Jibb, assuma os controles e prepare-se para a decolagem! - Wibsen saiu disparado da cabine. - Venderemos cara nossa pele. - Agitou um dedo em

direção ao co-piloto. - Quando eu partir, espere sua oportunidade... e não vacile.

- O que você vai fazer? - perguntou Serena. O veterano, em lugar de responder, mergulhou no interior do único salva-vidas.

- O que está fazendo? - perguntou Jibb.

- Agora não há tempo para conduzi-lo a um conselho de guerra.

Serena não podia acreditar que o veterano os abandonava à sua sorte.

Wibsen fechou a escotilha do módulo, e luzes verdes se acenderam a seu redor, indicando que estava preparado para separar.

Serena disparou de novo com as armas de estibordo, as únicas apontadas em direção às máquinas pensantes que se aproximavam. Acertou outra nave, mas os *cimeks* e robôs dispararam em uníssono contra o couraçado, destroçando os canhões. Serena olhou abatida para os sistemas de controle. Apagaram-se.

Precedido de uma grande explosão, o salva-vidas de Wibsen saiu despedido como uma bala de canhão, roçando apenas a superfície.

- Não durma nos controles. Preparado! - disse o veterano pela freqüência de emergência.

Pinquer Jibb deu mais potencia aos motores para iniciar a ascensão. A nave desenhou um sulco na água.

Wibsen dirigiu o módulo para os atacantes. Desenhado para transportar apenas um sobrevivente de uma explosão catastrófica, o salva-vidas contava com um casco resistente. Quando se chocou contra o inimigo mais próximo, atravessou-o de um extremo a outro e colidiu com o que lhe precedia. O salva-vidas se deteve entre os restos de ambas as naves.

- Em frente! - gritou Serena a Jibb. - Decole!

O couraçado se elevou para o céu. Enquanto subiam, Serena olhou para a tela enfocada na água.

Viu que a escotilha do salva-vidas se abria. Wibsen saiu mancando, mas desafiante, rodeado de fumaça e vapor. Três irados *cimeks* se equilibraram sobre ele.

O veterano introduziu uma mão no bolso e lançou uma esfera cinza contra a nave *cimek* mais próxima. A onda expansiva da explosão repeliu o inimigo, e enviou Wibsen para o interior do salva-vidas. Sujeitou com mão tremente um rifle de cartuchos de pulsos, com o qual disparou uma e outra vez, mas três *cimeks* blindados se precipitaram para ele de suas naves. Serena viu horrorizada que as garras mecânicas articuladas esquartejavam o veterano.

- Cuidado! - gritou Pinquer Jibb, muito tarde. Serena viu que naves robóticas apontavam suas armas pesadas contra o couraçado. - Não posso...

O impacto projetou Serena contra a parede do fundo. As explosões destroçaram os motores da nave, que se precipitou para o oceano, sem que Jibb pudesse fazer nada. O couraçado afundou nas ondas como um trenó descontrolado, levantando uma coluna de espuma branca. A água começou a infiltrar-se pelas rachaduras do casco.

Serena correu para o armário das armas e agarrou um rifle pulsátil. pendurou a arma ao ombro, embora nunca tivesse utilizado um, disposta a defender-se. Pinquer Jibb agarrou outra arma.

Os *cimeks* penetraram na nave, com ruídos metálicos similares a explosões de torpedos. Abriram caminho através do casco até chegar ao compartimento central, como aves que pretendiam alimentar-se da carne de um molusco.

Jibb abriu fogo quando os primeiros braços chapeados apareceram pelas rachaduras da parede. Um raio danificou o braço de um *cimek*, mas ricocheteou no interior e abriu a brecha ainda mais.

Outro *cimek* entrou pela escotilha superior. Serena disparou, e teve a sorte de alcançar o contêiner cerebral. Um *cimeck* maior apareceu por trás e utilizou o corpo de seu companheiro caído para se proteger dos disparos de Serena.

Perto de Pinquer Jibb, um *cimek* com forma de escaravelho negro continuava perfurando o casco rachado. O co-piloto se voltou e tratou de disparar uma vez mais, mas o *cimek* projetou um comprido braço pontiagudo. Jibb deixou cair sua arma quando o braço atravessou seu peito como uma espada. O peitilho de seu uniforme se tingiu de sangue.

O extremo do braço se transformou em dedos similares a garras, que arrancaram o coração de sua vítima e o elevaram como se fosse um troféu.

O *cimek* maior lançou o corpo inutilizado de seu companheiro contra Serena, que ficou apanhada contra a coberta, incapaz de se mover.

O *cimek* em forma de escaravelho, de cuja extremidade ainda gotejava sangue, avançou para Serena. Elevou duas patas bicudas sobre o corpo da jovem, mas o *cimek* maior lhe ordenou que se detivesse.

- Não mate aos dois, do contrário não poderemos oferecer nada a Erasmo. Pediu um membro da resistência de Giedi Prime. Este irá de presente.

Ao ouvir suas palavras, Serena ficou horrorizada. Seu tom detestável a levou a pensar que a morte seria preferível ao que poderia lhe aguardar. Sangrava pelas feridas do braço, das costas e da perna esquerda.

O assassino de Jibb lhe arrebatou o rifle, enquanto o *cimek* de maior tamanho arrojava fora o cadáver. Estendeu um braço e a aferrou com um punho metálico flexível. O titã a levantou da coberta, e logo aproximou o rosto da cativa de suas fibras ópticas.

- Ah, encantadora. Mesmo depois de mil anos, ainda reconheço a beleza. Se voltasse a ser humano, demonstraria minha admiração sem limites. - Seus sensores projetaram um brilho cruel. - Sou Barba Azul. É uma pena que tenha que enviá-la à Terra, para Erasmo. Para o seu bem, espero que ele a ache interessante.

Extremidades chapeadas a aprisionaram em sua garra, como se fosse uma gigantesca jaula. Serena se debateu, mas não podia fugir. Tinha ouvido falar da Barba Azul, um dos titãs que tinham derrubado o Império Antigo. Mais que tudo, lamentava não ter podido matá-lo, mesmo que tivesse sacrificado sua vida.

- Uma das naves de *Omnius* parte amanhã em direção à Terra. Encarregar-me-ei de que a conduzam a bordo - disse Barba Azul. – Esqueci de dizer? Erasmo tem laboratórios onde faz... coisas... muito interessantes.

39

Não existe limite para minhas possibilidades. Sou capaz de abranger todo um universo.

Bancos de dados secretos de Omnius,
arquivos danificados

Dentro de seu programa operativo de comprimento alcance, o recém instalado *Omnius* de Giedi Prime estudava um mapa tridimensional do universo conhecido. Um modelo preciso, apoiado em extensas compilações de inspeções e dados sensores, combinados com projeções e análise apoiadas em probabilidades.

Infinitas possibilidades.

Com insaciável curiosidade, o novo *Omnius* estudava nebulosas, sóis gigantes e planetas. Com tempo e esforço contínuo, todos formariam parte da rede de Planetas Sincronizados.

Logo chegaria a próxima nave de atualização, com o qual estaria quase sincronizado com as outras supermentes planetárias. Não tinha podido sincronizar-se desde que o tinham ativado em Giedi Prime. O *Omnius* de Giedi Prime poderia copiar seus novos pensamentos e compartilhá-los com os outros clones. Expansão, eficácia... Tanto por fazer! A conquista de Giedi Prime era um passo mais no império cósmico das máquinas. O processo havia começado, e logo se aceleraria.

Coberto no núcleo cibernético da antiga cidadela do magno, *Omnius* carregava imagens tomadas pelos olhos espiões: ruínas em chamas, meninos humanos em câmaras de tortura, imensas fogueiras alimentadas pelos membros restantes da população. Estudava com objetividade cada imagem, absorvia informação, processava-a. Muito tempo antes, o programa modificado de Barba Azul tinha ensinado às máquinas pensantes a saborear a vitória.

Haviam tornado a pôr em funcionamento muitas fábricas de Giedi Prime, assim como *aerodeslizadores* mineiros e outras instalações. Barba Azul tinha se esforçado muito para adaptar os centros de fabricação humanos às necessidades das máquinas pensantes. Nestas fábricas, a nova supermente

tinha descoberto algo que criava relações interessantes, possibilidades extraordinárias.

Os humanos tinham desenhado e começado a construir um novo modelo de sonda espacial de longa distância, um explorador de planetas muito afastados. Tais sondas poderiam ser adaptados como emissários das máquinas pensantes, novas subestações da supermente.

No mapa galáctico, *Omnius* reparou na duração das viagens que necessitavam as sondas de alta aceleração. Examinou o território denominado "Planetas Não Aliados", ainda não conquistados pelas máquinas ou pelos insetos humanos. Havia tantos sistemas estelares para explorar, conquistar e desenvolver, e estas sondas tornariam isso possível. A nova supermente considerava uma oportunidade, como fariam seus camaradas dos Planetas Sincronizados.

Se pudesse pulverizar sementes de seu supermente, fábricas autônomas capazes de utilizar recursos locais para construir infra-estruturas automáticas, seria capaz de estabelecer cabeças de praia em inumeráveis planetas habitados. Seria como uma chuva de faíscas sobre madeira, e os *hrethgir* nunca poderiam deter a expansão de *Omnius*. Fazia parte de sua natureza básica.

Uma equipe de robôs de manutenção esperava fora do núcleo protegido, preparados para proporcionar assistência técnica. Guiado por sua idéia inovadora, a nova supermente enviou um sinal a um deles. Seus sistemas se ativaram.

Durante semanas, enquanto Barba Azul continuava subjugando e reconstruindo Giedi Prime, *Omnius* guiava suas máquinas de manutenção na construção de sofisticadas sondas de longo alcance, cada uma das quais continha uma cópia de sua mente e sua personalidade agressiva.

Depois de aterrissar, as sondas desdobrariam sistemas automatizados, estabeleceriam fábricas autônomas em cada planeta, unidades que por sua vez construiriam mais robôs de manutenção... colônias mecanizadas muito afastadas dos Planetas Sincronizados, muito longe da Liga de Nobres. Embora as máquinas fossem capazes de colonizar e explorar qualquer planeta, os *cimeks* insistiam em concentrar-se nos mundos compatíveis com os humanos. Embora os planetas desertos causassem menos problemas, a supermente compreendia que ambos os tipos eram desejáveis.

Quando o trabalho terminou, *Omnius* utilizou seus olhos espiões para observar os lançamentos. Cinco mil sondas elevaram vôo em uníssono, programadas para pulverizar-se até os limites mais afastados da galáxia,

embora demorassem milhares de anos em alcançar seu objetivo. O tempo não importava.

Unidades compactas em forma de bolha, as sondas encheram o céu de luzes cintilantes e colunas de fumaça verde. No futuro, quando considerasse conveniente, *Omnius* voltaria a conectar-se com cada um daqueles mecanismos, um após o outro.

As máquinas pensantes eram capazes de traçar planos de longo prazo, e viver para colocá-los em prática. Quando os humanos chegassem àqueles longínquos sistemas, *Omnius* já estaria ali.

Esperando.

40

Todo ser humano é uma máquina temporária.

Poema de acampamento zensunni

A salvo no interior da estação de experimentos botânicos, que constituía seu refúgio a meses, Selim se refugiou enquanto outra feroz tormenta de areia assolava o deserto. O clima era o único que viajava nesta zona.

A tormenta durou seis dias e seis noites, levantou pó e areia, e obscureceu a paisagem até dar a impressão de que um ocaso interminável pousou sobre o planeta. Ouviu que açoitava as paredes robustas dos edifícios pré-fabricados.

Não estava assustado. Estava a salvo e protegido..., embora um pouco aborrecido.

Pela primeira vez em sua vida, Selim era auto-suficiente, já não cativo dos caprichos dos aldeões que lhe davam ordens porque era de pais desconhecidos. Compreendia a riqueza que se encontrava ao seu dispor, e ainda não tinha começado a descobrir os estranhos objetos tecnológicos do Império Antigo.

Recordou quando seu falso amigo Ebrahim e ele tinham explorado o deserto com outros *zensunni*, incluindo o *naib* Dhartha e seu jovem filho Mahmad. Em uma ocasião, Selim havia descoberto um vulto formado por circuitos fundidos, procedentes sem a menor duvida de uma nave que tinha explodido. A areia o havia transformado em um aglomerado de diversas cores. Tinha desejado dar de presente a Glyffa, a anciã que às vezes cuidava dele, mas Ebrahim havia se apoderado dos componentes fundidos para correr a mostrá-los ao *naib* Dhartha, e lhe perguntar se podia ficar com eles, o *naib* o tinha arrebatado e atirado em uma pilha que amontoavam para vender em um mercado de sucata. Ninguém tinha pensado em Selim...

Em todo caso, enquanto o tempo se transformava em semanas, descobriu aspectos e dimensões da solidão. Dia após dia, sentava-se diante das janelas arranhadas, via desvanecer as tormentas, os ocasos avermelhados tintos de outros tons. Olhava as dunas que se ondulavam até perder-se no horizonte.

Os imensos montículos se transformavam em algo similar a seres vivos, mas sua essência não se alterou.

Só em metade daquela enorme extensão, parecia impossível que voltasse a ver outro ser humano, porém Budalá lhe enviaria um sinal. Só esperava que fosse logo.

Selim passava a maior parte do tempo dentro da estação deserta, distraído com jogos individuais que tinha aprendido de pequeno. No povo, aqueles cuja linhagem remontava a doze gerações ou mais, inclusive antes que os *zensunni* chegassem a Arrakis, o tinham condenado ao ostracismo.

Desde muito pequeno, Selim tinha sido criado por diferentes *zensunni*, mas nenhum o tinha adotado como se fosse de sua família. Sempre tinha sido um pirralho impulsivo e ativo.

Qualquer mãe autêntica teria sido paciente com suas travessuras, mas Selim não tinha mãe. Em Arrakis, onde a sobrevivência dependia de um fio, poucos se preocupavam com um menino que parecia empenhado em não chegar a lugar nenhum.

Em uma ocasião, tinha derramada água sem querer (a ração de todo um dia), enquanto trabalhava em um armazém. Como castigo, o *naib* Dhartha lhe negou todo tipo de líquidos durante dois dias, e insistiu que devia aprender a lição se queria chegar a fazer parte da tribo. Mas Selim nunca tinha visto que se infligisse tamanho castigo a outros que tinham cometido erros semelhantes.

Quando só tinha oito anos padrão, havia ido explorar rachaduras e rochas, caçar lagartos e procurar ervas de raízes comestíveis. Uma tormenta de areia o tinha apanhado de surpresa, e obrigado a procurar refúgio. Selim recordava o terror que tinha experiente durante os dois dias que tinha passado sozinho. Quando por fim tinha retornado à aldeia, com a esperança de ser recebido com alegria, percebeu que ninguém tinha reparado em sua ausência.

Pelo contrário, Ebrahim, o filho de um respeitado pai da tribo, tinha muitos irmãos para que ninguém prestasse atenção nele. Talvez como compensação, Ebrahim se colocava em muitas confusões, e punha a prova constantemente as restrições do *naib*, ao mesmo tempo que procurava contar sempre com a companhia de Selim, para o caso de ter que jogar a culpa em alguém.

Por ser um patife indesejável, Selim nunca tinha conhecido o que era a verdadeira camaradagem. Tinha aceitado as manipulações de Ebrahim com ingenuidade, sem pensar na possibilidade de que o outro moço estivesse se aproveitando dele. Selim tinha demorado a aprender a lição, e só conseguiu depois de pagar o preço do exílio no deserto, onde esperavam que morresse.

Mas tinha sobrevivido. Tinha montado em *Shaitan*, e Budalá lhe tinha guiado até este lugar escondido...

Como as longas tormentas o deixavam nervoso, Selim se decidiu a explorar o centro de investigações. Estudou as fileiras de instrumentos sofisticados e registros, mas não chegou a desvendar as complexidades da tecnologia antiga. Conhecia vagamente a função dos sistemas, mas não compreendia o funcionamento das máquinas instaladas pelos cientistas do Império Antigo. Como a estação se conservou intacta durante centenas, talvez milhares, de anos, as investigações de um jovem curioso não poderiam prejudicá-la...

Algumas células de energia ainda estavam ativas, e conseguiu conectar os sistemas, iluminar os painéis. Por fim, descobriu a forma de ativar um arquivo, a *hologravação* de um homem alto de estranhas feições, grandes olhos e pele clara. Os ossos de seu rosto eram peculiares, como se fosse de uma raça humana diferente. O cientista imperial vestia roupas de cores brilhantes, algumas metálicas, outras de desenhos incomuns. Ele e outros investigadores haviam sido enviados ao planeta para analisar os recursos do planeta e averiguar se era apto para a colonização. Porém não haviam encontrado nada interessante.

- Esta será nossa última gravação - disse o cientista, em um estranho dialeto do *galach* que era apenas compreensível para Selim. Passou cinco vezes a gravação até compreender por inteiro mensagem. - Embora nossa missão ainda não tenha terminado, uma nova nave de transporte aterrissou no espaçoporto local. O capitão nos transmitiu uma mensagem urgente, referente aos distúrbios e o caos que se abateram sobre o Império. Uma liga de tiranos tomou o controle de nossas máquinas pensantes, e as utilizaram para se apoderar do governo galáctico. Nossa civilização está perdida! - Atrás dele, os companheiros do cientista murmuravam em voz baixa, nervosos. - O capitão da nave de transporte tem que partir dentro de poucos dias. Não poderemos finalizar nosso trabalho a tempo, mas se não formos agora, os distúrbios podem propagar-se por todo o Império.

Selim contemplou os investigadores, de expressão preocupada e olhar distante.

- Talvez os líderes políticos demorem um tempo para resolver esta disputa e restaurar a normalidade. Nenhum de nós deseja ficar isolado neste espantoso lugar, assim iremos embora com o transporte depois de desconectar todos os sistemas de nossas estações experimentais. Em qualquer caso, pouco fica por descobrir no deserto Arrakis, mas se alguma vez voltamos, tomamos

medidas para que as estações permaneçam intactas e operativas, embora transcorram alguns anos.

Quando a gravação terminou, Selim lançou uma risada.

- Passaram-se mais que alguns anos!

Mas as imagens dos cientistas do fenecido Império não responderam, com o olhar perdido em um futuro incerto. Selim teve vontades de compartilhar seu deleite com alguém, mas não pôde. O deserto o retinha prisioneiro. Entretanto, encontraria uma forma de escapar.

41

O perigo diminui à medida que aumenta nossa confiança nos seres humanos.

XAVIER HARKONNEN,
discurso militar

Sete dias.

Brigit Paterson não tinha desejado limitar tanto o tempo, mas sua equipe tinha trabalhado com dedicação. Verificou uma e outra vez seu trabalho, para assegurar-se de que não tinham cometido enganos. Estava em jogo a sorte de todo um planeta.

Segundo os cálculos mais otimistas de Serena, os engenheiros tinham terminado com o tempo justo.

Depois de verificar o sistema de decodificação e comprovar que funcionava, apesar de suas exigências, Brigit concedeu por fim a sua gente algumas horas de descanso. Alguns ficaram sentados, com a vista cravada no céu cinzento que se via através das janelas de plaz de seus barracões improvisados. Outros dormiram de imediato, como em animação suspensa.

A Armada chegou na manhã do nono dia.

O sistema detector que tinham instalado na rede de sensores de *Omnius* disparou os alarmes. Brigit despertou a sua equipe e disse que a frota da liga se aproximava do sistema, disposta a reconquistar Giedi Prime. Confiava que Serena haveria interceptado as naves para informar pelo que deviam esperar.

Os *cimeks*, desdenhosos, não quiseram acreditar que os humanos ousassem atacá-los, enquanto a encarnação de *Omnius* se esforçava em analisar a situação para encontrar uma resposta.

A frota de máquinas pensantes mantinha em órbita vários patrulheiros, mas quase todas as naves de guerra robô estavam em terra para subjugar à população. Agora que se aproximava a Armada da Liga, o *Omnius* de Giedi Prime propagou ordens pela rede informática. As naves de combate robóticas esquentaram motores, com o fim de lançar uma enorme força sincronizada contra os invasores *hrethgir*.

Brigit Paterson escutou os planos e sorriu.

O subchefe dos engenheiros se aproximou correndo.

- Não deveríamos conectar os escudos decodificadores? Todos estão preparados. O que está esperando?

Brigit o encarou.

- Estou esperando que esses estúpidos robôs caiam na armadilha.

Viu nas toscas telas instaladas no complexo inconcluso que cem naves de combate separavam-se dos campos de aterrissagem conquistadas. As enormes naves se elevaram do chão, carregadas com uma potência de fogo incrível.

- Não tão depressa.

Por fim, Brigit ativou os escudos decodificadores Holtzman renovados. As torres de transmissão bombearam energia à rede de satélites, e a interrupção se propagou como uma teia, invisível e mortífera para os circuitos gelificados de inteligência artificial.

A frota robô nunca soube o que lhes atingiu.

Incapazes de acreditar que algo pudesse afetar seus planos, as máquinas pensantes colidiram com o fino véu que destruiu imediatamente seus cérebros eletrônicos, sistemas de gravação e unidades de memória. As naves, uma por uma, foram caindo do céu, até chocarem-se contra o chão.

Algumas caíram em zonas desabitadas. Outras, por desgraça, não.

Brigit Paterson não quis nem pensar nos "danos colaterais" que acabava de causar no já devastado planeta. Ao ver seu êxito, os engenheiros prorromperam em vivas. As naves de guerra restantes não poderiam opor-se à força combinada da Armada, nem descer à superfície para provocar danos.

- Ainda não ganhamos - advertiu Brigit, - mas possivelmente não demoraremos muito em partir desta rocha.

A Armada se aproximava de Giedi Prime, com todas as armas preparadas para repelir às máquinas pensantes. Xavier rezou para que o audaz plano de Serena tivesse tido êxito, e se encontrasse sã e salva onde fora.

Tinha insistido em tomar o comando do perigoso ataque, não porque desejasse reclamar a glória de uma vitória que elevasse a moral, mas sim porque desejava com desespero resgatar Serena.

Omnius tinha calculado mal os planos e capacidade dos humanos. depois de debater os prós e as contra, e chegar à conclusão de que a liga contava com poucas chances de vencer, a supermente tinha descartado a ameaça. Nenhum inimigo sensato atacaria com tantas probabilidades contra.

Mas Xavier Harkonnen não se negava nunca a empreender missões desesperadas. E neste caso, a supermente de Giedi Prime não possuía essa informação fundamental. Este *Omnius* carecia de dados vitais a respeito das feiticeiras de Rossak, acerca dos novos decodificadores portáteis e, confiava Xavier, dos novos transmissores de escudo secundários, agora em funcionamento.

Quando as naves de guerra robóticas em órbita detectaram a chegada da Armada, adotaram a formação habitual para destruir ao inimigo. Xavier ouviu pelo comunicador um relatório de seu segundo, o quarto Powder.

- Senhor, as máquinas pensantes se aproximam. Suas canhoneiras de mísseis estão abertas.

Xavier deu a primeira ordem.

- Enviem as divisões de assalto terrestres... Lancem os transportes blindados de tropas.

As naves transportavam a feiticeira Heoma e seus guarda-costas de Rossak, assim como soldados que utilizariam os decodificadores portáteis contra os robôs de Giedi City.

De repente, o quarto Powder levantou a vista de seu posto, depois de verificar as análise que seus oficiais táticos acabavam de enviar.

- Senhor, parece que os escudos decodificadores se ativaram em todo o planeta!

O coração de Xavier se encheu de esperança.

- Tal como Serena prometeu.

Os soldados lançaram vivas, mas ele sorriu por um motivo muito diferente. Agora, sabia que ela estava viva. Serena tinha obtido o impossível, tal como ocorria freqüentemente.

- As naves robôs estão caindo! Os decodificadores as desconectaram!

- Bom, mas as máquinas pensantes instaladas em terra tentarão desmantelar as torres de transmissão secundárias. Temos que terminar o trabalho enquanto a frota robô esteja apanhada aqui e o resto de máquinas pensantes se acha imobilizada nas cidades. - Xavier não ia permitir que o esforço de Serena fora estéril. - Vamos reconquistar o planeta.

Oito *kindjals* surgiram das escotilhas de lançamento nave capitânia, flanqueando o transporte da Heoma, todos armados até os dentes e dispostos a bater-se com o inimigo. A missão dos *kindjals* era causar confusão e caos, distrair aos robôs carentes de imaginação, para que a feiticeira aterrissasse e levasse a seu cabo sua missão.

Ao ver que as naves de guerra robóticas apontavam suas armas, Xavier ordenou aos transportes de tropas que se apressassem. Enxames de naves da

Armada de menor tamanho penetraram na atmosfera e se dirigiram para Giedi City.

Xavier fechou os olhos, desejou o melhor a seus camaradas, e se concentrou na ameaça que o aguardava em órbita.

42

Algumas vidas se tomam, enquanto outras se entregam com absoluta liberdade.

ZUFA CENVA,
repetida frase de louvor

Heoma, rodeada por seis silenciosos homens de Rossak, pilotava o transporte de tropas. Todos os seus guarda-costas vestiam uniformes e casacos acolchoados, que lhes proporcionavam certo amparo contra o fogo de projéteis. Os homens lançaram um olhar ao altímetro, enquanto a nave descia, e engoliram coquetéis de drogas de Rossak. Os potentes estimulantes queimaram como lava suas veias e fibras musculares, ao mesmo tempo em que apaziguavam o medo e a dor.

Graças a sua capacidade telepática, Heoma viu que os homens drogados se transformavam em tormentas humanas, dispostas a lançar raios contra seus inimigos. Olharam-na um a um, comunicaram uma certeza não verbalizada, que estavam prontos a morrer.

O transporte estremecia enquanto cruzava perigosos ventos cortantes. Heoma não era uma piloto perita, mas poderia pousar a nave. Não necessitava uma aterrissagem delicada, somente poder sair por seus próprios pés.

Tinha esperado que naves robô lhes interceptassem, mas Heoma viu que os transportes das máquinas pensantes se chocavam na terra, caindo como pedras sobre edifícios e parques.

Outras naves que tinham conseguido voar baixo o bastante para evitar os piores efeitos dos escudos decodificadores se esforçavam por aterrissar com seus sistemas danificados.

- Não estão em condições de preocupar-se conosco - transmitiu um homem de um dos *kindjals*. As velozes naves da Armada abriram fogo de artilharia e vaporizaram algumas naves inimizades.

Em órbita, as naves de combate da Armada trocavam furiosos disparos com as naves robôs, que já não podiam descer à superfície para defender *Omnius*.

O terceiro Harkonnen também tinha enviado uma força de assalto terrestre, depois que Heoma e sua reduzida equipe tivessem seguido sua rota

predeterminada. Cada ponta do ataque tinha sua missão concreta, e era preciso controlar todos os detalhes.

Heoma fixou a vista nos controles da nave, enquanto contava os segundos. Seu ataque ia ser desesperado. Não gozaria de outra oportunidade. E tinha que terminar antes que os soldados da liga tomassem posições.

Quando atravessaram as nuvens baixas, viu a cidade, casas e altos edifícios construídos por orgulhosos humanos que tinham imaginado um futuro próspero. Ruas inteiras se viam enegrecidas, em especial os complexos residenciais, que pareciam não ter qualquer valor para os desumanos conquistadores.

Recordou o relatório recebido, durante o qual tinha memorizado os únicos planos disponíveis de Giedy City, e localizou a cidadela que tinha sido a residência do governador. Nela, os *cimeks* tinham instalado uma nova encarnação de *Omnius*, segundo o mensageiro Pinquer Jibb. A mansão do magno se transformou em uma fortaleza das máquinas pensantes.

Defendida por *cimeks*.

Os *kindjals* de escolta pulverizaram nuvens de fumaça e lançaram dispositivos que dispersaram folha seca eletromagnética, partículas de metal ativo que danificaram as capacidades sensoras dos robôs. A nave da Heoma continuou sua descida para o chão, oculta pela fumaça das naves robôs ainda operativas.

Conscientes de que se aproximavam naves, as máquinas pensantes lançaram salvas aleatoriamente. As explosões fizeram oscilar a nave de Heoma, e viu que o trem de aterrissagem tinha sido alcançado. Não obstante, pousou o aparelho no chão, que deslizou a grande velocidade sobre uma ampla rua ladrilhada, projetando fogo, fagulhas e metralha. Por fim, se chocou contra o costado de um edifício de pedra.

Rapidamente, Heoma e seus homens desabotoaram os cintos de segurança e tomaram as armas. A jovem feiticeira abriu uma escotilha lateral e ordenou a seus guarda-costas que limpassem o caminho. Transmitiu o sinal de que tinha passado o perigo a seus *kindjals* de escolta.

- Aniquilem esses bastardos - respondeu um piloto.

Os *kindjals* subiram ao céu, em direção à segunda onda de transportes de tropas que depositavam comandos de assalto terrestres na cidade infestada de robôs.

A fase seguinte da missão dependia dela.

Heoma saiu do aparelho fumegante, e depois indicou com um gesto a seus homens que corressem para a cidadela do governador. Saltou atrás deles,

com o objetivo muito claro em sua mente.

Atrás da feiticeira, o transporte estalou, obedecendo a sua seqüência de autodestruição programada. Heoma nem sequer se encolheu. Em nenhum momento tinha pensado em deixar uma possibilidade de retirada.

Os guarda-costas levavam lança projeteis e fuzis, dissociadores. Tratava-se de uma artilharia muito pesada para qualquer homem normal, mas graças a seus músculos potencializados quimicamente, os guarda-costas possuíam uma força sobre-humana... ao menos até que as drogas queimassem seus corpos por dentro.

Poderosos robôs de combate, de três metros de altura, guardavam a cidadela de *Omnius*. Embora em estado de alerta, as máquinas pensantes estavam mais preocupadas com naves de ataque, além dos escudos decodificadores reativados, que com alguns poucos humanos que corriam pelas ruas. O que podiam fazer um punhado de *hrethgir* comuns contra as invencíveis máquinas pensantes?

Quando os sentinelas avançaram para detê-los, os guarda-costas de Heoma abriram fogo. Sem uma palavra, lançaram projeteis que reduziram os robôs a pedaços.

Olhos espiões sobrevoavam os edifícios, e desceram quando o comando correu para o arco de entrada da mansão do magno. Os olhos espiões seguiram os movimentos de Heoma, informando de tudo ao *Omnius* de Giedi Prime. Mas a feiticeira não reduziu sua velocidade. Seus guarda-costas desintegravam a todas as máquinas que ficavam a seu alcance.

Nas ruas, os primeiros transportes de tropas tinham aterrissado. Os soldados abriram fogo com pistolas. Estabeleceram um perímetro protegido para que seus técnicos pudessem instalar o primeiro dos dois protótipos de decodificadores portáteis.

O engenho era volumoso e de aspecto tosco, levantado sobre um robusto tripé. Estava conectado mediante cabos à fonte de energia do transporte. Uma só descarga do projetor destruiria o motor da nave, e poria fora de combate aos robôs desprotegidos num raio de meio quilômetro.

- Atenção! - gritou o técnico. Muitos soldados tamparam os ouvidos, como se esperassem uma rajada de artilharia.

Heoma só ouviu um leve gemido agudo, e depois um tênue estalo na malha do ar. Fumaça e faíscas surgiram do projetor Holtzman, e todas as luzes do transporte se apagaram.

Depois, com um ensurdecedor ruído metálico, centenas de olhos espiões caíram ao chão. Os robôs se imobilizaram. Mais naves robôs se precipitaram para as ruas, fora de controle.

Os soldados da Armada, que ainda continuavam saindo dos transportes, prorromperam em vivas, entusiasmados ao ver que tinham estabelecido uma posição firme, uma zona em que a maioria dos inimigos tinham sido eliminados.

Heoma tinha que concluir sua missão antes de pôr em perigo as vidas de outros soldados humanos.

- Para dentro! Depressa!

Seus guarda-costas e ela se internaram nos corredores da cidadela governamental. Como Zufa Cenva lhe tinha ensinado, concentrou-se em fortalecer seus poderes telepáticos até que sua mente se encheu de energia.

No interior da cidadela, o comando de Heoma se encontrou com dois robôs travados, ainda funcionais mas desorientados. Ao que parecia, os grossos muros do edifício os haviam protegido da descarga do projetor. Os robôs se plantaram ante eles, com os braços levantados, mas Heoma lançou uma descarga telecinética que os derrubou para um lado, impotentes contra uma ofensiva que não podiam ver nem compreender. Antes de que pudessem levantar-se de novo, os guarda costas de Heoma os destruíram com projeteis.

- Quase chegamos.

Correndo a toda a velocidade de suas pernas, guiou aos homens para o coração da cidade, ao mesmo tempo em que se foram disparando alarmes por toda parte. Muitos robôs haviam ficado desativados em habitações ou corredores, mas outros se precipitaram sobre ela.

Portas blindadas foram se fechando nos corredores, para isolar câmaras vitais, mas Heoma compreendeu que não eram importantes. Sabia muito bem onde tinha que ir.

Os *cimeks* não demorariam para rodeá-la. Tal como tinham planejado.

O formigamento da eletricidade mental aumentou em seu cérebro como um transformador de energia. Tinha a impressão de que a cabeça ia estourar, mas ainda assim não liberou sua energia.

Devia guardar toda sua força até o último momento.

Ouviu que formas de combate similares a caranguejos deslizavam pelos corredores, detestáveis sons de sofisticados corpos mecânicos guiados por cérebros de humanos traidores, diferentes das rígidas pisadas dos guardas robô.

- Quase chegou o momento - anunciou aos homens de Rossak, com voz cheia de entusiasmo e um terror logo reprimido.

Entrou na câmara principal, onde habitava o núcleo protegido da manifestação de *Omnius*. Numerosos olhos espiões a observaram com suas fibras ópticas.

Una voz resoou de vários alto-falantes.

- Humana, carrega uma bomba, um penoso e débil explosivo com o qual pensa me atacar? Trouxe um de seus artefatos atômicos, ou esse preço da vitória seria muito elevado?

- Não sou tão ingênua, *Omnius*. - Heoma separou-se da face seu cabelo branco suado. - Uma pessoa não pode machucar a grande supermente eletrônica. Isso exige um ataque militar muito mais pesado. Não sou mais que uma mulher.

Quando os *cimeks* gigantes se aproximaram vindos de corredores adjacentes, *Omnius* simulou uma gargalhada.

- Os humanos admitem muito poucas vezes a loucura de seus atos.

- Eu não admiti tal coisa. - A pele da Heoma emitia um brilho avermelhado, abrasada por uma energia sobrenatural. A eletricidade estática fazia que seu cabelo ondulasse como serpentes iradas. - Não compreendeu meu verdadeiro propósito.

As comportas se abriram e três monstruosos *cimeks* irromperam com passo majestoso, como se saboreassem a captura dos humanos. Os guarda-costas da Heoma se voltaram e abriram fogo, utilizando suas últimas munições para derrubar um *neocimek* em um só ataque combinado.

O segundo *neocimek* levantou suas armas integradas e transformou os intrépidos homens de Rossak em nuvens de polpa sanguinolenta. O *neocimek* avariado jazia no solo, seus braços e pernas se agitavam como um inseto envenenado, não preparado ainda para sucumbir à morte. O titã de maior tamanho avançou.

Heoma estava sozinha frente às máquinas. Sem mover-se, concentrou seus poderes mentais, até o limite de sua capacidade.

- Sou Barba Azul - disse o *cimek*. - Esmaguei tantos *hrethgir* que seria necessário um computador para contar todos. Ele e seu companheiro se aproximaram. - Poucas vezes tinha visto tanta arrogância.

- Arrogância? Ou confiança? - Heoma sorriu. - Vale a pena perder a vida em troca de aniquilar um titã.

A energia mental da Heoma não podia danificar os circuitos gelificados de *Omnius*. Não obstante, as mentes humanas eram mais vulneráveis a sua potência telepática. Sentiu que as chamas de uma energia vingativa cresciam em sua mente, e as liberou em uma tormenta de fogo.

A onda expansiva de aniquilação psíquica queimou os cérebros de Barba Azul e seu companheiro, assim como de outros *cimeks* e seres biológicos

que se achavam dentro do complexo da cidadela. *Omnius* emitiu um uivo de estática e indignação. Heoma só viu um pano branco quando sua energia mental desintegrou os cérebros orgânicos dos generais *cimek*.

E a supermente recém instalada ficou vulnerável.

No exterior, as tropas terrestres da liga esperaram que a tormenta telepática se desvanecesse, e depois se lançaram ao ataque contra a fortaleza indefesa de *Omnius*.

A reconquista de Giedi Prime havia terminado.

43

Nada é permanente

Dito dos pensadores

Transcorrida uma hora da ativação das torres de transmissão os *cimeks* e robôs destacados em terra tinham localizado sua origem. Enquanto a batalha continuava em Giedi Prime, inclusive depois da aniquilação da Barba Azul, um esquadrão de *neocimeks* e robôs foi enviado ao mar do norte. Rodearam a ilha rochosa coberta de gelo para penetrar no recinto e destruir a rede de transmissão de antenas parabólicas.

Com poucas armas, os engenheiros de Brigit Paterson não tinham defesa contra tal ataque, mas tampouco tinham a intenção de render-se. Dentro do centro de controle, a mulher esquadrinhou o céu e o mar.

- Quanto mais tempo resistirmos aqui, mais vidas salvaremos.

Os desesperados engenheiros, pálidos e mortos de terror, armaram-se com granadas, rifles de projéteis de pulsos e um lança-foguetes portátil, e foram guardar os moles e pistas de aterrissagem da ilha.

O esquadrão robô não lançou ultimatos. Começaram o ataque assim que localizaram alvos. Os engenheiros de Brigit estavam preparados e responderam imediatamente. Atiraram com suas armas, com o cuidado de não desperdiçar munição.

Os *cimeks* e robôs estavam mais interessados em destruir as torres que em matar seus poucos defensores. A maior parte de seu ataque se concentrou nas estruturas que transmitiam energia decodificadora aos céus. Quando um disparo *cimek* derrubou um transmissor, os escudos começaram a enfraquecer-se, mas Brigit manipulou os controles. Seus dedos voaram sobre o teclado, desviando a energia para seções mais estáveis da torre, e o escudo não demorou em voltar a funcionar. Não sabia quanto duraria.

Ouviu explosões e gritos no exterior, e se perguntou quantos engenheiros pagariam com a vida. As telas flutuaram quando os sensores foram danificados, e viu que se aproximavam mais naves, provavelmente reforços dos atacantes. Todo um esquadrão.

Então, detonações mais potentes ressonaram na água, os *cimeks* começaram a dispersar-se. Suas naves explodiram, alcançadas por *kindjals*

pilotados por humanos. Ouviu vivas prorrompidos por um número muito escasso de vozes. A Armada da Liga tinha enviado uma força para defender as instalações.

Debilitada de alívio, Brigit desabou em sua cadeira, contente de que o arriscado plano tivesse funcionado. Quando voltasse para casa, prometeu-se que compraria para Serena Butler a garrafa de vinho mais cara que pudesse encontrar na Liga de Nobres.

Depois que o ataque mental da Heoma destruíra os guardiães *cimek*, o segundo decodificador portátil Holtzman destruiu os robôs em outra parte da cidade. O núcleo de *Omnius* estava perdido e vulnerável.

Os robôs sobreviventes opuseram uma feroz resistência, dispostos a sacrificar tudo para impedir que os humanos reconquistassem o planeta e destruíram a supermente. Enquanto Xavier Harkonnen combatia contra as naves robôs com suas gigantescas molas de suspensão, enviou quatro destróieres à superfície. Esquadrão atrás de esquadrão de *kindjals* disparavam sobre objetivos, destruíam a infra-estrutura embrionária das máquinas e aniquilavam os robôs que se achavam fora do alcance dos decodificadores portáteis.

Os transportes de tropas da Armada depositaram soldados em terra, cuja missão consistia em localizar e sabotar as fortalezas das máquinas pensantes. Naves de reconhecimento enviaram mensagens animando os oprimidos a sublevar-se.

Em resposta, homens, mulheres e crianças aturdidas saíram dos edifícios. Correram pelas ruas com as armas que podiam encontrar, algumas recuperadas dos robôs caídos.

Quando a batalha começou a virar, Xavier deu uma série de ordens, delegando responsabilidades e zonas de limpeza aos subcomandantes da Armada. Continuando, partiu com grupos de elite em busca de Serena Butler.

Voou diretamente à ilha do mar do norte, onde os engenheiros tinham reparado os transmissores. Esperava encontrar Serena ali, pois o plano tinha sido idéia da jovem.

Xavier olhou a seu redor, examinou os cadáveres com temor, mas não encontrou nem rastro de Serena nem do veterano Ort Wibsen. Tampouco viu o couraçado.

Quando encontrou Brigit Paterson, exposta à brisa geada sem que parecesse sentir o frio, a mulher estava exultante pela vitória.

- Conseguimos, terceiro! - exclamou com voz tonante. - Nunca teria apostado nem um crédito nas nossas chances de êxito, mas Serena sabia o que levava em mãos. Não posso acreditar que me arrastasse a isto.

Xavier esteve a ponto de deprimir-se de alívio.

- Onde ela está?

- Não está com a Armada? - Brigit franziu o cenho. - Saiu faz dias para encontrar suas naves e informar o que tínhamos obtido. - Piscou, preocupada de repente. - Pensávamos que lhes tinha irradiado toda a informação.

- Não, viemos pela mensagem que me deixou em Salusa. O medo agarrou o coração de Xavier, e sua voz se transformou em um sussurro. - Algo aconteceu. Deus, espero que não.

Xavier assumiu o comando de um pequeno contingente de *kindjals* com seus melhores pilotos. Serena se encontrava em algum lugar de Giedi Prime. Havia inumeráveis lugares onde esconder-se em um planeta, mas jurou encontrá-la.

Depois de deixar os engenheiros na ilha, preocupou-se? Tinham-na capturado? A folha de serviços do Wibsen demonstrava que era um excelente piloto, e o couraçado adaptado deveria ter funcionado à perfeição. Mas Serena e seus outros comandos não tinham respondido às transmissões da Armada. Podiam ter acontecido muitas coisas.

Coisas ruins.

A Armada tinha ordens concernentes à fase final da operação levada a cabo em Giedi Prime. Os comboios estavam afastando por ar aos sobreviventes do prejudicado complexo governamental de Giedi City. Confiava que Serena não estivesse dentro.

A dez quilômetros de altura, o esquadrão se posicionou sobre a cidadela que tinha sido o lar do magno Sumi, e Xavier compreendeu que tinha chegado o momento. Apenas alguns meses antes, o magno tinha recebido a ele e a sua equipe de inspeção com um banquete.

Terei que extirpar *Omnius* como se fosse um câncer, arrancá-lo de Giedi Prime.

Xavier vacilou, enquanto voava em círculos sobre a cidade mártir. Sentiu um nó no estômago, e por fim deu a ordem. Os *kindjals* soltaram suas cargas mortíferas.

Xavier fechou os olhos, e depois se obrigou a presenciar a terrível solução. Era a única forma de assegurar-se. Embora fragmentos da supermente tivessem sido distribuídos em subestações de Giedi Prime, a força de ocupação destruiria todos os restos. No momento, os humanos deviam

aniquilar o núcleo eletrônico entrincheirado como uma rainha abelha no complexo da cidadela, afastado de toda sua infra-estrutura, desprovido de proteção.

Através da fumaça e das nuvens, Xavier viu que dúzias de bombas térmicas caiam sobre o centro de Giedi City e desintegravam os edifícios governamentais. Até a pedra se fundiu. O aço se transformou em cinza. O cristal se vaporizou. Nada podia sobreviver.

Uma vitória agridoce... mas vitória afinal.

Dois dias depois, durante uma excursão de inspeção, o terceiro Harkonnen e seus oficiais documentaram a destruição de Giedi City. Já sabiam o que iriam encontrar, mas a evidência afligiu-lhes.

Xavier respirou fundo e tratou de aliviar sua consciência recordando-se que *Omnius* tinha sido derrotado. Os humanos tinham reconquistado o planeta.

Porém não havia nem sinal de Serena.

44

Sempre há uma via de fuga, se souber localizá-la.

VORIAN ATREIDES, informe

Quando o Dream Voyager entrou por fim no sistema solar de Ophiuchi B, uma escala mais em sua longa excursão de atualizações, Seurat tentou entrar em contato com a rede de *Omnius* recém instalada no Giedi Prime. Se o general Agamenon tinha conquistado o planeta *hrethgir*, tal como tinha prometido, Vor sabia que localizariam a cidadela no centro comercial do planeta. Outro grande capítulo que seu pai incluíra em seus memórias. Vorian estava de pé atrás do capitão robô, estudando o console de instrumentos enquanto se aproximavam.

- Realmente ainda há muito que organizar e reestruturar aí abaixo.

Entusiasmava-lhe a perspectiva de visitar um planeta obrigado a se adaptar ao domínio eficaz das máquinas, depois de um período regido pelo caos humano.

Omnius precisaria rodear-se dos melhores humanos de confiança, os mais leais às máquinas pensantes. Os *neocimeks* se encarregariam de subjugar a população, e os humanos de confiança chegariam depois, assim que o povo estivesse domado e aceitasse sua nova situação. Mas Vor também se sentia um pouco estranho. Os *hrethgir* conquistados de Giedi Prime se pareceriam com ele, embora não tivesse nada em comum com eles. Seurat, e seus semelhantes, são como irmãos para mim.

O robô, de pé em frente ao console de controle, tentava receber sinais da cidadela.

- Ainda não estabelecemos contato. Talvez não instalaram ainda todos os sistemas de superfície, ou Agamenon provocou muitos danos durante sua conquista.

Vor vigiava os sistemas de controle.

- Sempre é possível reparar os danos, assim que a conquista se consolidou. - Um sol amarelo pálido iluminava a face diurna de Giedi Prime. Franziu o cenho, preocupado. - Parece que algo não está bem, Seurat.

- Defina suas reservas, Vorian Atreides. Não posso tomar medidas me apoiando em vagas sensações de inquietação.

- Como sempre. Mas... vá com cuidado.

O *Dream Voyager* sobrevoou a capa atmosférica, internou-se entre as nuvens e partículas dispersas que o sistema de recolhimento da nave analisou como fumaça abundante. Havia a possibilidade de que os *hrethgir*, cheios de maldade e desespero, tivessem queimado suas próprias cidades? Que seres tão odiosos!

Sentiu um nó no estômago quando os sistemas de alarme da nave dispararam.

Seurat alterou o curso imediatamente e voltou a ganhar altura.

- Parece que os escudos decodificadores continuam intactos em Giedi Prime.

- Quase topamos com eles! - gritou Vor. – Que significa isso...?

- Talvez o general Agamenon não coroou com êxito a conquista. Giedi Prime não se acha tão bem como era de se esperar.

Vor, confiando cegamente na perfeição de seu pai, examinou os controles.

- Os instrumentos captam material militar da liga na superfície, marcas de enormes explosões recentes no Giedi City. - As palavras emudeceram em sua garganta. - O núcleo central e o *Omnius* local foram destruídos! Parece que também foram aniquilados todos os robôs e *cimeks*.

- Estou controlando suas emissões de banda larga... Analisando um relatório.

O robô, com una calma enlouquecedora, informou acerca dos decodificadores portáteis, a poderosa feiticeira de Rossak que tinha utilizado seus poderes mentais para destruir os *cimeks*, e a força esmagadora da Armada da Liga.

- Vorian - disse a seguir Seurat, imperturbável, - uma frota de naves *hrethgir* se aproxima de nós pela face oculta do planeta. Parece que nos armaram uma emboscada.

Raios alaranjados e azuis passaram roçando a nave, e os sistemas automáticos do *Dream Voyager* adotaram manobras de evasão. Os *kindjals* da liga se precipitaram sobre eles como lobos.

- São uns bárbaros - disse Vor. - Ansiosos por destruir todo aquilo que os desagrada.

- Nos atacam – respondeu Seurat. - E o *Dream Voyager* não é uma nave programada para combater. - Continuava falando em um tom jovial falso, humorístico nesta ocasião. - Algum dia me ocorrerá uma piada sobre a

quantidade de humanos necessários para provocar um curto-circuito em *Omnius*.

O terceiro Xavier Harkonnen, avisado de que se aproximava uma nave das máquinas pensantes, tinha transferido seu grupo de batalha orbital até a face mais afastada do planeta.

Ainda choviam restos dispersos das naves de guerra robô destruídas. As forças de *Omnius* tinham sido aniquiladas por completo.

Xavier pilotava um *kindjal* individual, acompanhado por um esquadrão armado até os dentes. Viu que a nave de atualização se dirigia para a capital arrasada, e que logo subia com desespero assim que o capitão robô detectou os escudos decodificadores.

- Sigam-me! Não podemos permitir que escapem!

Sedento de vingança, seu esquadrão lhe obedeceu. Ao mesmo tempo, comunicou às forças destacadas na superfície que tinham avistado uma nave inimiga. O Dream Voyager fazia o possível por escapar do fogo da Armada e fugir para o espaço.

De repente, Xavier ficou estupefato para ouvir uma voz humana (ou que parecia humana) pelo comunicador.

- Detenham seu ataque! Esta é uma nave da liga. Meu nome é Vorian Atreides. Abordamos e tomamos o controle de um aparelho robô. Parem de disparar!

Xavier tentou deduzir pelo tom se se tratava de uma voz humana ou de uma cópia mecânica. As máquinas pensantes não eram ardilosas... a menos que houvesse a bordo um cérebro conservado. Alguns *kindjals* se atrasaram, vacilantes.

- Não baixem a guarda - ordenou Xavier a seu esquadrão, - mas parem de disparar até que averigüemos...

Antes que pudesse acabar de falar, a nave suspeita começou a disparar suas armas, projéteis defensivos que pagaram de surpresa os homens da liga. Um *kindjal* se afastou a toda pressa, com os motores alcançados.

A tela do console de Xavier mostrou um rosto humano de cabelo escuro e olhos fanáticos. Um robô de cara refletiva estava a seu lado, e seu corpo flexível ondulava enquanto manipulava os controles.

Um robô e um humano, trabalhando lado a lado? Xavier não acreditava em seus olhos.

- Abram fogo! - gritou. - Destruam essa nave.

- Não é prudente provocá-los em excesso, Vorian - disse Seurat, com uma calma irritante. - Preferiria partir depressa.

- Ganhei alguns segundos preciosos, não é mesmo? Você não teria pensando em blefar.

Vor não pôde reprimir um sorriso. Tinha lido palavras parecidas nas memórias de Agamenon, e estava contente em repeti-las.

Quando o comandante da Armada adotou manobras de evasão e reuniu seus pilotos, lançou insultos a Vor pelo comunicador.

- Você é uma vergonha para a humanidade, traidor!

Vor riu, orgulhoso de sua posição. Citou o que lhe tinham ensinado durante toda sua vida.

- Sou o topo da humanidade, um homem de confiança de Omnius, o filho do general Agamenon.

- Lamento interromper seu ardoroso discurso, Vorian, mas detecto mais naves *hrethgir* - disse o robô. - Mais do que podemos esquivar. Por conseguinte, vou interromper a comunicação. Nossa principal responsabilidade é proteger a atualização. Temos que apresentar nosso relatório.

- Se já destruíram o *Omnius* de Giedi Prime - disse em tom sombrio Vor, - jamais conseguiremos uma atualização do armazenado durante os meses de conquista.

- Uma perda lamentável – respondeu Seurat.

O robô guiou o Dream Voyager para a órbita, longe dos escudos decodificadores. A aceleração esmagou Vorian contra seu assento acolchoado, até que esteve a ponto de perder a consciência. Um esquadrão de naves humanas os perseguia, e a nave estremeceu quando um jorro de energia alcançou a seção de popa.

Seurat efetuou uma manobra evasiva, e outra rajada de projéteis danificou a blindagem da nave, que não estava preparada para receber semelhante castigo. Vor ouviu que os sistemas uivavam, quando instalações automáticas efetuaram reparos provisórios das partes danificadas. Outro impacto, pior que os anteriores.

- Somente funcionam os motores de reserva - anunciou Seurat.

Vor examinou os sistemas de diagnóstico para analisar os danos. Uma fumaça acre havia invadido a cabine.

O *Dream Voyager* deu um inclinação brusca. Estavam rodeados de mais *kindjals*, que não paravam de disparar sobre eles. Uma explosão sacudiu Vor até os ossos.

- Não poderemos agüentar muito mais - disse Seurat. - Nossos motores funcionam a trinta por cento da potência normal, e vou com a maior rapidez possível.

- Dirija para essa nuvem - disse Vor, quando lhe ocorreu uma idéia de repente. - O vapor de água é bastante espesso para atuar de superfície de projeção.

Seurat obedeceu a seu entusiasta co-piloto. Os motores danificados se esforçaram ao máximo.

Os *kindjals* continuaram disparando.

Vor utilizou os sofisticados sistemas da nave para projetar cópias virtuais, imagens eletrônicas do Viajante onírico. Tinha esperado utilizar o estratagema em um jogo tático contra Seurat... mas este era um jogo muito diferente. Se não funcionasse, a nave não sobreviveria.

Momentos depois, cem Viajantes oníricos ilusórios pareceram surgir dentre as nuvens, imagens sólidas refletidas no vapor de água. O esquadrão, confuso, perseguiu os chamarizes.

Mas a presa autêntica se afastou, entrou em órbita, os pilotos concentrados em passar despercebidos até estar fora do alcance do fogo inimigo.

45

Inclusive o esperado pode provocar uma terrível surpresa quando aferramos a tênues esperança.

XAVIER HARKONNEN

Enquanto os sobreviventes de Giedi Prime contavam seus mortos, documentavam os danos e faziam planos para o futuro, Xavier sentia que suas esperanças se desvaneciam. Parecia que ninguém tinha visto Serena Butler desde que tinha partido da ilha do mar do norte.

Fez turnos duplos nos *kindjals* de reconhecimento, seguiu pautas regulares sobre os moderados povoados, onde as máquinas pensantes tinham causado a maior destruição. Xavier sabia que a jovem nunca se esconderia, mas sim dedicaria todo seu empenho aos trabalhos de reconstrução.

Enquanto voava neste direção, viu que o sol amarelo ficava a suas costas, tingindo o céu de tons dourados e alaranjados. Violentas rajadas de ar sacudiram sua nave, e lutou por controlá-lo. Xavier se elevou por cima das turbulências, e seu esquadrão o seguiu.

Algum dia, depois de que Serena e ele se casassem, contaria esta historia a seus filhos. Sentiu uma opressão no peito quando pensou nisso, porém continuou sua busca, sem atrever-se a pensar no que faria se algo lhe tivesse lhe acontecido.

Dessa altura, Xavier distinguia o contorno dos continentes e mares. Graças a um potente visor, distinguiu o centro de uma cidade e divisou grupos de luzes que indicavam um acampamento humano. Durante seu breve e brutal domínio, os conquistadores haviam aniquilado muitas pessoas, e milhões haviam fugido para o campo.

Os sobreviventes começavam a retornar a seus lares. Equipes de reconstrução tinham se transladado para os complexos industriais, onde eliminavam as modificações levadas a cabo pelas máquinas e voltavam a pôr em funcionamento as instalações necessárias para reconstruir moradias e distribuir mantimentos e fornecimentos. Em Giedi City, os peritos da Armada analisavam os restos da cidadela onde se entrincheirou *Omnius*. Só restavam fragmentos retorcidos de suporte físico e mecanismos eletrônicos.

Porém o processo de reconstrução exigiria muito tempo.

Xavier odiava às máquinas mais que tudo, mas também acreditava na honra entre homens. Não podia compreender o traidor Vorian Atreides, que viajava de bom grado junto a um capitão robô em uma nave espiã das máquinas pensantes. Tinham-lhe lavado o cérebro, disso não havia dúvida, mas o comportamento arrogante do jovem sugeria fortes convicções... uma paixão fanática, sincera. O Atreides tinha afirmado ser "filho" de Agamenon, o pior dos titãs.

Uma nave do esquadrão desceu por volta do mar.

- Terceiro Harkonnen, detectei restos metálicos na água.

- Vão verificar - disse Xavier, assaltado por um repentino temor.

Dois *kindjals* planaram em direção ao mar.

- A massa e configuração sugere que são os restos de uma nave militar da liga - transmitiu um piloto. - Possivelmente um couraçado.

- Perdemos alguma nave dessas características na batalha?

- Não, senhor.

- Recuperem os restos - ordenou Xavier, surpreso pela firmeza de sua voz. – Mandaremos analisá-los.

Não queria dizer, mas sabia que Serena e sua equipe tinham saído para o mar em uma nave desse tipo.

Pensou na imagem de Serena projetada do colar de diamantes negros que Octa tinha lhe dado. A lembrança era tão viva que a formosa mulher parecia estar diante dele, orgulhosa e decidida em sua amalucada idéia de ajudar os habitantes de Giedi Prime.

Quando a tripulação recolheu os restos, Xavier viu que o casco estava pintado de um cinza discreto, com uma cobertura de camuflagem, agora rota e desprendida.

Se sentiu aturdido.

- Precisamos nos assegurar.

Mais tarde, quando os restos foram entregues a um acampamento militar improvisado em Giedi City, Xavier Harkonnen ordenou que analisassem minuciosamente os vestígios achados no interior do aparato. Algumas peças pareciam ser de naves robóticas, porém isso não lhe importava. Sua mente e seu corpo estavam paralisados de terror. As conclusões eram inevitáveis.

No interior de um módulo salva-vidas semi-destroçado, descoberto não longe do couraçado, a equipe de busca tinha encontrado também os restos despedaçados de um ancião, identificado como Ort Wibsen. Todas as dúvidas se dissiparam. Esta havia sido a nave de Serena.

Encontraram mais sangre dentro da nave inundada. Era evidente que, ao final, haviam oposto uma resistência encarniçada. Xavier analisou o DNA, com a esperança de obter resultados diferentes dos que temia.

Mas os resultados demonstraram que as outras vítimas eram o mensageiro Pinquer Jibb... e Serena Butler. *Serena. Meu amor...*

Xavier tentou aferrar-se aos últimos vestígios de esperança. Talvez as máquinas tivessem se limitado a tornar Serena prisioneira. Mas era uma possibilidade estrambótica, irreal... E tendo em conta a brutalidade de robôs e *cimeks*, era desejável que isso não fosse realidade?

Não, teria que voltar para Salusa Secundus e comunicar a notícia a um abatido Manion Butler.

Não havia a menor dúvida. Serena estava morta.

46

Sejamos ricos, pobres, fortes, débeis, inteligentes ou estúpidos, as máquinas pensantes nos tratam como se fôssemos pedaços de carne. Não compreendem como são os humanos.

IBLIS GINJO,
planos preliminares para a Jihad

Enquanto outros capatazes humanos fiscalizavam os projetos de monumentos para o Foro, Iblis Ginjo recebeu ordens de distribuir um carregamento de novos escravos. Os cativos vinham de Giedi Prime, e tinham sido conduzidos à Terra por ordem de *Omnius*. O chefe dos capatazes grunhiu para si, pois suspeitava que os *cimeks* quereriam construir outro enorme monumento para celebrar a vitória de Giedi Prime, e suas equipes teriam que se encarregar do trabalho...

Ao que parecia, Erasmo tinha interesse particular em uma fêmea, selecionada para ele pelo titã Barba Azul. Iblis tinha lido a documentação e sabia que o novo grupo de prisioneiros eram de índole rebelde, considerando o lugar onde tinham sido capturados.

Quando os desalinhados e desorientados escravos saíram do transporte com suas roupas sujas, Iblis os examinou com olho perito e pensou em que forma os distribuiria: alguns artesãos, alguns operários qualificados, a maioria simples escravos. Destinou um homem musculoso de pele negra ao projeto do pedestal de Ajax. Depois de lhe dedicar um sorriso, enviou outros a equipes necessitadas de mais mão de obra.

Um dos últimos prisioneiros em sair da nave foi uma mulher que, face aos hematomas que cobriam seu rosto e braços, e sua expressão estupefata, caminhava com orgulho, demonstrando uma energia interna em cada movimento. Era a fêmea de Erasmo. Problemas.

Por que o robô estaria interessado nela? Afinal, acabaria viviseccionando-a. Um desperdício. E uma pena.

Iblis a chamou, mas ela ignorou seu tom suave embora autoritário. Por fim, com certa colaboração dos guardas robô, a mulher se plantou em frente a ele. Embora fosse de estatura média, a fêmea tinha olhos de um muito belo

tom lavanda, cabelo castanho claro e um rosto que seria formoso uma vez limpo da sujeira e da cólera.

Iblis lhe dirigiu um cálido sorriso, com a intenção de derrubar suas defesas.

- A documentação afirma que você se chama Serena Linné. Sabia muito bem quem era.

Iblis a olhou nos olhos e detectou um brilho desafiante. A mulher sustentou seu olhar, como se fosse sua igual.

- Sim. Meu pai era um funcionário de menor patente de Giedi Prime, moderadamente acomodado.

- Já trabalhou antes como faxineira? - perguntou o capataz.

- Sempre fui uma faxineira... de meu povo.

- A partir de agora, servirá a *Omnius*. - O homem suavizou a voz. - Prometo que não será muito duro. Aqui tratamos bem nossos trabalhadores. Sobre tudo aos inteligentes como você. Talvez possa aspirar a uma posição privilegiada, de confiança, se contar com a inteligência e personalidade necessárias. - Iblis sorriu. - Entretanto, não seria melhor que utilizássemos seu verdadeiro nome, Serena Butler?

A mulher o transpassou com o olhar. Ao menos, não negou.

- Como sabe?

- Depois de capturá-la, Barba Azul inspecionou os restos da sua nave. Haviam muitas pistas a bordo. Teve sorte de que os *cimeks* não precisassem interrogá-la a fundo. - Lançou um olhar a suas notas eletrônicas. - Sabemos que é a filha do vice-rei Manion Butler. Tentava ocultar sua identidade por temer que *Omnius* a utilizasse como chantagem? Asseguro-lhe que a supermente não pensa dessa forma. *Omnius* jamais consideraria semelhante possibilidade.

Serena elevou o queixo com ar desafiante.

- Meu pai jamais cederia nem um centímetro de território, face ao que me fizessem as máquinas.

- Sim, sim, é muito valente, disso estou seguro. - Iblis dedicou-lhe um sorriso irônico, com o propósito de consolá-la. - O resto depende do robô Erasmo. Solicitou que seja levada a sua vila. Está muito interessado em suas circunstâncias particulares. É um bom sinal.

- Deseja me ajudar?

- Eu não diria tanto - respondeu Iblis com certo tom humorístico. - Estou seguro de que Erasmo deseja falar contigo. Falar sem cessar. Ao final, estou seguro de que a deixará louca com sua famosa curiosidade.

Iblis ordenou a outros escravos que lavassem e vestissem devidamente esta fêmea, e seguiram as ordens do humano como se também fosse uma máquina. Embora seu comportamento projetasse hostilidade e ressentimento, Serena Butler não esbanjou esforços nem opôs resistência. Tinha cérebro, mas sua inteligência e espírito não demorariam para ser esmagados.

Não obstante, a revisão médica comportou uma surpresa. Olhou para Iblis com olhos coléricos, tentando conservar seu muro defensivo de ira, mas um brilho de curiosidade apareceu em seus olhos lavanda.

- Sabia que estava grávida? Ou se trata de um desafortunado acidente? - A julgar por sua reação, compreendeu que não fingia. - Sim, parece que de três meses. Deve ter suspeitado em algum momento.

- Isso não te interessa.

Falou com dureza, como se tentasse agarrar-se a algo estável. A notícia pareceu afetá-la mais que os maus tratos recebidos durante seu cativeiro.

- Até a última célula de seu corpo me interessa, ao menos até que entregue a seu novo amo. Depois, começarei a ter pena de você

Não havia dúvida de que o robô independente pensaria em experimentos interessantes para ela e o feto...

47

A psicologia do animal humano é maleável, pois sua personalidade depende da proximidade de outros membros de sua espécie e da pressão exercida sobre eles.

ERASMO,
notas de laboratório

A vila de Erasmo consistia em um edifício alto construído sobre uma colina que dominava o mar. Na parte que dava para o interior, a seção principal se abatia sobre uma agradável praça ladrilhada. Para a costa, os recintos dos escravos, onde cativos humanos viviam amontoados como gado, empelotavam-se no lado contrário.

Dos balcões mais elevados, o robô considerava curiosa a dicotomia.

A capa facial de polímero metálico de Erasmo formou um sorriso paternal, enquanto via dois robôs sentinela que atravessavam um recinto atrás de duas meninas as gêmeas que necessitava para sua nova ronda de experimentos. Aterradas as humanas fugiram, mas Erasmo não franziu o cenho. Suas numerosas fibras ópticas analisaram as formas fracas e sujas.

Tinha visto as meninas alguns dias antes, e reparado em seu cabelo negro e curto e seus olhos castanhos, mas tinha a impressão de que se escondiam em algum lugar. Estavam brincando com ele? Os sentinelas entraram por uma porta a um túnel que conduzia a outro recinto.

- Localizamos os dois sujeitos - transmitiram por fim. Bom, pensou Erasmo, impaciente por iniciar o trabalho. Queria ver se podia obrigar uma das gêmeas a matar a outra.

Seria um experimento fundamental, revelador das fronteiras morais e de como as definiam as irmãs.

Gostava de muito trabalhar com gêmeos idênticos. Ao longo dos anos, tinha processado dúzias de gêmeos em seu laboratório, e reunido relatório médico detalhados, assim como estudos psicológicos intensivos. Dedicava grandes esforços a meticulosas autópsias comparadas, analisava as diferenças sutis entre irmãos que eram cópias genéticas. Os capatazes que trabalhavam nos abarrotados recintos tinham instruções de identificar e selecionar qualquer par novo entre a população cativa da Terra.

Por fim, teve às gêmeas a sua frente, sujeitas por robôs. Compôs um sorriso sereno. Uma de as meninas cuspiu na superfície refletiva. Erasmo se perguntou por que a saliva possuía conotações tão negativas para os humanos. Não causava danos e eram fáceis de limpar.

- As formas do desafio humano nunca paravam de assombrá-lo.

Pouco antes que Erasmo abandonasse sua propriedade de Corrin, vinte e dois escravos haviam tirado as capas protetoras oculares e fixado a vista no gigantesco sol vermelho até ficarem cegos. Desobedientes, rebeldes e estúpidos. Do que servia aquele ato desafiante, além de inutilizá-los para trabalhar como escravos?

Tinham imaginado que os matariam, e Erasmo não os decepcionou, mas tampouco desejava que se transformassem em mártires. Ele os tinha separado dos outros escravos, para que seu exemplo não se propagasse. Cegos, não poderiam encontrar nem ganhar comida. A estas alturas, supunha que já teriam morrido de fome em sua escuridão auto-infringida.

Mesmo assim, maravilhava-se de sua coragem, de sua vontade coletiva de desafiá-lo. Embora os humanos constituíssem uma raça molesta, não paravam de fasciná-lo.

Um olho espião zumbiu nas cercanias, emitindo ruídos estranhos. Por fim, *Omnius* falou por seu intermédio.

- A recente perda de Giedi Prime é sua culpa, Erasmo. Tolero seus incessantes experimentos na esperança de que desconstruas e analise o comportamento humano. Por que não predisse o ataque suicida que aniquilou meus *cimeks*? Os dados e experiências de minha contraparte de Giedi Prime nunca chegaram a serem carregados. Barba Azul também é insubstituível, pois ele criou minha programação original.

O *Omnius* da Terra já estava informado da retomada de Giedi Prime, graças a uma bóia de emergência automática lançada pelo robô Seurat, cuja nave de atualização havia topado inesperadamente com o desastre. A mensagem tinha chegado à Terra naquela manhã.

- Não me subministraram dados de que as feiticeiras de Rossak tinham desenvolvido esta capacidade de destruição telepática. - A cara do robô recuperou sua falta de expressividade habitual. - Por que não interroga Vorian Atreides quando retornar à Terra? O filho de Agamenon já nos ajudou em outras ocasiões a replicar um comportamento humano instável.

- Nem sequer suas contribuições teriam podido nos preparar para o que aconteceu em Giedi Prime. Os seres conscientes biológicos são imprevisíveis e temerários.

Quando as sentinelas levaram as gêmeas arrastadas, Erasmo dedicou sua atenção ao olho espião.

- Então, é evidente que tenho mais trabalho a fazer.

- Não, Erasmo, é evidente que suas investigações não dão os frutos desejados. Deveria se esforçar por alcançar a perfeição, em vez de investigar combinações de enganos. Recomendo que substitua seu núcleo mental por um subconjunto de meu programa. Converta-se em uma máquina perfeita. Uma cópia de mim.

- Você seria capaz de sacrificar nossos fascinantes e intermináveis debates? - respondeu Erasmo, esforçando-se por dissimular seu alarme. - Sempre expressou interesse em minha peculiar maneira de pensar. Todas as supermentes desejam acessar seu registro de meus atos.

O zumbido do olho espião se intensificou, o que indicava que *Omnius* estava pensando. A situação era preocupante. Erasmo não queria perder sua identidade independente, que tanto o havia custado conseguir.

Uma das gêmeas tentou libertar-se dos guardas, e correu em direção à duvidosa segurança dos recintos. Como Erasmo tinha sugerido por antecipado, o guarda elevou sua irmã por um braço, e deixou que se debatesse entre gritos. A outra vacilou, embora pudesse ter chegado com facilidade a seu refúgio provisório. Deteve-se pouco a pouco, derrotada.

Fascinante, pensou Erasmo. E o sentinela nem sequer se viu obrigado a infligir danos celulares a outra menina.

- Talvez se desviasse minha atenção para temas de importância militar - se apressou a continuar, - compreenderia melhor as possibilidades de meu trabalho. Deixe que analise por você a mentalidade destes humanos selvagens. O que impulsiona a auto-imolação, como vimos em Giedi Prime. Se for capaz de conseguir uma explicação, seus Planetas Sincronizados nunca mais serão vulneráveis a ataques imprevisíveis.

O olho espião flutuou no ar, enquanto milhões de possibilidades passavam pela fértil mente de *Omnius*. Pouco depois, o computador tomou uma decisão.

- Tem minha permissão para continuar. Mas não continue pondo a prova minha paciência.

48

As pessoas necessitam de continuidade

BOVKO MANRESA,
primeiro vice-rei da Liga de Nobres

Em Poritrin, a virulenta febre fazia estragos nas terras baixas e moles onde os escravos se amontoavam. Face à quarentena e todos os esforços, a enfermidade havia matado certo número de funcionários e mercadores, e também se propagou aos escravos que trabalhavam nos laboratórios de Tio Holtzman, a que provocou problemas aos trabalhos do cientista.

Quando Holtzman reparou pela primeira vez nos sintomas da enfermidade que afetava seus calculadores de equações, ordenou imediatamente que transportassem os doentes para câmaras de isolamento e confinassem a outros. O distraído sábio pensou que os escravos se alegrariam de livrar-se de suas tarefas matemática. Em vez disso, os calculadores gemeram e rezaram, e se perguntaram por que Deus lhes castigava em lugar de seus opressores.

Ao cabo de duas semanas, a metade de seus escravos tinham morrido ou estavam em quarentena. A mudança produzida nas rotinas diárias não ajudava ao trabalho mental do sábio.

Estavam executando vários simulacros em grande escala, seguindo o desenvolvimento gradual de parâmetros estabelecidos pela brilhante Norma Cenva. Holtzman, irritado, sabia que interromper o trabalho requereria novas equipes que começassem do zero. Com o fim de conservar seu prestígio, necessitava de um êxito o quanto antes.

Nos últimos tempos, tinha sido o trabalho de Norma, mais que o seu próprio, que tinha sustentado sua reputação. É obvio, apropriou-se de todo o mérito de haver transformado os geradores decodificadores em armas ofensivas. Lorde Bludd havia apresentado com orgulho os dois protótipos à força de liberação da Armada com o destino a Giedi Prime. A verdade era que os projetores tinham prestado um grande serviço aos planos de resgate, mas os protótipos tinham consumido energia suficiente para deitar em terra dois transportes de tropas, e os engenhos se avariaram, de forma irreparável, depois de utilizá-los apenas uma vez. Além disso, o pulso decodificador tinha

produzido resultados inesperados, porque muitos robôs tinham gozado da proteção de paredes, e não haviam sido afetados pelo campo destruidor. De qualquer modo, a idéia era promissora, e os nobres incentivaram Holtzman a melhorar o invento, ignorantes do papel desempenhado por Norma.

Ao menos, a reputação de Holtzman estava a salvo. Por enquanto.

Norma era tranqüila, mas diligente. Como estava muito pouco interessada em diversões e passatempos, trabalhava com esforço e analisava suas idéias. Face aos desejos de Holtzman, insistiu em efetuar os cálculos em pessoa, em lugar de encaminhá-los às equipes de calculadores. Norma era muito independente para entender a economia de delegar tarefas. Sua dedicação a convertia em uma pessoa aborrecida.

Depois de resgatar a jovem prodígio de sua escuridão no Rossak, Holtzman havia acreditado, talvez sem uma base sólida, em que Norma lhe traria inspiração quando menos esperasse. Durante uma festa recente celebrada nas torres cônicas de lorde Bludd, o nobre havia dito em brincadeira a Holtzman que concedesse umas férias a seu brilhantismo habitual.

Embora o comentário o ofendesse, o inventor tinha rido junto com outros nobres. Mesmo assim, abundava na idéia (ao menos em sua opinião) de que fazia tempo que não tinha criado nada original.

Depois de uma noite inquieta de sonhos extravagantes, Holtzman pensou em uma idéia que devia explorar. Se desenvolvesse algumas características eletromagnéticas que tinha utilizado para seus escudos decodificadores, possivelmente poderia criar um "gerador de ressonância modificado". Sintonizado da maneira apropriada, um indutor de campo térmico se conectaria com metais, os corpos dos robôs, por exemplo, ou inclusive as formas de combate adotadas pelos *cimeks*.

Uma vez ajustado corretamente, o gerador de ressonância poderia fazer se chocar uns contra outros átomos metálicos selecionados, até gerar um calor enorme que destruiria as máquinas.

A idéia parecia promissora. Holtzman tinha a intenção de atacar seu desenvolvimento com entusiasmo e celeridade.

Mas antes necessitava de mais matemáticos e ajudantes que construiriam o protótipo. Antes, tinha que desperdiçar um dia na tarefa mundana de substituir os escravos que tinham morrido por causa da febre. Saiu dos laboratórios com um suspiro de frustração e seguiu o caminho sinuoso que conduzia à base dos escarpados, onde subiu a uma lancha a motor que cruzou o rio.

Na borda oposta, na parte mais larga do delta, visitou um buliçoso mercado. Havia balsas e barcaças apertadas desde fazia tanto tempo, que já

pareciam parte da paisagem. O bairro dos mercados não estava muito longe do espaçoporto de Stardi onde numerosos vendedores ofereciam produtos de outros planetas: drogas de Rossak, madeiras e plantas interessantes de Ecaz, jóias de Hagal, instrumentos musicais de Chusuk.

Em lojas que flanqueavam uma estreita ruela, havia alfaiates que copiavam a última moda salusiana, cortavam e costuravam tecidos exóticos importados e linho de Poritrin. Holtzman havia utilizado muitos desses alfaiates para melhorar sua imagem. Um sábio eminente como ele não podia passar todo o tempo nos laboratórios Afinal, pediam-lhe com freqüência que aparecesse em público para responder a perguntas dos cidadãos, e falava freqüentemente ao comitê de nobres, para convencê-los de sua importância.

Mas hoje, Holtzman não estava interessado nessas lojas. Precisava comprar escravos, não roupa. O cientista viu um letreiro no mole em frente, escrito em *galach*: RECURSOS HUMANOS. Aproximou de um grupo de balsas onde se amontoavam cativos. Separados por grupos atrás de cercados, os ásperos prisioneiros foram vestidos com uniformes idênticos, embora não fossem de sua talha. Os escravos eram magros e angulosos, como se não estivessem acostumados a comer com regularidade. Estes homens e mulheres procediam de planetas que muito poucos cidadãos livres de Poritrin tinham ouvido falar, e muito menos haviam visitado.

Os traficantes pareciam altivos, como se não tivessem vontade de exibir a mercadoria ou regatear. Depois da recente praga, muitos lares e propriedades precisavam substituir seu pessoal, e os vendedores se aproveitavam.

Outros clientes se apertavam contra os cercas, esquadrinhavam os rostos abatidos, inspecionavam a mercancia. Um velho que segurava um maço de créditos chamou um vendedor e pediu examinar quatro mulheres adultas.

Holtzman não era muito exigente, nem tampouco queria perder tempo. Como necessitava de muitos escravos, sua intenção era adquirir todo um lote. Assim que chegasse a seu imóvel, escolheria os mais inteligentes para ocupar-se dos cálculos, o resto cozinharia, limparia ou cuidaria de sua casa.

Detestava estas tarefas mesquinhas, mas nunca as tinha delegado para outra pessoa. Sorriu, quando percebeu que tinha repreendido Norma por fazer o mesmo, por não querer utilizar matemáticos.

Holtzman, impaciente e ansioso, chamou o traficante mais próximo, agitou a frente de seus narizes a autorização de crédito de Niko Bludd e se abriu passo até a primeira fila.

- Quero um número elevado de escravos.

O mercador se aproximou, sorriu e fez uma reverência.

- É obvio, sábio Holtzman! Providenciarei o que desejar. Diga suas necessidades, e eu as satisfarei.

- Necessito de escravos que sejam inteligentes e independentes - replicou Holtzman, temeroso de que tentassem enganá-lo, - mas capazes de seguir instruções. Imagino que com setenta ou oitenta terei suficiente.

Alguns clientes que se empelotavam contra a cerca grunhiram, mas não se atreveram a desafiar ao célebre inventor.

- Um bom pedido - disse o vendedor, - sobretudo nestes tempos de crise. A praga provocou escassez, até entre os mercados de carne de Tlulaxa entreguem mais mercadoria.

- Todos conhecem a importância de meu trabalho - disse Holtzman, ao mesmo tempo em que tirava um cronômetro da ampla manga de seu manto. - Minhas necessidades gozam de prioridade sobre cidadãos ricos que desejam substituir a mulher da limpeza. Se assim o desejarem, obterei uma permissão especial de lorde Bludd.

- Sei que pode fazê-lo, sábio - disse o mercador. Gritou para outros clientes que se amontoavam contra o cerca. - Basta! Se não fosse por este homem, agora estaríamos varrendo o chão das máquinas pensantes! - O vendedor sorriu para Holtzman. - A questão é que os escravos lhes serão de mais utilidade. Acaba de chegar uma nova remessa de Harmonthep, todos *zensunni*. Dóceis, porém creio que mereçam uma bonificação.

Holtzman franziu o cenho. Preferia gastar sua riqueza em outras coisas, sobretudo considerando o grande investimento necessário para o novo gerador.

- Não tentem me extorquir, senhor.

O homem avermelhou, mas não retrocedeu em seu empenho, intuindo que o sábio tinha pressa.

- Talvez outro grupo lhe seria mais conveniente. Acaba de chegar um do Anbus IV. Indicou uma balsa em que escravos de cabelo negro olhavam com hostilidade para os clientes. São *zenshiítas*.

- Qual é a diferença? São mais baratos?

- Uma simples questão de filosofia religiosa. - O mercado esperou para ver se ele compreendia suas palavras, e ao ver que não, sorriu aliviado. -Além disso, quem pode compreender os budislâmicos São trabalhadores, e isso é o que conta, não é verdade? Posso-lhes ceder esses *zenshiítas* a um preço menor, apesar de que são muito inteligentes. Talvez mais educados que os de

Harmonthep. São saudáveis, também. Tenho certificados médicos. Nenhum deles esteve exposto ao vírus da praga.

Holtzman examinou o grupo. Todos tinham subido a manga esquerda, como se fosse uma espécie de distintivo. Na primeira fila, um homem musculoso de olhos ferozes e espessa barba olhou-o com indiferença, como se se considerasse superior a seus captores.

Depois de uma inspeção superficial, Holtzman não distinguiu nada especial nos cativos do Anbus IV. Necessitava com desespero de serventes, assim como técnicos de nível inferior para seus laboratórios. Cada dia era uma luta por encontrar trabalhadores capazes de calcular equações progressivamente mais complexas.

- Mas por que são mais baratos? - perguntou.

- Abundam mais. É uma questão de oferta e demanda. O vendedor sustentou seu olhar. Disse um preço. Muito impaciente para regatear, Holtzman assentiu.

- Levarei oitenta. - Elevou a voz. – Tanto faz de Anbus IV ou de Harmonthep. Agora estão em Poritrin, e trabalham para o sábio Tio Holtzman.

O mercador se voltou para o grupo de cativos e gritou:

- Ouviram? Deveriam estar orgulhosos.

Os cativos se limitaram a olhar para seu novo amo, sem dizer nada. Holtzman sentiu alívio. Devia significar que seriam mais amigáveis.

Entregou a quantidade de créditos solicitada.

- Faça com que sejam lavados e os enviem a minha residência.

O mercador sorridente agradeceu profusamente.

- Não se preocupes, sábio Holtzman. Ficará satisfeito com este lote.

Quando o grande homem se afastou do mercador, outros clientes começaram a gritar e agitar seus cartões de crédito, brigando pelos outros escravos. Ia ser um dia movimentado.

49

Durante o curso da história, a espécie mais forte sempre ganha.

TLALOC
A Era dos Titãs

Depois de refugiar-se nos desertos de Arrakis, os *zensunni* foram pouco mais que nômades, e não muito valentes. Inclusive em suas incursões mais afastadas para procurar objetos úteis, os nômades não se separavam das rochas, para evitar o deserto e os vermes.

Muito tempo atrás, depois de que o químico imperial Shakkad o Sábio houvesse descoberto as propriedades rejuvenescedoras da misteriosa especiaria *melange*, tinha surgido um pequeno mercado da substância natural entre os forasteiros que faziam escala no espaçoporto de Arrakis City. Entretanto, como o planeta se achava muito longe de pistas de aterrissagem mais conhecidas isso havia impedido que a *melange* se transformasse em uma mercadoria valiosa. "Uma raridade, não uma mercadoria", havia dito Aniv Dhartha um desabrido mercador.

Mesmo assim, a especiaria constituía um elemento primitivo da alimentação, e devia ser compilada... mas somente em terrenos próximos às rochas.

Dhartha, à frente de um grupo de seis homens, atravessava uma cordilheira de areia que retinha os rastros de suas pegadas como fossem beijos no pó. Tinham a cabeça coberta com um tecido branco que só deixava descoberto seus olhos. A brisa agitava suas capas, e revelava cinturões com acessórios, ferramentas e armas. Dhartha subiu o tecido sobre o nariz para não respirar pó. Arranhou a tatuagem da bochecha, e depois entreabriu os olhos, sempre alerta ao perigo.

Ninguém pensou em jogar olhar para o céu transparente até que ouviram um leve silvo, que logo se transformou em um uivo. O *naib* Dhartha o comparou ao grito de uma mulher que acabara de descobrir a morte de seu marido.

Elevou a vista e viu uma bala chapeada que rasgava a atmosfera, em seguida reconheceu o zumbido de impulsores. Um objeto em forma de bolha

apareceu no céu, girou sobre si mesmo e oscilou no ar, como se estivesse escolhendo um lugar onde aterrissar. Depois, a menos de um quilômetro do grupo, o objeto se chocou contra as dunas como um punho que golpeara o estômago de um mercador corrupto. Um jorro de areia e pó saiu disparado para o alto.

O *naib* ficou imóvel e observou, enquanto seus homens começavam a tagarelar entre si. O jovem Ebrahim estava tão entusiasmado como o filho de Dhartha, Mahmad. Ambos os meninos queriam ir correndo investigar.

Mahmad era um bom moço, respeitoso e prudente, mas Dhartha não tinha muito boa opinião de Ebrahim, que gostava de contar histórias e falar de façanhas imaginárias. Lembrou do incidente do roubo da água tribal, um delito imperdoável. À princípio, o *naib* pensou que havia dois jovens implicados, Ebrahim e Selim, mas Ebrahim tinha se apressado a negar toda responsabilidade e acusar o outro menino. Selim tinha parecido assombrado pela acusação, mas tampouco a tinha negado.

Para cúmulo, o pai de Ebrahim tinha fechado um substancioso trato com Dhartha para salvar seu filho, de maneira que o órfão tinha sido condenado à pena máxima. Tampouco foi uma grande perda para a tribo. Com freqüência, um *naib* se via obrigado a tomar decisões difíceis.

Enquanto os homens olhavam para Dhartha, com os olhos cintilando entre as dobras de tela, compreendeu que não podia desperdiçar a oportunidade de saquear a nave caída, fosse o que fosse.

- Temos de ir ver o que é isso - gritou.

Seus seguidores correram para a coluna de fumaça que assinalava o impacto, com Ebrahim e Mahmad à frente. Dhartha não tinha a menor vontade de se aventurar longe das rochas, porém o deserto o atraia para um tesouro desconhecido.

Os nômades coroaram uma duna, deslizaram pela sua face e subiram pela outra. Quando chegaram à cratera produzida pelo impacto, todos ofegavam. O *naib* e seus homens se detiveram na borda da fossa. Manchas vidradas de silício aquecido se pulverizaram sobre a areia como saliva.

No interior da fossa havia um objeto mecânico do tamanho de dois homens, com salientes e componentes que zumbiam e se moviam, acordados agora que o artefato havia aterrissado. O objeto ainda fumegava por causa do calor gerado ao entrar na atmosfera. Talvez uma espaçonave?

Um dos homens de Dhartha retrocedeu e fez um sinal advertência com os dedos. Entretanto, o ansioso Ebrahim se inclinou para frente. O *naib* apoiou uma mão sobre o braço esquerdo de Mahmad para evitar que cometesse imprudências. Que o outro se arriscasse.

O módulo era muito pequeno para transportar passageiros. As luzes piscaram, e os lados da sonda se abriram como asas de dragão para deixar a descoberto extremidades mecânicas garras articuladas e uma complexa maquinaria interna. Processadores, aparelhos de investigação e destruição. Conversores de energia refletivos se estenderam a luz do sol.

Ebrahim deslizou pela borda do poço.

- Imagine o que isso valerá no espaçoporto, *naib*! Se eu chegar primeiro, deveria receber uma parte maior.

Dhartha quis discutir com o jovem entusiasta, mas quando percebeu que ninguém, exceto seu filho, parecia ansioso por unir-se a Ebrahim assentiu.

- Se tiver êxito, receberá uma parte extra.

Embora o objeto se avariou por completo, os nômades utilizariam o metal para fins próprios.

O atrevido jovem parou na metade do caminho e olhou para o aparelho com suspeita, pois continuava vibrando e zumbindo Componentes flexíveis projetavam braços e pernas, enquanto lentes e espelhos estranhos giravam nos extremos de tentáculos flexíveis de fibra de carbono. Parecia que a sonda estava examinando o terreno circundante, como se não soubesse onde tinha aterrissado.

A máquina não prestava atenção aos humanos, até que Ebrahim agarrou uma pedra da parede da cratera.

- Ai! Ai! - gritou, e lançou a rocha. Chocou-se contra o material da sonda com um ruído metálico.

O aparelho se imobilizou, e depois suas lentes e exploradores giraram para o humano solitário. Ebrahim flexionou as pernas sobre a areia.

Um raio de luz incandescente brotou de uma lente. Uma língua de fogo envolveu Ebrahim e o projetou para trás, uma nuvem de carne e ossos carbonizados. Fragmentos de roupa, mãos e pés voaram para o alto da cratera.

Mahmad gritou, e Dhartha ordenou imediatamente a seus homens que retrocedessem. Fugiram para um terreno baixo entre as dunas. A meio quilômetro de distância, subiram a uma cúpula de areia bastante alta para observar sem perigo a cratera. Os homens rezaram e fizeram gestos supersticiosos, enquanto Dhartha levantava o punho direito. O temerário Ebrahim tinha chamado a atenção do objeto mecânico e pago com a vida por sua ousadia.

Os homens continuaram vigiando a fossa. A sonda não lhes dava atenção. Parecia que estava se remodelando, e construía estruturas a seu redor. Mãos mecânicas vertiam areia em uma abertura de seu bojo, e projetavam varinhas de vidro que utilizava para sustentar-se. A máquina acrescentou novos

componentes, cada vez maiores, e por fim começou a sair do poço, com grande estrépito. Dhartha continuava perplexo. Ainda que fosse o líder de uma tribo, não sabia o que fazer. Não entendia o que ocorria. Talvez o contaria a alguém do espaçoporto, mas detestava relacionar-se com forasteiros. Além disso, o objeto podia ser valioso, e não queria entregar sua descoberta.

- Olhe, pai. - Mahmad apontou para o deserto. - Essa máquina endemoninhada pagará por ter matado meu amigo.

Dhartha viu a conhecida ondulação, o movimento do monstro sob a areia. A sonda continuava produzindo seus movimentos rítmicos, alheia a sua volta. O mecanismo elevou-se, um composto monstruoso de materiais cristalinos e escoras de silicato, reforçados por vigas de fibra de carbono auto-geradas.

O verme de areia se aproximou a toda velocidade, até que sua cabeça se elevou sobre a areia. A boca era maior que a circunferência da cratera.

A sonda robô agitou seus braços sensores e lentes, pressentindo que estava sofrendo um ataque, mas sem saber como. Vários raios de fogo brotaram do chão.

O verme tragou o demônio mecânico. Depois, o monstro do deserto se ocultou debaixo das dunas como uma serpente do mar em busca de águas profundas.

O *naib* Dhartha e seus homens ficaram petrificados sobre as dunas. Se corressem, as vibrações atrairiam o verme. Ao cabo de pouco tempo, viram que o verme se afastava. A cratera tinha desaparecido, sem que ficasse nem rastro da construção mecânica, nem tampouco do corpo de Ebrahim.

Dhartha meneou a cabeça e se voltou para seus companheiros.

- Isto se transformará em uma história lendária, uma balada que se entoará de noite em nossas cavernas... - Respirou fundo e deu meia volta. - Embora duvide que alguém acredite.

50

O futuro? Eu o odeio, porque não viverei para vê-lo.

JUNO,
Vistas dos titãs

Depois do inesperado encontro com a Armada da Liga em Giedi Prime, o avariado *Dream Voyager* demorou um mês para voltar a Terra para ser reparado. Devido à lentidão provocada pelos danos, Seurat enviou imediatamente sua bóia de emergência, com intenção de transmitir a *Omnius* a notícia de queda do novo planeta sincronizado e a perda do titã Barba Azul. A estas alturas, a supermente já devia estar inteirada de ocorrido.

O capitão robô fez o possível para reparar ou derivar os sistemas danificados e isolar seções para proteger seu frágil co-piloto humano. O general Agamenon não gostaria que seu filho biológico sofresse o menor percalço. Além disso, Seurat tinha desenvolvido certo afeto por Vorian Atreides...

Vor insistiu em vestir um traje isolante e sair da nave para examinar o casco. Seurat o prendeu com dois cabos, enquanto três robôs de inspeção o acompanhavam. Quando o jovem viu a ferida enegrecida provocada pelos disparos dos humanos, sentiu-se envergonhado uma vez mais. Concentrado em entregar as atualizações vitais de *Omnius*, Seurat não havia lançado nenhuma agressão contra os *hrethgir*, porém estes o haviam atacado. Os humanos selvagens não tinham honra.

Agamenon e seu amigo Barba Azul tinham entregue a indisciplinada população de Giedi Prime ao domínio de *Omnius*, mas os *hrethgir* tinham desprezado a civilização superior dos Planetas Sincronizados, transformando na passagem Barba Azul em um mártir. Seu pai estaria muito afetado pela perda de um amigo tão íntimo, um dos últimos titãs sobreviventes.

O próprio Vor poderia ter morrido, sua branda e frágil forma humana destruída sem ter gozado da oportunidade de transformar-se em um *neocimek*. Um só disparo da Armada poderia ter acabado com todas as chances de Vor, com seu futuro trabalho. Não podia atualizar ou carregar lembranças e experiências, ao contrário das máquinas. Haveria desaparecido, assim como o

Omnius de Giedi Prime. Assim como os outros doze filhos de Agamenon. A idéia o fez estremecer.

Durante sua viagem de volta, Seurat tentou animar Vor com piadas ridículas, como se não tivesse acontecido nada. O robô elogiou seu companheiro por sua rapidez de pensamento e as inovações táticas que tinham permitido enganar o comandante *hrethgir*. A mentira de Vor, fingindo ser um humano rebelde que tinha capturado uma nave das máquinas pensantes (que astúcia!), tinha concedido alguns segundos preciosos, e as projeções falsas tinham permitido que escapassem. Talvez a ensinariam nas escolas de humanos de confiança da Terra.

Não obstante, Vor estava preocupado pelo que diria seu pai. A aprovação do grande Agamenon era indispensável.

Quando o *Dream Voyager* aterrissou no espaçoporto central de Terra, Vorian baixou correndo a rampa, com os olhos acesos a expressão ofegante, mas logo ficou decepcionado ao não ver nem sinal do general *cimek*.

Vor engoliu em seco. A menos que lhe ocupassem assuntos importantes, seu pai sempre ia recebê-lo. Eram escassos os momentos que passavam juntos, quando podiam trocar idéias, falar de planos e sonhos.

Equipes de manutenção e máquinas de reparos se aproximaram para inspecionar a nave danificada. Uma das máquinas falou.

- Vorian Atreides, Agamenon ordena que o encontre na instalação de acondicionamento. Apresente-se ali imediatamente.

O jovem sorriu. Deixou que o robô voltasse para seu trabalho e se afastou a bom passo. Quando já não pôde conter-se mais, começou a correr.

Embora tentasse fazer exercícios durante os longos trajetos com Seurat, os músculos biológicos de Vor eram mais fracos que os de uma máquina, e não demorou para cansar-se. Outro aviso de sua mortalidade, de sua fragilidade, e da inferioridade da biologia natural. Isso somente aumentou seu desejo de receber algum dia um corpo de *neocimek* e descartar sua forma humana imperfeita.

Vor entrou na câmara de cromo e *plaz* onde poliam e recarregavam com eletrolíquidos o contêiner cerebral de seu pai. Assim que o jovem entrou na estadia fria e bem iluminada, dois guardas robô se situaram atrás dele para impedi-lo de sair. No centro da habitação se erguia a forma colossal utilizada por Agamenon neste momento. O gigante avançou dois passos, e o chão estremeceu sob seus pés. Tinha três vezes a estatura de Vor.

- Estava te esperando, meu filho. Tido está preparado. Por que se atrasou?

Vor, intimidado, ergueu a vista para o contêiner.

- Vim correndo, pai. Minha nave aterrissou a apenas uma hora.

- Tenho entendido que o *Dream Voyager* sofreu danos em Giedi Prime, atacado pelos rebeldes humanos que assassinaram Barba Azul e reconquistaram o planeta.

- Sim, senhor. - Vor sabia que não devia perder tempo com detalhes desnecessários. O general já teria recebido um relatório completo. - Responderei todas as perguntas que me faça, pai.

- Eu não faço perguntas, dou ordens.

Em vez de indicar a seu filho que começasse a limpar e tirar seus componentes, Agamenon levantou uma mão enluvada agarrou Vorian pelo peito e o empurrou contra uma mesa vertical.

Vor bateu contra a superfície e sentiu uma onda de dor. Seu pai era tão forte que podia quebrar ossos ou partir a coluna vertebral sem querer.

- Que aconteceu, pai? O que...?

Agamenon imobilizou suas mãos, a cintura e os tornozelos. Vor, indefeso, torceu a cabeça para ver o que seu pai fazia, e reparou nos complicados instrumentos que havia reunido na câmara. Observou, nervoso, cilindros ocos cheios de líquidos azulados, bombeadores neuromecânicos e máquinas ruidosas que agitavam sensores no ar.

- Por favor, pai. - Os piores temores de Vor cruzaram sua mente, aumentando suas dúvidas e terrores. - O que eu fiz?

Agamenon, sem mostrar a menor expressão em sua torre, estendeu uma série de agulhas para o corpo tremulo de seu filho. As pontas perfuraram seu peito, abriram caminho entre as costelas, encontraram por fim os pulmões e o coração. Duas agulhas chapeadas cravaram-se em sua garganta. Brotou sangue por toda parte. Os tendões do pescoço de Vor se incharam quando apertou a mandíbula e os lábios para reprimir um grito.

Mas o grito surgiu assim mesmo.

O *cimek* manipulou a maquinaria conectada com o corpo de Vor, e aumentou a dor até níveis inimagináveis. Convencido de que tinha falhado em algo, Vor chegou a conclusão de que tinha chegado o momento de sua morte, como seus doze irmãos desconhecidos que lhe tinham precedido. Pelo visto, não tinha estado à altura das expectativas de Agamenon.

A dor era insuportável. Seu grito se transformou em um uivo prolongado, enquanto líquidos de cor ácida eram bombeadas em seu corpo. Ao cabo de pouco, suas cordas vocais se renderam, e o grito só continuou em sua mente... Já não podia agüentar mais. Era incapaz de imaginar a tortura que seu corpo tinha padecido.

Quando tudo acabou e Vor voltou a si, não soube quanto tempo tinha permanecido inconsciente, talvez inclusive às portas da morte. Sentia o corpo como se o houvessem transformado em uma bola, para logo estirá-lo até adotar forma humana.

A figura gigantesca de Agamenon se abatia sobre ele. Uma galáxia de fibras ópticas brilhava em seu corpo. Embora os restos da dor ainda ressonavam em seu crânio, Vor se negou a gritar. Afinal, seu pai o tinha conservado com vida, pelo motivo que fosse.

Esquadrinhou o implacável rosto metálico do titã, e confiou em que seu pai não o houvesse revivido para infligir-lhe uma agonia ainda pior.

- O que eu fiz?

Entretanto, o *cimek* não desejava matá-lo.

- Estou muito satisfeito com seu comportamento a bordo do Viajante onírico, Vorian. Analisei o relatório de Seurat e cheguei à conclusão que sua proeza tática, empregada para escapar da Armada da Liga, foi inovadora e inesperada.

Vorian não entendia aonde seu pai queria chegar. Suas palavras não pareciam ter relação com as torturas que o general havia lhe infligido.

- Nenhuma máquina pensante teria considerado semelhante argúcia. Duvido que outro humano de confiança tivesse sido capaz de pensar com tal rapidez. De fato, o resumo de *Omnius* conclui que qualquer outra reação teria resultado na captura ou destruição do Viajante onírico. Seurat nunca teria sido capaz de sobreviver por seus próprios meios. Não só salvou a nave, e as atualizações de *Omnius*, e você as devolveu intactas. - Agamenon fez uma pausa. - Sim, estou muito satisfeito, meu filho. Algum dia, você será, um grande *cimek*.

A garganta do Vor tremeu quando tentou articular palavras. Tinham-lhe tirado as agulhas, e Agamenon o libertou agora das correias que lhe sujeitavam à superfície da mesa. Os músculos atormentados de Vorian não puderam sustentá-lo, e desabou como um saco, até cair de joelhos no chão. Então perguntou com voz estrangulada.

- Por que me torturou? Por que me castigou?

Agamenon imitou uma gargalhada.

- Quando quiser te castigar, meu filho, você saberá. Foi uma recompensa. *Omnius* concedeu-me permissão para te fazer este singular presente. De fato, nenhum humano em todos os Planetas Sincronizados já recebeu tal honra.

- Mas o que está dizendo, pai? Por favor, me explique. Minha mente ainda está confusa.

Sua voz era vacilante.

- O que são uns breves momentos de dor, comparados com o dom que recebeu? - O colosso passeou de um lado a outro, e as paredes estremeceram. - Por desgraça, não consegui convencer *Omnius* a transformá-lo em *neocimek* (é muito jovem), mas estou seguro de que o momento chegará. Eu queria que servisse a meu lado, não como simples humano de confiança, mas sim como meu sucessor. - Suas fibras ópticas brilharam com maior intensidade. - Em vez disso, fiz o que pude por você.

O general *cimek* explicou que tinha submetido Vorian a um intenso tratamento biotécnico, um sistema de substituição celular que prolongaria radicalmente sua vida humana.

- Especialistas geriátricos desenvolveram a técnica no Império Antigo... embora ignoro com que propósito. Esses idiotas não fizeram nada produtivo durante seu lapso de vida normal, de modo que para que queriam viver durante séculos e obter ainda menos coisas? Mediante proteínas novas, eliminação de radicais livres e mecanismos de regeneração celular mais eficazes, prolongaram suas vidas inúteis. Quase todos eles acabaram mortos durante as rebeliões que consolidaram o controle dos titãs.

Agamenon girou na articulação de seu torso.

Quando ainda tínhamos corpo humano, no início de nosso domínio, os Vinte Titãs nos submetemos a prolongação de vida biotécnica, assim como você, de maneira que conheço muito bem a dor que suportou. Precisávamos viver séculos, porque nos era imprescindível esse tempo para impor uma liderança competente ao Império Antigo. Inclusive depois de nos transformar em *cimeks*, o procedimento contribuiu para impedir que nossos cérebros biológicos degenerassem, devido a sua avançada idade.

Seu corpo mecânico se aproximou.

- Este processo de alargar a vida é nosso pequeno segredo, Vorian. A Liga de Nobres enlouqueceria se soubesse que possuímos tal tecnologia. - Agamenon emitiu uma espécie de suspiro. - Mas tome cuidado, meu filho: nem sequer esta técnica pode te proteger de acidentes ou de tentativas de assassinato. Como acaba de descobrir Barba Azul, por desgraça.

Vor conseguiu ficar em pé por fim. Localizou um dispensador de água, bebeu uma jarra do frio líquido e notou que seu coração se acalmava.

- Acontecimentos assombrosos o aguardam, meu filho. Sua vida já não é uma vela exposta ao vento. Tem tempo para experimentar muitas coisas, coisas importantes.

O colossal *cimek* aproximou um arnês e utilizou uma complicada rede de mãos artificiais e braçadeiras que partiam da parede metálica para conectar os *mentrodos* de seu contêiner cerebral. Braços flexíveis extraíram o cilindro do núcleo corporal e o depositaram sobre um pedestal de cromo.

- Agora, está um pouco mais perto de alcançar seus objetivos, Vorian - disse Agamenon por um alto-falante, arrancado do corpo móvel.

Embora fraco e dolorido, Vorian sabia o que seu pai esperava dele agora. Correu aos aparelhos de acondicionamento e conectou com mãos tremulas os cabos elétricos as tomadas magnéticas do contêiner cerebral. O eletrolíquido azulado parecia cheio de energia mental.

Com a intenção de recuperar certa sensação de normalidade, face à incredulidade produzida pelo que acabava de lhe acontecer, Vor se dedicou a cuidar dos sistemas mecânicos de seu pai. O jovem contemplou com ternura a massa enrugada de cérebro, a memória anciã tão cheia de idéias profundas e decisões difíceis, como expressavam as detalhadas memórias do general. Cada vez que as lia, Vor esperava compreender melhor seu complicado pai.

Perguntou-se se Agamenon o havia mantido ignorante para lhe pregar uma brincadeira cruel, ou para colocar a prova sua força de caráter. Vor sempre aceitaria o que ordenasse o general, nunca tentaria fugir. Agora que a agonia tinha terminado, imaginou que havia superado a prova a que seu pai o tinha submetido.

Enquanto Vor continuava sua tarefa, o general Agamenon falou em um sussurro.

- Você está muito calado, meu filho. O que acha do grande dom que recebeu?

O jovem parou por um momento, sem saber o que responder. Agamenon estava acostumado a ser impulsivo, difícil de compreender, mas muito poucas vezes atuava sem ter um propósito definido em mente. Vor só queria compreender a idéia global.

- Obrigado, pai - disse por fim, - por me conceder mais tempo para obter tudo quanto deseja que eu faça.

51

Por que os humanos dedicam tanto tempo preocupando-se com o que chamam "questões morais"? É um dos muitos mistérios de seu comportamento.

ERASMO,
Reflexões sobre os seres biológicos sensíveis

As gêmeas idênticas pareciam adormecidas e tranqüilas, estendidas uma ao lado da outra, como anjos em um leito fofo. Apenas se viam os sinuosos exploratórios cerebrais conectados em buracos feitos em seus crânios.

Imobilizadas mediante droga, as meninas inconscientes jaziam sobre uma mesa de laboratório da zona experimental. O rosto gentil como um espelho de Erasmo adotou um cenho exageradamente franzido, como se a severidade de sua expressão pudesse obrigá-las a revelar seus segredos sobre a humanidade.

- Malditos sejam!

Não podia compreender aqueles seres inteligentes que tinham criado *Omnius* e uma assombrosa civilização de máquinas pensantes. Tratava-se de um golpe de sorte milagroso?

Quanto mais aprendia Erasmo, mais pergunta se acumulavam. O êxito inegável de sua caótica civilização lhe expunha um verdadeiro enigma. Havia diseccionado os cérebros de mais de mil espécimes, jovens e velhos, machos e fêmeas, inteligentes e diminuídos. Havia realizado análise detalhadas e comparações, processado dados através da capacidade ilimitada de *Omnius*.

Ainda assim, as respostas não eram claras.

Não havia dois cérebros humanos exatamente iguais, nem sequer quando os sujeitos tinham sido criados em circunstâncias similares, nem que fossem gêmeos. Uma massa confusa de variáveis desnecessárias! Nenhum aspecto de sua fisiologia era comum a todas as pessoas.

Exceções irritantes, por toda parte!

Não obstante, Erasmo observava regras. Os humanos estavam infestados de diferenças e surpresas, mas como espécie, seu comportamento se atinha a algumas regras generais. Sob certas condições, sobretudo amontoados

em espaços confinados, as pessoas reagiam com mentalidade tribal, seguiam cegamente à massa, renunciavam a sua individualidade.

Às vezes, os humanos eram valentes. Outras, eram covardes. Intrigava em especial a Erasmo ver o que acontecia quando levava a cabo "experimentos de pânico" nos recintos, matando alguns e poupando a vida de outros. Em tais circunstâncias de extrema tensão, surgiam sempre líderes, gente que se comportava com uma energia interior superior à de outros. Erasmo gostava de matar estes indivíduos, para logo observar o efeito devastador que causava no resto.

Talvez o grupo de amostra de sujeitos experimentais utilizado ao longo dos séculos fosse muito pequeno. Possivelmente necessitaria viviseccionar e diseccionar dezenas de milhares mais, antes de chegar a uma conclusão significativa. Uma tarefa monumental, mas por ser uma máquina, Erasmo não tinha limitações de energia ou paciência.

Tocou a bochecha da menina maior com uma de suas sondas pessoais, e tomou seu pulso estável. Tinha a impressão que cada gota de sangue lhe ocultava segredos, como se toda a raça humana estivesse conspirando contra ele. Seria considerado Erasmo o maior idiota de todos os tempos? A sonda fibrosa se recolheu ao interior de seu corpo, mas não sem que antes arranhasse intencionalmente a pele da menina.

Quando o robô independente tinha tirado estas gêmeas idênticas dos recintos, sua mãe o tinha amaldiçoado e chamado de monstro. Os humanos podiam chegar a ser tão curtos de idéias, sem compreender a importância do que estava fazendo.

Com um escalpelo de laser auto-cauterizador, efetuou um corte no cerebelo da menina menor (que media 1,09 centímetros menos e pesava setecentos gramas menos), e viu que a atividade cerebral de sua irmã se desatava: uma reação de simpatia. Fascinante.

Mas as meninas não estavam conectadas fisicamente entre si, nem tampouco mediante uma máquina. Sentia cada uma a dor da outra?

Repreendeu-se por sua falta de previsão e planejamento. Teria que ter posto à mãe na mesma mesa.

Omnius, que falou de um alto-falante mural, interrompeu seus pensamentos.

- Sua nova prisioneira chegou, o último presente do titã Barba Azul. Está à espera na sala de estar.

Erasmo levantou suas mãos ensangüentadas. Tinha esperado com impaciência a chegada da mulher capturada em Giedi Prime, ao que parecia era a filha do vice-rei da liga. Seus vínculos familiares sugeriam uma superioridade

genética, e ansiava por lhe formular muitas perguntas acerca do governo dos humanos selvagens.

- Também vai viviseccioná-la?

- Prefiro manter as opções abertas.

Erasmo olhou para as gêmeas, uma já morta por causa da incisão. Uma oportunidade desperdiçada.

- Analisar escravos dóceis trás resultados irrelevantes, Erasmo. Toda idéia de rebelar-se foi extirpada deles. Por conseguinte, qualquer informação que infira é de utilidade militar questionável.

Erasmo molhou suas mãos de plástico orgânico em um solvente, para eliminar o sangue seco. Tinha acesso a milhares de anos de estudos compilados de psicologia humana, mas inclusive com tantos dados não era possível obter uma resposta clara. Muitos auto-proclamados "peritos" ofereciam respostas muito díspares.

A gêmea sobrevivente continuava expressando sua dor e medo.

- Não concordo, *Omnius*. O ser humano é rebelde por natureza. É uma característica inerente de sua espécie. Os escravos nunca nos serão leais por completo, por mais gerações que tenham passado. De confiança, operários, é a mesma coisa.

- Você superestima sua força de vontade. - A supermente parecia muito confiante. - E ponho a prova suas deduções errôneas.

Picado pela curiosidade, seguro de si mesmo, Erasmo se plantou ante a tela.

- Com tempo suficiente e a incitação adequada, poderia voltar contra nós qualquer trabalhador leal, inclusive o humano de confiança mais privilegiado.

Omnius rebateu com uma litania de dados extraídos de seus bancos. A supermente estava segura de que seus escravos continuariam sendo dóceis, embora talvez tivesse sido muito complacente, inclusive indulgente. Queria que o universo funcionasse com eficácia, e não gostava das surpresas nem das reações imprevisíveis os humanos da liga.

Omnius e Erasmo discutiram com crescente aquecimento, até que o robô independente pôs fim ao debate.

- Nós dois estamos fazendo conjeturas apoiadas em idéias preconcebidas. Portanto, proponho um experimento para determinar a resposta correta. Você escolhe aleatoriamente um grupo de indivíduos que pareçam leais, e eu demonstrarei que posso voltá-los contra as máquinas pensantes.

- O que obterá com isso?

- Demonstrar que é impossível confiar até nos humanos mais confiáveis. É um defeito fundamental de sua programação biológica. Não lhe pareceria uma informação útil?

- Sim, e se sua asserção é correta, Erasmo, nunca mais poderei confiar em meus escravos. Tal resultado exigiria o extermínio de toda raça humana.

Erasmo se sentiu inquieto. Talvez tivesse sido apanhado em própria lógica.

- Pode ser que... essa não seja a única conclusão razoável.

Desejava saber a resposta a uma pergunta retórica, mas também a temia. Como era um robô curioso, isto era muito mais que uma simples aposta com seu superior. Significava uma investigação das motivações mais profundas e os processos de decisões dos seres humanos.

Mas as conseqüências de descobrir as respostas podiam ser terríveis. Necessitava ganhar a discussão, mas de tal forma que *Omnius* não cancelasse seus experimentos.

- Deixe que reflita na mecânica do experimento – sugeriu Erasmo, e depois saiu muito contente do laboratório para ir conhecer sua nova prisioneira, Serena Butler.

52

O universo é um pátio de recreio onde tudo se improvisa.
Nenhuma pauta externa o controla.

PENSADOR RETICULUS,
Observações da perspectiva de um milênio

Cifras e idéias dançavam em seus sonhos, mas cada vez que Norma Cenva tentava manipulá-las, escapavam como flocos de neve que se derretessem em seus dedos. Entrou com passo vacilante em seu laboratório, e contemplou as equações durante horas, até que se transformaram em linhas flutuantes ante seus olhos. Apagou parte do cálculo com um gesto irado sobre o tabuleiro magnético, e depois voltou a começar.

Agora que trabalhava sob o amparo do legendário Holtzman, Norma já não se considerava um fracasso, uma decepção para sua mãe. Graças a seus poderes telepáticos, uma feiticeira tinha conseguido atirar um golpe mortal às máquinas pensantes de Giedi Prime, mas os decodificadores portáteis de Norma também tinham contribuído para a vitória, apesar de o sábio Holtzman não ter destacado seu importante papel na criação da idéia.

Norma não se importava com a fama ou o prestígio. O mais importante sua era contribuição ao esforço bélico. Oxalá pudesse extrair algum significado destas teorias vagas, embora imensamente promissoras...

Norma fantasiava enquanto contemplava o rio Isana dos laboratórios. Às vezes, sentia falta de Aurelius Venport, que sempre a tratava com doçura e afeto. Entretanto, quase sempre dava voltas em sua cabeça a idéias descabeladas, quanto mais estrambóticas melhor. Em Rossak, sua mãe nunca a tinha animado a levar em conta as possibilidades irreais, mas Tio Holtzman não as desdenhava.

Embora os computadores conscientes estivessem proibidos nos planetas da liga, sobretudo no bucólico Poritrin, Norma dedicava grande parte de seu tempo a compreender o funcionamento dos complicados circuitos gelificados. *Com o fim de destruí-lo, primeiro tinha que compreender o objetivo.*

Holtzman e ela jantavam de vez em quando juntos, comentavam idéias enquanto bebiam vinhos importados e saboreavam pratos exóticos. Norma, que logo que provava a comida, falava com paixão, movia suas pequenas mãos, sentindo falta de um punção e uma tabuleta para poder esboçar suas idéias. Terminava os ágapes depressa com o desejo de retornar quanto antes a seus aposentos, enquanto o grande inventor desfrutava de uma esplêndida sobremesa e escutava música. "Recarregar idéias", chamava-o.

Holtzman gostava de falar de seus êxitos e hospedagens anteriores, ler as distinções e prêmios que lorde Bludd lhe havia concedido. Por desgraça, nenhuma dessas conversas havia conduzido a nenhuma descoberta importante, na opinião de Norma.

Estava de pé rodeada de luzes brilhantes. Contemplava uma pedra de cristal suspensa do tamanho de um corredor. Estava coberta por um fino filme translúcido que conservava todos seus traços quando anotava pensamentos e idéias. Um artefato tresnoitado, mas para Norma era o melhor método de documentar suas idéias erráticas.

Examinou a equação que tinha escrito, saltou alguns passos e deu saltos intuitivos, até chegar a uma anomalia quântica que ao que parecia, permitia que um objeto estivesse em dois lugares ao mesmo tempo. Um era uma simples imagem do outro, mas nenhum cálculo podia determinar qual era real.

Embora não estivesse segura de que este conceito heterodoxo pudesse ser utilizado como arma, Norma recordou que seu mentor a tinha animado a seguir cada atalho até sua conclusão lógica. Armada com equações e disposta a efetuar um simulacro completo, correu pelos corredores bem iluminados até chegar a sala dos calculadores sobreviventes.

Os técnicos estavam inclinados sobre suas mesas e utilizavam instrumentos de cálculo, inclusive a esta hora tardia. Havia muitos assentos livres, pois um terço dos calculadores tinham sucumbido por causa da febre mortífera. Holtzman tinha comprado um novo grupo de trabalhadores *zenshiítas* procedentes dos "Recursos Humanos" de Poritrin, mas ainda não estavam bastante preparados para cálculos complicados.

Depois de entregar o novo problema ao capataz da equipe, Norma explicou com paciência suas intenções, e esclareceu que já tinha feito alguns adiantamentos. Apontou os calculadores na direção que desejava, e sublinhou a importância de sua teoria, até que elevou os olhos e viu Tio Holtzman na porta.

O homem conduziu Norma até o pátio com o cenho franzido.

- Perde seu tempo ao tentar fazer amizade com eles. Lembre-se que os escravos calculadores são simples maquinaria orgânica, processadores que proporcionam resultados. Não custa nada substituí-los, assim não lhes dê personalidades nem temperamentos. A única coisa que nos interessa são as soluções. Uma equação carece de personalidade.

Norma preferiu evitar discussões, mas voltou para seus aposentos para continuar sós seus esforços. Opinava que as ordens mais esotéricas da matemática tinham personalidade, que certos teoremas e integrais exigiam uma delicadeza e consideração que a aritmética vulgar nunca necessitava.

Passeou até situar-se atrás da pedra de cristal, para examinar o reverso de suas equações. Os símbolos pareciam absurdos, porém se obrigou a contemplar a questão de uma perspectiva diferente. Os calculadores tinham finalizado o conjunto anterior de tediosos cálculos, e enquanto analisava seu trabalho, o resultado continuava deixando-a perplexa.

Como sabia no fundo qual era a resposta, desprezou o resultado dos escravos e se colocou diante do cristal. Apagou os símbolos e escreveu outros, e logo andou entre a parte anterior e posterior da tabela tentando descobrir uma maneira de sair de seu apuro.

Tio Holtzman arrancou Norma de seu universo teórico. Olhou surpreso.

- Você estava em transe.

- Estava pensando. - Retificou ela.

Holtzman sorriu.

- Do outro lado do cristal?

- Procurava novas possibilidades.

O homem se esfregou o queixo.

- Nunca tinha visto ninguém tão concentrado como você.

Norma encontrou em sua mente a solução que tinha desenvolvido, mas não soube verbalizá-la.

- Sei qual deveria ser o resultado, mas sou incapaz de reproduzi-lo. Os calculadores contribuem com respostas diferentes das que eu espero.

- Cometeram um engano? - perguntou o sábio com ar irritado.

- Se erraram, eu não localizei o erro. Seu trabalho parece correto. Entretanto, pressinto que está errado.

O cientista franziu o cenho.

- A matemática não existe para satisfazer desejos, Norma. Terá que seguir todos os passos e ater-se às leis do universo.

- Você se refere às leis conhecidas do universo, sábio. Eu só desejo ampliar nosso pensamento, alargá-lo e recolocá-lo sobre si mesmo. Estou

segura de que há maneiras de resolver o problema. Rodeios intuitivos.

A expressão do sábio parecia paternalista, perplexa, mas incrédula.

- As teorias matemáticas com as quais trabalhamos são esotéricas e difíceis de compreender, mas sempre seguem regras fixas.

Norma se virou, frustrada pelas dúvidas de Holtzman.

- Para começar, a obediência cega às regras permitiu a criação das máquinas pensantes. Seguirmos às regras pode nos impedir de derrotar nossos inimigos. Você mesmo disse sábio. Temos que procurar alternativas.

O homem, ao encontrar-se com um tema que lhe interessava, enlaçou as mãos, e as largas mangas escorregaram sobre suas mãos.

- Com efeito, Norma! Terminei meu desenho do gerador de ressonância, e o protótipo não demorará a ser produzido.

Muito preocupada para mostrar-se diplomática com ele, a moça negou com a cabeça.

- Seu gerador não funcionará. Estudei a fundo seus primeiros desenhos. Acredito que sofrem de uma falha fundamental.

Holtzman olhou-a como se o tivesse esbofeteado.

- Perdão? Repassei todo o trabalho. Os calculadores verificaram cada passo.

A jovem encolheu os ombros, distraída com sua lousa.

- Não obstante, sábio, acho que sua idéia não é viável. Os cálculos corretos nem sempre são corretos, se estiverem apoiados em princípios imperfeitos ou hipóteses incorretas.

Franziu o cenho quando reparou por fim na expressão irritada do homem.

- Por está zangado? Disseram-me que o propósito da ciência é provar idéias e desprezá-las se não funcionam.

- Precisa demonstrar suas objeções - disse o sábio em tom encrespado. – Mostre-me, por favor, nos desenhos onde cometi um engano.

- Não se trata tanto de um engano... - Meneou a cabeça. - É uma intuição.

- Eu não confio em intuição - replicou Holtzman.

Decepcionada por sua atitude, a moça respirou fundo. Zufa Cenva nunca tinha sido partidária da diplomacia, e Norma tampouco. Tinha crescido isolada em Rossak, e quase todos seus conhecidos a tinham deixado de lado, exceto Aurelius Venport.

Parecia que Holtzman não cumpria o que pregava, mas afinal era um cientista, e Norma acreditava que um propósito importante os tinha reunido.

Seu dever consistia em denunciar os enganos que acreditava detectar. Ele teria feito o mesmo com ela.

- Ainda acredito que não deveriam dedicar mais esforços nem tempo ao gerador de ressonância.

- Como os recursos são meus e posso administrá-los como quiser - replicou Holtzman, - continuarei fazendo isso, com a esperança de demonstrar que você está enganada.

Saiu da sala feito um touro.

Norma o chamou, com a intenção de aplacar seu ânimo.

- Espero que esteja certo, sábio, acredite.

53

Existe uma certa má vontade na formação dos ordens sociais, uma luta profunda, com despotismo em um extremo e escravidão no outro.

TLALOC,
As debilidades do Império

O delta fluvial de Poritrin não se parecia em nada com os tranqüilos riachos e pântanos de Harmonthep. Mais que nada, o menino escravo Ishmael desejava voltar para casa... mas ignorava quão longe estava. Pelas noites, despertava freqüentemente gritando no recinto, torturado por pesadelos. Poucos escravos se incomodavam em consolá-lo, já tinham muito com que se preocupar.

Tinham queimado sua aldeia, capturado ou assassinado quase todos os seus habitantes. O menino recordava que seu avô enfrentou os invasores, chamado *sutras budislâmicos* para convencê-los da baixeza de suas ações. Em resposta, os malvados caçadores tinham ridicularizado o ancião Weyop, como se fosse um ser insignificante e ineficaz. Poderiam ter matado o ancião.

Muito tempo depois de que os caçadores tivessem deixado Ishmael inconsciente, tinha despertado no interior de um ataúde de *plaz* e pranchas transparentes, uma câmara de êxtase que lhe tinha mantido imóvel, mas vivo. Nenhum escravo teria podido causar problemas durante a viagem da nave da Tlulaxa até chegar a seu estranho destino. Haviam despertado todos os cativos pouco antes de descarregá-los... e os venderam como escravos no mercado de Starda.

Alguns prisioneiros de Harmonthep tinham tentado escapar, sem saber para onde podiam fugir. Os caçadores deixaram sem conhecimento alguns para que parassem de choramingar e revolver-se. Ishmael teve vontades de resistir, mas intuiu que seria melhor observar e aprender, até que descobrisse uma forma mais eficaz de rebelar-se. Antes de tudo, precisava compreender Poritrin. Depois, chegaria a alguma conclusão. Era o que seu sábio avô o teria aconselhado.

Weyop tinha chamado *sutras* que falavam de uma maldade exterior iminente, de invasores desalmados que acabariam com sua forma de vida. Devido a estas profecias, os *zensunni* haviam renunciado à companhia de

outros homens. No decadente Império Antigo, as pessoas tinham se esquecido de Deus, e sofrido quando as máquinas pensantes tomaram o poder. O povo de Ishmael acreditava que era sua a não ser, o grande *Kralizec*, a praga que acabaria com o universo, tal como tinha sido predito desde milênios antes. Os seguidores do credo *budislâmico* haviam escapado, pois sabiam o resultado da batalha desesperada.

Entretanto, a batalha não tinha terminado segundo a profecia. Parte da raça humana tinha sobrevivido aos demônios mecânicos, e agora essa gente se revoltara contra os "covardes" refugiados *budislâmicos* com ânimo de vingança.

Ishmael não acreditava que as antigas escrituras estivessem equivocadas. Tantos *sutras*, tantas profecias. Seu avô parecia muito seguro quando falava das lendas... mas seu pacífico povo de Harmonthep tinha sido invadido, e seus membros mais fortes e sãos tomados como escravos. Agora, Ishmael e seus vizinhos se achavam em um planeta estranho, com seu corpo em pedaços.

Como Ishmael era o cativo mais jovem, os mercadores esperavam pouco dele. Ordenaram a seu grupo de trabalho que vigiasse o moço, que comprovasse o cumprimento de suas tarefas, ou em caso de falhar, que recolhessem os despojos.

Apesar de seus músculos doloridos e a pele em carne viva, Ismael trabalhava igual aos demais. Via seus desesperados companheiros perder o tempo com queixas, uma atitude que encolerizava os proprietários e conduzia a castigos desnecessários. Ishmael calava os protestos.

Passou semanas metido até os joelhos em restingas lamacentas onde cordas e estacas limitavam os bancos de moluscos. Recolhia punhados dos diminutos moluscos e corria a transportá-los aos campos úmidos. Se apertava com muita força, destroçava as delicadas conchas, e tal descuido tinha lhe proporcionado um açoite com um látego sônico quando o capataz viu o que tinha feito. O açoite tinha levantado bolhas em sua pele, sem deixar marcas, mas sim uma cicatriz indelével em seu cérebro. Ishmael sabia que faria todo o possível por evitar o castigo novamente.

Decidiu não conceder outra vitória fácil a seus amos. Apesar de se tratar de um assunto insignificante, tentaria controlá-lo ao máximo.

Enquanto contemplava seus companheiros de fadigas, Ishmael quase se alegrou de que seus pais tivessem morrido em uma tormenta, alcançados por um raio no lago poluído quando navegavam em um barco. Ao menos, agora não podiam vê-lo, nem tampouco seu avô...

Depois do primeiro mês em Poritrin, as mãos e pés de Ishmael estavam tão impregnadas de barro negro que nem sequer a higiene constante

podia erradicar as manchas. Tinha as unhas rotas e incrustadas de barro.

Em Harmonthep, Ishmael tinha se dedicado a recolher ovos de ninhos de *qaraa*, pescar insetos tartaruga e arrancar tubérculos *osthmir* que cresciam nas águas salobras dos brejos. Tinha trabalhado desde muito pequeno, mas não gostava de trabalhar neste planeta, porque não era pela glória do Budalá, nem pela saúde e bem-estar de seu povo, e sim para benefício de outros.

As mulheres cozinhavam no recinto, utilizando os ingredientes e especiarias desconhecidos que lhes cediam. Ishmael tinha saudades o sabor do pescado cozinhado sobre folhas de lírio, e dos canos doces, cujo suco podia embebedar de agradar a um menino.

De noite, a metade das moradias estavam vazias, porque muitos escravos tinham morrido por causa da febre. Quase sempre, Ishmael se arrastava para seu leito e caia dormido. Outras vezes, obrigava-se a permanecer acordado e escutar as histórias que contavam em círculos.

Os homens falavam entre si, discutiam sobre a melhor maneira de escolher um líder para seu grupo. Para alguns, a idéia era absurda. Não havia escapatória, e um líder só poderia impulsioná-los a correr riscos que os conduzissem à morte. Ishmael se sentia triste quando recordava que seu avô tinha esperado nomear algum dia seu sucessor. Os mercadores de carne de Tlulaxa haviam mudado tudo. Incapaz de chegar a uma decisão, os *zensunni* seguiam falando sem parar.

Ishmael queria mergulhar no esquecimento do sonho.

Gostava mais que os homens contassem contos, ou recitassem as poéticas "Canções do longo êxodo", que louvavam os *zensunni* originais, o relato de como seu povo tinha procurado um lar onde estivessem a salvo das máquinas pensantes e dos planetas da liga.

Ishmael não tinha visto jamais um robô, e se perguntava se eram monstros imaginários utilizados para assustar meninos desobedientes. Mas sim tinha visto homens malvados, os invasores que tinham assolado sua aldeia, maltratado seu avô e tomado tantos cativos inocentes.

Sentado na beira da fogueira, Ishmael escutava os relatos de seu povo. Os *zensunni* estavam acostumados às tribulações, e teriam que suportar gerações de escravismo neste planeta tão afastado de seu lar. Entretanto, seu povo agüentaria o que fosse.

De todas as histórias que escutou, as alianças e as profecias, aferrou-se a uma acima das demais: a promessa de que a desdita terminaria algum dia.

54

Não existe uma clara divisão entre deuses e homens: uns se confundem com outros.

IBLIS GINJO,
Opções para a libertação total

O pedestal desenhado para sustentar a estátua do titã Ajax estava terminado. O capataz Iblis Ginjo examinou em sua caderneta eletrônica a marcha das obras e o material necessário para sua conclusão. Tinha aberto os olhos de seus escravos ao perigo real, no caso de que o brutal *cimek* perdesse a paciência. Trabalhavam com esforço, não só por medo de perder a vida, mas sim porque Iblis os tinha inspirado.

Depois, um desastre ocorreu em outra parte do projeto.

Enquanto Iblis fiscalizava a estabilização do robusto pedestal do andaime de observação, viu que a parte superior da estátua quase terminada de Ajax começava a mover-se. O colosso de ferro, polímero e pedra cambaleou de um lado para outro, como se a gravidade estivesse agitando a enorme obra de arte.

De repente, o gigantesco monumento caiu com grande estrépito, acompanhado de gritos e chiados. Quando uma nuvem de pó se elevou para o céu, Iblis compreendeu que os escravos apanhados sob a estátua podiam considerar-se afortunados.

Assim que Ajax soubesse da catástrofe, começaria a verdadeira matança.

Inclusive antes que o pó e os escombros se assentassem, Iblis correu a intervir na furiosa discussão entre *neocimeks* e capatazes. Ele não era responsável pela parte do monumento que tinha vindo abaixo, mas suas equipes sofreriam as conseqüências dos inevitáveis atrasos. Mesmo assim, Iblis confiava em que sua mediação carismática contribuíra para diminuir o desastre.

Encolerizados os *neocimeks* consideravam o acidente uma afronta pessoal a seus reverenciados *titãs* predecessores. Ajax em pessoa tinha esquartejado um capataz membro a membro, e partes ensangüentadas de seu corpo jaziam dispersas no pó.

Iblis Ginjo conseguiu sossegar as queixa dos *neocimeks* com palavras apaixonadas.

- Esperem, esperem! Se me deixarem, tudo se arrumará!

Ajax se erguia em toda sua estatura, mais ameaçador que qualquer outro titã, mas Iblis continuou com prosa aveludada.

- É certo, a enorme estatua padeceu alguns danos, mas tão só arranhões superficiais. Lorde Ajax, este monumento foi pensado para suportar o passar dos séculos. É muito capaz de agüentar alguns golpes sem importância. Seu grande legado é imune a acidentes de pequeno tamanho.

Fez uma pausa, enquanto os *cimeks* admitiam a verdade de seu veredicto. Depois, assinalou sua zona de trabalho e prosseguiu seu discurso.

- Escutem, minhas equipes quase terminaram o robusto pedestal desenhado para sustentar a estátua. Por que não a erigimos de qualquer modo, para demonstrar ao universo que somos capazes de superar impedimentos sem importância? Meus operários se encarregarão de levar a cabo os reparos necessários no local. Os olhos do Iblis brilharam com entusiasmo artificial. - Não existem motivos para mais atrasos.

Enquanto andava de um lado a outro em seu corpo blindado, Ajax esmagou um capataz que não parava de choramingar sua inocência. Depois, o irado titã se voltou para Iblis, e suas fibras ópticas brilharam como estrelas incandescentes.

- Você aceitou a responsabilidade de que o trabalho continue conforme o cronograma estabelecido. Se sua equipe falhar, a culpa recairá sobre você.

- Por suposto, lorde Ajax.

Iblis não delatou o menor alarma. Podia convencer os escravos de que arcassem com a responsabilidade. Fariam por ele.

- Então, limpem este desastre! - trovejou Ajax, com uma vez que se ouviu até no Foro.

Mais tarde, Iblis fez promessas a seus esgotados e explorados escravos. Fazia tempo que se mostravam descontentes e rebeldes, mas os pôs no bolso com a oferta dos incalculáveis benefícios que receberiam: as melhores pulseiras sexuais, orgias sem conta, dias de descanso na campina.

- Eu não sou como outros humanos de confiança. Alguma vez lhes decepcionei? Prometi recompensas que não entreguei?

Com tais incentivos, para não falar de uma potente dose de medo do titã Ajax, os trabalhadores recomeçaram o trabalho com renovadas energias. No frio da noite, iluminados por holofotes que flutuavam sobre a obra como

supernovas, Iblis conseguiu que sua equipe trabalhasse com eficácia. De sua plataforma de madeira, viu que os escravos elevavam a imensa estátua sobre seu pedestal reforçado e a fixavam em seu lugar.

Equipes de artesãos escalaram a superfície curva de ferro pedra, e montaram andaimes improvisados para começar as obras de restauração. O rosto legendário do Ajax tinha o nariz desfigurado e um braço amassado, assim como profundos cortes no uniforme. No fundo de seu coração, Iblis suspeitava que o Ajax humano real tinha sido um indivíduo feio e disforme.

Durante toda a longa noite, Iblis lutou por permanecer acordado, apoiado contra o corrimão. Adormeceu, e logo despertou sobressaltado quando ouviu o zumbido do elevador de carga que subia.

Mas levou uma surpresa ainda maior ao ver que não havia ninguém. Apenas uma pequena folha de metal enrolado, um cilindro de mensagem. Iblis olhou-o com o coração acelerado, mas o elevador de carga não se moveu, como se esperasse. Olhou pela borda, mas não viu quem tinha deixado a mensagem.

Como Iblis ia desdenhá-lo? Apoderou-se do cilindro. Rompeu o selo, desenrolou a folha leu com crescente estupor.

"Representamos um movimento organizado de humanos insatisfeitos. Estamos esperando o momento e o líder adequados para iniciar uma revolta contra os opressores. Você precisa decidir se deseja se unir a nossa causa. Voltaremos a entrar em contato contigo."

Enquanto Iblis contemplava com incredulidade a mensagem anônima, as letras se apagaram, se transformaram em gotas de óxido corrosivo que devoraram o metal até destruí-lo totalmente.

Era autêntico, ou uma armadilha dos *cimeks*? Quase todos os humanos odiavam seus amos mecânicos, mas se esforçavam muito para dissimulá-lo. E se existisse um grupo semelhante? Nesse caso, necessitariam de líderes com talento.

A idéia o exaltou. Iblis nunca tinha pensado nessa possibilidade, e ignorava o que havia dito ou feito para revelar seus pensamentos e sentimentos mais ocultos. Por que suspeitavam? Sempre tinha sido respeitoso com seus superiores, sempre tinha sido...

E se tivesse sido demasiado obsequioso? Talvez tivesse exagerado na hora de aparentar lealdade.

Um abaixo de onde se achava, os artesãos continuavam trabalhando nas reparações da estátua de Ajax, como térmites que devorassem um tronco. A aurora iluminou a estátua, e Iblis compreendeu que logo terminariam. As máquinas recompensariam seu esforço.

Como as detestava!

Iblis se debateu com sua consciência. As máquinas pensantes lhe tinham tratado bem, se comparado com outros escravos, mas tão somente uma fina capa de amparo lhe salvava da mesma sorte. Em privado, Iblis refletia freqüentemente no valor da liberdade, e no que faria se lhe concedessem uma oportunidade.

Um grupo rebelde? Logo que podia acreditá-lo. À medida que transcorriam os dias, Iblis se descobriu pensando cada vez mais na possibilidade... e à espera de que voltassem a entrar em contato com ele.

55

Nosso apetite abrange tudo.

PENSADOR EKLO,
além da razão humana

Com tanto ódio escondido em sua mente, Agamenon tomava precauções especiais quando *Omnius* estava em condições de espiá-lo. Isto significava quase sempre, e em quase todos os lugares, inclusive quando Agamenon e Juno praticavam sexo com paixão. Ao menos, o que passava por sexo entre os titãs.

Para consumar sua entrevista, corpos móveis transportavam aos dois *cimeks* até uma câmara de manutenção situada no pavilhão de controle da Terra. Estavam rodeados de tubos cheios de líquidos nutritivos, que serpenteavam até depósitos de armazenamento pendurados do teto. Servidores robô se transladavam desde geradores de manutenção vital até bancos de análise, obtinham dados dos *mentrodos*, vigiavam que todos os sistemas se mantivessem dentro dos parâmetros normais.

Agamenon e Juno conversavam em uma banda de onda curta privada, giravam seus respectivos sensores e enviavam descargas aos mútuos *mentrodos* mediante o eletrolíquido.

Uma espécie de estimulação erótica prévia ao ato sexual. Até sem corpo físico, as mentes *cimek* podiam experimentar um intenso prazer.

Elevadores automáticos desengancharam o contêiner cerebral do corpo móvel de Agamenon, e depois depositaram o núcleo pensante sobre um pedestal de cromo, ao lado do contêiner que albergava o cérebro de Juno. Graças às fibras ópticas e as normas comparativas eletrônicas, reconheceu as dobras e lóbulos da mente de sua amante.

Ainda formosa depois de tantos séculos.

Agamenon recordou sua antiga beleza física: corpo cor obsidiana com reflexos azulados, nariz afilado, rosto estreito, sobrancelhas que se arqueavam de uma maneira misteriosa. Sempre recordava de Cleopatra, outro gênio militar perdido na bruma da história, como o primeiro Agamenon da guerra da Tróia.

Muito tempo antes, durante o brilho de tempo em que tinha usado um frágil corpo humano, Agamenon tinha se apaixonado por esta mulher. Embora Juno fosse muito desejável do ponto de vista sexual, tinha-lhe atraído sua mente antes de conhecê-la em pessoa. Primeiro, tinha reparado nela em uma complexa rede virtual, jogando simulacros táticos e jogos de guerra que tinha praticado com o com os dóceis computadores do Império Antigo. Naquela época os dois eram adolescentes, quando a idade importava.

Agamenon tinha crescido na mimada Terra, com o nome do Andrew Skouros. Seus pais tinham abraçado um estilo de vida hedonista mas desapaixonado, como tantos outros cidadãos. Existiam, vegetavam, mas nenhum vivia realmente. Depois de transcorrido tanto tempo, ainda recordava o rosto de seus pais. Agora, todos os humanos lhe pareciam muito iguais.

Andrew Skouros sempre tinha sido inquieto. Formulava perguntas incômodas que ninguém sabia contestar. Enquanto outros se absorviam em jogos de salão frívolos, o jovem investigava base de dados, onde descobriu histórias e lendas. Encontrou proezas heróicas de gente que tinha existido em um passado tão remoto, que pareciam míticos como a raça dos titãs, os primitivos deuses destronados por Zeus e um panteão de deidades gregas. Analisou as conquistas militares e chegou a compreender as táticas, em um momento em que se tratava de uma habilidade obsoleta para o pacífico Império.

Sob o aliás de Agamenon, interessou-se em jogos de estratégia praticados na rede informática que controlava as atividades da humanidade escravizada pelo tédio. Nela tinha encontrado uma pessoa tão perita e dotada como ele, uma alma gêmea compartilhava seus interesses. As idéias inovadoras e inesperadas do misterioso jogador provocaram que êxitos e fracassos se equilibrassem nas campanhas do jovem, mas seus surpreendentes êxitos mais que compensavam seus espetaculares fracassos. Seu intrigante aliás Juno, tirado da rainha dos deuses romanos, esposa de Júpiter.

Atraídos mutuamente por sua ambição compartilhada, sua relação foi tempestuosa e desafiante, muito mais que sexo. Procuravam prazer desenvolvendo experimentos mentais. A princípio, foi um jogo, mas logo se tornou um pouco mais ambicioso.

Suas vidas deram um giro radical quando ouviram falar com o Tlaloc.

O visionário de outro planeta, com suas duras acusações contra a humanidade complacente da Terra, revelou aos dois intrigantes que seus planos podiam transformar-se em algo mais que aventuras e fantasias.

Juno, cujo nome autêntico era Julianna Parhi, havia reunido os três. Andrew Skouros e ela se encontraram com Tlaloc, o qual se entusiasmou ao

descobrir que compartilhavam seus sonhos. "Talvez sejamos poucos - havia dito Tlaloc, - mas nos bosques da Terra cheios de lenha seca, três fósforos bastam para provocar um incêndio."

O trio rebelde se reunia em segredo para derrubar o Império adormecido. Graças à experiência militar de Andrew, perceberam que um modesto investimento em maquinaria eletrônica e mão de obra bastariam para conquistar muitos planetas caídos em um estupor apático. Com um pouco de sorte e uma tática aceitável, compartilhando a mesma mentalidade poderiam cerrar uma mão de ferro ao redor do Império Antigo. De fato, se os planos fossem colocados em prática da forma correta, os conquistadores obteriam a vitória antes que alguém se desse conta.

- É pelo bem da humanidade - disse Tlaloc com olhos cintilantes.

- E pelo nosso - acrescentou Juno. - Um pouco, ao menos.

Juno imaginou o plano inovador de utilizar a rede de máquinas pensantes e seus robôs servis. Concedeu inteligência artificial aos dóceis computadores para que fiscalizassem todos os aspectos da sociedade humana, mas Julianna os considerava uma invasão já em marcha, desde que fossem capazes programá-los para lhes insuflar ambição humana. Foi então quando somaram a suas forças um especialista em informática chamado Vilhelm Jayther (autodenominado Barba Azul nas redes informáticas), com o fim de que se ocupasse dos detalhes técnicos.

Assim começou a Era dos Titãs, durante a qual um punhado de humanos entusiastas controlou o povo adormecido. Tinham trabalho que fazer, um império a governar.

Durante as fases de planejamento, Julianna Parhi pediu opinião com freqüência a um reticente pensador, Eklo. Durante estas consultas com o ancião, uma das numerosas mentes espirituais que respondiam a perguntas esotéricas, tinha compreendido as possibilidades de viver como um cérebro imaterial. Não só visando a introspecção, mas sim a ação. Percebeu as vantagens que um tirano *cimek* teria sobre os humanos, capaz de mudar de corpo quando as circunstâncias o aconselhassem.. Como *cimeks*, os titãs viveriam e governariam durante milhares de anos.

Talvez fosse suficiente.

Agamenon tinha apoiado imediatamente a idéia de Juno, embora alimentasse um temor primitivo para a cirurgia. Juno e ele sabiam que, quando os titãs experimentassem os perigos do universo e a fragilidade de seus corpos humanos, todos acessariam.

Para demonstrar a fé que depositava em sua amante, Agamenon foi o primeiro em submeter-se a transformação em *cimek*. Juno e ele passaram uma

última tórrida noite juntos, com o fim de armazenar lembranças de sensações nervosas que deveriam perdurar durante milênios.

Juno jogou para trás seu cabelo negro como asa dá corvo, deu-lhe um último beijo de despedida e o conduziu até a sala de cirurgia. Aparelhos médicos eletrônicos, cirurgiões robô e dúzias de sistemas de manutenção vital o esperavam.

O pensador Eklo tinha dado os conselhos necessários, instruções precisas para os cirurgiões robô. Juno tinha acompanhado o processo de transformação de seu amante.

Agamenon temia que ela se arrependesse e desistisse de seus planos, mas assim que o cérebro de Agamenon flutuou em um eletrolíquido dinâmico, assim que ativaram os *mentrodos* e pôde "ver" de novo através de uma galáxia de fibras ópticas, descobriu Juno em frente a ele admirando o contenedor cerebral.

Ela tocou a caixa transparente com seus dedos. Agamenon via tudo, ao mesmo tempo em que enfocava e adaptava seus novos sensores, entusiasmado pela possibilidade de observar tudo ao mesmo tempo.

Uma semana depois, quando estava acostumado a seus novos sistemas mecânicos, Agamenon devolveu-lhe o favor, e não perdeu Juno de vista enquanto os cirurgiões robô abriam o crânio e extraiam seu brilhante cérebro, desprezando para sempre o corpo frágil da Julianna Parhi...

Séculos mais tarde, mas sem corpos biológicos, Juno e ele continuavam juntos sobre pedestais de cromo, conectados mediante receptores e ajuste estimuladores.

Agamenon sabia muito bem que partes do cérebro de Juno devia pulsar para ativar os centros de prazer, e o tempo de estimulação necessário. Ela respondeu do mesmo modo, reproduziu as lembranças armazenadas que Agamenon guardava de quando faziam amor como humanos, e logo amplificou as sensações recuperadas, até lhe assombrar com novos topos de euforia. O titã replicou com una descarrega inesperada, e o cérebro de Juno se estremeceu.

Durante todo o tempo, os olhos espiões de *Omnius* observaram o intercâmbio, como um olheiro mecânico. Inclusive em momentos como este, Agamenon e Juno nunca estavam sozinhos.

Ela o agradou duas vezes mais. Agamenon queria que parasse para poder descansar, mas também desejava que continuasse. Agamenon correspondeu, até o extremo de arrancar uma leve vibração dos alto-falantes presos aos contêineres, uma estranha música que simbolizava seu orgasmo conjunto. O prazer apenas lhe permitia pensar.

Mas sua ira continuava alimentando-se. Embora *Omnius* permitisse que Juno e ele alcançassem o êxtase tantas vezes como desejassem, Agamenon obteria um prazer muito maior se pudessem escapar por fim do domínio das malditas máquinas pensantes.

56

Temo que Norma nunca chegará a nada. O que revela isso de mim e de meu legado à humanidade?

ZUFA CENVA

Durante a aborrecida viagem de um mês pelo espaço para visitar sua filha em Poritrin, Zufa Cenva teve muito tempo para refletir sobre o que diria quando chegasse. Teria preferido passar esses dias e semanas ocupada em seu importante trabalho. A perda da querida Heoma pesava como uma pedra incandescente sobre seu peito. Do primeiro ataque contra os *cimeks* de Giedi Prime, Zufa tinha planejado mais incursões com suas feiticeiras.

Embora quase todos os membros da liga atribuíssem todo o mérito dos projetores de decodificação portáteis ao sábio Holtzman, tinha ouvido rumores de que Norma havia inspirado o desenho. Era possível que sua excêntrica filha tivesse feito algo tão notável? Não tão notável como uma tormenta psíquica que aniquilasse os *cimeks*, mas mesmo assim respeitável.

Talvez eu tenha estado cega durante todo este tempo. Zufa nunca tinha desejado que Norma fracassasse, mas já tinha renunciado a toda esperança. *Talvez sua relação mudaria. Devo abraçá-la? Merece meu apoio e fôlego, ou obterá que me dela envergonhe?*

Corriam tempos inseguros.

Quando Zufa desceu do transporte em Starda, uma delegação a estava esperando, escoltada por um guarda de dragões. Lorde Niko Bludd se achava à frente do grupo, com a barba frisada, roupa perfumada e vistosa.

- É uma honra para Poritrin receber a visita de uma feiticeira.

O nobre avançou sobre o solo coberto por um mosaico. Budd vestia um colorido traje cerimonial com lapelas largas cor carmim, punhos brancos de encaixe e sapatos dourados. Uma espada cerimonial pendurava de sua cintura, embora não parecia que tivesse utilizado jamais um arma branca para algo pouco mais perigoso que cortar queijo.

Norma nunca tinha prestado atenção às ninharias quando havia trabalho de por meio, e a aparição de Bludd a surpreendeu. Tinha esperado concluir seu assunto com Norma de maneira discreta, para depois retornar quanto antes a Rossak. Ela e suas armas psíquicas tinham que preparar outro golpe mental contra os *cimeks*.

- O capitão da nave nos avisou de sua chegada, madame Cenva - disse Bludd, enquanto a guiava para a saída do terminal. - Apenas tivemos tempo de lhes preparar uma recepção. Imagino que veio para ver sua filha. Lorde - Bludd sorriu. - Estamos muito orgulhosos de sua contribuição aos trabalhos do sábio Holtzman. Ele a considera indispensável.

- É mesmo?

- Zufa tentou controlar um franzimento de sobrancelhas céptico.

- Convidamos Norma a que se reunisse conosco, mas está imersa em um trabalho muito importante para o sábio. Pelo visto, pensava que compreenderia seus motivos.

Foi como se houvessem acertado uma bofetada na feiticeera.

- A viagem durou um mês. Se eu posso encontrar esse tempo, uma simples... ajudante de laboratório deveria ser capaz de vir me receber.

Uma vez fora do espaçoporto, um chofer a conduziu até um elegante iate aéreo, e os dragões tomaram posições nas laterais.

- Nós a transladaremos sem mais demora aos laboratórios de Holtzman.

Quando Bludd se sentou a seu lado, a mulher enrugou o nariz ao receber seus intensos aromas corporais. O homem lhe ofereceu um pequeno pacote, mas Zufa não o aceitou.

Com um suspiro de exasperação, Zufa se sentou muito rígida no assento quando a nave se afastou do espaçoporto. Tirou o papel prateado que envolvia o pacote e encontrou uma garrafa de água de rio, assim como uma toalha de deliciosa confecção.

Apesar da sua falta de interesse, o fátuo nobre insistiu em dar explicações.

- É uma tradição que nossos convidados de honra lavem as mãos com a água do rio Isana e se sequem com nosso melhor tecido.

Zufa não fez o menor movimento por utilizar os presentes. Sob o iate, os navios fluviais sulcavam o rio em direção a enorme cidade do delta, onde se distribuíam grãos, metais e produtos manufaturados aos fornecedores de Poritrin. Centenas de escravos trabalhavam nos pântanos para plantar alevinos de marisco.

- A residência do sábio Holtzman está ali adiante. - Bludd assinalou um penhasco elevado. - Estou seguro que sua filha se alegrará muito em vê-la.

Alguma terá se alegrado em ver-me? - Perguntou-se Zufa. Tentou acalmar-se com exercícios mentais, porém a angustia o impedia.

Desceu do ostentoso iate assim que pousou sobre a mole de aterrissagem de Holtzman.

- Lorde Bludd, tenho que falar de assuntos pessoais com minha filha. Estou seguro de que compreenderão.

Sem mais despedidas, Zufa subiu a escada do pátio que conduzia à mansão, deixando plantado um perplexo Bludd. Agitou seus largos braços para indicar que se afastasse.

Zufa entrou na mansão como se ela lhe pertencesse, com seus sentidos telepáticos afinados. O vestíbulo de Holtzman estava lotado de caixas, livros e instrumentos. Ou os criados não faziam seu trabalho, ou o inventor os tinha proibido que "organizassem" demais.

Zufa abriu caminho entre os obstáculos, entrou em um comprido corredor, investigou em habitações, pediu informação às pessoas com as quais se cruzou e localizou por fim sua filha. A feiticeira entrou em um laboratório auxiliar, onde viu um tamborete alto ante uma mesa cheia de *cianotipos*. Nem sinal de Norma.

Reparou em uma porta aberta que conduzia a um balcão, viu uma sombra e ouviu algo que se movia. Zufa entrou no balcão e ficou estupefata quando viu sua filha subindo no corrimão. Norma segurava um contêiner de *plaz* vermelho em suas pequenas mãos.

- O que está fazendo? - perguntou Zufa. - Desça daí!

Norma, sobressaltada, olhou para sua mãe, agarrou o objeto com força e saltou ao vazio.

- Não! - gritou Zufa. Mas já era muito tarde.

Correu para a borda e viu com horror que o balcão dominava um precipício que caia até o rio. A jovem se precipitava irreparavelmente para sua morte.

De repente, Norma parou no ar e girou de uma forma peculiar.

- Funciona, veja! - gritou. – Você chegou a tempo. - Como uma pluma no vento, a moça se elevou. O aparelho vermelho a devolveu ao balcão como uma mão invisível.

Norma chegou à altura do corrimão, e sua irritada mãe puxou-a para dentro.

- Por que faz experimentos tão perigosos? O sábio Holtzman não prefere que utilize ajudantes para este tipo de testes?

Norma franziu o cenho.

- Aqui há escravos, não ajudantes. Além disso, é meu invento, e queria prová-lo eu mesma. Sabia que funcionaria.

Zufa não quis discutir.

- Você veio até Poritrin e utilizou os melhores laboratórios da liga para desenhar uma espécie de... jogo voador?

- Não acredito, mãe. - Norma abriu a tampa do engenho e ajustou os comandos eletrônicos do interior. - É uma variação da teoria do sábio Holtzman, um campo suspensor, ou repelente. Espero que goste.

- É claro que sim, é claro que sim! - O cientista apareceu como por arte de magia e se imobilizou atrás de Zufa. Apresentou-se imediatamente, e depois contemplou o novo invento de Norma. – Vou mostrá-lo a lorde Bludd, e ver o que pensa de suas possibilidades comerciais. Estou certo de que o patenteará em seu nome.

Zufa, que ainda não se recuperara da "queda" de sua filha, continuava examinando o objeto, enquanto tentava imaginar quais seriam suas aplicações práticas.

- Poderia ser modificado para carregar tropas ou objetos pesados?

Norma deixou o gerador sobre una mesa e cruzou a habitação com passo capengante. Subiu em seu tamborete para ficar à altura dos cianotipos e começou a passar páginas.

- Também pensei na maneira de aplicar este principio em aparelhos de iluminação. O campo suspensor pode fazer flutuar luzes e carregá-las de energia residual. Tenho todos os cálculos... em algum lugar.

- Luzes flutuantes? - disse Zufa em tom desdenhoso. - Para que, um lanche campestre? Dezenas de milhares de pessoas morreram no ataque *cimek* contra Zimia, milhões foram escravizadas em Giedi Prime, e você vive isolada com todas as comodidades... fabricando luzes flutuantes?

Norma dirigiu a sua mãe um olhar condescendente, como se Zufa fosse estúpida.

- Tente ir além do evidente, mãe. Uma guerra precisa de algo mais que armas. Os robôs são capazes de alterar seus sensores ópticos para ver na escuridão, mas os humanos precisam ter luz para ver. Centenas de luzes suspensoras como esta poderiam dispersar-se de noite em uma zona de combate, o que neutralizaria toda vantagem das máquinas pensantes. O sábio Holtzman e eu pensamos em possibilidades similares a cada dia.

O cientista assentiu, ansioso por dar-lhe razão.

- Para usos comerciais, poderiam desenhar-se em diversos estilos, inclusive sintonizadas com qualquer cor ou tom.

Norma estava sentada em seu tamborete como um gnomo em um trono. Seus olhos pardos brilharam de entusiasmo.

- Estou segura de que lorde Bludd se sentirá muito satisfeito.

Zufa franziu o cenho. Havia cosas mais importantes nesta guerra que satisfazer um nobre presunçoso.

- Vim de muito longe para vê-la - disse impaciente.

Norma arqueou as sobrancelhas com ceticismo.

- Se tivesse se incomodado em se despedir antes de minha partida de Rossak, mãe, não teria necessitado fazer uma viagem tão longa para acalmar sua culpa. Mas estava muito ocupada para perceber.

Tio Holtzman, embaraçado pela situação, desculpou-se. As duas mulheres apenas repararam em seu desaparecimento.

Não tinha sido a intenção da Zufa iniciar uma discussão, mas agora ficou na defensiva.

- Minhas feiticeiras demonstraram suas habilidades no combate. Podemos exercer um tremendo poder com nossas mentes para erradicar os *cimeks*. Certo número de candidatas estão se preparando para oferecer o sacrifício definitivo se nos chamarem para liberar outro planeta dominado pelas máquinas. - Seus olhos claros cintilaram, e logo meneou a cabeça. - Mas não se preocupe por isso, Norma, porque você não tem capacidades telepáticas.

- Possuo outros talentos, mãe. Eu também estou fazendo uma valiosa contribuição.

- Sim, suas equações incompreensíveis. - Zufa moveu a cabeça em direção ao gerador de campo suspensor que descansava sobre o chão. - Sua vida não está em jogo. Segura e mimada, passa os dias jogando com estes brinquedos. Deixou-se cegar por êxitos imaginários. - Mas sua filha não era a única. Muita gente vivia rodeada de comodidade e segurança, enquanto Zufa e suas feiticeiras levavam a cabo tarefas perigosas. Como podia Norma comparar seu trabalho com isso? - Quando soube que eu vinha, Norma, não pôde encontrar tempo para me receber no espaçoporto?

Norma falou em um tom falsamente dócil, com os braços cruzados sobre seu pequeno peito.

- Eu não te pedi que viesse, mãe, porque sei que tem coisas mais importantes que fazer. E eu tenho tarefas mais urgentes que receber convidados inesperados. Além disso, sabia que lord Bludd iria recebê-la.

- Os nobres da liga são seus novos meninos dos recados? - Agora que tinha aberto as comportas de sua ira, Zufa não pôde reprimir as palavras

seguintes. - Só queria me sentir orgulhosa de ti, Norma, apesar das suas deformidades. Mas nunca chegará a nada. Que sacrifícios faz vivendo aqui rodeada de luxo? Sua visão é muito pequena para que seja útil à humanidade.

Antes, Norma teria desmoronado ante tal ataque, mas o fato de estar trabalhando com Holtzman, e seu evidente êxito nos aspectos técnicos, tinha-lhe proporcionado uma nova perspectiva de si mesma. Olhou com frieza a sua mãe.

- Só porque não coincido com a imagem do que você queria que eu fosse, não significa que minha contribuição deixe de ser essencial. O sábio Holtzman percebe, e Aurelius também. Você é minha mãe. Por que não vê isso?

Zufa soprou ao ouvir o nome de Venport e começou a passear de um lado a outro.

- Aurelius não é mais que um homem sofrendo de alucinações provocadas pelas drogas que ingere.

- Eu havia me esquecido de quanto intolerante você pode ser, mãe - disse Norma com serenidade. - Obrigado por vir me refrescar a memória. - A moça se virou em seu tamborete e continuou com suas planos e equações. - Estou tentada a chamar algum escravo para que a acompanhe até a saída, mas não quero interromper seu trabalho, que é mais importante.

Furiosa consigo mesma e com sua filha (e pelo tempo desperdiçado), Zufa retornou ao espaçoporto. Não ficaria nem um momento mais em Poritrin. Para afastar suas preocupações da mente, concentrou-se em exercícios mentais, e pensou em suas amadas alunas da selva que estavam dispostas a sacrificar tudo, sem pensar em considerações pessoais.

Zufa esperou todo um dia o transporte militar que a devolveria a Rossak. Quando se rodeou ondas de seus poderes de clarividência, descobriu uma debilidade corrupta em Poritrin, que não estava relacionada com Norma. Era tão evidente que não podia ignorá-la.

Em Starda, nas zonas de carga próximas ao espaçoporto, nos armazéns e restingas, Zufa detectou a aura individual e coletiva dos explorados trabalhadores. Uma ferida psicológica coletiva, um profundo descontentamento que pareciam alheios aos cidadãos livres de Poritrin.

Esta carga de ressentimento lhe deu mais uma razão para desejar se afastar daquele lugar.

57

A intuição é uma função mediante a qual os humanos vêem o que espreita ao dobrar uma esquina. É útil para pessoas que vivem expostas a condições naturais e perigosas.

ERASMO,
Diálogos de Erasmo

Educada como filha do vice-rei da liga, Serena Butler estava acostumada a trabalhar com todas as suas forças a serviço da humanidade, com a esperança de caminhar para um futuro brilhante, apesar da cortina de fundo de guerra constante. Nunca tinha imaginado que trabalharia como escrava no lar de um inimigo robô.

Desde que viu Erasmo na praça de entrada da vila pela primeira vez, Serena experimentou uma profunda aversão por ele. Por sua vez, a máquina pensante estava intrigada por ela. Serena suspeitava que dito interesse seria perigoso. O robô se decantava por vestir objetos de qualidade, mantos folgados e esponjosos, peles adornadas que dotavam seu corpo robótico de um aspecto absurdo. O seu rosto refletivo parecia alienígena, e seu comportamento arrepiava os pêlos da jovem. Sua insaciável curiosidade pela humanidade se demonstrava muito perversa e anormal. Quando cruzou o lugar em direção a Serena, sua máscara metálica se transformou em um sorriso satisfeito.

- Você é Serena Butler - disse. - Informaram-lhe que os humanos selvagens reconquistaram Giedi Prime? Que decepção. Por que os humanos estão dispostos a sacrificar tantas coisas para manter seu caos ineficaz?

O coração de Serena se encheu de júbilo ao saber da notícia da liberação, em parte graças a seu esforço. Afinal, Xavier tinha ido com a Armada, e os engenheiros de Brigit Paterson tinham conseguido ativar os transmissores secundários. Mesmo assim Serena continuava sendo uma serva, e estava grávida do filho de Xavier. Ninguém sabia onde estava ou o que tinha sido feito dela. Xavier e seu pai deviam estar loucos de dor, convencidos de que as máquinas a haviam matado.

- Talvez não seja surpreendente que não compreenda os valores ou conceito humano de liberdade - respondeu a jovem. – Apesar de seus complicados circuitos gelificados, é apenas uma máquina. Não foi programado para compreender.

Sentiu que as lágrimas se amontoavam em seus olhos quando pensou no muito que desejava ajudar ao próximo. Em Salusa, nunca tinha dependido da fortuna familiar, porque queria pagar as bênçãos que lhe tinham concedido.

- Por tanto, é inquisitivo ou inquisidor? - perguntou.

- Talvez ambas as coisas. - Inclinou-se para examiná-la, e levantou orgulhoso queixo. - Espero que me ofereça muitos dados. - Tocou sua bochecha com um dedo frio e flexível. - Uma pele adorável.

Serena se obrigou a não retroceder. A resistência tem que servir para algo mais que para demonstrar o orgulho de um cativo, havia dito sua mãe em uma ocasião. Se Serena resistisse, não custaria nada a Erasmo sujeitá-la com sua mão poderosa; ou forçar a colaboração com aparelhos de tortura mecânicos.

- Minha pele não é mais adorável que a sua - disse, - salvo que minha não é sintética. Minha pele foi desenhada pela natureza, não pela mente de una máquina.

O robô lançou uma risada de timbre metálico.

- Espero aprender muito com você.

Guiou-a até suas exuberantes estufas, que a jovem observou com reticente prazer.

Era fascinada pela jardinagem desde a idade de dez anos, e tinha entregue plantas, ervas e frutos exóticos a centros médicos, campos de refugiados e asilos de veteranos, onde também prestava seus serviços. Serena tinha fama em Zimia de cultivar as flores mais formosas. Graças a seus tenros cuidados, floresciam deliciosas rosas *immianas*, assim como hibiscos de Poritrin e até as delicadas violetas matutinas do longínquo Kaitain.

- Vou atribuir-lhe o cuidado de meus valiosos jardins - disse Erasmo.

- Por que as máquinas não podem se encarregar dessas tarefas? Estou certa de que seriam muito mais eficientes... ou sente prazer obrigando seus "criadores" a se encarregarem do trabalho?

- Você não se considera capacitada para a tarefa?

- Farei o que me ordenar... pelo bem das plantas. – Tocou a flor vermelha e alaranjada de forma estranha, sem fazer caso do robô. - Parece um ave do paraíso, uma variedade pura procedente de uma antiga estirpe. Segundo a lenda, estas plantas eram as favoritas dos reis marinhos da Velha Terra. -

Serena voltou-se para o robô com olhar desafiante. - Acabo de lhe ensinar algo, percebeu?

Erasmo riu de novo, como se reproduzisse uma gravação.

- Excelente. Bem, agora me diga no que está pensando realmente.

Serena recordou as palavras de seu pai; *O medo convida à agressão. Não o revele ante um predador*, e se sentiu encorajada.

- Enquanto falava de uma formosa flor, estava pensando que desprezo você e a toda a sua espécie. Eu era um ser livre e independente, até que vocês me tiraram isso tudo. As máquinas me despojaram de meu lar, minha vida e do homem que amo.

O robô não se sentiu ofendido.

- Ah, seu amante! É o pai da criatura?

Serena olhou para Erasmo, e logo tomou uma decisão. Talvez pudesse aproveitar a curiosidade deste robô para voltá-la contra ele.

- Quanto mais colaborar, mais aprenderá de mim. Posso ensinar coisas que nunca aprenderia por si mesmo.

- Excelente.

O robô parecia muito satisfeito.

A expressão de Serena se endureceu.

- Mas espero algo em troca. Garanta-me a segurança de meu filho. Permita-me que crie o menino em sua casa.

Erasmo sabia que era um imperativo da espécie humana preocupar-se com sua prole, o que lhe proporcionava certa vantagem.

- É arrogante, ou ambiciosa. De qualquer forma, considerarei sua petição, em função da satisfação que derive de nossas discussões e debates.

Erasmo divisou um grosso escaravelho na base de um suporte de vasos terracota e o empurrou com o pé. O inseto tinha desenhos vermelhos na carapaça. A máscara facial de Erasmo passou por várias fases, até adotar uma expressão divertida. Deixou que o escaravelho escapasse, mas antes que conseguisse moveu o pé para impedi-lo. O animal, insistente, virou para outra direção.

- Você e eu temos muito em comum, Serena Butler - disse.

Ativou com um comando a distância um cubo musical de Chusuk conseguido de contrabando, com a esperança de que a melodia revelasse os sentimentos internos da jovem.

- Cada um possui uma mente independente. Respeito essa característica em você porque é uma parte integral da minha personalidade.

A comparação ofendeu Serena, mas mordeu a língua.

Erasmo recolheu o escaravelho com uma mão, mas seu principal interesse continuava concentrado em Serena. Estava intrigado pela persistência dos humanos em ocultar o que sentiam. Talvez, se aplicasse diversas pressões, conseguiria chegar ao núcleo.

Erasmo continuou, com o fundo musical.

- Alguns robôs conservam sua personalidade, em lugar de carregar uma parte da supermente. Eu comecei a ser uma máquina pensante em Corrin, mas decidi não aceitar as atualizações regulares de *Omnius* que me sincronizariam com a supermente. - Serena viu que o escaravelho estava imóvel em sua palma metálica. perguntou-se se o havia matado. - Mas um evento singular me mudou para sempre - disse Erasmo com voz plácida, como se descrevesse um passeio pelo bosque. - Fui explorar os territórios desabitados de Corrin. Como era curioso e não queria aceitar as análise correntes compiladas por *Omnius*, aventurei-me sozinho na região. Era acidentada, rochosa e selvagem. Eu nunca tinha visto vegetação, salvo nas zonas onde os *terraformadores* do Império Antigo tinham plantado novos ecossistemas. Corrin não era um planeta vivo, exceto onde os humanos o haviam colonizado. Por desgraça, cuidar de campos férteis e embelezar a paisagem não era uma prioridade de minha espécie.

Olhou para Serena para saber se estava gostando de seu relato.

- Inesperadamente, longe da cidade e os sistemas de auxílio robóticos, estalou uma tormenta solar. O gigante vermelho do Corrin é muito instável, com atividade freqüente e repentinos furacões radiativos. Tais fenômenos são perigosos para as formas de vida biológicas, mas os colonizadores humanos originais eram resistentes. Não obstante, meus delicados circuitos neuroelétricos eram mais que sensíveis. Deveria ter enviado analisadores de reconhecimento para vigiar a formação de tais tormentas, mas estava muito abismado em minhas investigações. O fluxo radiativo me afetou, e me encontrei desorientado e confuso, longe do complexo central controlado pelo *Omnius* de Corrin. - Parecia que Erasmo estava envergonhado. - Afastei-me dando tombos... e caí em una rachadura estreita.

Serena olhou surpresa para ele.

- Apesar de não cair até o fundo, meu corpo sofreu danos. - Elevou um braço, olhou seu membro flexível, a pele de polímero orgânico, a capa de metal líquido. - Estava apanhado, fora do campo de transmissão, basicamente imobilizado. Não pude me mover durante um ano inteiro do Corrin... vinte anos padrão terrestres.

"As sombras profundas da rachadura me protegiam das radiações, e meus processos mentais não demoraram a se recuperarem. Estava acordado,

mas não podia ir a lugar nenhum. Não podia me mover... só pensar, durante muito, muito tempo. Passei um verão que me pareceu eterno, apanhado entre as rochas, e logo suportei o correspondente inverno, entre capas de gelo compacto. Durante todo esse tempo, duas décadas, não tive outra coisa que fazer senão meditar.

- Sozinho podia falar consigo mesmo - disse Serena. - Pobre e solitário robô.

- Tal odisséia alterou minha natureza fundamental de formas que jamais teria imaginado - disse Erasmo, sem fazer caso do comentário. - De fato, *Omnius* ainda não me compreende.

Quando por fim outros robôs o descobriram e resgataram, Erasmo já tinha desenvolvido uma personalidade individual. Depois de reintegrar-se na sociedade das máquinas, *Omnius* tinha perguntado a Erasmo se desejava uma atualização que comportasse traços de caráter normais.

- Uma atualização, - disse comentou Erasmo com ironia. - Rechacei a oferta. Depois de alcançar esse... esclarecimento, negava-me a apagar meus impulsos e idéias, meus pensamentos e lembranças. Seria uma perda muito grande. O *Omnius* de Corrin não demorou para descobrir que desfrutava com nossas discussões.

Erasmo olhou para o escaravelho imóvel.

- Sou uma celebridade entre as supermentes - disse. – Elas anseiam por receber atualizações que contenham meus atos e declarações, como uma publicação periódica. São conhecidas como os "Diálogos de Erasmo".

Serena moveu a cabeça em direção ao inseto.

- Incluirá uma discussão a respeito desse escaravelho? Como pode compreender algo que acabou de matar?

- Ele não está morto – tranqüilizou-a. - Detecto um tênue mas inconfundível batimento do coração. O animal quer me fazer acreditar que está morto, para que o liberte. Apesar de seu pequeno tamanho, possui uma poderosa vontade de sobreviver.

Ajoelhou-se e deixou o escaravelho sobre um ladrilho com surpreendente suavidade, e logo retrocedeu. Momentos depois, o inseto correu refugiar-se sob o suporte de vasos.

- Está vendo? Desejo entender todos os seres vivos... inclusive você.

Serena enrijeceu. O robô tinha conseguido surpreende-la.

- *Omnius* pensa que nunca alcançarei seu nível intelectual - disse Erasmo, - mas continua intrigado com minha agilidade mental, pela forma que minha mente evolui sem cessar para novas e impulsivas direções. Assim como esse escaravelho, sou capaz de recobrar a vida e perseverar.

- Espera se transformar em algo mais que uma máquina?

- Superar a si mesmo é um traço humano, não? - respondeu Erasmo sem ofender-se. - É só o que desejo fazer.

58

Uma direção é tão boa como outra.

Dito da Terra Aberta

À décima vez que montou em um verme de areia, Selim era perito o bastante para saborear a experiência. Nenhuma outra emoção podia comparar-se ao poder de um gigante do deserto. Gostava de correr entre as dunas no lombo de um verme, cruzar um oceano de areia em um só dia.

Selim tinha extraído água, roupa, equipamentos e comida da estação tática abandonada. Sua presa de cristal era uma ferramenta valiosa, assim como um símbolo de orgulho pessoal. Às vezes, dentro da estação vazia, tinha contemplado a suave curva leitosa da folha sob a débil luz dos painéis de recarga, e imaginado que o objeto possuía um significado religioso.

Era uma relíquia da prova suprema que tinha superado no deserto, e um símbolo de que Budalá velava por ele. Talvez os vermes estivessem relacionados com seu destino.

Chegou a acreditar que os vermes não eram *Shaitan*, e sim bênçãos de Budalá, talvez inclusive manifestações tangíveis de Deus.

Depois de meses de recuperar-se e aborrecer-se na antiga instalação, vivendo sem um objetivo definido, Selim soube que devia sair e montar um verme outra vez. Precisava averiguar com exatidão o que Budalá esperava dele.

Tinha feito com supremo cuidado a localização da estação. Por desgraça, como não podia guiar os vermes, sabia que seria um grande desafio retornar a seu refúgio secreto. Depois ao sair, tinha carregado todo o necessário a suas costas.

Era Selim Cavaleiro de Vermes, eleito e guiado por Budalá. Necessitava ajuda dos demais.

Depois de matar mais dois vermes, por montá-los até que desabaram de cansaço, Selim descobriu que não era necessário matar um verme para poder fugir sem perigo. Havia a possibilidade de desmontar de uma besta cansada saltando da cauda, para logo depois correr para as rochas. O verme, muito cansado para lhe caçar afundava na areia, amuado.

O que satisfazia Selim, porque não lhe parecia justo destruir os animais que facilitavam seu transporte. Se os vermes eram emissários de Budalá, e anciões do deserto, devia tratá-los com respeito.

Em sua quarta viagem, descobriu a maneira de manipular as bordas sensíveis dos anéis do dragão, utilizando uma espécie pá e a afiada lança metálica para açular o *Shaitan* na direção que Selim desejava. Era uma idéia simples, mas exigia muito trabalho. Seus músculos doíam quando saltou de um verme esgotado e correu para o refúgio das rochas próximas. Seguia perdido nas profundidades do deserto, mas em um sentido muito real, o deserto lhe pertencia agora. Era invencível! Budalá velava por ele.

Selim ainda guardava uma provisão razoável de água procedente das unidades de destilação da estação, e sua dieta consistia em grandes quantidades de *melange*, que lhe proporcionava força e energia. Assim que aprendesse a dominar os vermes, poderia viajar para onde quisesse e voltar para a estação abandonada.

Outros *zensunni* o teriam chamado de louco, assombrados por seu audaz intento de domar aos terríficos vermes, mas ao jovem exilado não importava o que seu povo pensaria dele. Estava em contato com outro reino. Acreditava no fundo de seu coração que tinha nascido para isto.

Sob a luz das duas luas, Selim guiou suas arreios entre as dunas. Horas antes, o animal tinha cessado de tentar desmontar seu cavaleiro, e seguiu adiante, resignado às ordens do demônio que não parava de lhe machucar a pele sensível que tinha entre os anéis. Selim se guiava pelas estrelas, desenhava linhas como flechas entre as constelações. A implacável paisagem começava a lhe parecer familiar, e pensou que já estava perto da estação botânica, seu refúgio. Seu lar.

Naquela solidão, rodeada pelo aroma amargo impregnado de enxofre e a canela, se permitiu pensar e sonhar. Pouco mais podia fazer desde seu exílio. Não tinham começado assim os grandes filósofos?

Algum dia, possivelmente utilizaria a estação abandonada como semente de sua própria colônia. Talvez poderia reunir gente insatisfeita de outros povos *zensunni*, exilados como ele e desejosos de viver sem normas opressivas, que rigorosos *naibs* obrigavam a cumprir. Graças ao controle dos vermes, a gente de Selim contaria com uma força que nenhum foragido havia possuído jamais.

Era isso o que Budalá queria que fizesse?

O jovem sorriu, mas logo se entristeceu quando lembrou de Ebrahim, que com tanta facilidade havia se voltado contra ele. Para piorar, tinha lançado pedras e insultos em Selim, imitando aos outros.

Por fim, o cavaleiro divisou a formação rochosa familiar. Seu coração deu um salto de alegria. O colosso lhe tinha transportado com mais celeridade da que tinha suposto. Sorriu, e logo percebeu que seria outro desafio desmontar deste demônio, que ainda não estava exausto. Outra prova?

Selim desviou o verme para as rochas, com a ajuda da pá e da lança, com a idéia de parar o animal próximo dos afloramentos, embora logo poderia voltar para seu refúgio de areia. O monstro sem olhos intuiu as rochas, reconheceu uma diferença de viscosidade e vibrações na areia, e girou em direção contrária. Selim o atormentou com a lança e a pá. O confuso verme se retorceu e diminuiu a velocidade. Quando passou perto da primeira linha rochosa, Selim saltou junto com seu equipamento. Quando tocou o chão, pôs-se a correr a toda a velocidade de suas pernas.

O recife de rocha se encontrava a menos de cem metros de distância, e o animal se revolveu de um lado a outro, como se não acreditasse na sua repentina liberação. Por fim, percebeu o ritmo dos passos de Selim. O monstro se precipitou para ele. Selim correu mais depressa, e se desviou em direção aos penhascos. Saltou sobre uma capa de lava rochosa e continuou correndo. O verme surgiu da areia, com as cavernosas fauces abertas. Vacilou como se temesse aproximar-se mais da barreira rochosa, e logo deixou-se cair sobre o solo.

Selim já tinha saltado a segunda fileira de penhascos e encontrado refúgio em um pequeno vazio. O verme golpeava o penhasco como um martelo gigante, mas não sabia onde se tinha oculto o pequeno humano.

O verme, enfurecido, virou-se para trás, e um potente fedor de *melange* brotou de sua boca. Descarregou sua enorme cabeça contra as rochas uma vez mais, e depois retrocedeu. Frustrado e vencido, afastou-se por fim, até afundar-se sob uma duna. Encaminhou-se para as profundidades do deserto, lento e indignado.

Selim saiu de seu refúgio com o coração acelerado. Passeou a vista ao seu redor, assombrado de estar vivo. Riu e deu graças a Budalá com toda a força de seus pulmões. A antiga estação botânica se elevava sobre ele, esperando-o. Passaria vários dias em seu lar repondo suas provisões e bebendo muita água.

Quando começou a subir com braços e pernas fatigados, Selim viu algo que brilhava à luz da lua, perdido nas rochas rotas que o furioso verme tinha triturado. Outro dente de cristal, e mais largo. Quebrado durante o ataque da besta, e escorregado até o fundo de uma fenda. Selim se apoderou da arma leitosa. Uma recompensa de Budalá! Elevou-a com ar triunfal antes de retornar para a estação abandonada.

Agora, tinha dois.

59

O tempo depende da posição do observador e da direção em que olhe.

PENSADORA KWYNA,
arquivos da Cidade da Introspecção

Ainda furiosa, Zufa Cenva retornou a Rossak, onde tinha a intenção de concentrar-se na guerra. Depois de descer na pista de aterrissagem construída sobre as folhas púrpura e prata, se dirigiu de imediato à ampla habitação que compartilhava com Aurelius Venport.

Zufa tinha ganho a suntuosa residência graças a sua habilidade política e seus poderes telepáticos. Não podia evitar franzir o cenho cada vez que via as ambições comerciais de Venport, seus abundantes benefícios e suas metas hedonistas. Prioridades estúpidas. Tudo isso não significava nada se as máquinas pensantes ganhassem a guerra. Por acaso não compreendia que estava cego para essa terrível ameaça?

Esgotada da longa viagem, e ainda desgostosa pela discussão sustentada com sua filha, Zufa entrou em seus aposentos de paredes brancas, com o único desejo de descansar antes de planejar a rodada seguinte de ataques contra as máquinas pensantes.

Encontrou Venport sozinho, mas não a estava esperando. Achava-se sentado a uma mesa de nervuras verdes esculpida dos escarpados. Seu rosto, coberto de suor, continuava sendo formoso, com as feições nobres que ela havia elegido, um bom complemento de sua linhagem.

Venport nem sequer reparou nela. Seu olhar estava distante, sumida nas seqüelas de alguma nova droga que estaria experimentando.

Havia em frente a ele sobre a mesa uma caixa de malha metálica que continha vespas escarlate, de aguilhão comprido e asas ônix. Tinha o braço nu metido na caixa, com a malha metálica fechada ao redor de seu cotovelo. Irritadas as vespas lhe tinham picado em repetidas ocasiões, e injetado veneno em sua corrente sanguínea.

Mais furiosa que horrorizada, Zufa olhou estupefata.

- É a isto que se dedica enquanto eu tento salvar à raça humana? - Apoiou as mãos sobre o cinturão que rodeava sua túnica escura, enquanto sua

boca formava uma linha reta e magra. - Uma feiticeira morreu em combate, alguém a quem eu treinei, alguém a quem queria. Heoma deu sua vida por nossa liberdade, e aqui está você, entregue a orgias alucinógenas.

O homem não se moveu. Sua expressão vaga não se alterou.

As agressivas vespas se lançavam contra a malha metálica, enquanto emitiam uma espécie de zumbido musical. Os insetos aguilhoaram sua carne uma e outra vez. Zufa se perguntou que substância psicotrópica proporcionava o veneno, e como Venport a havia descoberto.

- Você me dá asco - disse por fim, incapaz de encontrar palavras que expressassem sua fúria.

Uma vez, depois de fazer amor, Aurelius tinha afirmado que experimentava as droga procurando algo mais que divertir-se ou conseguir lucros comerciais. Enquanto velas perfumadas ardiam em um vazio rochoso situado sobre seu leito, Venport lhe tinha dito:

- Em algum lugar da selva, espero encontrar uma substância farmacêutica capaz de despertar o potencial telepático masculino.

De tal forma, confiava que os homens estivessem tão aptos quanto as feiticeiras. Zufa tinha rido de suas ridículas fantasias. Ferido, Aurelius nunca mais tinha voltado a falar do tema.

Muito tempo antes, os primeiros colonos de Rossak tinham ficado poluídos por produtos químicos da selva, os quais tinham aumentado sua potência mental. De que forma, se não, teriam obtido as mulheres tais poderes extra-sensoriais neste planeta, e não em outro? Entretanto, fosse por diferenças hormonais ou cromossômicas, os homens pareciam imunes a tais efeitos do ambiente.

Zufa ordenou aos gritos que retirasse a mão da jaula, porém Venport não pronunciou nenhuma palavra.

- Você joga com drogas, e minha filha leva a cabo experimentos absurdos com campos suspensores e abajures flutuantes. São minhas feiticeiras as únicas pessoas de Rossak com senso de responsabilidade?

Embora os olhos do Aurelius se voltassem para ela, não pareceu vê-la.

- Grande patriota parece - disse por fim Zufa, enojada. - Espero que a história o recorde por isso.

Partiu em busca de um lugar onde pudesse pensar em formas de continuar lutando contra as máquinas pensantes, Enquanto outros se divertiam alheios a ameaça.

Quando sua parceira saiu, os olhos frágeis de Venport começaram a brilhar como brasas. Se concentrou na porta aberta de seus aposentos, e o

silêncio pareceu crescer, como se estivesse absorvendo som e energia do ar. Sua mandíbula se tencionou, e se concentrou mais... e mais.

A porta se fechou pouco a pouco sozinha.

Satisfeito, porém esgotado, Venport tirou o braço da jaula e caiu ao chão.

60

As hipótese formam um ralo transparente através do qual vemos o universo, e às vezes nos enganamos com a falácia de que o ralo é esse universo.

PENSADOR EKLO,
da Terra

Como recompensa por terminar a estátua de Ajax em um prazo impossível, concederam a Iblis Ginjo quatro dias de férias. Até os capatazes dos trabalhadores *neocimek* se alegraram de que o chefe das equipes humanas os tivesse salvado da ira de Ajax. Antes de partir, Iblis se assegurou de que seus escravos recebessem os prêmios que tinha prometido. Tratava-se de um investimento, e sabia que trabalhariam com maior afinco no projeto seguinte.

Graças a uma permissão especial de seus amos, Iblis se afastou da cidade até entrar na região rochosa, o cenário de uma batalha ocorrida muito tempo atrás. Os humanos de confiança gozavam de privilégios e liberdades especiais, e também a possibilidade de receber prêmios por um trabalho bem feito. Às máquinas pensantes não preocupava que fugisse, em primeiro lugar porque não havia a menor chance de abandonar o planeta, e tampouco podia conseguir comida ou refúgio.

De fato, tinha outra coisa em mente: uma peregrinação.

Iblis montava escarranchado de um *burcavalo*, um animal de laboratório utilizado no passado, quando os humanos governavam a Terra. O desagradável animal tinha uma cabeça de grande tamanho, orelhas pendentes e patas redondas desenhadas para trabalhar. O animal projetava um fedor similar ao de uma pele empapada em águas fecais.

O *burcavalo* subiu por um caminho estreito e serpenteante. Fazia anos que Iblis não visitava o lugar, mas conhecia o caminho de cor. Essas coisas não se esqueciam com facilidade. A curiosidade tinha esporeado suas visitas anteriores ao monastério do pensador Eklo. Desta vez, necessitava com desespero guia e conselho.

Depois de receber a mensagem revolucionária anônima, Iblis tinha meditado na possível existência de outros humanos insatisfeitos, gente decidida a desafiar *Omnius*. Durante toda sua vida, tinha estado rodeado de

escravos aferrolhados pelas máquinas. Jamais tinha imaginado que pudessem existir outras possibilidades. Transcorridos mil anos, qualquer perspectiva de mudança ou melhora parecia impossível.

Depois de muitas deliberações internas, Iblis desejava acreditar que existiam células de humanos rebeldes na Terra, talvez inclusive em outros Planetas Sincronizados. Grupos dispersos animados pela idéia da rebelião.

Se formos capazes de construir monumentos tão enormes, por que não podemos derrubá-los?

A idéia prendeu fogo a seu profundo ressentimento para com *Omnius*, os robôs, e sobretudo os *cimeks*, que pareciam especialmente agressivos contra os humanos. Mas antes de decidir se a mensagem não era mais que uma pura fantasia, tinha que realizar algumas investigações. Iblis tinha sobrevivido durante tanto tempo porque era cauteloso e obediente. Devia realizar suas investigações de maneira que as máquinas não suspeitassem de suas intenções.

Com o fim de obter respostas, não existia melhor fonte que o pensador Eklo.

Anos atrás, Iblis tinha feito parte de um grupo dedicado a perseguir escravos. Caçava os escassos desgraçados que escapavam da cidade sem plano forjado, capacidade de sobrevivência ou provisões. Rumores falsos tinham convencido estes desesperados que os pensadores, politicamente neutros, lhes concederiam asilo. Uma idéia absurda, tendo em conta que os cérebros imateriais só desejavam isolamento para abismar-se em seus pensamentos esotéricos. Aos pensadores pouco importava a Era dos Titãs, as Rebeliões *Hrethgir* ou a criação dos Planetas Sincronizados. Os pensadores não desejavam ser molestados, de maneira que as máquinas pensantes os toleravam.

Quando Iblis e sua equipe tinham rodeado o isolado monastério, Eklo tinha ordenado a seus subordinados humanos que expulsassem os fugitivos de seu esconderijo. Os escravos haviam amaldiçoado e ameaçado o pensador, mas Eklo não se importou. Continuando, Iblis e seus companheiros tinham retornado com os escravos, destinados a uma "enérgica missão", depois de jogar sua líder do alto de um escarpado.

O robusto *burrhorse* subiu o íngreme caminho que desmoronava sob seus cascos. Iblis distinguiu ao fundo a alta torre do monastério, um impressionante edifício de pedras envolto em parte pela névoa. Suas janelas projetavam um brilho avermelhado, que depois se alterava para azul, segundo o humor da grande mente contemplativa.

Quando o treinaram para chegar a ser um humano de confiança, Iblis soube da existência dos pensadores, dos restos primitivos de religião que ainda

se manifestavam nos grupos mais numerosos de escravos. *Omnius* tinha cessado em seus intentos de reprimi-la, embora a supermente não compreendesse as superstições e os rituais.

Muito antes da conquista do Império Antigo, Eklo tinha abandonado seu corpo físico e dedicado sua mente à análise e a introspecção. Enquanto planejava a conquista da humanidade, a titã Juno tinha adotado Eklo como assessor pessoal, à espera de respostas. Eklo, indiferente às repercussões, sem querer tomar partido no conflito, tinha respondido às perguntas de Juno, e seu conselho tinha redundado sem querer na vitória dos titãs. No milênio transcorrido depois da conquista, Eklo havia permanecido na Terra. A grande paixão de sua longa vida era sintetizar uma interpretação completa do universo.

Ao chegar ao final da pista, na base da torre de pedra, Iblis se encontrou rodeado de repente por uma dúzia de homens armados com lanças arcaicas e paus. Seus mantos eram de um tom marrom escuro, e ostentavam faixas. Um dos subordinados agarrou as rédeas do *burrhorse*.

- Deixe-o aqui. Nós não oferecemos refúgio.

- Nem eu o busco. - Iblis olhou para os homens. - Só vim para formular uma pergunta ao pensador.

Desmontou e, depois de lhes seduzir com seu bom humor e sinceridade, encaminhou-se para a torre, enquanto os homens se encarregavam de seus arreios.

- O pensador Eklo está imerso em seus pensamentos e não deseja ser incomodado - gritou um dos subordinados. Iblis lançou-lhe um sorriso.

- O pensador leva mil anos meditando. Tenho certeza que poderá dedicar alguns poucos minutos para me escutar; já que sou um humano de confiança. E se lhe proporciono informação que ainda não possui, terá algo no que pensar durante outro século ou mais.

Vários subordinados seguiram Iblis, enquanto murmuravam entre si, confusos. De repente, quando chegou ao arco de entrada, um monge de ombros largos lhe fechou o caminho. Os músculos de seus braços e peito brilharam e lhe olhou com olhos bovinos.

Iblis infundiu um tom persuasivo a sua voz.

- Honro os conhecimentos adquiridos pelo pensador Eklo. Não desperdiçarei seu tempo.

O monge olhou para Iblis com ceticismo e ajustou a faixa.

- É muito descarado, e o pensador deseja escutar suas perguntas.

Revistou o visitante a procura de armas.

- Sou Aquim. Siga-me.

O homem guiou Iblis por um estreito corredor de pedra, e logo subiram por uma escada em caracol.

- Já estive aqui antes - disse Iblis, - perseguindo escravos fugitivos...

- Eklo lembra-se – interrompeu-lhe Aquim.

Chegaram à parte mais alta do edifício, uma sala redonda situada no pináculo da torre. O contêiner de *plexiplaz* do pensador descansava sobre um rebordo similar a um altar, sob uma janela. O vento ululava nas bordas da janela e agitava a névoa. Uma iluminação interna dotava as janelas de um brilho azul.

Aquim deixou para trás os outros subordinados, aproximou-se do contêiner cerebral transparente e se deteve um momento, enquanto o observava com reverência. Introduziu uma mão em um bolso, e seus dedos trementes emergiram com uma tira de papel incrustada de pó negro. Introduziu a tira em sua boca e deixou que se dissolvesse. Pôs os olhos em branco, como se tivesse alcançado o êxtase.

- *Semuta* - disse Iblis, - um derivado dos resíduos incinerados de madeira elaca, que chega-nos de contrabando. Ajude-me no cumprimento de meus deveres. - Apoiou com serenidade ambas as mãos sobre a tampa do contêiner. - Não entendo nada.

Teve a impressão de que o cérebro nu, flutuando em sua sopa de eletrolíquido azul, pulsava, à espera.

O monge respirou fundo com um sorriso beatífico, e introduziu os dedos no líquido. O líquido gelatinoso umedeceu sua pele, empapou seus poros, conectou-se com suas terminações nervosas. A expressão do Aquim mudou.

- Eklo deseja saber por que não formulou sua pergunta da última vez que esteve aqui.

Iblis ignorava se devia falar com o subordinado ou diretamente ao pensador, de modo que dirigiu a resposta ao espaço intermediário.

- Naquele momento, não compreendia o que era importante. Agora, desejo saber algo de ti. Ninguém mais poderia me proporcionar uma resposta objetiva.

- Nunca há julgamento ou opinião completamente objetivos - replicou o monge com serena convicção. - Os absolutos não existem

- Você é menos parcial que qualquer pessoa a quem pudesse consultar.

O altar se moveu seguindo trilhos invisíveis, e o pensador se deteve ante outra janela, seguido de Aquim, que não havia tirado a mão do contenedor.

- Formule sua pergunta.

- Sempre trabalhei com lealdade para meus amos *cimek* - começou Iblis, escolhendo suas palavras com toda cautela. - Recentemente, inteirei-me de que talvez existam grupos de resistência humanos na Terra. Desejo saber se esse informe é real. Há gente que deseja derrocar seus governantes e conseguir a liberdade?

Durante um momento de vacilação, o subordinado cravou a vista no espaço, fosse pelo efeito da *semuta* ou por estar conectado com o cérebro do filósofo. Iblis confiou em que o pensador não se sumisse em um longo período de contemplação. Por fim com voz profunda e sonora, Aquim disse:

- Nada é impossível.

Iblis provou diversas variações da pergunta, dando rodeios com frases, polindo sua escolha de palavras. Não queria revelar suas intenções, ainda que neutro o pensador poderia imaginar que Iblis queria localizar os rebeldes, fosse para destruí-los ou para unir-se a eles. E em cada vez, Iblis recebeu a mesma resposta enigmática.

- Se uma organização secreta tão grande existisse - disse por fim, escolhendo as palavras, - teria chances de triunfar? Poderia pôr fim ao reinado das máquinas pensantes?

Desta vez, o pensador meditou um momento mais longo, como se analisasse diferentes fatores da pergunta. Quando chegou a mesma resposta por mediação do monge, as palavras, pronunciadas de uma forma mais intensa, deram a impressão de transmitir um profundo significado.

- Nada é impossível.

Continuando, Aquim retirou sua mão gotejante do contêiner cerebral de Eklo, dando a entender que a audiência havia terminado. Iblis fez uma cortês reverencia, expressou sua gratidão e partiu, assaltado por milhares de idéias.

Enquanto descia o caminho a pé, o assustado mas exultante capataz decidiu que, se não podia localizar os grupos de resistentes, tinha outra opção.

Iblis formaria una célula rebelde com seus leais trabalhadores.

61

Um conflito que se prolongue durante um dilatado período de tempo tende a autoperpetuar-se, e é fácil perder o controle.

TLALOC,
A Era dos Titãs

- Depois de mil anos, só restamos cinco.

Poucas vezes os titãs sobreviventes se reuniam, sobretudo na Terra, onde os olhos de *Omnius* os vigiavam em cada momento mas o general Agamenon estava tão indignado pelo desastre de Giedi Prime e o assassinato de seu amigo e aliado, que não queria perder tempo preocupando-se com a supermente.

Tinha outras prioridades.

- Os *hrethgir* contam com uma nova arma que utilizaram contra nós com devastadoras conseqüências - disse Agamenon.

Os titãs se achavam em uma câmara de manutenção, com seus contêineres sobre pedestais. Agamenon tinha ordenado com tom severo a Ajax, Juno, Xerxes e Dante que se desprendessem de suas formas móveis. Os ânimos se encrespariam, e era difícil controlar os impulsos individuais quando estavam instalados em um poderoso corpo de combate, já que os *mentrodos* podiam transformar qualquer impulso irrefletido em destruição imediata.

Agamenon confiava em poder controlar sua ira, mas alguns titãs, sobretudo Ajax, destruíam primeiro e reconsideravam depois.

- Depois de muitas investigações e análise, averiguamos que a assassina da Barba Azul procedia de Rossak, e os humanos selvagens a chamavam feiticeira - disse Dante, que se ocupava desses assuntos. - Rossak alberga mais destas feiticeiras, mulheres que possuem potentes capacidades telepáticas.

- É evidente - disse Juno, com sarcasmo evidente em sua voz sintética.

Dante continuou em seu tom moderado habitual.

- Até agora, as feiticeiras não tinham sido utilizadas em nenhuma função agressiva em grande escala. Depois de seu triunfo em Giedi Prime, não obstante, é provável que os *hrethgir* as empreguem para atacar de novo.

- Sua ação também nos recordou que somos muito vulneráveis - disse Agamenon. - Os robôs podem ser substituídos.. Nossos cérebros não.

- Mas não é certo que essa feiticeira teve que acabar com sua vida para eliminar Barba Azul e um punhado de *neocimeks*? - perguntou Xerxes. - Foi um suicídio. Acha que estarão dispostas a repetir a jogada?

- Só porque você é um covarde, Xerxes, não significa que os humanos selvagens tenham medo a autosacrificar-se - replicou Agamenon. - Uma feiticeira eliminou sete *neocimeks* e um titã. Uma perda escandalosa.

Depois de mil anos de vida, durante os quais se perderam milhares de milhões de vidas humanas (muitas nas mãos de Agamenon ou em sua presença), acreditava-se imune à contemplação da morte. Dos primeiros titãs, Barba Azul, Juno e Tlaloc tinham sido seus amigos mais íntimos. Os quatro tinham semeado a semente da rebelião. Outros titãs tinham aparecido mais tarde.

Apesar do fato de que suas imagens mentais serem muito antigas, o titã ainda recordava de Barba Azul em sua forma humana. Vilhelm Jayther era um homem de braços e pernas magros, ombros largos e peito fundo. Alguns diziam que seu aspecto era desagradável, mas seus olhos possuíam a intensidade que Agamenon apreciava. Além disso, era um gênio programador sem comparação.

Jayther tinha aceito o desafio de acabar com o Império antigo, tinha passado semanas sem dormir até descobrir a maneira de solucionar o problema. Entregou-se por inteiro à tarefa, até descobrir como manipular a sofisticada programação e colocá-la ao serviço dos rebeldes. Ao implantar ambições e objetivos humanos na rede informática, obteve que as máquinas desejaram participar na derrocada do Império.

Entretanto, *Omnius* tinha desenvolvido mais adiante ambições próprias.

Jayther, um homem de tremenda prudência, tinha incluído instruções que proibiam às máquinas pensantes fazer mal a qualquer titã. Agamenon e todos os seus companheiros estavam vivos graças a Vilhelm Jayther, Barba Azul.

Mas as feiticeiras o tinham matado. Um fato que não deixava de atiçar sua cólera.

- Não podemos permitir que este ultraje fique sem castigo - disse Ajax. - Eu digo para irmos a Rossak, matemos a todas as mulheres e convertamos seu planeta em uma bola carbonizada.

- Querido Ajax - disse Juno com doçura, - devo lembrar-lhe que uma só dessas feiticeiras destruiu Barba Azul e a todos os *neocimeks* que o acompanhavam?

- E o que? - respondeu com orgulho Ajax. - Eu sozinho exterminei à praga humana de Walgis. Juntos, podemos nos ocupar de umas poucas feiticeiras.

- Os rebeldes do Walgis já estavam derrotados quando você começou a carnificina, Ajax - disse Agamenon. - Estas feiticeiras são diferentes.

- *Omnius* nunca autorizará um ataque em grande escala - disse Dante com voz monótona. - Os gastos seriam excessivos. Já levei a cabo uma análise preliminar.

- Não obstante - respondeu Agamenon, - seria um grande erro tático deixar de vingar esta derrota.

- Como restamos tão poucos - disse Xerxes, depois de alguns segundos de molesto silêncio, - os titãs nunca deveriam atacar juntos. Pensem no risco.

- Mas se formos juntos a Rossak e esmagarmos às feiticeiras, a ameaça haverá desaparecido - disse Ajax.

Juno emitiu um vaio.

- Vejo seu cérebro no contêiner, Ajax - disse, - mas parece que você não o usa. Possivelmente deveria trocar seu eletrolíquido. As feiticeiras demonstraram que podem nos destruir, e você quer se lançar contra a maior ameaça que os titãs confrontaram até hoje como ovelhas que vão para o matadouro.

- Poderíamos utilizar naves robô que atacassem da órbita - propôs Dante. - Não é necessário nos colocarmos em perigo.

- Se trata de algo pessoal - grunhiu Ajax. - Um dos titãs foi assassinado. Não vamos lançar mísseis do outro extremo do sistema planetário. É um método de covardes, Ainda que as máquinas pensantes o chamem de eficácia.

- Há espaço para o compromisso - disse Agamenon. - Juno, Xerxes e eu podemos reunir voluntários *neocimek* e atacar com uma frota robô. Seria suficiente para infligir danos imensos a Rossak.

- Mas eu não posso ir, Agamenon - disse Xerxes. - Estou trabalhando com Dante. Nossos maiores monumentos da praça do Foro estão a ponto de ser concluídos. Começamos a trabalhar em uma nova estátua para Barba Azul.

- No momento preciso - disse Juno. - Estou segura de que ele se alegrará, agora que está morto.

- Xerxes tem razão - disse Dante. - Também temos que pensar no imenso monumento da vitória dos titãs, que estamos construindo na colina próxima ao centro metropolitano. Há capatazes de equipes, mas necessitam vigilância constante. Do contrário, os gastos dispariariam, e os prazos não...

- Devido ao recente desastre de sua estátua, Ajax está familiarizado com tais problemas - disse Juno. - Por que ele não fica, em lugar de Xerxes?

- Não ficarei aqui enquanto outros obtêm a glória! - rugiu Ajax.

- Xerxes, você virá conosco - disse Agamenon. - Ajax, ficará aqui para vigiar o ritmo dos trabalhos com Dante. Faça-o em memória da Barba Azul.

Tanto Xerxes como Ajax protestaram, mas Agamenon era o líder, e impôs o controle que tinha exercido durante séculos.

- Você conseguirá convencer *Omnius* a nos dar permissão, meu amor? - perguntou Juno.

- Os *hrethgir* de Giedi Prime não só mataram a nosso amigo, mas sim também aniquilaram à nova encarnação de *Omnius* antes que fosse atualizada. Há muito tempo, quando Barba Azul alterou a programação original da rede, introduziu algo na mente do computador, suficiente para que compreendesse a natureza da conquista. Com certeza ele também sentirá nossa necessidade de vingança. - Os titãs meditaram sobre este comentário em silêncio. - Iremos a Rossak e o deixaremos em chamas - disse Agamenon.

62

Na guerra, há incontáveis fatores impossíveis de predizer, e que não dependem da qualidade do comando militar.
No calor da batalha surgem heróis, nas ocasiões mais improváveis.

VORIAN ATREIDES,
Momentos decisivos da história

Era um soldado, não um político. Xavier Harkonnen sabia de táticas e estratégias militares, tinha pensado em dedicar sua vida ao serviço da tropa salusiana e a Armada da Liga. Mas agora não tinha outra alternativa senão falar aos representantes da liga reunidos no Parlamento.

Depois da vitória agridoce em Giedi Prime, era preciso decidir algumas coisas.

Tinham reparado e escorado o antigo edifício do Parlamento, enquanto que os restos de andaimes e muros provisórios indicavam os pontos em que as obras continuavam. Ainda viam-se rachaduras e retoques apressados na *plazpedra*, as colunas e os murais. Cicatrizes de guerra, medalhas de honra.

Pouco antes da intervenção do jovem oficial, o vice-rei Butler tinha assistido junto com sua esposa a honras fúnebres em memória de Serena e os camaradas caídos em Giedi Prime.

- Morreu fazendo exatamente o que se exigia de si mesma e de nós - disse o vice-rei. - Uma luz se apagou em nossas vidas.

No ano transcorrido do ataque *cimek* contra Salusa, o povo tinha padecido muitos funerais e muito dor. Mas Serena, a jovem e apaixonada representante, sempre tinha insistido que a liga servia ao povo e ajudava aos necessitados.

Ao lado do vice-rei, Livia Butler vestia o hábito de meditação que utilizava na Cidade da Introspecção. Já havia visto morrer seu único filho varão Fredo por causa de uma enfermidade do sangue. Agora, as máquinas pensantes tinham assassinado sua filha maior. Só reatava a etérea Octa.

Os representantes dos planetas da liga guardavam silêncio e compartilhavam a tristeza. Apesar da sua juventude, Serena Butler tinha

deixado uma forte impressão por seu idealismo e impetuosidade. Depois do laudatório oficial, muitos oradores se alternaram no pódio para elogiar sua generosidade.

Xavier escutou os tributos. Os representantes olhavam-no com compaixão. Pensou na vida que Serena e ele tinham desejado compartilhar.

Por ela, Xavier não se poria a chorar em público. Se a raça humana chorava pelos caídos, ficaria paralisada em uma estado de dor permanente. Seus lábios tremeram, e sua visão se nublou, mas obrigou-se a ser forte. Era seu dever. Embora com o coração destroçado, a mente de Xavier não cessava de pensar com fúria no inimigo, e nos traidores humanos que lutavam ao lado dos robôs.

Sua lembrança de Serena seria fonte constante de energia e inspiração. Até morta, arrastaria cúpulas que nunca teria alcançado sem ela. Ainda guardava o colar de diamantes negros que projetava sua última mensagem, sua valente chamada às armas para ajudar Giedi Prime. A adorável Serena cuidaria dele sempre, como neste momento, quando estava a ponto de reagrupar os recursos e poderio militar das massas enfurecidas.

Xavier, pálido e trêmulo, entrou na cúpula de projeção, seguido pelo vice-rei Butler. Ambos vestiam mantos e capas chapeadas e azuis, com cintas negras na cabeça em honra de seu ser querido caído em combate.

Tinha chegado o momento de continuar cuidando da humanidade. Depois de suas recentes vitórias militares, necessitava de poucas apresentações.

- Somos seres humanos, e sempre lutamos por nossos direitos e nossa dignidade. Formamos a Liga de Nobres para que os homens livres pudessem opor-se aos titãs, e depois às máquinas pensantes. Só graças a estar unidos pudemos deter a rajada de conquistas de nossos inimigos. - Esquadrinhou os representantes sentados na abarrotada sala. - Mas às vezes, a liga é nosso pior inimigo. - Os assistentes respeitavam muito este herói para discutir, e Xavier se apressou a continuar. - Enquanto elogiamos nossa aliança, os planetas da liga continuam sendo egocêntricos e independentes. Quando um planeta acossado pede ajuda, a liga discute durante meses antes de decidir nossa resposta... até que seja muito tarde! Isso ocorreu em Giedi Prime. Somente a temeridade de Serena nos obrigou a agir a toda velocidade. Sabia muito bem o que fazia, e o pagou com sua vida.

Quando alguns representantes começaram a murmurar, Xavier se irritou e obrigou-os a se calar com voz troante.

- A Liga de Nobres tem que formar uma coalizão mais forte sob uma liderança moderna. Para lutar com eficácia contra uma supermente eletrônica

altamente organizada, necessitamos de um governo de humanos unido, em vez desta estrutura pouco rígida.

Agitava as mãos Enquanto falava.

- Como pregava Serena Butler, temos que fazer todos os esforços para ganhar a colaboração dos Planetas Não Aliados, para fortalecer nosso marco defensivo e acrescentar uma zona de amortecimento a nosso território protegido.

O vice-rei se aproximou do jovem e acrescentou, com voz transita de emoção:

- Esse foi sempre o sonho de minha filha. Agora, temos que convertê-lo em nosso sonho.

Vários nobres vacilantes se levantaram em sinal de respeitosa oposição.

- Reunir tantos planetas sob um governo forte - disse um homem magro de Kirana III, - sobretudo de tipo militar, recorda-me a Era dos Titãs.

- Não queremos mais impérios! - gritou um nobre de Hagal.

Xavier elevou a voz.

- Acaso não é melhor um império que a extinção? Enquanto se preocupam com matizes políticos, *Omnius* vai conquistando sistemas estelares!

- Durante séculos - disse outro representante, - a Liga de Nobres e os Planetas Sincronizados se mantiveram mutuamente a raia, em um precário equilíbrio. *Omnius* nunca transpassou as fronteiras do Império Antigo. Sempre acreditamos que as máquinas pensantes não o consideravam eficaz nem digno de valor. Por que iriam mudar isso agora?

- Pelo motivo que for, já mudaram! As máquinas pensantes parecem decididas ao genocídio. - Xavier apertou os punhos. Não tinha esperado ter que discutir por isso, quando as provas eram evidentes. - Temos que nos esconder atrás de nossas defesas de papel reagir somente quande Omnius nos põe a prova? Como fizemos em Salusa faz um ano, como fizemos em Giedi Prime?

Em um estalo melodramático, elevou o suporte de livro e o lançou através da cúpula de cristal. A primeira fila de nobres fugiu da chuva de fragmentos. Estupefatos representantes gritaram que o comportamento de Xavier era inaceitável. Outros chamaram os guardas de segurança para que o expulsassem da sala oficial.

Xavier passou através do cristal quebrado e gritou sem necessidade de amplificador.

- Bem! Esse é o tipo de espírito que quero ver! A liga esteve prostrada durante muito tempo. Falei com outros comandantes da Armada, e a maioria

está de acordo. Temos que mudar nossa tática e surpreender as máquinas. Deveríamos gastar o dinheiro que fosse necessário, monopolizar a imaginação de todos os nossos cientistas e desenvolver novas armas, armas capazes de destruir *Omnius*, não só de nos proteger em casa. Um dia, acredito que teremos que passar à ofensiva. É a única maneira de ganhar este conflito.

Pouco a pouco, os congregados compreenderam que Xavier tinha provocado de propósito uma reação. Com uma bota polida, afastou fragmentos quebrados do estrado.

- A experiência é nosso melhor professor. As máquinas poderiam atacar Salusa de novo a qualquer momento, Poritrin, Rossak, Hagal, Ginaz, Kirana III, Seneca, Colônia Vertree ou Relicon... Tenho que continuar? Nenhum de nossos planetas se encontra a salvo. - Elevou um dedo. - Mas se virarmos a mesa, podemos expulsar os agressores com movimentos atrevidos e inesperados. - Fez uma pausa. - Temos os meios de fazê-lo? Somos capazes de desenvolver as armas necessárias? O tempo da complacência acabou.

Na discussão seguinte, Zufa Cenva ofereceu mais ataque telepatas contra os *cimeks*. Muitas feiticeiras já se apresentaram como voluntárias, ela disse. Lorde Niko Bludd gabou-se dos contínuos trabalhos de Tio Holtzman, que planejava testar um novo "ressonador de liga". Outros representantes da liga ofereceram sugestões, objetivos, formas de fortalecer sua posição.

Xavier, aliviado e inspirado, passeou a vista a seu redor. Ele os tinha envergonhado até serem obrigados a proclamar aos gritos seu belicoso apoio, e no momento, as vozes dos dissidentes não se ouviam.

Escorreram lágrimas sobre seu rosto, e notou um sabor salgado nos lábios. Purgado de emoções e energias, observou que o vice-rei Butler olhava para ele com orgulho, como se fosse seu filho.

Estou assumindo a missão de Serena, compreendeu Xavier, *fazendo o que ela teria feito.*

63

Para equilibrar a dor e o sofrimento, a guerra também foi o berço de alguns de nossos maiores sonhos e lucros.

TIO HOLTZMAN,
discurso de aceitação da Medalha do Valor de Poritrin

Tio Holtzman se lançou ao vazio com sua nova idéia, de modo que Norma Cenva se sentiu como uma folha a mercê do vento. Com seu gerador de ressonância de liga, o inventor pretendia demonstrar-lhe quem era o gênio.

Embora duvidasse que a idéia funcionasse, Norma não podia demonstrar a razão de sua insegurança com provas matemática. O instinto lhe falava como uma voz importuna, mas ela calava suas preocupações. Depois da azeda reação de Holtzman as suas reservas iniciais, não havia tornado a pedir sua opinião.

Norma esperava estar equivocada. Afinal, era humana e longe de ser perfeita.

Enquanto o sábio trabalhava em excesso no laboratório de demonstrações (um edifício do tamanho de um teatro situado sobre um penhasco antigo), Norma esperava sem fazer nada. Até sua mais inocente contribuição lhe punha nervoso, como se concedesse mais crédito a suas dúvidas do que admitia em voz alta.

Norma se achava na ponte que comunicava as diversas seções do penhasco, e se agarrou ao corrimão. Enquanto escutava a brisa que sussurrava entre os cabos, olhou o tráfico fluvial. Ouviu Holtzman dentro do laboratório, gritando com os escravos enquanto erigiam um volumoso gerador que produzia um campo de ressonância, cujo propósito era desmantelar e fundir uma forma metálica. O sábio, uma presença imperiosa com seu manto branco e púrpura, levava as cadeias de seu cargo ao redor do pescoço, a como diversas medalhas que documentavam seus prêmios científicos. Holtzman fulminava com o olhar seus trabalhadores, passeava de um lado a outro, vigiava cada detalhe.

Lorde Bludd e um punhado de nobres de Poritrin deveriam presenciar o experimento, de modo que Norma compreendia a angústia de Holtzman. Ela jamais teria preparado uma apresentação tão extravagante de um aparelho

que ainda não tinha sido posto a prova, mas o cientista não mostrava nem a sombra de uma dúvida.

- Ajude-me aqui, Norma, por favor - chamou Holtzman em tom exasperado. Norma correu para o recinto. O sábio apontou seus escravos com desagrado. – Eles não entendem nada. Já disse. Fiscalize-os, para que possa avaliar a calibração.

No centro da câmara couraçada, o pessoal de Holtzman tinha colocado um manequim metálico com a aparência de um robô de combate. Norma nunca tinha visto uma máquina pensante autêntica, mas sim muitas imagens armazenadas. Contemplou o simulacro. Esse era o inimigo contra o que se dirigiam todos seus esforços.

Olhou para seu mentor com mais compaixão, ao compreender seu desespero. Holtzman estava obrigado moralmente a perseguir qualquer idéia, a descobrir qualquer método de continuar este nobre combate. Era um perito em energias projetadas, campos de distorção e armas que não fossem projéteis. Confiou que seu gerador de ressonância de liga funcionasse.

Antes que os escravos terminassem de conectar os aparelhos, ouviu-se um estrépito em frente ao edifício principal. Tinham aparecido barcaças cerimoniosas sobre os picos, onde os balcões de Holtzman dominavam o rio. O guarda de honra se erguia na nave capitania com lorde Bludd, além de cinco senadores e um historiador da corte vestido de negro. Holtzman abandonou sua atividade.

- Norma, acabe isto, por favor.

Sem virar-se para olhá-la, correu pela ponte para receber seus visitantes importantes.

Norma animou os escravos a que se apressassem, enquanto ajustava os calibradores e sintonizava o aparelho segundo as especificações do inventor. A luz se filtrava através das clarabóias e iluminava o simulacro de robô. Vigas metálicas reforçadas se cruzavam no teto, sujeitando polias e cabrestantes que se utilizaram para içar o gerador de ressonância.

Vários escravos *zenshiítas* formigavam por toda parte com sua vestimenta tradicional, macacões de trabalho cinzas adornados com franjas vermelhas e brancas. Muitos proprietários de escravos não permitiam que seus cativos exibissem sinais de individualidade, mas Holtzman não se importava com isso. Só desejava que os escravos cumprissem suas tarefas sem queixar-se.

Quando terminaram seu trabalho, os escravos retrocederam para a parede, com a vista afastada. Um homem de barba negra e olhos tenebrosos falou-lhes em um idioma desconhecido para Norma. Momentos depois, um sorridente Holtzman entrou com seus convidados na zona de demonstração.

O sábio efetuou uma entrada majestosa. A seu lado, Niko Bludd vestia uma túnica azul e um espartilho escarlate preso sobre o peito. Alisou a barba avermelhada. Nas comissuras das pálpebras destacavam-se pequenos círculos tatuados, similares a bolhas.

Bludd reparou em Norma e lhe dedicou um sorriso condescendente e paternal. Norma fez uma reverência e tomou sua mão polida e perfumada.

- Sabemos que seu tempo está valioso, lorde Bludd. portanto, tudo está disposto. - Holtzman enlaçou as mãos. - O novo aparelho nunca foi testado, e na apresentação de hoje serão as primeiras testemunhas de suas possibilidades.

A voz de Bludd era profunda, porém musical.

- Sempre esperamos o melhor de você, Tio. Se as máquinas pensantes tiverem pesadelos, não me cabe dúvida de que você é o protagonista deles.

O séquito riu, e Holtzman fez um esforço por ruborizar-se. Virou-se para os escravos e começou a gritar ordens. Meia dúzia de trabalhadores sustentavam aparelhos para gravar dados, situados em pontos importantes ao redor do simulacro.

Tinham transportado macias poltronas da residência principal para acomodar aos convidados. Holtzman se sentou ao lado de lorde Bludd, e Norma teve que ficar junto à porta. Seu mentor parecia seguro e concentrado, mas ela sabia que estava muito preocupado. Se fracassasse hoje, sua glória ficaria diminuída aos olhos dos poderosos nobres de Poritrin.

Holtzman contemplou o gerador e passeou a vista a seu redor como se estivesse rezando em silêncio. Dedicou um olhar tranqüilizador a Norma, e depois ordenou que ativassem o protótipo.

Um escravo acionou um interruptor, tal como lhe tinham instruído. O volumoso gerador começou a zumbir, e dirigiu seu raio invisível para o simulacro de robô.

- Se for utilizado com fins práticos - disse Holtzman, com um tremor na voz apenas perceptível, - encontraremos formas de fazer o gerador mais compacto, podendo instalá-lo mais facilmente em naves pequenas.

- Ou podemos construir naves maiores - disse Bludd com uma risada profunda.

O zumbido aumentou de intensidade, uma rítmica vibração que fez os dentes de Norma tremerem. Observou que uma fina capa de suor se formava sobre o roato de Holtzman.

- Já se pode perceber a reação - indicou o cientista. O robô começou a tremer. - O efeito continuará aumentando.

Bludd estava muito satisfeito.

- Esse robô já deve estar arrependido de ter se rebelado contra a raça humana, não é verdade?

O simulacro começou a emitir um brilho avermelhado, e seu metal se reaqueceu quando as ligas se sintonizaram com o campo destrutivo projetado sobre ele. Virou um tom amarelado, combinado com manchas de um branco incandescente.

- A esta altura, a estrutura interna de um robô já teria sido destruída - disse Holtzman, que parecia contente por fim.

De repente, as pesadas vigas do teto começaram a vibrar, uma ressonância secundária transmitida do robô ao vigamento estrutural da cúpula. As grosas paredes gemeram e estremeceram-se. Um zumbido agudo percorreu a estrutura.

- O campo de ressonância está transbordando de seus limites - gritou Norma.

As vigas do teto se esticaram como serpentes iradas. Uma greta se abriu na cúpula.

- Desconectem! - gritou Holtzman, mas os aterrorizados escravos fugiram assustados para um canto da sala, o mais longe possível do gerador.

O robô ondulou e se retorceu, ao mesmo tempo que seu núcleo corporal se fundia. Os pontos de apoio que o sustentavam se curvaram.

A máquina de combate se precipitou para frente, até cair ao chão convertida em uma massa de metal enegrecido.

Holtzman agarrou a manga de Niko Bludd.

- Meu senhor, corram pela ponte até meus aposentos principais. Parece que temos um... pequeno problema.

Outros nobres já estavam cruzando a ponte de alta tensão. Norma se achava entre eles. Olhou atrás e percebeu que os escravos *zenshiítas* não sabiam o que fazer. Tio Holtzman não lhes tinha dado instruções.

De um lugar seguro, Norma viu que seis escravos presas do pânico entravam na ponte. Atrás, o homem do cabelo escuro os animava a seguir em frente, gritando em seu estranho idioma. A ponte começou a ondular, quando a ressonância do projetor se sintonizou com as conexões metálicas da ponte.

O barbudo líder *zenshiíta* voltou a gritar. Norma desejava ajudar aqueles desgraçados. Acaso os dragões não podiam fazer algo? Holtzman tinha ficado sem fala, paralisado pela surpresa.

Antes que o primeiro grupo de escravos pudesse cruzá-lo, a ponte se partiu pela metade, com um chiado de metal agonizante. As desafortunadas vítimas se precipitaram de duzentos metros de altura até a base do penhasco, e logo foram parar no rio.

O líder dos escravos amaldiçoou da borda do abismo. Atrás dele, uma seção da cúpula veio abaixo, destruiu o protótipo e deteve por fim a pulsação incessante.

O pó se hospedou. Algumas chamas e um fio de fumaça se elevaram no ar, entre os uivos dos homens que continuavam apanhados no interior do edifício.

Norma estava enjoada. A seu lado, Holtzman suava profusamente e parecia doente. Piscou repetidas vezes, e logo secou a fronte. Sua pele se tingiu de um tom cinzento.

- Não se pode considerar um de seus esforços mais notáveis, Tio - disse Bludd em tom irônico.

- Mas devem admitir que a idéia é promissora, Lorde Bludd. Pensem em seu potencial destrutivo – respondeu Holtzman, enquanto olhava para os impassíveis nobres, sem pensar sequer nos escravos mortos e feridos. - Podemos agradecer que ninguém tenha se ferido.

64

Ciência: a criação de dilemas mediante a solução de mistérios.

NORMA CENVA,
notas de laboratório inéditas.

No interior do centro de experimentos destruído, as manchas de sangue eram limpas com facilidade, mas cicatrizes mais profundas se negavam a desaparecer. Enquanto um novo grupo de escravos retirava os escombros, Tio Holtzman cruzou uma ponte provisória e não muito sólida. Contemplou com tristeza as ruínas de seu laboratório.

Do lugar onde trabalhava, Bel Moulay, o líder dos escravos *zenshiítas*, trespassou o inventor com o olhar. Odiava a pele pálida, o cabelo curto e as roupas de cores arrogantes do homem. As frívolas medalhas de honra do cientista não significavam nada para Bel Moulay, e ofendia todos os cativos *zenshiítas* que um homem tão inútil e avoado se pavoneasse de sua riqueza enquanto que pisoteava os fiéis.

O líder deu instruções a seus companheiros e os consolou. Moulay sempre tinha sido algo mais que uma figura carismática. Era também um líder religioso, educado em Anbus IV nas leis mais estritas da interpretação *zenshiíta* do *budislam*. Tinha estudado as verdadeiras escrituras e *sutras*, analisado cada parágrafo. Outros escravos pediam a Bel Moulay que as interpretasse.

Apesar da sua fé, estava tão indefeso como seus companheiros, obrigado a obedecer o menor capricho dos infiéis, que se negavam a deixar os *zenshiítas* viverem segundo suas normas, e além disso insistiam em lhes arrastar a uma guerra desesperada contra os demônios mecânicos. Era um castigo terrível, una série de tribulações Karmicas que Budalá lhes tinha enviado.

Mas eles as superariam, e sairiam fortalecidos...

Sob a liderança de Bel Moulay, os escravos afastaram escombros até desenterrar os cadáveres esmagados de companheiros com os quais tinham trabalhado cotovelo com cotovelo, irmãos *zenshiítas* que tinham sido capturados quando as naves de Tlulaxa atacaram as cidades de Anbus IV.

Com o tempo, Budalá lhes ensinaria o caminho da liberdade. Durante veladas junto às fogueiras, o líder tinha prometido que os opressores seriam castigados... senão nesta geração, na seguinte, o na outra. porém ocorreria. Um simples homem como Bel Moulay não podia apressar a Deus.

Com gritos de alarme, dois escravos afastaram a seção derrubada de uma parede e descobriram a um homem que ainda se aferrava à vida, embora tivesse as pernas esmagadas e o torso esfaqueado por fragmentos do *plaz* das janelas. Holtzman, preocupado, se aproximou e examinou ao ferido.

- Não sou médico, mas acredito que há poucas esperanças.

Bel Moulay mirou-o com seus olhos escuros e penetrantes.

- Não obstante, temos que fazer o que pudermos - disse em *galach*.

Três operários *zenshiítas* retiraram os escombros e transportaram o homem através da ponte. Os médicos se ocupariam das feridas nos alojamentos dos escravos.

Depois do acidente, Holtzman tinha proporcionado fornecimentos médicos básicos, embora um gesto similar não tivesse impedido que a febre se estendesse entre a população escrava. O cientista fiscalizava o trabalho dos operários que limpavam os entulhos, mas estava concentrado em suas prioridades.

O sábio fez um gesto impaciente em direção aos escravos que continuavam procurando possíveis sobreviventes.

- Você e você, parem de desenterrar corpos e recuperem o que restou do meu aparelho.

Os ásperos cativos olharam para Moulay em busca de conselho. O homem meneou a cabeça.

- Não vale a pena resistir agora - murmurou em seu idioma misterioso. - Mas prometo que o dia chegará.

Mais tarde, durante seu breve momento de sonho, dedicariam a seus mortos os rituais que sua religião observava. Queimar os corpos dos fiéis era algo que seu credo não aceitava com facilidade, mas era o costume de Poritrin. Bel Moulay estava seguro de que Budalá não podia culpá-los por desobedecer as normas tradicionais, já que não tinham opção.

Não obstante, sua deidade podia enfurecer-se muito. Moulay confiava em viver o suficiente para ver a vingança abater-se sobre estes opressores, embora fosse na forma de máquinas pensantes.

Quando o centro de experimentos ficou limpou, Holtzman começou a falar consigo mesmo, planejando novos experimentos e provas. Pensava em comprar mais escravos para compensar as perdas recentes.

No total, recuperaram-se doze escravos do centro de experimentos, enquanto os que haviam caído da ponte já tinham sido recolhidos do rio e conduzidos aos fornos crematórios públicos. Bel Moulay conhecia os nomes de todas as vítimas, e se encarregaria de que os *zenshiítas* elevassem contínuas preces pelos falecidos. Nunca esqueceria o acontecido aqui.

Nem quem era o responsável: Tio Holtzman.

65

A mente impõe um marco arbitrário chamado "realidade", que é independente por completo da informação proporcionada pelos sentidos.

Pensadores,
Postulados fundamentais

"Nada é impossível", havia dito o cérebro imaterial.

Na quietude cinza que precede à aurora, Iblis Ginjo dava voltas sem parar em sua cama improvisada. Como fazia um calor próprio da época, havia colocado a cama fora do alpendre de casa simples que os *neocimeks* lhe tinham dado. Tinha permanecido acordado, contemplando as longínquas estrelas e perguntando-se quais estavam ainda sob o controle dos humanos livres.

Muito longe, a liga tinha conseguido manter *Omnius* a raia durante mil anos. Ouvindo, mas sempre temeroso de fazer perguntas ou chamar a atenção, Iblis tinha se informado de que as máquinas tinham conquistado, e depois perdido, Giedi Prime. Os humanos tinham expulso às máquinas, liquidado o titã Barba Azul e destruído um novo *Omnius*. Um feito incrível. Mas como? O que tinham feito para alcançar tal vitória? Que tipo de líderes tinham? Como ele faria o mesmo aqui?

Cansado e aturdido, Iblis se remexeu. Uma vez mais, passaria o dia convencendo a escravos de nível inferior de que terminassem trabalhos absurdos para seus amos mecânicos. Cada dia era igual, e as maquinas pensantes podiam viver milhares de anos. Que objetivos poderia alcançar durante a mísera duração de sua vida humana? Mas Iblis se confortava com as palavras do pensador: nada é impossível.

Abriu os olhos, com a intenção de ver sair o sol. Em vez disso, viu um reflexo distorcido, uma parede curva de *plexiplaz*, contornos orgânicos rosados suspensos em um contêiner de líquido carregado de energia.

Levantou-se imediatamente. O pensador Eklo descansava sobre o chão da terraço. Ao lado do contêiner estava sentado o gigantesco monge, Aquim, que se mexia para frente e para trás com os olhos fechados, meditando em um transe de semuta.

- O que faz aqui? - perguntou Iblis em voz baixa. O medo ardia em sua garganta. – Se os *cimeks* os encontrarem no acampamento, vocês...

Aquim abriu seus olhos nublados.

- Os humanos de confiança não são os únicos mantêm acordos com os titãs, e com *Omnius*. Eklo deseja falar contigo sem intermediários.

Iblis engoliu em seco e passeou a vista entre o cérebro suspenso no eletrolíquido e o monge.

- O ele que quer?

- Eklo deseja te falar de revoltas humanas abortadas. - Apoiou uma mão sobre o contêiner e acariciou a lisa superfície, como se captasse vibrações. – Já ouviu falar das Rebeliões *Hrethgir*?

Iblis olhou a seu redor com ar furtivo. Não viu nenhum olho espião de *Omnius*.

- Esse tipo de histórias estão proibidas aos escravos, inclusive a um capataz de meu nível.

O subordinado se inclinou para frente e arqueou as sobrancelhas. Falou de coisas que havia averiguado, sem necessidade de conectar-se através do eletrolíquido à mente do pensador.

- Ocorreram rebeliões sangrentas depois que os titãs se transformassem em *cimeks*, mas antes que *Omnius* despertasse. Ao acreditarem-se imortais, os *cimeks* foram se tornando cada vez mais brutais, em especial o chamado Ajax, que se mostrou tão cruel na hora de torturar os humanos sobreviventes, que sua esposa Hécate o abandonou e desapareceu.

- Os séculos não mudaram muito ao Ajax - comentou Iblis.

Os olhos avermelhados do monge brilharam. O cérebro do Eklo falou no interior de sua solução nutritiva.

- Devido à excessiva brutalidade de Ajax, os humanos oprimidos se rebelaram, sobretudo em Walgis, mas logo a chama se estendeu a Corrin e Richese. Os escravos elevaram-se e destruíram dois dos primeiros titãs, Alexandre e Tamerlão. Os *cimeks* responderam de uma forma contundente e decisiva. Ajax se encarregou com grande prazer de isolar Walgis e exterminar metodicamente todos os humanos. Bilhões foram aniquilados.

Iblis se esforçou por refletir. O pensador tinha saído da Torre para lhe ver. A magnitude do gesto o deixava atônito.

- Está me dizendo que uma revolta contra as máquinas é possível, ou que está condenada ao fracasso?

O enorme monge agarrou a mão de Iblis.

- Eklo lhe responderá isso.

Iblis experimentou uma onda de inquietação, mas antes que pudesse opor resistência, Aquim afundou os dedos do capataz no viscoso eletrolíquido que rodeava o cérebro do pensador. Primeiro, sentiu a solução fria, e depois quente. A pele de sua mão formigou, como se milhares de diminutas aranhas corressem sobre sua carne.

De repente, percebeu pensamentos, palavras e impressões que Eklo lhe transmitia à mente.

- A revolta fracassou, mas ai, que glorioso intento!

Iblis recebeu outra mensagem, este sem palavras, mas transmitia um significado, como uma manifestação divina. Era como se lhe tivesse sido revelada a maravilha do universo revelado, tantas coisas que antes não tinha compreendido... tantas coisas que *Omnius* ocultava aos escravos. Possuído de uma grande serenidade, afundou mais a mão no líquido. As pontas de seus dedos acariciaram a malha do pensador.

- Você não está sozinho. - As palavras do Eklo ressonaram em sua alma. - Eu posso ajudar. Aquim pode ajudar.

Durante alguns momentos, Iblis olhou para o horizonte, onde o sol dourado se elevava sobre a Terra escravizada. Agora já não considerava esta história de uma rebelião fracassada como uma advertência, mas sim como um sinal de esperança. Uma revolta melhor organizada poderia triunfar, contando com a liderança e o planejamento adequados. E o líder adequado.

Iblis, que não tinha tido outro objetivo em sua vida que desfrutar da comodidade de seu cargo como humano de confiança das máquinas, notou que a ira começava a crescer em seu interior. A revelação entusiasmou seu coração. O monge Aquim parecia compartilhar a mesma paixão atrás de sua expressão aturdida por causa da *semuta*.

- Nada é impossível - repetiu Eklo.

Iblis, assombrado, tirou a mão do líquido e contemplou seus dedos. o monge recolheu o contêiner cerebral do pensador e o fechou. Embalou o cilindro contra o peito e se dirigiu a pé para as montanhas, deixando Iblis meditando nas visões que haviam inundado sua alma.

66

Acreditar em uma máquina "inteligente" engendra desinformação e ignorância. Abundam as hipóteses não analisadas. Não se formulam as perguntas cruciais. Não compreendi minha arrogância, ou meu engano, até que foi muito tarde para nós.

BARBA AZUL,
Anatomia de uma rebelião

Erasmo desejava que a sofisticada supermente tivesse dedicado mais tempo a estudar as emoções humanas. Afinal, os planetas Sincronizados tinham acesso a imensos bancos de dados compilados durante milênios de estudos humanos. Se *Omnius* houvesse tomado a tarefa, talvez compreenderia agora a frustração do robô independente.

- Seu problema, *Omnius* - disse o robô à tela de uma sala situada no alto da vila, - é esperar respostas específicas e precisas em um sistema fundamentalmente inseguro. Quer grandes quantidades de sujeitos experimentais, todos humanos, que se comportem de uma maneira previsível, tão regulamentados como seus robôs sentinela.

Erasmo passeou ante o visor, até que ao fim *Omnius* ordenou a dois olhos espiões que o enfocassem de direções diferentes.

- Eu o encarreguei de desenvolver um modelo detalhado e reprodutível que explique e prediga com precisão o comportamento dos humanos. Como transformá-los em seres úteis? Confio em você para me explicar isto a minha inteira satisfação. - *Omnius* adotou um tom agudo. - Tolero seus incessantes experimentos com a esperança de receber uma resposta algum dia. Faz muito tempo que está tentando. É como um menino, que joga com as mesmas trivialidades uma e outra vez.

- Sirvo a um propósito valioso. Sem meus esforços para compreender aos *hrethgir*, experimentaria um estado de extrema confusão. Para utilizar o jargão humano, sou seu "advogado do diabo".

- Alguns humanos o chamam de diabo - replicou *Omnius*. - Meditei longamente sobre o tema de seus experimentos, e devo concluir que, descubra

o que descobrir sobre os humanos, não nos revelará nada novo. São completamente imprevisíveis. Os humanos necessitam de muita manutenção. Criam desordem...

- Eles nos criaram, *Omnius*. Acha que somos perfeitos?

- Acredita que emular os humanos os fará mais perfeitos?

Embora a supermente não extraísse nenhum significado do gesto, Erasmo franziu o cenho de seu rosto maleável.

- Pois... sim - disse por fim o robô. - Podemos chegar a ser o melhor de ambos.

Os olhos espiões lhe seguiram quando cruzou a sala até chegar ao balcão, vários pisos acima da praça ladrilhada que se abria ao centro da cidade. As fontes e gárgulas eram magníficas, imitações da Idade de Ouro da arte e a escultura da Terra. Nenhum robô apreciava a beleza tanto como ele. Nesta tarde ensolarada, os artesãos decoravam com volutas os marcos das janelas, e se estavam abrindo novos ocos na fachada para instalar mais estátuas e suportes de vasos, pois Serena Butler gostava de muito cuidar deles.

Da altura vigiava os dóceis humanos. Alguns operários elevaram a vista para olhar para ele, e imediatamente se dedicaram com mais diligencia a suas tarefas, como temerosos de que os castigasse, ou pior ainda, lhes elegesse para algum de seus horríveis experimentos de laboratório.

Erasmo continuou a conversação com a supermente.

- Estou seguro de que alguns de meus experimentos o intrigam. *Omnius*, ao menos um pouco.

- Já sabe a resposta.

- Sim, o experimento para pôr a prova a lealdade de seus súditos humanos segue seu rumo. Enviei mensagens críticas a punhado de candidatos escolhidos entre os humanos de confiança (prefiro não revelar o número), sugerindo que se unam a incipiente rebelião contra você.

- Não há nenhuma rebelião incipiente contra mim.

- Claro que não. E se os humanos de confiança lhe são absolutamente leais, nunca pensarão em tal possibilidade. Por outra parte, se fossem leais a sua autoridade, teriam vindo denunciar a mim tais mensagens incendiárias. Por conseguinte, suponho que haverá recebido informe de meus sujeitos, não?

Omnius vacilou durante um longo momento.

- Voltarei a checar meus registros.

Erasmo observou o trabalho dos artesãos na praça, e logo se encaminhou ao outro lado da mansão. Lançou um olhar aos miseráveis recintos de onde que extraia suas cobaias.

Muito tempo antes tinha criado um subgrupo de cativos abaixo dessas condições. Ele os tinha tratado como animais para ver como afetava seu tão propagado "espírito humano". Ao cabo de uma ou duas gerações, tinham perdido todo vestígio de comportamento civilizado, valores morais, noção de família e dignidade.

- Quando impusemos um sistema de castas aos humanos nos Planetas Sincronizados - disse Erasmo, - você tentou transformá-los em seres mais regulamentados, como máquinas. - Esquadrinhou as sujas e ruidosas massas que se amontoavam nos estábulos. - Ao mesmo tempo em que o sistema de castas os compartimentava em certas categorias, perpetuamos um modelo de comportamento humano que lhes permitisse apreciar as diferencia com outros membros de sua raça. É próprio da natureza humana lutar pelo que não se possui, apoderar-se das recompensas que poderiam ir parar a outra pessoa. Invejar as circunstâncias alheias.

Enfocou suas fibras ópticas para o mar, que relava ao outro lado e os recintos de escravos, as ondas branco-azuladas que rompiam próximas ao terraço. Elevou o rosto para poder ver as gaivotas que voavam. Tais imagens satisfaziam seu sentido da estética programado, muito mais que o recinto.

- Seus seres humanos mais privilegiados - continuou Erasmo, - como o filho atual de Agamenon, gozam da posição mais elevada entre os de sua raça. São nossos bichinhos domésticos de confiança, e ocupam um degrau intermediário entre os seres biológicos conscientes e as máquinas pensantes. Deste grupo extraímos candidatos a *neocimeks*.

O olho espião se aproximou da polida cabeça do robô com um zumbido.

- Tudo isto eu já sei - disse *Omnius* por meio do objeto voador.

Erasmo prosseguiu como se não tivesse ouvido.

- A casta inferior a dos humanos de confiança inclui humanos civilizados e educados, criadores e pensadores consumados, como os arquitetos que desenham os intermináveis monumentos dos titãs. Atribuímos-lhes tarefas sofisticadas, como as que levam a cabo os artesãos e ourives de minha vila. Logo vem o pessoal de minha mansão, meus cozinheiros, meus jardineiros.

O robô olhou para os recintos de escravos, e percebeu que sua monstruosa fealdade lhe impelia a voltar para seus jardins botânicos para passear entre as espécies cultivadas.

Serena Butler já havia feito maravilhas com as plantas. Tinha intuição para a jardinagem.

- Na verdade, essa sujeira de meus estábulos serve para pouco mais que procriar novos sujeitos para serem diseccionados em experimentos médicos.

Em um aspecto, Erasmo era como Serena: necessitava com freqüência podar e escavar a raça humana em seu próprio jardim.

- Me apresso a acrescentar - disse o robô - que a humanidade em seu conjunto é de supremo valor para nós. Insubstituível.

- Já ouvi seus raciocínios em outras ocasiões - murmurou *Omnius*, enquanto o olho espião se elevava, para desfrutar de uma vista mais ampla. - Apesar de que as máquinas poderiam realizar todas as tarefas que você enumerou, aceitei a lealdade de meus súditos humanos, e lhes é concedido alguns privilégios.

- Seus raciocínios não parecem... - Erasmo vacilou, porque a palavra que lhe tinha vindo à mente significaria um tremendo insulto para um computador. - Lógicos.

- Todos os humanos - disse *Omnius*, - com sua estranha inclinação para as crenças religiosas e a fé em coisas incompreensíveis, deveriam rezar para que seus experimentos me dêem a razão sobre a natureza humana, e não a você. Porque se você estiver certo, Erasmo, se produzirão conseqüências inevitáveis e violentas para toda sua raça.

67

A religião, freqüentemente considerada uma força que divide as pessoas, também é capaz de unir o que de outra maneira poderia separar-se.

LIVIA BUTLER,
jornais privados

As restingas de Isana se estendiam em um amplo leque, onde o rio se transformava em uma massa de água e esterco. Ishmael, sem camisa, erguia-se no lodo, apenas capaz de manter o equilíbrio. Cada noite lavava sua palmas doloridas e lhes aplicava emplastros de ervas.

Os capatazes não mostravam a menor compaixão pelos padecimentos dos escravos. Um deles agarrou a mão de Ishmael e a virou para examinar as chagas, e logo a afastou.

- Continue trabalhando. Assim se endurecerá.

Ishmael voltou para trabalho, não sem antes observar em silêncio que as mãos do homem estavam em muito melhor estado que as suas. Assim que terminasse a temporada de plantar moluscos, os proprietários dos escravos lhes dariam outro trabalho. Possivelmente lhes enviariam ao norte para cortar cana de açúcar.

Alguns *zensunni* murmuravam que, se fossem transportados a terrenos agrícolas, escapariam de noite para as terras despovoadas. Mas Ishmael não tinha nem idéia de como sobreviver em Poritrin, não conhecia a parte comestível das plantas nem os predadores nativos, ao contrário que em Harmonthep. Qualquer fugitivo se veria privado de ferramentas ou armas, e se o capturassem enfrentaria sem dúvida um violento castigo.

Alguns escravos ficaram cantando, mas as canções folclóricas variavam de planeta em planeta, e os versos mudavam entre as seitas *budislâmicas*. Ishmael trabalhou até que todos os seus músculos e os ossos doíam, e seus olhos só viam o reflexo do sol na água. Nas intermináveis viagens de ida e volta às conchas de abastecimento, devia ter plantado um milhão de crias de molusco. Sem dúvida, pedir-lhe-iam que plantasse outro milhão.

Quando ouviu três apitos seguidos, elevou a vista e viu o supervisor de lábios de rã subido a sua plataforma, seco e cômodo. Ishmael sabia que ainda não era a hora do breve descanso matutino dos escravos.

O supervisor passeou a vista sobre a equipe com os olhos entreabertos, como se estivesse escolhendo. Apontou para um punhado dos plantadores mais jovens, entre eles Ishmael, e lhes ordenou que se encaminhassem para uma zona de espera situada em terreno seco.

- Lavem-se. Vocês vão para outro lugar.

Ishmael sentiu que uma mão fria espremia seu coração. Mesmo odiando o barro fedorento, estes refugiados de Harmonthep eram sua única conexão com seu planeta natal e sua família.

Alguns "voluntários" gemeram. Dois que não tinham sido selecionados se aferraram a seus companheiros mais afortunados, negando-lhes que se fossem. O supervisor ladrou umas palavras e moveu as mãos com gestos ameaçadores. Um par de dragões armados chegaram para fazer cumprir a ordem. Seu uniforme dourado se manchou de barro quando separaram os escravos.

Ainda que triste e aterrorizado, Ishmael não ofereceu resistência. Se resistisse, nunca ganharia.

O supervisor estirou os lábios em um sorriso.

- Você têm sorte. aconteceu um acidente nos laboratórios do sábio Holtzman, e necessita de novos escravos que se encarreguem dos cálculos. Meninos preparados. Trabalho fácil, comparado com isto.

Ishmael, cético, lançou um olhar ao grupo de moços.

Desarraigado de novo, afastado de uma existência espantosa que estava começando a lhe parecer normal, Ishmael caminhou com outros, sem compreender o que esperavam dele. Encontraria alguma forma de sobreviver. Seu avô lhe tinha ensinado que a sobrevivência era a chave do êxito, e que a violência era o último refúgio de um fracassado. Era a tradição *zensunni*.

Limpo e esfregado, com o cabelo cortado, Ishmael se remexia inquieto com sua roupa nova. Esperava em uma sala grande com uma dúzia de recrutas chegados de todo Starda.

Havia dragões apostados nas portas. Suas armaduras de escamas douradas e os trabalhados cascos lhes davam aspecto de aves de rapina.

Ishmael se colocou ao lado de um menino moreno de sua mesma idade, que tinha a pele castanho claro e a cara enxuta.

- Me chamo Alüd - disse o menino em voz baixa, embora os guardas lhes tivessem ordenado que guardassem silêncio. Alüd projetava uma energia

que pressagiava problemas, ou talvez um futuro líder. Um visionário ou um criminoso.

- Eu sou Ishmael.

Passeou um olhar nervoso a seu redor.

Um dragão se voltou para os sussurros, e ambos os meninos formaram plácidas expressões em seus rostos. O guarda afastou a vista, e Alüd falou de novo.

- Fomos capturados em Anbus IV, de onde vem você?

- De Harmonthep.

Um homem bem vestido entrou na habitação com grande aparato. De pele pálida e cabelo grisalho, comportava-se como um grande senhor. Levava correntes decorativas ao redor do pescoço e um manto branco de mangas folgadas. Seu rosto e seus olhos penetrantes demonstravam pouco interesse pelo grupo de escravos. Examinou seus jovens trabalhadores sem grande satisfação, só resignação.

- Servirão, se os preparar bem e os vigiar em todo momento.

Estava ao lado de uma diminuta jovem de traços vulgares que tinha corpo de menina, embora seu rosto parecesse muito maior. O homem do manto branco, preocupado, murmurou algo em seu ouvido e se foi, como se tivesse coisas mais importantes a fazer.

- Era o sábio Holtzman - disse a jovem. - O grande cientista é agora seu amo. Nosso trabalho contribuirá para a derrota das máquinas pensantes.

Dedicou-lhes um sorriso de esperança, mas parecia que poucos recrutas estavam interessados nas intenções de seu novo amo. Confusa por sua reação, a mulher continuou.

- Sou Norma Cenva, e também trabalho com o sábio Holtzman. Ele lhes ensinará a realizar cálculos matemáticos. A guerra contra as máquinas pensantes nos afeta a todos, e desta maneira poderão contribuir.

Parecia que tinha ensaiado o discurso muitas vezes.

Alüd franziu o cenho.

- Sou mais alto que ela!

Como se lhe tivesse ouvido, Norma se voltou e olhou diretamente para Alüd.

- Com um só risco de sua pluma, podem terminar um cálculo que talvez obtenha a vitória sobre *Omnius*. Não esqueçam disso.

Quando se virou, Alüd disse pelo canto da boca:

- E se os ajudarmos a ganhar a guerra, nos deixarão em liberdade?

De noite, em suas habitações comunitárias, ninguém incomodava os escravos. Aqui, os cativos budislâmicos mantinham viva sua cultura. Ishmael ficou surpreso ao ver que tinha sido aceito entre membros da seita *zenshiíta*, uma interpretação diferente do *budislam* que se separou dos *zensunni* muitos séculos atrás, antes da grande fuga do Império Antigo.

Conheceu o musculoso líder, Bel Moulay, um homem que tinha conseguido permissão para que sua gente pudesse levar os tradicionais objetos sobre os uniformize de trabalho.

A vestimenta tribal era um símbolo de sua identidade, o branco da liberdade e o vermelho do sangue. Os amos de Poritrin não sabiam nada de simbolismos, e era melhor assim.

Alüd, com os olhos brilhantes, sentou-se ao lado de Ishmael.

- Escute Bel Moulay. Ele nos dará esperança. Tem um plano.

Ishmael se agachou. Sua barriga estava cheia de uma comida insípida e estranha, mas nutritiva. Apesar de que não gostasse muito de seu novo amo, o garoto preferia trabalhar aqui de que nas horríveis restingas.

Bel Moulay ordenou-lhes que rezassem com voz firme, e depois entoou *sutras* sagrados em um idioma que o avô de Ishmael tinha empregado, uma língua oculta compreendida somente pelos mais devotos. Dessa forma, podiam conversar sem que seus amos entendessem.

- Nosso povo esperou a vingança - disse Moulay. - Fomos livres, logo nos capturaram. Alguns somos escravos há pouco, outros serviram a homens malvados durante gerações. - Seus olhos eram ardentes, seus dentes muito brancos em contraste com os lábios escuros e a barba negra. - Mas Deus nos deu nossas mentes e nossa fé. Cabe a nós encontrar as armas e a resolução necessária.

Os murmúrios inquietaram Ishmael. Parecia que Bel Moulay estava pregando a revolta, um levantamento violento contra os amos. Para Ishmael, isso não era o que Budalá tinha pregado.

Os escravos de Anbus IV, que tinham se sentado juntos, vaiaram ameaças de desforra.

Moulay falou da desastrosa prova do ressonador de liga que tinha provocado a morte de dezessete escravos inocentes.

- Temos padecido indignidades sem conta - disse Moulay. Os escravos expressaram com grunhidos seu assentimento. - Fazemos tudo o que nossos amos exigem. Ficam os benefícios do que obtemos, mas os *zenshiítas* - dirigiu um rápido olhar para Ishmael e aos novos membros do grupo, - assim como nossos irmãos *zensunni*, nunca obtêm a liberdade. – Inclinou-se para frente,

como se escuros pensamentos cruzassem sua mente. - A resposta está em nossas mãos.

Ishmael recordou que seu avô tinha pregado métodos filosóficos e não violentos de solucionar os problemas. Mesmo assim, o velho Weycop não tinha podido salvar seus aldeões. Os costumes pacifistas *zensunni* lhes tinham falhado em um momento crítico.

Bel Moulay elevou um punho calejado, como se fosse a afundá-lo no fogo.

- Homens que se auto-proclamam "caçadores justiceiros" nos dizem que não têm o menor escrúpulo na hora de obrigar nosso povo a trabalhar. Afirmam que estamos em dívida com a humanidade porque nos negamos a participar de sua louca guerra contra os demônios mecânicos, demônios que eles tinham criado e acreditavam controlar. Mas depois de séculos de opressão, a população de Poritrin está em dívida conosco. E essa dívida tem que ser paga com sangue. - Alüd prorrompeu em vivas, mas Ishmael se sentiu inquieto. Não estava de acordo com esta proposta, mas era incapaz de oferecer uma alternativa. Como somente era um menino, não elevou a voz nem interrompeu a assembléia.

Como seus companheiros, continuou escutando Bel Moulay...

68

Os homens sedentos não falam de mulheres, mas sim de água.

Poesia de acampamento zensunni

Muito longe dos planetas da liga, milhares de povoados não documentados salpicavam os Planetas Não Aliados, lugares onde seres esquecidos viviam do que encontravam. Ninguém saberia de que tinha atacado algumas aldeias.

Por tradição, um bom mercador de carne de Tlulaxa não colhia com freqüência no mesmo planeta, pois preferia surpreender grupos despreparados, sem lhes conceder a chance de se defender. Um caçador de escravos engenhoso encontrava novas cepas de vida, recursos ainda não explorados.

Tuk Keedair deixou seu transporte em órbita e enviou uma nave de carga, com uma tripulação nova, à superfície, junto com créditos suficientes para contratar alguns nativos ambiciosos.

Depois, dirigiu-se sozinho ao espaçoporto de Arrakis City para dar uma olhada, antes de planejar um ataque contra alguma comunidade local. Tinha que ser precavido quando investigava novos objetivos, sobretudo neste mundo desolado situado nos limites do espaço.

Os custos de chegar aqui (combustível, comida, naves e tripulação) eram muito altos, para não falar do tempo investido na viagem e o gasto de conservar os escravos em ataúdes de êxtase. Keedair duvidava que a incursão em Arrakis saísse em conta. Não era sem motivos que todos se esquivassem deste planeta.

Arrakis City se aferrava como uma crosta à feia pele do planeta. Fazia muito tempo, erigiram-se neste lugar abrigos e moradias pré-fabricadas. A escassa população sobrevivia de emprestar serviços a comerciantes extraviados ou naves de reconhecimento, e de vender fornecimentos a fugitivos da lei. Keedair suspeitava que alguém desesperado o bastante para fugir até aqui devia ter problemas muito sérios.

Quando se sentou no sujo bar do espaçoporto, seu pendente de ouro triangular brilhou a tênue luz. Sua trança escura pendurava no lado esquerdo

de sua cabeça. Seu comprimento testemunhava anos de arrecadar fortuna, que gastava com prodigalidade mas sem extravagâncias.

Inspecionou aos ásperos nativos, notou seu contraste com um grupo de forasteiros barulhentos refugiados em um canto, homens que deviam reunir um montão de créditos, mas se sentiam decepcionados pelas poucas oportunidades que Arrakis lhes proporcionava de gastar seu dinheiro.

Keedair apoiou um braço sobre a arranhada barra metálica. O garçom era um homem magro cuja pele era uma massa de rugas, como se houvesse perdido toda a umidade e a gordura corporal, deixando-o ressecado como uma uva passa. Sua cabeça calva, similar à ponta de um torpedo, estava coberta de manchas típicas de uma idade avançada.

Keedair exibiu seu dinheiro metálico, créditos da liga que eram de curso legal inclusive nos Planetas Não Aliados.

- Tive um grande dia hoje. Qual é a sua melhor bebida?.

O garçom lhe dedicou um pequeno sorriso.

- Tem em mente algo exótico? Acha que Arrakis poderia ocultar algo que aplacasse sua sede, eh?

Keedair começou a perder a paciência.

- Tenho que pagar um extra pelo bate-papo, ou posso tomar minha bebida? A mais cara. Qual é?

O garçom riu.

- Água senhor. A água é a bebida mais valiosa de Arrakis.

O garçom disse um preço mais elevado do que Keedair esperava pagar pelo combustível da nave.

- Por água? Não acredito.

Passeou a vista a seu redor, para comprovar se o garçom estava brincando, mas teve a impressão de que outros clientes aceitavam suas palavras totalmente. Tinha imaginado que o líquido transparente dos copos era álcool incolor, mas a verdade era que parecia água. Observou um extravagante mercado local, cujas roupas coloridas e avultadas, assim como os grandes adornos, assinalavam como um homem rico. Até tinha pedido cubos de gelo para a água.

- Ridículo - disse Keedair. - Sei muito bem quando me enganam.

O garçom sacudiu sua cabeça calva.

- É difícil encontrar água por aqui, senhor. Posso lhe vender álcool por preço melhor, porque os nativos de Arrakis não querem nada que lhes desidrate mais. E um homem com muito álcool de graduação elevada no corpo pode cometer enganos. No deserto, se não estiver atento a tudo isso custará sua vida.

Ao final, Keedair aceitou uma substância fermentada chamada "cerveja de especiaria", potente e picante, que deixava um forte sabor de canela ao escorregar pela garganta. Achou a bebida estimulante e pediu uma segunda.

Enquanto seguia duvidando sobre a viabilidade de Arrakis para seu negócio, Keedair ainda tinha vontade de celebrar algo. O êxito de sua incursão no Harmonthep, quatro meses antes, lhe tinha retornado créditos suficientes para viver durante um ano. Depois do ataque, Keedair tinha contratado uma equipe nova, pois nunca gostava de conservar empregados durante um grande período de tempo, eles acabavam se sentindo confortáveis e se acomodavam. Um bom mercador de Tlulaxa sabia que essa não era a forma de levar um negócio. Keedair fiscalizava o trabalho, encarregava-se em pessoa dos detalhes e obtinha grandes benefícios, que foram parar em seus bolsos.

Bebeu a cerveja de novo, e gostou mais que antes.

- Do que é feita? - Como nenhum dos clientes parecia interessado em sua conversa, olhou para o garçom.

- A cerveja é feita aqui, ou é de importada?

- É feita em Arrakis, senhor. - Quando o garçom sorriu, suas rugas se renderam sobre si mesmas, como uma misteriosa escultura origami feita de couro.

- O povo do deserto nos traz, nômades *zensunni*.

A atenção de Keedair se despertou ao ouvir falar da seita *budislâmica*.

- Me disseram que alguns bandos habitam no deserto, Como posso localizá-los?

O garçom deu uma risada.

- Ninguém quer encontrá-los. São gente suja e violenta. Matam os forasteiros. - Keedair não acreditou na resposta. Teve que formular sua pergunta duas vezes, porque os efeitos da cerveja de especiaria o tinham apanhado de surpresa, e arrastava as palavras.

- Mas os *zensunni*... Pensei que eram pacifistas.

O garçom riu.

- Pode ser que alguns sejam, mas estes não têm medo de derramar sangue em caso de necessidade, me entende.

- São numerosos?

O garçom emitiu um bufo.

- Nunca vemos mais de uma ou duas dúzias de uma vez. São tão endogâmicos, que não estranharia se todos os bebês fossem mutantes.

Keedair ficou boquiaberto, e passou a trança para o outro lado. Seus planos começavam a desmoronar. Além dos gastos de ter trazido a equipe até Arrakis, seus homens teriam que explorar o deserto só para desenterrar alguns

poucos ratos. Keedair suspirou e tomou um grande gole de cerveja. Não valia a pena. O melhor seria atacar Harmonthep de novo, embora ficasse mal ante outros caçadores de escravos.

- Poderia haver mais dos que acreditam, é claro - disse o garçom. - Envoltos com essas roupagens do deserto, todos se parecem.

Enquanto Keedair saboreava a bebida, um formigamento percorreu seu corpo. Não se tratava de euforia, mas sim de uma de bem-estar. Então, uma idéia iluminou em sua mente. Afinal, um homem de negócios, sempre busca novas oportunidades.

Não se importando de onde procedesse a mercadoria.

- O que me diz desta cerveja de especiaria? - Agitou sobre o copo quase vazio com uma grossa unha. - Onde os *zensunni* encontram os ingredientes? Não acredito que no deserto possa crescer nada.

- A especiaria é uma substância natural do deserto. Encontram-se jazidas nas dunas, que ficam descobertas graças ao vento ou explosões de especiaria. Mas também é o reino dos vermes gigantes, e estalam tormentas que matam qualquer coisa. Se quer saber minha opinião, que os *zensunni* se ocupem do assunto. Os nômades trazem carregamentos de especiaria a Arrakis City para comercializar.

Keedair pensou em levar amostras de *melange* aos planetas da liga. Encontraria mercado na rica Salusa, ou entre os nobres de Poritrin? Certamente, a substância obrava um efeito incomum no corpo... Era relaxante, de uma forma que jamais havia experimentado. Se pudesse vendê-la, possivelmente compensaria uma parte dos gastos desta viagem.

O garçom moveu a cabeça em direção à porta.

- Não recebo suficiente cerveja de especiaria para vender-lhe como intermediário, mas um bando de nômades chegou esta manhã. Ficarão dentro de suas tendas para suportar o calor do dia, mas os encontrará no mercado esta noite, no extremo leste do espaçoporto. Venderão o que tiverem. É claro que eles tentarão enganá-lo.

- A mim ninguém engana - disse Keedair, e mostrou seus dentes afiados em um cruel sorriso. Não obstante, percebeu que arrastava as palavras de uma maneira alarmante ao falar. Teria que deixar passar os efeitos da cerveja antes de se encontrar com os *zensunni*.

Toldos de tecido marrom e branco ofereciam retalhos de sombra. Os nômades estavam sentados longe do bulício do espaçoporto. Estes *zensunni* tinham construído lojas e refúgios a base de lonas impermeabilizadas e pacotes

de carregamento. Algumas tecidos pareciam feitos de um tipo diferente de polímero, uma espécie estranha de plástico que Keedair nunca havia visto.

O sol caia depois da barreira de montanhas, ao mesmo tempo em que tingia o céu de tons laranja e vermelho sangue. Quando a temperatura caiu, se elevou o vento, que levantou a areia. Os toldos se agitaram e sacudiram com estrépito, mas os nômades não fizeram conta, como se o ruído fosse música para seus ouvidos.

Keedair se aproximou sozinho, ainda um pouco enjoado, embora tivesse a cabeça muito limpa depois de ter tomado somente água durante o resto da tarde... a um preço exorbitante. Ao vê-lo, duas mulheres esperançosas entraram em suas lojas e pulverizaram objetos sobre uma mesa. Havia um homem perto delas, com um símbolo geométrico tatuado em seu rosto magro, os olhos escuros e desconfiados.

Sem dizer uma palavra, Keedair deixou que as mulheres exibissem seus tecidos de cores, junto com rochas de formas estranha, polidas por tormentas de areia, e alguns irrisórios objetos oxidados de uma tecnologia já esquecida, que Keedair não poderia vender nem ao mais crédulo e excêntrico colecionador de antiguidades. Meneou a cabeça com ar áspero a cada vez, até que o homem (uma das mulheres o tinha chamado de *naib* Dhartha) disse que não tinha nada mais.

Keedair foi direto ao ponto.

- Hoje provei cerveja de especiaria. O homem que me vendeu sugeriu que falasse contigo.

- Cerveja de especiaria - disse Dhartha. - Feita de *melange*. Sim, pode-se conseguir.

- Quanta pode entregar, e a que preço?

O *naib* estendeu as mãos e sorriu apenas.

- Tudo está aberto à discussão. O preço depende da quantidade que deseje. O bastante para um mês de uso pessoal?

- Por que não toda a adega de uma nave? - replicou Keedair, e viu assombro no rosto dos nômades. Dhartha se recuperou rapidamente.

- Demoraremos um tempo para reuni-la. Um mês, possivelmente dois.

- Posso esperar... se chegarmos a um acordo. Vim com uma nave vazia. Tenho que levar algo. Lançou um olhar aos objetos e as rochas. - E não quero carregar nada disso. Seria o bobo da liga.

Apesar do interesse de Tlulaxa por produtos biológicos, Keedair não estava amarrado com o negócio da escravidão. Em caso de necessidade, faria seu próprio caminho e não retornaria jamais ao sistema solar de Thalim. Além disso, muitos *tlulaxa* eram fanáticos religiosos, e tinha se cansado de dogmas e

política. Sempre haveria demanda de bebidas e drogas, e se pudesse introduzir algo novo e exótico, uma droga que os nobres mais ricos não tivessem provado ainda, poderia alcançar uma boa margem de lucros.

- Mas antes, me diga exatamente o que é a *melange* - continuou Keedair. - De onde sai?

Dhartha fez um gesto a uma das mulheres, que se agachou sob o toldo. Levantou-se uma brisa cálida, e o tecido de polímero estalou com mais força que antes. O sol estava se ocultando atrás do horizonte, o que obrigava a entrecerrar os olhos se olhasse naquela direção.

Isto o impediu de captar matizes na expressão do homem do deserto.

Depois de alguns momentos, a mulher trouxe duas pequenas taças fumegantes de um líquido espesso e negro que cheirava a canela picante. Serviu primeiro a Keedair, e este baixou a vista, intrigado mas cético.

- Café misturado com *melange* pura - explicou Dhartha. - Você gostará.

Keedair recordou o preço exorbitante da água que tinha adquirido no bar, e decidiu que o nômade estava investindo na conversa. Tomou um gole, com cautela a principio, porém não lhe ocorreu nenhum motivo para que quisessem envenená-lo. Saboreou o café quente na língua e experimentou uma sensação elétrica, um delicioso sabor que lhe recordava a cerveja de especiaria, que seu sistema ainda não havia eliminado. Tinha que ser precavido, ou perderia seu instinto para os negócios.

- Colhemos *melange* no *Tanzerouft*, o deserto onde vivem os vermes diabólicos. É um lugar muito perigoso. Perdemos muitos dos nossos, porém a especiaria é preciosa.

Keedair tomou outro gole de café e teve que reprimir-se para não aceitar um trato de imediato. As possibilidades estavam aumentando. Enquanto os dois homens mudavam de posição, Keedair pôde ver bem o rosto enxuto de Dhartha. Os olhos do *naib* não só eram escuros; eram de um azul profundo. Até os brancos estavam tintos de anil.

Muito peculiar. Perguntou-se se seria um defeito provocado pela endogamia dos *zensunni*.

O homem do deserto introduziu a mão em um bolso e extraiu uma pequena caixa, que ao abri-la revelou um pó marrom escamoso e comprimido. Estendeu-a para Keedair, que removeu o conteúdo com a ponta do dedo menor.

- *Melange* pura. Muito potente. Nós a utilizamos em nossas comidas e bebidas.

Keedair levou a ponta do dedo à língua. A *melange* era forte e estimulante, mas também relaxava. Sentiu-se pleno de energia e sereno ao mesmo tempo. Sua mente parecia mais afiada, não nublada como quando tomava álcool ou drogas em excesso. Conteve-se, para não parecer muito ansioso.

- Se consumir *melange* durante um longo período - estava dizendo Dhartha, - ela ajuda a conservar sua saúde e manter-se jovem.

Keedair não fez comentários. Tinha escutado afirmações similares sobre diversas "fontes da eterna juventude". Pelo que ele sabia, nenhuma delas se demonstrou eficaz.

Fechou a tampa da caixinha e a guardou no bolso, embora ela não tivesse sido oferecida como presente.

Levantou-se.

- Voltarei amanhã. Conversaremos mais. Tenho que refletir sobre este assunto.

O *naib* grunhiu em concordância.

Keedair caminhou para sua nave, que se encontrava dentro dos limites do espaçoporto.

Os cálculos preliminares o aturdiam. Seus homens se sentiriam decepcionados por não haver levado a cabo nenhuma incursão, mas Keedair pagaria o mínimo que ditava seu contrato.

Precisava meditar sobre as possibilidades desta potente especiaria antes de negociar um preço com os nômades. Arrakis estava muito longe das rotas comerciais habituais. A idéia o entusiasmava, mas não estava seguro de poder exportar a substância exótica e conseguir lucros.

Como era realista, duvidava de que a *melange* fosse algo mais que mera curiosidade.

69

Os humanos são sobreviventes por antonomásia. Fazem coisas por egoísmo, e depois tentam ocultar seus motivos mediante complicados subterfúgios. Dar de presente coisas é um exemplo emblemático do comportamento secretamente egoísta.

ERASMO,
nota sobre os recintos de escravos

Pouco antes de meia-noite, Aurelius Venport estava sentado em uma mesa larga de madeira de opala, em uma reverberante câmara afundada nas profundidades da cova que albergava a cidade de Rossak. Tinha mobiliado esta habitação para suas reuniões de negócios com prospectores de drogas, bioquímicos e mercadores de produtos farmacêuticos, mas Zufa Cenva utilizava-a de vez em quando para seus encontros privados.

Apesar de que a escuridão já tinha caído, a feiticeira se achava na perigosa selva, treinando suas jovens protegidas e preparando-as para ataques suicidas. Venport não sabia muito bem se Zufa, estava ansiosa ou aterrada pela possibilidade de que voltassem a solicitar a ajuda de suas pupilas.

Confiava em que sua parceira não tivesse idéias de deixá-lo sozinho, embora certamente ficaria encantada em transformar-se em mártir. Zufa pensava conhecê-lo bem, culpava-o por seus fracassos imaginários, mas Venport ainda a amava. Não desejava perdê-la.

Fazia uma hora que Zufa deveria ter retornado, e ele a estava esperando. Não adiantaria de nada ser impaciente. A altiva feiticeira se atinha a seus próprios horários, e dizia que as prioridades de Venport careciam de toda importância.

Face à escuridão, a habitação estava iluminada por uma luz cálida e confortável, procedente de uma esfera amarela que flutuava sobre a mesa como um sol individual portátil.

Norma a tinha enviado desde Poritrin como presente, uma fonte de luz compacta mantida por um novo campo suspensor que ela tinha

desenvolvido. Apoiado no mesmo princípio que o painel luminoso, mas muito mais eficaz, o aparelho gerava luz como subproduto resultante do próprio campo suspensor. Norma o chamava globo de luz, e Venport tinha estado estudando suas possibilidades comerciais.

Venport tomou um longo gole de cerveja de ervas amarga. Fez uma careta, e depois bebeu um pouco mais, para acalmar seus nervos. Zufa deveria chegar de um momento a outro, e desejava vê-la. As feiticeiras tinham erigido na selva um altar em honra a defunta Heoma. Possivelmente estavam todas ali neste momento, dançando a seu redor baixo a luz das estrelas, salmodiando encantamentos como bruxas. Talvez, Apesar da sua lógica e determinação fria e agnóstica, escolhiam momentos de intimidade para adorar a força vital de Gaia, uma mãe Terra que encarnava o poder feminino. Qualquer coisa que pudesse afastá-las do que chamavam os "débeis" homens...

Exércitos de mosquitos começaram a invadir a sala vindos dos corredores exteriores, atraídos pela luz do globo suspensor. Os insetos noturnos possuíam um voraz apetite de sangue humano, mas somente dos homens. Era uma das brincadeiras de Rossak, como se as feiticeiras tivessem lançado um encantamento sobre os diminutos animais, para manter os homens em casa à noite, enquanto as mulheres levavam a cabo seus ritos secretos na selva.

Outro quarto de hora se passou, e Zufa não veio. Frustrado, Venport terminou a cerveja e deixou o copo vazio sobre a mesa, com um suspiro de desgosto. Poucas vezes pedia vê-la, mas isto era importante para ele. Acaso não podia lhe conceder alguns momentos de seu precioso tempo?

Continuava lutando para ganhar sua compreensão e respeito. Durante anos, Venport tinha exportado com êxito narcóticos destinados a fins médicos e produtos farmacêuticos manufaturados nas fábricas de Rossak. No mês passado, seus homens tinham obtido esplêndidos benefícios pela venda de drogas psicodélicas a Yardin. Eram as drogas favoritas dos místicos *budislâmicos* que governavam o planeta. Os místicos utilizavam os alucinógenos de Rossak em rituais religiosos, com a intenção de alcançar o esclarecimento.

Venport contemplou uma leitosa pedra *soo* que havia sobre a mesa. Um contrabandista de Buzzell, um dos Planetas Não Aliados, tinha-lhe vendido a pedra, muito valiosa e estranha. O contrabandista tinha afirmado que algumas destas pedras, de pureza extraordinária, possuíam capacidades hipnóticas. Queria que Zufa a usasse com orgulho, talvez em um pendente. A feiticeira poderia valer-se dela para potenciar seus poderes.

Introduziu uma tira enrolada de casca de alcalóide em sua boca e a mastigou para relaxar.

Diminuiu a luz do globo e ajustou seu espectro a um brilho mais alaranjado, o que fez que a pedra *soo* dançasse com as cores do arco íris. A casca de alcalóide o acalmava... e distanciava. A pedra emitia um resplendor hipnótico, e perdeu o sentido do tempo.

Quando Zufa entrou na sala, tinha as faces ruborizadas e os olhos brilhantes. Parecia um ser etéreo à luz cálida da habitação. Vestia um vestido comprido e diáfano, com diminutas jóias que brilhavam como um campo de flores cor rubi.

- Vejo que não tem nada importante para fazer - disse, - já com o cenho franzido.

Aurelius procurou recuperar o sentido.

- Nada mais importante que esperar por você. – Pôs-se em pé com todo o orgulho que foi capaz de reunir e agarrou a pedra. - Encontrei isto, e pensei em você. Um presente de Buzzell, onde meus mercadores obtiveram extraordinários benefícios de...

Ao ver a expressão de desdém em seu rosto, Venport se sentiu compungido e se calou.

- E o que devo fazer com ela? - Examinou o presente sem tocá-lo. - Quando me interessei por bagatelas?

- É uma pedra *soo* muito estranha, e disse que pode... potencializar as capacidades telepáticas. Possivelmente possa utilizá-la com suas pupilas. - Ela estava imóvel como uma estátua, indiferente, e Venport continuou rapidamente. - Os budislâmicos de Yardin se tornam loucos por nossas drogas psicodélicas. Ganhei um montão créditos nestes últimos meses, e pensei que isto lhe agradaria.

- Estou cansada e vou para a cama - respondeu Zufa. - Minhas feiticeiras já estão demonstrando suas capacidades. Tendo em conta que as máquinas ameaçam todos os planetas da liga, não teremos tempo a perder com pedras *soo*.

Venport meneou a cabeça. O que lhe haveria custado aceitar o presente? Por que não podia lhe oferecer nenhuma palavra de carinho? Ferido profundamente, uma dor que nem sequer a casca podia acalmar, gritou:

- Se renunciarmos a nossa humanidade para combater às máquinas, Zufa, *Omnius* já terá ganhado!

A mulher vacilou um momento, mas não se voltou para ele, mas se encaminhou para seus aposentos e o deixou sozinho.

70

Ao sobreviver, perdurará nossa humanidade? Aquilo que faz que a vida resulte doce para os seres vivos, cálida e cheia de beleza, também isso tem que sobreviver. Mas não conquistaremos esta humanidade permanente se negarmos a totalidade de nosso ser, se negarmos emoção, pensamento e carne. Se negarmos a emoção, perdemos todo contato com nosso universo. Se negarmos o pensamento, não podemos interagir com o mundo evidente. E se ousarmos negar a carne, inutilizamos o veículo que transporta a todos nós.

PRIMEIRO VORIAN ATREIDES,
Anais do exército da Jihad

A Terra. Vorian viajava no interior de uma esquisita carroça branca, debaixo de uma fina chuva de verão, arrastada por quatro esplêndidos corcéis brancos. Erasmo tinha ordenado ao chofer robô que vestisse um uniforme com largas lapelas militares, abundantes cintas douradas e um tricornio extraído de uma antiga imagem histórica.

A extravagância era ineficaz e desnecessária, além de anacrônica, mas o humano havia ouvido que Erasmo estava acostumado a fazer coisas inexplicáveis. Vor não podia imaginar por que um representante tão importante da supermente queria vê-lo.

Talvez Erasmo tivesse estudado alguns dos simulacros e jogos de guerra que Vorian tinha praticado com Seurat. Sabia que o robô tinha construído extensos laboratórios para investigar questões sobre a natureza humana, que atormentavam sua mente inquisitiva. *Mas o que posso lhe dizer?*

Quando as rodas da carruagem ressonaram sobre os paralelepípedos da entrada da mansão, Vor limpou o vapor da janela. Ainda debaixo de chuva, a impressionante vila grogipcia era mais magnífica que e as cidades redesenhadas pelos robôs. Parecia digna de um príncipe.

Com jardins ornamentais e edifícios com teto de telha suficientes como para formar uma pequena aldeia, a propriedade abrangia muitos

hectares. A casa principal, adornada com um balcão, contava com altas colunas adornadas e gárgulas aladas que dominavam uma praça de recebimento tão grande como a de uma cidade, cheia de fontes e esculturas retorcidas, zonas de encontro pavimentadas e edifícios anexos com paredes de pedra. *O que estou fazendo aqui?*

Dois humanos uniformizados se aproximaram, e abaixaram os olhos como se Vor fosse um dignitário mecânico. Um homem abriu a porta, Enquanto outro o ajudava a descer.

- Erasmo o espera.

Os cavalos brancos estavam inquietos, talvez porque tinham poucas oportunidades de fazer exercício.

Um dos criados segurava um guarda-chuva para proteger a cabeça de Vor da chuva. Estremeceu, pois estava vestido com uma túnica sem mangas e calças de verão. Detestava se molhar, e o desconforto lhe recordou os defeitos e debilidades do corpo humano. Se fosse um *cimek*, teria ajustado sua temperatura interna, e os *mentrodos* apagariam respostas sensoriais irritantes. *Algum dia.*

Uma jovem o recebeu na entrada.

- Vorian Atreides? Tinha exóticos olhos lavanda e um aura de independência que contrastava com os acovardados criados. - Um leve sorriso desafiante curvou seus lábios. - Assim você é o filho do malvado Agamenon.

Vor, confuso, ergueu-se em toda sua estatura.

- Meu pai é um general reverenciado, o primeiro entre os titãs. Suas façanhas militares são legendárias.

- Ou infames.

A mulher fitava-o com uma absoluta falta de respeito.

Vor não sabia como reagir. Todos os humanos de casta inferior dos Planetas Sincronizados sabiam qual era seu lugar, e ela não podia ser uma humana de confiança como ele. Nenhum escravo lhe tinha falado jamais dessa maneira. Depois de suas numerosas missões de atualização, Vor tinha recebido como recompensa os serviços de servas dedicadas ao prazer, mulheres que lhe aqueciam a cama. Nunca lhes tinha perguntado seu nome.

- Quero saber seu nome porque desejo recordá-lo - disse por fim. Havia algo intrigante nesta mulher de beleza exótica e em seu inesperado desafio.

Parecia tão orgulhosa de sua linhagem como o próprio Vor.

- Sou Serena Butler.

Guiou-lhe por um corredor flanqueado por estátuas e quadros, e logo entraram em um jardim botânico protegido da chuva por um teto de cristal.

- O que faz aqui? É uma das... pupilas privilegiadas de Erasmo?

- Somente sou uma serva, mas ao contrário que você, eu não sirvo às máquinas pensantes por vontade própria.

Vorian considerou seu comentário uma medalha de honra.

- Sim, estou a seu serviço, e com orgulho. Colaboro em conseguir o melhor possível para nossa defeituosa espécie.

- Ao colaborar com *Omnius*, você é um traidor da sua raça. Para os humanos livres, é tão mau como seus amos mecânicos. Nunca havia pensado nisso?

Vor estava desconcertado. O comandante humano de Giedi Prime também havia lançado acusações similares.

- Mau, em que sentido? Você não percebe o bem que *Omnius* nos trouxe? É evidente. Pense nos Planetas Sincronizados. Controla-os até o último detalhe, tudo funciona às mil maravilhas. É concebível que alguém queira acabar com isso?

Serena olhou-o, como se tentasse decidir se ele falava sério. Por fim, meneou a cabeça.

- Você é um idiota, um escravo que não vê as correntes. É inútil tentar convencê-lo. - Deu meia volta e se afastou, deixando-o sem fala. - Apesar de toda sua educação, não serve para nada.

Antes que pudesse pensar em uma resposta adequada, Vor reparou no robô independente. Embelezado com opulentas roupagens, Erasmo estava de pé junto a um lago, e seu rosto ovalado refletia a água. Caiam gotas de chuva por uma seção aberta do teto de cristal, e o empapavam. De fundo, soava um pouco de música clássica.

Serena se foi anunciar a chegada de Vor. Surpreso por sua rudeza seguiu-a com o olhar. Admirava seu rosto e seu cabelo castanho âmbar, assim como seu porte e sua evidente inteligência.

Tinha a cintura um pouco avultada, e se perguntou se estaria grávida. Sua arrogância conseguia que fosse ainda mais cativante, o desejo de algo inalcançável.

Não cabia dúvida de que Serena Butler não aceitava seu papel de serva. Tendo em conta as vistas miseráveis dos escravos amontoados nos estábulos, do que se queixava? Era absurdo.

- Desbocada, não é verdade? - disse Erasmo, ainda exposto à chuva. O robô formou um sorriso simpático em seu rosto dúctil.

- Me surpreende que tolere sua atitude irritante - disse Vor, a salvo da chuva.

- As atitudes podem ser esclarecedoras. - Erasmo continuou estudando a queda de as gotas de chuva no lago refletivo. - Considero-a interessante. De uma sinceridade refrescante... como a sua. - O robô avançou um passo para ele. - Cheguei a um ponto morto em meu estudo do comportamento humano, porque quase todos os meus sujeitos são cativos dóceis criados para a escravidão. Não conheceram outra vida além do serviço e subjugação, e carecem da menor faísca. São ovelhas, assim como você, Vorian Atreides, é um lobo. Como Serena Butler... a sua maneira.

O visitante fez uma reverência, muito orgulhoso.

- Me alegrarei de ajudá-lo no que puder, Erasmo.

- Espero que tenha gostado do passeio de carruagem. Eu treino os corcéis e os tenho preparados para ocasiões importantes. Deu-me uma desculpa para utilizá-los.

- Foi uma experiência pouco comum - admitiu Vor. - Um modo de transporte muito... arcaico.

- Venha sob a chuva comigo. - Erasmo indicou-lhe que se aproximasse com uma mão sintética. - É agradável, asseguro-lhe.

Vor obedeceu, tentando dissimular seu aborrecimento. A chuva empapou sua túnica num instante, molhou seus braços nus. A água escorregava de seu cabelo, caia sobre a fronte e lhe entrava nos olhos.

- Sim, Erasmo. É... agradável.

O robô simulou uma gargalhada.

- Você está mentindo.

- É o que os humanos fazem melhor - disse Vor de bom humor. Por sorte, o robô afastou-se da chuva.

- Vamos falar de Serena. É atraente, segundo os padrões humanos de beleza, não é verdade? - Vor não sabia o que dizer, mas Erasmo insistiu. – Vi você com ela. Você gostaria de copular com essa humana selvagem, não é certo? Agora está grávida de um amante *hrethgir*, mas teremos muito tempo. Não se parece com nenhuma escrava sexual que tenha possuído, não é?

Vor meditou nas perguntas, intrigado pelo propósito do robô.

- Bem, é formosa... e sedutora.

Erasmo emitiu um som artificial similar a um suspiro.

- Por desgraça, apesar das minhas numerosas melhorias sensitivas, sou incapaz de experimentar a atividade sexual, ao menos não como um homem biológico. Dediquei séculos desenhando melhorias e modificações que pudessem reproduzir as sensações de êxtase que até os humanos mais inferiores são capazes de experimentar. Até o momento, meus progressos

foram limitados. Meus intentos com as escravas terminaram como fracassos alarmantes.

Erasmo indicou a Vor que o seguisse até a estufa. Enquanto passeavam pelos atalhos do jardim, a majestosa máquina identificou diversas plantas por seu nome e origem, como se estivesse dando aula a um menino ou presumindo de seus conhecimentos.

- Serena sabe muito de plantas. Era algo assim como horticultora em Salusa Secundus.

Vor devolvia respostas corteses, sem saber no que podia ajudar ao robô. Secou a água dos olhos. As roupas molhadas lhe grudavam ao corpo, uma sensação desagradável.

Por fim, Erasmo explicou por que havia feito o jovem vir a sua casa.

- Vorian Atreides, seu pai te submeteu recentemente a um tratamento para prolongar a vida biológica. - O rosto mecânico se transformou em um espelho, para que Vor não pudesse adivinhar o que desejava. – Diga-me, como se sente, agora que acrescentou séculos a seu ciclo normal de vida? É um grande presente de Agamenon, tão significativo como sua doação de esperma original.

Antes que Vor pudesse pensar na pergunta, Serena entrou na estufa com um jogo de chá prateado. Deixou a bandeja com estrépito sobre uma mesa de pedra polida e serviu um líquido escuro em duas taças. Estendeu uma a Vor e outra ao robô. Erasmo introduziu uma sonda fibrosa no chá, como se o provasse. Sua máscara refletiva mudou para uma expressão de supremo prazer.

- Excelente, Serena. Um sabor notável e interessante!

Vor não gostou do sabor. O chá lhe recordava chocolate amargo misturado com suco de fruta em más condições. Serena parecia divertida por sua expressão.

- É bom? - perguntou Erasmo. - Serena o preparou especialmente para você. Eu pedi que ela escolhesse uma receita apropriada.

- O sabor é... único.

O robô riu.

- Está mentindo outra vez.

- Não, Erasmo. Estou evitando uma resposta direta.

Vor viu hostilidade nos olhos de Serena quando olhou para ele, e se perguntou se teria azedado o chá de propósito. A jovem deixou a bandeja sobre a mesa de pedra.

- Possivelmente deveria assistir a uma escola de humanos de confiança para aprender a ser uma criada melhor.

Vor olhou para Serena, surpreso de que Erasmo ignorasse sua grosseria.

- Me diverte presenciar suas tentativas de resistência, Vorian. Um desafio inofensivo. Sabe que não pode escapar. - Durante um momento de silêncio, o robô continuou estudando-o. – Você não respondeu a minha pergunta sobre o prolongamento da vida.

- A verdade - respondeu Vor, que tinha tido tempo de pensar, - é que não estou muito seguro do que sinto. Meu corpo humano é frágil, e se avaria com facilidade. Embora ainda seja propenso a acidentes ou enfermidades, ao menos não ficarei velho e débil. - Vor pensou em todos os anos que restavam, como créditos para gastar. Viveria o equivalente a várias vidas humanas, mas transformar-se em *cimek* seria muito mais importante. - Mesmo assim, meus anos suplementares não são mais que um piscar de um olhos, comparados com a vida de uma máquina pensante como você.

- Sim, o piscar de um olho, um reflexo humano involuntário que sou capaz de compreender física e conceitualmente. Utiliza-o como uma metáfora inexata para indicar um breve período de tempo.

Ao observar as telas nas paredes da estufa, Vor compreendeu que a supermente devia estar escutando.

- Você sempre é tão curioso?

- Só se aprende graças à curiosidade - disse Erasmo. – Pergunto-me porque sou curioso. É lógico, é verdade? Ilumine-me. Eu gostaria de voltar a falar contigo. Você, e Serena, podem me dar uma perspectiva interessante.

Vor fez uma reverência.

- Como desejar, Erasmo. Entretanto, devo combinar estas visitas com meu importante trabalho para *Omnius*. O *Dream Voyager* não demorará para estar reparado e preparado para partir em outra excursão de atualização.

- Sim, todos trabalhamos para *Omnius*. - Erasmo fez uma pausa. A chuva tinha parado, e brechas tinham se aberto entre as nuvens. - Pense mais sobre a mortalidade e a longevidade. Venha falar comigo antes de partir em sua próxima viagem.

- Pedirei permissão para isso, Erasmo.

Intrigado pelo fascinante diálogo entre os dois humanos, Erasmo voltou a chamar Serena e ordenou que acompanhasse seu convidado até a carruagem. Mostrou-se francamente hostil contra o filho de Agamenon, quando este parecia interessado nela... física, mentalmente? Como podia discernir a diferença? Outro experimento, talvez?

Embora tivessem trocado poucas palavras, a jovem poluía a imaginação de Vorian. Nunca tinha conhecido uma mulher como ela, de tal

beleza, inteligência e sinceridade. Era óbvio que tinham educado Serena Butler para que valorizasse sua individualidade, do mesmo modo que Erasmo se esforçava por aperfeiçoar sua independência.

- Quando nascerá o menino? Espetou o jovem quando chegaram à porta exterior da vila. Os cavalos pareciam ansiosos por partir para galope. O chofer robô estava imóvel como uma estátua.

Os olhos de Serena se abriram de par em par. Esteve a ponto de responder que não era assunto dele, mas pensou melhor. Talvez Vorian Atreides era a oportunidade que havia estado esperando. Possuía informação que poderia ajudá-la a escapar, e gozava da confiança das máquinas. Seria uma estupidez hostilizá-lo logo no princípio. Se travasse amizade com ele, poderia lhe ensinar o que era um ser humano livre.

Respirou fundo e sorriu, vacilante.

- Não estou preparada para falar de meu filho com um completo desconhecido. Mas talvez a próxima vez que venha possamos falar. Seria um bom princípio.

Já o tinha feito.

Entrou na vila e fechou a porta a suas costas.

Enquanto observava a carruagem do pórtico da vila, Serena Butler se sentiu insegura e confusa a respeito deste homem enganado que servia com tanto orgulho às máquinas. Não gostava dele, não estava segura de poder confiar nele, mas talvez o fosse de ajuda.

Correu ao interior para secar-se e trocar de roupa. Grávida já de seis meses, pensou em seu amado Xavier. Poderia Vorian ajudá-la a voltar com ele, o seu filho cresceria no cativeiro, sem jamais conhecer seu pai?

71

De todos os aspectos do comportamento humano, dois foram muito estudados: a guerra e o amor.

PENSADOR EKLO,
Reflexão sobre coisas perdidas

A trágica perda de Serena Butler tinha desfocado Xavier, que se esforçava por continuar sua vida. Três meses antes, tinha visto os restos do couraçado nos mares de Giedi Prime, e tinha lido as irrefutáveis análise de DNA do sangue encontrado no interior.

Não pretendia compreender seus sentimentos, e se absorvia em seu trabalho. A princípio, tinha desejado atacar outro feudo dos robôs, porém Serena o haveria repreendido. Pensar em sua desaprovação foi a única coisa que o deteve.

Serena tinha morrido lutando contra o inimigo desumano. Xavier precisava aferrar-se a algo, alguma forma de estabilidade, antes de continuar em frente. Para honrar sua lembrança, a luta devia continuar até a destruição da última máquina pensante.

Os pensamentos de Xavier derivaram até Octa, que tanto lhe recordava sua irmã. Por si formosa, era sensível e reservada, muito diferente de Serena. Mesmo assim, de uma maneira sutil, a moça recordava Serena pela forma da boca e o sorriso doce. Era como o eco de uma lembrança agradável. Xavier estava esmigalhado entre o desejo de olhá-la sem cessar e evitá-la por completo.

Estava a seu lado quando necessitava de consolo, deixava-lhe sozinho se o sentia arrasado, alegrava-o quando assim o desejava. Octa estava enchendo um vazio em sua vida, silenciosa e mansamente. Embora sua relação fosse tranqüila e plácida, lhe demonstrava um amor atento. Se Serena tinha sido um furacão de emoções, sua irmã era firme e previsível.

Um dia, impulsionado mais pela dor e o desejo que pelo sentido comum, Xavier pediu a Octa que fosse sua esposa. Ela tinha olhado para ele com olhos esbugalhados, estupefata.

- Tenho medo de me mover, Xavier, de emitir um som, porque devo estar sonhando.

Ele vestia seu uniforme da Armada, limpo e engomado, com a nova insígnia de segundo. Xavier se erguia muito rígido, com as mãos enlaçadas, como se falasse a um oficial superior, em vez de pedir a Octa que fosse a companheira de sua vida. Sempre havia sabido que a irmã de Serena estava apaixonada por ele como uma colegial, e agora confiava que seus sentimentos se transformariam em verdadeiro amor.

- Ao optar por me casar contigo, querida Octa, não me ocorre uma maneira mais valente de avançar para o futuro. É a melhor maneira de honrar a memória de Serena.

As palavras soaram como um discurso oficial, mas Octa avermelhou como se fossem um encantamento mágico. Consciente de que não era o motivo ideal para casar-se com ela, Xavier tentou acalmar suas inquietações. Tinha tomado uma decisão, e esperava que pudessem curar-se mutuamente as suas feridas.

Tanto Manion como Livia Butler aceitaram e encorajaram a mudança de afetos de Xavier. Inclusive apressaram as núpcias. Acreditavam que a união com Octa beneficiaria a todos.

No dia das bodas, Xavier procurou a paz interior, fez o possível por isolar a parte de seu coração que sempre pertenceria a Serena. Ainda desejava o toque de sua risada, sua linguagem descarada, o tato elétrico de sua pele. Passou revista a suas lembranças favoritas, e depois, entre lágrimas, desprezou-as.

A partir daquele momento, a doce Octa seria sua esposa. Não faria mal à moça, já frágil por si, com ataques de nostalgia ou comparando-a com sua irmã. Seria injusto com ela.

Certo número de representantes da liga se reuniu na propriedade dos Butler, onde sete meses antes Xavier e Serena tinham participado da caçada. Perto, no pátio, tinham celebrado a notícia dos esponsais iminentes com música e baile, para logo receber a terrível noticia da queda de Giedi Prime.

Por insistência de Xavier, as bodas tiveram lugar em um novo pavilhão com vistas para os vinhedos e olivais. O material era tão luminoso e trabalhado que custava mais que uma casa modesta.

Na fachada, três bandeiras ondeavam ao vento, simbolizando as casas Butler e Harkonnen, além da de Tantor, a família adotiva de Xavier. No vale, os edifícios brancos de Zimia brilhavam à luz do sol, com amplas avenidas e enormes complexos administrativos, remoçados durante os quatorze meses transcorridos do ataque *cimek*.

A cerimônia foi breve e triste, face à falsa alegria dos convidados e o insistente júbilo de Manion Butler. Novas lembranças substituiriam as antigos.

O vice-rei, sorridente como não se via fazia meses, passeava-se ufano de convidado em convidado, provava os diversos ponches e degustava as variedades de queijos e vinhos.

Os silenciosos noivos esperavam junto a um pequeno altar erigido diante do pavilhão, de mãos dadas. Octa, com um vestido de noiva tradicional salusiano azul claro, tinha um aspecto etéreo, adorável e frágil ao lado de Xavier. Tinha o cabelo loiro avermelhado preso com alfinetes.

Alguns diziam que este matrimônio precipitado com a irmã de Serena era uma reação de Xavier a sua dor, mas ele sabia que estava fazendo o que a honra o ditava. Recordou-se mil vezes que Serena teria lhe dado sua aprovação. Octa e ele poriam fim, juntos, a tanta dor e tristeza.

A abadessa Livia Butler estava dentro do pavilhão. Fios dourados ressaltavam seu cabelo castanho âmbar. Tinha vindo da Cidade da Introspecção para celebrar a cerimônia. Segura e orgulhosa, como se tivesse purgado toda dúvida e pena de sua mente, Livia olhou para os noivos, e depois sorriu a seu marido. Manion Butler quase não cabia em seu *smoking* vermelho e dourado. Pele fofa sobressaía do pescoço e dos extremos das mangas.

Um grupo de músicos começou a pulsar seus *balisets*. Um moço com voz de tenor cantou uma lenta balada. Ao lado de Xavier, Octa parecia refugiada em seu mundo onírico particular, sem saber muito bem como reagir às circunstâncias. Apertou a mão de Xavier, e ele a levou aos lábios e a beijou.

Da morte de seu irmão gêmeo Fredo, Octa tinha desenvolvido a capacidade de escapar dos problemas, de não curvar-se com grandes preocupações. Talvez isso lhe permitisse ser feliz, e também a Xavier.

O vice-rei Butler, em cujos olhos expressivos brilhavam lágrimas, avançou para rodear as mãos do casal. Ao fim de um longo momento, voltou-se com solenidade para sua esposa e assentiu. A abadessa Livia iniciou a cerimônia.

- Estamos aqui para cantar uma canção de amor, uma canção que uniu homens e mulheres desde os primeiros dias da civilização.

Quando Octa sorriu para Xavier, este quase imaginou que era Serena, mas afastou a inquietante imagem. Octa e ele se queriam de uma maneira diferente. Seu vínculo se fortaleceria cada vez que a rodeasse em seus braços. Xavier só tinha que aceitar a ternura que ela oferecia de bom grado.

Livia pronunciou as palavras tradicionais, cujas raízes remontavam aos textos pancristãos e budislâmicos da antigüidade. As melodiosas frases eram formosas, e a mente de Xavier seguia expandindo-se, pensando no futuro e no passado. As palavras transmitiam uma serenidade infinita, enquanto a abadessa Livia os fazia pronunciar seus votos.

Logo, todo o necessário estava dito. Enquanto compartilhava o ritual do amor e deslizava um anel no dedo de Octa, Xavier Harkonnen prometeu-lhe eterna devoção. Nem sequer as máquinas pensantes poderiam destruir sua relação.

72

Falar se apóia na presunção de que pode chegar a algum lugar se continuar colocando uma palavra atrás de outra.

IBLIS GINJO,
nota à margem de um caderno roubado

Ajax entrou na praça do Fórum com sua aterradora forma móvel, inspecionou cada fase das obra em busca de defeitos. Com seu desdobramento de fibras ópticas, o titã examinou o colosso que reproduzia sua antiga forma humana. Ajax estava frustrado pelo fato de que Iblis Ginjo tivesse fiscalizado até tal ponto a execução da obra, pois não podia encontrar nenhuma desculpa para impor castigos divertidos...

Iblis, por sua parte, também procurava uma oportunidade. Sua imaginação retornava uma e outra vez às notáveis coisas que tinha aprendido do pensador Eklo, sobretudo os detalhes do glorioso fracasso das Rebeliões *Hrethgir*. Ajax personificava a brutalidade e a dor daquelas arcaicas batalhas.

Poderia o pensador ajudar Iblis a propagar a chama da revolução? Aprenderiam dos enganos do passado. Teria existido um rebelde com a mesma patente de Iblis? Como o subalterno Aquim podia ajudá-lo?

Apesar das suas sutis investigações, sua habilidade para manipular conversas e conseguir que outros divulgassem sem querer seus segredos, Iblis ainda não tinha encontrado provas de que existissem outros grupos de resistentes. Talvez sua liderança estivesse dispersa, desorganizada, debilitada. Quem lhe tinha enviado as mensagens secretas, cinco nos últimos três meses?

A falta de provas frustrava Iblis, porque queria acelerar o levantamento, agora que tinha tomado a decisão. Por outra parte se os dissidentes pudessem ser localizados com excessiva facilidade, não teriam nenhuma chance contra as organizadas máquinas pensantes.

Depois de exigir o máximo de seus escravos para que terminassem as obras a tempo, Iblis pediu permissão para outra peregrinação à torre de pedra de Eklo. Só o pensador proporcionaria as respostas que necessitava. Quando falou com Dante, o *cimek* administrativo, exibindo documentos que demonstravam sua produtividade e eficácia, o titã burocrata lhe deu permissão

para sair da cidade. Entretanto, Dante deixou claro que não entendia por que um simples capataz estava tão interessado em temas filosóficos improdutivos. Pensava que não era próprio dos humanos de confiança.

- Não lhe trará o menor benefício.

- Estou seguro de que está certo, lorde Dante... mas me diverte.

Iblis partiu antes da aurora e esporeou seu *burrhorse* em direção às muralhas do monastério. Aquim o esperava na escada circular que conduzia à torre, com aspecto desarrumado uma vez mais e um pouco aturdido pela *semuta*. Desde a primeira vez que Iblis havia mergulhado a mão no eletrolíquido e tocado os pensamentos do pensador, não conseguia entender por que Aquim queria embotar suas percepções. Talvez os complicados pensamentos de Eklo eram tão imensos e entristecedores que o subordinado precisava moderar o fluxo de revelações confusas.

- Vejo que me olha com desaprovação - disse Aquim com os olhos entreabertos.

- Oh, não - disse Iblis, e acrescentou, porque sabia que a mentira era muito evidente: - Só estava me dizendo que você gosta muito da *semuta*.

O homem sorriu e falou, arrastando um pouco as palavras.

- Um forasteiro possivelmente acredita que pus travas a meus sentidos, mas a *semuta* me permite esquecer meu passado destrutivo, antes que recebesse a inspiração de me unir ao pensador Eklo. Também permite que me concentre no mais importante, fazendo ignorando as distrações sensuais da carne.

- Não posso imaginá-lo como um homem destrutivo.

- Pois eu era. Meu pai lutou contra a escravatura e morreu no intento. Depois, procurei me vingar das máquinas, e o obtive com bastante êxito. Estava à frente de um pequeno grupo de homens e... destruímos alguns robôs. Lamento dizer que também matamos certo número de escravos de confiança que se interpuseram em nosso caminho, homens como você. Mais tarde, Eklo se encarregou de me facilitar o resgate e a reabilitação. Nunca explicou por que me elegeu, ou como levou a cabo os trâmites. Há muitas coisas que o pensador não revela a ninguém, nem sequer a mim.

O monge deu meia volta com brutalidade e subiu com passo inseguro a escada, guiando Iblis até a câmara onde o pensador vivia em um estado de contemplação eterna.

- Eklo meditou longa e intensamente sobre sua situação - disse Aquim. - Faz muito tempo presenciou as mudanças ocorridas na humanidade, depois que os titãs esmagaram o Império Antigo, mas não fez nada. Eklo pensou que a provocação e a adversidade melhorariam a raça humana mediante a potenciação de sua mente, obrigá-los-ia a abandonar sua existência de

sonâmbulos. - O monge secou uma mancha do canto da boca. - Ao separar a mente do corpo, os titãs *cimek* poderiam ter acessado o esclarecimento, como os pensadores. Essa era a esperança de Eklo quando ajudou a Juno. Mas os titãs nunca superaram seus defeitos animais. Esta debilidade permitiu a *Omnius* conquistá-los, e com eles à humanidade. - Aquim avançou para o contêiner cerebral que descansava sobre o parapeito de uma janela. - Eklo acredita que talvez você possa instigar uma mudança.

O coração de Iblis saltou em seu peito.

- Nada é impossível.

Mas sabia que não podia lutar sozinho contra as máquinas, teria que encontrar outros que lhe ajudassem. Muitos outros.

O contêiner de *plexiplaz* brilhava em frente a janela transparente, banhado pelo sol dourado da manhã. Ao longe, divisou a interminável linha do céu de megalitos e monumentos desenhados pelos *cimeks* e construídos pelos humanos com suor e sangue. Realmente quero vê-los transformados em pó?

O supervisor vacilou quando pensou nas conseqüências, e recordou os milhares de milhões de vítimas das Rebeliões *Hrethgir*, em Walgis e outros planetas. Então, sentiu uma intrusão em pensamentos.

Aquim tirou a tampa protetora do contêiner e descobriu o líquido nutritivo que alimentava a mente anciã.

- Venha, Eklo deseja estabelecer contato direto contigo.

A solução nutritiva era como líquido amniótico, carregado de uma energia mental incomensurável. Iblis afundou os dedos no eletrolíquido pouco a pouco, reprimindo sua ansiedade por saber e aprender, tocou a superfície escorregadia do cérebro de Eklo e liberou todos os pensamentos que o pensador desejava transmitir-lhe.

Aquim se afastou para um lado com uma expressão estranha no rosto, em parte complacência beatífica, em parte inveja.

- A neutralidade é um ato de equilíbrio muito delicado - disse Eklo na mente de Iblis, mediante o contato neuroelétrico facilitado pelo circuito orgânico. - Há muito tempo, respondi muitas perguntas de Juno a respeito de como derrocar o Império Antigo. Minhas respostas e conselhos objetivos permitiram aos titãs traçar planos definitivos, e o futuro da raça humana mudou para sempre. Durante muitos séculos refleti sobre o que havia feito. - Parecia que o cérebro se apertava contra as pontas dos dedos de Iblis. - É essencial que os pensadores observem uma escrupulosa neutralidade. Temos que ser objetivos.

- Nesse caso - perguntou Iblis, perplexo, - por que está falando comigo? Por que mencionou a possibilidade de que as máquinas podem ser

derrotadas?

- Com o fim de restabelecer o equilíbrio da neutralidade. Em uma ocasião, ajudei sem perceber aos titãs, de maneira que agora devo responder a suas perguntas com a mesma objetividade. Em última análise, manterei o equilíbrio.

Iblis engoliu em seco.

- Então, já chegou a uma conclusão?

A mente de Iblis dava voltas em busca de perguntas úteis sobre debilidades e pontos vulneráveis das máquinas.

- Não posso proporcionar detalhes militares ou políticos concretos - disse Eklo, - mas se verbalizar suas perguntas com inteligência, como fez Juno, obterá o que necessita. A arte da inteligência é uma lição primitiva da vida. Tem que estar mais preparado que as máquinas, Iblis Ginjo.

Eklo guiou Iblis durante mais de uma hora.

- Eu meditei sobre este problema durante séculos, muito antes de que você viesse para me ver. Se você não triunfar, continuarei refletindo.

- Mas não posso fracassar. Tenho que triunfar.

- É necessário algo mais que desejo de sua parte. Tem que se conectar com os sentimentos mais profundos das massas. - Eklo guardou silêncio por vários segundos. Iblis se esforçou por compreender.

- Amor, ódio, medo? Refere-se a isso?

- São componentes, sim.

- Componentes?

- Da religião. As máquinas são muito poderosas, e você precisará de algo mais que um levantamento político ou social para derrotá-las. As pessoas tem que aglutinar-se ao redor de uma idéia poderosa que penetre na essência de sua existência, no que significa ser humano. Tem que ser algo mais que um humano de confiança: um líder visionário. Os escravos precisam elevar-se em uma grande Guerra Santa contra as máquinas, um *Jihad* que seja impossível de parar e que derrube seus amos.

- Uma guerra Santa? Um *Jihad*? Mas como posso fazer isso?

- Somente digo o que intuo, Iblis Ginjo, o que pensei e imagino. Você tem que descobrir as outras respostas. Mas lembre-se: de todas as guerras humanas da história, a Jihad é a mais apaixonada, conquista planetas e civilizações, arrasa tudo em seu caminho.

- As pessoas que me enviam as mensagens... como se encaixam em tudo isto?

- Não sei nada deles - disse Eklo, - e não os vejo em minhas visões. Talvez você foi eleito especialmente, ou também poderia ser uma argúcia ou

uma armadilha das máquinas. - O pensador guardou silêncio um momento. - Agora tenho que te pedir que parta, porque minha mente está fatigada e preciso descansar.

Quando Iblis partiu da torre, experimentou uma estranha mescla de júbilo e confusão. Precisava organizar a informação em um amplo plano. Embora não fosse um homem santo nem um militar, sabia manipular grupos de pessoas, canalizar suas lealdades para obter seus propósitos. Suas equipes fariam qualquer coisa por ele. Seu talento para a liderança constituiria sua arma mais importante. Mas não podia conformar-se com um grupo reduzido de fiéis. Para triunfar, necessitava de algo mais que umas poucas centenas de pessoas.

E tinha que ser muito precavido, para o caso das máquinas pensantes estarem preparando uma armadilha.

Como tinha acesso aos olhos espiões e as equipes de vigilância de *Omnius*, Erasmo controlava as atividades de seus sujeitos experimentais. Muitos humanos de confiança leais tinham ignorado as insinuações que lhes tinha enviado. Outros se haviam assustado muito para reagir. Mas alguns tinham demonstrado uma divertida capacidade de iniciativa.

Sim. Erasmo acreditava que Iblis Ginjo era o candidato perfeito para demonstrar que ele tinha razão e ganhar a aposta de *Omnius*.

73

"Sistemático" é uma palavra perigosa, um conceito perigoso. Os sistemas são obra de seus criadores humanos. Os sistemas assumem o comando.

TIO HOLTZMAN,
discurso de aceitação da Medalha da Glória de Poritrin

Sentado na abarrotada sala dos calculadores, Ishmael examinava os móveis do sábio Holtzman, percebia o aroma dos produtos utilizados para lhes dar brilho, dos ramos de flores, das velas perfumadas. Era um lugar limpo, confortável e acolhedor... muito mais agradável que os barracões dos escravos amontoados no delta do rio lamacento.

O menino deveria sentir-se afortunado.

Mas este lugar não era Harmonthep. Sentia falta de seu barquinho, navegar pelos riachos entre canas altas. Tinha saudades em especial das noites, quando os *zensunni* se reuniam na cabana central para contar contos, recitar poesia ou escutar seu avô ler os consoladores sutras.

- Odeio este lugar - disse Alüd a seu lado, em voz bastante alta para que Tio Holtzman lhe dirigisse um olhar de recriminação.

- Possivelmente preferiria voltar para as restingas ou aos campos de lavoura, não é?

Alüd franziu o cenho, mas sustentou o olhar do cientista.

- Também odiava esses lugares - murmurou, mas não como desculpa.

O trabalho parou. Todos os olhos se cravaram nele.

Holtzman sacudiu a cabeça, incrédulo.

- Não entendo por que se queixam de tudo. Eu os alimento e os visto, dou-lhes tarefas simples que servem à causa da humanidade, e ainda desejam voltar para suas miseráveis aldeias para viver na enfermidade e na sujeira. - O inventor parecia muito furioso. - Não percebem que as máquinas pensantes tentam matar todos os seres vivos? Pensem quantos humanos exterminaram em Giedi Prime, e nada pode detê-las. Para *Omnius* é indiferente sua religião ou sua estúpida política anti-civilização. Se descobrir suas cabanas, ele as destruirá e queimará.

O mesmo fizeram os caçadores de escravos de Tlulaxa com meu povo, Ishmael pensou. Viu que os olhos escuros de Alüd cintilavam e compreendeu que seu amigo estava pensando o mesmo.

Holtzman meneou a cabeça.

- Os fanáticos não têm nenhum sentido da responsabilidade. Por sorte, meu trabalho é impor-lhes isso pela força. - Voltou a sua tabuleta de escrever e assinalou os símbolos.

- Isto são segmentos de equações. Necessito que resolvam. Cálculos simples. Tentem seguir os passos que lhes ensinei. - Entreabriu os olhos. - Cada resposta correta equivalerá a uma ração diária completa. Se cometerem enganos, passarão fome.

Ishmael voltou para seus papéis e aparelhos de cálculo, e se esforçou por resolver as equações.

Em Harmonthep, todos os meninos do povo tinham recebido educação básica de matemática, ciência e engenharia. Os anciões pensavam que esses conhecimentos eram importantes para eles, quando sua civilização florescesse de novo e os crentes construíssem grandes cidades como as nomeadas nos ensinos *zensunni*. O avô de Ishmael, como muitos anciões do povo, também dedicava parte de seu tempo a instruir os jovens nos sutras, em adivinhações lógicas e filosóficas que só podiam ser resolvidas com os princípios do budislã.

No planeta de Alüd, Anbus IV, as luas, que orbitavam muito perto, mudavam as estações de maneira radical, e faziam que o planeta oscilasse. Por isso, haviam ensinado ao menino ramos diferentes de matemática e astronomia, porque o calendário, sempre variável, afetava às marés que rugiam entre gargantas de rocha vermelha, onde haviam sido eretas as cidades *zenshiítas*. Os trabalhadores encarregados de controlar as marés necessitavam de cálculos sofisticados para compreender as variações. Alüd tinha aprendido as técnicas com o fim de ajudar seu povo. Aqui, não obstante, era obrigado a ajudar a seus amos que o tinham escravizado, e detestava a idéia.

O primeiro trabalho de Alüd em Poritrin tinha sido colher cana de açúcar. Durante semanas tinha cortado canas altas, cujo doce suco se convertia em açúcar ou se destilava para produzir rum de Poritrin. O resíduo fibroso da cana se utilizava para fabricar roupa. Tinham entregado-lhe uma foice afiada, para cortar caules que derramavam um líquido pegajoso. Os caules eram recolhidos depois das monções, quando estavam carregados de suco e pesavam mais.

Para finais da temporada, seu amo lhes tinha entregue aos mercadores de escravos de Starda, depois de lhes acusar de provocar um incêndio suspeito

nos silos de cana e destruir metade da colheita. Alüd tinha contado a Ishmael com um alegre sorriso, mas nunca havia confessado sua participação em nenhuma sabotagem.

Ishmael, inclinado sobre seus cálculos, comprovava-os uma e outra vez mediante grades deslizantes e contadores móveis do aparelho de cálculo. Seu estômago já estava grunhindo, pois Holtzman, irritado pelos numerosos equívocos do dia anterior, tinha jurado que não daria de comer aos calculadores até que demonstrassem sua idoneidade para o trabalho. Quase todos os escravos tinham terminado o trabalho como era devido.

Passados alguns dias, depois que os novos calculadores tivessem realizado à perfeição seus exercícios, Holtzman lhes deu trabalho de verdade. Ao princípio, o inventor lhes deixou acreditar que era uma prova mais. Entretanto, Ishmael deduziu por sua expressão e nervosismo que estava muito interessado naqueles resultados.

Alüd trabalhou com diligência, mas Ishmael notou por sua expressão que tramava algo.

Ishmael não estava seguro de querer saber o que era.

Depois de trabalhar em seus cálculos durante vários dias mais, Alüd se aproximou por fim de Ishmael.

- É o momento de efetuar poucas mudanças - disse sorridente. - Muito pequenas para que ninguém perceba.

- Não podemos fazer isso - protestou Ishmael. – Eles descobrirão.

O outro menino franziu o cenho, impaciente.

- Holtzman já verificou nosso trabalho, e não voltará a fazê-lo. Agora que confia em nós, pode concentrar-se em algum outro objetivo. É nossa única oportunidade de nos vingar. Pense em tudo o que sofremos.

Ishmael não pôde contradizê-lo, e depois de ter ouvido Bel Moulay falar de sangrentas desforras, parecia-lhe uma forma melhor de expressar sua insatisfação.

- Olhe. - Alüd assinalou algumas equações, e com seu punção fez uma marca diminuta, mudando um sinal de menos por um de mais, e logo deslocou a vírgula dos decimais para uma parte diferente da equação.

- Erros muito simplos, facilmente desculpáveis, mas que produzirão resultados muito diferentes.

Ishmael não estava muito tranqüilo.

- Entendo que prejudicará as invenções de Holtzman, mas não vejo no que vai nos ajudar. Preocupa-me mais a maneira de voltar para casa.

Alüd olhou para ele.

- Ishmael, conhece os *sutras* tão bem como eu, talvez melhor. esqueceu o que diz "Quando ajuda a seu inimigo, prejudica aos crentes"?

Ishmael tinha ouvido seu avô pronunciar a frase, mas nunca tinha significado grande coisa para ele.

- De acordo. Mas nada que possa parecer deliberado.

- Se entendo algo deste trabalho - disse Alüd, - até menor engano causará tremendos danos.

74

Psicologia: a ciência de inventar palavras para coisas que não existem.

ERASMO,
Reflita sobre os seres biológicos sensíveis

No ensolarado jardim botânico da grandiosa *villa* do robô, Serena Butler recolhia flores e folhas mortas, cuidava das plantas em seus leitos e suportes de vasos. Serena se ocupava de suas tarefas cotidianas como qualquer outra escrava, mas Erasmo a vigiava sempre como se fosse um animal doméstico. Era seu amo e carcereiro.

Serena vestia um macacão negro, e prendia o cabelo âmbar em um rabo-de-cavalo. O trabalho lhe permitia pensar em Xavier, nas promessas que tinham trocado, quando fizeram amor depois do ataque do javali, e na noite anterior a sua fuga para Giedi Prime.

A cada manhã, Serena ia cuidar das flores do robô, contente de poder pensar, sem que ninguém a incomodasse, sobre as possibilidades de fugir da Terra. Dia após dia, procurava uma via de fuga (os obstáculos pareciam insuperáveis), ou um meio de causar danos significativos as máquinas pensantes, apesar do fato de que a sabotagem lhe custaria a vida, e também a vida de seu filho. Podia fazer isso com o Xavier?

Era incapaz de imaginar a dor que padeceria. Encontraria uma forma de voltar para seu lado. Devia isso a ele, a ela e a seu bebê. Tinha alimentado a esperança de que Xavier seguraria sua mão quando desse a luz. A estas alturas já seria seu marido, suas vidas entrelaçadas em uma união mais forte que a soma de suas individualidades, um bastião contra as máquinas pensantes. Ele nem sequer sabia que ainda estava viva.

Acariciou seu estômago curvo. Serena sentia crescer ao menino em seu interior e temia o pior. Dois meses mais, e o bebê nasceria. Quais eram as intenções de Erasmo a respeito do menino? Tinha visto as portas fechadas com chave dos detestáveis laboratórios, tinha contemplado com horror e asco os sujos recintos de escravos.

E ainda assim, o robô a mantinha ocupada com as flores.

Erasmo estava acostumado a ficar imóvel a seu lado enquanto trabalhava, com seu rosto oval impenetrável enquanto discutiam.

- A compreensão começa pelo princípio havia dito. Devo construir alguns alicerces antes de poder compreender algo.

- Mas como utilizará esse conhecimento? - Serena arrancou mais erva. - Pensará em formas mais extravagantes de infligir aflição e dor?

O robô fez uma pausa, seu rosto convertido em um espelho que refletia uma imagem distorcida de Serena.

- Esse não é... meu objetivo.

- Então, por que mantêm os escravos encerrados em condições tão terríveis? Se não pretender causar aflição, por que não lhes dá um lugar limpo onde viver? Por que não lhes proporciona melhor comida, educação e cuidados?

- Não é necessário.

- Para você possivelmente não - disse, surpreendida por sua audácia, - mas seriam mais felizes e trabalhariam melhor.

Serena era testemunha de que Erasmo vivia rodeado de luxos (uma afetação, já que nenhum robô necessitava de tais coisas), mas os escravos da mansão, sobretudo os que se amontoavam nos recintos comunais, viviam na imundície e no medo. Continuasse cativa ou não, talvez pudesse melhorar suas condições. Ao menos, consideraria isso uma vitória sobre as máquinas.

- Seria necessário uma máquina pensante verdadeiramente... sofisticada – continuou - para compreender que a melhora da qualidade de vida dos escravos aumentaria sua produtividade, beneficiando seu amo. Os escravos limpariam e cuidariam de suas moradias se contassem com um mínimo de recursos.

- Pensarei nisso. Entregue-me uma lista detalhada.

Depois de lhe dar suas sugestões, tinham transcorrido dois dias sem que Serena visse o robô. Sentinelas mecânicos se encarregavam dos trabalhadores da vila, com Erasmo desaparecido em seus laboratórios.

As paredes à prova de som lhe impediam de ouvir qualquer ruído, embora os aromas nauseabundos e o desaparecimento de algumas pessoas a deixaram intrigada.

- Você não gostaria de saber o que acontece aí dentro - disse por fim outra escrava. – Considere-se afortunada se não lhe pedirem que vá limpar depois.

Serena trabalhava a terra margosa enquanto escutava a música clássica que Erasmo sempre punha. Doía-lhe as costas e tinha as articulações inchadas

por causa de seu avançado estado de gestação, mas não retrocedia em seus esforços.

Erasmo se aproximou com tal sigilo que ela não reparou nele até que elevou a vista e viu seu rosto refletivo embutido em um colar de flores. levantou-se imediatamente para dissimular o susto e secou as mãos no avental.

- Aprende mais me espiando?

- Posso espiar sempre que quiser. Aprendo muito das perguntas que faço. - A capa de polímero metálico transformou seu rosto em uma expressão petrificada de regozijo. - Bem, eu gostaria que escolhesse a flor que considere mais formosa. Sinto curiosidade por sua resposta.

Erasmo já a tinha posto a prova em outras ocasiões. Parecia incapaz de compreender as decisões subjetivas, em seu desejo de quantificar questões de opinião e gosto pessoal.

- Cada planta é formosa a sua maneira - respondeu a jovem.

- Apesar disso, escolha uma. Depois, me explique por que. - Serena passeou pelos atalhos de terra, olhando de um lado a outro. Erasmo a seguiu, gravando cada momento de vacilação. - Há características visíveis, como cor, forma e delicadeza o robô, e variáveis mais esotéricas, como o perfume.

- Não esqueça o componente emocional. - A voz de Serena se tingiu de nostalgia. - Algumas destas plantas me recordam meu lar em Salusa Secundus. Certas flores poderiam ter um valor maior para mim, embora não necessariamente para ninguém mais. Recordo uma ocasião em que o homem ao que amo deu de presente um ramo. Mas você não compreenderia tais associações.

- Não me venha com desculpas. Escolh.

Serena assinalou uma imensa flor elefante com franjas de um laranja e vermelho brilhantes, realçadas por um estigma em forma de corno no centro.

- Neste momento, esta é a mais formosa.

- Por que?

- Minha mãe as cultivava em casa. Quando menina, nunca pensei que fossem muito bonitas, mas agora me recordam dias mais felizes... antes de conhecer a você.

Arrependeu-se imediatamente de sua sinceridade, porque revelava muito sobre seus pensamentos íntimos.

- Muito bem, muito bem.

O robô não fez caso do insulto e contemplou a flor elefante, como se analisasse todos os seus aspectos com suas capacidades sensoras. Como um perito em vinhos, tentou descrever os méritos de seu perfume, mas a Serena suas análises soaram clínicas, sem sutilezas e componentes emocionais que

tinham motivado sua opção. O mais estranho era que Erasmo parecia consciente de suas deficiências.

- Sei que os humanos são, em alguns aspectos, mais sensíveis que as máquinas... por enquanto. Entretanto, as máquinas contam com mais possibilidades de chegar a ser superiores em todos os campos. Por isso desejo compreender todos os aspectos da vida biológica consciente.

Com um estremecimento involuntário, Serena pensou nos laboratórios fechados, convencida de que as atividades secretas de Erasmo abrangiam algo mais que o estudo das flores formosas.

Erasmo supôs que estava interessada em suas observações.

- Bem desenvolvida, uma máquina pensante poderia ser mais perfeita intelectual, criativa e espiritual que qualquer humano, com uma capacidade e liberdade mentais sem paralelo. Inspiram-me as maravilhas que poderíamos obter, se *Omnius* não exercesse tanta pressão sobre as outras máquinas para que se conformem com o que há.

Serena escutava, com a esperança de obter informação. Captava um conflito em potencial entre o Erasmo e a supermente?

- A capacidade de solicitar informação é a chave - continuou o robô. - As máquinas absorverão não só mais dados, mas também mais sentimentos, assim que os compreendamos. Quando isso ocorrer, poderemos amar e odiar com mais paixão que os humanos. Nossa música será mais sublime, nossos quadros mais deliciosos. Uma vez adquiramos um conhecimento total de nós mesmos, as máquinas pensantes criarão o maior renascimento da história.

Serena franziu o cenho.

- Podem continuar melhorando, Erasmo, mas os seres humanos só utilizam uma ínfima parte do cérebro. Possuímos um enorme potencial de desenvolver novas aptidões. Sua capacidade de aprendizagem não é maior que a nossa.

O robô ficou petrificado, como surpreso.

- Muito certo. Como pude passar por cima de um detalhe tão importante? - Seu rosto se transformou em uma máscara passiva e contemplativa, e logo se transformou em um amplo sorriso.

- O caminho da perfeição será longo. Será necessário mais investigações. - Mudou bruscamente de tema, para sublinhar a vulnerabilidade de Serena. - Como vai seu bebê? Fale-me das emoções que sente por seu pai e me descreva o ato físico da copulação.

Serena guardou silêncio, enquanto tentava deter a maré de lembranças dolorosas. Erasmo considerou fascinante sua reticência.

- Sente-se atraída fisicamente por Vorian Atreides? - Submeti a todo tipo de análise esse jovem. É de uma casta excelente. Quando tiver terminado sua gestação, gostaria de copular com ele?

A respiração de Serena se acelerou, e concentrou sua mente nas lembranças de Xavier.

- Copular? Apesar de seus numerosos estudos, há muitas coisas da natureza humana que seu cérebro mecânico nunca compreenderá.

- Isso veremos - respondeu com calma Erasmo.

75

A consciência e a lógica não são critérios confiáveis.

Pensadores,
Postulados fundamentais

Um grupo conectado de robôs operário brincou de correr sobre o casco do *Dream Voyager* quando a nave pousou sobre uma estrutura que abrangia uma cratera artificial nos terrenos do espaçoporto. Diminutas máquinas rastejaram no interior dos fogos de escapamento e esfregaram as câmaras do reator, um exército coordenado de unidades de manutenção que reparavam os danos infligidos pela Armada da Liga.

Vor e Seurat contemplavam os operários do alto de uma plataforma, certos de que os reparos seriam executados segundo as especificações programadas.

- Logo poderemos partir - disse o capitão robô. - Deve estar ansioso por me derrotar de novo em seus jogos de guerra.

- E você por me contar piadas que eu não considero divertidas - replicou Vor.

Ansiava voltar a bordo do *Dream Voyager*, mas também lhe assediava outro tipo de impaciência, uma dor no peito que piorava cada vez que pensava na formosa escrava de Erasmo. Apesar do desprezo de Serena Butler, não podia deixar de pensar nela.

O pior era que não entendia o motivo. Devido a seus vínculos paternos, Vor Atreides havia gozado de numerosas escravas sexuais, algumas tão adoráveis como esta. Tinham sido criadas e educadas para estas tarefas, e viviam em cativeiro entre as máquinas pensantes. Mas a escrava de Erasmo, apesar de ter sido levada a vila contra sua vontade, não parecia sentir-se derrotada.

Vor recriava em sua mente seu rosto, seus lábios sensuais, o olhar penetrante de seus olhos lavanda quando olhava para ele com desagrado. Embora sua gravidez fosse evidente, mesmo assim se sentia atraído por ela, e experimentava um estranho ciúme. Onde estava seu amante? Quem era?

Quando Vor regressasse à vila da Erasmo, ela não lhe faria caso ou voltaria a lhe insultar. Não obstante, ansiava vê-la antes que Seurat e ele partissem em outra longa excursão de atualização.

Ensaiava o que ia dizer-lhe, mas até em sua imaginação ela sempre se mostrava mais geniosa que ele.

Vor subiu uma escada e se internou em um estreito espaço interior, onde viu que um operário de manutenção dispunha novas redes de circuitos líquidos no painel de navegação principal. O operário escarlate trabalhava com suas ferramentas incorporadas. Vor avançou alguns centímetros e lançou uma olhada ao painel aberto. Observou a placa repleta de componentes coloridos.

- Ficará decepcionado se espera pilhá-lo cometendo um engano - disse Seurat atrás dele. - Ou tenta levar a cabo suas tantas vezes anunciadas sabotagens?

- Sou um *hrethgir* sujo. Nunca sabes o que eu poderia fazer, velha Mente Metálica.

- O fato de que não ria minhas piadas indica que carece de inteligência para criar um plano tão tortuoso, Vorian Atreides.

- Talvez tudo se reduza a que não é divertido.

Por desgraça, as piadas e os trabalhos de reparação não impediam que continuasse pensando em Serena. Sentia-se como um adolescente, excitado e confuso ao mesmo tempo. Queria falar com alguém de seus sentimentos, mas não com seu amigo robô, que compreendia as mulheres ainda menos que Vor.

A verdade era que precisava falar com Serena. Talvez com sua perspicácia e inteligência, ela tivesse lido em seu interior, mas o que viu não lhe agradou. Ela o havia chamado de "escravo incapaz de ver as correntes". Um insulto desconcertante, tendo em conta todos os privilégios de sua vida. Não tinha nem idéia do que se referia.

O operário mudou de ferramentas para instalar um posto de coleta de dados. O braço esbelto da máquina se estendeu mais para manipular um botão de ajuste do interior do painel.

Seurat, que se achava de pé na cabine do *Dream Voyager*, ativou os controles principais da nave, utilizando métodos de diagnóstico incorporados para verificar os sistemas de navegação.

- Descobri um atalho a nossa segunda escala da rota. Por desgraça, exige atravessar uma estrela azul gigante.

- Nesse caso, aconselho uma rota diferente - disse Vor.

- Concordo, embora me incomode perder tempo.

Perguntou-se o que seria de Serena quando o menino nascesse. Erasmo o destinaria aos recintos de escravos para que não interferisse nas

tarefas de Serena? Pela primeira vez em sua vida, Vor sentiu compaixão por um cativo humano.

Como homem de confiança, sempre tinha se considerado súdito dos Planetas Sincronizados, e ansiava por transformar-se em *neocimek* algum dia. Acreditava que *Omnius* governava os humanos para seu bem. Do contrário, a galáxia se inundaria no caos.

Estava acostumado a situações em que uma parte dominava e a outra se submetia. Pela primeira vez, se perguntou se existiria outro tipo de relações, apoiadas na igualdade. Estava claro que o capitão robô do *Dream Voyager* era o chefe de Vorian, mas tinham chegado a um acordo positivo para ambos.

Vor se perguntou se Serena e ele seriam capazes de forjar uma relação em que ambos se tratassem com absoluta igualdade. Tratava-se de um conceito radical, que feria sua sensibilidade.

Mesmo assim, acreditava que ela não aceitaria menos.

O operário de manutenção, encaixado em um estreito espaço atrás do amparo e o painel de navegação, emitia estranhos sons e repetia conexões de prova uma e outra vez.

- Deixa que prove essa ferramenta - disse Vor ao robô com um suspiro.

O operário girou para ele e entregou a sonda de diagnóstico, mas parte de suas extremidades recobertas de metal interferiram com uma conexão do campo de circuitos exposto, e se produziu um curto-circuito. O robô chiou. Do painel avariado surgiu um fedor de circuitos e sistemas hidráulicos fundidos.

Vorian saiu como pôde do estreito espaço, e logo passou a mão pelo rosto. Seurat examinou o robô e os componentes enegrecidos do sistema de navegação.

- Minha conclusão de perito é que falta um pouco mais de manutenção.

Quando Vor riu do comentário, Seurat parou surpreso.

- Por que isso te parece divertido?

- Nunca peça a ninguém que explique o que é o humor, Seurat. Conforme-se com as gargalhadas.

Depois de interromper o fornecimento elétrico, Vor tirou o robô avariado e o atirou sobre a coberta. Tratava-se de unidades fáceis de substituir. Seurat enviou a solicitação de um novo operário.

Enquanto esperavam que continuassem os reparos, Vor falou de seus sentimentos contraditórios. Talvez encontrasse algo útil na base de dados do robô.

As fibras ópticas do robô cintilavam como pequenos sóis.

- Não entendo seu problema - disse Seurat, enquanto descarregava um resumo de diagnósticos de um banco de dados da nave. - Goza de uma situação privilegiada entre as máquinas pensantes. Apresente uma solicitação a Erasmo.

Vor estava exasperado.

- Não é isso, Seurat. Embora Erasmo cedesse Serena.. o que aconteceria se ela me rechaçasse?

- Amplie sua busca. Você se expõe a dificuldades desnecessárias. Entre as candidatas humanas da Terra, encontrará com facilidade uma fêmea compatível, inclusive com feições similares às desta escrava em particular, se tanto valoriza seus atributos físicos. Vor se arrependeu de ter tocado no assunto.

- As máquinas pensantes podem ser tão estúpidas às vezes.

- Nunca tinha me falado de tais emoções.

- Porque nunca havia sentido isso.

Seurat ficou petrificado.

- Sou consciente intelectualmente do imperativo biológico humano de copular e reproduzir-se. Estou familiarizado com as diferenças físicas entre homens e mulheres, e com suas urgências hormonais. Sempre que a herança genética seja aceitável, a maioria de sistemas reprodutores femininos são iguais. Por que é mais desejável esta tal Serena que qualquer outra?

- Nunca poderia explicar isso velha Mente Metálica - disse Vor enquanto olhava por uma janela e via que outro operário se aproximava da nave. - Nem sequer posso explicar isso a mim mesmo.

- Espero que consiga logo. Não posso me permitir o luxo de partir carregando robôs de manutenção.

76

Com freqüência, pessoas morrem porque são muito covardes para viver.

TLALOC,
A Era dos Titãs

O sol abrasador de Arrakis criava escassas sombras ao redor do monstro e seu confiante cavaleiro. Para sua travessura de hoje, Selim estava muito contente de ter chamado o verme maior que tinha visto até o momento.

O *naib* Dhartha ficaria aterrorizado, ou ao menos impressionado. Talvez Budalá aniquilasse o traiçoeiro *naib* como castigo pelo que tinha feito ao inocente Selim. Ou possivelmente concederia ao jovem a oportunidade de vingar-se a sua maneira. De fato, Selim preferia este último...

Depois de mais de um ano vivendo de seu engenho, estava bem alimentado, são e feliz.

Deus continuava sorrindo-lhe. O adolescente consumia mais *melange* que nunca.

Selim tinha encontrado seis postos de fornecimento mais por todo deserto, oito no total, incluindo outra estação botânica abandonada que tinha descoberto, ainda mais longe das montanhas colonizadas. Tinha reunido mais material de que acreditava possível, o que o havia convertido em um homem rico, segundo os critérios de seu povo.

Pelas noites, ria sozinho do *naib* Dhartha e outros aldeões, que tinham querido lhe castigar com o exílio. Em troca, Selim tinha renascido no deserto. Budalá lhe havia salvo, tinha-lhe protegido. As areias o tinham transformado, convertido em uma nova pessoa.

Audaz, genioso e desafiante, se transformaria em uma lenda entre os nômades do deserto.

Selim Cavaleiro de Vermes!

Mas isso só aconteceria se os *zensunni* soubessem de sua existência. Só então acessaria ao destino que se fixou, um homem reverenciado por seu povo. Eles mostraria no que se transformara.

Selim esporeou o monstro até as montanhas que conhecia como a palma de sua mão.

Depois de tanto tempo vivendo sozinho sem ninguém com quem falar salvo ele mesmo, retornava ao único lugar que podia chamar de lar, apesar de suas deficiências e os desafios que expor.

Distinguiu as linhas de rochas verticais, como uma fortaleça que protegia os vales dos vermes. Os *zensunni* originais tinham construído seus lares naquelas covas, ocultando a entrada a olhos estranhos. Selim conhecia o caminho.

O verme se debatia sob as pernas doloridas do moço reticente a aproximar-se das rochas. Selim o obrigou a passar em frente aos altos penhascos.

Manteve os segmentos abertos com a lança metálica, ergueu-se em toda sua estatura e conservou o equilíbrio. Sua suja capa branca ondeava ao vento. Quando o verme desfilou ante a entrada das cavernas, divisou diminutas figuras que pareciam olhar para ele com assombro. Os vermes nunca se aproximavam tanto das muralhas rochosas mas ele tinha guiado este, como um monstro através de um oceano imenso. Controlava-o a perfeição.

Selim viu mais figuras nas rochas e ouviu tênues gritos, gente que chamava a outros. Aos poucos, estupefatos aldeões *zensunni* invadiram as saliências. Ficou encantado ao ver seus olhos arregalados, todos boquiabertos.

Selim gritou ao vento e lhes dedicou gestos insolentes. Obrigou o demônio a dar meia volta. O monstro retorceu sua cabeça de réptil e se revolveu diante do penhasco, como um animal amestrado.

Ninguém se moveu.

Selim riu e proferiu insultos contra o malvado *naib* Dhartha e o traidor Ebrahim. Com sua roupa do deserto e a cara tampada, Selim duvidava que alguém adivinhasse quem era. Levariam uma surpresa se descobrissem que ele era o presumido ladrão de água, o exilado.

Teria obtido mais satisfação se lhes tivesse revelado quem era e escutado suas exclamações entrecortadas, porém naquele momento brincaria um pouco com eles, teceria uma lenda. Um dia, riria de sua incredulidade, talvez se aproximasse o bastante para convidar o *naib* Dhartha a montar com ele. Riu para si mesmo.

Depois de um momento, Selim dirigiu o verme para o deserto. O monstro correu para as dunas com um vaio devido à fricção. Selim no parou de rir em todo o caminho, dando graças a Budalá por uma experiência tão divertida.

Slahmad, o filho do *naib* Dhartha, viu com incredulidade que o enorme verme girava como um animal doméstico e logo se afastava. Um só homem

tinha guiado o monstro, uma pessoa diminuta que se erguia sem medo sobre seu lombo.

Incrível. Meus olhos viram mais que a maioria de *zensunni* em toda sua vida. E só tinha doce anhos.

Mahmad ouviu meninos entusiasmados que falavam de quão emocionante seria montar um verme. Alguns tentavam adivinhar a identidade do forasteiro louco que guiava o demônio. Outros refugiados *zensunni* tinham baseado povos e cidades em cavernas das montanhas de Arrakis, de modo que podia ser membro de qualquer tribo.

Mahmad levantou a vista, ansioso por formular todo tipo de perguntas, e então viu seu pai em pé junto a ele, com expressão impenetrável.

- Garoto idiota - grunhiu o *naib* Dhartha. - Quem poderia ser tão temerário e indiferente a sua sobrevivência? Merece ser devorado pelas bestas.

- Sim, pai - assentiu Mahmad pela força do costume, mas interessantes possibilidades tinham desfilado por sua mente.

77

O deus da ciência pode ser uma deidade cruel

TIO HOLTZMAN,
jornal codificado (destruído em parte)

Quando Tio Holtzman descobriu um erro de cálculo no desenho de seu fracassado gerador de ressonância de liga, foi às nuvens. Estava sentado em seu estudo privado, rodeado pelos novos globos de luz que Norma tinha desenhado, repassando as tediosas réstias de cifras.

Não tinha pedido a jovem estudasse os detalhes do catastrófico acidente, porque tinha medo de que localizasse um defeito de desenho, e isso seria muito ruim. Norma havia dito desde o começo que o aparelho não funcionaria tal como ele esperava, e tinha tido razão. Maldita fosse!

Como conseqüência, o inventor tinha dedicado horas repassando o trabalho de seus escravos calculadores. E descobriu três enganos de menor importância. De um ponto de vista objetivo, embora os cálculos tivessem sido corretos, seu desenho original tampouco haveria funcionado... mas isso não vinha ao caso, decidiu.

Os calculadores tinham cometido erros imperdoáveis, com independência da importância que tivessem para o problema global. Mas bastavam para sacudir culpa em cima.

Holtzman entrou como uma tromba na silenciosa sala onde os calculadores estavam sentados em suas mesas, tentando resolver os fragmentos de equações que Norma havia entregado. Deteve-se na porta e olhou de marco em marco.

- Parem toda a atividade! A partir deste momento, todo seu trabalho será controlado e verificado, apesar do tempo que exija. Passarei cada papel, estudarei cada solução. Seus enganos atrasaram a defesa da humanidade em meses, talvez anos, e não estou contente.

Os escravos inclinaram a cabeça, sem estabelecer contato visual.

Mas Holtzman não tinha feito mais que começar.

- Não fui um bom amo para vocês? Não lhes dei uma vida melhor que a que padeciam nos campos de cana de açúcar ou nas restingas? Me pagam com isso? Os calculadores novos olharam para ele aterrorizados. Os

antigos, aqueles que não haviam morrido da febre, afundaram-se na tristeza mais atroz. - Quantos enganos mais cometeram? Quantos experimentos mais sua incompetência arruinará? - Olhou jogando faíscas aos escravos, e logo agarrou um papel aleatoriamente.

- De agora em diante, se descobrir enganos intencionados, serão executados. Não se esqueçam! Como estão trabalhando em um programa de guerra serão acusados de sabotagem e rebelião.

Norma entrou correndo na sala sobre suas curtas pernas.

- O que aconteceu, sábio Holtzman?

O sábio mostrou um papel escrito por ele.

- Descobri graves equívocos em meus cálculos do gerador de ressonância. Já não podemos confiar no trabalho deles. Você e eu, Norma, repassaremos tudo. A partir de agora.

A jovem parecia alarmada. Inclinou-se apenas.

- Como quiser.

- Nesse ínterim - disse Holtzman, enquanto recolhia os papéis. - Vou reduzir suas rações à metade. Para que vou encher suas barrigas, se sabotarem nossos esforços por derrotar o inimigo? - Os escravos gemeram. Holtzman chamou os dragões para que os levassem. - Não tolerarei tamanha idiotice. Há muito em jogo.

Quando ficaram sozinhos na sala, Norma e ele se sentaram e começaram a estudar os cálculos novos, folha por folha. A mulher de Rossak olhou para o cientista como se estivesse exagerando, mas o homem se inclinou sobre uma mesa cheia de papéis.

Depois de um momento, localizaram um erro matemático cometido por um dos novos escravos, o rapaz chamado Alüd. Pior ainda, o engano não tinha sido recebido por seu companheiro, um menino chamado Ishmael.

- Olhe, teria significado outro desastre econômico! Estarão conspirando contra nós.

- São só meninos, sábio - disse Norma. - Surpreende-me que sejam capazes de efetuar cálculos matemáticos.

Holtzman, sem lhe ouvir, ordenou aos dragões que trouxessem os dois moços, e logo, como se tivesse pensado melhor, convocou de novo todos os calculadores.

Quando os aterrorizados jovens foram arrastados a sua presença, o sábio lhes lançou uma acusação atrás de outra, embora não parecessem capazes de sofisticadas sabotagens matemáticas.

- Pensam que isto é uma brincadeira, um jogo? *Omnius* poderia nos destruir a qualquer momento. Este invento poderia ter nos salvado!

Norma olhava para o inventor, sem saber se conhecia grande coisa de seu projeto, mas agora estava furioso.

- Quando plantam moluscos ou cortam cana, um erro de alguns quantos centímetros não importa. Mas isto... - agitou os cálculos ante seus rostos, - isto poderia significar a destruição de toda uma frota de combate!

Passeou seu olhar encolerizado pelo grupo de calculadores.

- Meias rações deveriam endireitá-los. Talvez quando seus estômagos grunham, concentrem-se melhor no trabalho. - Se voltou para os meninos, que se encolheram de medo. - Quanto a vocês dois, perderam a oportunidade de trabalhar comigo. Pedirei a lorde Bludd que os encaminhe aos trabalhos mais duros. Talvez assim possam demonstrar sua valia, porque não me servem para nada.

Voltou-se para Norma, resmungando.

- Eu me desfaria de todos, mas ainda perderia mais tempo ensinando aos novos.

Surdo aos grunhidos de decepção, sem nenhum desejo de escutar a menor queixa, o encolerizado cientista saiu da sala, seguido pelo olhar de Norma.

Um par de fornidos dragões levaram Alüd e Ishmael.

78

Aprendam do passado. Não o levem como um peso ao redor do pescoço.

PENSADOR RETICULUS,
Observações da perspectiva de um milênio

Agamenon ia à frente da frota de naves blindadas preparada para atacar as feiticeiras de Rossak. As naves principais transportavam o general *cimek* e os dois titãs que o acompanhavam, assim como a dúzias de ambiciosos *neocimeks*. Os olhos espiões de *Omnius* controlavam seus movimentos.

Atrás dos *cimeks*, uma frota de naves de guerra robóticas acelerou e ultrapassou-os para chegar antes, esbeltos projéteis de motores enormes e carregados de artilharia. Eram unidades descartáveis, que não retornariam a sua base. Seus motores não economizavam combustível para a viagem de volta. Chegaram com tal celeridade que, quando as estações sensoras em órbita ao redor de Rossak as detectaram, as máquinas pensantes já tinham aberto fogo. As naves de vigilância destacadas no perímetro do sistema não puderam lançar nem um disparo.

Enquanto as naves robô atacavam as estações orbitais, os *cimeks* planejavam vingar-se na superfície.

Quando sua força de choque se aproximou de Rossak, os *cimeks* prepararam suas formas de combate blindadas. Servo-asas instalaram os contêineres cerebrais em cavidades protegidas, conectaram os *mentrodos* com os sistemas de controle e carregaram as armas. Os três titãs utilizariam poderosas formas deslizantes, corpos voadores armados. Por contrário, os *neocimeks* levavam corpos de combate destrutivos parecidos com caranguejos, com os quais poderiam abrir caminho sem problemas através da selva.

Agamenon e seus *cimeks* aceleraram. Instalado em seu corpo voador, o general provou seus armas integradas. Estava ansioso por sentir o tato de rocha, metal e carne na ponta de suas garras cortantes.

Estudou diagramas táticos e viu que as primeiras salvas alcançavam as estações defensivas que orbitavam sobre Rossak. Este posto avançado da liga era um planeta menor, de população relativamente escassa concentrada nos

vales asfixiados pela selva, enquanto o resto da superfície e os oceanos continuavam desabitados. Rossak ainda não havia instalado os custosos escudos decodificadores Holtzman que protegiam planetas humanos de maior importância, como Salusa Secundus e Giedi Prime.

Mas as mortíferas feiticeiras, com seus sinistros poderes mentais, tinham despertado a ira dos *cimeks*. Sem fazer caso da batalha espacial, as naves de Agamenon se precipitaram para a turva atmosfera. Nas cidades das cavernas encontrariam às feiticeiras, seus famílias e amigos. Vítimas, todos.

Abriu um vínculo mental com sua força de ataque *cimek*.

- Xerxes, tome o comando da vanguarda, tal como fez em Salusa Secundus. Quero sua nave à frente de todas.

A resposta de Xerxes não pode dissimular seu medo.

- Deveríamos ser precavidos com essas mulheres telepatas, Agamenon. Mataram Barba Azul, destruíram tudo o que encontraram em Giedi Prime...

- E deram-nos exemplo. Orgulhe-se de ser o primeiro em intervir. Demonstre valor, e agradeça a oportunidade!

- Eu... já demonstrei meu valia muitas vezes ao longo dos séculos - disse Xerxes em tom petulante. - Por que não enviamos primeiro robôs de combate? Não vimos a menor indicação de que Rossak conte com uma rede decodificadora...

- Nunca, você dirigirá o ataque. Você não tem orgulho, ou... vergonha?

Xerxes parou de se desculpar. Fizesse o que fizesse por redimir-se, não poderia compensar jamais o erro que havia cometido um milênio antes...

Quando os primeiros titãs ainda conservavam a forma humana, Xerxes era um jovem adulador e servil, ansioso por tomar parte nos grandes acontecimentos, mas jamais havia tido a ambição ou o impulso de transformar-se em um revolucionário indispensável. Assim que finalizou a conquista, governou o subconjunto de planetas que lhe cederam outros titãs. Xerxes tinha sido o mais hedonista dos vinte, e se entregava aos prazeres do corpo físico. Tinha sido o último a submeter-se a cirurgia *cimek*, pois não desejava desprender-se de suas maravilhosas sensações.

Mas depois de mais de um século de mandato, o extraviado Xerxes delegou excessivas tarefas às máquinas inteligentes programadas por Barba Azul. Até deixou que a rede informática tomasse decisões por ele. Durante as Rebeliões *Hrethgir* de Corrin, Richese e Walgis, Xerxes tinha deixado a manutenção da ordem em seus planetas às máquinas pensantes. Com sua falta de atenção aos detalhes e sua confiança cega na rede de inteligência artificial, havia concedido muito espaço às máquinas para reprimir os descontentes. Ordenou à rede que se ocupasse de todos os problemas que surgissem.

O computador consciente utilizou este acesso sem precedentes ao núcleo da informação, isolou Xerxes e se apoderou do planeta imediatamente. Para derrocar ao Império Antigo, Barba Azul tinha programado as máquinas pensantes com a possibilidade de ser agressivas, e assim ter um incentivo para a conquista. Com seu novo poder, a recém criada entidade, depois de autobatizar-se de *Omnius*, conquistou os titãs e tomou o comando, tanto de *cimeks* como de humanos, em teoria para seu bem.

Agamenon tinha se amaldiçoado por não vigiar Xerxes com mais perseverança, e por não lhe executar sumariamente quando conheceu sua negligência.

A conquista se pulverizou como uma reação nuclear, antes que os titãs pudessem avisar-se entre si. Em um abrir e fechar de olhos, os planetas dominados pelos titãs transformaram-se em Planetas Sincronizados. Novas encarnações da supermente brotaram como ervas daninhas eletrônicas, e o domínio das máquinas pensantes se tornou uma realidade.

Os sofisticados computadores tinham descoberto ínfimos defeitos na programação de Barba Azul, o qual lhes permitiu travar os antigos governantes. Tudo porque Xerxes tinha lhes aberto a porta. Um ato imperdoável, na opinião de Agamenon.

As naves *cimek* deixaram para trás as estações orbitais, que estavam sendo atacadas com projéteis explosivos por naves de guerra robóticas.

O planeta os aguardava desprotegido, uma bola gigantesca semeada de nuvens com moderados enegrecidos, vulcões ativos, mares venenosos e exuberantes extensões de selva púrpura e casas humanas.

- Boa sorte, meu amor - disse a voz sensual de Juno por sua freqüência privada. Suas palavras provocaram um formigamento nos contornos do cérebro de Agamenon.

- Não necessito de sorte, Juno. Necessito da vitória.

Quando começou o inesperado ataque, um punhado de naves de guerra e *kindjals* blindados separaram do dossel selvagem polimerizado para colaborar na defesa espacial. As plataformas orbitais já estavam padecendo de graves danos.

Ao mesmo tempo em que convocava seu grupo de pupilas, Zufa Cenva agarrou Aurelius Venport, consciente de que podia realizar uma série de tarefas.

Demonstre sua capacidade de liderança. Evacue as pessoas. Não temos muito tempo.

Venport assentiu.

Os homens desenvolveram um plano de emergência, Zufa. Vocês não foram as únicas que pensaram no futuro.

Se esperava algum tipo de louvor ou felicitação por parte dela, ficou decepcionado.

Adiante, pois disse a feiticeira.

- O ataque contra nossas estações orbitais é só o princípio, uma simples manobra de distração. Os *cimeks* aterrissarão a qualquer momento.

- *Cymeks*? Alguma das naves de reconhecimento...?

- Pense, Aurelius! Heoma matou um titã em Giedi Prime. Sabem que possuímos um arma telepática secreta. Este ataque não é casual. O que lhes interessa de Rossak? Querem destruir às feiticeiras.

Venport sabia que Zufa tinha razão. Por que as máquinas pensantes se preocupariam com as plataformas orbitais? Intuiu que muitos outros pressentiam também o perigo. Percebeu o pânico que estava se propagando entre os habitantes das cavernas.

A maioria de nativos de Rossak carecia de poderes especiais, e muitos padeciam defeitos ou debilidades congênitas causadas pelas toxinas ambientais. Mas uma feiticeira havia causado graves danos aos *cimeks* em Giedi Prime, e esse era o motivo do ataque das máquinas.

- Minhas feiticeiras oferecerão resistência... e já sabe o que isso significa. - Zufa ergueu-se em toda sua estatura, e olhou-o com incerteza e compaixão. – Ponha-se a salvo, Aurelius. Você não é importante para os *cimeks*.

Uma repentina determinação se instalou no rosto de Aurelius.

- Organizarei a evacuação. Podemos nos esconder na selva, nos ocupar de qualquer um que necessite de ajuda especial para fugir. Meus homens contam com provisões ocultas, refúgios, cabanas de processamento...

Zufa parecia agradavelmente surpresa com sua energia.

- Bem. Deixo em suas mãos os torpes.

- Os torpes? - Não era o momento de discutir com ela. Venport esquadrinhou seus olhos, se por acaso traiam medo.

- Vai sacrificar-se? - perguntou, em um intento de dissimular seus sentimentos.

- Não posso - admitiu com dor Zufa. - Quem treinaria às feiticeiras?

Aurelius não acreditou nela.

A mulher vacilou, como se esperasse algo mais dele, e logo se afastou correndo pelo corredor.

- Cuide-se - gritou Venport.

Depois, percorreu a toda pressa os corredores, chamando as famílias.

- Temos que nos refugiar na selva! Avisem aos outros. - Elevou a voz e deu ordens sem vacilar. - Os *cimeks* estão atacando!

Venport indicou a meia dúzia de jovens que corressem de moradia em moradia, até assegurar-se de que a mensagem tinha chegado a todos. Enquanto os jovens corriam para terminar sua tarefa, dedicou-se a percorrer as câmaras isoladas. Homens, mulheres, uma mistura de formas corporais. Apesar do alvoroço, um casal de anciões haviam ficado sentados em seu cubículo, à espera de que a emergência terminasse. Venport os acompanhou até uma plataforma de carga que os transportou até o nível do chão.

Viu que os elevadores baixavam mais gente. Seus exploradores e coletores de drogas controlavam a situação perto dos penhascos. Conheciam os atalhos, sabiam onde se achavam os refúgios.

Sinais enviados pelas naves da Armada indicaram que a batalha travada ao redor das plataformas orbitais não ia bem. Uma nave de reconhecimento sobrevivente transmitiu a advertência de que dúzias de naves *cimek* tinham iniciado a descida.

- Depressa! - gritou Venport. - Evacuem a cidade! As feiticeiras estão preparando a defesa.

Outro grupo desceu a bordo de uma plataforma sobrecarregada, de repente, projéteis incandescentes perfuraram a atmosfera deixando uma esteira de fumaça negra.

- Mais depressa! - gritou Venport, e logo se internou nos túneis para procurar os últimos atrasados, consciente de que restavam poucos segundos para salvá-los.

79

Temos nossas vidas, mas também nossas prioridades.
Muita gente não reconhece a diferença.

ZUFA CENVA,
discurso às feiticeiras

As naves *cimek* aterrissaram sobre a vegetação púrpura e chapeada. As armas dispararam jorros de lava dos cascos e atearam fogo à espessa folhagem. O incêndio se espalhou com toda celeridade.

As naves se abriram com um estrondo que estremeceu o ar, e os corpos mecânicos emergiram. Três naves descarregaram formas deslizantes blindadas, enquanto o resto cuspia formas móveis similares a caranguejos carregadas de armas.

Xerxes voou sobre a selva em direção ao enclave das feiticeiras telepatas. Estendeu as asas e se deixou levar pelas correntes de ar.

- Vou para lá - anunciou.

- Mate as bruxas por nós, Xerxes - disse Juno, enquanto Agamenon e ela preparavam seus corpos deslizantes.

- Mate-as por Barba Azul - acrescentou Agamenon com voz irada.

Xerxes voou para os penhascos. As máquinas de combate dos ansiosos *neocimeks* penetravam na selva, queimavam obstáculos, destruíam tudo que aparecia a sua frente.

Quando viu as tocas dos penhascos, Xerxes sobrevoou alguns instantes o dossel polimerizado que formava uma pequena pista de aterrissagem para naves *hrethgir*, e depois lançou quinze projéteis, a metade se chocou contra as paredes de rocha, e outros penetraram nos túneis onde os humanos viviam como vermes.

Xerxes efetuou uma veloz retirada e se elevou ao céu.

- Nosso primeiro golpe! - grasnou quando viu vir para ele Agamenon e Juno.

- Que os *neocimeks* continuem a tarefa.

Os *neocimeks* de infantaria avançavam entre a vegetação com suas pernas extensíveis.

Lançaram granadas de plasma que lhes abriram um atalho até as cidades dos túneis. A folhagem púrpura ardia a seu redor, as árvores cobertas de cogumelos estalavam em colunas de chamas que assustavam os animais. Aves majestosas elevavam o vôo, e os *cimeks* as desintegravam em nuvens de plumas. Embora satisfeito pela boa marcha do ataque, Agamenon não felicitou ninguém.

Juno e ele avançaram para efetuar o segundo ataque aéreo de posições diferentes. Abaixo, os *neocimek* em forma de caranguejo tinham chegado aos penhascos para completar a destruição.

Zufa Cenva e suas feiticeiras se prepararam em uma habitação interior que Aurelius Venport tinha destinado a suas reuniões de negócios. Nenhuma manifestava medo, só fúria e determinação. Durante o último ano, estas mulheres haviam aceitado seu principal propósito na vida, ainda que o resultado fosse a morte.

- Para isto fomos treinadas - disse Zufa. - Mas não as enganarei sobre nossas chances. - Tentava aparentar confiança em si mesma, embora não soubesse muito bem o que dizer.

- Estamos preparadas, professora Cenva - disseram as mulheres em uníssono.

Respirou fundo, acalmou-se, utilizou o controle mental que tanto se esforçou por transmitir a suas alunas.

As paredes de pedra da câmara tremeram quando as primeiras bombas encontraram seus objetivos e dispersaram nuvens venenosas nos túneis. Aurelius Venport tinha se adiantado aos acontecimentos e tomado a precaução de que cada mulher tivesse uma máscara para respirar, enquanto ele evacuava ao resto da população. Zufa se surpreendeu de não ter pensado nisso ela mesma. Confiou em que Aurelius se houvesse posto a salvo, em que não tivesse perdido tempo tentando proteger suas reservas de drogas.

Olhou para as devotas mulheres em pé à sua frente. Conhecia seus nomes e possibilidades. Tirbes, que poderia transformar-se na melhor se fosse capaz de controlar seu potencial; a impulsiva Silin; a criativa e imprevisível Camio; Ruça, que obedecia seu próprio código de honra... e mais.

- Camio - disse. – Escolho você para atirar o seguinte golpe.

Camio ficou a máscara sobre a cara e saiu da câmara protegida. Avançou sem vacilar e começou a meditação necessária para convocar o poder encerrado em seu cérebro. Não viu cadáveres nos corredores de pedra, o que significava que a população tinha sido evacuada com êxito. Agora, nada deteria as feiticeiras.

O corredor estava semeado de escombros, resultado das explosões. Colunas de vapor esverdeado introduziam veneno nas cavernas. Camio não temia por sua vida, mas tinha que apressar-se.

Ouviu o assobio de um projétil e se apertou contra a parede do túnel. Uma potente explosão se produziu na cara do penhasco, e a onda de choque invadiu os corredores e as moradias. Camio recuperou o equilíbrio e seguiu adiante. Uma enorme energia contida cantava em sua mente. Não olhou as tapeçarias nem os móveis, as habitações e salas de reuniões onde tinha transcorrido sua vida.

Rossak era seu lar. As máquinas eram seus inimigos. Camio era uma arma.

Quando chegou à entrada e olhou a selva em chamas, viu três formas de caranguejo providas de contêineres cerebrais blindados, que se penduravam como sacos de ovos em cima das pernas. Cada uma era um humano que tinha vendido sua alma e jurado lealdade às máquinas pensantes.

Camio ouviu o trovejar de contínuas explosões na selva, o rugido do plasma que carbonizava a folhagem púrpura. Formas aéreas se preparavam para um novo ataque, descarregavam veneno e pulverizavam chamas. Dúzias de *neocimeks* corriam para os penhascos protegidos, destruindo tudo que encontravam em seu caminho.

Devia esperar até o último momento para eliminar o maior número possível de inimigos.

Camio percebeu o som de três formas móveis que estavam escalando o penhasco, utilizando suportes e garras com bordo de diamante para aferrar-se a parede rochosa.

Sorriu para o trio de *neocimeks* semelhantes a caranguejos. Pernas flexíveis blindadas içaram o núcleo corporal carregado de armas até as covas principais. Camio se erguia sozinha na porta, esperando seus inimigos.

O primeiro invasor se endireitou, e a jovem viu as cintilantes fibras ópticas que rodeavam suas torres carregadas de armas. O *cimek* a detectou e girou os lança-chamas em direção ao novo objetivo.

Antes que pudesse disparar, Camio liberou a energia concentrada em sua mente e em seu corpo. Descarregou uma tormenta mental que derreteu os cérebros dos três *neocimeks* mais próximos e machucou outros dois que começavam a subir pelo penhasco. Cinco *cimeks* eliminados da batalha.

Seu último pensamento foi que tinha vendido cara sua vida.

Depois de Camio, quatro feiticeiras mais foram saindo, de uma em uma. Cada vez que escolhia uma das mulheres, Zufa Cenva experimentava a atroz perda. Eram como verdadeiras filhas, e perdê-las era como engolir goles

de ácido. Mas suas voluntárias sacrificavam a vida de bom grado para esmagar a ofensiva *cimek*,

- As máquinas pensantes não devem vencer jamais.

Por fim, a sexta voluntária de Zufa, Silin, retornou viva mas desorientada, com sua pele leitosa avermelhada. Preparou-se mentalmente para morrer, em vez disso, não tinha encontrado nada para destruir.

- Retrocederam para longe de nosso alcance, professora Cenva - informou.

Os *cimeks* estão retornando as suas naves. As formas terrestres e aéreas voltaram para a zona de aterrissagem.

Zufa correu para a janela. Viu os restos carbonizados de suas cinco comandos caídas, cada mulher abrasada por seu próprio fogo mental. Viu que as terríveis máquinas de cérebro humano subiam a suas naves e se elevavam.

Com o tempo, os refugiados retornariam. Aurelius Venport os traria de volta. Sob sua supervisão, a gente de Rossak reconstruiria e repararia as cidades dos penhascos com orgulho e confiança, conscientes de que tinham resistido ao assalto das máquinas pensantes.

Zufa Cenva tinha que aferrar-se a isso.

- Definimos as vitórias a nossa maneira - disse em voz alta.

Quando os três titãs somaram suas naves à frota robótica, Agamenon deu um resumo antes que Juno ou o idiota do Xerxes proporcionassem às máquinas pensantes informação que não desejava entregar. O general *cimek* maquiaria a verdade em função de seus propósitos.

- Causamos danos significativos - declarou Agamenon aos olhos espiões que gravavam. - Embora tenhamos perdido vários *neocimeks* em nosso ataque direto contra Rossak, infligimos danos mortais a cinco feiticeiras, no mínimo. - Por um canal privado, Juno transmitiu sua surpresa e prazer pelo relatório enviesado do general. Xerxes teve a prudência de se calar. - Demos um golpe mortal à nova arma telepática *hrethgir* - continuou Agamenon, fingindo orgulho apesar do desastre. - Deve significar uma drástica diminuição de suas capacidades.

De forma similar, tinha adornado acontecimentos do passado quando escrevia suas memórias, para adaptá-los a sua visão dos fatos. *Omnius* nunca questionaria o resumo, porque se encaixava tecnicamente com os dados objetivos.

- O melhor de tudo acrescentou Juno, é que não perdemos nenhum titã na ofensiva. Os *neocimeks* podem ser substituídos.

Com as duas estações orbitais de Rossak seriamente danificadas pelas naves de guerra robô, e milhares de humanos mortos a bordo, a frota das máquinas pensantes se afastou dos restos de naves e plataformas. Abaixo, as selvas dos corredores habitáveis continuavam queimando.

- Em minha opinião, *Omnius* pode qualificar o ataque contra Rossak como uma vitória sem precedentes - disse Agamenon.

- Estamos de acordo - fizeram coro Juno e Xerxes.

80

É como se um bruxo perverso se dedicasse a emporcalhar um planeta ao máximo possível... e logo depois o tivesse semeado de melange para rematar a jogada

TUK KEEDAIR,
correspondência com Aurelius Venport

Mendigos de olhos endurecidos se colocavam em lugares estratégicos das ruas poeirentas de Arrakis City. Olhavam através de estreitas frestas praticadas no tecido sujo que cobria seus rostos, e estendiam as mãos ou agitavam campainhas para suplicar água. Tuk Keedair nunca tinha visto algo semelhante.

Viu-se obrigado a ficar um mês, enquanto os nômades de *naib* Dhartha recolhiam *melange* suficiente para encher a nave de carga *tlulaxa*. Keedair tinha pagado para alojar-se em Arrakis City, mas ao cabo de uma semana decidiu que em sua nave dormia melhor. Preferia estar longe dos olhos inquisitivos de outros hóspedes, das brigas nos corredores, de camelôs e mendigos. Quando estava sozinho, um homem nunca deveria ter que preocupar-se em confiar em seus acompanhantes.

Arrakis expor muitos problemas para estabelecer um simples negócio. sentia-se como um nadador que avançava contra a corrente... embora nenhum nativo do deserto entenderia a comparação. Os homens de Keedair estavam perdendo a paciência a bordo do cargueiro em órbita, de modo que teve que subir para resolver as disputas e evitar estalos de violência. Um *tlulaxa* sabia como acabar com as perdas. Em duas ocasiões, aborrecido por tripulantes indisciplinados que se aborreciam muito para saber comportar-se, tinha vendido seus contratos de trabalho a equipes de investigação geológica enviados às profundidades do deserto. Se aqueles tipos conseguissem retornar a Arrakis City antes que o transporte partisse com sua carga de especiaria, arrastar-se-iam de joelhos e lhe suplicariam que os levasse de volta ao sistema de Thalim.

Outro problema. Embora o *naib* Dhartha fosse o teórico sócio de Keedair neste negocio, o líder *zensunni* não confiava em ninguém mais. Com o

fim de aumentar a velocidade e a eficácia, Keedair ofereceu-se a apresentar-se com sua nave no lugar onde os nômades compilavam a especiaria, mas o *naib* não quis nem ouvir falar disso. Continuando, Keedair se ofereceu a transladar Dhartha e seu grupo de *zensunni* até seu povoado, para evitar a longa viagem de um esconderijo das montanhas, mas essa idéia também foi rechaçada.

De modo que Keedair teve que esperar no espaçoporto, semana após semana, enquanto grupos de ratos do deserto desfilavam pela cidade com as costas encurvada debaixo de pesados pacotes cheios de especiaria. Pagava a prazo e regateava quando descobria quantidades anormais de areia mescladas com a *melange*, com fim de aumentar o peso artificialmente. O *naib* clamou sua inocência aos gritos, mas Keedair detectou certo respeito reticente por um forasteiro que não se deixava enganar. A adega de Keedair ia se enchendo com tal lentidão, que temeu perder a razão de um momento para outro.

Keedair acalmava os nervos com ingestões cada vez mais repetidas do produto. Transformou-se em um viciado na cerveja de especiaria, ao café com especiaria e a algo que contivesse o ingrediente.

Em seus momentos de maior lucidez, Keedair questionava sua decisão de ficar no planeta, e se perguntava se teria sido mais prudente aceitar as perdas de sua incursão e retornar aos civilizados planetas da liga. Ali poderia recomeçar, tomar posse de outro carregamento de escravos, destinados à venda em Poritrin ou Zanbar, ou transportar novos órgãos às granjas de Thulaxa.

Sentado em seu camarote, Keedair jurou que seguiria até o final, enquanto acariciava sua longa trança. Retornar neste momento lhe obrigaria a aceitar enormes perdas para o resto do ano, e a honra exigiria que cortasse seu formoso cabelo. O orgulho impulsionava-o a permanecer em Arrakis o maior tempo possível.

Desagradava-lhe o árido entorno, o aroma de rochas queimadas do ar, as tormentas que açoitavam as montanhas e varriam o espaçoporto. Mas como gostava da *melange*! Dia após dia, Keedair se sentava sozinho em sua nave e consumia enormes quantidades. Inclusive acrescentava especiaria a suas provisões de comida empacotadas, o que fazia que até os mantimentos mais insípidos lhe parecessem ambrósia.

Envolto em uma neblina induzida pelas drogas, imaginava vender o produto a nobres ricos, a hedonistas da Salusa Secundus, Kirana III e Pincknon, talvez inclusive aos fanáticos bio-investigadores de Tlulax. Sentia-se vibrante e cheio de vida desde que acrescentasse *melange* a sua dieta, e cada dia via sua cara mais relaxada e jovem. Cravou a vista em um espelho iluminado e

estudou suas feições. Os brancos de seus olhos tinham começado a tingir-se de um anil anormal, como tinta diluída na esclerótica.

Os membros da tribo do *naib* Dhartha tinham esses peculiares olhos azuis. Um poluente ambiental? Talvez uma manifestação do consumo desmedido de *melange*? Sentia-se muito bem para pensar que fora um efeito colateral debilitador. Devia tratar-se de uma perda de pigmentação temporária.

Preparou outra taça de potente café com especiaria.

Na manhã seguinte, quando o céu coberto de estrelas abria caminho para uma aurora colorida, um grupo de nômades se apresentou no espaçoporto, a mando do *naib* Dhartha.

Carregavam grandes pacotes de especiaria nas costas.

Keedair se apressou a recebê-los, enquanto piscava devido à luz brilhante do amanhecer. Dhartha, envolto em poeirentas roupas de viagem, parecia satisfeito consigo mesmo.

- Aqui está o resto da *melange* que tinha solicitado, mercador Keedair.

Para manter as formas, inspecionou quatro pacotes aleatoriamente, e comprovou que continham *melange* sem acréscimos de areia.

- Como antes, seu produto é aceitável. É tudo que necessitava para completar meu carregamento. Agora, retornarei à civilização.

Mas Keedair não gostou da expressão de Dhartha. Se preguntou se obteria algum proveito caso atacasse alguns povoados do deserto e transformasse em escravos aos ratos do deserto.

- Voltará, comerciante Keedair? - Um brilho de cobiça iluminou os olhos anil do *naib*. - Se pedir mais *melange*, será um prazer para mim proporcionar-lhe outro carregamento. Poderíamos chegar a um amplo acordo.

Keedair emitiu um grunhido incompreensível, já que não desejava dar muitas esperanças ao homem sobre uma futura relação comercial.

- Depende de obter benefícios deste carregamento. A especiaria é um produto desconhecido na liga, e vou correr um grande risco. – Ergueu-se em toda sua estatura. - Mas chegamos a um acordo em respeito a este carregamento, e eu sempre sou fiel a minha palavra. - Pagou a Dhartha a quantidade restante. - Se voltar, será dentro de muitos meses, talvez um ano. Se perder dinheiro, não voltarei jamais. - Lançou um olhar depreciativo ao imundo aeroporto, ao deserto e às escarpadas montanhas.

- Pouca coisa mais poderia conseguir que retornasse a Arrakis.

Dhartha olhou-o nos olhos.

- Ninguém conhece o futuro, comerciante Keedair.

Uma vez fechado o trato, o líder do deserto fez uma reverência e se afastou. Os nômades vestidos de branco olhavam para Keedair como abutres que espreitassem um animal moribundo, a espera de despedaçar o corpo.

Voltou para sua nave sem mais despedidas, pensando que, apesar de tudo, esta aventura traria lucros. Keedair tentou imaginar como transformar a especiaria em um negócio viável a longo prazo, menos problemático que o de capturar e vender escravos.

Por desgraça, as operações que tinha em mente exigiriam um importante investimento de capital, e não contava com tanto dinheiro. Mas pensou em um investidor concreto. Exatamente a pessoa que necessitava, um perito em drogas exóticas, um homem de grande riqueza e visão... um empresário capaz de julgar com objetividade o potencial dessa operação.

Aurelius Venport, de Rossak.

81

"Eu não sou mau disse Shaitan.
Não rotule o que não compreende."

Sutra budislâmico

Enquanto Serena se ocupava das flores plantadas em delicados vasos de terracota, Erasmo a observava com incessante fascinação.

Ela levantou a vista, sem saber até que ponto podia (ou devia) provocar à máquina pensante.

- Para compreender à humanidade, Erasmo, não é necessário infligir tanta crueldade.

O robô voltou a face para ela e formou uma expressão de perplexidade.

- Crueldade? Nunca foi essa minha intenção.

- Você é mau, Erasmo. Vejo como trata os escravos humanos, como os atormenta, tortura-os, obriga-lhes a viver em terríveis condições.

- Eu não sou mau, Serena, só curioso. Orgulho-me da objetividade de minhas investigações.

A jovem se achava atrás de um vaso onde crescia um grupo de gerânios vermelhos, como para proteger-se caso o robô ficasse violento.

- Ah, sim? O que me diz das torturas que realiza em seus laboratórios?

Erasmo dedicou-lhe sua expressão mais indecifrável.

- Se trata de minhas investigações particulares, realizadas sob os controles mais estritos e delicados. Você não deve entrar nos laboratórios. É proibido vê-los. Não quero que se intrometa em meus experimentos.

- Seus experimentos com eles... ou comigo?

O robô lhe dedicou um sorriso de uma placidez enlouquecedora e não contestou.

Irritada com ele, consciente do dano que Erasmo estava fazendo e muito preocupada com o filho que levava no ventre, Serena deu um empurrão no vaso, que ficou destroçado sobre os ladrilhos vidrados da estufa.

Erasmo contemplou os fragmentos de argila, a terra espalhada, as flores vermelhas pisoteadas.

- Ao contrário dos humanos, eu nunca destruo de maneira indiscriminada, sem motivo.

Serena elevou o queixo.

- Tampouco mostra-te bondoso. Por que não faz coisas boas, para variar?

- Coisas boas? - Erasmo parecia realmente interessado. - Por exemplo?

Irrigadores automáticos regaram as plantas com um suave ruído.

- Alimente melhor seus escravos - disse Serena, que não queria deixar passar a oportunidade, para começar. - Não só aos privilegiados de confiança, mas também os criados da casa e aos pobres desventurados que tem amontoados como animais em seus recintos.

- Uma alimentação melhor equivalerá a uma coisa boa? - Perguntou Erasmo.

- Eliminará um dos aspectos de sua aflição. O que pode perder, Erasmo? Tem medo?

O robô não mordeu o anzol.

- Pensarei sobre isso - limitou a responder.

Quatro sentinelas robô interceptaram Serena quando ia passear pela vila. Escoltaram-na até o pátio aberto de frente ao mar. Os robôs estavam bem blindados e portavam projeteis integrados porém não eram aficionados a conversar. Avançaram sem vacilar, com Serena entre eles.

A jovem tentou reprimir um medo inexplicável. Nunca sabia que brutais experimentos Erasmo podia imaginar.

Sob o imenso céu azul, viu aves que voavam em círculos sobre os escarpados. Cheirou a sal marinho, ouviu o longínquo sussurro do vento. Entre as extensões de grama verde e os arbustos bem podados que dominavam os recintos de escravos, ficou estupefata ao ver largas mesas rodeadas de centenas de cadeiras. Os robôs tinham disposto um sofisticado banquete sob o sol, as mesas preparadas com talheres cintilantes, copos cheios de líquidos coloridos, e bandejas transbordantes de carnes fumegantes, frutas exóticas e potes de doces. Havia Ramos de flores em cada mesa, o que contribuía para destacar a fartura da cena.

Multidões de nervosos escravos se achavam imóveis atrás de algumas barreiras, contemplando com desejo e temor os pratos nas mesas. Aromas saborosos e perfumes de frutas impregnavam o ar, tentadores e incitadores.

Serena parou em seco, assombrada.

- O que é tudo isto?

Os quatro robôs que a escoltavam avançaram um passo, e logo também se detiveram.

Erasmo se aproximou dela com expressão satisfeita.

- É uma festa, Serena. Não te parece maravilhoso? Teria, que te alegrar.

- Estou... intrigada - respondeu ela.

Erasmo elevou suas mãos metálicas, e os robôs sentinela afastaram as barreiras, indicando aos escravos que entrassem. Os escravos escolhidos correram às mesas, com aspecto intimidado.

- Selecionei o grupo com todo cuidado - explicou Erasmo, - com representantes de todas as diferentes castas: humano de confiança, operários, artesãos e inclusive os escravos mais grosseiros

Os cativos tomaram assento muito tesos, contemplaram a comida e remexeram as mãos em seu regaço. Sua expressão era de confusão mesclada com medo. Muitos dos convidados tinham aspecto de desejar estar em qualquer lugar menos ali, porque ninguém confiava no dono da casa. O mais provável era que a comida estivesse envenenada, e todos os convidados morreriam de uma maneira espantosa, enquanto Erasmo tomava notas.

- Comam! - disse o robô. - Preparei-lhes este banquete É minha boa obra.

Agora, Serena compreendeu o que estava fazendo.

- Não me referia a isto, Erasmo. Eu queria que lhes desse rações melhores, que melhorasse sua nutrição diária, que fortalecesse sua saúde. Apenas um banquete não resolve nada.

- Eles se predispõe a meu favor. - Alguns convidados serviram comida em seus pratos, mas ninguém se atreveu provar um bocado. - Por que não comem? Eu estou sendo generoso.

O robô olhou para Serena em busca de uma resposta.

- Como saber? Como podem confiar em você? Diga-me a verdade, você envenenou a comida? Algum prato aleatoriamente?

- Uma idéia interessante, mas não faz parte do experimento. - Erasmo continuava perplexo. - Entretanto, o olhar do observador está acostumado a afetar o resultado de um experimento. Não vejo forma de solucionar este problema. - Então, seu rosto formou um amplo sorriso. - A menos que eu também participe do experimento.

Estendeu sua sonda sensora, deu a volta à mesa mais próxima e afundou o extremo em diferentes molhos e pratos, ao mesmo tempo que analisava cada especiaria ou sabor. As pessoas olhavam vacilantes. Serena viu que muitos rostos se voltavam para ela, esperançosos. Tomou uma decisão, formou um sorriso tranqüilizador e falou.

- Escutem. Comam e desfrutem do festim. Erasmo não tem más intenções hoje. - Olhou para o robô. - A menos que me tenha mentido.

- Não sei mentir.

- Estou segura de que poderia aprender, se quisesse. - Serena caminhou até a mesa mais próxima, cravou um pedaço de carne e o introduziu em sua boca. Depois, escolheu uma fatia de fruta e provou uma sobremesa.

Os escravos sorriram, com olhos brilhantes. A jovem tinha um aspecto angélico enquanto ia provando pratos, esforçando-se por demonstrar que o banquete era o que aparentava.

- Venham, meus amigos, e comam. Embora não possa lhes dar a liberdade, ao menos compartilharemos uma tarde de felicidade.

Como homens esfomeados, os cativos se precipitaram sobre as bandejas, serviram-se rações abundantes, grunhindo de prazer, derramando molho, chupando os dedos para não desperdiçar nada. Olhavam-na com gratidão e admiração, e Serena sentiu um calor interior, satisfeita de ter conseguido algo para aqueles desventurados.

Pela primeira vez, Erasmo tinha tentado fazer uma boa ação Serena confiava em animá-lo a continuar.

Uma mulher se aproximou e puxou a manga de Serena. Esta examinou os grandes olhos escuros, o rosto gasto mas cheio esperança.

- Como se chama? - perguntou a escrava. - Precisamos saber. Contaremos aos outros o que tem feito.

- Sou Serena. Serena Butler. Pedi a Erasmo que melhore suas condições de vida. Ele se encarregará de que recebam rações melhores a cada dia. - Se voltou para olhar ao robô e entreabriu os olhos. - Não é mesmo?

O robô lhe dedicou um plácido sorriso, satisfeito, não do que tinha feito, mas sim das coisas interessantes que tinha observado.

- Como quiser, Serena Butler.

82

Devido a natureza sedutora das máquinas, supomos que os avanços tecnológicos trazem sempre melhorias e sempre beneficiam os humanos.

Primeiro FAYKAN BUTLER,
Memórias da Yihad

Depois de culpar os calculadores incompetentes pelo fracasso de seu resonador, Tio Holtzman abandonou o projeto sem mais. Pessoalmente, tinha consciência de que o gerador nunca seria seletivo o bastante para machucar um inimigo robô sem danos colaterais significativos.

Lorde Bludd, um pouco mortificado, tinha insinuado sem rodeios que seu grande inventor trabalhasse em outros conceitos. Mesmo assim, a idéia tinha sido promissora...

O cientista voltou para seu campo decodificador original, capaz de desorganizar os sofisticados circuitos gelificados das máquinas pensantes. Outros engenheiros continuavam modificando os decodificadores portáteis para utilizá-los em ataques terrestres, porém Holtzman pensava que a coisa não acabava ali, que o desenho do decodificador podia transformar-se em uma potente barreira contra um tipo diferente de armas.

Absorto em seu trabalho, procurando se esquivar de Norma (devido a sua irritante tendência a assinalar seus enganos), contemplou seus cálculos. Com o objetivo de aumentar a potência e distribuição do campo, lutou com as equações como se fossem coisas vivas. Necessitava corrigir o defeito que tinha permitido aos *cimeks* penetrar em Salusa Secundus.

Pensou em armas ofensivas e defensivas ao mesmo tempo, moveu-as em sua mente como brinquedos. Em geral, Holtzman sabia que a destruição total do inimigo se produziria mais ou menos sem problemas assim que a liga burlasse as defesas de *Omnius*. Um simples bombardeio com um número entristecedor de cabeças atômicas antiquadas desintegraria os Planetas Sincronizados, mas também mataria bilhões de seres humanos escravizados.

Não era uma solução viável.

Em um planetário situado ao final de uma estreita escada, Holtzman ativou o holograma de uma enorme lua que orbitava ao redor de um planeta

coberto de água. A lua descrevia uma larga elipse, escapava da atração gravitacional de seu planeta e cruzava o sistema solar imaginário até chocar-se contra outro planeta, de maneira que os dois corpos estelares ficavam destruídos. Franziu o cenho e apagou a imagem.

Sim, a destruição era singela. O escudo trazia muitas dificuldades.

Holtzman tinha pensado em solicitar a colaboração de Norma para seu novo projeto, mas se sentia intimidado pela jovem. Apesar de seus êxitos anteriores, estava envergonhado pelo fato de que sua intuição matemática fora inferior a dela. Norma teria gostado de trabalhar com ele, certamente, mas Holtzman se sentia proprietário exclusivo da idéia. Por uma vez, queria obter algo sem ajuda, atendo-se aos resultados dos cálculos.

Porém, para que havia feito Norma vir de Rossak, senão para aproveitar seu talento?

Irritado por suas vacilações, Holtzman devolveu o projetor planetário a sua prateleira. Havia chegado o momento de voltar ao trabalho.

Entrou um dragão com seu uniforme de escamas douradas e entregou um pacote de folhas de cálculo, a última série de modelos teóricos.

Holtzman estudou as cifras finais. Tinha trabalhado uma e outra vez em sua teoria fundamental, e seus calculadores tinham encontrado por fim as respostas que necessitava.

Entusiasmado, deu um palmada sobre a mesa, fazendo saltar os documentos amontoados.

- Sim!

O inventor, satisfeito, organizou seus papéis, empilhou com esmero as notas, esboços e fotocópias. Depois, espalhou as folhas de cálculo como se fosse um tesouro, e chamou Norma Cenva.

Quando a jovem entrou, ele explicou com orgulho o que havia conseguido.

- Quero que você estude meus resultados.

- Será um prazer, sábio Holtzman.

Norma não era competitiva, não desejava a fama. Isso agradava Holtzman. Mas respirou fundo, nervoso.

Tenho medo dela. Odiava o pensamento, e tratou de tirá-lo da memória.

A moça subiu a um tamborete e acariciou o queixo, enquanto repassava as equações. Holtzman passeava por seu laboratório, olhava de vez em quando para atrás, mas nada distraia Norma, nem sequer quando o sábio moveu uma pilha de prismas tonais ressonantes.

Norma assimilou os novos conceitos como se estivesse em transe hipnótico. O sábio não estava seguro de como funcionavam seus processos

mentais, só de que o fazia. Por fim, Norma emergiu de seu mundo alternativo e deixou os papéis a um lado.

- Trata-se, com efeito, de uma nova forma de campo protetor, sábio. Sua manipulação das equações básicas é inovadora, e até eu encontro dificuldades para compreendê-las totalmente.

Sorriu como uma menina pequena, e Holtzman teve que reprimir uma expressão de orgulho e alívio. Então, para sua decepção, o tom de Norma mudou.

- Mas, não estou segura de que a aplicação que deseja seja viável.

Suas palavras caíram como gotas de ferro incandescente sobre a pele do sábio.

- O que quer dizer? O campo é capaz de desorganizar tanto os circuitos gelificados dos computadores como uma intrusão física.

Norma percorreu com os dedos uma seção de cálculos da terceira página.

- Seu principal fator de limitação é o raio da projeção efetiva, aqui e aqui. Por mais energia que bombeiem no gerador de campo, não podem expandi-la além de um determinado valor constante. Um campo destas características poderia proteger naves e edifícios de grande tamanho, com uma eficácia maravilhosa, na realidade, mas nunca abrangerá o diâmetro de um planeta.

- Nesse caso, não podemos utilizar vários? - perguntou Holtzman com ansiedade. - Sobrepô-los?

- Possivelmente - assentiu Norma, mas sem muito entusiasmo. - Mas o que mais me surpreende é esta velocidade variável. - Rodeou outra parte de uma equação com o dedo. - Se repassar os cálculos aqui - agarrou uma caixa de cálculos, oprimiu com um punção diversas aberturas com o fim de pôr em movimento mecanismos internos, e deslizou de um lado a outro estreitas placas, - a velocidade incidental adquire relevância quando a separa como função da eficácia do campo. Desta maneira, com um valor mínimo da velocidade, o fator de proteção é absolutamente insignificante.

Holtzman a olhou, incapaz de seguir seu raciocínio.

- O que quer dizer?

Norma era muito paciente com ele.

- Em outras palavras, se um projétil se mover muito devagar poderá penetrar em seus escudos. O escudo deterá uma bala rápida, mas algo um pouco mais lento que um certo valor crítico o atravessará.

- Que tipo de inimigo dispara balas lentas? - disse Holtzman, enquanto recuperava os papéis. - Tem medo de que alguém saia ferido se lhe lançarem

uma maçã?

- Só estou explicando as ramificações dos cálculos, sábio.

- De modo que meus escudos só podem proteger áreas pequenas, e somente de projéteis rápidos. É isso o que está dizendo?

- Eu não, sábio Holtzman. É o que dizem suas equações

- Bem, tem que haver uma aplicação prática. Só queria te mostrar o progresso de meu trabalho. Estou seguro de que te ocorrerá algo muito mais impressionante.

Parecia que Norma não percebia a petulância de sua voz.

- Posso ficar com uma cópia?

Holtzman se repreendeu por ser genioso, inclusive pouco produtivo.

- Sim, sim, ordenarei aos calculadores que lhe façam uma, enquanto eu vou meditar. Pode se que me ausente por alguns dias.

- Eu ficarei aqui disse Norma, sem deixar de olhar para os cálculos. Continuarei trabalhando.

Holtzman, a bordo de uma luxuosa barcaça tradicional que sulcava o rio, passeava pela coberta e meditava sobre as possibilidades. As correntes de água que acariciavam os flancos da embarcação transportavam um aroma de metal e barro.

Na seção de popa coberta, um grupo de turistas bebia vinhos espumosos e cantava canções, o que lhe distraia. Quando uma mulher reconheceu o famoso cientista, todo o grupo convidou-o a sentar-se em sua mesa, e aceitou. Depois de um jantar excelente, compartilharam bebidas caras e uma conversa razoavelmente inteligente, adorava as adulações.

Mas em plena noite, incapaz de dormir, reatou seu trabalho.

Obstinado a seus antigos êxitos, recordando com que facilidade fluíam as idéias no passado, negou-se a renunciar à nova idéia. Seus escudos inovadores possuíam um potencial notável, mas talvez lhe escapava algo. Seu tecido era grande, vaga sua missão, mas as pinceladas muito grosas.

Por que devia preocupar-se com blindar todo um planeta em um dado momento? Era necessário?

Havia outras formas de guerra: combate pessoal com tropas terrestres, luta corpo a corpo nas quais os humanos podiam liberar seus irmãos cativos dos Planetas Sincronizados. Os ataques em escala planetária sacrificavam muitas vidas. Como uma inteligência artificial podia copiar-se indefinidamente, *Omnius* nunca se renderia, nem sequer enfrentado a forças militares avassaladoras. A supermente seria quase invencível... a menos que comandos

especiais invadissem um centro de controle, como havia sucedido em Giedi Prime.

Enquanto passeava pela coberta, as estrelas brilhavam no céu. Holtzman cravou a vista nas paredes rochosas do corredor do Isana, uma profunda garganta formada pelo rio torrencial. Ouviu o rugido dos rápidos que se aproximavam, mas sabia que a embarcação desviaria por um canal. Deixou vagar sua mente.

Escudos menores... Escudos pessoais. Talvez a armadura invisível não detivesse projéteis lentos, mas resistiria a quase todos os ataques militares. E não era preciso que as máquinas conhecessem este ponto vulnerável.

Escudos pessoais.

Embora o êxito e os elogios fossem menos gloriosos, o novo conceito defensivo seria muito útil. De fato, salvaria bilhões de vidas. As pessoas poderiam levar os escudos como amparo pessoal. Os indivíduos, como diminutas fortalezas, seriam quase imunes ao ataque.

Faltou-lhe o fôlego, voltou para seu luxuoso camarote da coberta superior, cujo interior estava iluminado por um globo de luz facetado de Norma. Escreveu e reescreveu suas equações até bem entrada a madrugada. Por fim, estudou seus resultados com olhos cansados, e escreveu com orgulho "Efeito Holtzman".

Sim, isto funcionará maravilhosamente.

Pediria um transporte rápido e retornaria a Starda, rio abaixo. Desejava ver a expressão de perplexidade e admiração no rosto de Norma quando reconhecesse seu autêntico gênio e compreendesse que nunca o tinha perdido.

83

Não é meu problema.

Dito da Velha Terra

Nas paredes de granito do estreito corredor fluvial, os escravos (em sua maioria meninos, como Ishmael e Alüd se penduravam de arnês sobre o abismo. Os moços trabalhavam longe dos supervisores, sem chance de fuga. Somente podiam descer pela parede rosa até as águas espumantes do fundo.

A faca abrasiva do Isana tinha aberto uma profunda garganta, deixando as paredes de pedra tão polidas e lisas que nenhuma erva ou arbusto podia crescer. Embora o rio fosse rápido e as águas traiçoeiras, este gargalo fazia parte da rota comercial do rio. As barcaças procedentes das planícies continentais (carregadas de grãos, sucos de ervas fermentados e especiarias locais) passavam pela garganta.

Lorde Bludd tinha decidido colocar um gigantesco mosaico em uma parede do corredor, um mural colossal que comemoraria os triunfos de sua nobre família. O extremo norte da obra começava com o retrato idealizado de seu antepassado Sajak Bludd, no entanto a parte sul ficaria virgem para os feitos dos futuros senhores de Poritrin.

Ishmael, Alüd e seus companheiros foram obrigados a construir o mosaico. Os artistas da corte já tinham gravado com laser na parede o desenho, e os moços colocavam metodicamente os mosaicos sobre a ilustração, cada peça como um diminuto pixel do que, de longe, seria a obra definitiva. Os andaimes penduravam carregados de ladrilhos geométricos, cortadas de argila do rio cozida e vitrificada com tinturas importados do Hagal.

Visto da coberta dos navios, o mural seria impressionante. Mas suspenso de um arnês e de tão perto, Ishmael não podia distinguir detalhes. Apenas via um favo de ladrilhos impreciso, uma cor atrás de outra coladas com resinas.

Alüd, que estava pendurado a seu lado, fixava ruidosamente os ladrilhos em seu lugar. O ruído das ferramentas ressonava no corredor: serras, martelos bicudos, soldadores elétricos. Alüd, que tinha saudades de sua vida

roubada, cantou uma canção de Anbus IV enquanto trabalhava. Ishmael o seguiu com uma balada similar de Harmonthep.

Dez metros abaixo, pendurado de seu arnês, um menino chamado Ebbin compôs uma melodia improvisada que descrevia seu lar de Souci, uma lua habitada tão isolada que nem Alüd nem Ishmael, tinham ouvido falar dela. Pelo visto, os caçadores de escravos de Tlulaxa eram peritos em localizar refúgios budislâmicos, e perseguiam *zensunni* e *zenshiítas* por igual.

Os meninos tinham mais agilidade e energia que homens ou mulheres adultos. Eram capazes de engatinhar sobre o granito para colocar os ladrilhos de cores, enquanto frios ventos silvavam no corredor. Os supervisores não esperavam problemas.

Equivocavam-se.

Alüd estava acostumado a repetir com freqüência as palavras desafiantes de Bel Moulay. O veemente líder *zenshiíta* sonhava com uma época em que os escravos se livrariam de suas cadeias e voltariam a ser livres, retornariam ao Anbus IV, Harmonthep, ou inclusive ao misterioso Souci. Ishmael escutava aquelas tolices, mas não queria açular mais Alüd.

Ishmael recordava seu avô, e continuava sendo um paciente pacifista. Sabia que talvez não visse nunca a queda dos caçadores de escravos. Alüd não queria esperar. Acreditava que os escravos mereciam vingar-se, tal, como Bel Moulay tinha prometido em suas idéias incendiárias...

O ostentoso lord Bludd chegou a plataforma de observação com seu séquito. Os artistas da corte tinham adaptado as idéias e esboços do lorde à parede da garganta, e vinha com freqüência inspecionar os trabalhos. A cada semana, a plataforma de observação descia um pouco mais, à medida que o imenso mosaico crescia com lentidão sobre os penhascos de granito. Flanqueado por seus dragões, o nobre felicitou aos encarregados do projeto.

Nesta fase, o mural assumia a forma em que seu bisavô, Favo Bludd, tinha criado uma obra de arte única nas grandes pradarias, desenhos geométricos de flores e ervas que brotavam em estações diferentes. Vista do ar, estas obras de arte efêmeras mudavam como imagens caleidoscópicas. A cada estação, as flores cresciam formando desenhos, depois amadureciam, e pouco a pouco formavam mais grupos fortuitos, quando os ventos alteravam a paleta do plantador.

De onde Bludd olhava, rodeado por mesquinhos aduladores, os escravos pareciam insetos que rastejavam sobre a parede oposta. Ouviu o ruído dos aparatos e o tom agudo das jovens vozes.

Os trabalhos progrediam de maneira satisfatória. Figuras, rostos e naves gigantes cobriam o granito: uma épica descrição da colonização de

Poritrin e a destruição intencional de todos os computadores, o que devolveu o planeta a uma existência bucólica, dependente da mão de obra escrava.

Bludd, um homem muito orgulhoso, conhecia bem os rostos de seus antepassados. Por desgraça, enquanto estudava o jogo da luz e as cores sobre o mosaico inacabado, descobriu que não lhe satisfazia a cara do velho Favo. Embora o desenho do mosaico seguisse com precisão a imagem gravada a laser no granito, agora que via o resultado, não gostou.

- Note o rosto de lorde Favo. Não lhes parece pouco correta?

Todo o séquito se apressou a lhe dar a razão. Chamou o supervisor do projeto, explicou o problema e ordenou que retirassem os ladrilhos do rosto de Favo Bludd, até que modelassem de novo seus traços.

O capataz vacilou um instante, e logo assentiu.

Ishmael e Alüd grunhiram em uníssono quando lhes chegaram as insultantes instruções. Aproximaram-se da superfície já terminada. Ishmael se pendurava ante o imenso desenho geométrico que formava o olho do nobre.

Alüd, enfurecido, fixou seus ganchos protetores, e depois utilizou um martelo de rocha para destroçar os ladrilhos, tal como lhes tinham ordenado. Ishmael o imitou. Não deixava de ser irônico que tirar os ladrilhos fosse mais difícil que colocá-los. A resina epoxi era mais dura que o granito, de modo que não tinham outra alternativa senão destruir o mosaico e deixar que os pedaços caíssem ao rio.

Alüd estava furioso pelo absurdo de suas tarefas. Ser escravo já era bastante ruim, mas o encolerizava repetir um trabalho entristecedor porque algum amo arrogante tinha mudado de opinião. Descarregou seu martelo com mais força do que a necessária, como se imaginasse as cabeças de seus inimigos, e o rebote bastou para que a ferramenta se soltasse de seu cabo. O martelo caiu.

- Cuidado aí abaixo! - gritou.

O pequeno Ebbin tentou afastar-se. Seus pés e mãos escorregaram quando se deslocou sobre a rocha polida. o martelo o acertou no ombro e cortou a correia do torso.

Ebbin escorregou, sem a metade de seu apoio e com a clavícula quebrada. Gritou e agarrou o laço do arnês restante, que se cravava em seu braço direito.

Ishmael tentou deslocar-se de flanco para alcançar o cabo que prendia Ebbin. Alüd se esforçava por descer até o moço de Souci.

Ebbin sacudia os braços e as pernas. Deixou cair o martelo. Ishmael aferrou a corda restante do moço e a prendeu, mas não sabia o que fazer.

Os escravos que se achavam na borda do canyon começaram a puxar o cabo para subir ao garoto, porém o braço esquerdo de Ebbin jazia inerte, e com uma clavícula quebrada pouco podia fazer para se ajudar. O cabo se prendeu em uma rocha. Ishmael sacudiu a corda com a intenção de soltá-la, com os dentes apertados. O menino se encontrava a pouca distância abaixo dele.

Ebbin, desesperado, estendeu uma mão e arranhou o ar. Ishmael, sem deixar de segurar o cabo, tentou agarrar seu braço livre para apoderar-se da mão do menino.

De repente, os trabalhadores da borda lançaram gritos de decepção. Ishmael ouviu o ruído da corda ao romper-se.

Ishmael se agarrou a seu arnês. A corda fibrosa que prendia Ebbin deslizou em sua mão fechada e queimou sua pele. Apesar da fratura, Ebbin estendeu a mão para cima, e seus dedos roçar os de Ishmael. Depois, o menino se precipitou ao abismo, com a boca aberta, os olhos brilhantes de incredulidade. O extremo desfiado do cabo escorregou pelas mãos machucadas de Ishmael.

Ebbin caia dando voltas no Isana. A água estava tão longe que Ishmael nem sequer viu o menino fundir-se ao rio...

Alüd e Ishmael foram içados até a borda do escarpado, onde o responsável pelo projeto curou de má vontade suas queimaduras e contusões.

Ishmael esteve a ponto de vomitar. Alüd estava silencioso e taciturno, e se culpava pelo ocorrido. Mas o responsável pelo projeto não demonstrou a menor compaixão e gritou a outros moços que voltassem a trabalhar.

84

Existe um limite superior para a inteligência das máquinas, e um limite inferior para a estupidez dos humanos?

BOVKO MANRESA,
primeiro vice-rei da Liga de Nobres

De todas as moléstias provocadas pelos vis humanos da Terra, Ajax considerava que a rebelião era a mais imperdoável.

A vítima gemia e soluçava, tentava liberar-se sem êxito de suas ataduras, enquanto o cruel titã passeava acima e abaixo da imensa câmara vazia sobre suas pernas esbeltas.

Depois de surpreender o capataz em plena traição, Ajax tinha fechado uma mão artificial ao redor do bíceps direito do homem e o tinha arrastado para longe de seus trabalhadores, entre gritos e tropeções.

Os escravos tinham interrompido suas tarefas, e contemplado com horror e compaixão seu capataz, vítima da ira de Ajax. O *cimek* desfilou com seu aterrorizado cativo pelas ruas, e o arrastou por fim ao interior de um edifício oco, chamado Palácio de Justiça.

O que parecia muito apropriado a Ajax.

Como muitos edifícios da capital da Terra, o palácio de Justiça não era mais que um cenário destinado a transmitir uma aparência de majestosidade. Por dentro, estava totalmente vazio.

Ajax e o traidor poderiam ter uma longa reunião a sós. A idéia de que os escravos se rebelassem o divertia por sua falta de lógica, sobretudo se um humano de confiança dava seu apóio a tal estupidez.

Enfocou suas numerosas fibras ópticas no cativo suplicante. O homem havia se sujado e soluçava de uma maneira patética, balbuciando mais desculpas que negativas. Não havia pressa. Pretendia se divertir muito com ele.

- Você conspirou contra as máquinas pensantes - falou Ajax com voz profunda e firme. - Inventou histórias sobre uma extensa resistência clandestina, com o disparatado propósito de fazer com que os escravos se rebelassem e obtivessem a independência de *Omnius*.

- Não é verdade! - uivou o homem. - Juro que não sabia o que estava fazendo. Estava seguindo instruções. Recebi mensagens...

- Recebeu mensagens que respiravam a rebelião, e não me informou? - A gargalhada poderosa de Ajax fez que o pobre homem se mijasse todo. – Em vez disso, repassou as mensagens em segredo aos seus empregados.

As provas eram irrefutáveis, e Ajax esperava uma recompensa por solucionar o problema. Afinal, *Omnius* estava observando. Talvez, pensou o *cimek*, se arrancasse o coração da rebelião logo no início, poderia solicitar uma recompensa, inclusive exigir a oportunidade de lutar em um espetacular combate de gladiadores, como tinham feito Agamenon e Barba Azul.

- Vamos gravar essa sessão. - Ajax avançou sobre suas pernas blindadas flexíveis, ao mesmo tempo em que agitava jogos de braços parecidos com patas de inseto. Agarrou a mão esquerda do cativo e a imobilizou com uma presa de polímero metálico. Diga seu nome.

O homem babou e suplicou, mas Ajax, iracundo, aumentou sua presa e lhe cortou a mão pelo pulso. O homem gritou, e o jorro de sangue cobriu o jogo dianteiro de fibras ópticas do *cimek*. Ajax se amaldiçoou. Não pretendia infligir tanta dor antes que o homem pudesse responder a perguntas simples.

Enquanto o capataz uivava e se revolvia, Ajax ativou um lança-chamas e chamuscou o coto.

- Já está cauterizado. - Ajax esperou a que o homem demonstrasse certa gratidão. - Responda à pergunta. Como você se chama?

Ajax agarrou a outra mão do homem com uma garra de aspecto ameaçador. O capataz se pôs a gritar, mas teve suficiente presença de espírito para dizer:

- Ohan. Ohan Freer! Esse é meu nome. Não me machuque mais, por favor.

- Começamos bem.

De qualquer modo, Ajax sabia que não tinha feito mais que começar a machucá-lo. Gostava muito desta parte do trabalho, quando podia improvisar os torturas e infligir dor como um professor.

Os outros titãs consideravam Ajax um demente. Mas se um líder não podia demonstrar seu poder sobre os vencidos, do que tinha servido conquistar o Império Antigo? Inclusive em seus dias de glória, Ajax nunca se interessou, como Xerxes, por comidas ou bebidas extravagantes, na vida mole e abúlica, como sua caprichosa parceira, Hécate.

Não, Ajax tinha se unido ao grupo pelo puro prazer do desafio. A princípio, quando Tlaloc tinha esboçado planos com seus companheiros de conspiração, a sedutora Juno havia recrutado Ajax para a causa. Um guerreiro

duro e agressivo, Ajax tinha contribuído com o músculo que os titãs necessitavam, não só força física, mas também a mente de um guerreiro, de um conquistador insaciável. Depois da derrota dos humanos, fazia o possível por manter a ordem, indiferente ao preço pago em sangue pelos não combatentes.

Os insetos sempre estavam tramando uma rebelião ou outra, mas Ajax extinguia com facilidade aqueles pequenos incêndios. Quando as Rebeliões *Hrethgir*, mais organizadas, ameaçaram aos titãs, Ajax tinha reagido com assombrosa crueldade.

Tinha ido a Walgis, o lugar onde tinha acendido a faísca da rebelião, e isolado o planeta por completo. Tinha deixado as comunicações abertas de propósito para que a população condenada pudesse pedir auxílio. Dessa forma, os escravos ingovernáveis de outros planetas controlados pelos titãs experimentariam o castigo de maneira vigária.

Depois, colocou mãos a obra.

O trabalho essencial o ocupou durante anos, mas Ajax conseguiu por fim exterminar todos os seres humanos de Walgis, com a ajuda de armas atômicas, nuvens de gás venenoso e enfermidades personalizadas. Para aniquilar os sobreviventes, Ajax tinha instalado seu contêiner cerebral dentro de um corpo monstruoso e aterrador, e caçava os humanos como se fossem animais selvagens. Acompanhado por esquadrões de robôs programados por Barba Azul, havia queimado cidades, derrubado edifícios, extirpado toda presença humana. Matou até o último dos *hrethgir*, e divertiu-se muito.

Aqueles sim tinham sido dias gloriosos para os titãs!

Esta violência, embora justificada, tinha perturbado sua companheira Hécate, a mais débil e escrupulosa dos vinte primeiros titãs. Embora tivesse se juntado à rebelião de Tlaloc com ânimo de lucro, nunca tinha compreendido as necessidades da tarefa, e tinha adoecido pouco a pouco. Depois que os titãs sacrificaram seus corpos humanos em favor de uma existência imortal como *cimeks*, Hécate tinha ficado com Ajax, ao mesmo tempo que tentava, sem êxito, mudar sua personalidade. Apesar de seus desacordos, Ajax a tinha querido, se bem que sua necessidade de uma amante houvesse desaparecido junto com sua forma física.

Consternada pela sangrenta reação de Ajax às Rebeliões *Hrethgir*, Hécate havia renunciado a sua "posição" entre os titãs. Não desejava participar do governo da humanidade. Encerrada em um corpo *cimek* de desenho próprio, uma espaçonave de longo alcance, Hécate tinha partido e abandonado os outros titãs.

Por uma ironia, Hécate tinha escolhido o momento certo para desaparecer. Pouco depois do extermínio dos humanos de Walgis, o fatal engano de Xerxes tinha permitido que a supermente de *Omnius* se liberta-se...

No interior do ensangüentado Palácio de Justiça, Ajax se ergueu em toda sua estatura.

Transmitiu energia a seus sistemas para que o fogo neuroelétrico percorresse suas extremidades de inseto. O traidor gritou ao pensar no que ia acontecer-lhe.

- Bem, Ohan Freer - disse Ajax, - vou formular mais perguntas. Quero que preste muita atenção.

Por ordem de *Omnius*, o supervisor Iblis Ginjo conduziu seus trabalhadores à praça da Idade de Ouro. Ajax estava a ponto de sentenciar (a morte, sem dúvida) um homem que havia capturado, um supervisor de outra equipe, Ohan Freer.

Iblis tinha estudado com o acusado nas escolas especiais, mas nunca tinha visto que seu colega fizesse nada ilegal. Entretanto, Ajax nunca necessitava de muitas desculpas. Ele mesmo tinha experimentado a desaprovação do titã em mais de uma ocasião, mas até o momento tinha conseguido sobreviver. Duvidava de que seu colega saísse bem hoje.

Uma coluna de metal trabalhado se elevava no centro da praça. Uma chama laranja ardia no extremo, como uma chaminé ornamental. Elegantes fachadas de imensos edifícios, todos vazios, rodeavam a praça como muros do pátio central de uma prisão. Os sentinelas robô de *Omnius* estavam formados no perímetro da praça, preparados para castigar qualquer teórica infração dos escravos humanos.

Iblis guiou seu grupo até entrar em as áreas de observação separadas. Dirigiu-lhes algumas palavras para tranqüilizá-los, um discurso breve que não pudesse incomodar os *cimeks*. Ajax era muito aficionado a montar o espetáculo, queria assegurar-se de que cada olho aterrorizado fosse testemunha de seus atos. Quando Iblis e outros capatazes assopraram seus apitos para indicar que estavam preparados, Ajax apareceu com seu prisioneiro mutilado.

O titã usava um corpo parecido ao de uma formiga com um impressionante núcleo elipsoidal, pesadas patas para caminhar e quatro braços com os quais prendia Ohan Freer. Olhos espiões captavam as imagens e transmitiam um jorro de dados à supermente.

Sob a coluna de fogo, Ajax agarrou à vítima como uma gigantesca formiga a um escaravelho indefeso. O desventurado Ohan estava queimado, ensangüentado e ferido. Sua mão esquerda não era mais que um coto

carbonizado. Diversos hematomas manchavam sua pele. Um fio de saliva emanava de sua boca.

Um murmúrio de consternação se elevou dos cativos. Iblis percebeu que aqueles operários não tinham podido constituir a origem da rebelião, face às mensagens misteriosas e provocadoras que tinha recebido. E se estivesse enganando, e a chamada secreta da liberdade era uma simples sugestão ofegante lançada por outra pessoa desesperada?

Ajax elevou no ar o cativo e amplificou seus sintetizadores vocais para que suas palavras ressonassem como um trovão na praça.

- Alguns de vocês ouviram este criminoso falar. Alguns talvez tenham tido a desventurada idéia de escutar suas estúpidas fantasias de liberdade e rebelião. Seria melhor que cortassem as orelhas antes de dar ouvidos a tais necessidades.

A multidão conteve o fôlego. Iblis mordeu o lábio inferior, pois não queria olhar, mas estava fascinado pelo iminente horror. Se desviasse a vista, talvez os olhos espiões detectassem-no, mais tarde padeceria as conseqüências. Por conseguinte, Iblis continuou contemplando a cena.

- Este pobre iludido já não é necessário para a perpétua glória de *Omnius* no reino das máquinas pensantes.

Ohan gritou e se revolveu sem forças. Ajax sujeitava a mão intacta do homem em uma garra e cada perna em outras duas. Com a última garra, Ajax rodeava o peito de Ohan por baixo das axilas.

- Já não é um trabalhador. Nem sequer é um *hrethgir*, um dos humanos indisciplinados que sobrevivem a custa de nossos sofrimentos. É lixo. - Ajax fez uma pausa. - E tenho que desfazer-me do lixo.

Depois, sem o menor esforço ou som, Ajax estendeu seus membros artificiais em diferentes direções e esquartejou o indefenso Ohan. Os braços e as pernas se desgarraram, o peito se abriu pela metade e os ossos quebrados perfuraram a pele. Sangue e vísceras se derramaram sobre os ladrilhos da praça.

Ajax lançou as partes ensangüentadas à encolerizada multidão.

- Basta de tolices! Isto não é uma rebelião. Voltem para trabalho.

Os operários pareciam ansiosos por retornar a suas tarefas. Olharam para Iblis quando se foram, como se pudesse protegê-los. Mas Iblis continuava contemplando o açougue com assombro e incredulidade. Ohan Freer tinha sido um membro da rebelião! O capataz tinha espalhado a dissensão, forjado planos, talvez enviado e recebido mensagens.

Outro rebelde!

Iblis, consternado, sabia que, se continuasse atuando, se exporia a um perigo ainda maior. Não obstante, a execução de hoje lhe tinha ensinado uma coisa com muita clareza: a rebelião humana não era coisa de sua imaginação.

É real!

Se Ohan tinha participado dela, tinha que haver outros, muitos mais. Esta rede clandestina de lutadores, que incluía Iblis, estava dividida em células para que não pudessem trair-se entre si. Agora compreendia.

Começou a fazer planos com maior convicção que antes.

85

Os humanos negam um sem-fim de possibilidades, um número infinito de reinos onde sua espécie poderia entrar.

ERASMO,
nota sobre a natureza humana

Era uma sala de concertos improvisada, no interior de um edifício com paredes de mármore construído na propriedade do robô. Erasmo tinha ordenado a seus operários que modificassem o interior, instalassem assentos e alterassem as paredes, com o fim de criar uma acústica perfeita para esta única apresentação. Erasmo tinha estudado discos da melhor música clássica humana, sabia com exatidão o que se esperava das grandes sinfonias, do público até a posição em cena.

Tinha uma elevada opinião de seus empenhos artísticos.

O robô convidou Serena Butler, agora em seu oitavo mês de gravidez, a ocupar a cadeira central da sala.

- O resto do público talvez obtenha prazer da melodia e os sons, mas suas expectativas são diferentes. Em Salusa Secundus, a música sofisticada fazia parte da sua existência.

Serena pensou em seu irmão e suas aspirações musicais com uma pontada de dor. Tinha aprendido a apreciar as obras de compositores humanos desaparecidos muitos milênios antes.

- Não é só da música que tenho saudades, Erasmo.

- Você e eu falamos a mesma linguagem culta - disse o robô, sem reparar em seu comentário. Diga-me se gosta desta composição. Pensava em você quando a escrevi.

Encheu a sala com escravos escolhidos de diversas especialidades trabalhistas. Foram limpos e vestidos segundo a idéia que Erasmo tinha de um público de classe alta.

Retratos eletrônicos de grandes compositores humanos estavam pendurados das paredes, como se o robô quisesse colocar-se entre eles. Ao

redor do perímetro, exibiam-se instrumentos musicais dentro de vitrines: um alaúde, um rabel, um tambor dourado e um antigo *baliset* de quinze cordas com conchas de *vabalone* incrustadas na caixa.

No centro do cenário, Erasmo estava sentado em frente a um piano de cauda, rodeado de sintetizadores musicais, alto-falantes e uma mesa de som. Vestido com um traje negro talhado como um smoking, mas desenhado para acomodar seu corpo robótico, Erasmo se achava imóvel, com o rosto convertido em um espelho ovalado, sem a menor expressão.

Serena se acomodou no assento e contemplou o robô. Apoiou uma mão sobre seu enorme abdômen, sentiu os movimentos do feto. Dentro de poucas semanas daria a luz.

O público se remexia inquieto em seu assento, sem saber o que esperar, ou o que se esperava deles. Erasmo voltou o rosto para os espectadores, que se refletiram no espelho enquanto esperava. Por fim, fez-se o silêncio.

- Obrigado por sua atenção. - voltou-se para um aparelho prateado que havia a seu lado, um sintetizador com longas teclas de polímero que produziam sons e acordes familiares. A música de fundo aumentou de volume, entrelaçada com instrumentos de corda e pesadas cornetas de Chusuk.

O robô escutou por alguns momentos, e logo continuou.

- Estão a ponto de experimentar algo notável. Para demonstrar meu respeito pelo espírito criativo, compus uma nova sinfonia especialmente para vocês, meus esforçados trabalhadores. Nenhum humano a escutou antes. - Tocou uma rápida mescla de melodias ao piano, três passagens breves, em um aparente esforço por confirmar que o instrumento estava bem afinado. - Depois de uma análise detalhada do gênero, escrevi uma sinfonia comparável às obras dos grandes compositores humanos Johannes Brahms e Emi Chusuk. desenvolvi minha peça seguindo estritos princípios matemáticos e de ordem.

Serena passeou a vista pelo público, duvidando de que qualquer humano criado em cativeiro conhecesse a música clássica de que o robô falava. Educada em Salusa Secundus, onde a música e a arte estavam integradas na cultura, Serena tinha escutado as obras de muitos compositores famosos, inclusive as tinha discutido em profundidade com Fredo.

Erasmo conectou sua mente com o sintetizador, até produzir uma melodia estranha e repetitiva. Depois, seus dedos mecânicos dançaram sobre o teclado, fazendo gestos exuberantes como se estivesse imitando algum famoso concertista de piano.

A composição agradou a Serena, mas lhe pareceu debulhada. Embora não reconhecesse a melodia exata, havia algo familiar nela, como se o robô tivesse analisado matematicamente uma peça existente e seguido a pauta, trocando um ritmo aqui, uma passagem polifônica ali. Era uma música sem brilho, carente de força.

Pelo visto, Erasmo acreditava que apreciar uma obra nova era algo instintivo nos humanos, que seu público captaria os matizes e complexidades de sua composição, perfeita do ponto de vista da estrutura. Os escravos se removiam em seus assentos e escutavam. Para eles, era uma diversão agradável, mas também mais uma tarefa. Ao que parecia as notas tranqüilizadoras da melodia agradavam ao público, mas não lhe comovia como o robô pretendia.

Quando terminou sua atuação, Erasmo se virou para trás, desativou a equipe de apoio sinfônico e deixou que o silêncio caísse sobre a sala. Os tons reverberantes se desvaneceram.

Por um momento, os escravos vacilaram como se aguardassem instruções.

- Podem me dedicar uma ovação se a peça lhes agradou. - Aparentemente os operários não entendiam a frase. - Significa que podem aplaudir esclareceu o robô.

Produziu-se uma primeira salva de aplausos, dispersa como gotas de chuva, e logo aumentaram de volume e quantidade, tal como se esperava deles. Serena se uniu ao resto do público em um gesto de cortesia, mas sem entusiasmo. Um pequeno ato de sinceridade do qual sem duvida Erasmo tomaria nota.

A máscara do robô se transformou em um sorriso de orgulho. Desceu do cenário ao chão por uma escada. Os escravos continuaram aplaudindo, e o robô desfrutou da adulação. Quando as aclamações cessaram, ordenou aos guardas que acompanhassem o público a seus postos de trabalho.

Serena compreendeu que Erasmo pensava ter criado uma obra meritória, que talvez superasse outros feitos humanos, mas não queria falar disso com ele, e tratou de escapulir para sua estufa. Entretanto, como se movia com lentidão devido a sua gravidez. Erasmo a alcançou.

- Serena Butler, escrevi esta sinfonia para você. Não a impressionou?

A jovem escolheu suas palavras com cautela e evitou uma resposta sincera.

- Talvez só esteja triste porque sua sinfonia me recorda outras atuações que presenciei em Salusa Secundus. Meu falecido irmão queria ser músico. Foram tempos mais felizes para mim.

O robô a olhou com atenção, e suas fibras ópticas cintilaram.

- Matizes do comportamento humano me revelam que minha sinfonia a decepcionou. Explique-me por quê.

- Você não quer uma opinião sincera.

- Me julga mal, porque eu sempre procuro a verdade. O resto são dados incorretos. Sua expressão angelical fez que baixasse a guarda. Falha em algo a acústica do local?

- Não tem nada com a acústica. Estou certa de que testou até o último detalhe. - O público seguia desfilando para as saídas, e algumas pessoas olhavam para Serena, compadecidas do interesse que o robô lhe proporcionava. - É a sinfonia em si.

- Continue - disse Erasmo com voz inexpressiva.

- Você alterou a peça, não a criou. Estava apoiada em modelos precisos desenvolvidos há milhares de anos por compositores humanos. A única criatividade que captei procedia de suas mentes, não da tua. Sua música era uma extrapolação matemática, porém nenhum aspecto dela me inspirou. A melodia que... compôs não me evocou imagens nem sentimentos.

- Não contribuiu com nenhum elemento inovador, não havia nada que apelasse às suas emoções. Como posso quantificar esse componente?

Serena forçou um sorriso e meneou a cabeça.

- Esse é seu erro, Erasmo. É impossível quantificar a criatividade. Como escuta uma pessoa uma tormenta e utiliza essa experiência para escrever a abertura de Guilherme Tell? Você se limitaria a imitar os sons do trovão e da chuva, Erasmo, mas não evocaria a impressão de uma tormenta. Como contemplou Beethoven um prado aprazível e adaptou essa experiência em sua Pastoral? A música deveria elevar o espírito, roubar o fôlego, tocar a alma. Sua obra não era mais que... sons agradáveis, executados com perfeição.

A expressão do robô demorou vários segundos em mudar, e por fim a olhou com perplexidade, parecia na defensiva.

- Parece que sua opinião está em minoria. O resto do público desfrutou com a obra. Não escutou os aplausos?

A jovem suspirou.

- Para começar, esses escravos não entendem de música, não podem comparar. Poderia ter roubado qualquer sinfonia de qualquer compositor clássico, nota a nota, e afirmado que era produto de sua inspiração. Não teriam notado a diferença. Em segundo lugar, acomodar-se em uma sala de concertos, confortáveis, limpos e bem vestidos, deve ser o melhor trabalho que lhes tenha dado jamais. Só por isso já teriam aplaudido. - Serena olhou-o. - E por fim, embora seja o mais importante, você lhes disse que aplaudissem. Como

poderiam reagir, quando poderia matá-los a qualquer momento? Em tais circunstâncias, Erasmo, jamais obterá uma resposta sincera.

- Não entendo, não posso entender - repetiu Erasmo várias vezes. De repente, virou-se e lançou um murro no rosto de um homem que passava a seu lado. O golpe inesperado fez com que a vítima caísse sobre as cadeiras, coberto de sangre.

- Por que fez isso? - perguntou Serena, enquanto corria para ajudar o homem.

- Temperamento artístico – Erasmo respondeu com calma. - Os humanos não o chamam assim? Enganou-me sobre seus sentimentos.

A jovem tentou acalmar o homem, mas quando este viu o robô, tentou afastar-se, com uma mão sobre o nariz para tentar deter a hemorragia. Serena encarou Erasmo.

- Os artistas de verdade são sensíveis e compassivos. Não se dedicam a fazer mal às pessoas.

- Não tem medo de expressar sua opinião, até sabendo que poderia me desagradar?

Serena cravou a vista em seu rosto desumano.

Você me retém prisioneira, Erasmo. Afirma querer saber minha opinião, assim que eu a dou pode me fazer mal, inclusive assassinar-me, mas já me tomou a vida e ao homem que amo. Qualquer outra dor empalidece em comparação.

Erasmo a examinou, enquanto analisava suas palavras.

- Os humanos me desconcertam, e você mais que ninguém, Serena Butler. - Adotou uma expressão sorridente. - Mas continuarei me esforçando por compreendê-los. Obrigado por sua opinião.

Quando Serena saiu da sala, Erasmo voltou para o piano e ficou praticando.

86

Acima de tudo, sou um homem de honra. Assim é como desejo ser lembrado.

XAVIER HARKONNEN,
comentário a seus homens

O tempo que tinha passado com Serena lhe parecia agora com um sonho escorregadio.

Xavier não recordava com exatidão os caminhos que tinham tomado para internar-se nos bosques da propriedade Butler, que agora era seu lar e de Octa, sua esposa. Não podia recordar seu amor perdido com mais precisão do que era capaz de saborear as especiarias exóticas de um prato bem preparado, ou perceber os delicados aromas de um campo de flores. Seus novos pulmões tinham sarado ao máximo possível. Agora, tocava-lhe o turno seu coração.

Muitas vezes havia dito que não faria isso, que se entregaria à nova vida que havia prometido a Octa. Mas aqui estava, tentando capturar o passado uma vez mais, ou acaso despedindo-se dele.

Escolheu o mesmo corcel cor chocolate que tinha montado na caçada do javali, quase nove meses antes. Tratou de localizar durante horas o prado mágico onde Serena e ele haviam feito amor, mas parecia que havia se desvanecido... como a própria Serena.

Como sua felicidade... e seu futuro.

Enquanto tentava recuperar lembranças das colinas e bosques circundantes, tudo que podia recordar daquela tarde era a beleza do rosto de Serena e o gozo de estar com ela de novo.

Todo o resto parecia uma fantasia confusa, uma mera cortina de fundo.

A propriedade dos Butler era tão extensa que nem o vice-rei a tinha explorado por completo. Depois do matrimônio de Xavier com Octa, Manion tinha insistido que seu genro fosse residir na mansão dos Butler. Agora que Fredo e Serena tinham morrido, e com Livia ausente, a enorme casa parecia muito silenciosa e solitária. Xavier sempre havia considerado a casa de Tantor seu lar, mas a tristeza dos olhos de Manion Butler e a esperança que brilhava nos de Octa lhe tinham convencido de viver com os Butler.

Algum dia, tudo deixaria de lhe recordar Serena.

Ao chegar a um claro, desmontou e cravou a vista na distância, em colinas verdes que apareciam entre a bruma. Sentia-se apanhado em um espantoso pesadelo, mas sabia muito bem que o responsável era ele, por ter ido a este lugar.

Serena está morta.

Tinha deixado a doce Octa em casa, com a desculpa de que queria exercitar o corcel. A jovem gostava de cavalgar com ele, mas tinha intuído que Xavier desejava estar sozinho. Embora estivessem casados a menos de dois meses, mostrava-se reservado sobre determinados assuntos.

Octa tinha percebido, sem admitir, que nunca seria a proprietária do coração de seu marido.

Serena e ele tinham compartilhado grandes sonhos. Sua vida com ela teria sido complicada, e às vezes tormentosa, mas sempre interessante. Em contraste, o apressado matrimônio de Xavier com Octa era plácido, mas comum. Os temas que a preocupavam pareciam insignificantes em comparação com as visões humanitárias de Serena. Custava acreditar que eram irmãs. Sabia que suas comparações eram injustas com Octa (que lhe tratava melhor do que merecia) e com a lembrança de Serena, mas não podia evitar.

O cavalo de Xavier relinchou, e o homem soltou a rédea. Farejou a brisa e procurou com seus sentidos amortecidos algum rastro do perfume de Serena.

Morta. Ela está morta, meu amor, e devo deixá-la partir.

Voltou a montar e seguiu pelo caminho, mas não reconheceu nenhuma árvore ou colina. O prado podia estar em qualquer lugar. Xavier esfregou os olhos. Relembrou uma última vez seu amor, e a imagem estalou como o sol do verão, sorridente, e lhe disse sem palavras que devia continuar sua vida.

Despediu-se dela, embora já o tivesse feito antes, mas ela nunca terminava de afastar-se. Não podia falar de sua dor com ninguém, porque não o entenderiam. Tinha que sofrer sozinho. Sempre tinha ocultado seus sentimentos.

Xavier pensava em tudo isto com expressão distante. Momentos depois, quando a luz do sol abriu caminho entre a névoa matinal e banhou seu rosto, começou a sentir-se melhor. O brilho dourado do sol era como Serena, que lhe observava. Cada vez que sentia seu calor pensava nela, e no amor que haviam compartilhado.

Xavier fez dar meia volta ao cavalo e o pôs ao trote, em direção à mansão dos Butler... e a Octa, sua esposa.

87

O fogo carece de forma, mas se aferra ao objeto que arde.
A luz se aferra à escuridão.

Filosofia dos pensadores

Depois de um mês de reparos, o *Dream Voyager* estava preparado para partir da Terra em outra excursão de atualização, mas Vorian Atreides tinha que realizar uma tarefa importante antes de viajar, visitar Erasmo tal como o robô havia solicitado.

Uma vez mais, a extravagante carruagem o conduziu à *villa*. O tempo ensolarado era muito mais agradável que a chuva de sua visita anterior, e somente algumas nuvens magras flutuavam sobre o mar.

Imediatamente, como se seu olhar fosse atraído para ela, viu Serena Butler de pé na entrada principal. Vestia um vestido solto de criada, e seu estômago estava tão redondo que não entendeu como podia continuar trabalhando. A data do parto devia estar muito próxima.

A jovem esperou por Vor como se estivesse executando uma tarefa mais, com os braços cruzados e expressão neutra. Até aquele momento, Vor não sabia o que esperar, mas ao ver sua expressão indecifrável ficou abatido. Tendo em conta o tom que Serena havia empregado ao final de sua última visita, Vor tinha acreditado que se alegraria em vê-lo.

Talvez estivesse relacionado com o bebê e o baile de hormônios que afetava a seu organismo. Possivelmente estava preocupada com o que seria do menino depois do parto, pelo que Erasmo faria com ele.

Embora Serena fosse filha de um membro importante da Liga de Nobres, aqui era uma simples escrava, nem sequer uma humana de confiança. Talvez lançassem seu bebê aos recintos onde Erasmo chacinava os humanos de casta inferior, a menos que Vor utilizasse... sua influência para melhorar a situação de mãe e filho. E embora tivesse êxito, ela agradeceria o gesto?

Vor desceu da carruagem em frente a entrada que se abria entre colunas grogipcias esculpidas.

- Peço desculpas por a ter ofendido na última vez, Serena Butler - resmungou antes de que ela pudesse dizer algo. Fora o que fosse. Tinha

desejado este momento muito tempo, e ensaiado o que diria.

- Sua linhagem me ofende.

A brusca réplica de Serena o pegou de surpresa. Como filho de Agamenon, Vor gozava de liberdade para ler as memórias de seu pai e conhecer todas as gloriosas conquistas dos titãs. Tinha tido a sorte de experimentar muitas coisas em suas viagens, de ver muitos lugares interessantes. Ser filho de um titã sempre tinha parecido uma vantagem... até agora.

Ao ver sua expressão abatida, Serena recordou que devia atraí-lo para sua causa, e decidiu lhe oferecer um sorriso.

- Mas me enoja tanto como a você.

Enquanto passavam em frente a estátuas e vasos ornamentais, Vor disse, como se ela necessitasse de uma explicação:

- Vou viajar logo no *Dream Voyager*, e seu amo me pediu que viesse falar com ele. Por isso vim.

Ela arqueou as sobrancelhas.

- Neste caso, estou segura de que Erasmo se alegrará em vê-lo.

Chegaram em frente a uma porta.

- Você aceita desculpas, ou acredita que todas as afrontas são permanentes? - perguntou Vor.

O comentário pareceu surpreendê-la.

- Mas você não sente na realidade, não é verdade? Serve voluntariamente às máquinas pensantes, que escravizaram e torturam à humanidade. Suponho que reconhecerá isso, ao menos. Também se orgulha de seu pai, como se pudesse estar orgulhoso de seus atos. Sabe algo dos horrores acontecidos durante a Era dos Titãs, ou as Rebeliões *Hrethgir*?

- Li a fundo as memórias de meu pai...

- Não me refiro à propaganda de Agamenon. Já procurou descobrir qual é a história verdadeira?

O jovem franziu o cenho.

- A verdade é a verdade, não? Como pode haver versões diferentes de um mesmo acontecimento?

Serena suspirou como se Vor fosse um garotinho pequeno e não conseguisse compreender.

- Em alguns aspectos, você é menos consciente que uma máquina Vorian Atreides, porque não percebe que pode decidir, e acha que não está fazendo nada ruim. - O jovem captou o esboço de um sorriso de resignação em seus lábios. - Do que serve enfurecer-se com alguém tão cego? - Adotou de novo um tom brusco. - Talvez Agamenon esteja muito envergonhado para

permitir que alguém conheça a história verdadeira. Você já procurou verificar os dados alguma vez, ou aceita todas as histórias bélicas de seu pai?

Vor elevou o queixo, sem saber muito bem como interpretar os modos de Serena.

- Sou um humano de confiança. Posso acessar aos arquivos históricos que quiser.

Milhares de idéias iam a sua mente.

- Então, investigue um pouco por sua conta. Terá muito tempo para pensar enquanto viaja em sua nave.

Quando chegaram à austera sala de estar, as paredes de *plaz* transparente apresentavam um brilhante resplendor amarelo. As superfícies refletivas mudavam de um momento a outro, passando por diversos tons de cor, cada vez mais suaves. Indicou-lhe um sofá marrom metálico.

- Erasmo ordenou que esperássemos aqui. - Sentou-se a seu lado com alguma dificuldade. - Os dois.

Vor sentia sua proximidade, muito consciente da curva de seu estômago sob o vestido. Não havia muito espaço entre eles, tal como era a intenção do Erasmo, sem dúvida. Não havia mais móveis na sala. O pulso do Vor se acelerou enquanto esperava o robô, em um silêncio incômodo. Era muito absurdo sentir-se tão atraído por ela.

Enquanto observava os dois humanos através de telas murais, Erasmo sentiu-se intrigado por sua linguagem corporal, a forma com que se olhavam e logo desviavam a vista. Face à evidente atitude contraditória de Serena, devia sentir certa atração pelo belo jovem. Sem dúvida, Vorian Atreides estava interessado nela.

Erasmo tinha estudado o comportamento sexual dos humanos, mas não via aqui os sinais típicos. Era mais complicado que tudo o que tinha observado entre os escravos criados em cativeiro.

- Parece mentira que um robô seja tão pouco pontual - disse Serena para aliviar o tedioso silêncio.

Vor sorriu.

- Não me importo em esperar.

Serena parecia incômoda, mas lembrou-se de devolver o sorriso.

Fascinante. Na poesia e na literatura clássicas, Erasmo tinha lido sobre os mistérios do amor romântico, porém nunca o havia visto florescer. Em uma ocasião, setenta e três anos antes, tinha descoberto um casal de jovens amantes

que tinham escapado de seu trabalho para passar um momento a sós em um esconderijo secreto. Tinha-os descoberto, é obvio (os humanos eram muito torpes quando tentavam desaparecer às escondidas), e castigado com a separação permanente. Tinha parecido a reação apropriada. Se lhes tivesse perdoado tal demonstração de independência, possivelmente teriam contagiado os outros escravos.

Depois, entretanto, tinha lamentado sua decisão, pois teria desejado continuar observando a corte humana.

Para estes dois tinha um plano mais elaborado. Sua relação era outro laboratório, outro experimento, muito diferente das "células rebeldes" imaginárias que tinha começado a fomentar, graças à provocação de *Omnius*. Era importante observar os humanos em seu estado natural de comportamento.

E às vezes é necessário enganá-los.

Enquanto o casal esperava e se remexia inquieto, Erasmo tomou nota de cada gesto, cada piscada, cada movimento dos lábios, cada palavra e tom. O macho e a fêmea estavam inquietos, desconcertados pela situação forçada, sem saber muito bem o que fazer.

Parecia que Vorian Atreides aproveitava mais as circunstâncias que Serena.

- Erasmo a trata bem - disse, como se tentasse convencê-la. - Tem sorte de que ele se interesse-se tanto por você.

Apesar de seu volumoso estômago, Serena se levantou do sofá como se estivesse irritada pela insinuação. Voltou-se para ele, e o robô saboreou a expressão indignada de seu rosto e a olhar estupefato do Vor.

- Sou um ser humano - disse a mulher. - Perdi minha liberdade, meu lar, minha vida... e acha que deveria estar grata ao meu carcereiro? Talvez fosse interessante a você dedicar certo tempo durante suas viagens a repensar essa opinião. - O jovem parecia perplexo por sua explosão, e Serena continuou. – Tenho pena de você por sua ignorância, Vorian Atreides.

- Não experimentei seu estilo de vida, Serena - disse depois de um momento. - Nunca estive em seu planeta, assim ignoro o que você perdeu, mas creio que deveria procurar ser feliz.

- Só posso ser feliz se gozar de liberdade para voltar para casa. - Exalou um profundo suspiro e voltou a acomodar-se no sofá. - Mas eu gostaria que fôssemos amigos, Vorian.

O robô decidiu que já lhes tinha concedido bastante tempo de intimidade. Deixou a tela e entrou na sala de estar.

Mais tarde, Vorian se perguntou por que lhe tinham convocado na *villa*. Erasmo o tinha levado ao jardim botânico, onde conversaram, mas o robô lhe tinha formulado poucas perguntas importantes.

Enquanto voltava na carruagem para o espaçoporto e para o *Dream Voyager* , Vor se sentia desconcertado e confuso. Sentia-se frustrado em ser incapaz de contribuir com alegria à vida de Serena.

Surpreendido, percebeu que a idéia de conseguir sua aprovação ou gratidão lhe entusiasmava tanto como a perspectiva de agradar seu pai. Davam voltas em sua cabeça as coisas que ela havia dito sobre história, propaganda e a vida nos planetas da liga.

Ela o desafiara. Nunca tinha sentido curiosidade por ler outra coisa além das memórias de Agamenon, mas nunca tinha imaginado que existiria uma perspectiva diferente dos mesmos acontecimentos. Não tinha pensado na vida à margem dos Planetas Sincronizados, dando sempre por certo que os humanos selvagens viviam uma existência miserável e absurda.

Mas como tinha podido produzir uma civilização tão caótica uma mulher como Serena Butler? Talvez tivesse deixado algo passar.

88

Ciência: perdida em seu próprio mito, redobra seus esforços quando esqueceu seu objetivo.

NORMA CENVA
notas de laboratório inéditas

Satisfeito com seu novo escudo protetor, Tio Holtzman estava no interior de sua cúpula de demonstrações semi-reconstruída. Zombou da sua adversária, riu das armas mortais.

Nada podia feri-lo! O gerador pulsava a seus pés, e projetava uma barreira pessoal ao redor de seu corpo.

Impenetrável... ao menos esperava isso.

Esta prova devia demonstrar que o conceito funcionava. Até Norma acreditava nele desta vez.

Como podia falhar?

A diminuta jovem se encontrava do outro lado do edifício reforçado, e se dedicava a lançar-lhe objetos: pedras, ferramentas e, depois de muita insistência de Holtzman, um pesado pau. Cada objeto ricocheteava no campo de força e caia, sua aceleração anulada pela energia do escudo.

O homem agitou os braços.

- Não prejudica minha mobilidade. É maravilhoso.

Norma agarrou uma faca *kindjal*, preocupada em feri-lo. Tinha repassado as equações e descoberto que o sábio não tinha cometido erros. Segundo sua análise e instintos, o escudo funcionaria com as velocidades de impacto que estavam utilizando na prova.

Mas mesmo assim, vacilava.

- Venha, Norma. A ciência não é para os fracos de coração. - A jovem lançou a adaga com todas as suas forças, e Holtzman fez um esforço para não encolher-se. A arma se chocou contra a capa exterior da barreira. Holtzman sorriu e moveu os dedos.

- Este invento mudará o conceito de escudo pessoal ao longo e ao largo da liga. Já não haverá ninguém vulnerável a assassinos ou criminosos.

Norma lançou uma lança improvisada com um grunhido de esforço. chocou-se em frente aos olhos de Holtzman, que retrocedeu com uma piscada

de surpresa. Quando a arma caiu ao chão, emitiu uma risada.

- Não posso fazer menos que lhes dar a razão, sábio Holtzman. - Norma sorriu por sua vez, e terminou lançando um sem-fim de objetos, como uma esposa encolerizada.

- Parabéns por sua descoberta notável.

A moça de Rossak parecia realmente satisfeita, sem sentir nada de ciúmes. Pelo menos, poderia apresentar um triunfo pessoal a Niko Bludd, como em seus dias de gloria. Que alivio!

Quando Norma ficou sem objetos para lançar, o sábio mandou vir os dragões que montavam guarda na ponte provisória.

- Tragam o líder dos escravos *zenshiítas*. O homem de cabelo e barba escuros.

Quando um guarda partiu em busca do escravo, Holtzman dedicou um sorriso travesso a Norma.

- Vamos pregar-lhe uma pequena peça. É um tipo arisco, e estou seguro de que me odeia.

Bel Moulay entrou na cúpula. Sua barba era como fumaça de carvão que brotava de seu queixo. Desviava a vista sempre que Holtzman o mirava fixamente.

Parecia que os dois dragões confiavam muito pouco no líder dos escravos, mas Holtzman desprezou com um gesto suas preocupações, pois se sentia muito seguro atrás de seu escudo corporal.

- Dê a ele sua pistola Chandler, sargento.

- Mas, senhor, ele é um escravo!

O rosto do guarda não mudou de expressão. Moulay pareceu surpreso pela sugestão.

- Não estou preocupado, sargento. Seu companheiro o vigiará. Disparem em sua cabeça se não seguir minhas instruções ao pé da letra.

- Talvez devêssemos prolongar os testes, sábio Holtzman - disse Norma. - Poderíamos colocar um manequim dentro do escudo e ver o que acontece.

- Estou de acordo, sábio - assentiu o sargento. - Nosso dever é protegê-lo, e não posso permitir...

Holtzman interrompeu, irritado.

- Tolices, só se pode controlar o sistema de dentro. Meu trabalho, encarregado por lorde Bludd em pessoa, e pela Liga de Nobres, é desenvolver e provar um meio de nos proteger das máquinas pensantes. A menos que desejemos ser capturados pelos atacantes robôs e nos transformar em escravos

de *Omnius*, sugiro que me deixem fazer meu trabalho. Já perdemos bastante tempo.

O sargento, ainda inquieto, sacou a pistola de agulhas e a depositou nas mãos calejadas do escravo. Bel Moulay agarrou a arma, enquanto olhava de um lado a outro como se não acreditasse na sua boa sorte.

- Bem, você... se chama Moulay? Aponte essa arma para mim e dispare no meu peito. Vamos, não pode falhar.

Moulay nem se alterou. Todo mundo tinha ouvido a ordem. Apertou o botão de disparo. Os dragões gritaram. Norma se encolheu.

Fragmentos de cristal lançados a grande velocidade se chocaram contra o escudo que rodeava Holtzman, e logo caíram ao chão como cristais quebrados. O cientista exalou um silencioso suspiro, e notou que seus joelhos falhavam.

- Sem dissimular sua cólera e ódio, Bel Moulay apertou o botão uma e outra vez. Uma chuva de cristais afiados se chocaram contra o escudo corporal. Disparou até esvaziar a pistola Chandler.

Dois precavidos dragões apareceram na porta, com as armas elevadas para abater o escravo caso necessário, mas ao ver Holtzman ileso e rindo, Moulay baixou a pistola com um olhar chamejante. Os guardas arrebataram a pistola.

Por toda parte havia restos de agulhas cristalinas. O sábio esperava que lhe concedessem outra Medalha do Valor de Poritrin por sua invenção.

Sem pensar nas conseqüências, o cientista se virou para os dragões.

- Agora, sargento lhe entregue seu explosivo manual, a pequena granada que pendura de seu cinturão.

O dragão ficou rígido.

- Com todo o respeito, sábio, me nego a obedecer.

- Sua pistola Chandler foi ineficaz, e acontecerá o mesmo com a granada. Imaginem estes escudos serão úteis para você e seus homens uma vez que tenhamos demonstrado sua eficácia.

Norma interveio.

- Está bem, sargento. O sábio sabe o que faz.

Moulay virou-se como um cão de caça e estendeu a mão para receber a granada.

- Em primeiro lugar - disse o sargento, - quero que todos vão para o outro lado da ponte.

Outros guardas levaram Norma obedecendo as ordens.

Por fim, o sargento entregou a granada ao *zenshiíta*. Sem esperar que dissessem duas vezes, Bel Moulay apertou o botão e lançou a granada contra

Holtzman, mas sem lhe imprimir excessiva velocidade.

Norma teve medo de que a granada se deslocasse com a lentidão suficiente para atravessar o escudo antes de explodir.

Bel Moulay, consciente de que se achava dentro da zona que abrangeria a onda expansiva, correu pela ponte. Do outro lado, o Norma viu que a esfera rebatia na barreira como fruta podre.

Uma ruidosa flor de fogo estalou na cúpula de demonstrações. A onda expansiva bastou para derrubar Norma. Caiu de joelhos, lançou um olhar para o rio por cima da borda da ponte, pensou que deveria ter trazido seu novo engenho suspensor, e recordou também os escravos que haviam se precipitado para a morte durante experimento anterior de Holtzman.

Duas das janelas recém instaladas explodiram em uma nuvem de cristais, e os fragmentos cintilaram quando a luz do sol se refletiu neles. Uma nuvem de fumaça se elevou para o céu.

Norma se pôs em pé.

Bel Moulay, ileso, erguia-se com as mãos estendidas. Os guardas ficaram tensos, dispostos a abater o líder dos escravos se parecesse agressivo.

Norma correu para o edifício. Sua mente lhe dizia que o escudo tinha funcionado, mas no fundo de seu coração temia ter deixado escapar algum pequeno erro no trabalho do cientista.

Holtzman, como um soldado vitorioso, saiu rebolando, piscando e afastando a fumaça de seu rosto. Tinha desligado o gerador do escudo e abandonado o aparelho no centro da sala. Tinha um aspecto um pouco desalinhado, mas estava ileso.

- Funciona! Proteção total. Nem um arranhão. – Virou-se para a cúpula de demonstrações. - Não obstante, temo que danificamos um equipamento muito caro.

Franziu o cenho em sinal de consternação, e logo desatou em gargalhadas.

89

Tudo que possui forma, seja humano ou mecânico, acha-se afetado pela mortalidade. É uma simples questão de tempo.

PENSADOR EKLO, da Terra

Apesar de lembranças perfeitas apoiadas nos princípios informáticos mais confiáveis, as máquinas conscientes tinham limitações. A precisão dependia do método de recolher informação, assim como dos circuitos gelificados, os sistemas neuroeletrônicos e os materiais utilizados em sua construção.

Portanto, Erasmo preferia ver tudo em pessoa, ao invés de confiar em observadores mecânicos ou gravações armazenadas nos bancos de dados da supermente. O robô queria estar presente. Queria viver a experiência.

Sobretudo quando teve lugar a memorável experiência do parto de Serena.

Erasmo aperfeiçoou seu sistema de observação até dispor de uma rede detalhada de fibras ópticas que gravassem sem cessar cada instante de todas as perspectivas. Tinha sido testemunha de outros partos de escravas reprodutoras, que considerou meras funções biológicas normais. Mas Serena lhe impulsionava a pensar que lhe escapava algo. Erasmo abrigava a intenção de seguir passo a passo todo processo.

Lamentou que não fosse parir gêmeos...

Serena estava estendida sobre a cama, atormentada pelas contrações, embora de vez em quando se lembrasse de lhe amaldiçoar, e em outras se concentrava no processo biológico ou chamava Xavier aos gritos. Aparatos de diagnóstico implantados e artefatos que deslizavam sobre sua pele transmitiam todo tipo de dados, catalogavam os elementos químicos de seu suor, analisavam seu pulso, respiração e outros ritmos corporais.

Enquanto o robô sondava e estudava, fascinado pela dor de Serena e suas diversas reações, ela gritava. Os insultos não o ofendiam. Era interessante, inclusive divertido, que a mulher exibisse uma ira tão imaginativa, quando devia estar concentrada no parto.

Em consideração a ela, e para reduzir ao mínimo as variáveis do entorno de observação, mantinha a temperatura da sala em um nível ótimo. Os escravos haviam despido Serena por completo.

Graças a seus analizadores e olhos espiões ocultos, Erasmo havia visto Serena nua muitas vezes. O robô no tinha o menor interesse erótico por seu corpo despojado de roupas. Só desejava recolher os detalhes clínicos dos quais obteria conclusões mais amplas.

Percorreu todo o corpo da mulher com sua sonda pessoal, absorveu o aroma almiscarado que projetava, as intrigantes interações químicas. O conjunto era muito estimulante.

Serena jazia na cama, aterrorizada por seu filho e por ela. Seis parteiras humanas, vindas dos recintos de escravos, atendiam-na.

Erasmo a observava de muito perto. Seu obsessivo escrutínio assustava a Serena, sobretudo porque a sonda não parava de entrar e sair do compartimento de seu corpo. Sabia que Erasmo não podia estar preocupado pelo bem-estar de uma simples escrava e de seu filho.

Repentinos acessos de dor abdominal afastaram tais pensamentos, e só pôde concentrar-se no esforço mais básico de qualquer mulher. Em um instante de euforia, Serena maravilhou-se de que a biologia possibilitasse a criação da vida, combinando os genes de homens e mulheres. Quanto desejava que Xavier estivesse a seu lado.

Apertou os dentes até que a mandíbula doeu. Escorreram lágrimas sobre suas bochechas.

O rosto de Xavier flutuou ante ela, uma alucinação nascida de seu desejo desesperado. Depois, foi presa de um espasmo mais violento ainda, e não pôde concentrar-se em mais nada.

Estava em trabalho de parto a dez horas, e as parteiras utilizavam diversos procedimentos para atenuar a dor, cravavam finas agulhas em pontos de compressão, massageavam centros nervosos, injetavam drogas. Erasmo proporcionava às parteiras tudo que necessitavam.

Inclusive dentro da sala de cirurgia, o robô vestia um manto dourado debruado de azul cobalto.

- Descreva-me suas sensações. O que se sente ao dar a luz? Tenho muita curiosidade.

- Bastardo! - ofegou Serena. – Deixe-me em paz!

As parteiras falavam entre elas, como se sua paciente não estivesse ali.

- Dilatada por completo...

- As contrações são cada vez mais freqüentes...

- Quase chegou o momento...

Serena ouviu as vozes femininas de muito longe, desta vez dirigidas a ela.

- Empurre.

Obedeceu, mas parou quando a dor se tornou insuportável e pensou que não poderia continuar.

- Mais forte.

Superou a dor por pura força de vontade, redobrou seus esforços e sentiu que o bebê saia. Seu corpo sabia o que devia fazer.

- Empurre outra vez. Você pode fazer.

- Assim.

- Bem, bem. Já vejo a cabeça!

Como se uma represa tivesse se partido, Serena sentiu uma diminuição da pressão no canal do parto. Quase desmaiou devido ao esforço.

Quando levantou a cabeça alguns momentos depois, viu que as parteiras limpavam a placenta. Um filho! Viraram o bebê para ela, e o rosto era exatamente como havia imaginado.

Erasmo continuava olhando. A imagem do menino se refletia em seu rosto.

Serena tinha decidido o nome de seu filho.

- Olá, Manion. Querido Manion.

O bebê chorava a plenos pulmões, e não parava de engolir baforadas de ar. Apertou o menino contra seu peito, mas ele continuou agitando-se. Erasmo observava ao bebê sem reagir.

Serena se negava a reconhecer a presença do robô, com a esperança de que partisse e a deixasse com uma lembrança especial. Incapaz de afastar os olhos do bebê, pensou em Xavier, em seu pai, em Salusa Secundus... e em todas as coisas que este menino não gozaria em sua vida. Sim, o menino tinha bons motivos para chorar.

De repente, Erasmo entrou em seu campo de visão. Com fortes mãos sintéticas feitas de componentes plasticorgânicos, elevou o recém-nascido no ar e o estudou de todos os ângulos.

- Deixe-o em paz! gritou Serena, banhada em suor, completamente esgotada. Devolva meu bebê.

Erasmo virou o menino. O rosto dúctil do robô formou uma expressão de curiosidade. O menino continuou chorando e agitando-se, mas Erasmo se limitou a sujeitá-lo com mais força, indiferente.

Elevou o menino para poder examinar seu rosto, seus dedos, seu pênis. O pequeno Manion urinou no manto do robô.

Uma das alarmadas parteiras tentou secar o rosto e o pescoço do robô com um pano, mas Erasmo a empurrou para um lado. Queria reunir a maior quantidade de dados possível sobre a experiência, para logo analisá-los em profundidade.

O recém nascido continuava chorando.

Serena se levantou da cama, indiferente à dor e o esgotamento.

- Dê ele aqui.

Surpreso pela veemência de sua voz, Erasmo se virou para ela.

- Em conjunto, este processo de reprodução biológica parece o mais incompetente e ineficaz.

Com algo parecido à repulsão, devolveu o menino a sua mãe.

O pequeno Manion parou de chorar por fim, e uma das parteiras o envolveu em uma manta azul. O menino se aquietou nos braços de sua mãe. Apesar do poder que Erasmo tinha sobre sua vida, Serena se esforçou por ignorá-lo. Não demonstrou o menor temor.

- Decidi deixar que você conserve o menino, em lugar de processá-lo em meus recintos de escravos - disse o robô em tom inexpressivo. - A interação de mãe e filho me intriga. Por enquanto.

90

O fanatismo é sempre um sinal de dúvida reprimida.

IBLIS GINJO,
A paisagem da humanidade

Quando Ajax atravessou as obras do Foro em sua imensa forma terrestre, o solo tremeu e os escravos ficaram petrificados, mortos de medo, para saber o que o titã desejava. De sua plataforma elevada, Iblis Ginjo viu o *cimek* aproximar-se, mas tentou ocultar seu nervosismo.

Apertou uma agenda eletrônica em suas mãos suadas.

Desde a horripilante execução do capataz Ohan Freer, Iblis tinha sido muito cauteloso.

Acreditava que podia confiar em todos seus leais escravos, que tanto lhe deviam. Era impossível que Ajax estivesse informado dos planos que Iblis tinha posto em marcha, ou das armas secretas que tinha instalado, à espera de um sinal.

Durante seis dias, Iblis tinha fiscalizado uma equipe numerosa que trabalhava na "Vitória dos Titãs", um descomunal monumento de pedra que plasmava os vinte visionários originais. Com duzentos metros de largura e cinqüenta de altura, as faces combinadas mostravam os *cimeks* em poses heróicas, avançando sobre uma massa de humanidade, quebrando ossos e transformando corpos em carne picada.

Como uma versão moderna de sua aparência no monumento, o corpo *cimek* de Ajax abriu caminho para a plataforma de observação, ao mesmo tempo em que afastava operários para um lado e pisoteava a um ancião até matá-lo. O coração de Iblis falhou, mas não tentou escapar.

Ajax se dirigia para ele, e o capataz necessitaria de todos os seus dotes de persuasão para sobreviver à fúria do Titã. O que acredita que fiz?

A plataforma e o *cimek* se elevavam mais ou menos à mesma altura. Iblis se ergueu ante o jogo de sensores e fibras ópticas frontais montadas na cabeça do Titã, com aspecto obediente e servil, mas não atemorizado. Fez uma profunda reverência.

- Saudações, lorde Ajax. No que posso servir-lhe? - Assinalou as equipes de escravos trementes. - Os trabalhos deste último monumento

procedem de acordo com os prazos estabelecidos.

- Sim, sempre tem motivos para te mostrar ufano de seus feitos. Seus escravos lhe fazem conta em tudo, não é verdade?

- Obedecem minhas instruções. Trabalhamos em equipe pela gloria de *Omnius*.

- Não há dúvida de que acreditarão em cada idéia ridícula que surgisse - disse Ajax com voz grave. – Você conhecia bem ao traidor Ohan Freer?

- Não me relaciono com esse tipo de homem. - Confiou que o *cimek* pensasse que o suor de sua frente era devido ao esforço desdobrado no trabalho, em lugar do medo. - Com o devido respeito, lorde Ajax, olhe para as folhas de rendimento. Minha equipe tem trabalhado para construir este mural seguindo suas instruções exatas.

Assinalou a réplica de Ajax no monumento.

- Já verifiquei as folhas de rendimento, Iblis Ginjo. - O *cimek* se removeu em seu imenso corpo robótico. Um calafrio percorreu a espinha dorsal de Iblis. *O que terá visto?*

- Em duas ocasiões, Dante concedeu uma permissão especial para abandonar a cidade. Aonde você vai?

Fez um esforço sobre-humano por manter uma expressão inocente. Se Ajax estava informado de seus deslocamentos, saberia a resposta a sua pergunta.

- Falei com o pensador Eklo, com a intenção de me aperfeiçoar.

- Muito poucas vezes os *hrethgir* aspiram tanto - disse o titã. - Se me houvessem deixado, há muito tempo que teria exterminado o resto da humanidade. Teríamos economizado problemas.

- Até os titãs foram humanos em um tempo, lorde Ajax. - Iblis tentou falar em tom sério e conspiratório. - E *Omnius* ainda permite que certos humanos leais e trabalhadores se convertam em *neocimeks*. Acaso não posso sonhar?

As fibras ópticas da cabeça do Ajax cintilaram. Sua extremidade dianteira artificial se elevou, e dedos de metal líquido formaram uma garra com pele de diamante que poderia triturar Iblis com facilidade. O alto-falante do titã emitiu uma profunda gargalhada. *Consegui distrair sua atenção!* Iblis se apressou a prolongar sua farsa.

- Ajax, já sabem que salvei do desastre sua estátua da praça do Foro. De maneira similar, coordenei os esforços de muitos artistas e construtores para alcançar a perfeição neste mural, até o último detalhe. Não teria dado essa

tarefa a nenhum outro supervisor. *Necessita de mim!*, teve vontades de gritar. - Poucos há capazes de tal eficácia... Sabe disso muito bem.

- O que sei é que há traidores e insurgentes entre os escravos. - Ajax passeou de um lado para outro, o que fez com que os operários se dispersassem. - Talvez você seja um deles.

Agora, Iblis compreendeu que o *cimek* precisava de provas, e estava armando uma armadilha. Se o monstro tivesse sabido algo com certeza, teria executado Iblis sem a menor hesitação. O capataz tentou dissimular seu medo com desdém.

- Os rumores são falsos, lorde Ajax. Meus operários trabalharam com especial dedicação para garantir que sua imagem no monumento ocupasse uma posição privilegiada e ficasse realçada. - Iblis falou com a maior firmeza possível. Já tinha uma surpresa preparada para Ajax, que revelaria no momento apropriado. O titã voltou sua enorme cabeça, para ver melhor.

- Realçada?

- É um guerreiro, senhor, o maior e feroz de todos os *cimeks*. Sua aparência está desenhada para semear o terror no coração dos inimigos.

- Isso é certo. - Ajax pareceu acalmar-se um pouco. - Falaremos de suas indiscrições em outro momento. - Amplificou sua voz para que ressonasse entre os escravos. - Basta de moleza! Voltem ao trabalho!

Ajax se afastou em seu corpo artificial. A plataforma de supervisão tremeu, de forma que Iblis teve que agarrar-se ao corrimão para não perder o equilíbrio. Uma onda de alívio se abateu sobre ele.

Durante toda sua conversa com o raivoso titã, Iblis tinha tido a mão afundada em um bolso, que continha um tosco transmissor eletrônico. Com um simples sinal de ativação, o monumento teria revelado seu mortífero segredo, uma seqüência integrada de lança-foguetes antiquuados que seus cúmplices haviam incorporado na obra.

A estas alturas, Iblis tinha completado suficientes projetos em grande escala para que as máquinas pensantes não analisassem os detalhes dos planos já passados. Os *cimeks* nunca repariam no sistema de destruição.

Mas terei que escolher o momento com muita precisão. Em primeiro lugar, necessitava recrutar mais soldados para sua causa.

Enquanto via o *cimek* afastar-se para o centro da cidade, Iblis pintou mentalmente um branco em seu contêiner cerebral. Se acontecesse uma revolta violenta, este velho e brutal *cimek* seria um dos primeiros em cair.

Ao chegar ao perímetro da obra, Ajax estendeu um de seus braços em um gesto petulante que alcançou um grupo de escravos, encarregados de

limpar os escombros. Decapitou a um deles, e a cabeça ensangüentada foi parar contra o mural quase terminado.

Embora o titã parecesse mais nervoso que de costume, Iblis confiava em ter coberto seu rastro.

91

A escuridão do passado da humanidade ameaça eclipsar a luminosidade de seu futuro.

VORIAN ATREIDES,
Momentos decisivos da história

O *Dream Voyager* percorria de novo a rota dos Planetas Sincronizados, carregado com diversas atualizações de *Omnius*. Todo havia voltado a normalidade, a rotina habitual. Enquanto a nave negra e prateada parecia a de sempre, Vor havia mudado.

- Como é possível que não se interesse em praticar nossos jogos militares, Vorian Atreides? - perguntou Seurat. - Nem sequer se incomodou em me insultar por minhas piadas. Está doente?

- Gozo de uma saúde excepcional, já que meu pai me submeteu a um tratamento prolongador da vida.

Vor mirou as estrelas por uma janela.

- Está obcecado com essa escrava - disse por fim o capitão robô. – Você é muito menos interessante quando estás enamorado.

Vor franziu o cenho e se sentou enfrente a uma tela ovalada da base de dados.

- Por fim você disse algo um pouco divertido, velha Mente Metálica. Uma máquina me falando de amor.

- Não é difícil compreender o impulso reprodutor básico da sua espécie. Subestima minhas capacidades analíticas.

- O amor é uma força indescritível. Nem sequer a máquina pensante mais sofisticada pode senti-lo. Não vale a pena que você tente.

- Nesse caso, você gostaria de se distrair com outro desafio competitivo?

Vor olhou para a tela, onde repassava com freqüência as memórias de Agamenon. Mas continha muita mais informação que não se incomodou em examinar.

- Agora não. Quero investigar algumas bases de dados. Você me autoriza a entrar nos arquivos?

- Por coincidência. Agamenon me pediu que facilitasse suas investigações sempre que fosse possível, sobretudo em assuntos relativos ao planejamento militar. Afinal, você nos salvou quando nossa nave foi atacada em Giedi Prime.

- Exato.

- Quero ver os registros de *Omnius* sobre a queda do Império Antigo, a Era dos Titãs e as Rebeliões *Hrethgir*, não só as memórias de meu pai.

- Ah, uma exibição de ambição interessante.

- Tem medo de que ganhe muito se aprender mais?

Vor lançou um olhar à lista de arquivos e se alegrou de ter tanto tempo disponível durante a longa viagem.

- Não tenho nada a temer de um simples humano.

Vor ficou sentado durante horas em frente ao console, assimilando informação. Não havia estudado muito dos dias da escola para humanos de confiança. Com sua mente sensibilizada pelas idéias de Serena, Vor esperava encontrar algumas discrepâncias de pouca importância nos registros históricos, comparados com as lembranças do Agamenon. Até um *cimek* tinha direito a embelezar suas façanhas bélicas. Mas Vor levou uma grande surpresa ao descobrir que existiam diferenças substanciais entre os registros objetivos da supermente e o que Agamenon descrevia.

Examinou febrilmente os registros sobre Salusa Secundus, a era dos Titãs e o Império Antigo, assombrado pelo que averiguava. Vorian nunca se preocupara em olhar antes, mas tinha a informação diante de seus olhos.

Meu pai mentiu! Deformou os acontecimentos, atribuiu os méritos a si mesmo, ocultou o grau de brutalidade e sofrimento... Até Omnius sabia.

Serena, ao contrário, havia dito a verdade.

Pela primeira vez em sua vida sentiu raiva contra seus amos mecânicos e seu próprio pai, e um ápice de compaixão pela raça humana. Com que valentia tinha lutado!

Do ponto de vista físico, sou humano. Mas o que significa isso?

Agamenon tinha provocado horrendas matanças e devastação durante a Era dos Titãs, contra gente que só tentava proteger sua liberdade. Juno e ele eram responsáveis pela morte de bilhões de pessoas e da escravidão dos sobreviventes. Os humanos não mereciam, somente tinham tentado se defender.

Não é de estranhar que Serena me odeie, se sou o filho de um assassino tão horrível.

Vor continuou lendo. Toda a história estava ao seu dispor, um registro desapaixonado acumulado por máquinas eficientes, e não podia duvidar delas.

As máquinas nunca maquiariam seus registros. Os dados eram sagrados. A informação devia ser exata. O engano deliberado era anátema para elas.

Era necessário uma mente humana para deformar a informação... ou uma mente humana em um corpo *cimek*. A voz do Seurat o sobressaltou.

- O que está investigando? Está estudando a horas.

- Estou aprendendo mais sobre mim - admitiu Vor.

- Para isso não precisa estudar tanto - disse Seurat tentando ser engenhoso. - Por que perde tempo com coisas desnecessárias?

- As vezes, é necessário confrontar a verdade.

Vor fechou a base de dados e apagou o monitor.

O capitão robô voltou para o console central e se conectou com os sistemas da nave, a fim de iniciar as manobras de aproximação ao planeta.

- Venha, chegamos a Corrin. É hora de entregar nossa próxima atualização.

92

A ciência, sob pretexto de beneficiar à humanidade, é uma força perigosa que manipula com freqüência os processos naturais sem admitir as conseqüências. Em tais circunstâncias, a destruição maciça é inevitável.

PENSADOR RETICULUS,
Observações do milênio

Depois de finalizar os experimentos com todo tipo de explosivos e projéteis, Tio Holtzman estava ansioso por iniciar a produção comercial de seu escudo pessoal. Já tinha falado com os administradores dos centros de fabricação situados no cinturão mineiro de Poritrin, a noroeste do planeta, e as plantas de montagem da Starda. Graças aos escravos, obteria muitos benefícios. Somente as patentes o colocariam, e também a seu protetor lorde Bludd, entre os homens mais ricos da Liga de Nobres.

Por desgraça, enquanto analisava as projeções de estoque e fornecimentos, pensando como um homem de negócios em vez de cientista, chegou a uma conclusão inevitável: Poritrin, um planeta bucólico, jamais estaria à altura do nível de demanda que sua invenção produziria. Lorde Bludd não ficaria feliz em perder os benefícios que iriam passar a fabricantes de outros planetas, mas Holtzman não tinha outro remédio senão procurar outros centros industriais da liga.

Antes de enviar as unidades de fabricação a Colônia Vertree, ou às restauradas e famintas indústrias de Giedi Prime, decidiu provar seu escudo pessoal contra uma arma que não fosse um projétil, e sim um raio de energia. As armas laser quase nunca se utilizavam em combate, pois não eram tão eficazes como explosivos ou simples fuzis de projéteis. Mesmo assim, queria estar seguro.

Para a prova definitiva, ordenou a seus guardas que localizassem um fuzil laser em alguma depósito militar antigo. Depois de procurar muito, preencher numerosos formulários, a arma foi localizada e transportada para os laboratórios. Como seus escudos tinham demonstrado ser eficazes em todas as provas anteriores, as demonstrações tinham deixado de interessar ao cientista, pois não significavam mais que outro passo no processo. Logo, os benefícios começariam a aparecer.

Norma Cenva tinha voltado para sua análise continuadas das equações de Holtzman. O cientista tinha deixado que se absorvesse em seus cálculos, enquanto ele desfrutava de seu êxito.

Para a prova com o laser, colocou a um escravo dentro do escudo, com a intenção de disparar a arma em pessoa. Levou apenas um só estudante à cúpula de demonstrações reforçada para que tomasse notas do experimento, como tinham feito tantas vezes. Holtzman lutou com os antiquados controles do fuzil, sem saber muito bem como disparava.

Norma entrou correndo como uma menina. Tinha a cara avermelhada e agitava seus braços curtos.

- Espere! Sábio Holtzman, você corre um terrível perigo!

O homem franziu o cenho, como um pai severo que tentasse persuadir uma filha travessa.

- Também se mostrou cética durante minha primeira prova do escudo. Nem sequer estou na linha de fogo, fique tranqüila.

A expressão de Norma era muito séria e preocupada.

- A interação de seu campo de força com um raio laser terá extraordinárias conseqüências: destruição maciça. - Elevou os papéis cobertos de equações e suas incompreensíveis notas manuais.

O sábio, impaciente, baixou o fuzil e exalou um profundo suspiro.

- Suponho que não pode proporcionar nenhuma base científica para seu alarme. - O escravo *zenshiíta* olhava nervoso através do escudo. - Ou é outra de suas misteriosas intuições?

Ela entregou-lhe os cálculos.

- Sábio, fui incapaz de extrair uma base específica da anomalia quando introduzo um fator de energia laser coerente na interface do campo. Mas não cabe a menor dúvida de que existe um potencial singular extraordinário.

Holtzman lançou um olhar aos cálculos, mas não significavam nada para ele. Estranhas notas simbolizavam fatores que nunca havia visto. Franziu o cenho, sem querer admitir que não entendia nada.

- Não são provas muito rigorosas, Norma... nem convincentes.

- Pode refutá-las? Atreve-se a correr o risco? Este desastre poderia ser ainda pior que o do gerador de ressonância, uma enorme catástrofe.

A expressão de Holtzman não mudou, embora a dúvida começasse a germinar em sua mente. Não podia negar a inteligência da mulher. Sempre tinha suspeitado que Norma compreendesse os conceitos de seu campo melhor que ele.

- Muito bem. Se insistir, tomarei uma ou duas precauções a mais. Alguma sugestão?

- Realizem a prova longe, em uma lua, ou melhor ainda, em um asteróide.

- Em um asteróide! Sabe os gastos que isso traria?

- Seria menos caro que reconstruir toda a cidade da Starda.

O sábio lançou uma risada, e depois compreendeu que a jovem não estava brincando.

- Postergarei a prova para meditar sobre isto, mas insisto que você apresente provas antes que me faça tomar tantas precauções. Não basta sua intuição. Não posso justificar um dispêndio tão exagerado somente porque você sente medo.

Norma Cenva era uma cientista e uma fanática da matemática, mas nunca tinha aprendido política. Como uma menina ingênua, foi ver lorde Niko Bludd a sua residência, no alto dos penhascos que dominavam o Isana.

No alto da torre cônica, as telhas esmaltadas do telhado eram diferentes do azul metálico que preponderava em quase todos os edifícios de Starda. Os corredores estavam flanqueados por dragões; como répteis de pele dourada adornados com cascos, capas escarlates e escamas segmentadas.

Bludd parecia de bom humor. Falou por trás de sua barba grisalha.

- Bem-vinda jovem dama. Sabia que, em um recente encontro em Salusa, tive a oportunidade de falar com sua mãe? Suas feiticeiras acabavam de repelir outro ataque *cimek*, desta vez em Rossak. Vejo que você herdou seu talento especial.

Os olhos azuis do nobre cintilaram.

Norma, envergonhada, cravou a vista no chão.

- Com efeito, lorde Bludd. Minha mãe... depositou grandes esperança em mim. Como vê, não obstante - indicou seu corpo disforme, - nunca estarei à altura de sua beleza física.

- A beleza exterior não significa nada - disse Bludd, sem olhar em nenhum momento para as cinco belas mulheres que revoavam a seu redor. - O sábio Holtzman acredita que sua mente está cheia de idéias notáveis. Ele a enviou? Vai nos oferecer uma demonstração de outro projeto?

Uma escrava muito bem vestida apareceu com uma bandeja de prata sobre a qual descansavam dois copos de um líquido transparente e borbulhante. Ofereceu um a Norma, que o segurou com suas pequenas mãos. Lord Bludd bebeu de seu copo, e Norma imitou-o.

- Ele planejou outra demonstração, lorde Bludd. - Norma vacilou. - Mas devo lhe pedir que intervenha.

O homem enrugou a frente.

- Por que?

- O sábio Holtzman quer provar seu novo escudo com uma arma laser, mas há perigo, senhor. Eu... temo que se produza uma violenta interação. Extremamente violenta.

Começou a falar em termos matemáticos, defendendo suas convicções como pôde, mas isto só conseguiu fazer que o nobre levantasse as mãos, confuso.

- O que o sábio acha de suas preocupações?

- Ele... confia em minhas capacidades, porém temo que queira realizar a prova rapidamente e da forma mais simples possível, pois tem medo de desagradá-lo se incorrer em grandes gastos. – Engoliu em seco, assombrada por sua audácia. - Não obstante, se eu estiver no certa, os efeitos secundários poderiam destruir todo um distrito de Starda, talvez mais.

- Como uma explosão atômica, quer dizer? - Bludd estava estupefato. - Como é possível? Um escudo é uma arma defensiva. Os engenhos atômicos são destrutivos em...

- É difícil predizer as interações de segunda e terceira ordem, lorde Bludd. Não seria mais prudente tomar precauções, apesar do custo adicional? Pense nos benefícios que Poritrin obterá desta invenção. Cada pessoa importante e cada nave particular necessitará de um escudo pessoal, e vocês receberão direitos de patente por cada um. - Procurou um lugar onde deixar a pesada taça. - Por outro lado, imagine que desgraça se esse defeito surgir depois que o produto tenha começado a ser utilizado. Pense nas perdas que sofreriam.

O nobre coçou a barba e brincou com as tranças que caiam sobre seu peito.

- Muito bem, pensarei na possibilidade de aprovar este investimento. O sábio Holtzman nos tem feito ganhar dinheiro suficiente para financiar suas excêntricas idéias cem vezes.

Norma fez uma profunda reverência.

- Obrigado, lorde Bludd.

Enquanto corria para falar com seu mentor, Norma não pensou no erro que tinha cometido ao desafiar sua autoridade. Esperava que um homem como Tio Holtzman decidisse as coisas de maneira racional, não emocional, indiferente a preocupações mesquinhas e conflitos pessoais.

Depois de crescer debaixo das freqüentes recriminações de sua mãe, os insultos não afetavam Norma. Como poderia zangar o eminente cientista?

A prova aconteceu em um asteróide deserto que orbitava longe de Poritrin. Uma equipe de construção escavou uma zona em uma cratera lisa, erigiu alguns aparelhos de gravação e colocou um aparelho gerador de escudo

no pó do chão da cratera. Depois, partiram do asteróide para subir a bordo de uma fragata com destino a Poritrin.

Com o objetivo de observar o experimento, Norma e Holtzman estavam sentados em uma pequena nave militar, de cujos controles se encarregava um piloto da Armada na reserva.

O sábio tinha esperado montar uma série de armas laser sofisticadas, ativadas por controle remoto, na cratera, ao redor da zona escolhida como objetivo. Consciente de suas preocupações orçamentárias, Norma tinha sugerido que seria suficiente voar sobre o objetivo e disparar sobre ele com uma antiga arma laser instalada na nave.

Enquanto o piloto os guiava sobre a zona de prova, o mal humorado cientista apenas respondia as perguntas de Norma que tentava entabular conversa. Holtzman viu que se aproximavam da cratera. Parecia irritado, ansioso por demonstrar que a jovem se equivocava. Norma contemplou pelos guichês a paisagem torturada, os montículos de penhascos em precário equilíbrio, as profundas rachaduras causadas pela pressão das marés. Parecia que o lugar já havia sido destruído.

- Acabemos com isso de uma vez - disse Holtzman. - Piloto, dispare a arma laser quando estiver preparado.

Norma viu pelo guichê que a nave voava a pouca altura, até que tiveram a zona de prova debaixo deles.

- Preparado para disparar, sábio.

- Já verá que imaginou perigos excessivos... - começou Holtzman.

O piloto disparou um raio cegante do laser da nave. O brilho de luz e energia deixou-o sem palavras. Até no silêncio do espaço, a onda de choque pareceu mais violenta que um trovão.

A pulsação aumentou de intensidade, e o piloto puxou os controles da nave.

- Segurem-se bem!

Poderosos motores os afastaram do local do impacto. A aceleração esteve a ponto de deixar Norma inconsciente. Então, um martelo os golpeou por atrás, e sacudiu a nave como se fosse um brinquedo. A nave girou sem controle, e o asteróide se fragmentou em pedras fundidas que irradiavam do centro da explosão, como raios de uma roda.

Holtzman, apavorado, afastou a vista da luz cegante, enquanto o piloto tentava recuperar o controle da nave militar. A respiração do cientista era entrecortada.

A seu lado, Norma também estava estupefata. Olhou para seu mentor e seus lábios se moveram sem formar palavras. Não eram necessárias. Se

Holtzman tivesse conduzido o experimento em seu laboratório, teria desintegrado o laboratório, sua residência, parte da cidade, e talvez desviado o leito do rio Isana.

Olhou para Norma, primeiro furioso, e depois assombrado. Nunca mais voltaria a duvidar de sua intuição ou suas capacidades científicas.

Mesmo assim, sentia como uma punhalada no flanco, um golpe em sua confiança em si mesmo e em sua imagem pública. Seu benfeitor, Niko Bludd, saberia agora a verdade. Norma tinha desafiado publicamente a opinião de Holtzman, e suas dúvidas se demonstraram justificadas.

Não via forma de evitar que toda Poritrin (os lordes, os dragões, até os escravos) soubessem que a disforme matemática de Rossak o tinha superado. A notícia deste experimento se propagaria como fio de pólvora.

Tio Holtzman tinha cometido um erro espetacular, e a ferida nunca cicatrizaria.

93

Os animais têm que cruzar a terra para sobreviver, em busca de água, comida, minerais. A existência depende de algum tipo de movimento. Ou se move, ou a terra o prende onde está.

Exploração ecológica imperial de Arrakis, documentos antigos

A noite do deserto era silenciosa e tranqüila. A primeira lua já se pôs, enquanto a segunda, mais apagada, pendurava sobre o horizonte como um olho sonolento, amarelo de cansaço.

Apenas uma sombra, Selim se agachou sobre um penhasco e observou o favo de covas negras que se elevava sobre ele. Não conhecia os aldeões, nem seus tesouros, mas Budalá lhe havia guiado até este lugar isolado. O deserto e todos seus habitantes formavam parte do misterioso destino de Selim, e não questionava, nem se incomodava em justificar, suas ações.

Esta gente tinha escassos contatos com a tribo do *naib* Dhartha, mas como todos os *zensunni*, enviavam expedições regulares a Arrakis City para obter as provisões necessárias. Até com métodos agrícolas protegidos e uma cuidadosa conservação da água, nenhuma tribo do deserto podia ser auto-suficiente por completo.

Nem tampouco ele, apesar de seus esforços. Os aparelhos de condensação de ar de suas duas estações botânicas abandonadas lhe subministravam água. As provisões armazenadas proporcionavam quase toda a comida que necessitava, mas as reservas tinham diminuído durante um ano e meio passado, junto com seus pacotes de energia, e uma de suas ferramentas se havia quebrado. Necessitava de mais apetrechos para manter sua existência solitária.

Deus tinha outorgado a Selim muitas bênçãos, muitas vantagens... mas havia coisas que devia obter sem ajuda. Não era preciso que compreendesse como encaixavam todas as peças no plano geral de Budalá. Tinha que existir um motivo, e algum dia o descobriria.

Selim tinha espiado durante vários dias este povoado, assim como os movimentos dos nativos. As mulheres guardavam colméias no interior das

cavernas, onde os insetos podiam procurar pequenas flores do deserto que cresciam com muita dificuldade nas rachaduras protegidas.

Selim ficou com a boca cheia d'água. Tinha provado o mel uma única vez em sua vida, depois de que o *naib* Dhartha tivesse adquirido um enorme pote do produto e entregue a cada membro da tribo um pingo. O sabor era delicioso, mas cruel, porque recordava os pobres *zensunni* os poucos luxos de que podiam desfrutar.

Assim que Selim cumprisse seu destino, fosse qual fosse, estava seguro de que teria mel todo dia.

Embora Selim necessitasse de alguns artigos do povoado, também queria dar uma lição.

Budalá lhe havia insuflado uma nova energia mediante a independência e a auto-suficiência, antes que a cega obediência às antigas leis. Não gostava das rígidas normas dos *zensunni*.

De todos os *zensunni*. Talvez agora Selim fosse um membro satisfeito e trabalhador da comunidade, se o *naib* Dhartha não tivesse aceito as falsas acusações de Ebrahim e expulso Selim para que morresse no deserto.

Engatinhou com uma mochila vazia sobre os ombros. Tinha memorizado a rota e identificado a cova em que os aldeões guardavam suas provisões, um lugar vigiado de dia, mas apenas de noite. Confiados em seu isolamento, os sistemas de segurança destes aldeões eram muito deficientes. Entraria às escondidas, tomaria o que necessitava e desapareceria, sem fazer mal a ninguém. Seria um bandido. Selim Cavaleiro de Vermes... Selim o foragido.

Subiu em silêncio o rochedo, até encontrar um caminho que a gente tomava quando saia para compilar especiaria. Subiu até chegar a borda do rochedo, logo se içou e esquadrinhou a escuridão.

Tal como esperava, o armazém estava cheio de alimentos empacotados de outros planetas, sem dúvida comprada a preços desmesurados no espaçoporto. Verdadeiras guloseimas, mas para que necessitava a gente do deserto essas coisas? Selim sorriu. Os aldeões não necessitavam de tudo o que tinha no armazém, de modo que lhes aliviaria de certos luxos inúteis.

Selim encheria sua mochila de discos de energia e complementos nutritivos. Selim guardou comida e células de energia nos compartimentos da mochila.

Também encontrou sementes, mostra botânicas vitais que utilizaria para montar uma pequena estufa em uma das estações abandonadas. Os produtos frescos constituiriam um magnífico complemento de sua dieta.

De um banco de trabalho agarrou uma ferramenta para medir e um martelo sônico, desenhado para romper rocha seguindo pautas específicas. Ser-lhe-ia útil se precisasse improvisar esconderijos, talvez alargando covas naturais em afloramentos desabitados.

Selim tentou achar lugar para as duas ferramentas em sua mochila lotada. Gesticulou na escuridão e deixou cair o martelo sônico ao chão de pedra. Devido ao impacto, o aparelho disparou uma vibração que criou uma fratura no chão da caverna, e ressonou como um tiro no povo adormecido.

Selim, sobressaltado, recolheu o que pode, amontoou em sua mochila com ambas as mãos. Pendurou-a nos ombros e passou pela borda do penhasco. Já ouvia gritos e perguntas.

Fortificações de luz iluminaram o rosto do penhasco, de forma que as aberturas das covas pareceram os olhos de um demônio despertado de repente. Tentou descer pelo atalho em silêncio, mas golpeou pequenas pedras, que caíram penhasco abaixo.

Alguém projetou um raio de luz em sua direção e o descobriu. Outro aldeão gritou. Ao cabo de alguns minutos, homens, mulheres e meninos saíram correndo das cavernas, apontaram para o ladrão, gritaram para que parasse.

Selim não tinha onde se esconder-se, e a pesada mochila o atrapalhava.

Os *zensunni* correram atrás dele, desceram por escadas e degraus de pedra cortados na rocha. Selim, aterrorizado mas jubiloso, correu a toda a velocidade de suas pernas e com um salto final chegou à planície. Seus pés se afundaram na superfície poeirenta, enquanto os nômades gritavam a suas costas. Continuou correndo, com a esperança de que os homens vacilariam se estivesse muito internado entre as dunas. Entretanto, o mais provável era que o alcançassem logo, devido ao peso que carregava. Tudo dependeria se sua indignação era superior ao medo que *Shaitan* lhes provocava.

De repente, lhe ocorreu uma idéia. Diminuiu o passo e procurou na mochila até encontrar o martelo sônico roubado. Ajoelhou-se a um lado de uma duna, comprovou que a potência estivesse ao máximo e elevou a ferramenta. Quando a descarregou, a explosão de som ressonou como uma carga de profundidade, e levantou colunas de areia.

Os *zensunni* continuaram perseguindo-o, sem deixar de gritar. Selim se pôs a correr outra vez e desceu por uma duna. Caiu aos trambolhões, sem soltar o martelo sônico. Por fim, deteve-se entre as dunas. Ficou de joelhos, sem fôlego, e depois em pé, para logo alcançar o topo seguinte.

- Venha, velho Verme! Estou chamando!

Descarregou o martelo de novo, como um sacerdote budislâmico que tocara o gongo.

Na duna seguinte golpeou pela terceira vez, lançando sinais insistentes. Os homens da aldeia estavam perto, mas ele continuava correndo, com maior rapidez ainda. Os homens pareceram vacilar, e distinguiu menos vozes atrás dele.

Por fim, Selim ouviu o ruído, o sinal longínquo de que se aproximava um verme gigantesco. Seus perseguidores perceberam ao mesmo tempo e gritaram entre si. Se detiveram, vacilantes. Todos contemplaram a ondulação da areia sob a luz da lua, e depois voltaram correndo até as rochas, como se a visão do monstro do deserto lhes houvesse feito crescer asas nos pés.

Selim, sorria, sabendo que Budalá o protegeria, se abaixou sobre a duna, petrificado enquanto via seus perseguidores desaparecerem. O verme estava se aproximando com rapidez, e sem dúvida perseguiria os homens da tribo, atraído por suas pisadas. Se ficasse muito quieto, o verme passaria por ele.

Mas a idéia de que o monstro devorasse os homens o incomodava. Eles o haviam perseguido para se defender. Selim não queria que morressem por sua culpa. Isso não podia fazer parte do plano de Budalá, mas o desafio moral sim.

Quando o verme estava mais perto, diminuiu a potência do martelo sônico e deixou que ressonasse com suavidade, *tump, tump, tump*. Como era de esperar, o verme se virou para ele.

Selim se liberou de sua carga e se abaixou.

Ao longe, na metade do caminho de sua aldeia, os *zensunni* se voltaram para olhar, e viram sua figura recortada contra a luz da lua. Selim se elevava em toda sua estatura, plantando em frente ao verme...

Montado sobre a besta, Selim segurava sua lança e as cordas, contente de não ter perdido nenhum elemento de sua bota de cano longo e de que ninguém tivesse acabado morto. Voltou-se e viu os homens assombrados iluminados pela luz da lua. Tinham-lhe visto montar no lombo do demônio do deserto, e agora se afastava para as profundidades do deserto, controlando a besta.

- Como pagamento pelo que levei, entrego-lhes uma história que se tornará lendária nos fogos do acampamento! - gritou. - Sou Selim Cavaleiro de Vermes!

Estava muito longe para que o ouvissem, mas para Selim tinha o mesmo valor. Era o momento adequado de plantar sementes, mas não de revelar sua identidade. De agora em diante, em vez de recitar poesias e lamentos melancólicos de peregrinações ancestrais, os aldeões falariam do homem solitário que controlava os vermes de areia.

A lenda de Selim continuaria crescendo... como uma árvore que brotasse no meio da areia, onde não teria podido sobreviver.

94

Mãe e filho: uma duradoura, mas no final misteriosa imagem da humanidade.

ERASMO,
Reflexões sobre os seres biológicos sensíveis

O pequeno Manion alegrou a vida de Serena, como uma vela que brilhasse em um poço de escuridão.

- Seu filho é um ser irritante e dependente. Não entendo por que exige tantos cuidados.

Serena estava contemplando os grandes e inquisitivos olhos de Manion, mas voltou a cabeça para o rosto reluzente do robô.

- Amanhã fará três meses. Nessa idade, não pode fazer nada sem ajuda. Tem que crescer e aprender. É preciso educar os bebês humanos.

- As máquinas funcionam desde o primeiro dia em que são programadas - disse Erasmo em tom presunçoso.

- Isso explica muitas coisas. Para nós, a vida é um processo de desenvolvimento gradual. Sem educação, somos incapazes de sobreviver. Você não foi educado. Acredito que deveria introduzir melhorias na educação de seus escravos. Ensiná-los a ser mais bondosos, fomenta sua curiosidade.

- Sugere outras melhorias? Quantas mudanças traumáticas espera que faça?

- Tantas quantas me ocorram. Percebeu uma mudança nas pessoas. Agora parecem mais cheios de vida, depois de experimentar um pouco de compaixão.

- Sua compaixão, não a minha. E os escravos sabem. - O robô compôs uma expressão de perplexidade. - Sua mente é um caos de contradições, surpreende-me que consiga sobreviver sem sofrer um curto-circuito mental. Sobretudo com esse menino.

- A mente humana é mais resistente do que imagina, Erasmo.

Serena abraçou o bebê. Cada vez que o robô se queixava dos problemas que Manion causava, temia que levasse o menino. Tinha visto os jardins de infância cheios de meninos de casta inferior. Embora tivesse conseguido melhorar as condições de vida dos escravos, não suportaria que ele fosse criado entre aqueles seres bestiais.

Erasmo se erguia junto à estátua de um peixe-espada, e observava Serena brincando com o menino sob o sol da tarde. Os dois chapinhavam em um lago da vila, situado em um terraço elevado que oferecia vistas espetaculares do mar. Serena ouvia o rugir das ondas, assim como os grasnidos dos gansos que se aproximavam.

Nu nos braços de sua mãe, Manion chapinhava e gritava como um possesso. O robô tinha sugerido que Serena nadasse nua também, mas ela insistiu em cobrir-se com um singelo traje de banho branco.

Como sempre, Erasmo os observava fixamente. Serena tentou ignorar a atenção do robô, com o objetivo de passar uma hora em paz com Manion. Já tinha percebido que seu filho se pareceria com Xavier, mas o menino gozaria algum dia a liberdade, a personalidade e o desejo de lutar contra as máquinas pensantes?

Se antes só pensava em assuntos militares e políticos relacionados com a liga, agora só se preocupava com o bem-estar de seu filho. Com renovadas energias, trabalhava sem trégua para dispor de mais tempo livre com Manion, sem conceder motivos a Erasmo para castigá-la.

O robô devia estar consciente de que a tinha mais dominada que nunca. Dava a impressão de que gostava quando ela o desafiava em duelos verbais, mas Serena também demonstrava gratidão a contragosto pelas pequenas liberdades que Erasmo lhe concedia.

Embora nunca tivesse deixado de odiar seu carcereiro, Serena sabia que seu destino, e o de Manion, dependiam do robô.

Quando olhava para a testa pronunciada e a forma decidida com que apertava a boca, pensou em Xavier e em sua teimosa devoção ao dever. *Por que não fiquei com ele? Por que fiquei obcecada em salvar Giedi Prime? Por que ao menos uma vez, não pude ser uma mulher normal?*

Os grasnidos dos gansos aumentaram de intensidade quando sobrevoaram a *villa*, indiferentes a que humanos ou máquinas governassem a Terra. Excrementos esbranquiçados caíram no pátio, inclusive na estátua próxima ao robô, o que não pareceu incomodar Erasmo. Tudo fazia parte da ordem natural das coisas, em sua opinião.

Manion deu uma gargalhada quando viu os gansos. Embora apenas tivesse três meses, demonstrava curiosidade por tudo. Às vezes, tentava tirar o broche com o que Serena prendia o cabelo, ou das jóias que Erasmo a animava a usar. O robô parecia considerá-la um adorno da *villa*.

Erasmo avançou um passo para o lago e olhou para o bebê que chapinhava na água, Enquanto sua mãe o segurava.

- Nunca tinha percebido o caos e a distração que um menino é capaz de provocar em uma casa tranqüila e ordenada. Considero muito... perturbador.

- Os humanos amam o caos e a distração - disse Serena, em tom relaxado, embora sentisse um calafrio. - Assim aprendemos a inovar, a ser flexíveis e a sobreviver. - Saiu do tanque com o menino e envolveu-o em uma toalha branca.

- Pense em todas as ocasiões que o engenho dos humanos frustrou os planos de *Omnius*.

- Não obstante, as máquinas pensantes os conquistaram.

- Nos conquistaram, em um sentido real, Erasmo? - A jovem arqueou as sobrancelhas, um dos gestos que eram enloquecedoramente enigmáticos para o Erasmo. - Muitos planetas continuam livres das máquinas pensantes. Se são superiores, por que se esforçam tanto em nos imitar?

O robô não entendia o vínculo emocional entre mãe e filho. Apesar do tom de firmeza de Serena, estava muito surpreso pelas mudanças nesta mulher, antes tão raivosa e independente. Depois de ser mãe, parecia uma pessoa diferente. Nunca lhe tinha servido com a metade da atenção que concedia a este estúpido, ruidoso e inútil menino.

Embora suas investigações sobre as relações humanas lhe tivessem proporcionado dados interessantes, Erasmo não podia permitir tais alterações na tranqüilidade de seu lar. Queria que Serena lhe desse toda sua atenção. Um importante trabalho comum os aguardava. Cuidar do menino fazia que não se concentrasse por completo.

Enquanto Erasmo olhava para o pequeno Manion, a máscara do robô se transformou em uma olhar de ódio, que se tornou imediatamente em um sorriso bondoso quando Serena voltou os olhos em sua direção.

Esta fase do experimento terminaria logo. Pensou no melhor método para conseguir isso.

95

A paciência é uma arma que utiliza melhor quem conhece seu objetivo concreto.

IBLIS GINJO,
Opções para a liberação total

Durante oito tensos meses, Iblis Ginjo tinha trabalhado sozinho, tomando decisões e deixando a sua imaginação julgar a amplitude da intranqüilidade que reinava entre os escravos. Como humano de confiança, tinha recebido certos privilégios, mas nunca havia tomado consciência de quão horripilantes eram suas vidas, pois assumia que as ínfimas recompensas e elogios tornavam seus dias suportáveis. Como tinham agüentado durante tantos séculos?

Iblis estava convencido de que havia outros líderes e membros da resistência. O pensador Eklo e seu subordinado Aquim tinham prometido ajuda, mas não sabia muito bem com que meios contavam. Entretanto, além das constantes suspeitas de Ajax e a execução do Ohan Freer, parecia que as máquinas pensantes não suspeitavam da incrível rebelião que estavam a ponto de enfrentar.

Logo, isso mudaria.

Durante semanas, Iblis tinha trabalhado com sigilo mas sem parar, sussurrando nos ouvidos de seus trabalhadores fiéis, formando pouco a pouco um círculo de dissidentes. Havia preparado-os para a possibilidade de uma revolta, e apesar do perigo, foram-se transmitindo a mensagem. Iblis jurou que a rebelião não seria outra causa perdida como as primeiras Rebeliões *Hrethgir*.

Durante os últimos dois meses, um decidido Iblis tinha dobrado quase as filas de sua organização secreta, a qual muitas outras pessoas tentavam somar-se. Notava que a onda estava crescendo. Para fazer parte da resistência, cada convertido tinha que realizar uma série de provas recomendadas pelo monge Aquim.

As centenas de membros da organização estavam divididos em pequenas células que não superavam dez militantes, de forma que cada membro só conhecia a identidade de uns poucos. Ao mesmo tempo, continuavam espalhando a notícia, como se tivessem esperado mil anos por isto.

O pensador Eklo tinha dado uma explicação bastante esotérica sobre como o movimento alcançaria um ritmo de crescimento exponencial, seguindo o modelo básico da biologia: as células se multiplicariam por mitose. Membros de cada célula rebelde cresceriam, se separariam e formariam outras novas, que continuariam da mesma maneira. Cedo ou tarde, encontrariam outros grupos e se fundiriam, somariam forças. Por fim, os dissidentes alcançariam a massa crítica, e produziriam uma explosão de energia, como uma carga eletroquímica...

Nada é impossível.

Iblis tinha recebido mais comunicações secretas em momentos imprevisíveis. As misteriosas notas eram muito vagas, não contribuíam com dados sobre outras células rebeldes nem sobre o que se esperava dele. Quando ocorresse, a revolta seria ampla mas carente de coordenação, Iblis temia que a desorganização condenaria o movimento ao fracasso. Por outra parte, o fato de que os seres humanos fossem tão imprevisíveis poderia supor uma grande vantagem.

Quando Iblis retornou para casa depois de três dias trabalho sem descanso no monumento da Victoria dos Titãs, viu que um escravo ancião saia com sigilo de sua casa. Correu ao interior e descobriu outra mensagem em cima da cama. Saiu em busca do escravo.

- Alto! Quero falar contigo.

O escravo ficou petrificado, como um coelho a ponto de fugir, condicionado para não resistir jamais às ordens de um capataz. Iblis correu até ele, suando devido ao calor.

- Quem o enviou? Diga-me - o escravo meneou sua cabeça enrrugada. uma peculiar expressão vidrada apareceu em seu rosto. Abriu a boca e a assinalou com o dedo. Tinham cortado sua língua.

Iblis, impassível, entregou-lhe uma caderneta eletrônica, depois de limpar a tela em que apareciam as atividades de sua equipe. O homem encolheu os ombros, indicando que não sabia ler nem escrever. Iblis compreendeu que era uma forma eficaz de impedir a contaminação entre as células rebeldes. Deixou-o partir, decepcionado.

- Prossiga a resistência - murmurou.- Nada é impossível.

O escravo não pareceu entendê-lo, e se foi depressa.

Iblis voltou para a casa e leu a breve mensagem: *Logo estaremos unidos. Nada nos deterá. Fizeram grandes progressos, mas por enquanto devem continuar sem nossa ajuda.* As letras já estavam começando a desvanecer-se. *Acelerem seus planos e esperem um sinal.*

Ao longe, ao outro lado dos enormes monumentos, o sol amarelo estava se ocultando atrás do horizonte. *Esperem um sinal.*

Iblis entreabriu os olhos. Se *Omnius* ou um dos titãs descobrisse o plano em suas primeiras fases, a revolta fracassaria. O capataz nunca se considerou um herói. Estava trabalhando para libertar os humanos, mas também o fazia por seu próprio bem. Devia aproveitar sua habilidade para influir nas opiniões e atos dos escravos.

Era fácil animar aos escravos a sonhar com a liberdade, mas quando paravam para pensar temiam as represálias das máquinas pensantes. Nesses momentos de dúvida, Iblis falava com grande convicção a seus seguidores e os persuadia do êxito de seu movimento. Ele os tinha sob seu controle físico e psíquico absoluto. Seu talento para a liderança nunca havia falhado, e fazia pouco tinha descoberto novos aspectos hipnóticos de sua personalidade...

As equipes de Iblis cumpriam os rígidos prazos do monumento. As pessoas escolhidas por ele trabalhavam com poucos guardas robô e *neocimeks* à vista, o que lhes permitia incorporar discretamente os componentes mortíferos sugeridos pelo pensador Eklo. De forma similar, Iblis tinha instalado armas ocultas em outras quatro obras da cidade. Até o robô Erasmo tinha pedido trabalhadores peritos para efetuar modificações em sua *villa*... uma circunstância que Iblis tinha considerado muito interessante.

Iblis sustentava a folha metálica da mensagem, agora em branco. Atirou-a a uma pilha de sucata que seria entregue ao reciclador. As máquinas eram muito eficientes na hora de utilizar materiais e minimizar gastos de energia industrial.

Face à escassa informação de que dispunha, Iblis jurou juntar todas as peças do quebra-cabeças. Seu núcleo de operários insatisfeitos estava preparado para levantar-se e atacar a as máquinas pensantes. A necessidade de descarregar sua ira aumentava dia a dia.

Iblis não podia esperar eternamente. Em algum momento, teria que tomar uma decisão transcendental. Confiou que o sinal prometido chegaria logo.

96

Um dos maiores problemas de nosso universo é o controle da procriação, e a energia que contém. É possível arrastar a raça humana graças a dita energia, obrigá-los a fazer coisas inimagináveis. Essa energia (chame-se amor, concupiscência ou como quiser) tem que ser liberada. Se for reprimida, pode ser muito perigosa.

IBLIS GINJO,
Opções para a liberação total

Erasmo tolerou durante meses ao irritante bebê, mas quando Manion completou meio ano, o robô se sentia frustrado pela falta de progressos em sua investigação. Queria dedicar-se a outras, mas este bebê, ingovernável se interpunha em seu caminho. Tinha que fazer algo.

Serena se mostrava cada vez mais protetora com seu filho. Dedicava mais tempo e energias a este menino inútil que a Erasmo. Inaceitável. Não devia ocorrer outra vez.

Como o intrigava, tinha concedido a Serena mais liberdade que um escravo merecia. O bebê não lhe dava nada em troca, mas ela estava atenta a cada movimento e soluço da criatura. Para Erasmo era um desperdício de tempo e recursos.

Erasmo a encontrou passeando no jardim posterior, com Manion nos braços. O menino, sempre curioso, demonstrava com ruídos ininteligíveis o muito que gostava das coloridas flores. Serena falava com ele, utilizava palavras estúpidas e um tom lisonjeador. A maternidade tinha transformado a inteligente e veemente Serena em um bufão.

Um dia, Erasmo chegaria a compreender estes traços da personalidade humana. Já havia averiguado coisas importantes, mas queria acelerar o trabalho.

Por sua parte, Serena pensava que seu amo robô estava se comportando de uma forma mais estranha que nunca. Seguia-a como uma sombra disforme, acreditando que ela não percebia. Sua reação a Manion, cada vez mais hostil, a assustava e angustiava.

Aos seis meses de idade, o menino podia engatinhar com rapidez, embora de forma torpe, e tinha a propensão dos bebês a meter-se em confusões se não o vigiasse de perto. Serena preocupava-se que quebrasse objetos frágeis e sujasse tudo, quando seus deveres a obrigavam a deixá-lo aos cuidados de outros escravos.

Erasmo parecia indiferente à segurança do menino. Em duas ocasiões, quando Serena realizava tarefas que lhe tinham atribuído, o robô tinha permitido que engatinhasse pela *villa* a suas largas, como se quisesse comprovar que Manion era capaz de sobreviver aos numerosos perigos da casa.

Alguns dias antes, Serena tinha descoberto seu filho na borda do balcão que dava à praça situada em frente ao edifício principal. Apoderou-se dele e gritou para Erasmo.

- Não espero que uma máquina se preocupe, mas não parece que você tenha o menor sentido comum.

O comentário o tinha divertido.

Em outra ocasião, ela tinha interceptado Manion na porta exterior dos laboratórios de dissecação do robô, local que tinha sido proibido a ela. Erasmo havia avisado que não espiasse. Embora preocupada com as torturas que Erasmo devia infligir a escravos indefesos, não se atreveu a insistir pelo bem de seu filho.

Erasmo parecia intrigado pelos sentimentos, ao mesmo tempo que os desprezava. Serena o tinha deixado surpreso praticando expressões faciais exageradas quando olhava para Manion. Sua pele sintética desdobrava um desfile de máscaras teatrais que oscilavam entre o asco e a maldade, passando pela perplexidade.

Serena esperava convencer Erasmo de que ainda não compreendia a natureza humana, e de que devia mantê-la viva com o fim de descobrir as respostas que tanto ansiava...

Passeava com Manion por um jardim de samambaias, fingindo indiferença. Observou uma porta no outro extremo da estufa, e recordou que contava com uma chave que permitia o acesso à casa principal. Erasmo a observava obsessivamente, como de costume.

Enquanto estudava as plantas, não olhou para o robô. Depois, como se houvesse pensado melhor, passou como uma flecha pela porta com o bebê e a fechou com chave. Somente conseguiria um momento de pausa da intensa vigilância, e pegaria despreparado seu amo. Ao menos esperava.

Enquanto percorria depressa o corredor, Manion se remexia em seus braços e lançava gritos de desgosto. Estava apanhado como ela, condenado

injustamente a passar o resto de sua vida como escravo. Xavier nunca veria seu filho.

Arrependeu-se uma vez mais de sua temerária decisão de ir a Giedi Prime. Impulsionada por seu idealismo, só tinha pensado em termos de grandezas, no bem-estar de bilhões de pessoas. Não tinha pensado em seus entes queridos, seus pais, Xavier. Por que devia carregar o peso do sofrimento humano?

Agora, Xavier e Manion estavam pagando o preço como ela.

Erasmo apareceu por outra porta diante dela e lhe fechou o caminho. Uma expressão mal-humorada ocupava seu rosto surrealista.

- Por que tenta escapar, quando sabe que é impossível? Este jogo não me diverte.

- Não tentava escapar - protestou ela, ao mesmo tempo em que protegia o menino com seus braços.

- A esta altura já deveria compreender que existem conseqüências para seus atos. - Muito tarde, a jovem reparou em que ele carregava algo brilhante na mão. Apontou o aparelho em sua direção. - Chegou o momento de mudar os parâmetros.

- Espere...

Serena viu um estalo de luz branca, e uma profunda fraqueza se apoderou de seu corpo. Não pôde se manter em pé. As pernas lhe falharam como se tivessem se transformado em água. Enquanto caia, tentou proteger Manion, que lançou um choro de medo quando sua mãe e ele desabaram.

Serena, a ponto de perder os sentidos, não pôde impedir que Erasmo se apoderasse do bebê indefenso.

Em seu centro de dissecção e cirurgia geral, Erasmo estudava Serena. Sua pele nua se via suave e branca, pois tinha se recuperado do molesto parto com surpreendente rapidez.

Enquanto jazia inconsciente na plataforma branca, Erasmo levou a cabo uma delicada operação. Para ele era uma questão de rotina, pois tinha praticado muitas vezes com escravas durante os últimos dois meses, e só havia morto três.

Não queria fazer mal a Serena, pois acreditava que ainda podia lhe ensinar muitas coisas. O procedimento era para o seu bem...

Serena despertou por fim, nua mas empapada em suor. Tinha as pernas e os braços presos, e sentia certo desconforto no abdômen. Elevou a

cabeça e descobriu que estava em uma sala ampla e cheia de coisas, aparentemente sozinha.

Onde estava Manion? Seus olhos se dilataram de medo e alarme. Quando tentou sentar-se, sentiu uma pontada de dor na região abdominal. Viu uma incisão e uma cicatriz na parte inferior do estômago.

Erasmo entrou na sala com estrondo, carregado com uma bandeja que continha objetos metálicos e cristalinos.

- Bom dia, escrava. Você dormiu mais do que eu tinha previsto. - Deixou a bandeja e começou a liberar os pulsos de Serena. - Estava limpando meus instrumentos médicos.

Furiosa com ele, e morta de medo, a jovem tocou as marcas da operação, apalpou seu abdômen dolorido.

- O que você me fez?

- Uma simples precaução para solucionar um problema que concerne a nós dois - respondeu com calma o robô. – Extraí seu útero. Assim não terá que se preocupar com a distração de ter mais filhos.

97

A cobiça, a ira e a ignorância envenenam a vida

PENSADOR EKLO, da Terra.
além da mente humana,

Quatro meses depois do ataque das máquinas pensantes contra Rossak, Zufa Cenva dedicava seu tempo e energias a treinar novas candidatas. Haviam perdido muitas na batalha psíquica contra os *cimeks*.

Aurelius Venport se comportou com eficácia durante a crise, evacuando as pessoas para os refúgios da selva enquanto os *cimeks* destruíam tudo que encontravam em seu caminho.

Mas Zufa apenas percebeu. Enquanto Venport sofria pela tensão e responsabilidade que a feiticeira carregava sobre seus ombros, a mulher não pensava quase nunca em seu amante.

Sempre tinha sido assim e Venport estava cansando.

Zufa nunca se incomodou em descobrir do que eram capazes os homens de Rossak.

Apesar das suas proezas telepáticas, Zufa não entendia o funcionamento prático de seu mundo protegido. Não sabia quase nada de como o patriota Venport mantinha forte a economia de Rossak.

Durante anos, suas equipes de químicos tinham estudado o potencial médico e recreativo das plantas, cascas, líquidos e cogumelos da selva. Cirurgiões militares e investigadores médicos de toda a liga dependiam do fornecimento contínuo de drogas procedentes das selvas de Rossak.

Além disso, tinha começado a produção dos inovadores e eficazes globos de luz que Norma tinha inventado e compartilhado com ele. Os benefícios deste negócio pagariam a reparação e reconstrução das plataformas orbitais danificadas, a reconstrução das cidades nas cavernas e também a presença de mais naves exploradoras e vigias da Armada.

Pelo visto, Zufa pensava que essas coisas eram grátis. Os negócios do Venport pagavam todos os gastos.

A qualquer momento que assim o desejasse, poderia recolher seus créditos e viver como um rei em outro planeta, mas se sentia filho de Rossak. Embora a feiticeira lhe tratasse com escasso carinho e afeto, ele a amava.

Venport sorriu para si enquanto subia à seção ondulante de pavimento que cobria as copas polimerizadas das árvores. As naves pequenas podiam aterrissar ali, mas as barcaças de carga tinham que permanecer no espaço, atracar nas estações orbitais e descarregar as caixas uma a uma. Na selva, trepadeiras e ervas altas já tinham começado a cobrir as zonas queimadas pelos *cimeks*. A natureza sabia curar a si mesma.

Elevou a vista e procurou a nave esperada, satisfeito por ver que era pontual. Viu-a descer, uma pequena nave particular propriedade de um mercador de carne *tlulaxa* chamado Tuk Keedair, um homem que atacava Planetas Não Aliados em busca de escravos. Keedair também vendia órgãos biológicos, cultivados ao que parecia em sofisticados tanques de Tlulax.

Também comerciante, Venport nunca tinha considerado a escravidão um negócio lucrativo ou sensato. Apenas um punhado de planetas da liga permitia a prática, mas Keedair gozava de boa fama entre seus clientes. Hoje, o homem desejava fazer uma proposta diferente a Aurelius Venport, não relacionada com a escravidão. Venport, picado pela curiosidade, tinha aceitado reunir-se com ele.

Depois que a pequena nave *tlulaxa* aterrissou, Keedair desceu. Deteve-se com os braços estendidos, vestido com uma blusa azul enfiada em calças negras rodadas. Uma trança escura marcada de cinza caía sobre seu ombro como uma medalha de honra.

Venport estendeu uma mão como saudação. Para esta ocasião, levava um cinto apertado na cintura e botas feitas da pele verde negras de um réptil arbóreo. Keedair elevou una mão cheia de calos.

- Trouxe umas amostras que quero mostrar-lhe - disse o mercado, - e idéias que lhe farão lamber os lábios.

- Você vem a mim com fama de visionário e homem prudente, Tuk Keedair. Conte-me suas idéias.

Enquanto as feiticeiras estavam ocupadas em seus intermináveis conselhos de guerra, Venport conduziu seu convidado a uma sala de recepções. Os dois homens ficaram sozinhos, bebendo um potente chá de ervas selvagens para observar os ritos sociais. Por fim, Keedair tirou uma amostra de pó marrom e a entregou.

- Faz nove meses, encontrei isto em Arrakis.

Venport cheirou, e devido a insistência de seu convidado, provou a substância.

Apenas ouviu as palavras posteriores do *tlulaxa*, tão concentrado estava na notável experiência que exigia toda sua atenção. Embora estivesse muito familiarizado com os estimulantes e substâncias que alteravam o estado de

ânimo, procedentes das selvas de Rossak, nunca tinha imaginado que algo assim existisse.

A *melange* parecia impregnar cada célula de seu corpo, transmitir energia e vitalidade diretamente a seu cérebro, mas sem as habituais distorções sensoriais. Era um prazer... mas muito mais que isso. Venport se reclinou em sua cadeira e sentiu que a substância o seduzia e relaxava, o controlava sem controlar. Era um paradoxo. Sentia sua mente mais alerta que nunca em sua vida.

Até o futuro parecia claro.

- Gostei muito. - Venport exalou um suspiro de satisfação e provou outra amostra do pó. - Posso me transformar nosso melhor cliente.

- Já suspeitava que encontraria muitos compradores na liga. Muitos, muitos mesmo.

Os dois homens entraram em acordo sobre os detalhes e apertaram as mãos. Depois, tomaram outra taça de chá de Rossak... misturado com *melange*.

Aurelius Venport concordou em viajar com o mercador de carne aos limites do território explorado. Seria uma longa viagem de ida e volta, já que Arrakis se achava muito longe, mas o homem de Rossak queria ver com seus próprios olhos a fonte da *melange*, e ver como poderia transformar o cultivo de especiaria em um negócio vantajoso.

Talvez Zufa prestasse atenção nele depois disto.

98

Os governos mais tradicionais dividem ao povo, o enfrentam entre si para debilitar a sociedade e fazê-la governável.

TLALOC,
Debilidades do Império

Em um magnífico desdobramento militar, um grupo cruzadores e couraçados da liga sobrevoavam Poritrin. Na ponte da nave capitânia, um orgulhoso e inexpressivo segundo Xavier Harkonnen se erguia com o uniforme de gala, estudando o planeta de aspecto plácido.

Lorde Bludd se ofereceu para equipar as naves da Armada com os novos escudos de Tio Holtzman. No espaçoporto da Starda se montaram instalações provisórias para acomodar às numerosas naves. Todas as naves comerciais tinham sido enviadas a outros lugares para transformar o espaçoporto em base militar e estaleiro provisório. Equipes de escravos especializados tinham sido afastadas de suas ocupações habituais e destinados à instalação.

Xavier não estava muito convencido de depositar tanta confiança em uma tecnologia tão recente, porém o equilíbrio de poder teria que mudar de maneira significativa antes que a humanidade pudesse conquistar outros Planetas Sincronizados. Tinha que correr riscos.

As imensas naves de guerra de tipo couraçado desceram com majestosidade. Além de seu armamento regulamentar, cada nave transportava mil e quinhentos tripulantes, vinte transportes de tropas, quinze naves de carga e equipe, vinte naves de passageiros menores, cinqüenta naves de patrulha de longo alcance e duzentos *kindjals* para combate espacial ou atmosférico. Essas naves tão enormes poucas vezes aterrissavam em superfícies planetárias, mas os couraçados reluziam agora à luz do sol.

Depois dos couraçados chegaram os cruzadores, menores, capazes de superar em velocidade, embora, em proporção, transportassem maior quantidade de armas para respostas rápidas e decisivas.

Nobres e cidadãos livres de Poritrin, separados dos escravos, saudavam e assobiavam.

As barcaças que sulcavam o Isana tocavam as buzinas. Como parte da exibição, esquadrões de *kindjals* e naves patrulhas voavam ao redor das naves de maior tamanho como vespas protetoras.

Assim que a nave capitânia aterrissou, Xavier saiu e foi recebido por um coro de vivas. O enorme couraçado se abatia sobre ele, e se sentiu minúsculo.

Mas todo mundo dependia dele, e tinha um trabalho a fazer. Depois de uma breve pausa para orientar-se, avançou sem vacilar, flanqueado por seus oficiais e seguido pela primeira linha de suas tropas, que formavam uma fileira perfeita. Ele os tinha preparado bem.

Acompanhado por quatro assessores e onze dragões, lorde Niko Bludd se aproximou dele. O nobre lançou a capa para trás e apertou a mão de Xavier.

- Bem-vindo a Poritrin, segundo Harkonnen. Embora esperemos terminar nossas tarefas o quanto antes, durante sua estadia meu povo descansará melhor de noite, sabendo que goza de sua magnífica proteção.

Mais tarde, enquanto Bludd os homenageava com um luxuoso banquete, Xavier delegou responsabilidades a seus oficiais de confiança. Seus subcomandantes fiscalizaram a organização das turmas de trabalhadores no espaçoporto, assim como a instalação dos geradores Holtzman. Sob o cauteloso comando do segundo, os novos sistemas se incorporariam a um esquadrão de patrulha, para que pudesse inspecionar as obras e pôr a prova a nova tecnologia.

Continuando, os mecânicos de Poritrin equilibrariam os sistemas e disporiam múltiplos escudos para cobrir pontos vulneráveis dos cruzadores e couraçados. Se os escudos funcionassem como era de esperar durante as rigorosas demonstrações de prova, Xavier ordenaria que outros grupos de combate ficassem estacionados de maneira provisória em Poritrin para submeter-se a melhoras semelhantes. Não queria que muitas naves da Armada estivessem em dique seco de uma vez, além disso não poderia arriscar que alguns planetas da liga caíssem indefensos, nem tampouco desejava que os espiões de *Omnius* soubessem o que se estava forjando.

Quase todas as armas dos robôs se baseavam em projéteis e explosivos, bombas inteligentes programadas que perseguiam seus objetivos até alcançá-los. Enquanto os projéteis de inteligência artificial não aprendessem a diminuir sua velocidade e penetrar nos escudos, o escudo seria suficiente e decisivo.

Graças a um relatório confidencial, Xavier tinha sido informado do defeito mais importante do escudo, sua violenta interação com os lasers.

Entretanto, como tais armas quase nunca eram utilizadas em combate devido a sua ineficácia para a destruição em grande escala, considerou que se tratava de um risco aceitável. Enquanto a Armada pudesse ocultar esse segredo de *Omnius*...

Nas torres cônicas do salão da residência de lorde Bludd, Xavier escutou os cantores que cantavam hinos e canções inspiradas por uma festa *navacristiana* que ainda se celebrava de vez em quando em Poritrin. Não tinha fome, e seus sentidos do olfato e paladar estavam muito diminuídos. Bebeu um pouco do rum local, mas controlou sua ingestão de álcool. Não desejava diminuir a velocidade de suas reações ou embotar seus sentidos. *Sempre alerta.*

Enquanto a festa continuava a seu redor, olhou pelas janelas curvas da torre e viu as luzes do espaçoporto, manchas amarelas e brancas que permitiam às equipes de escravos continuar instalando os escudos dia e noite. Nunca tinha gostado da escravidão, sobretudo desde que Serena se pronunciou contra, mas assim eram as coisas em Poritrin.

Xavier teria preferido estar em casa com Octa. Fazia menos de um ano que estavam casados, e logo seria pai pela primeira vez. No momento, seu dever exigia estar aqui. Resignado, levantou a taça e brindou uma vez mais com lorde Bludd.

Acompanhado por seu ajudante, o quarto Jaymes Powder, Xavier passeou ante as primeiras filas de *kindjals* alinhados no campo de aterrissagem. Tinham instalado pequenos geradores de escudo em cada unidade, conectados aos motores das naves. Com os ombros quadrados, as costas muito rígidas e o uniforme imaculado, prestou muita atenção aos detalhes. Jamais permitiria que um erro como o de Giedi Prime voltasse a acontecer.

Viu do outro lado do delta barcaças e navios de passageiros procedentes do norte. Os assuntos de Poritrin procediam como de costume, e o ataque das máquinas pensantes parecia muito longínquo. Entretanto, Xavier nunca se sentiria em paz. Embora tivesse encontrado a felicidade com Octa, não era a vida que tinha planejado. As máquinas pensantes haviam matado Serena. Em sua luta pela liberdade, sabia que suas motivações eram pessoais.

Vigiados por capatazes, equipes de escravos letárgicos trabalhavam com a energia suficiente para evitar castigos, ao mesmo tempo em que demonstravam escasso entusiasmo pelo trabalho, embora esse beneficiasse à toda a humanidade, eles incluídos.

Embora desprezasse a prática da escravidão, Xavier meneou a cabeça, decepcionado e furioso pela atitude derrotista dos escravos.

- A decisão de lorde Bludd de atribuir escravos a este trabalho... não me inspira confiança.

O quarto Powder examinou os prisioneiros.

- Aqui é normal, senhor.

Xavier umedeceu os lábios. A Liga de Nobres insistia que cada planeta se governasse por suas próprias leis.

- De qualquer modo, não acredito que um cativo seja o trabalhador mais adequado. Não quero erros, Jaymes... A frota depende disso.

Passeou a vista pelas equipes de operários, inquieto ao ver tantos escravos encarregados de um trabalho tão delicado. Um homem de barba negra, com olhos que pareciam albergar os sentimentos mais negros, guiava a sua equipe com ordens terminantes, em um idioma que Xavier não entendia.

Xavier examinou os escravos com ar pensativo. Jogou um olhar aos *kindjals* que brilhavam à luz do sol. A sensação de perigo provocou-lhe um arrepio na nuca.

Guiado por um impulso, golpeou com os nódulos o casco de uma nave patrulha. Dois escravos manchados de graxa saíram correndo da nave, uma vez terminado seu trabalho, e se encaminharam à nave seguinte, evitando o olhar de Xavier.

Afastou-se quatro passados da nave patrulha e virou-se.

- Quarto, acredito que deveríamos testar um *kindjal* escolhido aleatoriamente.

Subiu à cabine da nave. Examinou os controles do painel com dedos experimentados, observou os componentes e multiplicadores de energia recém instalados que projetavam os escudos Holtzman. Acionou interruptores, esperou a que os motores ganhassem vida, e logo acendeu o escudo.

Fora, o ajudante retrocedeu. Powder protegeu os olhos quando o ar brilhou ao redor do aparato.

- Parece que funciona bem, senhor!

Xavier aumentou a energia dos motores, preparado para a decolagem. Os gases de escapamento ficaram presos pelo escudo, até que se filtraram pouco a pouco através da barreira. A nave zumbiu e vibrou abaixo dele. Estudou as leituras do painel, com o cenho franzido.

Mas quando tentou decolar, o gerador do escudo jogou faíscas e fumaça. Os motores se desconectaram automaticamente. Xavier fechou todos os sistemas antes que mais curtos-circuitos danificassem os delicados componentes.

Desceu da nave patrulha, com a cara congestionada de fúria.

- Tragam-me os capatazes imediatamente! E avise lorde Bludd que quero falar com ele.

Os escravos designados para esse kindjal em particular tinham desaparecido na multidão, e apesar das furiosas pesquisas do segundo, nenhum dos cativos alinhados confessou saber dos erros. Como consideravam todos os escravos pouco importantes, os capatazes não tinham conservado registros dos indivíduos destinados para cada nave.

A notícia tinha encolerizado a lorde Bludd, que logo se desfez em desculpas. Puxando sua barba grisalha falou.

- Não há desculpa possível, segundo. Não obstante, descobriremos e castigaremos os trabalhadores negligentes.

Xavier guardou silêncio quase todo o tempo, à espera da análise definitiva das equipes de inspeção. Seu ajudante retornou por fim, flanqueado por dragões. O quarto Powder vinha carregado com informes detalhados.

- Terminamos a inspeção de controle de qualidade, segundo. Em todas as naves investigadas, um de cada cinco geradores de escudo foram mal instalados.

- Uma inépcia criminosa! - exclamou Bludd, desolado.

- Nós os obrigaremos a reparar seus enganos. Minhas mais sinceras desculpas, segundo.

Xavier olhou sem pestanejar para o nobre.

- Uma percentagem de erro de vinte por cento não supõe apenas mera incompetência, lorde Bludd. Tanto se seus cativos são traidores porque estão ligados com nossos inimigos, como se estão furiosos com seus amos, não podemos tolerar isso. Se minha frota tivesse entrado em combate com estas naves, teríamos sido massacrado! - Voltou-se para seu ajudante. - Quarto Powder, carregaremos todos os geradores de escudo a bordo de nossos cruzadores e os conduziremos ao estaleiro da Armada mais próximo. - Dedicou uma reverência ao preocupado nobre. - Agradeço, lorde Bludd, por suas boas intenções. Não obstante, tendo em conta as circunstâncias, prefiro que pessoal militar preparado instale e teste os escudos.

Deu meia volta para partir.

- Me ocuparei disso agora mesmo, senhor.

Powder saiu da sala, seguido dos dragões. Bludd parecia muito envergonhado, mas não podia contradizer ao severo comandante.

- Compreendo muito bem, segundo. Vou me assegurar de que os escravos sejam castigados.

Xavier, aborrecido, declinou o convite do nobre de assistir a outro banquete. Como desculpas, Bludd mandou enviar uma dúzia de caixas do melhor rum de Poritrin à nave capitânia.

Talvez Xavier e Octa compartilhassem uma, para celebrar sua volta a casa. Ou possivelmente esperariam o nascimento de seu primeiro filho.

Xavier saiu da sala de recepção de lorde Bludd. Trocaram breves mas tensas palavras, e depois o oficial se dirigiu a seu couraçado, aliviado por abandonar aquele lugar.

99

A vida é a soma de forças que se opõem à morte.

SERENA BUTLER

Serena havia sido violada, haviam arrancado uma parte de seu corpo, e uma imensa desolação tomava conta dela. Ao cometer tamanha atrocidade, Erasmo a tinha lançado a beira do desespero, destruído a teimosa esperança a que tinha se obstinado.

Depois de apresentar-se ao Parlamento da Liga, Serena tinha imaginado que realizaria tarefas importantes em benefício da humanidade. Tinha dedicado seu tempo, energias e entusiasmo, sem se arrepender nem um momento. Desde que seu pai tinha tomado juramento como representante da liga, logo depois que completara dezenove anos, com um brilhante futuro pela frente.

O jovem Xavier Harkonnen tinha comovido seu coração, e juntos tinham sonhado fundar uma família feliz e numerosa. Tinham planejado seu casamento, falado de seu futuro compartilhado.

Até nas garras de Erasmo, obstinara-se a seus sonhos de fuga, e de uma vida normal posterior, ao lado de Xavier.

Mas por conveniência própria, o malvado robô a tinha esterilizado como a um animal, tinha roubado a possibilidade de ter mais filhos. Sempre que via a desumana máquina, queria gritar-lhe impropérios. Mais que nunca, sentia falta da companhia de seres humanos civilizados que poderiam ajudá-la nestas circunstâncias difíceis, inclusive o mal aconselhado Vorian Atreides. Apesar da sua suposta fascinação pelo estudo da humanidade, Erasmo era incapaz de compreender por que se indignou por "uma intervenção cirúrgica de pouca importância".

Sua fúria e dor se impuseram à inteligência necessária para enfrentá-lo.

Era incapaz de entusiasmar-se pelos temas esotéricos que Erasmo desejava comentar com ela. Como conseqüência, o robô se sentiu cada vez mais decepcionado com sua cativa.

Pior ainda, Serena nem percebeu.

Quando o pequeno Manion completou onze meses, transformou-se em seu único salva-vidas, uma dolorosa lembrança de tudo que tinha perdido, tanto no passado como no futuro. Havia começado a andar, e era uma pilha de

energia concentrada que perambulava por todas as partes com passo trôpego, empenhado em explorar todos os cantos da *villa*.

Outros escravos tentavam ajudar, ao ver a dor de Serena e sabedores do que fazia para melhorar sua qualidade de vida. Porém Serena não desejava nada deles. Se achava a beira do desespero. Apesar de tudo, Erasmo mantinha as mudanças e melhorias que tinha aceitado realizar.

Serena ainda trabalhava no jardim e na cozinha, vigiava Manion quando o menino examinava utensílios e brincava com as panelas reluzentes. Como conheciam sua peculiar relação com o Erasmo, outros escravos a observavam com curiosidade e respeito, e se perguntavam o que faria depois. Os cozinheiros e auxiliares brincavam com o menino, divertidos com suas tentativas de falar.

Manion estava possuído por uma sede insaciável de ver e tocar tudo, das flores e plantas dos jardins da *villa* até os peixes exóticos dos lagos, passando por uma pluma que encontrou na praça. Estudava tudo com seus vivazes olhos azuis.

Serena renovou sua determinação de tentar escapar ou atentar contra Erasmo. Para tal fim, precisava averiguar tudo que pudesse sobre o robô independente. Para solucionar esse enigma, decidiu descobrir o que ocorria com exatidão nos detestáveis laboratórios fechados.

O robô tinha proibido que entrasse neles, e a tinha advertido que não "se intrometesse" em seus experimentos. Tinha ordenado a outros criados da casa que não contassem nada a respeito deles. Do que o robô tinha medo? Aqueles laboratórios deviam ser importantes.

Tinha que entrar de qualquer modo.

Apresentou-se uma oportunidade quando Serena falou com dois auxiliares de cozinha que preparavam comidas para humanos encerrados no bloco dos laboratórios. Erasmo insistia em pratos energéticos para que suas vítimas sobrevivessem o máximo possível, mas preferia uma quantidade pequena para "minimizar as defecções" quando infligia dor excessiva.

O pessoal da cozinha tinha aceito com alívio os gostos sangrentos de Erasmo, satisfeitos de não ter sido escolhidos para os experimentos. Ainda não, em qualquer caso.

- O que importa a vida de um escravo? - perguntou uma das mulheres, Amia Yo. Era a escrava que havia tocado a manga de Serena durante o festim de "boa vontade" do robô, e Serena a tinha visto trabalhar nas cozinhas.

- Toda vida humana possui valor - disse Serena, enquanto olhava para o pequeno Manion, - ainda que seja somente seja para sonhar. Tenho que ver esse lugar com meus próprios olhos.

Então, revelou seu impetuoso plano entre sussurros conspiratórios.

Amia Yo, reticente, porém com expressão decidida, se ofereceu a colaborar.

- Só por você, Serena Butler.

Como as duas mulheres eram mais ou menos da mesma estatura e peso, Serena vestiu sua bata e avental brancos, e cobriu o cabelo com um lenço escuro. Confiava em que os olhos espiões não perceberiam as diferenças.

Serena deixou Manion aos cuidados dos auxiliares e acompanhou uma escrava esbelta de pele escura. Entraram empurrando um carrinho de comida em uma série de dependências anexas que Serena nunca tinha visitado. O corredor de entrada cheirava a produtos químicos, fármacos e enfermidade. Serena temia o que ia ver. Seu coração acelerou e o suor empapou sua pele, porém apressou o passo.

Sua companheira parecia nervosa, e seus olhos se moviam de um lado a outro quando atravessaram uma barreira codificada. Entraram juntas em uma câmara interior. Um intenso fedor tornava o ar quase irrespirável. Nada se movia na sala. Serena sentiu náuseas.

Nada teria podido prepará-la para isto.

Havia restos humanos amontoados sobre mesas, em tanques borbulhantes e no chão, como brinquedos abandonados por um menino aborrecido. Sangue fresco salpicava as paredes e o teto, como se Erasmo se dedicasse à arte abstrata. Tudo parecia recente e úmido, como se a horrenda matança tivesse acontecido uma hora antes. Serena, consternada, só experimentou asco e raiva. Por que o robô tinha feito isto? Para satisfazer alguma curiosidade macabra? Tinha encontrado as respostas que procurava? A que preço!

- Passemos a outra sala - disse sua companheira com voz trêmula, enquanto tentava afastar a vista do horror.

- Aqui já não há ninguém a quem dar de comer.

Serena avançou cambaleante atrás da outra mulher, que empurrava o carrinho, até entrar em outra câmara, onde prisioneiros de aspecto gasto estavam presos em celas de isolamento. O fato de aquelas pessoas ainda estarem com vida foi ainda pior. Reprimiu as ânsias de vômito.

Fazia muito tempo que sonhava escapar de sua vida de escrava. Ao ver estes horrores, compreendeu que fugir não seria suficiente. Precisava deter Erasmo, destruí-lo, não por ela, mas por todas as suas vítimas.

Mas Serena tinha caído na armadilha.

Graças a aparelhos de vigilância ocultos, Erasmo a vigiava. Considerou sua repugnância agradavelmente predizível. Durante dias tinha esperado que penetrasse às escondidas em seus laboratórios, apesar da sua proibição. Sabia que Serena não conseguiria resistir a essa tentação por muito tempo.

Sim, compreendia alguns aspectos da natureza humana, e muito bem.

Agora que sua acompanhante e ela tinham terminado suas tarefas, retornariam à segurança da *villa*, onde Serena tinha deixado seu impertinente bebê. Erasmo pensou na melhor maneira de manipulá-la.

Tinha chegado o momento de introduzir mudanças. De acrescentar tensão ao sistema experimental e observar as transformações dos sujeitos. Conhecia o ponto mais vulnerável de Serena.

Enquanto se preparava para o drama que ia criar, Erasmo transformou seu rosto em um ovalóide inexpressivo. Percorreu os corredores, e o eco de seus passos anunciou sua chegada. Antes que Serena pudesse recuperar seu filho, o robô encontrou Amia Yo brincando com o menino no chão da cozinha.

O amo da casa não pronunciou nenhuma palavra quando entrou na habitação. Amia Yo, sobressaltada, elevou os olhos e viu o detestável robô. A seu lado, o pequeno Manion contemplou o familiar rosto refletivo e riu.

A reação do menino provocou fez o robô se deter por um momento. Depois, com um veloz movimento de seu braço sintético, quebrou o pescoço de Amia Yo e agarrou ao menino. A cozinheira caiu morta sem exalar nem um suspiro. Manion se retorceu e gritou.

Justo quando Erasmo erguia o menino no ar, Serena apareceu na porta, com expressão horrorizada.

- Solte-o!

Erasmo a afastou com um empurrão, e Serena caiu sobre o cadáver da mulher assassinada. Sem olhar para trás, o robô se afastou da cozinha e subiu uma escada que conduzia aos níveis e balcões superiores da *villa*. Manion pendurava de sua mão como um peixe capturado, sem parar de chorar e gritar.

Serena ficou em pé e correu atrás deles, enquanto suplicava a Erasmo que não machucasse seu filho.

- Castigue a mim, se assim desejar, mas a ele não!

O robô voltou seu rosto indecifrável para ela.

- Não posso fazer ambas as coisas? - Subiu ao segundo piso.

Ao chegar ao patamar do terceiro andar, Serena tentou agarrar uma perna do robô. Erasmo nunca tinha visto tamanha exibição de desespero, e se arrependeu de não ter aplicado sondas de controle para escutar seu coração e

saborear o suor induzido por seu pânico. O pequeno Manion agitava os braços e as pernas.

Serena tocou os dedos de seu filho, conseguiu segurá-lo por um instante. Então, Erasmo deu um chute em seu abdômen, e a jovem caiu rodando pelas escadas.

Conseguiu ficar em pé, sem se importar com as contusões, e prosseguiu a perseguição.

Interessante. Um sinal de resistência notável, ou de resistência suicida. A partir de seus estudos sobre Serena Butler, Erasmo decidiu que era um pouco de tudo.

Quando chegou ao último nível, Erasmo se encaminhou ao amplo balcão que dava à praça, quatro pisos mais abaixo. Havia um robô sentinela no balcão, observando as equipes de escravos que instalavam novas fontes e erigiam estátuas. O som da maquinaria e de suas vozes se alçava no ar imóvel. O robô se virou para sua perseguidora.

- Alto! gritou

Serena com uma severidade que lhe recordou sua antiga personalidade.

- Basta, Erasmo! Você ganhou. Farei o que desejar.

O robô se deteve ante o corrimão do balcão, agarrou Manion pelo tornozelo esquerdo e elevou-o sobre a borda. Serena gritou. Erasmo deu uma breve ordem à sentinela.

- Impeça que ela se intrometa.

Colocou o menino de cabeça para baixo sobre a praça pavimentada, como um gato que jogasse com um camundongo indefeso.

Serena se precipitou para frente, mas o robô sentinela lhe fechou o caminho. Ela golpeou o robô com tal força que o robô foi parar contra o corrimão, antes de recuperar o equilíbrio e segurar o braço de Serena.

Abaixo, os escravos humanos elevaram a vista e apontaram para o balcão. Uma exclamação coletiva se elevou, seguida de um sussurro.

- Não! - gritou Serena enquanto tentava libertar-se da mão do robô. - Por favor!

- Devo continuar meu trabalho. Este menino é um fator perturbador.

Erasmo balançou ao menino sobre o abismo. A brisa agitou seu manto. Manion se retorcia e gritava, chamava sua mãe.

Serena olhou o rosto refletivo, mas não viu compaixão nem preocupação. *Meu precioso bebê!*

- Não, por favor! Farei o que...

Os escravos não acreditavam em seus olhos.

- Serena... Seu nome deriva de "serenidade". - Erasmo elevou a voz para fazer-se ouvir sobre os uivos do menino. – Entende isso?

A jovem se lançou contra o robô sentinela, esteve a ponto de soltar-se e estendeu a mão, desesperada por apoderar-se de seu filho.

De repente, os dedos de Erasmo se abriram. Manion caiu na praça.

- Bem. Já podemos voltar para trabalho.

Serena lançou um grito tão estrondoso que não ouviu o terrível som do corpo ao estatelar-se contra o pavimento.

Indiferente ao perigo que corria, Serena se soltou por fim, rasgando-a pele, e empurrou o robô sentinela contra o corrimão. Quando o robô recuperou o equilíbrio, empurrou-o de novo, desta vez com mais força. O robô rompeu a balaustrada e se precipitou no vazio.

Sem emprestar atenção à máquina, Serena atacou Erasmo e o golpeou com seus punhos. Tentou trincar ou arranhar sua cara de metal líquido, mas só conseguiu cortar os dedos e quebrar as unhas. Em seu frenesi, Serena rasgou o manto novo do robô. Depois, agarrou um vaso de terracota do bordo do balcão e o quebrou contra o corpo de Erasmo.

- Pare de agir como um animal - disse Erasmo. Enviou-a com um tapa ao chão.

Iblis Ginjo, que fiscalizava à equipe da praça, contemplava a cena com absoluta incredulidade. " É Serena!", gritou um dos trabalhadores da *villa*, que a tinha reconhecido. Seu nome repetido em coro pelos outros, como se a reverenciassem. Iblis se recordava de Serena Butler de quando a tinha visto com os novos escravos chegados de Giedi Prime.

Então, o robô soltou o menino.

Sem se preocupar com as conseqüências, Iblis correu em uma desesperada e infrutífera tentativa de apanhar ao menino. Ao ver a valente reação do capataz, muitos escravos se precipitaram para frente.

Iblis se deteve em frente o corpo ensangüentado e compreendeu que não podia fazer nada.

Mesmo depois de todas as atrocidades que tinha visto *cimeks* e máquinas pensantes cometerem, este ultraje parecia inconcebível. Segurou o corpinho destroçado em seus braços e elevou a vista.

Serena estava lutando contra seus amos. Os operários lançaram uma exclamação afogada e retrocederam quando lançou por cima do corrimão um robô sentinela.

Como um brilho metálico, a máquina pensante se chocou contra as lajes de pedra, não longe da mancha de sangue que tinha deixado o menino

morto. Ficou em pedaços, seus componentes metálicos e fibrosos quebrados, o líquido dos circuitos gelificados gotejando pelas rachaduras...

Mortificados e consternados, os escravos contemplavam a cena. Como lenha preparada para arder, pensou Iblis. Uma cativa humana enfrentou as máquinas! Havia destruído um robô com suas próprias mãos! Gritaram seu nome, assombrados.

No balcão, uma desafiante Serena seguia repreendendo Erasmo, enquanto ele a empurrava para trás com sua força superior. A coragem apaixonada da mulher surpreendeu a todos. Podia ser mais clara a mensagem?

Um grito de cólera se elevou das gargantas dos operários cativos. Já tinham sido preparados durante meses pelas instruções e manipulações sutis de Iblis. Havia chegado o momento.

Com um sorriso de triste satisfação, deu a ordem. E os rebeldes se precipitaram para frente, em um ato que seria recordado durante dez mil anos.

100

Os monólitos são vulneráveis. Para perdurar, terá que possuir mobilidade, resistência e diversidade.

BOVKO MANRESA,
primeiro vice-rei da Liga de Nobres

Quando o grupo de combate da Armada partiu de Poritrin, as multidões de Starda não eram tão numerosas, e os vivas eram muito mais tímidos. Propagou-se a grande velocidade a notícia de que os escravos tinham sabotado um trabalho vital. Era uma vergonha para todo o planeta.

Niko Bludd, muito decepcionado, viu desaparecer as esteiras jônicas das naves.

Depois, flutuou em sua plataforma cerimoniosa sobre os escravos reunidos. Tinha ordenado que os supervisores reunissem todos os escravos para uma inspeção.

Lorde Bludd falou por um projetor vocal que trovejou sobre os escravos.

- Vocês decepcionaram Poritrin! Desonraram a humanidade. Sua sabotagem malogrou o esforço bélico dirigido contra nossos inimigos. Isto se chama traição!

Olhou-os com olhos chamejantes, esperando ver sinais de remorso, abjetas súplicas de perdão, cabeças baixas em sinal de culpa. Em vez disso, os escravos pareciam desafiantes, orgulhosos de que haviam feito.

Dado que os escravos não eram cidadãos da liga, não podiam ser, culpados de traição, mas gostava do som detestável da palavra. Esta gente ignorante não captaria as diferenças sutis.

Inspirou pelo nariz, e recordou um antigo castigo *navacristiano*, cuja intenção era aplicar um golpe psicológico não violento.

- Declaro um Dia de Vergonha. Agradeçam ao segundo Harkonnen por detectar sua incompetência antes que se perdessem vidas valiosas. Mas suas ações prejudicaram nossa luta constante contra *Omnius*. Não poderão lavar o sangue de suas mãos. - Sabendo que eram supersticiosos, amaldiçoou-os. - Que esta vergonha recaia sobre seus descendentes! Que os covardes *budislâmicos* nunca se vejam livres de sua dívida com a humanidade!

Enfurecido, ordenou aos dragões que a plataforma se afastasse do espaçoporto.

Bel Moulay tinha esperado uma situação explosiva como esta. Nunca mais haveria tantos escravos reunidos ao mesmo tempo. O líder *zenshiíta* ordenou a seus irmãos que entrassem em ação.

Os supervisores e dragões tinham ordens de devolver os escravos a seus amos. Quase todo o trabalho rotineiro de Poritrin havia ficado paralisado enquanto as naves da Armada estavam estacionadas no espaçoporto, e alguns nobres tinham expressado sua impaciência por voltar à normalidade.

Mas agora, os cativos se negavam a se mover, negavam-se a trabalhar.

Bel Moulay gritou aos que estavam perto dele, despertou as sementes que tinha plantado durante conversas secretas, mês após mês. Falou em *galach*, para que todos os nobres o entendessem.

- Não trabalhamos para caçador de escravos! O que é pior, ser oprimidos pelas máquinas pensantes ou por vocês? - Elevou um punho. - Bem sabe Deus que a razão está do nosso lado! Nunca retrocederemos em nossa luta!

Um uivo ressonou em uníssono. A raiva contida se pulverizou como fogo sobre combustível, antes que os dragões ou os nobres fossem capazes de reagir.

Moulay gritou em direção à plataforma que se afastava.

- Niko Bludd, é pior que as máquinas pensantes, porque escraviza os de sua mesma espécie!

Uma massa de *zenshiítas* e *zensunnis* rodearam de repente os estupefatos supervisores e desarmaram-lhes. Um supervisor que levava um lenço negro ao redor da calva elevou os punhos e gritou ordens, mas não soube o que fazer quando os escravos o ignoraram. Os insurgentes rasgaram as mangas do homem, tiraram seu macaco de trabalho e o arrastaram para seus recintos, onde tantos desafortunados companheiros tinham ficado aprisionados depois da febre mortífera.

Bel Moulay tinha ensinado os escravos a serem eficazes. Deviam tomar reféns, não massacrar os nobres. Somente desta maneira conseguiriam negociar sua liberdade.

O barbudo líder *zenshiíta* assinalou vários abrigos destinados a guardar maquinaria, assim como quatro navios velhos que tinham ficado parados na maré baixa. Seus seguidores atearam fogo. As chamas se elevaram como flores laranja, e seu pólen de fumaça cobriu o espaçoporto. Os escravos, liberados repentinamente de toda restrição, saltaram às pistas de aterrissagem, onde espalharam obstáculos para impedir que aterrissassem naves comerciais.

Alguns jovens insurgentes abriram caminho entre a primeira fila de espectadores atônitos. Os dragões abriram fogo, e vários rebeldes caíram, mas outros escravos invadiram as ruas da Starda e desapareceram como peixes entre a vegetação. Internaram-se em ruelas, saltaram sobre barcaças flutuantes e tetos de armazéns, até encontrar-se com outros meninos escravos que tinham esperado esta oportunidade.

Os meninos transmitiram a boa nova no antigo idioma de caça *chakobsa*, que todos entendiam. E a rebelião se propagou...

Tio Holtzman estava mal-humorado e confuso, envergonhado de que a primeira exibição em escala militar de seus novos escudos terminou em fracasso. Preocupado enquanto Norma Cenva trabalhava em seus desenhos, demorou em perceber que a comida não tinha chegado, que sua taça de chá esfriou. Frustrado por uma complicada integral, atirou a toalha, aborrecido.

Reinava um silêncio estranho na casa e nos laboratórios. Frustrado, tocou a sineta para chamar os criados, e logo voltou para seu trabalho. Minutos depois, como não tinha obtido resposta, chamou de novo, e logo vociferou nos corredores.

Quando viu uma mulher *zenshiíta* que se afastava pelo corredor, chamou-a, mas ela se limitou a olhá-lo com uma expressão peculiar e se virou na direção contrária. Não acreditou em seus olhos.

Depois de chamar Norma, os dois entraram na sala cheia de calculadores. Encontraram aos escravos falando em seu idioma, com os papéis e os aparelhos de cálculo diante deles.

- Por que não terminam seus deveres? - trovejou Holtzman. - Tem que concluir os projetos. Um trabalho importante!

Os escravos jogaram no chão o que havia sobre as mesas como um só homem. O sábio ficou surpreso. A seu lado, Norma parecia compreender a situação melhor que ele.

Holtzman chamou os guardas da casa, mas apenas um respondeu, um sargento suado que se aferrava a suas armas como se fossem âncoras.

- Minhas desculpas, sábio Holtzman. Outros dragões foram chamados por lorde Bludd para sufocar os distúrbios do espaçoporto.

Holtzman e Norma correram para a plataforma de observação, onde viram por um telescópio os incêndios no espaçoporto. Havia grandes multidões reunidas, e até daquela distancia o sábio ouviu o ruído da confusão.

- Já estamos fartos de ser escravos! - gritou um calculador quando seu amo lhe deu as costas. - Não voltaremos a trabalhar para você!

Holtzman virou-se, mas não pôde identificar quem tinha falado.

- Estão loucos? acham que me reclino em um divã enquanto vocês trabalham? Não viram os globos de luz que iluminam meu escritório até bem tarde da noite? Esta interrupção prejudica toda a humanidade.

Norma tentou raciocinar com eles.

- Nós os alimentamos e vestimos, proporcionamos-lhes uma moradia decente, e o só pedimos em troca sua colaboração em alguns cálculos simples. Temos que lutar contra nosso inimigo comum.

- Sim - interveio Holtzman, - preferem voltar para seus planetas fedorentos e selvagens?

- Sim – os escravos gritaram em uníssono.

- Idiotas egoístas - murmurou o sábio, e olhou de novo pela janela os incêndios e os grupos de escravos. - Inconcebível!

Não se considerava um mau amo. Trabalhava tanto como estes homens. Da plataforma onde estavam Holtzman e Norma, o rio parecia de um tom cinzento, pois refletia a cor das espessas nuvens.

- Se esta rebelião se estender aos campos de cultivo e as minas - especulou Norma, há a possibilidade de que as forças militares de lorde Bludd não possam sufocá-la.

Holtzman negou com a cabeça.

- Estes arrogantes *budislâmicos* só pensam neles mesmos, como quando fugiram dos titãs. Jamais serão capazes de ver além de seus estreitos horizontes. - Dirigiu um último olhar a uma sala cheia de indignados calculadores. - Agora, você e eu teremos que perder tempo enfrentando esta gente, em lugar de lutar contra o autêntico inimigo. - Cuspiu no chão, pois não lhe ocorreu outra maneira de expressar seu desgosto. - Será um milagre se conseguirmos sobreviver.

Ordenou que fechassem a sala dos calculadores e não os alimentassem até que voltassem a trabalhar. Norma, inquieta, trotou a seu lado.

Aquela tarde, lorde Bludd recebeu uma lista de exigências do líder da insurreição. Protegido por seus seguidores, Bel Moulay exigia a liberação de todos os *zenshiítas* e *zensunnis*, e salvo-condutos para retornar a seus planetas.

No aeroporto cercado, os rebeldes retinham muitos nobres e supervisores como reféns. Os edifícios queimavam, no entanto Bel Moulay pronunciava apaixonados discursos do coração das turbas, alimentando as chamas...

101

É real uma religião se não custar nada e não comporta riscos?

IBLIS GINJO,
nota à margem de uma agenda roubada

O fundamental era escolher o momento. Durante meses, Iblis havia treinado suas equipes e esperado o sinal prometido que lançaria uma revolta violenta e coordenada. Mas havia intervindo algo mais, um acontecimento de proporções incalculáveis. O assassinato de um menino humano perpetrado por uma máquina, e a cena incrível da mãe atacando e destruindo um robô.

Se utilizasse este crime horrível como trampolim, Iblis quase não necessitaria de suas capacidades de persuasão inatas. Ouviu gritos a seu redor, o ruído de cristais ao romper-se, pés que corriam. Não era preciso manipular os enfurecidos escravos. Ardiam em desejos de rebelar-se.

A rebelião floresceu e se estendeu pela *villa* de Erasmo. Três homens jogaram ao chão a estátua de uma águia. Outros se enfureceram com uma fonte de pedra. A turba arrancou trepadeiras que trepavam pelos lados do edifício principal, destroçaram janelas. Irromperam no vestíbulo, envolveram dois confusos robôs sentinelas que nunca tinham presenciado tal reação procedente de prisioneiros em teoria acovardados. Arrebataram as armas dos robôs destruídos e abriram fogo de forma indiscriminada.

A rebelião tem que propagar-se.

Iblis temia que se os distúrbios ficassem muito localizados, os sentinelas de *Omnius* interviriam e exterminariam todos os insurgentes, mas se pudesse entrar em contato com seus outros grupos e enviar o sinal, a revolta continuaria fortalecendo-se e se estenderia de população em população. Por sorte, o pensador e seu subordinado o haviam ajudado em seus planos secretos.

O verdadeiro trabalho da insurreição devia correr como um fio de pólvora. Quando viu o que acontecia a seu redor, os gritos e a destruição, Iblis decidiu que essa gente já não necessitava dele.

Com a cidade iluminada por uma fantasmal lua amarela, Iblis deu a ordem tão esperada a seus grupos principais. Avisou os líderes, quem por sua vez enviaram homens e mulheres às ruas, armados com paus, ferramentas

pesadas, facas, qualquer arma que pudesse ser eficaz contra as máquinas pensantes.

Depois de mil anos de dominação, *Omnius* não estava preparado para isto.

Como uma avalanche, os exaltados rebeldes arrastaram outros, inclusive os que tinham dúvidas em somar-se ao movimento clandestino. Ao vislumbrar uma chama de esperança, os escravos destruíam todos os objetos tecnológicos que encontravam em seu caminho.

Na escuridão iluminada pelos incêndios, Iblis subiu ao monumento da Vitória dos Titãs, de onde ativou seu transmissor. Sistemas ocultos embutidos na parede esculpida ganharam vida. Todas as estátuas do mural se abriram e revelaram seu mortífero arsenal.

Na praça do museu, viu vários *neocimeks* que se deslocavam em suas formas móveis.

Guiados por cérebros imateriais, os *neocimeks* se agrupavam para atacar os humanos rebeldes. Não demorariam para chegar outras máquinas híbridas, providas de corpos cobertos de armas. Iblis não podia permitir que isso acontecesse.

Apontou as armas. Tubos embutidos no monumento lançaram contra o inimigo foguetes fabricados a base de explosivos utilizados na construção. Cortaram as pernas de dois *neocimeks*. Enquanto se retorciam no chão e se esforçavam por continuar caminhando, Iblis disparou dois foguetes mais contra seus contêineres cerebrais.

Embora os seguidores de Iblis derrotassem os *neocimeks* e os robôs sentinela, a revolução deveria enfrentar à poderosa supermente de *Omnius*. Iblis, não obstante, experimentou uma onda de confiança e otimismo.

Banhados pela luz de lua irreal, os humanos prorromperam em vivas. As chamas estenderam-se pelos edifícios vazios da capital. Perto do espaçoporto, um arsenal estalou em uma tremenda explosão. Chamas de centenas de metros se elevaram no ar.

Iblis viu que o número de seus seguidores crescia ante seus olhos e seu coração se encheu de esperança. Ainda não podia acreditar no que estava acontecendo. Tinham respondido as células rebeldes dispersas a sua chamada, ou tinha iniciado a conflagração sem ajuda de ninguém?

Como uma reação em cadeia, as turbas invadiram as ruas, sedentas por vingança.

102

A precisão, sem compreender suas limitações inerentes, é inútil.

PENSADORA KWYNA,
Arquivos da Cidade da Introspecção

Os habitantes de Poritrin tinham escravos há tanto tempo que se acostumaram a seu cômodo estilo de vida. Quando a restrição imposta ao comércio pelos insurgentes endureceu, a notícia da rebelião chegou aos ouvidos de todos os *zensunni* e *zenshiítas* de Starda. O trabalho havia cessado em toda a cidade, e em outros lugares. Os escravos tinham deixado de colher. Alguns tinham incendiado os campos de cana de açúcar. Outros sabotavam a maquinaria agrícola.

Acampados com outros artesãos sobre o *cannyon* do Isana, Ishmael e seus esgotados companheiros passavam a noite no interior de tendas ventiladas pela brisa noturna.

De pronto, Ishmael despertou. Alüd estava sacudindo-o.

- Saí às escondidas e escutei aos capatazes. Os escravos se rebelaram no delta! Escute isso...

Os dois meninos voltaram para junto da fogueira do acampamento, que ainda ardia, e tomaram assento. Os olhos do Alüd cintilaram a tênue luz.

- Sabia que não teríamos que esperar séculos para voltar a ser livres. - Seu fôlego cheirava a papa que tinham comido no jantar.

- Bel Moulay fará justiça. Lorde Bludd terá que aceitar nossas exigências.

Ishmael franziu o cenho, pois não compartilhava o entusiasmo de seu amigo.

- Não espera que os nobres dêem de ombros e mudem os hábitos centenários de Poritrin de um dia para outro.

- Não terão outro remédio. - Alüd apertou o punho. - Ai, oxalá estivéssemos em Starda para nos unir aos rebeldes. Não quero me esconder aqui. Quero participar da batalha. - Soprou. - Passamos os dias fazendo belos desenhos na parede do *canyon* para a maior glória de nossos opressores. Isso parece lógico? - Quando o menino se apoiou nas mãos, um sorriso iluminou seu rosto. - Poderíamos fazer algo para colaborar. Inclusive aqui.

Ishmael temia o que Alüd ia sugerir.

Em plena noite, depois que os capatazes tivessem ido dormir em seus pavilhões isolados, Alüd recrutou Ishmael para a causa com a promessa de que não haveria derramamento de sangue.

- Somente vamos deixar as coisas claras - disse Alüd, com um sorriso carente de humor.

A dupla foi de loja em loja, somando adeptos. Face à rebelião acontecida na longínqua Starda, os guardas não estavam muito preocupados com um punhado de garotos esgotados depois de horas trabalhando nas paredes do *canyon*.

Os meninos roubaram um arnês do barraco de equipamentos. Prenderam-se pela cintura e peito, passaram laços sob os braços e os cabos às polias do escarpado.

Quatro jovens escravos se desprenderam pelo escarpado onde estava desenhada a saga da dinastia Bludd. Os meninos tinham suado para criar cada minúscula ilustração, seguindo os traços gravados a laser que lorde Bludd havia desenhado.

Os jovens descenderam silenciosamente em seus cabos, correram sobre a suave parede com os pés descalços. Enquanto se pendurava como um pêndulo, Alüd ia golpeando com um martelo os azulejos de cores, deformando a imagem. O estrondo longínquo dos rápidos e o assobio do vento ao redor das formações rochosas apagava o ruído do martelo contra a rocha.

Ishmael baixou um pouco mais que seu amigo e golpeou uma seção de azulejos azuis que, vistos de longe, teriam formado o olho sonhador de um antigo nobre chamado Drigo Bludd.

Alüd não tinha nenhum plano em sua mente. Martelava aleatoriamente, deslocava-se lateralmente e golpeava outra vez. Os fragmentos caiam na escuridão insondável. Outros escravos participavam da destruição, como se assim pudessem reescrever a história.

Trabalharam durante horas. Embora só fossem vagas silhuetas a luz das estrelas, Ishmael e Alüd sorriram com alegria, e logo voltaram a sua tarefa.

Por fim, quando os primeiros raios de luz começaram a pintar o horizonte, os meninos se içaram em seus arneses, devolveram o equipamento ao barraco e entraram em suas tendas. Ishmael confiava em dormir uma hora antes que os capatazes os chamassem.

Retornaram sem que ninguém percebesse. Ao amanhecer, soaram gritos de alarme e os homens vociferaram, chamaram os escravos e ordenaram que se alinhassem na borda do escarpado.

Nervosos capatazes queriam respostas, saber a identidade dos culpados. Açoitaram os moços, um após o outro, com tal vontade que demorariam dias para voltar a trabalhar. Negaram-lhes água e comida.

Mas nenhum sabia nada, é obvio. Insistiram que tinham dormido em suas tendas durante toda a noite.

A destruição do magnífico mural significou o golpe definitivo para lorde Bludd. Havia tentado ser razoável e paciente durante a revolta. Ao longo daquelas semanas havia utilizado meios civilizados para controlar Bel Moulay e seus seguidores.

Quando tinha declarado o dia da Vergonha, não tinha influenciado o ânimo dos cativos incivilizados (para eles tanto fazia), e ao final compreendeu que se enganou. Os *zensunni* e os *zenshiítas* eram a escória da raça humana, quase uma espécie diferente na prática. Incapazes de trabalhar pelo bem comum, estes ingratos desfrutavam com o sofrimento da gente culta. A julgar pelo que tinham feito, estava claro que os fanáticos *budislâmicos* careciam de consciência moral.

Os escravos tinham sabotado a instalação de escudos nas naves de guerra da Armada, e se negavam a continuar trabalhando nos novos inventos de Tio Holtzman. O líder dos amotinados tinha tomado nobres como reféns, e os retinham nos recintos dos escravos.

Moulay tinha fechado o espaçoporto de Starda, paralisando o comércio. Seus seguidores criminosos tinham queimado edifícios, destruído instalações vitais e arruinado propriedades agrícolas. Ainda pior, Bel Moulay tinha exigido a emancipação de todos os escravos, como se a liberdade fosse algo que um ser humano pudesse ganhar! Tal idéia era uma bofetada na face dos bilhões de seres humanos que tinham lutado e fenecido para manter as máquinas pensantes à distância.

Bludd pensava nos cidadãos massacrados de Giedi Prime, nas vítimas do ataque *cimek* contra Salusa Secundus, nas feiticeiras de Rossak que tinham sacrificado sua vida para destruir *cimeks*. Irritava-lhe que o tal Bel Moulay açulasse os escravos descontentes para frustrar todos os esforços da raça humana. Arrogância egoísta a desses miseráveis budislamistas!

Lorde Bludd tentou comunicar-se com eles. Tinha esperado que atendessem a razão, que compreendessem o que estava em jogo e compensassem a covardia passada de seu povo. Percebeu por fim que era uma esperança vã.

Quando soube da sabotagem do mosaico, voou à garganta e contemplou o desastre da plataforma de observação. Viu os espantosos danos

infligidos a seu formoso mural. A orgulhosa história da família Bludd desonrada! Era um insulto que lorde Niko Bludd não podia tolerar.

Seus nódulos ficaram brancos quando aferrou o corrimão. Seu séquito ficou apavorado ao ver sua expressão, pela determinação que transparecia sob suas feições perfumadas e maquiadas.

- É preciso deter esta loucura. - Suas palavras foram dirigidas aos dragões. Se virou para o soldado que tinha a seu lado. - Já sabe o que devem fazer, comandante.

Já irritado pelo inexplicável comportamento de seus escravos, Tio Holtzman se alegrou ao receber a convocação para acompanhar lorde Bludd. Estava ansioso por ver a primeira demonstração prática em grande escala de seus novos escudos.

- Um simples simulacro de defesa civil, Tio, mas necessário - disse Bludd. - Não obstante, veremos seu invento em ação.

O cientista se erguia junto ao nobre na plataforma de observação. Norma Cenva e um punhado de nobres vestidos com elegância esperavam atrás deles, contemplavam da plataforma à multidão de escravos revoltados. O aroma de fumaça impregnava o ar. Gritos e cânticos irados se elevavam do espaçoporto isolado.

Um pelotão de dragões avançou, protegido por escudos corporais, armados com paus e lanças. Alguns levavam pistolas Chandler, preparados para abater os insurgentes, se fosse necessário.

Holtzman observou abaixo o avanço dos dragões.

- Olhem, os escravos não podem nos deter.

Norma notou que um calafrio percorria sua espinha. Intuiu a matança que ia a presenciar, mas não teve forças para se opor.

Os guardas avançaram como uma maré inexorável, embora os encolerizados escravos tentassem cortar seu caminho. Os homens se precipitaram contra os escudos dos dragões. As primeiras filas de soldados de lorde Bludd levantaram seus paus e romperam ossos, repeliram quem opunha resistência. Os escravos gritaram, reagruparam-se e se equilibraram em massa, mas não puderam com os escudos. Os dragões abriram caminho entre os escravos.

A multidão retrocedeu e tratou de formar uma barreira para proteger o líder da insurreição. Bel Moulay falou com voz alta e clara em *chakobsa*.

- Não fraquejem! Aferrem-se a seus sonhos. É nossa única chance. Temos que permanecer unidos!

Quando a pressão dos escravos conseguiu conter os dragões, o comandante gritou para fazer-se ouvir sobre o estrondo.

- Tenho ordens de deter o traidor Bel Moulay. Entreguem-no de imediato.

Nenhum dos insurgentes se moveu. Momentos depois, os dragões sacaram suas pistolas Chandler, desativaram seus escudos e abriram fogo. As agulhas de cristal produziram nuvens de sangue e carne rasgada. Os escravos gritaram e se esforçaram por escapar, mas estavam muito apertados ao redor de Bel Moulay para poderem fugir.

O líder barbudo vociferou ordens em sua linguagem, mas o pânico se apoderou dos escravos, que começaram a dispersar-se. A chuva de dardos de cristal continuou. Centenas de rebeldes caíram mortos ou mutilados.

- Não se preocupem com eles - disse Bludd. - Têm ordens de capturar Bel Moulay vivo.

Norma afastou a vista, respirou fundo, com medo de vomitar, mas fechou a boca e se obrigou a recuperar o controle.

Enquanto os escravos desabavam sem vida ou dispersavam ao redor de Bel Moulay, o líder agarrou um bastão e tratou de lhes infundir ânimos, mas os dragões viram que se abria um caminho em direção a seu objetivo e avançaram sem vacilar. Um grande grito de desolação se elevou quando os escravos viram cair seu líder sob uma chuva de murros.

Os sobreviventes se reagruparam e fizeram de tripas coração, porém os guardas voltaram a disparar, e a resistência caiu.

Os dragões levaram Bel Moulay arrastado, enquanto veículos blindados e soldados de infantaria invadiam o espaçoporto, para resgatar os nobres dos recintos de escravos.

Da plataforma de observação, Niko Bludd olhou com tristeza as manchas de sangre e os corpos destroçados que semeavam as pistas de aterrissagem.

- Tinha a esperança de não ter que chegar a isto. Dava aos escravos todas as oportunidades de se renderem, mas não me deixaram outra alternativa.

Face à carnificina, Holtzman se sentia satisfeito pelo bom funcionamento de seus escudos.

- Agiu de maneira honrada, senhor.

Contemplaram durante um momento as operações voltadas a restaurar a ordem. Depois, Bludd convidou sua luxuosa residência para celebrar a liberação de Poritrin.

103

Todo movimento de massas, seja político, religioso ou militar, gira ao redor de acontecimentos pontuais.

PITCAIRN NARAKOBE,
Estudo de conflitos nos planetas da liga

Quando os insetos humanos iniciaram sua rebelião na Terra, o titã Ajax deu por certo que tinham aberto a vedação. Para ele, voltavam os dias de gloria, e desta vez não teria que suportar o asco de sua amante, Hécate, pelo excesso de violência.

Selecionou sua melhor forma de gladiador, que tinha desenhado com a esperança de desafiar *Omnius* no circo. Ajax preferia uma forma que infundisse terror e pavor, indiferente à estética e a eficácia. Adorava esmagar dúzias de vítimas de uma vez.

Seria como nas Rebeliões *Hrethgir* de Walgis.

De um pavilhão de fabricação de corpos *cimek* situado na cúpula de uma das sete colinas da cidade, os sensores de Ajax captaram os ruídos de uma multidão, apagados à princípio, e logo mais intensos. Não tinha tempo a perder.

Utilizou delicados aparelhos hidráulicos para içar seu contêiner cerebral e se instalou na forma de combate. O eletrolíquido transportou irados pensamentos, enquanto os mentrodos conectavam-se. Carregou todas as armas. Flexionou suas poderosas extremidades. Preparado.

O titã saiu para um balcão que rodeava o pavilhão de fabricação. Viu os incêndios que assolavam a cidade. A fumaça se elevava ao céu, e viu grupos de escravos que corriam como baratas. Ouviu o ruído do *plaz* ao romper-se e dos veículos ao colidir. Os *hrethgir* tinham enlouquecido.

Uma explosão sacudiu a praça do Foro. Os rebeldes tinham roubado algumas armas pesadas, talvez as tinham arrebatado dos robôs avariados. Ajax conectou seus sistemas de seguimento, e depois subiu a um elevador que lhe deixou à altura da rua. Se os rebeldes tinham prejudicado sua magnífica estátua, ia se zangar muitíssimo.

Na base da colina, um grupo de *neocimeks* e robôs sentinelas tinham disposto um círculo defensivo. Lançavam projéteis contra as massas vociferantes que se precipitavam para eles como animais em correria. Os

corpos dos escravos refulgiam quando eram alcançados, e caiam convertidos em montões de carne queimada, porém continuavam acudindo mais, em ondas, mesmo sabendo que iam morrer.

- Não fiquem aí quietos! - rugiu Ajax. - Preferem que carreguem contra vocês ou persegui-los?

Era uma pergunta retórica. A linha de *neocimeks* defensores se lançou para frente, com seus membros carregados de armas. Os *cimeks* repeliram a primeira carga de rebeldes, enquanto as sentinelas retrocediam e tomavam posições colina acima.

Ajax subiu em uma plataforma voadora. Sobrevoou as multidões, esquivou de explosões e incêndios. Se dirigiu para a praça do Foro, tão furioso que era difícil controlar os sofisticados sistemas de sua forma de gladiador.

Ajax viu que máquinas pensantes erigiam perímetros defensivos em outras instalações da cidade. Tinha suposto que a desorganizada rebelião viria abaixo em seguida. Milhares de humanos tinham morrido já. Talvez a diversão não tivesse feito mais que começar.

Colunas de fogo, foguetes lançados do monumento da Vitória dos Titãs.

Ajax combinou e otimizou a resolução de suas fibras ópticas, e reconheceu o humano que se erguia sobre o muro de pedra, disparando as armas ocultas: o traidor Iblis Ginjo. Ajax havia suspeitado dele desde o primeiro momento!

Viu enxames daqueles seres ingratos que utilizava cabos e pequenos explosivos para derrubar as poderosas colunas, que sustentavam as majestosas estátuas dos titãs. Quando avançou na plataforma de carga, Ajax viu que sua forma colossal se destroçava contra as pedras. A escória lançou um grito de júbilo. Outro projétil surgiu do monumento.

Ajax acelerou a plataforma, rodeou o enorme mural de pedra e se aproximou por trás, longe do alcance dos foguetes. A gigantesca estátua que representava sua forma humana jazia destroçada sobre o solo, como um rei caído.

Ajax ia esquartejar Iblis Ginjo lenta e minuciosamente, e desfrutaria com cada um de seus gritos.

De repente, toda uma seção do monumento girou sobre si mesma, e o céu se iluminou quando uma tremenda rajada de projéteis saíram disparados contra Ajax. Um deles alcançou o bastidor da plataforma voadora, e o aparelho se precipitou dando voltas para o chão.

O titã caiu com um tremendo estrépito. A plataforma explodiu em pedaços, derrubou o gigantesco mural e danificou os lança-foguetes.

O impacto da forma de gladiador de Ajax pulverizou os ladrilhos. Seus sistemas integrados sofreram as conseqüências. Os mentrodos avariados enviaram um jorro de dados falsos e impressões distorcidas ao cérebro imaterial. Estava rodeado de monumentos destroçados pelos ingratos humanos.

Ouviu o que Iblis dizia às massas, animando-as a terminar com o titã ferido. Ajax conectou de novo os sistemas de seu corpo de combate mediante um impulso mental enviado pelos mentrodos. Se fosse capaz de ficar em pé, ainda poderia lutar.

As turbas se equilibraram sobre ele, mas as rechaçou com suas extremidades artificiais, e por fim pôde erguer-se sobre suas poderosas mas danificadas pernas, que se negavam a lhe sustentar com segurança. Inclinou-se para um lado e disparou de forma indiscriminada seu lança-chamas, que deveriam bastar para dissuadir os rebeldes.

Em vez disso, engatinharam sobre os cadáveres de seus camaradas caídos e continuaram avançando...

Antes que Ajax pudesse recuperar o equilíbrio, ou acabar de regular suas fibras ópticas para ver com clareza o que estava ocorrendo, Iblis extraiu um foguete intacto do monumento e o lançou manualmente. Ajax tentou esquivar-se, apesar de somente funcionarem metade de seus sistemas, mas o projétil destroçou uma de suas seis patas e lhe fez perder o equilíbrio.

O guerreiro emitiu um uivo por seu sintetizador de voz e se virou para o Iblis. Os escravos enfurecidos se jogaram sobre o *cimek* como ratos que tentassem derrubar um touro enlouquecido.

Ajax se agitou freneticamente em seu corpo volumoso e desequilibrado, pisoteou e esmagou os insetos, derrubou a todos quantos se interpuseram em seu caminho, mas mais rebeldes o atacaram com armas primitivas e dispararam contra ele com fuzis roubados. Ajax matou ou mutilou centenas de seres humanos sem sofrer danos excessivos, mas a pressão dos corpos, e sua pata destroçada, atrapalhavam-lhe.

- Ele matou bilhões de pessoas! - gritou Iblis do monumento. – Destruam-lhe!

- Só bilhões? Têm que ser muitas mais!

Com um supremo esforço de energia mecânica, Ajax se elevou sobre a massa de humanos encolerizados e começou a escalar o mural, graças a uma série de suportes que surgiam de as extremidades ainda funcionais. Iblis dava ordens a seus iludidos rebeldes do alto do mural.

Enquanto Ajax subia, dúzias de escravos se aferravam a seu corpo segmentado. Repelia-os com uma de suas cinco patas intactas e utilizava as

outras quatro para escalar.

Um escravo situado no alto do monumento lançou um pequeno explosivo que detonou na parede, rachou a pedra e fez com que as patas do *cimek* perdessem apoio. Uma dúzia de escravos enlouquecidos se desprendeu de sua forma de gladiador, expulsos pela onda de choque, mas muitos outros continuaram agarrados a ele.

O corpo mecânico do titã se inclinou de maneira precária, e mais humanos subiram sobre suas costas e danificaram seus componentes, o atacaram com machados e bastões de calor.

Segundos depois, os rebeldes encontraram os condutos neuroelétricos e cortaram as fibras que surgiam de seu contêiner cerebral, paralisando o gigantesco corpo do titã. Ajax tomou consciência de que se precipitava para o chão. Ouviu os gritos quando caiu sobre centenas de *hrethgir*, que morreram esmagados imediatamente. Os gritos de dor o deleitaram. Mas não podia mover-se, estava paralisado em sua forma de combate como um imenso inseto envenenado.

- Sou um titã! - rugiu.

Ajax viu, graças a suas fibras ópticas dispersas, que o capataz era levantado aos ombros dos escravos, e ele o apontava com um dedo acusador.

- Arranquem-lhe a blindagem!

Os mentrodos do Ajax detectaram que estavam descobrindo seu contêiner cerebral.

Com um sorriso de triunfo, Iblis subiu sobre a forma de combate do titã, empunhando um pau improvisado. O capataz, sorridente, destroçou com o bastão metálico as paredes de *plaz* do contêiner cerebral.

Golpeou uma e outra vez, e seus seguidores se apressaram a lhe ajudar, até reduzir a pedaços o contêiner e transformar em polpa o cérebro orgânico.

Eufórico por sua façanha, Iblis se ergueu sobre o cadáver do titã e lançou um grito de vitória. Sua mensagem se elevou sobre as chamas que devoravam a cidade.

Depois de presenciar a morte de um dos *cimeks* mais poderosos, o furor das massas aumentou. A notícia se propagou pelas ruas, e os indignados rebeldes se revolveram contra todas as manifestações e símbolos das máquinas. Os *neocimeks* e robôs sentinelas das linhas defensivas fugiram enquanto os amotinados os perseguiram.

A supermente de *Omnius* não teve outra alternativa senão tomar contramedidas radicais.

104

Nós não somos como Moisés... Não podemos extrair água das pedras... ao menos a um custo econômico.

Exploração ecológica imperial de Arrakis,
antigos arquivos (investigador não acreditado)

Sob o calor da tarde de Arrakis, os nômades *zensunni* enfaixaram os olhos de Aurelius Venport com um trapo manchado.

A gente do deserto tampouco confiava em Keedair, e lhe proporcionaram o mesmo tratamento indigno. Venport considerou a circunstância parte de seu investimento. Havia-lhe custado quase cinco meses de tediosa viagem até chegar aqui, com várias escalas em planetas afastados. Seguiria a corrente.

- Vamos indo - disse o *naib* Dhartha. - Podem falar entre si, mas seria melhor que reduzissem sua conversação ao mínimo. Desperdiçar palavras é desperdiçar água.

Venport notava a presença de gente ao seu redor, que o guiava para frente. Demorou um pouco em acostumar-se, e tropeçava com freqüência porque levantava os pés mais do que o normal, com o fim de medir a superfície arenosa. O terreno era irregular, mas pouco a pouco se foi acostumando.

- O que me diz dos vermes de areia? - perguntou Keedair. - Não temos que nos preocupar de... ?

- As cordilheiras nos separam da Grande Extensão, onde habitam os demônios.

- Não estou convencido de que isto seja absolutamente necessário - disse Venport enquanto avançava.

Dhartha replicou com firmeza, pois não estava acostumado a que discutissem suas ordens.

- É necessário porque eu digo que é. Nunca um forasteiro, nem sequer deste planeta, viu nossas comunidades ocultas. Não repartimos planos.

- É claro. seguirei suas regras - murmurou Venport. - Desde que estejam dispostos a nos oferecer especiaria.

Embora nas selvas de Rossak abundassem fármacos misteriosos e alucinógenos exóticos, nenhum parecia provocar os notáveis efeitos da *melange*.

Venport intuía que valia a pena investigar a substância, apesar da distancia que havia percorrido e dos incômodos padecidos.

Durante os últimos meses, Venport tinha vendido com grande facilidade o carregamento de Keedair a buscadores de curiosidades que não se importavam em pagar um preço exorbitante.

Embora Venport ficasse com a metade dos lucros, Tuk Keedair havia obtido uma soma substancial, mais do que teria conseguido por um carregamento de escravos em boas condições. Já que não tinha perdido dinheiro, não tinha sido obrigado a cortar sua querida trança.

Venport tropeçou em algo duro. Amaldiçoou e quase caiu de joelhos, mas alguém o agarrou pelo braço e o sustentou.

- Quando sua gente me trouxe *melange* de pacote em pacote, demorei uma eternidade em encher minha adega - se queixou Keedair, cuja voz soou a vários passos de distância à frente dele.

- *Naib* Dhartha - disse Venport, - espero que possa desenvolver sistema mais eficiente no futuro. - Senão, teria que aumentar os preços, mas estava certo de que o mercado o aceitaria.

Depois de caminhar durante horas a passo de cego, os *zensunni* se detiveram. A julgar pelos ruídos metálicos, Venport deduziu que estavam descobrindo um veículo terrestre camuflado.

- Sentem-se - disse o *naib* Dhartha, - porém não tirem as vendas.

Keedair e ele subiram ao veículo, que entrou em marcha a baixa velocidade. Depois de muitos quilômetros, Venport supôs que estavam se aproximando de uma cordilheira, pois era mais fresco à sombra. Haveria formas de localizar esta aldeia isolada, caso desejasse tomá-la. Poderia ter costurado um rastreador no tecido de seu colete ou na sola da bota.

Mas naquele momento, Venport tinha outras prioridades. Suspeitava que não havia forma de burlar os desejos daquela gente endurecida, que controlavam por completo seus visitantes, e decidiam quem saia vivo do deserto.

Quando começaram a subir um caminho íngreme, o veículo diminuiu a velocidade. Os *zensunni* voltaram a escondê-lo e obrigaram seus convidados vendados a caminhar. Os nômades os guiaram entre penhascos e pedras rotas. Por fim, Dhartha tirou as vendas, e viram a entrada de uma cova, logo que iluminada. O grupo se encontrava no princípio de um túnel. Venport piscou para adaptar sua vista à escassa luz projetada por abajures chamejantes montados nas paredes.

Depois de tanto tempo vendado, teve a impressão de que seu ouvido e olfato se haviam tornado mais precisos e delicados. Quando passeou a vista a

seu redor, detectou sinais de muitos habitantes, o fedor de corpos sem lavar, o som de gente que se movia.

Dhartha os conduziu a aposentos situados no alto de uma parede, e serviram pão crocante com um pouco de mel, e finas fatias de carne seca marinada em um molho de especiaria. Depois, escutaram música *zensunni* sentados ao redor de fogueiras, assim como relatos contados em um idioma que Venport desconhecia.

Mais tarde, o *naib* guiou os dois impacientes visitantes até um rochedo que dominava um mar interminável de dunas.

- Quero lhes mostrar algo - disse, com seu rosto magro envolto em sombras, a tatuagem geométrica em sua bochecha mais escura que nunca. Os homens estavam sentados com os pés pendurando sobre a borda. Keedair passeou a vista entre Dhartha e Venport, ansioso por iniciar as negociações.

O *naib* tocou uma campainha, e um ancião apareceu depois de pouco tempo, robusto e de pele escura. Tinha o cabelo comprido e branco, e ainda conservava quase todos os seus dentes. Como todo o povo do deserto, seus olhos eram de um azul intenso. Venport acreditava que era devido ao vício na *melange*. Os olhos de Keedair já tinham adquirido um tom anormal.

O ancião segurava uma bandeja com bolachas escuras, perfeitamente quadradas e cobertas de um xarope pegajoso. Ofereceu-as a Venport, que tomou uma. Keedair agarrou outra, e o *naib* Dhartha uma terceira. O homem de cabelo cinza continuou de pé a seu lado, observando.

Pelo que Venport tinha observado, nesta cultura as mulheres sempre serviam aos homens, ao contrário de Rossak. Talvez aos anciões eram relegadas as tarefas domésticas.

Venport estudou a bolacha, e depois mordeu um pedaço. A comida que haviam provado antes tinha sido preparada com quantidades significativas de *melange*, mas a bolacha foi como uma explosão de canela em sua boca. Deu uma boa dentada, sentiu que a energia e o bem-estar propagavam-se por todo seu corpo.

- Delicioso!

Sem perceber, devorou quase toda a bolacha.

- Especiaria recolhida na areia esta mesma tarde - explicou Dhartha. - Mais potente que algo que tenha tomado na cerveja ou comida temperada com especiaria.

- Excelente - disse Venport. As possibilidades desfilaram por sua mente como presentes sem abrir. Keedair também consumiu sua bolacha e exalou um suspiro de satisfação.

Venport intuía que o comércio de especiaria produziria lucros abundantes, e esperava vender quantidades importantes aos nobres da liga. Para lançar a empresa, tinha previsto acompanhar Zufa Cenva em sua próxima viagem a Salusa Secundus. Enquanto ela pronunciava ardentes discursos no Parlamento reconstruído, Venport faria contatos, deixaria cair insinuações e distribuiria pequenas amostras. Levaria tempo, mas a procura aumentaria.

Comeu seu último pedaço da bolacha.

- É isto o que queria nos mostrar, *naib* Dhartha?

O líder segurou o braço magro mas musculoso do ancião.

- Este homem é o que quero que vejam. Chama-se Abdel.

O *naib* fez uma breve reverência, que o ancião devolveu por sua vez, e logo se inclinou para os dois convidados, agora que tinha sido apresentado.

- Abdel, diga sua idade aos visitantes.

O homem falou com voz tênue mas forte.

- Já vi a constelação do escaravelho cruzar a Rocha do Sentinela trezentas quatorze vezes.

Venport, confuso, olhou para Keedair, que deu de ombros.

- Um diminuto asteróide de nosso céu - explicou o *naib*. - Vai e vem com as estações e cruza uma magra agulha de rocha próxima ao horizonte. Nós o utilizamos como calendário.

- Vai e vem - disse Keedair. - Quer dizer dos vezes ao ano?

O *naib* assentiu.

Venport efetuou um rápido cálculo mental.

- Está dizendo que tem cento e cinqüenta e sete anos de idade.

- Quase - disse Dhartha. - Os meninos não começam a contar até depois dos três anos, de modo que em teoria tem cento e sessenta anos. Abdel consumiu *melange* durante toda a sua vida. Observem como é saudável... com olhos brilhantes e a mente alerta. É muito provável que viva algumas décadas mais, desde que continue consumindo especiaria com regularidade.

Venport estava assombrado. Todos tinham ouvido histórias sobre drogas que prolongavam a vida, de tratamentos desenvolvidos no Império Antigo, para logo cair no esquecimento quando o regime caiu. Quase todas as histórias não eram mais que lendas. Porém se o velho estava dizendo a verdade...

- Tem alguma prova disto? - perguntou Keedair.

Um brilho de ira iluminou os olhos do *naib*.

- Eu ofereço minha palavra. Não precisam de mais nenhuma prova.

Venport indicou com um gesto a Keedair que não insistisse. Pelo efeito que havia causado a *melange*, estava disposto a acreditar.

- Realizaremos análise para nos assegurar de que não há mais seqüelas que a mudança na cor nos olhos. Pode ser que acrescente a *melange* a meu catálogo de produtos. Poderiam proporcionar quantidades suficientes para usos comerciais?

- As reservas são imensas - respondeu o *naib*.

Agora somente faltava negociar os detalhes da transação comercial. Em parte, Venport tinha a intenção de oferecer algo incomum como pagamento. Água? Ou talvez estes nômades quisessem alguns globos de luz de Norma, para iluminar seus túneis e covas? De fato, os globos talvez seriam mais úteis aos *zensunni* que créditos da liga. Tinha algumas amostras no transporte que o esperava em Arrakis City.

Pegou a última bolacha da bandeja. Venport observou que o ancião sustentava a bandeja imóvel, sem o menor tremor nos dedos. Outro bom sinal, que Tuk Keedair também tomou boa nota. Os sócios assentiram.

105

Meu co-piloto pensa nas fêmeas humanas sem cessar, mas até o momento não parece que isso lhe tenha distraído de seus deveres. Vou vigiá-lo com atenção, no caso de...

SEURAT,
observação entregue ao Omnius

O *Dream Voyager* entrou na atmosfera da Terra, de volta de sua longa viagem. Havia passado muito tempo desde a última vez que Vor havia visto Serena Butler, e necessitava discutir com... seu pai as discrepâncias históricas que tinha descoberto.

A bordo da nave negra e prateada, Seurat e ele controlavam a manobra de aproximação e observavam as leituras da temperatura exterior. O cronômetro da nave se ajustou automaticamente à hora da Terra.

Isso lembrou a Vor que Agamenon havia adaptado suas memórias a uma versão da história mais a seu gosto. Os titãs não eram os heróis gloriosos e bondosos que seu pai havia retratado.

Serena Butler tinha obrigado Vor a descobrir a verdade sobre Agamenon. Vor se perguntou se ela teria pensado nele em sua ausência. Serena o respeitaria agora, ou continuaria pensando em seu amante perdido, o pai de seu filho? Vor sentiu um nó no estômago devido à impaciência. Durante toda sua vida nunca enfrentara tanta incerteza como nos últimos meses.

Talvez Agamenon o estivesse esperando no espaçoporto. Todas as grandes promessas do titã, a oferta de abandonar um corpo frágil e transformar-se em *neocimek*, já não emocionavam Vor. Tudo tinha mudado.

Vor desafiaria seu pai, acusaria o general de falsificar a história e deformar os fatos, de enganar seu próprio filho. Em parte, desejava que o titã tivesse uma história preparada, uma explicação tranqüilizadora, para que Vor pudesse voltar para sua vida normal.

Não obstante, no fundo de seu coração sabia que Serena não tinha mentido. Havia visto provas suficientes com seus próprios olhos, sabia como as máquinas tratavam os seres humanos. Vor não podia continuar fingindo... mas tampouco sabia o que fazer. Tinha muito medo de voltar para a Terra, embora fosse consciente de que devia fazer.

Agamenon perceberia a mudança de atitude de seu filho, e Vor já sabia que o titã tinha matado doze filhos anteriores que o tinham decepcionado.

- O que deduz disto, Vorian? - Seurat interrompeu seus pensamentos ao aproximar-se do espaçoporto da capital. - Detecto inconsistências nos dados e um nível alarmante de caos físico.

O capitão robô buscou imagens nas cercanias.

Vor ficou estupefato ao ver fogo, fumaça e edifícios destruídos, mesmo com as tropas de robôs e *cimeks*. Grupos de humanos corriam pelas ruas. Sentiu uma mescla de emoções que nunca havia experimentado.

- A Armada da Liga terá atacado?

Apesar das suas descobertas recentes não podia acreditar que grupos dispersos de humanos livres fossem capazes de infligir tal destruição à capital do planeta. *Omnius* nunca teria permitido isso.

- As telas não mostram naves humanas nas proximidades, Vorian. Não obstante, o conflito continua.

Seurat parecia perplexo, mas não muito preocupado. Ao menos, procurou não brincar sobre a situação.

Vor ajustou os controles ópticos, enfocou a borda do mar e localizou a *villa* de Erasmo. Viu mais incêndios, edifícios e monumentos danificados, batalha nas ruas. Onde estava Serena?

Pouco a pouco, a contra gosto, começou a compreender o que estava acontecendo. Os humanos estavam lutando contra as máquinas! A idéia despertou pensamentos que havia preferido evitar, porque se eram desleais a *Omnius*. Como podia ser isto possível?

O *Dream Voyager* detectou um sinal de emergência utilizado pela supermente para conectar com suas forças subsidiárias.

- Que todas as máquinas pensantes se dirijam aos perímetros defensivos e aos postos de batalha... A revolta humana se estende... O núcleo de *Omnius* continua defendido... Cortes de energia em muitos setores...

Vor olhou o rosto refletivo do capitão robô. As fibras ópticas brilhavam como estrelas.

- Uma situação inesperada. Nossa ajuda é obrigatória.

- Concordo - disse Vor. *Mas a que lado tenho que apoiar?* Nunca tinha esperado sentir-se assim, preso entre suas lealdades.

O *Dream Voyager* se dirigiu para a cidade em chamas. Perto da *villa* de Erasmo, as máquinas pensantes tinham formado um cordão contra as turbas. Levantaram barricadas na praça ladrilhada onde Vorian tinha chegado em

carruagem durante suas visitas anteriores. Parte da fachada tinha sofrido danos, mas a *villa* parecia intacta.

- Espero que ela esteja a salvo.

Seurat sobrevoou o espaçoporto da cidade, preparado para aterrissar. Reagiu de repente e ganhou altura.

- Nossas instalações e naves já foram assaltadas pelos rebeldes.

Vor continuou estudando o caos.

- Para onde podemos ir?

- Minhas instruções de aterrissagem sugerem um antigo espaçoporto no lado sul da cidade. A pista de aterrissagem, todavia funciona, e continua sob controle de *Omnius*.

Quando a nave aterrissou, Vor viu cadáveres humanos enegrecidos e máquinas despedaçadas ao redor do perímetro. Nas pistas da parte norte acontecia uma violenta batalha entre *neocimeks* e rebeldes suicidas que teriam tomado as armas de robôs sentinela destruídos.

Seurat pôs em modo de espera os motores e sistemas eletrônicos da nave. Meia dúzia de robôs armados correram à pista de aterrissagem, para defender a nave e as valiosas atualizações de *Omnius* que transportava.

- O que quer que eu faça, Seurat? - perguntou Vor, com o coração acelerado.

Seurat respondeu com surpreendente intuição.

- Oferecerei a nave para transportar robôs para onde *Omnius* quiser. Permanecer a bordo é sua melhor opção, Vorian Atreides. Acredito que será o lugar mais seguro.

Vor ardia em desejos de localizar Serena Butler.

- Não, velha Mente Metálica. Poderia me intrometer em seu trabalho. Deixe-me no espaçoporto e não se preocupe comigo.

- O robô meditou sobre o pedido de Vor.

- Como quiser. Entretanto, devido à situação, o melhor seria que permanecesse oculto. Afaste-se dos combates. É um elemento valioso, o filho de Agamenon, mas também um humano. Ambos os lados são perigosos para você.

- Entendo.

Seurat olhou para ele com expressão indecifrável.

- Cuide-se, Vorian Atreides.

- Você também, velha Mente Metálica.

Enquanto Vor descia correndo a rampa, as máquinas pensantes transmitiram alarmes e mensagens a outras unidades militares. As plataformas de aterrissagem do norte tinham caído em poder dos rebeldes. Centenas de

pessoas estavam invadindo a pista. Uma dúzia de robôs tomou posições ao redor do *Dream Voyager* para protegê-lo.

Protegido atrás de um veículo terrestre estacionado, e sentindo-se mais vulnerável que nunca, Vor viu que a nave de atualizações decolava. Apenas um dia antes, Seurat e ele haviam se distraído praticando jogos de estratégia. Umas horas depois, tudo tinha mudado de maneira radical.

Os humanos invadiram os edifícios do espaçoporto. *Omnius* tinha decidido minimizar as perdas, deixando algumas poucas máquinas pensantes para resistir aos *hrethgir*. Vor procurou um lugar onde proteger-se, consciente de que vestia o uniforme oficial de um humano de confiança, um servidor dos Planetas Sincronizados. Poucos humanos ocupavam altos cargos no sistema das máquinas pensantes, e se os amotinados o vissem, seria seu fim.

A pista estava repleta de cadáveres. Vor agarrou um homem de seu tamanho pelos braços e o arrastou até o espaço em sombras que separava dois edifícios fumegantes. Renunciou a uma parte de seu passado, tirou o traje de vôo que tinha utilizado tantas vezes no *Dream Voyager* e se vestiu com as roupas do rebelde.

Coberto com uma camisa puída e calças sujas, esperou sua oportunidade e se uniu as massas. Gritavam "Vitória!" e "Liberdade!" enquanto entravam nos edifícios do espaçoporto. Poucos robôs sentinelas opunham resistência.

Vor confiou em que as turbas não destruíram todas as instalações e naves robô. Se tivessem se preocupado em traçar planos, os líderes da revolta saberiam que seria preciso escapar a qualquer preço dos Planetas Sincronizados.

Vor se surpreendeu ao compreender que suas convicções estavam mudando rapidamente. Sentiu-se entusiasmado e aterrorizado ao mesmo tempo, afastado da segurança de sua vida cotidiana na sociedade das máquinas e empurrado para o caos do desconhecido e suas raízes biológicas selvagens. Mas sabia que devia fazê-lo. Sabia muitas coisas agora, via a situação com olhos diferentes.

A seu redor, os frenéticos escravos não se preocupavam com as conseqüências de seus atos. Carregavam todo tipo de armas, desde primitivos paus até sofisticadas pistolas de deslocamento celular, tomadas dos robôs sentinelas. Os rebeldes ativaram artefatos incendiários no edifício de controle do espaçoporto e mataram um *neocimek* que tentava escapar.

Quando se considerou a salvo, Vor se separou da multidão e vagou com outros humanos pelas ruas molhadas, até entrar na cidade. Parecia um mendigo, mas tinha um objetivo claro.

Tinha que chegar à *villa* de Erasmo. A escuridão começava a impor-se nas ruas que separavam os edifícios, intensificada porque o *Omnius* da Terra tinha cortado a energia elétrica nos setores invadidos por escravos. aproximavam-se nuvens de tormenta, carregadas de fumaça e chuva. Um vento frio penetrou por entre as roupas finas de Vor, e o jovem estremeceu.

Esperava que Serena estivesse com vida.

Um grupo de escravos de aspecto rude derrubou uma porta metálica e entrou em um edifício. Havia restos de máquinas pensantes por toda parte. Comentava-se com entusiasmo que até o titã Ajax tinha morrido. Ajax! A princípio não pôde acreditar, mas depois não duvidou do que tinha ouvido. A pouca distância, um edifício explodiu em chamas, lançando uma luz espectral sobre a rua.

Face ao que tinha descoberto sobre os crimes e abusos dos primeiros titãs, Vor experimentou uma pontada de preocupação por seu pai. Se Agamenon se encontrasse na Terra, o general *cimek* estaria tentando esmagar a revolta. Apesar de todas as mentiras que Agamenon havia contado, ainda era seu pai.

Vor acelerou o passo. Estava cansado e preocupado. Na praça situada em frente à mansão, uma multidão de irados rebeldes se apertava contra uma barricada improvisada. Os combates mais encarniçados se transladaram os centros principais da capital, mas aqui parecia que os escravos liberados estavam montando vigilância, por motivos que Vor não compreendia. Fez perguntas com cautela.

- Estamos esperando Iblis Ginjo - respondeu um homem barbudo. - Quer comandar o assalto em pessoa. Erasmo continua aí dentro. - O homem cuspiu sobre as pedras. - E também a mulher.

Vor experimentou uma sacudida. A que mulher se referia? Podia ser Serena?

Antes que pudesse perguntar, as instalações defensivas robotizadas das colunas ornamentais lançaram disparos isolados, com o propósito de dispersar à multidão. Um grupo vestido com roupas de trabalho manchadas tomou posições estratégicas e disparou dois projéteis explosivos, que destruíram as peças de artilharia do telhado.

Uma pequena seção da praça, escorregadia por causa da chuva, tinha sido cercada com postes e cabos de *plaz*, e os humanos a rodeavam como guardiões... ou melhor como peregrinos, embora parecesse estranho. Vor viu flores e cintas coloridas espalhadas pela praça. Intrigado, aproximou-se e perguntou a uma anciã.

- Terra sagrada - disse a mulher. - Um menino foi assassinado aqui, e sua mãe lutou contra o monstro Erasmo. Serena, que nos ajudou, mudou nossas vidas, melhorou nossas condições. Ao opor resistência às máquinas pensantes, Serena nos mostrou que era possível.

Vor pediu mais detalhes, inteirou-se de que o robô havia lançado o menino ao abismo.

O filho de Serena. Assassinado.

- Serena está bem? - perguntou.

A mulher encolheu seus ombros ossudos.

- Erasmo entrincheirou-se na *villa*, e não a vimos depois. Três dias. Quem sabe o que acontece ao outro lado desses muros?

A multidão deixou passar um homem de aspecto cansado, que vestia uma túnica negra e uma fita de capataz no cabelo. Uma dúzia de homens armados até os dentes o protegia como se fosse um líder importante. Elevou as mãos, enquanto os escravos aclamavam e gritavam seu nome.

- Iblis! Iblis Ginjo!

- Eu lhes prometi que poderíamos ganhar - gritou. – Prometi a vingança! Sua voz ressoou na praça, sem necessidade de amplificação mecânica. - Olhem o que conseguimos. Agora, temos que lutar por outra vitória. O robô Erasmo cometeu o crime que acendeu a chama de nossa gloriosa revolta. Já não pode esconder-se atrás dessas paredes. Chegou o momento de seu castigo!

A voz apaixonada do homem foi como combustível lançado sobre chamas da rebelião. A multidão prorrompeu em gritos de vingança, e Vor não pôde se conter. Elevou a voz para fazer-se ouvir.

- Precisa salvar à mãe! Temos que resgatá-la!

Iblis olhou para ele, e os olhos de ambos os homens se encontraram. O carismático líder vacilou uma fração de segundo.

- Sim, salvemos Serena! - gritou depois.

A uma ordem de Iblis, a multidão se transformou em uma arma organizada, um martelo descarregado sobre a bigorna da *villa* cercada. Utilizaram as armas tomadas dos robôs destruídos para derrubar as paredes da *villa*, até que as células de energia se esgotaram. Com um aríete improvisado, os homens correram para a porta principal e dobraram o pesado metal.

Golpearam uma e outra vez, e a porta se curvou. Uma chuva oleosa começou a cair.

Os guardas da mansão tentaram defender a entrada. Vor supôs que a maioria destes defensores tinham sido reprogramados, e não tinham capacidade para resistir muito tempo.

O ariete golpeou outra vez, e o buraco das portas se abriu mais. As máquinas estavam cedendo terreno.

Embora não estivesse muito seguro de seus novos sentimentos para com as máquinas, Vor tampouco confiava na massa enlouquecida. Para ele era indiferente a sorte de Serena, embora tivesse sido a inspiração da revolta. Se a jovem continuasse aqui, se transformaria no objeto de vingança de *Omnius*.

Jurou que resgataria Serena. Roubaria uma nave e fugiriam dos Planetas Sincronizados.

Sim, iria devolvê-la a seu amado Salusa Secundus... embora isso significasse lançá-la nos braços de seu amor perdido.

106

Temos que contribuir com nova informação ao equilíbrio, e com isso modificar nosso comportamento. É uma qualidade humana sobreviver graças à inteligência, como indivíduos e como espécie.

NAIB ISHMAEL,
Um lamento zensunni

Citando a mais antiga das leis de Poritrin, lorde Bludd decretou o terrível castigo que mereciam os crimes de Bel Moulay. A maioria dos escravos seriam anistiados, já que Poritrin necessitava de mão de obra, mas o líder da insurreição não podia ser perdoado.

Ishmael se apertou contra Alüd em silêncio. Os jovens cativos do *canyon* tinham sido transportados a Starda e confinados em uma cela de onde poderiam presenciar a execução.

Como castigo pelos danos infligidos ao mural, Niko Bludd tinha aumentado os turnos de trabalho, mas antes deviam contemplar as conseqüências da loucura de Bel Moulay. Todos os escravos tinham que estar pressentes.

Os meninos estavam cansados e famintos, com a roupa suja e o corpo fedorento, porque fazia dias que não se banhavam.

- Se agem como cães - grunhiram os capatazes, - serão tratados como cães. Quando começarem a se comportar como humanos, talvez voltemos a pensar na situação.

Alüd resmungou baixo.

Na praça central de Starda, os dragões arrastaram um Bel Moulay preso por correntes até uma plataforma elevada que tinha sido erguida para propósito. A multidão se calou em um inquieto silêncio. Tinham raspado o cabelo e a barba de Bel Moulay, mas seus olhos brilhavam de raiva e determinação, como se se negasse a aceitar que sua rebelião havia fracassado.

Os guardas arrancaram as vestimentas do líder *zenshiíta* até lhe deixar nu por completo para humilhá-lo. Os escravos grunhiram, mas seu líder não deu amostras de desfalecimento.

A voz de lorde Bludd resoou na praça.

- Bel Moulay, você cometeu crimes ignominiosos contra todos os cidadãos de Poritrin. Tenho direito a castigar a todos os homens, mulheres e meninos que participaram desta insurreição, mas vou ser compassivo. Só você sofrerá as conseqüências de suas transgressões.

A multidão gemeu. Alüd deu um murro na palma da mão. Bel Moulay não disse nada, mas sua expressão não deixava lugar a dúvidas.

Niko Bludd tentou adotar um tom benévolo.

- Se aprenderem com isso, possivelmente ganhem o direito a uma vida normal de servidão, para pagar sua dívida com a humanidade.

Agora, os escravos uivaram. Os guardas golpearam contra o chão suas lanças. Ishmael intuiu que, apesar da sua reação, os escravos estavam derrotados, ao menos no momento. Haviam visto seu líder humilhado em público, preso, barbeado e despojado de suas vestimentas. Se bem não dava sinais de sentir-se derrotado, seus seguidores haviam perdido o entusiasmo.

- As leis antigas são violentas - disse Bludd, - alguns diriam brutais, mas como seus atos foram incivilizados e bárbaros, exigem a mesma resposta.

Não concederam a Bel Moulay a oportunidade de falar. Ao invez disso, os guardas quebraram seus dentes a marteladas, e introduziram em sua boca largas tenazes metálicas, com as quais cortaram sua língua, que logo lançaram à multidão.

Continuando, utilizaram tochas com folha de diamante para lhe cortar as mãos e jogá-las na multidão horrorizada. Jorros de sangue saltaram pelos ares. Depois, queimaram seus olhos com ferros incandescentes. Só no final o condenado emitiu leves gemidos, que conseguiu reprimir.

Cego, o líder da insurreição não podia ver o que estavam fazendo seus torturantes, até que passaram o laço ao redor de seu pescoço. Debateu-se quando o nó se esticou ao redor de sua traquéia, estrangulando-o lentamente, mas sem chegar a lhe quebrar o pescoço.

Mesmo depois de suas horríveis mutilações, parecia disposto a lutar contra os guardas se lhe dessem a menor oportunidade.

Ishmael vomitou sobre o chão. Vários meninos caíram de joelhos e começaram a chorar. Alüd apertou os dentes, para reprimir mil gritos.

Depois da execução, Norma Cenva sentiu frio na boca do estômago. Apenas falou com Tio Holtzman a seu lado, que contemplava a cena com semblante sombrio, vestido com seu melhor traje.

- Bem, ele procurou, não é? - disse o sábio. - Nunca tratamos mal nossos escravos. Por que Bel Moulay nos fez isto, por que sabotou nossa guerra contra as máquinas pensantes? - Holtzman respirou fundo várias vezes

e olhou para a diminuta mulher. - Agora talvez possamos voltar ao trabalho. Suspeito que os escravos se comportarão como é devido à partir de agora.

Norma sacudiu a cabeça.

- Esta repressão é imprudente. - Olhou o corpo que ainda se agitava na forca. – Lorde Bludd só conseguiu transformar esse homem em um mártir. Temo que ainda não vimos o final disto.

107

As máquinas possuem algo que os humanos nunca terão: infinita paciência e a longevidade que a sustenta.

Arquivo de uma atualização
de Omnius de Corrin

Embora Erasmo tivesse enviado seus últimos robôs para defender a *villa*, sabia que se tratava de uma mera manobra para ganhar tempo. A energia e violência da rebelião o assombravam, ultrapassavam todas as suas projeções.

Os humanos possuem uma infinita capacidade de surpreender à mente mais racional.

Os escravos dos recintos tinham sido liberados por seus irmãos *hrethgir*, e se haviam juntado as filas dos insurgentes. A revolta se estendeu a toda a capital e a outros complexos urbanos da Terra. Sua *villa* estava cercada, e não demoraria para cair.

Às vezes, os experimentos produzem resultados inesperados.

Embelezado com sua aparência mais feroz, com a intenção de provocar pesadelos nos humanos, Erasmo se erguia no balcão de onde tinha lançado o menino. Seu rosto de metal líquido era tão aterrador como o das gárgulas da praça, e sua mente mecânica analisava toda a informação disponível, processava e reprocessava. Tinha sido um erro matar o menino?

Quem teria pensado que a morte de um ser tão comum criaria semelhante agitação?

Calculei mal sua reação.

A multidão da praça o amaldiçoou e disparou contra o balcão numerosas armas de fogo, que não o alcançaram. O mais preocupante era que estavam atacando a pesada porta de metal com um aríete, e os robôs sentinelas tinham dificuldades em proteger a entrada. Se invadissem a *villa*, destruiriam Erasmo, do mesmo modo que tinham matado o titã Ajax e destruído uma multidão de *neocimeks* e robôs. Erasmo se transformaria em seu objetivo principal.

No meio da turba, um corpulento homem carismático estava incitando os rebeldes. O líder agitava as mãos, falava com paixão, dava a impressão de

possuir um poder hipnótico sobre as massas. Indicou Erasmo, e a multidão rugiu.

O robô fez uma pausa para analisar seus novos dados, e reconheceu o líder rebelde como um de seus sujeitos do experimento sobre lealdade. Iblis Ginjo.

Iblis era um capataz, bem tratado, bem recompensado, um dos humanos de confiança. Não obstante, tinha apoiado a revolta, talvez até tinha sido um de seus inspiradores. Mediante alguns poucos comunicados, vagos e experimentais, Erasmo havia incentivado este líder a entrar em ação. Mas nunca tinha esperado uma resposta tão maciça e incompreensível.

Em qualquer caso, Erasmo tinha demonstrado que tinha razão. Um dos olhos espiões da supermente flutuou perto dele. O robô não tentou dissimular sua satisfação.

- *Omnius*, aconteceu o que havia predito: até os humanos mais leais se revoltaram contra nós.

- Assim você ganhou a aposta - disse *Omnius*. - Que má sorte.

Erasmo examinou as chamas que devoravam a cidade. Se analisasse a situação de maneira objetiva, tratava-se de um estudo fascinante da natureza humana. A psicologia dos grupos submetidos a tensão era intrigante, embora perigosa.

- Realmente, que má sorte.

O aríete arrebentou por fim a porta principal. Iblis fez um gesto a seus fanáticos seguidores, e as massas destruíram os robôs sobreviventes.

Havia chegado o momento que Erasmo receara.

Como conhecia o valor de seus pensamentos e conjeturas independentes, o robô não desejava ser destruído. Ele representava o individualismo, o orgulho pelo triunfo pessoal, a possível existência de uma alma. Queria continuar seu trabalho, integrar as lições que havia aprendido desta revolta fascinante.

Mas para isso, tinha que escapar.

Os amotinados foram se aproximando pouco a pouco. Ouviu o som da destruição que arrasava sua esplêndida mansão. Havia apenas o tempo descer vários níveis em uma plataforma, até chegar a um sistema de túneis que perfurava as colinas elevadas sobre o mar.

Titubeou, consciente de que devia abandonar Serena Butler, mas decidiu que já havia conservado a mulher durante muito tempo. Depois de matar seu bebê, ainda lhe tinha sido de menor utilidade, pois se negava a lhe proporcionar mais dados.

A morte de seu filho a tinha transformado em um animal selvagem, que já não se preocupava com sua própria existência. Ela o atacara em repetidas ocasiões, apesar de suas generosas propostas.

Por final, embora Erasmo houvesse se sentido tentado a matá-la, não tinha se decidido. Muito interessante. Havia optado por drogá-la até que ela entrasse em torpor constante. Agora, Serena estava em um de seus laboratórios, quase catatônica, já que Erasmo não tinha imaginado outra maneira de conter seus esforços em lhe atacar cada vez que recuperava a consciência.

Agora já não tinha tempo de salvá-la.

Erasmo subiu em uma cápsula oculta em uma cova das cúpulas. Acompanhado por um olho espião de *Omnius*, elevou-se e voou em círculos sobre a cidade em chamas.

- Está se comportando como um néscio, Erasmo - disse a voz de *Omnius* de uma tela. - Deveria ter esperado que a batalha se virasse a favor de minhas máquinas pensantes. Como acontecerá, indevidamente.

- Talvez, *Omnius*, mas realizei uma análise dos riscos que corria. Prefiro regressar a minha propriedade de Corrin, para continuar meus experimentos. Com sua permissão, é obvio.

- Somente conseguirá provocar mais problemas - disse *Omnius*. A cápsula chegou a um dos espaçoportos secundários que ainda eram controlados pelas máquinas pensantes. - Mas agora, mais que nunca, é fundamental que compreendamos ao inimigo.

Erasmo procurou na base de dados uma nave pequena que pudesse transportá-lo a Corrin. Graças a seu trabalho, tinha aprendido uma lição importante: os humanos só eram previsíveis em um aspecto: no imprevisível de suas reações.

108

A vida é um banquete de sabores inesperados. Às vezes se gosta do sabor, outras não.

IBLIS GINJO,
Opções para a liberação total

Os escravos invadiram a *villa* do cruel robô, e celebraram seu triunfo com uma orgia de destruição. Apanhado no fogo de seu entusiasmo, Iblis guiou um pequeno grupo pelo labirinto de habitações e corredores. Seguiram-lhe como uma equipe de trabalho, embora esta tarefa em particular fosse muito mais satisfatória.

- Por Serena! - Uivou as palavras que os rebeldes queriam ouvir. Fizeram coro o grito.

Esperava encontrar Erasmo despreparado, ele que havia assassinado com tanto sangue-frio um menino indefeso. Também queria localizar a valente mãe que tinha lutado contra as máquinas pensantes. Se pudesse libertar Serena Butler, ele a transformaria na ponta de lança do movimento *anti-Omnius*. Tinha que estar em algum lugar da mansão... se estivesse viva...

Quando os amotinados irromperam no edifício principal, Vorian Atreides abriu caminho até as primeiras filas. Os rebeldes pisotearam as tapeçarias decorativas e derrubaram belas estatuas. Vor correu com eles.

- Serena! - O tumulto afogou sua voz. Enquanto seus companheiros arrasavam os símbolos de riqueza que Erasmo tinha criado, Vor se dirigiu para os jardins.

- Serena! Serena!

Saltou sobre as formas metálicas dos robôs caídos nos corredores. Os invasores abriram a golpes a pesada porta que permitia o acesso aos armazéns de equipe da mansão, e começaram a apoderar-se de ferramentas que poderiam transformar-se em armas. Vor agarrou uma faca (uma arma mais eficaz contra humanos que contra máquinas), voltou para o corredor e correu para os laboratórios. Temia que o diabólico robô tivesse praticado uma disecção definitiva em sua amada...

Deixou que o resto da multidão se espalhasse pela propriedade. Entrou nos recintos que tinham albergado cobaias humanas. Vítimas liberadas, de rostos fundos e olhos alucinados, avançavam cambaleantes pelos corredores.

Vor chegou a um grupo de celas de quarentena. Tentou abrir as portas, sem êxito. Através de pequenas janelas redondas viu prisioneiros amontoados no interior, alguns com a cara apertada contra o *plaz*, outros caídos sobre o chão de pedra. Não viu Serena entre eles.

Atrás de um olho de *Omnius* desativado descobriu o mecanismo de abertura e abriu as celas. Quando os desesperados cativos saíram, Vor gritou o nome de Serena. Os prisioneiros se aferraram a Vor, piscando por causa da luz brilhante. Não podia lhes dedicar mais tempo, de modo que continuou sua busca. No fundo do recinto, em uma zona esterilizada que continha um detestável instrumental cirúrgico, encontrou por fim Serena caída sobre o sujo chão de *plazmento* com os olhos fechados, como se tivesse despertado de um sonho induzido por drogas. Seu vestido branco e dourado estava manchado e rasgado, e apresentava contusões no rosto e os braços. Estava caída como se estivesse morta, ou como uma pessoa ansiosa por morrer.

- Serena! - Tocou seu rosto. - Serena, sou eu, Vorian Atreides.

A jovem abriu os olhos, olhou-o como se não o reconhecesse. Vor viu seu olhar desfocado, suspeitou que nadava nas águas profundas e desconhecidas de drogas tranqüilizadoras. Erasmo devia ter tentado mantê-la controlada.

- Não esperava voltar a vê-lo - sussurrou ela por fim.

Ajudou Serena a ficar em pé e a sustentou quando as pernas lhe falharam, ainda sonâmbula. Nos jardins posteriores, os vasos derrubados estavam cheios de sangue, mas Vor descobriu uma fonte intacta, rodeada de grossas samambaias. Formou uma taça com as mãos para que Serena bebesse água fresca e reconfortante. Depois, molhou uma parte de tecido e com ele lavou seu rosto e os braços

Parecia que a jovem somente desejava perder-se na mais negra inconsciência, porém combateu a sensação e apoiou as costas contra a parede para não cair.

- Por que está aqui?

- Vim para levá-la para Salusa Secundus.

Os adoráveis olhos de Serena, frágeis por causa da dor e das drogas, recobraram repentina vida.

- Pode fazer isso?

Vor assentiu, com a intenção de lhe transmitir confiança, mas se perguntou como ia encontrar o *Dream Voyager*.

- Nossa chance durará pouco.

Um brilho de esperança e energia iluminou o rosto de Serena.

- Salusa... Meu Xavier...

Vor franziu o cenho quando ouviu o nome, mas se concentrou na difícil tarefa que os aguardava.

- Temos que sair daqui. As ruas são perigosas, sobretudo para nós.

Agora que tinha um objetivo, Serena apelou a toda sua força de vontade para reunir energias. Quando deram viraram-se para sair, toparam-se com Iblis Ginjo. O capataz sorriu, satisfeito.

- Aqui está ela! Bendita mulher, os escravos tem quebrado suas cadeias para vingar o assassinato de seu filho.

Vor sustentou o braço de Serena com ar protetor, e seu rosto se escureceu.

- Vou tirá-la daqui.

Não estava acostumado a ser contrariado por um humano, mas o líder da revolta não se afastou nem um centímetro. Pelo visto, Iblis parecia acreditar mais em seus poderes de persuasão que em qualquer outra arma.

- Esta mulher é vital para a continuidade da revolução. Pense no muito que já sofreu. Você e eu não somos inimigos. Temos que nos unir para derrotar...

Enquanto a voz de Iblis ressoava como se estivesse pronunciando um discurso, Vor elevou com gesto ameaçador a comprida faca que havia encontrado.

- Pode ser que em outro tempo tenha sido seu inimigo, mas isso acabou. Sou Vorian Atreides.

Iblis pareceu desconcertado.

- Atreides? O filho de Agamenon?

Um amontoado de emoções se refletiu no rosto de Vor, mas sua mão não tremeu.

- Devo carregar com esse peso. Afim de me redimir, salvarei Serena. *Omnius* não demorará para trazer reforços, embora procedam de outros Planetas Sincronizados. Não permita que alguns quantos dias de êxito o ceguem. A revolta está condenada ao fracasso.

Iblis explicou rapidamente quais eram seus propósitos: transformar Serena na inspiração da revolta que acabaria com o *Omnius* da Terra.

- Você pode fortalecer nosso movimento. Serena Butler e a lembrança de seu filho assassinado trouxeram partidários a nosso movimento. Pense no que podemos conseguir!

Em qualquer outro momento, Serena teria escutado a chamada e sacrificado tudo pelo bem-estar de tanta gente que sofria. Estava impresso em seu caráter, em sua personalidade, mas o assassinato do inocente Marion tinha aplacado suas ânsias de justiça, aniquilado uma parte de seu coração.

- Sua causa é justa, Iblis - disse Serena, - mas estou exausta por causa de todos os horrores padecidos. Vorian vai conduzir-me de volta a Salusa. Tenho que ver meu pai... e contar a Xavier a sorte de seu filho.

Iblis sustentou seu olhar como se estivessem conectados por um raio eletrônico. Não queria contrariá-la, porque necessitava dela. Durante meses tinha construído uma organização secreta de rebeldes, mas agora intuía que jamais alcançaria todo seu potencial sem esta jovem e tudo que ela representava. Nunca despertaria o ardor religioso necessário.

Os olhos escuros de Iblis cintilaram.

- Um planeta da liga? Diga-me, Atreides, como vai escapar da Terra?

- Acredito que tenho um meio: minha nave, o *Dream Voyager*. Mas não posso atrasar mais a partida.

Iblis tomou a decisão imediatamente. Sabia que a rebelião podia pulverizar-se de planeta em planeta, porém desde outro centro.

- Neste caso, iremos juntos. Falarei com a liga, convencerei os nobres de que enviem reforços à Terra. Têm que ajudar nossa causa!

Ouviram ruídos de destruição e gritos de violência em uma sala contigua.

- Vou protegê-los de meus seguidores. Não nos impedirão o caminho. - Iblis falava em um tom muito convincente. - Não escaparão do recinto a menos que os ajude.

Vor olhou com seus olhos cinzas, ansioso por levar Serena e afastar-se daquele revolucionário sujo. A jovem apoiou a mão sobre seu braço, como se de repente tivesse recuperado toda sua energia.

- Deixe-nos partir, por favor. Quero fugir da Terra e deste pesadelo.

Dois homens de Iblis saíram de um corredor, seguidos de outros três. Olharam para eles, a espera de receber ordens. O líder rebelde precisava deixar alguém em seu lugar, enquanto tentava reagrupar a todos os humanos livres. Alguém de confiança.

Pensou no subordinado de Eklo, e na rede de contatos e informação do pensador.

- Tragam-me Aquim imediatamente.

Aquim, esmigalhado entre sua herança genética humana e o juramento de lealdade aos pensadores, olhou para Iblis, enquanto refletia sobre seu pedido.

- Você já não é neutro - disse Iblis. - Nem tampouco Eklo. Terão que nos ajudar até o final. Necessito de alguém em quem pode confiar para manter viva a revolta aqui, enquanto eu vou pedir apoio à liga.

Aquim parecia desolado.

- Poderia demorar meses.

- Isso é o mínimo que a nave demorará para chegar. - Aferrou o monge pelos ombros. - Meu amigo, uma vez você me disse que comandou um grupo de homens contra as máquinas, e que teve alguns êxitos. Lembra o que me disse o pensador: nada é impossível.

- Existe uma grande diferencia entre comandar um grupo e ficar à frente de milhares de pessoas.

- Quando ainda não estava viciado em *semuta*, não teria feito essa distinção.

- A *semuta* não me atrapalha! Afia meus sentidos!

Iblis sorriu.

- Sou um perito na rtea de selecionar gente, e reconheço seus dotes. Poderia ter escolhido outros homens, mas confio em você mais que em ninguém. Além de sua experiência no combate, possui uma grande sabedoria, graças a sua relação com o pensador. É o homem perfeito para o trabalho, Aquim.

O homenzarrão assentiu lentamente.

- Sim. Eklo me daria sua bênção.

Antes de partir, Iblis conduziu Serena ao lugar onde tinha oculto e protegido o cadáver de seu filho. Tinha depositado a forma destroçada do pequeno Manion em um edifício anexo.

Serena, imóvel como a estátua de uma deusa encolerizada, tocou a capa de polímero transparente que protegia o rosto cerúleo. Um filme resistente envolvia o menino, as conseqüências do assassinato deste pequeno inocente envolveria às máquinas pensantes.

- Como conseguiu... conservá-lo incólume?

- É uma bolsa hermética, utilizada para processar os escravos que morrem no trabalho. - Iblis esforçava-se para que Serena compreendesse o que tinha feito. - Terá que passar a voz do acontecido aqui, Serena. Eles se lembrarão de seu filho e do que representou. Construiremos um magnífico monumento em sua memória, nós o conservaremos em um sarcófago de *plaz* para que todos os humanos livres possam vê-lo. - Olhou para Vorian Atreides. - Nunca se pode subestimar o valor de um símbolo.

- Um altar? Você não está adiantando aos acontecimentos, Iblis? - perguntou Vor, impaciente. - A revolta ainda não triunfou.

Serena agarrou o menino em seus braços.

- Se vamos voltar para Salusa Secundus, tenho que levá-lo para seu pai... ele merece-se vê-lo uma vez, ao menos.

Antes que Vor pudesse protestar, Iblis interveio.

- Todos devem vê-lo! Isto nos ajudará a conseguir a ajuda da liga. Tem que convencê-los a vir em auxílio aos escravos da Terra, antes que seja muito tarde. Do contrário, haverá muitas outras vítimas.

Vor, ao perceber o muito que significava aquilo para Serena, deu de ombros e não protestou.

- Se não nos apressarmos, será muito tarde para todos nós.

Serena se ergueu em toda a sua estatura, sem deixar de segurar a forma rígida de Manion.

- Estou pronto. Vamos procurar o *Dream Voyager*.

109

Existe uma infinita variedade de relações mecânicas e biológicas.

Entrada dos bancos de dados de Omnius

Vor, Serena e o intrometido Iblis localizaram e roubaram uma nave de passageiros em uma pista de aterrissagem da propriedade de Erasmo. Não levavam provisões ou posses com eles, exceto o corpo conservado do pequeno Manion. Enquanto os escravos continuavam saqueando a *villa*, Vor e seus companheiros fugiram do tumulto. Não viram robôs sentinela nem *neocimeks*. Nem tampouco titãs.

A pequena nave sobrevoou a borda da cidade, longe dos distúrbios. Nos dias do Império Antigo, esta colina tinha sido um bairro exclusivo de casas e jardins terraplanados. As residências tinham sido abandonadas depois da conquista das máquinas pensantes, e estavam quase em ruínas. Só restavam pedras e armações de liga.

As memórias de Agamenon tinham desdenhado a vida cotidiana das pessoas no Império Antigo, mas agora Vorian precisava duvidar de tudo. Sentia-se triste e envergonhado. Graças a Serena, fixava-se em coisas pela primeira vez, experimentava pensamentos perturbadores. Era como se um novo universo se abrisse para ele, e estivesse abandonando o antigo.

Como as máquinas pensantes lhe tinham oculto tantas coisas? Ou se tinha negado a ver o evidente? *O Dream Voyager* possuía extensos arquivos históricos, mas nunca tinha se incomodado em olhar. Tinha tomado ao pé da letra as crônicas de seu pai.

Quando contou a Serena o que tinha descoberto, um sorriso amargo curvou sua boca.

- Talvez ainda haja esperanças para você, Vorian Atreides. Tem muito que aprender... como ser humano.

Apareceram ante sua vista os edifícios brancos do espaçoporto, assim como búnkeres militares, sensores e artilharia pesada. Vor transmitiu os códigos de acesso que sempre havia utilizado no *Dream Voyager*, e os robôs sentinela permitiram a passagem da nave veloz.

Com a maior rapidez possível, Vor conduziu a nave a um hangar e desconectou todos os sistemas. Diversas naves estavam estacionadas entre

moles de carga, torres de lançamento e cisternas de reabastecimento de combustíveis. Equipes de robô trabalhavam nas naves de longa distância, preparando-as para sua partida.

O *Dream Voyager* se encontrava entre elas, tal como Vor tinha esperado.

- Depressa - disse, e agarrou a Serena pela mão. Iblis correu atrás deles, armado com uma pistola de grandes dimensões, proteção inútil se os soldados robô decidissem atacar.

Vor teclou o código de acesso em um painel e a escotilha de entrada se abriu.

- Esperem. Se isto funcionar, voltarei em seguida.

Tinha que ocupar-se de Seurat em pessoa.

Vor ouviu o ruído dos robôs de manutenção que instalavam uma célula de combustível suplementar. Quando chegou à ponte de comando, não se incomodou em dissimular seus passos. Seurat já o havia detectado.

- Danificou sua nave, velha Mente Metálica? - perguntou Vor. - Não pôde pilotá-la sem mim?

- Os rebeldes dispararam contra minha nave quando entreguei robôs de combate para uma reorganização tática. Um motor sofreu uma avaria sem importância. Danos superficiais no casco.

O capitão robô moveu seu corpo para ajustar parâmetros em sistemas abertos. Suas fibras ópticas enfocaram um visor que lhe permitia controlar os trabalhos minuto a minuto.

- Preciso de sua ajuda, Vorian Atreides - disse por fim. - Parece que um dos robôs de manutenção não funciona muito bem. Todos os bons estão fazendo reparos de emergência em robôs de combate.

Vor sabia que devia agir com rapidez.

- Deixe-me dar uma olhada.

- Vejo que trocou de vestimenta - disse Seurat. - Com esses escravos soltos pelas ruas, já não estava de moda seu uniforme de *Omnius*?

Vor no pode reprimir uma gargalhada, apesar da tensão.

- Os humanos entendem mais de moda que as máquinas.

Aproximou-se mais de seu amigo mecânico, e seu olhar se cravou na diminuta derivação de acesso de um painel desprotegido do corpo do robô. Embora estivesse coberta de metal líquido e protegido por fibras interconectadas, Vor sabia que seria simples bloquear o acesso ao impulsor de energia, colocar em curto-circuito o conversor de potência e aturdir o capitão robô.

Colocou a mão em um bolso, como se procurasse algo, e extraiu uma ferramenta.

- Efetuarei um diagnóstico desse robô de manutenção.

Fingiu perder o equilíbrio, inclinou-se e afundou a ferramenta na derivação de acesso. Um impulso da sonda desconectou a energia do robô.

O capitão mecânico se agitou, e se imobilizou por completo. Mesmo sabendo que não tinha infligido danos irreparáveis em Seurat, Vor sentiu uma pontada de culpa e dor.

- Sinto muito, velha Mente Metálica. - Ouviu ruídos a suas costas, virou-se e viu Serena e Iblis na ponte. - Pedi que me esperassem.

Iblis avançou, seguro de si mesmo uma vez mais, como se tivesse tomado o comando.

- Termine o trabalho. Destrua a máquina pensante.

Aproximou-se do capitão, empunhando uma ferramenta pesada.

- Não. - Vor, irritado, se interpôs entre o capataz e o robô. - Já disse que não. Seurat não. Se quer que te tire daqui, me ajude a tirá-lo da nave. Não causará problemas a ninguém.

- Parem de perder o tempo, os dois - disse Serena.

Iblis ajudou Vor a contra gosto a carregar o pesado robô até uma escotilha lateral, que se abria a um mole vazio situado junto a um dispensador de células de combustível. Deixaram ao capitão entre escombros e maquinaria.

Vor contemplou um momento suas feições no rosto refletivo, e recordou algumas das estúpidas piadas que seu amigo lhe tinha contado, assim como os inovadores jogos militares em que se desafiavam. Seurat nunca lhe tinha feito mal.

Mas Vorian Atreides, renascido, preferia estar com Serena Butler entre os humanos livres, face ao que devesse deixar atrás.

- Algum dia voltarei - sussurrou, - mas desconheço em que circunstâncias, velha Mente Metálica.

Enquanto Vor pilotava a nave de atualizações, Iblis contemplava de um guichê a Terra, que pouco a pouco ia diminuindo de tamanho. Pensou na revolta que tinha inspirado, confiou em que Aquim atuaria bem e a revolução se veria coroada com o êxito. Talvez com a sabedoria do pensador Eklo, o monge poria ordem na loucura e desafiaria *Omnius* com eficácia.

Mas Iblis não acreditava. As máquinas eram muito poderosas, e os Planetas Sincronizados muito numerosos. Apesar de todo seu trabalho, suspeitava que a revolta inicial estava condenada ao fracasso, a menos que conseguisse ajuda imediata da Liga de Nobres.

110

Os humanos cometeram a estupidez de dotar seus competidores de uma inteligência igual à sua. Mas não puderam evitá-lo.

BARBA AZUL,
Anatomia de uma rebelião

Elevavam-se chamas dos gloriosos edifícios vazios, uma afronta para a idade de ouro dos titãs. Os insetos humanos, embriagados por sua liberação, corriam gritando pelas ruas, lançavam pedras e explosivos improvisados.

Agamenon ferveu de ira ao ver os terríveis danos que os rebeldes tinham infligido aos monumentos e praças. Tinham matado Ajax, embora fosse muito provável que o teimoso titã tivesse procurado isso. De todo modo, era uma perda grave, como a de Barba Azul.

Escória! Os bárbaros não sabiam o que era liberdade nem o livre-arbítrio. Eram incapazes de controlar-se ou de comportar-se como seres civilizados. Mereciam ser escravos.

Isso era muito bom para eles.

O general *cimek* percorreu as ruas com sua volumosa forma de combate. Dispersou humanos, lançou-os ao ar, esmagou-os contra as paredes. Alguns dos mais valentes lançaram objetos pontudos, que ricochetearam em seu corpo blindado. Por desgraça, não podia perder tempo exterminando todos eles.

Agamenon se encaminhou para o próximo espaçoporto, com a esperança de encontrar seu filho entre o caos. Se os rebeldes tinham ferido Vorian (o melhor dos treze filhos do general até o momento), faria uma boa devastação. Tinha verificado as últimas informações, averiguado que o *Dream Voyager* estava estacionado no espaçoporto e que os códigos de acesso de Vor haviam sido utilizados, porém os informes eram confusos.

O titã ainda não entendia a magnitude da rebelião. Durante séculos, ninguém tinha desafiado o governo das máquinas pensantes. Como era possível que os dóceis humanos houvessem se enfurecido até tal ponto? Dava no mesmo. Deixaria que *Omnius* e seus guardas robô se encarregassem dos revoltosos.

Naquele momento, Agamenon queria apenas encontrar seu filho. Ele também tinha suas prioridades. Esperava que Vor não se colocasse em confusões.

Quando o *cimek* cruzou o espaçoporto, viu três naves de carga em chamas, obra de sabotadores. Máquinas de apagar incêndios tentavam extinguir as chamas antes que os danos se propagassem.

O furioso titã procurou o mole que albergava o *Dream Voyager*. Levou uma decepção ao ver que a nave tinha desaparecido. Mediante raios infravermelhos, viu que a pista ainda brilhava devido às chamas de propulsão. Com a ajuda de sensores térmicos distinguiu a esteira que a nave tinha deixado na atmosfera.

Cada vez mais frustrado e surpreso, descobriu o desativado Seurat em um mole abandonado. O robô jazia imóvel, uma estátua de polímeros metálicos e circuitos neuroelétricos. Os rebeldes tinham atacado Seurat, o tinham desligado... mas não destruído.

Impaciente, preocupado com Vorian, Agamenon voltou a conectar os sistemas do robô. Quando Seurat recuperou a consciência, examinou o espaçoporto com suas fibras ópticas para orientar-se.

- Onde está o *Dream Voyager* ? - perguntou Agamenon. - Onde está meu filho? Está vivo?

- Com sua típica impetuosidade, seu filho me surpreendeu. Desativou-me. - Seurat inspecionou a zona de lançamento e extraiu conclusões. - Vorian levou a nave. Sabe pilotá-la.

- Meu filho é um covarde?

- Não, Agamenon. Acredito que se uniu aos rebeldes e foge com outros humanos.

Viu que o *cimek* estremecia de ira.

- É uma piada muito ruim - acrescentou.

Agamenon, enfurecido, deu meia volta e se afastou depressa. Havia uma nave de guerra abandonada nas cercanias, carregada de armas e perfeita para perseguir alguém. Humanos selvagens estavam correndo para ela, ansiosos por tomar os controles, como se algum ignorante *hrethgir* fosse capaz de pilotar um veículo tão sofisticado.

O *cimek* apontou seus braços providos de canhões e lançou um jorro de chamas que transformou os rebeldes em montes de carne carbonizada. Passou sobre os corpos enegrecidos e se conectou com a nave de guerra. A uma ordem de Agamenon, os braços preênseis da nave se estenderam para desmontar o contêiner cerebral e retirá-lo da forma de combate. Os sistemas

da nave elevaram o contêiner e instalaram o cérebro de Agamenon dentro do oco de controle.

A nave era veloz, suas armas estavam carregadas e preparadas para entrar em combate. Vorian levava vantagem, porém o *Dream Voyager* era um veículo mais lento, desenhado para trajetos longos.

Agamenon o alcançaria sem problemas.

O cérebro, submerso no eletrolíquido, ajustou-se aos sensores da nave e conectou os mentrodos, até que a nave se transformou em seu novo corpo. Agamenon decolou do espaçoporto sobre pernas imaginárias.

Hiperacelerou em direção a sua presa.

Vor Atreides conhecia as táticas do combate espacial e as manobra de evasão, porque Seurat tinha-lhe deixado tomar os controles da nave muitas vezes, mas pilotava o *Dream Voyager* pela primeira vez, sem Seurat.

Ao sair da Terra adotou um vetor reto que os afastaria do sistema solar. Confiava que as provisões e sistemas de apoio vital da nave bastariam para mantê-los vivos durante o mês que demorariam para chegar a Salusa Secundus. Em nenhum momento de sua frenética fuga havia parado para pensar em quantos humanos o *Dream Voyager* podia alimentar, mas agora já não havia alternativa.

Iblis Ginjo, nervoso, olhava pelos guichês, estudava a imensidão do espaço. Nunca havia presenciado aquele espetáculo. Ficou boquiaberto ao ver a imensidão semeada de fossas da lua.

- Quando estivermos perto da Salusa - disse Serena, presa a seu assento com o cinturão de segurança, - a Liga de Nobres nos protegerá. Xavier virá me buscar. Como... sempre.

O *Dream Voyager* cruzou a órbita de Marte, e logo atravessou o cinturão de asteróides.

Vor continuou acelerando, enquanto se dirigiam em linha reta para o imenso poço de gravidade de Júpiter. Utilizaria a gravidade do gigante gasoso para ajustar seu rumo.

Vor viu pelos sensores posteriores uma solitária nave de guerra que se precipitava para eles a uma velocidade tão desmesurada que as leituras davam uma indicação alterada de sua posição. Nenhum ser humano poderia sobreviver a tal aceleração.

- Isto não vai ser fácil - disse Vor.

Serena olhou estupefata.

- Até agora, nada foi fácil.

Vor não deixava de vigiar a nave de guerra. Conhecia as capacidades do *Dream Voyager*.

Meses antes, quando havia utilizado manobras táticas desesperadas para evitar à Armada da Liga em Giedi Prime, Vor jamais tinha sonhado que necessitaria de todos os seus dotes de piloto para fugir das máquinas pensantes, que o tinham educado, treinado... e enganado.

Em um combate direto, a nave de atualizações não poderia impor-se nem a um interceptor pequeno. O casco blindado do *Dream Voyager* agüentaria um momento, mas Vor não conseguiria esquivar à nave de guerra por muito tempo.

Júpiter se abatia a frente deles, uma esfera difusa de cores, com nuvens rodopiantes e tormentas bastante grandes para engolir toda a Terra. Depois de analisar os sensores, Vor obteve informação sobre a capacidade da nave perseguidora. Embora não contasse com armas poderosas, o *Dream Voyager* tinha muito mais combustível e motores, e melhor blindagem, além da inteligência do Vor. Talvez pudesse utilizar as vantagens que possuía.

O interceptor lançou quatro projéteis, mas só um alcançou o casco da nave. As ondas de choque se propagaram ao passar pelo *Dream Voyager* como se fosse um gongo imenso.

Mesmo assim, os instrumentos não informaram danos significativos.

- Temos de fugir - disse Iblis, presa do pânico. - Está tentando inutilizar a nave.

- Que otimista - respondeu Vorian. - Eu achei que tentava destruí-la.

- Deixe-o pilotar - disse Serena ao nervoso líder rebelde.

Uma voz sintética familiar ressonou nos alto-falantes do *Dream Voyager*. Vor sentiu um calafrio.

- Vorian Atreides, você quebrou seu juramento de lealdade. É um traidor, não só a *Omnius*, a mim também. Já não o considero meu filho.

Vor engoliu em seco antes de responder.

- Você me ensinou a utilizar minha mente, pai, a tomar decisões sem me deixar influenciar e a exercer meus talentos. Descobri a verdade. Descobri o que aconteceu de verdade durante a Era dos Titãs, e se parece muito pouco com os contos de fadas que escreveu em suas memórias. Mentiu para mim desde o primeiro momento.

Em resposta, Agamenon lançou mais projéteis, mas saíram desviados. Vor disparou por sua vez. Seus projéteis formaram uma barreira de explosões que obrigou à nave perseguidora a desviar-se de seu rumo. Vor não desperdiçou tempo nem energia em tentar enganar seu pai com falsas manobras.

Alterou seu curso para que o *Dream Voyager* usasse a força da gravidade de Júpiter. Pôs os motores ao máximo, sem se preocupar com a tensão ou as possíveis avarias. Se não pudesse escapar agora, a cautela excessiva não serviria de nada.

O gigante gasoso aumentava de tamanho ante seus olhos. Agamenon lançou outra rajada de explosivos, um dos quais detonou muito perto dos motores do *Dream Voyager*.

Vor se concentrou no que estava fazendo, sereno e calmo. Iblis, sentado a seu lado, estava pálido e coberto de suor. O líder rebelde devia estar se perguntando se haveria tido mais chances de sobreviver se tivesse ficado na Terra.

- Ele só precisa nos inutilizar - disse com frieza Vor. - Se conseguir danificar nossos motores, mesmo que só por alguns minutos, não poderemos escapar desta órbita hiperbólica.

Então, Agamenon se afastaria e nos veria nos precipitar para a atmosfera do Júpiter. Isso o deixaria encantado.

Serena aferrou os apoios de braços do assento.

- Então não deixe que inutilize nossos motores - disse, como se a resposta fora óbvia.

Enquanto o general *cimek* continuava sua perseguição, Vor efetuou alguns cálculos rápidos.

Utilizando os subsistemas informáticos do *Dream Voyager*, reprogramou os idealizadores de gráficos de navegação. A nave saiu disparada para frente, um projétil pouco bonito que acelerou ao mesmo tempo em que roçava a tênue atmosfera do Júpiter, um refém da mecânica orbital.

- É não vai fazer mais nada? - perguntou Iblis.

- As leis da física o estão fazendo por nós. Se Agamenon efetuar os cálculos, entenderá o que tem que fazer. O *Dream Voyager* conta com combustível suficiente e velocidade para rodear Júpiter e escapar da força da gravidade. Naquele pequeno interceptor, a menos que meu pai desista de nos perseguir, dentro de... - consultou o painel - ...cinqüenta e quatro segundos não poderá escapar da atração. Precipitar-se-á para Júpiter.

O interceptor continuava aproximando-se, disparava suas armas sem produzir os danos que o piloto queria.

- Ele sabe? - perguntou Serena.

- Meu pai perceberá. - Vor olhou para o idealizador de gráficos. - Neste momento... apenas resta combustível para voltar à Terra. Se esperar dez segundos mais, duvido que sobreviva à aterrissagem.

Iblis suspirou.

- Isso seria ainda mais absurdo que deixar-se engolir pelas nuvens de Júpiter.

De repente, a nave perseguidora se afastou do gigante gasoso em uma curva pronunciada. O *Dream Voyager* se lançou para frente, e roçou as nuvens até que a parte inferior do casco ficou vermelha devido à fricção. Momentos depois, Vor os conduziu até o outro lado do planeta e acelerou, liberado da gravidade, e voou para o espaço interestelar.

Vor comprovou que o interceptor tinha conseguido fugir da atração de Júpiter. Viu que seu perseguidor voltava para a Terra, em um curso que conservava a aceleração e economizava combustível.

Então, Vor se dirigiu para o precário refúgio dos planetas da liga.

Agora que tinha perdido a aposta, e consciente de que Vorian ajudaria os humanos selvagens em sua continua resistência, o furioso Agamenon meditou. Com escasso combustível para acelerar, a viagem de volta à Terra seria tediosa e frustrante.

No obstante, uma vez de volta, acalmaria sua humilhação aniquilando o resto dos escravos rebeldes. Eles se arrependeriam do dia em que deram ouvidos às insensatas palavras de rebelião.

111

Aristóteles violou a razão. Impôs nas escolas dominantes de filosofia a atrativa crença de que pode existir uma discreta separação entre corpo e mente. Isto conduziu de uma forma natural ao fatal engano de pensar que o poder pode ser compreendido sem aplicá-lo, o gozo é totalmente independente da desdita, a paz pode existir na ausência absoluta de guerra, ou a vida pode compreender-se sem a morte.

ERASMO,
Notas do Corrin

Nove séculos atrás, depois de transformar-se em uma inteligência transgalática, a supermente tinha estabelecido um controle eficaz sobre todos os *cimeks*, robôs e humanos dos Planetas Sincronizados. *Omnius* tinha continuado a evoluir e estender sua influência, criando redes cada vez mais complexas.

Enquanto a surpreendente rebelião continuava se expandindo pelas cidades da Terra, *Omnius* observava tudo através de sua legião de olhos transmissores. Enquanto via os rebeldes queimar edifícios e destruir instalações, a supermente descobriu que tinha um ponto fraco.

Não se podia confiar nem nos humanos mais leais. Erasmo tinha tido razão desde o primeiro momento. E agora, o irritante robô tinha fugido da Terra, abandonando sua *villa* antes que fosse saqueada pelas massas.

Omnius lançou bilhões de ordens a suas forças mecânicas, para que atacassem os *hrethgir* revoltados. Até o momento, centenas de milhares de escravos haviam sido aniquilados. Quando seus robôs esmagassem por fim a rebelião, seria necessário um grande esforço de limpeza.

Impulsionados por seu vandalismo, os rebeldes tinham concentrado seu ódio nos *cimeks*. Na opinião de *Omnius*, as máquinas com mentes humanas eram problemáticas, e o vínculo mais fraco com os Planetas Sincronizados. Mesmo assim, os agressivos cérebros humanos eram úteis em circunstâncias que exigiam crueldade e violência extremas, a um nível que as máquinas racionais não podiam alcançar. Agora, por exemplo.

Omnius enviou ordens urgentes aos titãs restantes que se falavam nas cercanias da Terra, Juno, Dante e Xerxes, além de Agamenon, que retornava depois de perseguir seu filho Vorian sem êxito. Para esmagar a rebelião, podiam tomar quaisquer medidas que considerassem necessárias.

A julgar por experiências anteriores, a missão ia ser do agrado dos titãs.

Em um deserto rochoso situado em um continente afastado da revolta, Juno estava dando uma demonstração de técnicas de tortura e interrogação aplicadas a sujeitos humanos vivos. Xerxes e Dante controlavam os progressos, mas não participavam de maneira direta.

Enquanto uma multidão de *neocimeks* estudavam cada movimento, a titã observava suas vítimas, um jovem magro e uma mulher de idade amadurecida amarrados a mesas, e que não paravam de retorcer-se.

De repente, a mensagem de *Omnius* chegou aos sistemas de recepção com tal força que a delicada mão cirúrgica do Juno tremeu, de maneira que afundou a agulha na malha cerebral. O jovem emudeceu, morto ou em estado de vegetal. Juno não se preocupou de averiguar o que acontecia. A chamada de *Omnius* exigia toda sua atenção.

- Temos de partir agora - anunciou.

Com um veloz movimento, Xerxes cravou um punhado de agulhas no peito da mulher. Quando deixou de agitar-se, os *neocimeks* já tinham saído a toda pressa da fossa de demonstrações.

Os três titãs, com movimentos precisos e eficientes, trocaram seus corpos de torturadores pelas formas de combate mais esplêndidas, e se precipitaram para o coração da revolta...

Voaram através de um céu escurecido por fumaça negra, e aterrissaram em um quadrado semeado de escombros e invadido por rebeldes vociferantes. Enquanto a multidão tentava dispersar-se, Juno esmagou onze revoltados sob o casco da nave.

- Começamos bem - disse Dante.

Quando o trio de titãs saiu, seguidos por um cortejo de *neocimeks*, os rebeldes lançaram pedras. Juno se precipitou para frente a grande velocidade e os esquartejou. Xerxes e Dante se separaram para atacar outros grupos de resistentes. Enxames de rebeldes tentaram rodear os *cimeks*, mas as máquinas híbridas os abateram.

Nem as armas dos escravos, nem a massa combinada de seus corpos, conseguiu deter o avanço decidido dos monstros mecânicos. As ruas se tingiram de vermelho, e os gritos dos moribundos encheram o ar. Os sensores

olfativos de Juno perceberam o intenso aroma de sangue, o que provocou que elevasse ao máximo sua captação sensorial.

Xerxes se precipitou na refrega como se ganhasse a vida nisso.

Quando os humanos perceberam a inutilidade de seus esforços, Aquim ordenou que se reagrupassem. Os rebeldes correram a seus esconderijos, e as ruas ficaram desertas antes que os *cimeks* as invadissem.

Agamenon retornou do espaço quando ainda não tinha anoitecido, bem a tempo de participar da matança...

Omnius, que seguia os acontecimentos à partir de uma multidão de olhos espiões, estava seguro de que poderia controlar a situação, sempre que utilizasse a força necessária. Neste aspecto, os titãs tinham estado certos desde o primeiro momento.

Confiança e violência. Uma relação curiosa e intrigante entre ambas. Um dia, falaria de suas descobertas com o Erasmo.

Agora que tinha aprendido novas lições, a supermente tinha motivos suficientes para exterminar os humanos dos Planetas Sincronizados. Exterminaria esses seres frágeis de uma vez por todas.

Segundo suas projeções, a tarefa não exigiria muito tempo.

112

Se a vida não for mais que um sonho, apenas imaginamos a verdade? Não! Ao seguir nossos sonhos, criamos nossas verdades.

A lenda do Selim Cavaleiro de Vermes

O ar e a areia cheiravam a especiaria, seu corpo cheirava a especiaria... O mundo era especiaria!

Selim mal podia respirar ou mover-se, à medida que a *melange* impregnava seus poros, seu nariz e seus olhos. Subiu com muita dificuldade pela areia avermelhada, como se nadasse entre vidro.

Aspirou uma profunda baforada de ar, com a esperança de que fosse fresco, mas cheirava a canela.

Estava se afogando na especiaria.

O deserto tratava sua *melange* como um segredo, poucas vezes a expulsava em forma de explosões e pulverizava o pó avermelhado sobre as dunas. A especiaria era a vida. Os vermes geravam a *melange*.

O jovem se movia como se estivesse asfixiado por visões. Deteve-se no fundo da depressão, tossindo, porém as imagens oníricas continuavam lhe sacudindo como um furacão...

Fazia muito tempo que o verme se fora, abandonando Selim onde tinha caído. O ancião do deserto poderia ter devorado seu cavaleiro, mas não o tinha percebido. Não fora por casualidade. Budalá havia trazido Selim até aqui, e ele confiava em descobrir o motivo.

Tinha montado o gigantesco verme durante horas, tinha o guiado durante a noite sem nenhum destino em particular. Descuidou-se, caindo na imprudência.

De repente, o verme tinha chegado ao lugar onde se produziu uma explosão de especiaria. Reações químicas misteriosas e pressões tremendas ocorridas sob as dunas haviam chegado a um ponto crítico, agitado e fermentado a *melange* até que as capa superiores já não puderam agüentar a

pressão. A especiaria tinha explodido para a superfície, em uma coluna de areia, gases e *melange* fresca.

Na escuridão, Selim não tinha visto a coluna, não estava preparado...

Um frenesi incontrolável tomou conta do verme. Enlouquecido, ao que parecia, pela presença de tanta *melange*, o animal se revoltou e corcoveou.

Pego por surpresa, Selim tinha se obstinado com suas lanças e cordas. O verme se afundou na areia, golpeou as dunas como se a areia manchada fosse seu inimigo. O cavaleiro soltou a lança que havia mantido os segmentos separados.

Selim tinha caído, muito estupefato para gritar. Viu que a besta rodava abaixo ele, se elevava sobre a areia e depois desabava sobre o chão úmido e girava para suavizar a força do impacto.

Liberado por fim, o verme se inundou sob a areia, como se procurasse a fonte da *melange*. Selim tentou manter-se sobre a superfície da duna. O verme carregou para frente como um projétil. Deixou uma esteira de areia e especiaria, que cobriu tudo de uma espessa capa de cor alaranjada.

Selim levantou, ofegante. O intenso aroma o enjoava, e cuspiu saliva com sabor de canela. A roupa estava coberta de especiaria pegajosa. Esfregou os olhos, mas só conseguiu que o pó entrasse mais ainda dentro das órbitas.

Ficou em pé por fim, cambaleante, examinou seus braços, ombros e costelas para comprovar que não tinha quebrado nenhum osso. Parecia milagrosamente ileso. Um milagre mais em sua já longa lista. E outra lição crítica que Budalá queria lhe ensinar.

Sob a luz da lua, as dunas cremosas pareciam manchadas de sangue, com a especiaria pulverizada em todas as direções como se lançadas pelo capricho de um demônio enfurecido. Nunca havia visto tanta *melange* em sua vida.

Longe de seu refúgio, Selim começou a caminhar pela areia. Vasculhou o chão até encontrar seu equipamento, uma lança de metal e um extensor meio enterrado na areia. Se aparecesse outro verme, tinha que estar preparado para montá-lo.

Enquanto andava, experimentou a sensação de que a especiaria impregnava seu corpo a cada passo que dava. Seus olhos já estavam tingidos do azul do vício (tinha visto nos painéis refletivos da estação botânica), mas agora a *melange* o envolvia. Sua cabeça começou a dar voltas.

Selim chegou por fim à cúpula da duna, mas nem sequer percebeu até que escorregou por ela abaixo. O mundo que lhe rodeava mudou, abriu-se... e revelou seus assombrosos mistérios.

- O que é isto? - perguntou em voz alta, e as palavras ressoaram em sua mente.

As dunas mudavam de forma como ondas em um mar esquecido, que se elevavam até transformar-se em pó. Nadavam vermes pelo oceano ressecado, enormes habitantes similares a gigantescos peixes predadores. Veios de especiaria flutuavam como o sangue do deserto, oculta baixo da superfície, enriquecendo os estratos, aos cuidados de um complexo ecossistema: plâncton de areia, trutas de areia gelatinosas... e é obvio vermes, conhecidos coletivamente como *Shai-Hulud*.

O nome martelava dentro de seu crânio, e pareceu-lhe adequado. Não *Shaitan*, *Shai-Hulud*.

Não era um termo que designasse um animal, nenhuma descrição, mas o nome de um ser.

Um deus. Uma manifestação do Budalá.

Shai-Hulud!

Então, em sua alucinação viu que a especiaria se esgotava, desaparecia, era roubada por parasitas que pareciam... as naves que tinha visto no espaçoporto de Arrakis City. Operários (forasteiros e *zensunni* inclusive) varriam as dunas, roubavam a *melange*, apoderavam-se do tesouro de *Shai-Hulud* e deixavam que se afogasse em um mar seco e sem vida. Naves carregadas até o teto de seus porões decolavam, levavam os últimos grãos de especiaria, deixavam as pessoas do deserto com as mãos estendidas, suplicantes. Aos poucos, imensos vermes percorriam a terra, lançavam areia ao céu que desabava como uma inundação sobre as pessoas e os cadáveres dos vermes.

- Nada mais vivia no planeta. Arrakis se transformava em um vaso de areia, morto e estéril

Sem vermes, sem gente, sem *melange*...

Selim tirou o chapéu sentado com as pernas cruzadas sobre uma duna, sob o sol abrasador do meio-dia. Tinha a pele-vermelha e queimada por causa da insolação. Seus lábios estavam rachados. Quanto tempo estava ali? Experimentou a terrível suspeita de que tinha transcorrido mais de um dia.

Ficou em pé com um grande esforço. Tinha os braços e pernas intumescidos como dobradiças enferrujadas. Ainda havia pó de especiaria preso a sua roupa e rosto, mas não parecia afetá-lo mais. Tinha visto muitas coisas em sua alucinação, e as espantosas possibilidades haviam eliminado quase toda a *melange* de seu sistema.

Selim cambaleou, mas conservou o equilíbrio. O vento sussurrava a seu redor, levantava nuvens de areia das cúpulas das dunas. Vazio e silencioso...

mas não morto. Ao contrário de sua visão.

A *melange* continha a chave de Arrakis, dos vermes, da própria vida. Nem sequer os *zensunni* conheciam todas as redes interconectadas, mas Budalá tinha revelado o segredo a Selim. Era este seu destino?

Tinha visto forasteiros que levavam a especiaria, para longe de Arrakis, e secavam o deserto.

Talvez tivesse tido uma verdadeira visão do futuro, ou somente uma advertência. O *naib* Dhartha o tinha expulsado para as areias para que morresse, mas Budalá lhe tinha salvado por algum motivo... Por isso?

Para proteger o deserto e os vermes? Para servir ao *Shai-Hulud*?

Para encontrar os forasteiros que queriam roubar a *melange* de Arrakis?

Não tinha alternativa, agora que Deus lhe havia falado. Devia encontrar essa gente... e detê-los.

113

Não existe lugar no universo mais agradável que o lar e as confortáveis relações que se vivem nele.

SERENA BUTLER

Quando o *Dream Voyager* se aproximou do sistema de Gamma Waiping e Salusa Secundus, Serena estava ansiosa e aliviada ao mesmo tempo por retornar para casa, dividida entre seu profundo desejo de voltar a ver Xavier e seu temor do que devia dizer-lhe.

De repente, um robô de manutenção pré-programado saiu de seu nicho para realizar verificações rotineiras e se abaixou sob os painéis de controle, indiferente aos novos donos da nave. Serena viu o pequeno robô e concentrou sua ira nele. Agarrou à máquina por uma perna e a jogou contra a cobertura metálica.

O robô vermelho se revolveu para evitar mais danos, mas Serena o golpeou até que seu revestimento se partisse e derramasse o líquido dos circuitos gelificados. Seus componentes se imobilizaram com um estertor final.

- Oxalá fosse tão simples destruir todas as máquinas pensantes - disse com ar sombrio, imaginando que tinha destruído Erasmo, em vez do pequeno robô.

- Será fácil, se conseguimos mobilizar a raça humana - disse Iblis Ginjo.

Embora Iblis tivesse tentado consolá-la durante a longa viagem, Serena confiava mais em Vorian. Fazia várias semanas que tentava curar sua dor, e suas conversas com o jovem tinham contribuído de certa maneira. Vor sabia escutar. Iblis fazia muitas perguntas sobre os nobres, os planetas da liga, os políticos, Vor prestava mais atenção nas pessoas das quais Serena desejava falar: Seu filho, seus pais, sua irmã Octa, e em especial Xavier.

Quando Serena falou de Xavier Harkonnen, Vor compreendeu que Xavier tinha sido o oficial da liga que tinha atacado o *Dream Voyager* quando Seurat e ele tentaram levar a atualização de *Omnius* em Giedi Prime.

- Tenho muita vontade de... conhecer-lhe - disse Vor sem o menor entusiasmo.

Serena tinha falado de seu impetuoso e imprudente plano para pôr em funcionamento as torres de transmissão de Giedi Prime, quando a política da liga havia provocado atrasos e desculpas.

- Ao menos, as máquinas pensantes desconhecem a burocracia - disse Iblis. - Você correu um grande risco, sabendo o quanto conservador deve ser seu governo.

Serena sorriu com nostalgia, e mostrou uma insinuação de sua energia perdida.

- Sabia que Xavier viria.

Embora fosse doloroso para Vor, escutava enquanto ela falava do muito que amava a Xavier, descrevia a celebração de seu compromisso na propriedade dos Butler, a caça ao javali, seu trabalho humanitário na liga. Contou-lhe histórias a respeito das proezas militares de Xavier, seu trabalho de fortalecimento das defesas humanas em outros planetas humanos, e sua ação desesperada durante o ataque *cimek* contra Zimia, que tinha salvado Salusa Secundus.

Vor, incomodado, recordou as versões tão diferentes das mesmas histórias que tinha ouvido dos lábios de seu pai. Agamenon não lembrava a derrota da mesma maneira, mas agora Vor sabia que o *cimek* era propenso à mentira, ou ao menos ao exagero. Já não podia acreditar nas palavras de seu pai.

- De qualquer modo - disse Serena, enquanto inclinava a cabeça, - deixei que Barba Azul me capturasse e matasse a minha tripulação. Sou a única culpado de me expor ao perigo em Giedi Prime, sem saber que estava grávida de Xavier. Tampouco deveria ter desafiado Erasmo. - Estremeceu. - Subestimei sua capacidade de crueldade. Não sei se Xavier poderá me perdoar algum dia. Nosso filho morreu.

Iblis tentou consolá-la.

- Vorian Atreides e eu contaremos à Liga de Nobres como as máquinas tratam seus escravos. Ninguém poderá culpá-la.

- Eu sim - replicou ela. - É inútil negar.

Vor queria ajudá-la, mas não sabia muito bem o que dizer ou fazer. Quando tocou seu braço com suavidade, a jovem virou a cabeça. Afinal, Vor não era o homem que ela desejava ter a seu lado neste momento.

Invejava o misterioso Xavier Harkonnen e queria conquistar um lugar no coração de Serena. Tinha abandonado seu pai, dado as costas a tudo que tinha conhecido nos Planetas Sincronizados, traído os titãs e a *Omnius*. Mesmo assim, não tinha direito a pedir nenhuma recompensa que se traduzisse em sentimentos.

- Se seu Xavier é o homem que você acredita, ele a receberá com compaixão e perdão.

- Sim - disse Serena, ao ver a expressão do Vor, - ele é capaz disso, mas eu sou a pessoa que ele acreditava ser?

Sim, e mais, pensou Vor, mas não disse em voz alta.

- Logo estará em casa - disse, e viu que o rosto de Serena se iluminou. - Estou certo de que tudo correrá bem, assim que você se encontre com ele. E se alguma vez precisar falar com alguém, eu...

Calou-se, e se produziu um incômodo silêncio.

Quando a nave se aproximou de Salusa Secundus, o planeta que simbolizava à humanidade livre, Vor contemplou os continentes verdes, os mares azuis, as tênues nuvens da atmosfera... Suas dúvidas se desvaneceram, e apesar da dor de seu coração, sentiu-se mais esperançoso. Parecia um paraíso.

Iblis Ginjo olhou por uma janela. Tinha a impressão que as idéias se amontoavam em sua mente, mas se levantou de repente, alarmado.

- Há um comitê de recepção nos esperando! Naves de combate ligeiras!

- A linha defensiva deve ter nos detectado quando entramos no sistema - disse Serena. - São *kindjals* com base terrestre em Zimia.

Enquanto os caça da Armada rodeavam o *Dream Voyager*, bombardearam à nave com ameaças e instruções.

- Nave inimiga, renda-se e se prepare para ser abordada.

Várias explosões de advertência roçaram sua proa.

Vor não fez o menor gesto ameaçador, quando se recordou que naves similares haviam danificado o *Dream Voyager* em Giedi Prime.

- Somos humanos e escapamos de *Omnius*, desejamos aterrissar em paz - transmitiu. Roubamos esta nave na Terra.

- Conte outra - replicou um piloto. Vor percebeu que ele tinha utilizado o mesmo estratagema. - O que nos impede de transformá-los em uma nuvem de pó?

Os *kindjals* se aproximaram mais e apontaram suas armas.

- Talvez lhes interesse saber que Serena Butler, a filha do vice-rei da liga, viaja a bordo. - Vor sorriu sem humor. - Seu pai não gostaria de

descobrir que a transformaram em uma nuvem de pó. Nem tampouco Xavier Harkonnen, tendo em conta o muito que sofreu sua prometida para voltar para ele.

Serena tomou os controles de comunicação com determinação.

- Está correto. Sou Serena Butler. Como esta é uma nave robô, desativem os escudos de decodificação para que possamos passar, e depois nos escoltem até a Zimia. Avisem o vice-rei e ao terceiro Harkonnen que nos recebam no espaçoporto.

O longo silêncio que se seguiu informou a Vor que um furioso debate devia estar acontecendo entre as linhas privadas.

- O segundo Harkonnen saiu em patrulha e não voltará antes de dois dias - disse por fim o comandante do esquadrão. - O vice-rei Butler já está a caminho com uma guarda de honra. Sigam-me, e não tentem se desviar.

Vor obedeceu, e logo respirou fundo. Agora, tinha que voar sem a ajuda dos computadores. Os sistemas automáticos da nave sempre o ajudavam em caso de emergência.

- Serena, Iblis, coloquem os cintos de segurança.

- Algum problema? - perguntou Iblis, ao perceber a inquietação de Vor.

- Nunca fiz isso sozinho.

O *Dream Voyager* estremeceu violentamente ao atravessar uma capa de nuvens finas e saiu a céu aberto. Os *kindjals* o seguiam muito de perto. A luz do sol se filtrou pelas vigias do teto, e projetou sombras distorcidas sobre as coberturas e amparos.

Vor conduziu o *Dream Voyager* para a zona designada do abarrotado espaçoporto. Apesar da dificuldade da manobra, pousou-se com absoluta perfeição. Seurat teria sentido orgulho dele.

Iblis Ginjo, emocionado, ficou em pé de um salto quando os motores emudeceram.

- Por fim! Salusa Secundus. - Olhou para Vor. - Por resgatar à filha do vice-rei, nos darão as boas-vindas com tapetes vermelhos e flores.

Quando abriu a escotilha e respirou o ar salusano pela primeira vez, Vor Atreides tentou identificar a diferença, perguntou-se se poderia perceber um tênue aroma de liberdade.

- Ainda não espere tapetes ou similares - disse.

Viu que um esquadrão militar se aproximava da nave com as armas prontas. Os soldados, vestidos com os uniformize ouro e prata da liga, formaram filas perto da rampa.

Atrás deles vinham duas mulheres de aspecto intimidante, de cabelo branco, pele pálida e comprido hábito negro.

Serena se ergueu entre os dois antigos servidores das máquinas pensantes, cujos braços enlaçava com ar protetor. Os três saíram para o sol brilhante.

Os soldados da tropa, com as armas dispostas, abriram caminho às mulheres. A feiticeira olhou para os recém chegados com olhos tão intensos e aterradores que Vorian se recordou dos titãs.

- São espiões de *Omnius*? - perguntou a mulher, ao mesmo tempo em que se aproximava ainda mais.

Serena reconheceu à feiticeira de Rossak, mas estava consciente de que devia ter mudado muito durante seu ano e meio de cativeiro.

- Zufa Cenva, fomos companheiras. - Quase custava-lhe falar. - Voltei para casa. Não me reconhece?

A feiticeira olhou para ela com ceticismo, e depois uma expressão de estupefação se desenhou em seu rosto de alabastro.

- Na verdade é você, Serena Butler! Pensávamos que tinha morrido em Giedi Prime, junto com Ort Wibsen e Pinquer Jibb. Analisamos o DNA das amostras de sangue encontradas nos restos de seu couraçado.

Zufa examinava a jovem sem fazer caso dos dois homens. Serena se esforçou com valentia em deixar de lado sua tristeza.

- Wibsen e Jibb morreram lutando contra os *cimeks*. Eu fui ferida... e capturada.

Vor, comovido, falou por ela.

- Foi retida na Terra como prisioneira de um robô chamado Erasmo.

A expressão elétrica da feiticeira se concentrou nele.

- E você quem é?

Vor sabia que não podia mentir.

- Sou o filho do titã Agamenon. - Os soldados da tropa se remexeram inquietos. As duas feiticeiras reagiram com alarme e renovado nervosismo. - Utilizei minha influência para burlar as defesas de *Omnius* da Terra.

Iblis Ginjo abriu caminho para frente, com os olhos brilhantes de entusiasmo.

- Toda a Terra se levantou em armas! Os humanos se liberaram de seus amos mecânicos. Os rebeldes acabaram com titãs e *neocimeks*, destruíndo robôs, arrasando instalações. Mas necessitamos da ajuda da liga...

De repente, a voz de Iblis se quebrou. Vorian também sentiu uma terrível pressão ao redor de sua garganta. Os olhos das feiticeiras cintilavam como se estivessem sondando as mentes dos recém chegados. A suspeita impregnava a atmosfera como se fosse umidade, certa reticência em confiar

nos dois humanos renegados e em Serena Butler, a quem *Omnius* talvez tivesse lavado o cérebro.

Um súbito alvoroço interrompeu a concentração das feiticeiras. Vor descobriu que podia respirar com facilidade outra vez. O vice-rei Manion Butler, que aparentava dez anos mais que a última vez que Serena o tinha visto, afastou os soldados e se lançou sobre ela como um touro salusano.

- Serena! Minha querida filha! Está viva!

As duas feiticeiras se afastaram, ao ver que nada podia impedir que o nobre abraçasse a sua filha.

- Minha menina, minha menina... Não posso acreditar! - Balançou Serena entre seus braços. A jovem começou a chorar sobre seu peito, contra sua vontade. - O que lhe fizeram? O que lhe fizeram?

Serena descobriu que não podia responder.

114

Os seres humanos confiam em seus semelhantes, que com freqüência os decepcionam. A vantagem das máquinas consiste em que são confiáveis e necessitam de astúcia Isso também pode transformar-se em uma desvantagem.

ERASMO,
Reflexões sobre os seres biológicos sensíveis

O pai de Serena a levou quanto antes do espaçoporto com uma multidão de atentos criados.

- O melhor lugar em que pode estar agora é a Cidade da Introspecção, com sua mãe. Ali poderá descansar e curar seus feridas, em paz e tranqüilidade.

- Nunca voltarei a ter paz - disse a jovem, esforçando-se por controlar o tremor de sua voz. - Onde está Xavier? Tenho que...

Manion, com aspecto preocupado, afagou seu ombro.

- Se encontra inspecionando as defesas periféricas, e dei ordem de que retorne. Neste momento voa de volta para casa, e deve chegar amanhã à primeira hora.

A jovem engoliu em seco.

- Preciso vê-lo assim que voltar. Na nave... nosso filho... há tantas coisas que...

Manion assentiu, e pareceu não ouvir a referência a "seu" filho.

- Não se preocupe com isso agora. Muitas coisas mudaram, mas está de novo em casa, sã e salva. Isso é só o que importa. Sua mãe está esperando, e você descansará com ela. Todo o resto pode esperar até amanhã.

Serena viu que oficiais da tropa levavam Iblis Ginjo e Vorian Atreides. Pensou que deveria acompanhá-los e apresentar o novo mundo aos antigos servidores de *Omnius*.

- Não seja duro com eles - disse Serena, quando recordou o ceticismo das feiticeiras. - Nunca conheceram humanos livres. Ambos possuem informação interessante.

Manion Butler assentiu.

- Só vão ser interrogados. A liga poderá obter grande quantidade de informação graças a eles.

- Eu também posso colaborar - disse Serena. - Vi muitas coisas terríveis durante meu cativeiro na Terra. Talvez esta noite possa voltar e...

O vice-rei a sossegou.

- Tudo a seu tempo, Serena. Estou certo de que nossas perguntas acabarão com sua paciência, mas hoje você não tem que salvar o mundo. – Sorriu para ela. - A mesma Serena de sempre.

Subiram em um veículo terrestre de alta velocidade que os depositou depois de uma hora no retiro dos subúrbios de Zimia. Apesar das suas ânsias de voltar a ver seu planeta natal, tudo era-lhe muito impreciso, e se fixou em pequenos detalhes.

Livia Butler os recebeu às portas do tranqüilo complexo, vestida com seu singelo hábito de abadessa. Saudou com uma sacudida de cabeça seu marido, com lágrimas nos olhos, deu boas-vindas a Serena à Cidade da Introspecção e a guiou através de uma zona ajardinada até uma acolhedora e bem mobiliada habitação, de cores apagadas e camas acolchoadas. Apertou Serena contra seu peito como se fosse uma menina pequena. Os grandes olhos da Livia se encheram de lágrimas.

Agora que Serena estava com seus pais, sã e salva, liberou-se do peso opressivo do cansaço e medo, e se sentiu mais capaz de fazer o que era necessário. Com voz débil e tremente falou do doce Manion, que tinha sido assassinado por Erasmo... o que tinha aceso a chama da rebelião na Terra.

- Preciso ver Xavier, por favor. - Seu rosto se iluminou. - E Octa? Onde está minha irmã?

Livia olhou para seu marido, e as palavras morreram em sua garganta.

- Logo, querida - disse por fim. - Agora você precisa descansar e recuperar forças. Já está em casa. Tem todo o tempo do mundo.

Serena quis protestar, porém o sono a venceu.

Quando Xavier voltou da patrulha às fronteiras do sistema salusano, a notícia já o tinha alcançado através de uma dúzia de mensagens de alegria e pena, cada uma martelava a dor mesclada de felicidade, confusão e desespero, ele tinha vontade de explodir.

Como tinha viajado sozinho em seu *kindjal*, Xavier teve tempo de refletir sobre o que tinha averiguado. Quando sua nave chegou ao espaçoporto de Zimia a uma hora avançada, sentiu-se incrivelmente sozinho. Desembarcou na pista de aterrissagem, iluminada por focos. Passava da meia-noite.

Como era possível que Serena estivesse viva? Tinha visto os restos de seu couraçado nos mares cinzas de Giedi Prime. As manchas de sangue

coincidiam com seu DNA. Nem em seus sonhos mais delirantes tinha imaginado que Serena vivesse ainda. Viva! E grávida dele.

E agora, Serena tinha escapado. Tinha voltado para casa. Mas seu filho, o filho de ambos, tinha sido assassinado pelas monstruosas máquinas.

Quando Xavier desceu do *kindjal*, logo que percebeu o aroma de ozônio e oxidação que desprendia o casco por causa da rápida descida através dos escudos decodificadores Holtzman. Viu um homem que o esperava na pista de aterrissagem, parecia taciturno, as feições gastas sob as luzes do espaçoporto, mas Xavier reconheceu Manion Butler, vice-rei da Liga de Nobres.

- Me alegro muito de que... tenha podido...

Manion Butler foi incapaz de terminar a frase. Avançou e abraçou seu genro, o jovem oficial que não havia se casado com Serena, e sim com Octa.

- Serena está descansando na Cidade da Introspecção - disse Manion. - Não sabe... de Octa e você. É uma situação delicada, de todos os ângulos.

O vice-rei parecia à beira da morte. Estava muito contente pela volta de sua filha, mas tinha o coração partido ao saber o que tinha sofrido, o que as máquinas haviam feito a seu filho...

- Serena precisa saber a verdade - disse Xavier. - Amanhã a verei. Deixemos que durma bem esta noite. - Os dois homens, emprestando-se mútuo apoio, afastaram-se do *kindjal*. O vice-rei guiou Xavier até uma nave que uma equipe de manutenção estava inspecionando com a ajuda de potentes focos. A nave negra e chapeada era de uma forma que Xavier só havia visto em uma ocasião, uma nave de atualização como a que havia encontrado em Giedi Prime, quando o traidor piloto humano tinha evitado as tentativas de Xavier em lhe capturar.

- Serena encontrou aliados entre os humanos da Terra - explicou Manion. - Dois homens educados pelas máquinas. Convenceu-os de que fugissem com ela.

Xavier franziu o cenho.

- Está seguro de que não são espiões?

Manion encolheu de ombros.

- Serena confia neles.

- Isso me basta.

Entraram no *Dream Voyager*, e Xavier sentiu uma opressão no peito. Sabia onde o conduzia Manion. Reparou em estranhas configurações dentro da nave de atualização, as curvas suaves, as linhas metálicas que denotavam eficácia e propunham uma beleza inconsciente.

- Não mexemos no menino - disse Manion. - Disse-lhes que o esperassem.

- Não sei se deveria agradecer.

Quando o vice-rei abriu um compartimento fechado e um magro jorro de vapor frio se elevou no ar, Xavier superou sua reticência e se inclinou para frente.

O corpo do menino estava envolto em um sudário escuro e compacto que ocultava os detalhes específicos, e só revelava a pequena forma do que tinha sido um menino cheio de vida. Xavier tocou o pacote com suavidade, como se não quisesse perturbar o sonho de seu filho.

Manion respirava com dificuldade a suas costas.

- Serena disse... disse que pôs meu nome no menino.

Quando sua voz se quebrou, Xavier levantou os restos do menino que nunca tinha conhecido, cuja existência desconhecia até que fosse muito tarde. O menino parecia absurdamente leve.

Xavier descobriu que não tinha nada a dizer, mas quando tirou seu filho ao ar noturno de Salusa Secundus, para levá-lo para casa pela primeira e última vez, chorou sem dissimulações.

115

As máquinas podem ser previsíveis, mas também dignas de confiança. Ao contrário, os humanos trocam de lealdades e crenças com notável e inquietante facilidade.

ERASMO,
Diálogos de Erasmo

Vorian Atreides estava sentado à mesa larga e polida de uma sala de interrogatórios, disposto a enfrentar uma multidão de líderes políticos, todos os quais possuíam suspeitas e perguntas. Confiava em ter respostas para todos.

Iblis Ginjo ia ser interrogado em separado. A liga já havia enviado sua nave exploradora mais veloz à Terra para verificar sua história e conhecer o estado atual da revolta.

O aspecto da capital tinha assombrado Vor. Os edifícios de Zimia careciam da majestade revoltante da Terra, e as ruas pareciam... desorganizadas. Mas as pessoas que via, as cores, as roupas, a expressão dos rostos... Era como se tivesse despertado de um sonho. Vor decidiu colaborar com os humanos livres o máximo possível. Se eles permitissem.

Para uma sessão de interrogatórios como esta, Agamenon teria utilizado estimuladores de dor e aparelhos de tortura exóticos. Sem dúvida, a liga considerava que tinha uma oportunidade rara de obter informação fidedigna sobre *Omnius*. Sentados ao redor da mesa os representantes o contemplavam com curiosidade, alguns com ódio ou ressentimento, no mínimo.

Vor sempre havia se sentido orgulhoso de sua linhagem, enganado pelas glórias teóricas de Agamenon e os titãs. Não obstante, os humanos livres tinham uma visão diferente da história. Uma visão mais exata, esperava.

Vor, incomodado entre tanta gente nervosa, sentia-se abandonado, sentia falta de Serena, confiava que estivesse bem. Reunira-se já com Xavier? Quereria ver Vor de novo?

Antes que o murmúrio de conversas se apagasse, Vor falou, escolhendo suas palavras com a máxima cautela.

- Não pedirei desculpas por minha conduta. Minha colaboração com as máquinas causou prejuízos e dor às pessoas governada pela Liga de Nobres. - Passeou a vista pela sala, e sustentou o olhar de cada espectador intrigado. -

Sim, trabalhei como homem de confiança em uma nave de atualizações, entregando cópias de *Omnius* aos Planetas Sincronizados. Fui educado pelas máquinas pensantes, ensinaram-me sua versão da história. E reverencio meu pai, o general Agamenon. Acreditava que era um grande *cimek*.

Uma onda de murmúrios se elevou na sala.

- Não obstante, Serena Butler me abriu os olhos. Desafiou-me a questionar o aprendido, e compreendi que tinham me enganado.

Custava-lhe verbalizar seu oferecimento. Era doloroso abandonar definitivamente seu passado.

Assim seja. Respirou fundo e continuou.

- Desejo com todas minhas forças utilizar meus conhecimentos e habilidades, assim como minhas informações sobre o funcionamento das máquinas pensantes, para ajudar meus irmãos humanos, que se rebelaram contra *Omnius* na Terra.

Os representantes falaram entre murmúrios, quando começaram a perceber o significado de suas palavras.

- Desconfio de qualquer homem capaz de trair seu pai - disse um dos representantes. - Como saberemos que não vai nos entregar informação falsa?

Vor franziu o cenho. Para sua surpresa, a formosa Zufa Cenva falou em seu favor.

- Está dizendo a verdade. - Seus olhos escuros o atravessaram, e não pôde sustentar seu olhar mais de um momento. - Se ousasse mentir, eu saberia.

Um dos interrogadores examinou suas notas.

- E agora, Vorian Atreides, queremos fazer muitas perguntas.

116

Existe maior alegria que voltar para casa? Há lembranças mais vívidas, esperanças mais radiantes?

SERENA BUTLER

Quando Serena despertou com as primeiras luzes da alvorada, encontrou-se sozinha em uma cama branda, rodeada de sons, cores e aromas tranqüilizadores. Depois da morte de Fredo, havia visitado sua mãe muitas vezes na Cidade da Introspecção, e desfrutado da atmosfera contemplativa, mas depois de um tempo se cansou de tanta meditação e reflexão, e preferiu fazer algo mais ativo.

Vestiu-se depressa, enquanto a luz aumentava de intensidade. Xavier já haveria retornado a Salusa. O breve sono lhe tinha feito bem, mas notava uma terrível opressão no peito, e sabia que não se livraria dela até que anunciasse a Xavier a terrível noticia sobre seu filho. Apesar de seu coração e alma feridas, nunca havia negado de suas responsabilidades.

Antes que a Casa da Introspecção despertasse por completo, Serena saiu para os edifícios anexos e encontrou um pequeno veículo terrestre. Não queria incomodar sua mãe.

Elevou o queixo com determinação, decidida a não permitir que transcorresse mais tempo.

Subiu ao veículo e pôs em marcha os motores. Sabia onde tinha que ir. Serena passou entre as portas abertas e tomou a estrada que conduzia à propriedade de Tantor, onde Xavier havia estabelecido seu lar. Esperava encontrá-lo ali...

Emil Tantor abriu a pesada porta de madeira e a olhou com estupor.

- Nos alegramos muito quando soubemos de sua volta. - Seus olhos castanhos eram tão afetuosos e bondosos como recordava.

Sabujos cinza ladraram dentro do vestíbulo e correram a dar voltas ao redor de Serena, como se lhe dessem as boas-vindas. Face à tristeza de seu coração, sorriu. Um menino de olhos totalmente abertos saiu para vê-la.

- Vergyl! Quanto você cresceu!

Sentiu uma onda de tristeza ao pensar em quanto tempo tinha ficado ausente. Antes que o menino pudesse responder, Emil lhe indicou que a

acompanhasse com um gesto.

- Vergyl, por favor, leve os cães para que esta pobre mulher tenha um pouco de tranqüilidade depois do que padeceu. – Dedicou-lhe um sorriso de compaixão. - Não esperava que viesse. Gostaria de tomar uma xícara de chá comigo? Lucille sempre o prepara bem forte.

A jovem vacilou.

- Na verdade, preciso ver Xavier. Ele já retornou? Tenho que... - A expressão surpreendida do homem a emudeceu.

- O que aconteceu? Ele está bem?

- Sim, sim, Xavier está bem, mas... não está aqui. Foi diretamente para a propriedade de seu pai.

Parecia que Emil Tantor queria dizer-lhe algo mais, porém em vez disso, se calou.

Preocupada com sua reação, Serena agradeceu e correu para seu carro. O ancião ficou imóvel na porta.

- Eu o verei ali.

- Xavier teria que despachar assuntos com seu pai. Talvez estejam planejando ajudar aos rebeldes da Terra.

Dirigiu-se para a mansão situada no alto de uma colina, rodeada de olivas e vinhedos. Seu coração pulsou acelerado quando se deteve ante a entrada principal. Minha casa. E Xavier está aqui.

Tinha estacionado perto da fonte, e correu sem fôlego para a porta. Ardiam-lhe os olhos, suas pernas tremiam. Ouviu o sangue que pulsava em seus ouvidos. Mais que nada no mundo, desejava voltar a ver seu amante.

Xavier abriu a porta antes que ela chegasse. A princípio, seu rosto lhe pareceu muito com um amanhecer. Parecia mais velho, mais forte, mais arrumado do que lembrava em suas fantasias. Teve vontade de desaparecer.

- Serena! - exclamou ele, sorriu e tomou-a em seus braços. Ao fim de um momento, afastou-a com brusquidão. - Sabia que estava na Cidade da Introspecção, mas ignorava que já estava recuperada. Regressei em plena noite, e...

Ele parecia não encontrar as palavras.

- Oh, Xavier! Eu queria estar com você. Tenho tantas coisas para dizer...

Imediatamente, a magnitude do que devia contar pareceu render seus ombros. Perdeu a voz.

Xavier acariciou sua bochecha.

- Já soube sobre a terrível notícia, Serena. Sei de... nosso filho.

Olhou-a com tristeza e dor, mas também com firmeza.

Quando entraram no vestíbulo, Xavier se manteve a uma prudente distância, como se Serena fosse um adversário mais temível que todas as forças inimigas.

- Já se passou muito tempo, Serena, e todo mundo pensava que você tinha morrido. Encontramos os restos de sua nave, analisamos as amostras de sangue, confirmamos seu DNA.

Ela segurou sua mão.

- Mas sobrevivi, meu amor! Pensava em você dia e noite. - Seus olhos esquadrinharam o rosto de Xavier em busca de respostas. - Suas lembranças me sustentavam.

- Eu me casei, Serena - disse por fim Xavier, e suas palavras caíram como bombas.

Serena teve a sensação de que seu coração parava de pulsar. Retrocedeu um passo e tropeçou com uma mesinha, que derrubou com seu vaso de rosas vermelhas, como sangue sobre o chão de ladrilhos.

Ouviu passos apressados procedentes da sala de estar principal. Apareceu a figura esbelta de uma jovem, de cabelo comprido e grandes olhos, que corria para ela.

- Serena! Oh, Serena!

Octa carregava um vulto nos braços, apertado contra seu peito, mas mesmo assim conseguiu dar em sua irmã um forte abraço. Octa, louca de alegria, ficou junto seu marido e sua irmã, mas quando passou a vista entre um e outro, sua expressão de felicidade deu passo a outra de embaraço e mal-estar.

O vulto se agitou nos braços de Octa, e emitiu um leve som.

- É nossa filha, Roella - disse, quase como uma desculpa, e afastou o tecido para que Serena pudesse ver o rosto da menina.

Uma imagem se formou na mente de Serena: seu filho aterrorizado, tão só, segundos antes que Erasmo o deixasse cair do balcão. A menina que Octa sustentava se parecia muito com o pequeno Manion, que também tinha sido filho de Xavier.

Serena, sem acreditar no que acontecia, cambaleou para a porta, enquanto todo seu mundo ruía a redor. Virou-se e saiu correndo como um cervo ferido.

117

A Jihad Butleriana se iniciou por culpa de uma estupidez.
Um menino foi assassinado. Desolada, a mãe atacou a máquina não humana que tinha provocado a absurda morte. Aos poucos, as massas se entregaram à violência mais desenfreada, que ficou conhecida como Jihad.

PRIMEIRO FAYKAN BUTLER,
Memórias da Jihad

A Terra continuou a ser a chama da rebelião, Ainda sem a presença do carismático Iblis Ginjo. No coração da luta, o subordinado do pensador, Aquim, tentava conservar viva a resistência e organizar o mal planejado combate contra a vingança cada vez mais violenta de *Omnius*.

Aquim sempre tinha sido um homem entregue à contemplação, que meditava sobre as esotéricas revelações de Eklo nas altas torres do monastério. Tinha esquecido a maneira de confrontar o sangue e a destruição. Embora tivesse uma rede de contatos graças a sua relação com o Eklo, poucos eram homens de armas, a maioria eram pensadores divididos entre tantas opções que não podiam reagir com rapidez. A situação os estava transbordando.

As massas governavam com pouca liderança.

Os rebeldes, surpreendidos e superados pela descoberta que se haviam liberado depois de séculos de opressão, careciam de objetivo. Só os movia uma sede de vingança desmesurada. Uma vez quebradas suas cadeias, não podiam voltar atrás. Nem sequer Iblis fizera planos de longo prazo. Numerosos incêndios arrasavam a cidade. Fábricas e edifícios de manutenção eram objeto de sabotagens para limitar a capacidade de fabricação e autodefesa de *Omnius*. Saques e atos vandalismo se repetiam em todos os continentes, dos centros industriais às populações humanas.

A supermente concedeu liberdade de ação a seus *cimeks*, ativou seu exército de guerreiros robô. Todo o planeta se transformou em um campo de batalha... e pouco depois, em um cemitério. As máquinas pensantes não estavam programadas para perdoar.

Sem travas de novo, Agamenon e seus *cimeks* arrasaram sem piedade populações inteiras. Por primeira vez desde que os titãs tinham sido derrotados

pela supermente, os diversos soldados de *Omnius* estavam unidos por um desejo voraz de vingança. Os *cimeks* lançavam gases venenosos, jorros de ácido e línguas de fogo líquido.

Esquadrões de extermínio se transladaram de edifícios estripados a refúgios e aldeias miseráveis. Queimaram colheitas, destruíram centros de distribuição de mantimentos. Até os sobreviventes da matança morreriam de fome ao fim de poucos meses.

Dez mil escravos pagaram com sangue por cada robô ou *cimek* destruído. Nenhum humano poderia escapar com vida.

Nas montanhas, a torre do pensador tremia como um ser vivo. desprenderam-se pedaços de pedra. No nível superior, onde o cérebro de Eklo descansava dentro de seu contêiner, as janelas exteriores viraram do amarelo à laranja.

Um inquieto Aquim afundou seus dedos no eletrolíquido, para conectar seus pensamentos com os do pensador.

- Entreguei sua mensagem, Eklo. A titã Juno virá. Deseja falar contigo.

Com a intenção de pôr fim ao derramamento de sangue, Eklo tinha pedido para ver os titãs, com a esperança de raciocinar com eles. Muito tempo antes, o pensador tinha ajudado sem querer a Juno e seus companheiros na derrocada do Império Antigo, e o cérebro imaterial de Eklo tinha inspirado nos titãs a idéia de converterem-se em *cimeks*.

Naqueles dias, era um humano espiritual chamado Arn Eklo, filósofo e orador que tinha se entregado aos prazeres da carne. Envergonhado e desassossego, tinha conhecido Kwyna e seus peritos em metafísica, que desejavam eliminar todas as distrações com o fim de desenvolver seus poderes mentais. A forma física de Eklo, os desejos caprichosos de seu corpo, tinham perdido toda importância para ele, em comparação com a tarefa de desentranhar os mistérios do universo.

Sua forma de construir as frases mudou desde aquele momento, de modo que muita gente não o entendia. Seus seguidores começaram a lhe abandonar, e os investidores econômicos de sua congregação, ao ver a drástica diminuição de ganhos, questionaram-lhe. Eles tampouco o entendiam.

Um dia, Arn Eklo desapareceu sem razão. Como grupo, ele e outros pensadores tinham a intenção de embarcar em uma épica viagem às profundidades mais recônditas do reino espiritual. Muito além dos limites da carne.

Desde que se tinha submetido à incrível cirurgia, sua mente tinha vivido mais de dois mil anos separada das debilidades e limitações do corpo

humano. Por fim, Kwyna, outros pensadores e ele tinham todo o tempo do mundo. Era o maior dom que teriam podido receber.

Tempo.

Aquim interrompeu seus pensamentos.

- Juno chegou.

Com o contêiner apoiado sobre um saliente da torre, Eklo viu que uma enorme forma de combate subia com facilidade pelo íngreme caminho.

- Transmite a Juno esta mensagem - disse Eklo a Aquim. Numerosos subordinados corriam freneticamente para a escada que subia ao alto da torre. – Diga-lhe que nada é impossível. Diga-lhe que o amor é o que diferencia os humanos dos outros seres vivos, não o ódio. Nem a violência...

As janelas se tingiram de roxo, e poderosas explosões sacudiram a torre. Juno elevou os canhões de suas extremidades dianteiras e lançou uma chuva de projéteis, que golpearam a estrutura reforçada do monastério até que a torre caiu.

O teto veio abaixo, e Aquim se precipitou para frente com a intenção de proteger o contêiner e o brilhante cérebro do ancião pensador. Mas a avalanche levou tudo pela frente...

Depois que a torre se transformou em um montão de pó, Juno utilizou seus braços mecânicos para procurar entre os escombros, afastando pedras e vigas. Avançou sobre os restos, desprezou os corpos destroçados dos subordinados até encontrar o contêiner. O monge Aquim, já falecido, e o contêiner curvo de *plexiplaz* tinham impedido que o cérebro do pensador ficasse pulverizado, mas o contêiner estava quebrado. O eletrolíquido azulado derramava pouco a pouco entre o entulho.

Juno jogou para um lado o cadáver de Aquim como se fosse um boneco. Depois, estendeu uma mão de metal líquido e introduziu dedos largos e afiados no contêiner rachado para recuperar a massa cinza do pensador Eklo. Percebeu leves brilhos de energia procedentes do cérebro tremente.

Decidiu enviá-lo a outra viagem, ainda mais longe do reino da carne. Sua mão se fechou e transformou a matéria cinza esponjosa em polpa esmagada.

- Nada é impossível - disse, para depois dar meia volta e retornar à cidade e a sua importante tarefa.

Sem a menor emoção (somente o desejo de solucionar um problema), *Omnius* decretou a aniquilação total da vida humana na Terra.

Suas forças robóticas agiram sem trégua, e se dedicaram a sua sangrenta tarefa com poucos impedimentos. O sangue derramado por Ajax em

Walgis não tinha sido mais que um breve prelúdio.

Depois que a supermente decidiu que os humanos não lhe serviam de nada neste planeta, chegou a conclusões similares para os demais Planetas Sincronizados. Apesar do fato de que, em um princípio, os humanos tinham criado às máquinas pensantes, os indisciplinados seres biológicos sempre tinham causado problemas demais. Por fim dava a razão a Agamenon, que passara séculos exigindo uma solução final. *Omnius* extinguiria a espécie humana.

Os quatro titãs sobreviventes, com a ajuda de *neocimeks* e soldados robô modificados, dedicaram meses perseguindo e exterminando à população do planeta. Nem uma pessoa sobreviveu na Terra.

O derramamento de sangue foi inenarrável, e foi gravado quase em sua totalidade pelos olhos espiões da supermente.

118

Defenda seu irmão, tanto se for justo como se não.

Dito zensunni

Apesar do imenso ódio que sentia pelo *naib* Dhartha, Selim tinha curiosidade por saber como vivia a gente de sua antiga aldeia. Se perguntou se já o teriam apagado de sua memória. Às vezes, recordava seus atos e se enfurecia, mas depois sorria. Budalá tinha preservado a vida de Selim, tinha-lhe concedido uma visão misteriosa e um sagrado propósito.

Gerações anteriores de *zensunni* tinham adaptado sua vida ao deserto. Em um ambiente tão hostil havia pouco espaço para mudança ou flexibilidade, de modo que a existência cotidiana dos nômades não mudava muito de ano em ano.

Entretanto, enquanto Selim observava seus antigos camaradas, reparou que o *naib* Dhartha tinha encontrado uma nova prioridade em sua vida. O rígido líder tinha forjado um plano estranho que exigia a presença de grandes equipes de operários no deserto. Já não varriam as dunas em busca de sucata ou aparelhos abandonados. Agora, os *zensunni* entravam na areia com um único propósito: recolher especiaria!

Igual a sua visão! O pesadelo começou a fazer sentido: misteriosos forasteiros levavam a especiaria, o que provocaria uma tormenta que acabaria com a serenidade do grande deserto. Selim olhou e compreendeu... e depois decidiu o que devia fazer.

Os aldeões entravam entre as dunas com cautela, efetuavam velozes incursões nas manchas avermelhadas de *melange*, salpicadas de ocasionais explosões de especiaria. Afundaram estacas metálicas na areia, e erigiram tendas com toldos para proteger-se da areia levantada pelo vento e o ardente sol. Colocaram um vigia para que avisasse no caso de que se aproximasse algum verme.

Depois, começaram a recolher a especiaria, em grandes quantidades, mais do que a necessária para o consumo da tribo. Se a visão de Selim estivesse certa, o *naib* Dhartha estava transportando a *melange* para Arrakis City para sua exportação a outros planetas.

Em sua visão, as comportas se abriam, e a areia se derramava como uma onda que afogava os *zensunni* e levava os restos dos vermes de areia. *Shai-Hulud!*

O ambicioso *naib* Dhartha não compreendia as conseqüências de seus atos para seu povo, para todo o planeta.

Selim se aproximou com sigilo para observá-los com um visor de alta intensidade que havia tirado da estação botânica. Forçou a vista, reconheceu gente com a qual tinha crescido, aldeões que lhe tinham brindado sua amizade, para logo depois rechaçá-lo.

Selim não viu Ebrahim entre eles. Talvez tivesse sido encarcerado por seus delitos, agora que já não podia lançar a culpa em Selim... *Shai-Hulud* faria justiça, de uma maneira ou outra.

O malvado *naib* gritava ordens a sua gente. Os trabalhadores carregavam as quantidades que recolhiam. Dhartha devia ter encontrado um cliente.

À principio, Selim se sentiu fascinado, e depois furioso. Por fim, decidiu obedecer seu visão, ao mesmo tempo em que se vingava.

Chamou o *Shai-Hulud* com seu martelo sônico. A besta que atendeu era relativamente pequena, mas para Selim não importava. Os animais menores também eram mais manejáveis.

Selim montou sobre a cabeça encurvada do monstro, para que todos o vissem. Açulou o verme com a lança para que corresse a maior velocidade, e atravessou o oceano de areia com um vaio constante.

Os *zensunni* tinham sido muito precavidos na hora de montar o acampamento, para que os vermes não reparassem neles. Ao anoitecer, os homens saiam de seus refúgios provisórios, onde tinham se protegido do calor do dia, e partiam para recolher especiaria.

Enquanto recordava sua visão e respondia à chamada, que agora considerava muito clara, Selim guiou o verme para o acampamento.

Os *zensunni* sempre estavam em estado de alerta. Os vigias deram o alarme assim que viram o verme se aproximar, mas não puderam fazer nada. O *naib* Dhartha ordenou com sua voz profunda aos trabalhadores que se dispersassem e se pusessem a salvo. Correram sobre as dunas, abandonando suas tendas e os contêineres de especiaria amontoados.

Selim controlava o rumo do *Shai-Hulud* com bastões e lanças. O verme se retorcia, frustrado por estar montado, com vontades de atacar algo. Selim teve que aguilhoar sua carne exposta para impedir que devorasse todos os aldeões.

Não queria matar nenhum... embora tivesse sido agradável ver o *naib* Dhartha devorado por um monstro. Isto era mais que suficiente. Selim cumpriria os desejos de Budalá, e frustraria os planos do *naib* de exportar enormes quantidades de especiaria.

Os aldeões se dispersaram com passo sigiloso, para que o verme não captasse o ritmo de seus passos. O monstro atacou o acampamento, levantando uma nuvem de areia. As tendas desapareceram ou foram engolidas em um abrir e fechar de olhos.

Depois, o verme voltou sua cabeça redonda e se aproximou para devorar a *melange* compilada. Destroçou os contêineres, tragou pacotes inteiros, destruiu todos os sinais do trabalho realizado.

De longe, os aterrorizados aldeões, talvez incluindo o próprio *naib* Dhartha, olhavam das dunas, dispostos a sair correndo, mas hipnotizados pelo espetáculo. Selim, vestido com um manto branco, cavalgava o lombo do verme. Tinham que distinguir forçosamente a silhueta humana erguida sobre o demônio do deserto.

Selim riu com tanta força que esteve a ponto de perder o equilíbrio, e elevou as mãos em um gesto de desafio. Tinha completado a vontade de Budalá. A especiaria estava a salvo, por enquanto.

Depois, açulou ao verme em outra direção, longe dos *zensunni* e os restos de seu acampamento.

De volta, Selim deixou dois *litrojons* de água entre os restos do acampamento. Já os substituiria em sua estação botânica, e bastariam para que os *zensunni* sobrevivessem. Poderiam voltar a sua cidade das cavernas, se caminhassem de noite e conservassem a umidade.

Como se fosse uma profecia, encontrou um saco de *melange* intacto. Aceitou-o como um presente do *Shai-Hulud*.

Havia mais especiaria do que tinha transportado de uma só vez, mas não a consumiria, nem a venderia. Escreveria uma mensagem com o pó avermelhado sobre a areia.

Quando retornou à estação, fez planos durante dois dias, e depois voltou a partir.

Selim viajou no lombo de um verme toda a noite, em direção ao povoado do *naib* Dhartha. Dormiu todo o dia seguinte à sombra de uma escarpa rochosa, e depois continuou sua viagem a pé, sem se afastar das rochas. Conhecia bem estes atalhos e caminhos, pois os tinha explorado

quando era menino. Ocultou-se em um terreno baixo e esperou na escuridão, carregado com seu saco de *melange*...

Quando se fez noite e as estrelas brilharam no firmamento como milhões de olhos gelados, saiu correndo para a areia. Faria isso em grande escala, o melhor que pudesse. Correu com passos irregulares sobre a areia, derramou a *melange* formando linhas, enormes letras que pareceriam sangue seco sobre as dunas.

A velha Glyffa o tinha ensinado a ler e escrever em uma época em que se sentiu benevolente com ele, sem se importar com os outros aldeões, incluindo o pai de Ebrahim e o próprio *naib* Dhartha, que perguntava do que serviria educá-lo tão bem.

Selim tomou a precaução de terminar antes que se a segunda lua aparecesse. Demorou mais de uma hora para escrever aquelas singelas duas palavras, e no final quase não lhe sobrava especiaria. Uma vez terminada a mensagem, voltou correndo para seu refúgio. Em lugar de chamar um verme para retornar para casa, esperou o amanhecer.

À alvorada, viu dúzias de rostos boquiabertos e olhos arregalados que olhavam da entrada das covas. Contemplavam o deserto com incredulidade e se chamavam entre si. Ouviu seus gritos afogados de surpresa e não pôde reprimir um sorriso. Um pingo de *melange* em seus lábios o fez sentir melhor.

Entre os nervosos observadores, pôde distinguir a silueta do *naib* Dhartha, que olhava com olhos raivosos as duas palavras escritas pelo exilado na areia.

SOU SELIM.

Poderia ter dito mais, explicado mais, porém Selim preferia o mistério. O *naib* saberia que era ele a pessoa que tinha montado o verme, tanto na primeira vez, quando tinha demonstrado sua habilidade, como quando tinha destruído o acampamento. Budalá o tinha elegido, e agora o *naib* teria que viver atemorizado. O jovem se esmagou contra a rocha, riu para si e saboreou o sabor da *melange*.

Depois de hoje, todos saberiam que estava vivo... e o *naib* Dhartha compreenderia que tinha ganho um inimigo para toda a vida.

119

As transcendentais exigências da religião têm que estar em consonância com as exigências macrocósmicas da comunidade menor.

IBLIS GINJO,
A paisagem da humanidade

Durante as semanas posteriores a sua desventurada volta, Serena Butler tinha declinado com delicadeza a sugestão de seu pai de que recuperasse seu papel no Parlamento da liga. De momento, preferia a Cidade da Introspecção, os silenciosos e plácidos jardins. Os estudantes de filosofia eram ciumentos de sua privacidade, e a deixavam em paz.

Sua opinião sobre a guerra, a liga e a vida tinha sofrido uma mudança drástica, e necessitava de tempo para analisar seu novo papel no universo e encontrar maneiras de voltar a ser útil. Inclusive pensava que poderia ser mais valiosa que antes...

A história do cativeiro de Serena, o assassinato de seu filho e a rebelião da Terra tinha se propagado com rapidez. Por insistência de Iblis Ginjo, o corpo conservado do pequeno Manion tinha sido instalado em uma pequena tumba com paredes de *plaz* em Zimia, um memorial que simbolizava um dos bilhões de vítimas das máquinas pensantes.

Iblis, um orador incansável, tinha dormido pouco desde sua chegada à capital, e passava cada hora com delegados, descrevendo os horrores padecidos pelos humanos nas mãos dos cruéis *cimeks* e de *Omnius*, com o fim de reunir uma força numerosa de naves de guerra da liga que resgatasse os humanos da Terra. O líder rebelde queria que os salusanos o aceitassem como um herói.

Iblis, que se havia auto-proclamado porta-voz de Serena, falava com conhecimento de causa dos Planetas Sincronizados, e se referia a horripilante historia do assassinato do inocente Manion e de como Serena tinha atacado com as mãos nuas as máquinas pensantes. Graças a sua valentia, tinha acendido a chama de uma rebelião que havia paralisado o *Omnius* da Terra.

Iblis aproveitou seu talento para a oratória e convenceu muita gente de sua sinceridade.

Tinha em mente uma estratégia dirigida ao povo que incluía avivados reuniões presididas pela própria Serena. Era a pessoa perfeita para transformar-se no coração de uma rebelião em grande escala. Mas Serena continuava encerrada, ignorante do mar profundo provocado em seu nome.

Até sem ela, Iblis decidiu defender a causa da liberdade humana, embora se visse obrigado a tomar todas as decisões. Não podia permitir que tal oportunidade escapasse de suas mãos. Intuía o poder da opinião pública de Zimia, uma arma que lhe seria muito útil. Até os políticos da liga queriam ir em auxílio aos heróicos combatentes da Terra, mas tal como Serena tinha advertido, não faziam mais que se reunir em estéreis e intermináveis discussões no Parlamento.

A pedido do oficial, Iblis foi se reunir com o segundo Harkonnen. Sentiu-se coibido na lotada habitação do quartel geral da Armada. Ao que parecia, estas dependências pertenciam a uma antiga prisão militar, onde os desertores eram interrogados em outros tempos. A habitação estava rodeada de janelas retangulares, e Xavier passeava de um lado a outro. Sua silhueta ocultava a escassa luz do dia que se filtrava.

- Conte-me como você se transformou em líder das equipes de trabalhadores humanos - perguntou o oficial. - Um privilegiado como Vorian Atreides, que servia às máquinas pensantes e obtinha benefícios enquanto outros humanos sofriam.

Iblis desprezou suas acusações com um gesto, fingindo que o segundo estava brincando.

- Trabalhei com esforço para conseguir benefícios e recompensas para meus trabalhadores leais - disse com voz ressonante. - Todos saímos beneficiados.

- Alguns de nós suspeitam que seu entusiasmo é muito interessado.

Iblis sorriu e extendeu as mãos.

- Nem Vorian Atreides nem eu tentamos ocultar nosso passado. Lembre-se que, para obter informação de dentro, terá que estar dentro. Não encontrará melhores fontes de informação que nós dois. Serena Butler também possui muitos conhecimentos.

Não perdeu a calma. Iblis tinha plantado cara, e enganado, o titã Ajax, um interrogador muito mais aterrador e experto que o Harkonnen.

- A Liga cometeria uma estupidez se deixasse passar esta oportunidade - acrescentou Iblis. - Contamos com os meios de ajudar os rebeldes da Terra.

- Muito tarde. - Xavier aproximou-se mais, com expressão severa. - Você acendeu a chama da revolta, e depois abandonou seus seguidores para que fossem massacrados.

- Vim aqui para pedir ajuda à liga. Não temos muito tempo se quisermos resgatar os sobreviventes.

- Não há sobreviventes - replicou Xavier sem mover um músculo do rosto. - Não restou nenhum em todo o planeta.

Iblis, estupefato, demorou em responder.

- Como é possível? Antes que partíssemos no *Dream Voyager*, deixei no comando um homem leal e competente. Supus que ele...

- Basta, Xavier - disse alguém de um alto-falante invisível. - A culpa e o sangue são tão abundantes que bastam para manchar as mãos de todos nós. Vamos decidir o que devemos fazer a seguir, em lugar de tentar voltar contra nós um de nossos colaboradores.

- Como quiser, vice-rei - respondeu Xavier, contrariado.

As paredes da sala de interrogatórios se iluminaram e apagaram, para revelar uma sala de observação oculta, na qual havia uma dúzia de homens e mulheres sentados, à maneira de um tribunal. Iblis, aturdido, reconheceu o vice-rei Butler no centro do grupo, e Vorian Atreides a um lado, com expressão satisfeita.

O vice-rei se levantou de seu assento.

- Iblis Ginjo, somos um comitê especial do Parlamento enviado para investigar esta terrível noticia procedente da Terra.

Iblis foi incapaz de se conter.

- O extermínio de toda a população da Terra? Como é possível?

- Quando sua nave chegou aqui - disse Xavier Harkonnen com voz sombria, - a Armada enviou sua nave de exploração mais veloz. Ao fim de várias semanas, o piloto retornou com este espantoso relatório. Na Terra só existem máquinas pensantes. Todos os rebeldes morreram. Todos os escravos, todos os meninos, todos os humanos traidores. É muito provável que foram exterminados antes que o *Dream Voyager* chegasse a Salusa Secundus.

O vice-rei Butler ativou várias telas de grande tamanho embutidas nas paredes, as quais mostraram cenas horrendas, montões de cadáveres mutilados, robôs e *cimeks* que massacravam a multidões de humanos que tinham sido rodeados. Imagem atrás de imagem, com todo detalhe.

- A Terra, berço da humanidade, é agora um imenso cemitério.

- Muito tarde - murmurou Iblis, atordoado. - Toda essa gente...

A conversa se interrompeu quando ouviram gritos de "Serena! Serena!" no exterior. Iblis ficou assombrado ao ouvir o nome.

- Iblis Ginjo, não tenho palavras para expressar minha gratidão por me devolver minha filha - disse o vice-rei Butler. - Por desgraça, o homem que deixou no comando da revolta não estava à altura do desafio.

- Ninguém teria conseguido triunfar, vice-rei - disse Vorian Atreides com semblante sombrio. - Nem Iblis, nem eu. Era só questão de tempo.

- Está dizendo que é inútil lutar contra *Omnius* - replicou irritado o segundo Harkonnen, - e que qualquer revolta está condenada ao fracasso? Demonstramos que essa idéia é errônea em Giedi Prime...

- Eu também estive em Giedi Prime, segundo. Lembra-se? Você disparou contra mim e provocou graves danos em minha nave.

Os olhos castanhos de Xavier cintilaram de ira.

- Sim, lembro-me, filho de Agamenon.

- A rebelião da Terra foi um grande exemplo - seguiu Vor, - mas os protagonistas eram simples escravos, armados com pouco mais que seu ódio para com as máquinas pensantes. Não tinham a menor chance. Virou-se para os membros do comitê especial. - Mas a Armada da Liga é outra história.

- Sim - interveio Iblis com voz sonora, aproveitando a oportunidade de insistir em suas colocações, - note o que é capaz de conseguir uma turba de escravos inexperientes. Imaginem, o que poderia obter uma resposta militar coordenada. - As vozes dos manifestantes congregados no exterior aumentaram de volume. Iblis continuou. - O massacre da Terra será vingado. A morte do neto do vice-rei Butler, seu filho, segundo Harkonnen, tem que ser castigada.

Vor não podia afastar a vista de Xavier, tentava imaginar o homem valente que havia conquistado o coração de Serena, para logo casar-se com sua irmã. Eu a teria esperado para sempre.

Por fim, concentrou-se em Iblis Ginjo. Vor não gostava muito do líder rebelde, porque não acabara de ver suas intenções. Iblis parecia fascinado por Serena, mas não se tratava de amor. Não obstante, Vor estava de acordo com a análise do homem.

Iblis continuou falando, como se o tivessem convocado para dirigir-se aos membros do tribunal e não para responder perguntas.

- O ocorrido na Terra não é mais que um simples revés. Poderemos superá-lo, se tivermos a força de vontade suficiente!

O entusiasmo contagiou alguns representantes. No exterior, os manifestantes começavam a desmandar-se, e se ouviu as forças de segurança falar pelo sistema de comunicação, numa tentativa de manter a ordem.

Iblis passou a vista de rosto em rosto, e depois cravou a vista na distância, como se pudesse ver algo invisível para os demais.

- O futuro? - Moveu as mãos enquanto falava. - A população da Terra foi aniquilada porque eu a açulei a levantar-se contra as máquinas pensantes, mas não me sinto culpado por isso. Uma guerra tem que começar por algo.

Seu sacrifício demonstrou a profundidade do espírito humano. Pensem no exemplo de Serena Butler e seu filho inocente, e que apesar de seus sofrimentos, ela sobreviveu.

Vor percebeu certa agitação no rosto de Xavier Harkonnen, mas o oficial não disse nada.

Iblis sorriu e estendeu as mãos.

- Serena poderia ter um papel importante na nova força que se imporá às máquinas, se tomar consciência de suas possibilidades. - Falou diretamente para Manion Butler, com voz cada vez mais entusiasmada. - Pode que outros tentem me atribuir o mérito, mas Serena foi a verdadeira faísca da grande revolução na Terra. Seu filho foi assassinado, e ela se elevou contra as máquinas pensantes, e todos viram. Pensem nisso! Serena é um exemplo para toda a raça humana. - Iblis se aproximou mais dos membros do tribunal. - Todos os planetas da liga saberão de seu valor e compartilharão sua dor. Defenderão sua causa, em seu nome, se pedimos. Eles se elevarão em uma luta épica pela liberdade, uma cruzada Santa... um *Jihad*. Escutem os que gritam fora. Não ouvem que fazem coro a seu nome?

Isso, pensou Iblis. Tinha estabelecido a relação religiosa recomendada pelo pensador Eklo. Não importava em que acreditasse, em teologia particular ou outra crença qualquer. O mais importante era o ardor que só o fanatismo podia produzir. Se o movimento ia propagar se, era preciso que comovesse os corações das pessoas, que os arrastassem a uma batalha sem que pensassem no fracasso, sem que se preocupassem com sua segurança.

- Já estou propagando a boa nova - continuou Iblis, depois de uma longa pausa. - Damas e cavalheiros, aqui está se gerando algo mais que uma revolta, algo que marca a diferença entre a alma da humanidade e as máquinas pensantes carentes de alma. Com sua ajuda, poderia transformar-se em uma tremenda vitória impulsionada pela paixão humana... e a esperança.

120

Sem perceber, a humanidade criou uma arma de destruição maciça, que somente se manifestou depois que as máquinas se apoderaram de todos os aspectos de suas vidas.

BARBA AZUL,
Anatomia de uma rebelião

Os acalorados delegados da liga discutiam a plenos pulmões sobre as conseqüências do genocídio na Terra. Serena estava sentada imóvel e inexpressiva, era a primeira vez que entrava no Parlamento desde que tinha retornado para casa, mas sua presença não reprimia as habituais discussões inúteis.

- Faz séculos que lutamos contra *Omnius*! - vociferou o patriarca do Balut. - Não é necessário tomar medidas drásticas, que possivelmente nos arrependamos mais tarde. Lamento o derramamento de sangue, mas tampouco albergávamos esperanças realistas de salvar os escravos da Terra.

- Referem-se a escravos... como Serena Butler? – interrompeu-o Vorian Atreides de seu assento de convidado, indiferente ao protocolo ou às tradições políticas, enquanto olhava para a jovem. - Me alegro de que não nos rendêssemos tão facilmente.

Xavier olhou-o com o cenho franzido, embora tivesse a mesma opinião. Considerava o filho de Agamenon um caso perdido, sem o menor respeito pela ordem, mas ele também se sentia frustrado freqüentemente pela lentidão dos debates políticos. Se Serena tivesse acreditado no Parlamento, nunca teria cometido o disparate de ir a Giedi Prime, para forçar a intervenção da liga.

- Só porque a situação se prolongou durante mil anos - disse com voz ensurdecedora o magno provisório do restaurado Giedi Prime, - é desculpa suficiente para que acostumemos a ela? As máquinas pensantes já provocaram uma escalada na guerra com seus ataques a Zimia e Rossak, além da invasão de Giedi Prime. O desastre da Terra é um fato a mais.

- Uma provocação que não podemos ignorar - disse o vice-rei Butler.

Seguindo a ordem do dia, Xavier entrou na cúpula de projeção que rodeava o estrado dos oradores. As telas projetaram imagens ampliadas do oficial. Profundas rugas sulcavam sua fronte.

Nas fileiras de assentos que se elevavam sobre o fosso, Iblis Ginjo ocupava um camarote reservado para os visitantes. Vestia luxuosas roupas proporcionadas por alfaiates salusanos.

A voz de Xavier ressoou na sala, com o tom autoritário que utilizava quando estava no comando de suas naves.

- Já não podemos nos resignar a uma guerra reativa. Temos que enfrentar as máquinas pensantes, por nossa sobrevivência.

- Está sugerindo que sejamos tão agressivos como *Omnius*? - gritou lorde Niko Bludd da quarta fila de assentos.

- Não! - Xavier olhou para o nobre e respondeu com voz firme e serena. - Estou dizendo que temos que ser mais agressivos que as máquinas, mais destrutivos, nos concentrar mais na vitória!

- Isso só fará que elas reajam com algo pior - vociferou o marechal do Hagal, um homem obeso vestido com uma túnica vermelha. - Não podemos correr esse risco. Muitos Planetas Sincronizados contam com extensas populações humanas, mais numerosas que a da Terra, e não acredito...

Zufa Cenva o interrompeu com voz fria e depreciativa.

- Neste caso, por que não entregam o Hagal aos Planetas Sincronizados, marechal, tremem só de pensar no combate? Economizariam problemas para *Omnius*.

Serena Butler se levantou, e o silêncio se fez na sala. Falou com voz clara e firme, esporeada por sua paixão.

- As máquinas pensantes nunca nos deixarão em paz. Enganam-se se acreditam no contrário. - Passeou o olhar pelas filas de assentos. - Todos viram o altar de meu filho, assassinado pelas máquinas pensantes. Talvez seja mais fácil compreender a tragédia de uma só vítima que a de bilhões. Mas esse menino só simboliza os horrores que *Omnius* e os Planetas Sincronizados desejam nos infligir. - Elevou o punho. - Temos que lançar uma cruzada contra as máquinas, uma guerra Santa, um *Jihad*, em nome de meu filho sacrificado. Tem de ser... a *Jihad* de Manion Butler.

- Nunca estaremos a salvo até que as destruamos - acrescentou Xavier, para atiçar o fogo da indignação.

- Se soubéssemos como conseguir isso – queixou-se lorde Bludd, - teríamos ganhado a guerra há muito tempo.

- Mas sabemos como conseguir - insistiu Xavier do estrado, ao mesmo tempo em que movia a cabeça em direção a Serena. - Há mil anos que

sabemos.

Baixou a voz para que todos os congregados o escutassem com atenção. Passeou a vista de rosto em rosto.

- Cegos pelas novas defesas de Tio Holtzman, esquecemos a solução definitiva que sempre tivemos a nosso alcance.

- Do que estão falando? - perguntou o patriarca de Balut.

Iblis Ginjo estava sentado com os braços cruzados sobre o peito, e assentiu como se soubesse o que se pretendia.

- Armas atômicas - disse Xavier. As palavras ressonaram como a detonação de uma ogiva nuclear proibida. - Um bombardeio maciço com armas atômicas. Podemos arrasar a Terra, desintegrar todos os robôs, todas as máquinas pensantes, todos os circuitos gelificados. - O tumulto demorou segundos em alcançar seu clímax, e Xavier gritou para se impor ao clamor. - Durante mais de mil anos guardamos nossas armas atômicas, mas sempre as consideramos como o último recurso, armas mortíferas que destroem planetas e aniquilam a vida. - Apontou com um dedo para os representantes. - Temos ogivas nucleares suficientes em nossos depósitos planetários, mas *Omnius* as considera uma ameaça simbólica, porque nunca ousamos utilizá-las. Chegou o momento de surpreender a as máquinas pensantes e fazer que se arrependam de seu auto-complacência.

Manion Butler, usando sua prerrogativa de vice-rei, interveio.

- As máquinas capturaram e torturaram minha filha. Assassinaram um neto que levava meu nome, um menino que nem seu pai, nem eu chegamos a conhecer. - O homem, obeso em outros tempos, tinha emagrecido muito, e estava curvado por causa do cansaço. Seu cabelo pendurava murcho e desalinhado, como se tivesse dormido mal. - As malditas máquinas merecem o castigo mais terrível que possamos imaginar.

O clamor continuou, e ao final, de maneira surpreendente, Serena Butler subiu ao estrado e ficou parada ao lado de Xavier.

- A Terra já não é outra coisa que um cemitério, pisado pelas máquinas pensantes. Todos seus habitantes foram assassinados. - Respirou fundo, e seus olhos lavanda cintilaram. - O que restou? O que podemos perder? - Imagens projetadas cintilaram na câmara, enquanto Serena continuava. - Os escravos da Terra se rebelaram, e foram exterminados por isso. Todos! - Sua voz retumbou em todos os alto-falantes da sala. - Vamos permitir que esse sacrifício seja estéril? É o que as máquinas pensantes vão ganhar com suas atitudes? - Emitiu um bufido de desagrado. - *Omnius* deveria pagar por isso.

- Mas a Terra é o berço da humanidade! - gritou o magno de Giedi Prime. - Como podemos sequer pensar em tamanha destruição?

- A rebelião ocorrida na Terra iniciou este *Jihad* - disse Serena. - Temos que propagar a notícia desta gloriosa rebelião a outros Planetas Sincronizados, para que imitem seu exemplo. Mas antes, temos que exterminar o *Omnius* da Terra... custe o que custar.

- Podemos nos permitir o luxo de desperdiçar esta oportunidade? - perguntou Xavier Harkonnen. - Temos as armas atômicas. Temos os novos escudos protetores de Tio Holtzman. Temos a vontade do povo, que grita o nome de Serena pelas ruas. Temos que fazer algo já, Por Deus.

- Sim - disse Iblis com uma voz serena que, não obstante, impôs-se aos murmúrios. - É por Deus que temos que fazer isto.

Os representantes estavam estupefatos e aterrados, mas não houve dissensões. Por fim, depois de um longo e agitado silêncio, o vice-rei Manion Butler pediu que a Liga de Nobres tomasse uma decisão oficial.

A votação foi unânime.

- Está decidido. A Terra, berço da humanidade, transformar-se-á no primeiro sepulcro das máquinas pensantes.

121

A criatividade segue suas próprias normas.

NORMA CENVA,
notas de laboratório inéditas

Na torre do laboratório que dominava o largo Isana, Norma Cenva estava de pé em frente a sua desordenada estação de trabalho. Novos globos de luz flutuavam no ar como adornos sobre sua cabeça. Não tinha se incomodado em desativá-los, Apesar de já ter amanhecido. Não queria interromper sua linha de pensamento. Apontou um mecanismo de projeção do tamanho de uma pluma para uma mesa inclinada. Folhas escritas magneticamente passaram no ar, filmagens de uma nave capitânia de tipo couraçado, a maior nave de guerra da Armada.

Norma mudou o ajuste do projetor e moveu a imagem para o centro da sala. Separou uma cobertura da nave, e logo entrou na *holoimagem* ampliada, um passeio durante o qual efetuou cálculos mentais para a instalação do gerador de campo, de maneira que o pequeno rádio de campo protegesse toda a nave.

O sábio Holtzman tinha ido a outro ato público, onde sem dúvida celebraria seus êxitos com falsa modéstia. Nos últimos tempos só tinha trabalhado com Norma uma hora pelas manhãs, mais ou menos, antes de ir vestir-se para reuniões oficiais, seguidas de banquetes noturnos na mansão de lorde Bludd. De vez em quando, ia falar com ela dos nobres e políticos que tinha conhecido, como se sentisse necessidade de impressioná-la.

A Norma não importava estar sozinha, e tratava de fazer seu trabalho sem protestar. Holtzman deixava-a em paz quase sempre, com o fim de que realizasse os cálculos precisos para instalar escudos protetores nas naves maiores da Armada. O sábio afirmava que não tinha tempo para fazê-lo, e já não confiava em seu grupo de calculadores.

Norma sentia o peso da responsabilidade, pois sabia que a Armada da Liga se preparava para atacar a Terra com armas atômicas. Uma enorme força de diversas naves de guerra já estava reunida em Salusa Secundus, em preparação para o ataque.

Holtzman se vangloriava de sua importância repentina. Na opinião de Norma, o trabalho do laboratório devia falar por si mesmo, sem toda aquela

frivolidade promocional, mas não confiava em chegar a compreender os círculos políticos em que se movia o sábio, e queria acreditar que estava fazendo o melhor pelo esforço bélico graças a seus contatos com gente importante.

Nesse ínterim, sua mente pensava em muitas coisas tangenciais, prestando atenção até o mínimo detalhe, e se interrogava em busca de respostas. Se eliminassem a supermente da Terra, seguiriam destruindo cópias de *Omnius* nos Planetas Sincronizados. Era possível que as máquinas pensantes sofressem algo similar a um golpe psicológico? Tendo em conta a magnitude dos Planetas Sincronizados, apenas um planeta não parecia um objetivo substancial, e sua preocupação dificultava sua concentração nos cálculos. Como raios que saltassem de nuvem em nuvem, seus pensamentos se desviavam para novas possibilidades, novas idéias.

Sob a lei marcial que lorde Bludd tinha decretado depois da rebelião do Bel Moulay e seus escravos, Norma se sentia cada vez mais isolada de seu mentor. Dois anos antes, quando havia recebido o convite para ir a Poritrin, Tio Holtzman era um ídolo e um modelo para ela. Só pouco a pouco tinha chegado a compreender que, em lugar de apreciar seu talento e empregá-lo como um meio de alcançar seus propósitos mútuos, o cientista se sentia cada dia mais ressentido. Em parte por culpa de Norma. Suas advertências insistentes sobre o gerador de ressonância e a prova do escudo anti-laser o haviam transformado em seu adversário. Mas não lhe parecia justo que o sábio se desgostasse com ela porque estava certa. Parecia que Tio Holtzman antepunha seu orgulho ferido ao avanço da ciência.

Mexeu seu cabelo castanho. Que papel jogava o ego em seu trabalho? Em quase um ano, nenhum dos novos conceitos de Holtzman havia se materializado. Ao contrário, certo projeto tinha obcecado Norma fazia muito tempo. Via encaixar em sua imaginação diversas peças, um grande invento que sacudiria os alicerces do universo, teorias e equações que quase lhe escapavam das mãos. Exigiria toda sua energia e atenção, e os benefícios em potencial influiriam na liga ainda mais que o desenvolvimento dos escudos pessoais.

Norma deixou a um lado o diagrama do couraçado e saiu da nave projetada, depois de utilizar um *holomarcador* para assinalar o ponto em que tinha interrompido seus cálculos.

Agora que tinha liberado sua concentração, podia dedicar seus esforços a assuntos de verdadeira importância. Sua nova idéia a entusiasmava muito mais que os cálculos relativos ao escudo.

A inspiração, sempre misteriosa, tinha-a dirigido para uma possibilidade revolucionária.

Quase podia vê-la funcionando em uma escala imensa, assutadora. Um calafrio percorreu sua coluna vertebral.

Embora fosse incapaz ainda de resolver os problemas associados a sua idéia, intuía que a equação de campo de Holtzman podia ser utilizada para algo muito mais significativo.

Enquanto o cientista dormia em seus louros e desfrutava de seu êxito, Norma queria tomar um novo rumo.

Depois de ter visto que o Efeito Holtzman curvava o espaço para criar um escudo, estava convencida de que a malha do espaço podia render-se, e assim abrir um atalho no universo.

No caso de obter esse prodígio, seria possível percorrer distâncias imensas em um abrir e fechar de olhos, ligar dois pontos sem se preocupar com a distância que os separasse.

Dobrar o espaço.

Mas nunca poderia desenvolver uma idéia tão revolucionária se Tio Holtzman a reprimisse em cada momento. Norma Cenva teria que trabalhar em segredo...

122

É evidente que nossos problemas não procederam do que inventamos, mas sim de como utilizamos nossos brinquedos sofisticados. As dificuldades não nascem do software nem do hardware, mas sim de nós.

BARBA AZUL,
Anatomia de uma rebelião

Em mil anos, a humanidade jamais tinha reunido uma força militar tão numerosa e concentrada.

De suas diferentes armadas espaciais, cada planeta da liga enviou naves grandes e pequenas: naves de combate, cruzeiros de tamanho médio, destruidores, naves de escolta, centenas de naves grandes e pequenas, milhares de *kindjals* e naves patrulha. Muitas foram armadas com dispositivos nucleares suficientes para esterilizar três vezes a Terra.

O segundo Xavier Harkonnen se achava no comando da operação que tinha forjado. A Armada unificada, formada por naves, armas e incontáveis comandantes dos sistemas defensivos planetários, assim como tropas locais, foi concentrando no ponto de partida situado sobre Salusa Secundus durante os três meses seguintes. Equipes de pintores reproduziram sobre cada casco o símbolo da mão aberta da Liga de Nobres.

As fábricas de munições de Colônia Vertree, Komider e Giedi Prime tinham trabalhado noite e dia sem descanso, e o implacável calendário se prolongaria durante a longa viagem da Armada, posto que a frota sofreria enormes perdas quando atacasse *Omnius* da Terra. Necessitariam de reposições até que a guerra terminasse.

Antes da partida da Armada unificada, todas as força planetárias de todos os planetas da liga entraram em estado de alerta. Embora o ataque nuclear conseguisse destruir as máquinas pensantes da Terra, as demais encarnações da supermente desejariam vingar-se.

Aniquilar *Omnius* da Terra significaria uma vitória muito necessária para a humanidade, que além disso assinalaria um novo rumo na guerra. Muito tempo antes, a humanidade livre tinha armazenado armas atômicas como uma ameaça para as máquinas pensantes, mas *Omnius* e seus generais *cimek* tinham pensado que se tratava de blefe. Tanto em Giedi Prime como em outros

planetas, os humanos se demonstraram incapazes de utilizar os engenhos nucleares, de modo que a ameaça era estéril.

Isso ia mudar.

Agora, a vingativa Armada demonstraria que os humanos se liberaram de todas as amarradas. As explosões nucleares provocariam descargas eletromagnéticas que vaporizariam os circuitos gelificados das máquinas pensantes. A partir daquele momento, todos os *Omnius* temeriam uma onda de holocaustos atômicos no resto dos Planetas Sincronizados.

A chuva radiativa, um demônio dos pesadelos da civilização humana, continuaria envenenando o planeta muito depois de que a batalha terminasse, mas se desvaneceria com o tempo, e a vida retornaria por fim à Terra, livre de máquinas pensantes.

À máxima velocidade possível, a viagem da Armada durou um mês. Xavier desejava que existisse uma forma de deslocamento mais veloz. Embora superassem a velocidade dos fótons, percorrer grandes distâncias entre sistemas exigia tempo, muito tempo.

Quando a força atacante se aproximou do sistema solar da Terra, o segundo Harkonnen se deslocou em pequena nave de uma nave a outra, passou revista às tropas e a equipe. Falou com os soldados da ponte de cada nave, para dar instruções e inspirá-los.

A espera estava a ponto de terminar.

Quase a metade das naves da Armada tinham sido equipadas com os geradores de escudo de Holtzman, e as armas atômicas se distribuíram entre naves protegidas e desprotegidas. Xavier tinha considerado a possibilidade de aguardar que instalassem mais, mas ao final decidiu que qualquer atraso seria prejudicial para o êxito da missão.

Além disso, alguns nobres conservadores de frotas planetárias individuais tinham expressado seu cepticismo sobre a nova tecnologia. Como aqueles nobres utilizavam escudos decodificadores planetários para proteger suas luas e cidades principais, preferiam utilizar uma tecnologia já experimentada em suas naves de guerra. Conheciam os riscos e os aceitavam.

Xavier se concentrou em não desfalecer até o final da horrível batalha. Depois do ataque à Terra, seu nome sempre suscitaria controvérsia, mas não permitiria que isso o separasse de seu objetivo. Conseguir a vitória exigia que destruísse por completo o berço da raça humana.

Com essa terrível medalha presa em seu peito, como a história não ia amaldiçoar o nome de Xavier Harkonnen? Embora as máquinas fossem destruídas, nenhum humano quereria viver na Terra nunca mais.

No dia anterior que a poderosa armada chegasse à Terra, Xavier ordenou que Vorian Atreides se apresentasse à ponte da nave capitânia. Xavier não confiava totalmente no antigo colaborador de *Omnius*, mas tampouco desejava que seus sentimentos pessoais prejudicassem as necessidades da humanidade.

Vor tinha defendido que seus conhecimentos tecnológicos das capacidades de *Omnius* da Terra o transformavam em um elemento valioso.

Ninguém sabia mais sobre as forças robóticas. Nem sequer Iblis Ginjo possui meus conhecimentos, já que não era mais que um simples capataz. Além disso, prefere ficar em Salusa.

Apesar das feiticeiras de Rossak terem dado sua bênção a Vorian, Xavier desconfiava do filho de Agamenon porque havia passado a vida a serviço das máquinas. Era um hábil espião infiltrado enviado por *Omnius*, ou Vor seria capaz de proporcionar informação que permitisse à Armada aproveitar os pontos fracos dos Planetas Sincronizados?

Vorian tinha sido interrogado a fundo (inclusive examinado por médicos peritos em aparelhos de espionagem implantadas), e todos tinham afirmado que era sincero. Não obstante, Xavier se perguntava se as máquinas se anteciparam a todas essas precauções e ocultado algo em seu cérebro, um diminuto, mas potente artefato que se dispararia no momento oportuno e o empurraria a cometer um ato de singular gravidade para a Liga de Nobres.

Serena tinha afirmado que todos os humanos deviam liberar-se da opressão das máquinas pensantes. Queria que Xavier começasse com este homem em particular, que lhe concedesse uma chance. No fundo de seu coração, a jovem desejava acreditar que qualquer pessoa, uma vez familiarizada com os conceitos de liberdade e individualismo, rechaçaria os robôs e lutaria pela independência. E quando Serena pediu, Xavier não pôde negar.

- De acordo, - Vorian Atreides havia dito.

- Concederei a oportunidade de demonstrar seu valor, mas sob um controle estrito. Será confinado em zonas concretas, e vigiado a todo momento.

Vor havia lhe dedicado um sorriso irônico.

- Já estou acostumado a ser vigiado.

Os dois homens se achavam na ponte de comando. Xavier passeava de um lado a outro, com as mãos enlaçadas à costas e os ombros retos. Cravou a vista na estrela amarela que aumentava de tamanho a cada hora que transcorria.

Vor guardava silêncio, enquanto contemplava o negrume repletode estrelas.

- Nunca pensei que voltaria tão cedo. E assim, sobretudo.

- Tem medo de que seu pai esteja ali? - perguntou Xavier.

O jovem se aproximou e olhou para o planeta.

- Se não sobreviveu nenhum humano na Terra, os titãs não tem motivos para ficar. O mais provável é que tenham sido enviados a outros Planetas Sincronizados. - Umedeceu os lábios. - Espero que o *Omnius* da Terra não tenha conservado uma força *neocimek* numerosa.

- Por quê? Nossa capacidade bélica poderia destruí-los com facilidade.

Vor olhou-o com ironia.

- Porque, segundo Harkonnen, as máquinas pensantes e as naves robóticas são predizíeis, tem costumes fixos. Sabemos como reagirão. Os *cimeks*, por sua vez, são caprichosos e inovadores. Máquinas com mentes humanas. Quem sabe do que seriam capazes?

- Igual aos humanos - disse Xavier.

- Sim, mas podendo causar muito mais destruição.

O segundo se voltou para seu companheiro com um sorriso sombrio.

- Não por muito tempo, Vorian. - Eram homens da mesma idade, mas com a experiência de veteranos. - Depois de hoje, nada no universo igualará nossa capacidade de causar destruição.

A Armada unificada convergiu sobre a Terra como uma tormenta. Os pilotos correram pelas cobertas interiores a suas naves individuais, preparados para decolar. Naves de batalha e destruidores cuspiram enxames de *kindjals*, bombardeiros e naves de reconhecimento.

Patrulheiros velozes efetuaram vôos de espionagem, com o fim de verificar e atualizar os dados proporcionados por Vor Atreides.

O berço da humanidade era uma esfera verde salpicada de nuvens brancas. Xavier Harkonnen contemplou o planeta. Infestado pela praga das máquinas, seu aspecto era antigo, frágil e vulnerável.

Logo, não obstante, a Terra não seria mais que uma bola enegrecida, carente de vida. Apesar de tudo que havia dito para convencer os céticos e caluniadores, Xavier se perguntou se algum dia poderia considerar aceitável a vitória. Respirou fundo, sem afastar os olhos do planeta, que brilhava através de um tênue véu de lágrimas. Esperava-lhe um amargo dever.

Xavier transmitiu a ordem a sua frota.

- Iniciem o bombardeio atômico.

123

A tecnologia teria que ter liberado à humanidade das cargas da vida. Em vez disso, criou outras.

TLALOC,
A Era dos Titãs

Na Terra, os sensores periféricos de *Omnius* detectaram a força invasora. A supermente ficou estupefata pela incrível audácia dos humanos selvagens, assim como pelo número e capacidade ofensiva das naves atacantes. Durante séculos, os *hrethgir* se esconderam atrás de barreiras defensivas, temerosos de aventurar-se no espaço controlado pelas máquinas. Por que nenhuma projeção ou hipótese tinha antecipado este ousado ataque contra os Planetas Sincronizados?

Graças a telas e terminais de contato dispersos por toda a cidade, *Omnius* falou com os robôs que estavam trabalhando no reparo dos danos causados pela recente rebelião dos escravos. Teria gostado de comentar a estratégia com Erasmo, o qual, apesar de seus numerosos defeitos, parecia compreender até certo ponto a irracionalidade humana, porém o robô havia fugido para o longínquo Corrin.

Até seus titãs, que poderiam explicar as reações humanas, tinham sido enviados a planetas menos estáveis, com o fim de impedir que a revolta se estendesse. Desta forma, a supermente se sentia isolada e pilhada de surpresa.

Depois de revisar as leituras dos analisadores, *Omnius* concluiu que as naves humanas deviam estar carregadas com armas nucleares.

Algo totalmente inesperado, uma vez mais! Calculou e refez os cálculos, e todas as possibilidades lhe eram desfavoráveis. Sentiu o germe do que os humanos teriam chamado "incrédulo estupor".

Como não podia desprezar suas próprias projeções, o *Omnius* da Terra reagiu em conseqüência. Formou um cordão defensivo de naves robóticas para impedir a passagem da Armada da Liga. Pôs em órbita um enxame de olhos espiões, para observar a batalha de todas as direções. Graças a subrotinas diferentes, efetuou mais de cinco mil simulacros alternativos, até definir a tática correta da frota robótica.

Mas *Omnius* não estava informado dos escudos Holtzman. Quando as máquinas pensantes dispararam explosivos e projéteis cinéticos, a vanguarda

de naves da Armada nem sequer se inteirou do ataque, e continuou seu avanço.

As naves robóticas se reagruparam e esperaram novas ordens, enquanto os circuitos gelificados de *Omnius* se esforçavam por compreender o que acontecia.

Os primeiros bombardeiros *hrethgir* penetraram na atmosfera, centenas e centenas de naves lançadas para a superfície. Cada uma ia carregada com uma ogiva nuclear.

Omnius efetuou novas projeções. Pela primeira vez, considerou a possibilidade de sua própria destruição.

Vorian Atreides pilotava uma pequena nave equipada com escudo protetor, um dos *kindjals* salusanos com armas mais potentes. Não levava armas atômicas (o segundo Harkonnen não confiava nele até esse ponto), mas Vor podia colaborar atacando as naves inimigas e facilitar a tarefa dos bombardeiros.

Isto era muito diferente do que havia no *Dream Voyager*.

O segundo Harkonnen quisera que ficasse a salvo na nave capitânia, onde Vor poderia proporcionar conselhos táticos para derrotar às máquinas, mas o jovem havia explicado que queria participar da derrota de *Omnius*. Como filho de Agamenon, Vor já tinha contribuído com valiosa informação sobre as naves de guerra inimigas, sua blindagem, suas armas integradas. Agora era o momento de aplicar esses conhecimentos à prática.

- Por favor - havia dito a Xavier. - Eu devolvi Serena. Embora seja apenas por isso, não vai satisfazer meu pedido?

A expressão dolorida do segundo revelou a Vor que Xavier ainda a amava. O oficial deu a costas a Vor, para ocultar seus sentimentos.

- Pegue uma nave. Entre no coração da batalha... mas volte vivo. Acredito que Serena não suportaria perdê-lo, depois de tudo o que sofreu. - Eram as primeiras palavras amáveis que aquele homem enigmático lhe dirigia, a primeira vez que alguém insinuava que Serena lhe tinha afeto. Xavier olhou por fim para trás e lhe dedicou um sorriso cauteloso. - Não traia minha confiança.

Vor tinha ido aos estaleiros do couraçado e escolhido um *kindjal*.

A força atacante se dirigiu para o complexo informático central de *Omnius*. As máquinas pensantes se precipitaram contra as naves da Armada com determinação suicida, destruindo centenas de bombardeiros, patrulheiros e *kindjals* sem escudos protetores. Alguns dos escudos falharam,

superaquecidos ou mau instalados, e a batalha entrou em uma fase de maior crueldade.

Em pleno combate, Vor viu que uma nave mais lenta das máquinas pensantes se aproximava, escoltada por um numeroso grupo de naves automáticas. O solitário veículo abriu caminho entre o enxame de naves da Armada, e evitou qualquer confrontação direta.

Tentava fugir.

Vor entreabriu os olhos. Em um momento como este, por que escapava para o espaço uma nave robô? *Omnius* teria que ter empenhado todos os seus recursos. O instinto do jovem lhe disse que não devia permitir que aquela nave solitária escapasse.

Vor tentou concentrar-se na batalha que rugia a seu redor, e disparou suas armas. Projéteis de energia desintegraram várias naves robóticas e desorientaram outras, o que permitiu que mais quatro bombardeiros da Armada abrissem caminho.

Enquanto isso, a nave misteriosa continuava fugindo da batalha. O que *Omnius* estaria tramando? O que a nave levava a bordo? Nenhuma outra nave da Armada tinha se fixado nela.

Vor sabia que devia fazer algo. Era vital, pressentia isso.

O segundo Harkonnen lhe tinha dado ordens estritas de acompanhar às naves carregadas de bombas nucleares até que lançassem seu mortífero carregamento, mas as coisas podiam mudar no fragor da batalha. Além disso, ele não era uma máquina, que seguia ordens cegamente. Era capaz de inovar.

Enquanto continuava vigiando a trajetória da nave, compreendeu de repente o que estava acontecendo. Era uma nave de atualização, que levava uma cópia completa de Omnius da Terra, os pensamentos e dados da supermente até mesmo o momento do ataque. Incluiria uma gravação e uma análise completas da sublevação dos escravos e as ordens de exterminar todos os humanos.

Se tal informação fosse carregada em outras encarnações de *Omnius*, todos os Planetas Sincronizados seriam avisados. Poderiam preparar a defesa contra futuros ataques da liga.

Vor não podia permitir que isso acontecesse.

- Tenho algo a fazer - transmitiu a seus camaradas próximos. - Não posso deixar que essa nave escape.

Abandonou os bombardeiros que se achavam sob sua proteção e desviou seu curso.

Vor ouviu os gritos de indignação dos capitães humanos que devia proteger.

- O que você está fazendo?

Um defensor robótico se precipitou para o oco e disparou sobre as naves da Armada.

- É uma nave de atualização! Leva uma cópia de *Omnius*.

Afastou-se a maior velocidade, justo quando duas naves robóticas convergiam sobre os bombardeiros atribuídos a Vor. Seus companheiros o amaldiçoaram quando os robôs abriram fogo e detiveram o avanço de suas naves, mas Vor apertou a mandíbula, convencido de que sua decisão era moral e taticamente correta.

Ao ver que se afastava, outras naves da Armada o xingaram.

- Covarde!

- Traidor!

- Explici isso depois - disse Vor, resignado.

Fechou o sistema de comunicações para poder concentrar-se em sua tarefa. Seu passado sempre faria que os humanos pensassem mal de ele. A perspectiva das censuras e a aversão não o incomodava. Tinha um trabalho a fazer.

Ao fim de alguns momentos, os combatentes de *Omnius* tinham derrubado um dos bombardeiros abandonados, mas novas escolta da Armada chegaram e abateram duas naves robóticas. Os outros bombardeiros continuaram seu rumo.

O céu da Terra estava sulcado por esteiras de íons pertencentes às naves da Armada, grandes e pequenas, que lançavam armas nucleares como se fossem sementes.

Defensores robóticos faziam explodir as bombas no ar, entre nuvens de metralha radiativa, o que inutilizava os delicados detonadores e impedia reações nucleares em cadeia.

Mesmo assim, algumas bombas chegavam a seu destino.

No pior momento da batalha, o *Omnius* da Terra ficou sem alternativas viáveis. Com a frota da Armada dispersa como um enxame de insetos assassinos, os defensores robóticos sacrificaram-se lançando-se contra grupos de *kindjals*.

Para o segundo Harkonnen, era dolorosamente evidente que somente as naves protegidas pelos escudos Holtzman tinham chance de sobreviver. Alguns sistemas haviam falhado, o que tinha provocado a destruição de várias naves protegidas. Mas agora já não havia como desistir.

As vinte naves da Armada maiores flutuavam em órbita estacionária, eliminando onda atrás quebra de onda de naves atacantes, ao mesmo tempo

em que esvaziavam os depósitos de armas atômicas. Cinco destruidores desceram para lançar mísseis nucleares guiados. O ataque bastou para destruir todas as subestações de *Omnius*.

Em um último ataque vingativo, projéteis de inteligência artificial convergiram sobre os couraçados gigantes. Bombas com mentes eletrônicas, os projéteis foram dirigidos contra seus alvos programados. Sem fazer caso dos bombardeiros e *kindjals*, menores, manobraram para impedir trajetórias evasivas das naves de guerra, e ignoraram os chamarizes defensivos lançados para enganar os robôs.

Xavier Harkonnen se encontrava na ponte da nave capitânia, obstinado ao centro de controle, ao mesmo tempo em que rezava em silencio pelo gênio de Tio Holtzman.

- Esperemos que esses escudos agüentem! Preparem-se!

Seis projéteis auto-guiados colidiram a velocidades quase relativistas contra as barreiras Holtzman e explodiram, porém os escudos resistiram. Xavier sentiu que os joelhos fraquejavam por causa do alívio. A tripulação prorrompeu em vivas.

Mas ao seu redor, outras naves da Armada, sem escudo, não tiveram tanta sorte. Embora as naves da liga disparassem sem cessar, vários projéteis de inteligência artificial desintegraram naves humanas desprotegidas. Inclusive um dos couraçados protegidos ficou vulnerável quando dois dos escudos pequenos flutuaram, criando uma rachadura na blindagem. Devido ao fogo constante das máquinas pensantes, vários mísseis robô abriram caminho.

Onze das naves maiores se desintegraram, junto com todos os seus tripulantes. Só continuavam intactas oito, todas com escudos Holtzman. Uma elevada percentagem da frota já tinha sido aniquilada.

Xavier, esgotado e trêmulo, via o contínuo gotejar de perdas. Fechou os punhos quando deu novas ordens com voz fria. Sentiu os dedos pegajosos quando imaginou o sangue das centenas de milhares de soldados sacrificados naquele dia terrível.

Observou com fúria que Vorian Atreides fugia da batalha. Ao menos, o filho de Agamenon tinha levado apenas um *kindjal*, e o segundo não perdeu tempo em persegui-lo.

Quando retornasse a Salusa, acusaria o desertor. Se alguém retornasse. Maldita fosse sua traição! Xavier tinha tido razão desde o primeiro momento.

As máquinas pensantes eliminavam uma nave da liga atrás de outra, mas Xavier continuava lançando sua frota para frente. Depois de tanto esforço e perdas, não podia retroceder. O fracasso dobraria a alma humana e conduziria à perda da liberdade em toda a galáxia.

Por um momento, pareceu que a batalha se decidia a favor das máquinas. Apenas uma ínfima parte da força atacante tinha conseguido alcançar seus objetivos e lançar armas atômicas sobre todos os continentes da Terra.

Então, aconteceram as primeiras detonações atômicas.

Vor aumentou a velocidade, sem perder de vista nem um momento à nave que fugia. A aceleração o esmagou contra o assento e deformou seus lábios. Seus olhos se encheram de lágrimas, seus músculos se esticaram. Mas não cedeu. A solitária nave de *Omnius* já tinha abandonado a atmosfera, cada vez mais longe das forças da Armada.

Múltiplas armas atômicas começaram a explodir em uma sucessão de flores nucleares cegantes que iluminaram o céu, arrasaram os continentes e destruíram todos os circuitos gelificados...

Vor acelerou e pensou em táticas de surpresa, sabendo que a nave de atualização estaria pilotada por um robô inflexível. Mas ele era um sério rival para a imaginação de qualquer máquina pensante.

Na esfera verde-azulada que foram deixando para trás, explodiram nuvens brancas e amarelas que irritaram os olhos de Vor. A tormenta nuclear teria distraído a atenção da Armada, que já não estaria preocupada com ele. Ninguém sabia a importância vital do que tentava fazer.

A nave de atualização subiu sobre o plano da eclíptica, sem deixar de aumentar a velocidade. O capitão robô podia suportar acelerações que nenhum humano suportaria. Não obstante, Vor continuou a perseguição, à beira da inconsciência, quase sem poder respirar. O *kindjal* era mais veloz que sua presa, e foi cortando distâncias. Com mãos que pareciam pesar toneladas, carregou as armas de sua nave.

Durante a batalha tinha desintegrado uma dúzia de inimigos, mas neste caso Vor só queria incapacitar sua presa. Se fosse uma nave de atualização, sua blindagem seria mínima, como a do *Dream Voyager*. Sua intenção era cortar o caminho da nave e abordá-la.

Assim que teve o alvo a seu alcance, na borda do difuso halo planetário, o capitão robô efetuou uma série de manobras previsíveis.

Vor abriu fogo. Seus disparos danificaram os tubos de escape, para que os motores começassem a sobrecarregar-se. Incapaz de eliminar o calor, a nave explodiria ou se desligaria.

Quando a nave danificada desacelerou, Vor lançou dois projéteis de advertência para sua proa. As ondas de choque a desviaram a nave de sua rota.

- Renda-se e prepare-se para ser abordado!

O robô respondeu com surpreendente sarcasmo.

- Sei que os humanos possuem vários orifícios corporais. Portanto, convido-o a pegar uma ferramenta elétrica e a inserir onde...

- Velha Mente Metálica? - gritou Vor. – Deixe-me subir a bordo. Sou Vorian Atreides.

- Isso não pode ser verdade. Vorian Atreides nunca dispararia contra mim.

Vor transmitiu sua imagem. Não o surpreendia que Seurat pilotasse outra nave de atualização, já que *Omnius* não mudava suas rotinas. O rosto ovalado de Seurat emitiu uma florida maldição que Vor utilizava com freqüência quando era derrotado em algum jogo de estratégia.

Vor conectou sua nave com a outra. Sabendo do perigo, entrou pela escotilha principal e se encaminhou à ponte de comando.

124

Minha definição de um exército? Alguns assassinos domesticados, é obvio!

GENERAL AGAMENON,
Memórias

Das profundezas de suas cidadelas de energia, *Omnius* observava a Terra. Seus olhos espiões gravavam cada fase do audaz ataque humano. Viu que as coisas mudavam.

Omnius estudou as trajetórias das milhares de naves que chegavam, contou as que destruíam seus defensores robóticos.

Ainda assim, algumas bombas atômicas chegaram a seu destino.

Com um subconjunto independente de rotinas de cálculo, *Omnius* calculava as naves que tinha perdido. Eram fáceis de substituir. Por sorte, a nave de atualização de Seurat tinha fugido. Seus importantes pensamentos e decisões seriam distribuídos entre os Planetas Sincronizados.

Face à quantidade de processamento dedicada ao problema, *Omnius* ainda não havia encontrado solução para a crise quando as primeiras bombas atômicas detonaram sobre ele. As explosões enviaram ondas eletromagnéticas que varreram o ar e a superfície da Terra.

Ondas de energia saíram disparadas em todas as direções, e em um abrir e fechar de olhos destruíram toda a rede de circuitos gelificados e mentes mecânicas, como um papel empapado em gasolina alcançado por uma faísca.

O *Omnius* da Terra se encontrava em meio a um pensamento importante quando a onda de choque o consumiu.

No passado, o capitão robô não tinha levado armas individuais. Entretanto, Vor levava um decodificador eletrônico, um aparelho de curto alcance desenhado para combates corpo a corpo contra as máquinas pensantes.

- No final você veio se reunir comigo - disse Seurat. - Seus humanos já o aborreceram? Não são tão fascinantes como eu, não é verdade? - Simulou uma gargalhada rouca que Vor tinha ouvido muitas vezes. - Sabe que seu pai o considera um traidor? Talvez agora se sinta culpado por me desativar, roubar o *Dream Voyager* e...

- Nada disso, - disse Vor. – Você perdeu outra partida. Não posso permitir que entregue esta atualização.

Seurat voltou a rir.

- Ai, os humanos e suas fantasias tolas.

- Apesar de tudo, enfrentamos nossas causas perdidas. - Vor elevou o decodificador eletrônico. - E às vezes ganhamos.

- É meu amigo, Vorian Atreides - disse Seurat. – Lembre-se de todas as piadas que te contei. De fato, tenho uma nova. Se fabricar um *cimek* com o cérebro de uma mula, o que obtém...?

Vor disparou o decodificador eletrônico. Arcos de estática envolveram o corpo de Seurat como finas cordas. O robô estremeceu, como se tivesse sofrido uma apoplexia.

Vor havia ajustado os controle para desconectar os sistemas de Seurat, sem destruir seu cérebro.

Isso teria equivalido a assassiná-lo.

- A brincadeira está gasta, velho amigo - disse. - Sinto muito.

Enquanto Seurat continuava petrificado no posto de capitão, Vor revistou a nave até encontrar a esfera gelificada selada, uma reprodução completa de todos os pensamentos que o *Omnius* da Terra tinha gravado antes do ataque da Armada.

Vor dirigiu um último olhar a seu amigo paralisado e saiu da nave. Não pôde decidir-se a destruí-lo. De qualquer forma, a nave já não representava uma ameaça para a humanidade.

Vor se afastou em seu *kindjal*, deixando abandonada a nave das máquinas pensantes, vazia de energia. Sua rota a conduziria longe da Terra, até perder-se nas profundidades do sistema solar.

Enquanto os incêndios atômicos ardiam na Terra, o segundo Harkonnen reuniu os restos dispersos de sua força de ataque. Tinham sofrido perdas tremendas, muitas mais de que tinham calculado.

- Demoraremos meses para escrever os nomes dos que sacrificaram sua vida aqui, quarto Powder - disse Xavier a seu ajudante. - E muitos mais em chorar seu desaparecimento.

- Todas as naves e instalações inimigas foram destruídas, senhor - respondeu Powder. - Alcançamos nosso objetivo.

- Sim, Jaymes.

Não sentia a menor alegria pela vitória, só tristeza. E ódio por Vorian Atreides.

Quando o filho de Agamenon retornou por fim das profundidades do espaço, o segundo enviou um esquadrão de *kindjals* para escoltá-lo. Desconectou os escudos Holtzman para que os *kindjals* pudessem lhe entregar a nave de Vorian. Muitos pilotos expressaram o desejo de abater a nave assim que estivesse ao alcance de tiro, mas Xavier proibiu.

- Esse bastardo será julgado por deserção, talvez por traição.

O segundo Harkonnen entrou no mole de amarração do couraçado. Vorian saiu com audácia de sua nave, com uma expressão de triunfo em seu rosto. Que cara mais dura! Pilotos uniformizados rodearam Vor e registraram com brusquidão. Parecia que suas maneiras irritavam o traidor, e ele protestou quando lhe arrebataram um pacote, junto com sua arma de fogo.

Seu rosto se iluminou quando viu Xavier.

- Então o *Omnius* da Terra foi destruído? O ataque foi um êxito?

- Mas não graças a você - replicou Xavier. - Vorian Atreides, ordeno que permaneça detido até que retornemos a Salusa Secundus. Ali, um tribunal da liga o julgará por seus atos de covardia.

Mas o jovem não parecia aterrorizado. Apontou para o pacote que os guardas seguravam com expressão de incredulidade.

- Talvez devêssemos mostrar isso ao tribunal.

Vor sorriu quando Xavier desembrulhou o pacote de *plaz* e deixou revelou uma bola metálica que parecia feita de prata gelatinosa.

- É uma cópia completa de *Omnius* - explicou Vor. - Interceptei e neutralizei uma nave de atualização que estava a ponto de escapar. - Encolheu de ombros. - Se houvesse permitido que fugisse, todas as outras supermentes teriam recebido informação sobre este ataque. Apesar de todos os nossos mortos, *Omnius* não teria perdido nada, e outros Planetas Sincronizados conheceriam a existência de nossos escudos Holtzman e aprenderiam nossas táticas. A operação não teria servido de nada. Mas eu detive a nave de atualização.

Xavier olhou para Vor, estupefato. A superfície da esfera cedia à pressão de seus dedos, como se fosse feita de malha viva. A liga não tinha imaginado tal problema em nenhum momento. Aquele objeto justificava o gigantesco ataque à Terra, a horrenda perda de vidas.

Isso no caso de que Vor estar dizendo a verdade.

- Estou seguro de que os oficiais de inteligência da liga apreciarão muito isto - disse Vor, sorridente. - Além de que *Omnius* será um refém muito valioso para nós - acrescentou, arqueando as sobrancelhas.

As naves da Armada partiram do sistema solar, liberado por fim de máquinas pensantes.

Vor dirigiu um último olhar à Terra ferida, enquanto recordava a exuberante paisagem verde-azulada e os farrapos de nuvens. Tinha sido um planeta de uma beleza fabulosa, o berço da raça humana, um exemplo relevante de maravilhas naturais.

Mas quando Xavier ordenou à frota que se pusesse rumo a casa, o planeta não era mais que um montão de escória radiativa. A vida demoraria muito tempo para voltar a aparecer.

125

A lógica correta para um sistema finito não é necessariamente correta para um sistema infinito. As teorias, como as coisas vivas, nem sempre são certeiras.

ERASMO,
registros secretos (do banco de dados de Omnius)

Em Corrin, a vila do robô era muito parecida com a da Terra, com complexos de laboratórios desenhados pela mente criativa de Erasmo. Os recintos dos escravos, construídos atrás da casa, estavam rodeados por altos muros de arenito e portas de ferro forjado, todos eles coroados por puas elétricas e campos energéticos.

Era como estar em casa de novo. Erasmo estava ansioso para voltar a trabalhar.

Os recintos abrigavam quase mil corpos suarentos que realizavam tarefas rotineiras debaixo um gigantesco sol roxo, o qual chegava o céu como uma enorme mancha de sangre. A tarde era abafada, mas os escravos não se queixavam nem descansavam, pois sabiam que os robôs os castigariam se fizessem isso.

A máquina pensante observava sua rotina cotidiana de um campanário que se elevava no quadrante sul de sua propriedade, seu lugar favorito. Em um recinto, dois anciões desabaram por causa do calor, e um de seus companheiros correu para ajudá-los. Erasmo tomou nota de três infrações puníveis: os dois que tinham fraquejado e o bom samaritano. Os motivos careciam de importância.

Erasmo tinha reparado que os escravos mostravam mais agitação quando não reagia a suas transgressões com disciplina imediata. Considerava divertido deixar que a impaciência e o medo se apoderassem deles, para que o nervosismo provocasse que cometessem mais graves. Os humanos se comportavam igualmente em Corrin ou na Terra, e estava contente de continuar seus experimentos e estudos sem interrupções.

Apertou um botão, e armas automáticas dispararam aleatoriamente dentro de um recinto, matando ou ferindo dúzias de escravos. Os sobreviventes, confusos e apavorados, tentaram fugir, mas não existia escapatória. As grades estavam eletrificadas. Alguns cativos empurraram aos

que tinham à frente para proteger-se, enquanto outros fingiam estar mortos ou se escondiam debaixo de cadáveres. Continuou disparando, mas desta vez fez pontaria para não abater demais.

Sim, era gratificante prosseguir com seus experimentos. Ainda tinha muito que aprender.

Transcorreu uma hora sem mais disparos, e os humanos começaram a mover-se de novo, com mais cautela que antes. Afastaram para um lado os cadáveres e se juntaram uns contra outros, sem compreender o que estava acontecendo. Alguns adotaram atitudes desafiantes, gritaram em direção às armas automáticas e agitaram os punhos. Erasmo foi mutilando os braços de um a um, e os viu seus corpos se retorcerem no chão. Até os humanos mais valentes podiam ser transformados em idiotas babões e incoerentes.

- Vejo que está brincando outra vez com seus brinquedos - disse o *Omnius* de Corrin de uma tela situada à esquerda de Erasmo.

- Tudo o que faço é por um motivo - disse Erasmo. - Cada vez aprendo mais.

O *Omnius* de Corrin não sabia o resultado da aposta que sua cópia da Terra fizera com o robô. Erasmo tinha aprendido uma lição significativa da rebelião que ele mesmo tinha alimentado sem querer, mas os dados suscitavam muitas perguntas novas. Não queria que a supermente exterminasse os humanos de todos os Planetas Sincronizados, embora tivesse que ocultar determinada informação.

Embora tivesse que mentir.

Uma perspectiva fascinante. Erasmo não estava acostumado a pensar nesses termos.

A porta principal se abriu, e guardas robóticos levaram os corpos dos mortos e feridos, para logo empurrar um novo grupo de escravos em direção aos recintos. Um dos recém chegados, um homenzarrão de pele cítrica, girou em volta de repente e atacou o robô mais próximo, agarrou as fibras estruturais e destroçou os circuitos neuroelétricos protegidos. Apesar de rasgar os dedos, o escravo se apoderou de um punhado de componentes de mobilidade, o qual fez que o robô se imobilizasse. Outros dois robôs caíram sobre o homem, e em uma imitação macabra do que o escravo tinha feito, um deles afundou seus dedos de aço no peito do homem, rasgou sua pele, sua cartilagem e o esterno, e lhe arrancou o coração.

- Não são mais que animais estúpidos - manifestou *Omnius* com desdém.

- Os animais são incapazes de conspirar, maquinar e enganar - disse Erasmo. - Estes escravos já não parecem tão dóceis. Detecto sementes de rebelião, até aqui.

- Nenhuma revolta triunfaria em Corrin - disse a voz de *Omnius*.

- Ninguém pode saber tudo, querido *Omnius*, nem sequer você. Por isso, jamais podemos perder a curiosidade. Embora possa predizer o comportamento das massas até certos limites, não acontece o mesmo com o um humano em particular. Trata-se de uma provocação suprema.

- É evidente que os humanos são uma massa de contradições. Nenhum modelo pode explicar seu comportamento.

Erasmo contemplou os recintos dos escravos.

- Até assim, são nossos inimigos, e temos que compreendê-los. Mesmo que seja apenas para assegurar nosso domínio.

O robô experimentou uma estranha sensação em seus simuladores sensoriais. Ira? Frustração? Obedecendo a um impulso, arrancou um sino da torre e o lançou contra o solo. O som lhe pareceu... inquietante.

- Por que destruiu esse sino? - perguntou *Omnius*. - Nunca o tinha visto cometer um ato tão incomum.

Erasmo analisou seus sentimentos. Tinha visto que os humanos faziam coisas parecidas, liberavam sentimentos reprimidos em forma de manhas de criança. De sua perspectiva, não sentia satisfação.

- Foi... um de meus experimentos.

Erasmo ainda tinha que aprender muitas coisas da natureza humana, que pensava utilizar como trampolim para que a sofisticação mecânica alcançasse o topo da existência.

Agarrou o corrimão da torre com dedos de aço, rompeu uma parte e deixou que caísse ao pavimento.

- Explicarei isso mais a frente. - Depois de observar seus escravos um momento mais, voltou-se para a tela. - Não seria prudente exterminar todos os humanos. Poderíamos acabar com sua capacidade de resistência utilizando métodos de dominação mais extremos.

A supermente, que sempre se sentia satisfeita em discutir com Erasmo, alegrou-se de detectar um erro.

- Mas se fizermos isso, Erasmo, não alteraremos a característica humana fundamental que deseja estudar? O observador não afetará o experimento?

- O observador sempre afeta o experimento, mas eu prefiro mudar os sujeitos em vez de destruí-los. Eu decidirei o que faço com meus escravos.

- Eu o compreendo tão pouco como aos humanos - disse por fim *Omnius*.

- Eu sei. Esse sempre será seu ponto fraco.

O robô olhou com afeto para seus escravos humanos, enquanto os guardas levavam aos mortos e feridos. Erasmo pensou em todas as coisas maravilhosas que tinha aprendido da espécie... e em quantas mais poderia descobrir, se tivesse a oportunidade. Suas vidas penduravam de uma corda frouxa sobre um escuro abismo sem fundo, e Erasmo os acompanhava. Não os cederia de qualquer maneira.

A boa notícia era que, durante sua ausência, tinham nascido dois pares de gêmeos mais.

Como sempre, as possibilidades eram infinitas.

126

A vida humana não é negociável.

SERENA BUTLER

Em honra à vitória dolorosa conseguida na Terra, os planetas da liga dedicaram uma grande celebração a seus heróis e uma emotiva despedida aos caídos em combate.

As naves tinham retornado com lentidão, no entanto naves correio e de reconhecimento voavam a toda velocidade a Salusa Secundus para dar a notícia e informar à liga do que deviam esperar quando a Armada chegasse, ferida e diminuída em número.

Mas o *Omnius* da Terra tinha sido destruído, e as máquinas pensantes tinham sofrido um golpe terrível. Os sobreviventes se aferravam a seu triunfo.

No caloroso e úmido estádio, Vorian Atreides estava empapado de suor em seu uniforme militar. Face à temperatura, as pessoas queriam vê-lo e ao segundo Harkonnen vestidos de ornamento. Xavier se erguia a seu lado no estrado, enquanto o vice-rei Butler e Serena sossegavam à multidão para que lhes dedicassem sua atenção.

Os dois homens (que tinham feito as pazes durante a longa viagem de volta a Salusa Secundus) achavam-se à sombra de uma plataforma coberta, junto com outros dignitários. Iblis Ginjo, vestido com elegância e orgulhoso de sua posição cada vez mais influente, também estava sentado na zona reservada às autoridades.

- Por guiar nossas forças em sua missão à Terra, e conseguir uma vitória esmagadora sobre as máquinas pensantes - disse o vice-rei Butler, elevando uma fita e uma medalha, - por tomar decisões difíceis e aceitar os perigos necessários, concedo a Medalha de Honra do Parlamento ao soldado mais distinto da liga, o segundo Xavier Harkonnen. É a maior recompensa que podemos entregar, e o fazemos com nossa mais profunda gratidão.

Trezentos mil espectadores gritaram de júbilo. Muitas daquelas pessoas haviam perdido filhos, amigos e pais na batalha da Terra. Em silêncio, Vor recordou os numerosos soldados da Armada que tinham caído no ataque atômico contra o planeta. Viu que os olhos de Xavier Harkonnen brilhavam de

emoção quando o vice-rei passou a cinta sobre sua cabeça inclinada. Logo viriam mais batalhas, mais inimigos a enfrentar.

Serena pegou uma segunda medalha, de desenho diferente.

- Em seguida, vamos honrar um herói inesperado, um homem educado pelas máquinas pensantes para não conhecer seus crimes. Mas viu a verdade e tomou partido pela humanidade livre. A informação tática vital que proporcionou sobre as defesas da Terra contribuiu para assegurar nossa vitória. Em plena batalha, conseguiu frustrar a fuga de *Omnius* e entregou à liga uma ferramenta de incalculável valor para a luta da humanidade. - Serena sorriu e avançou para ele. - Concedemos ao Vorian Atreides não só a Medalha de Serviços Exemplares, mas também o promovemos à patente de terceiro na Armada da Liga.

Naquele momento, um esquadrão de aviões e naves antigos passou voando sobre suas cabeças. Orgulhosos mecânicos e historiadores tinham acondicionado os veículos para o espetáculo aéreo. Xavier e Vor ficaram firmes quando os pilotos inclinaram as asas, e a multidão expressou sua aprovação aos gritos.

Iblis Ginjo, que saboreava os méis de sua popularidade ante tantos espectadores, se aproximou do sistema de comunicação e gritou:

- Estes pilotos são nossos futuros guerreiros do *Jihad*. As máquinas pensantes não vencerão!

Serena Butler prendeu medalhas no peito de outros heróis, com um sorriso de preocupação. Parecia perdida em pensamentos sobre o passado e as provocações insuperáveis que a humanidade ainda devia enfrentar. Parecia mais forte que nunca, porém distante.

Vor olhou de esguelha para Xavier, leu o amor que sentia por ela em seu rosto corado, assim como a dor da certeza de que nunca poderiam estar juntos. Nem sequer o matrimônio de Xavier com Octa proporcionava a Vor grandes chances de conquistar o coração de Serena. Recordou a primeira vez que a tinha visto na *villa* de Erasmo, sua energia e altivez.

Ela agora, parecia ter superado aquela fase de sua vida, para concentrar-se em crises iminentes que poucas pessoas eram capazes de prever. Parecia que uma nova energia estava se acumulando em seu interior.

Uma vez concluído seu papel na celebração da vitória, Serena desceu do estrado. Aproximou-se de Vor e Xavier antes de partir, já concentrada nos planos que ocupavam seus pensamentos.

- Preciso falar com vocês dois. - Tinha os olhos brilhantes, mas inflexíveis. Sua voz não concedia espaço à menor objeção. - Venham à Cidade da Introspecção ao cair o sol.

Vor e Xavier trocaram um olhar de surpresa, e depois concordaram.

Os dois antigos adversários jantaram juntos, compartilharam uma garrafa de *shiraz* salusano e evitaram o tema que tanto pesava em suas mentes e corações. Nenhum tinha idéia do que Serena ia lhes dizer.

Uma gama de tons laranja e rosa tingia o céu do ocaso, quando os dois oficiais da liga entraram pelas altas portas do complexo silencioso. Os residentes se deslocavam de edifício em edifício, ativando iluminadores nas paredes exteriores.

Serena os esperava lá dentro, e Vor pensou que parecia rejuvenescida, com melhor cor de tez. Seu coração se acelerou.

- Obrigado por vir. - Agarrou aos dois pelas mãos e os conduziu até um jardim. - Aqui poderemos falar sem que nos interrompam. Descobri que este lugar está cheio de possibilidades... e isolado da política. Aqui posso fazer o que é necessário.

Em uma zona central, rodeada de sebes esculpidas, emanava água de uma fonte ornamental, saltava sobre um rebordo rochoso e caia em outro lago. Insetos e anfíbios noturnos já tinham começado a praticar sua sinfonia noturna.

Na beirada do tanque, três cadeiras de madeira estavam colocadas em frente a uma pequena cascata. Vor perguntou-se quanta gente ia ali meditar, ou se Serena tinha levado as cadeiras para aquele encontro. Serena cruzou as mãos sobre o regaço e sorriu quando seus convidados se sentaram.

Primeiro olhou para Vor. Parecia que tinha passado muito tempo desde seu primeiro encontro na *villa*, com o Vor arrogante e orgulhoso de sua posição entre as máquinas pensantes. Sua aparência juvenil não tinha mudado.

Observou finas arrugas no rosto de Xavier Harkonnen. Embora fosse jovem, tinha sido golpeado pela tragédia, e sentiu compaixão por ele. Tinham transcorrido anos desde que fizeram o amor no prado, como se tivesse sido em outra vida. Já não eram os mesmos.

Tinham ocorrido muitas coisas. Perderam-se muitos milhões de vidas. Mas estes homens e ela eram sobreviventes.

- Conheço seus sentimentos, mas os dois devem esquecer seu amor por mim - disse. - Estamos a ponto de embarcar em uma guerra sem comparação com nenhuma outra. - Se levantou da cadeira e se deteve na beira do lago, sem afastar o olhar deles. - Mas vocês têm que fazer algo por mim. Cada um a sua maneira.

Seus olhos lançaram faíscas de determinação.

Vão à Sala de Guerra da liga e estudem os mapas estelares dos Planetas Sincronizados, os Planetas Não Aliados e os planetas da liga.

Nessa imensa extensão só encontrarão dois planetas que tomamos de *Omnius*: Giedi Prime e a Terra. Não têm que ser os últimos.

Apesar da escuridão que caia e que a luz dos projetores iluminava o perímetro do recinto, a zona em que se achavam continuava nas sombras. Até os ramos e os insetos tinham se calado, como se estivessem escutando os ruídos da noite, sempre alerta ao perigo.

- Xavier, Vorian, vocês devem se dedicar por inteiro à luta - disse Serena. - Façam isso por mim.

Sua voz era como um vento frio que sulcasse a galáxia. Vor compreendeu que sua paixão não havia morrido, mas sim a tinha desviado com maior intensidade para um empenho muito maior.

- Nosso *Jihad* é justo, e as máquinas perversas têm que cair, custe o sangue que custar. Reconquistem todos os planetas, um após o outro. Pela humanidade, e por mim.

Xavier assentiu com solenidade e repetiu algo que Iblis Ginjo lhe havia dito.

- Nada é impossível.

- Para nenhum de nós - disse Vor. Piscou para repelir as lágrimas e sorriu para a mulher.- E sobretudo para você, Serena Butler.

GLOSSÁRIO

Abdel: *zensunni* ancião de Arrakis.
Agamenon: um dos Vinte Titãs originais, general *cimek*, pai de Vorian.
Ajax: *cimek*, considerado o mais brutal dos titãs originais.
Alexandre: um dos Vinte Titãs originais.
Aleovidro: material transparente, extremamente forte, usado com freqüência como blindagem.
Alüd: jovem escravo de Poritrin, amigo de Ishmael
Anbus IV: planeta não aliado.
Aquim: cuidador humano do pensador Eklo.
Arkov, Rell: membro da Liga de Nobres.
Armada: veja-se Armada da Liga.
Armada da Liga: exército espacial destinado a proteger os planetas da liga.
Arrakis: planeta não aliado deserto.
Arrakis City: principal espaçoporto e cidade de Arrakis.
Ataúdes de êxtase: sistema de animação suspensa utilizado para transportar escravos pelos mercadores de carne **tlulaxa**.
Atreides, Vorian: filho de Agamenon, educado na Terra pelas máquinas pensantes.

Bagarra: sistema de transporte lento por Zeppelin, típico de Poritrin.
Baladas da Larga Marcha: antigas lendas e canções que falam do êxodo e a resistência humanas durante os primeiros tempos da Era dos Titãs.
Baliset: antigo instrumento musical desenvolvido durante o apogeu do Império Antigo.
Barba Azul: uno dos titãs originais, programador de sistemas informáticos agressivos.
Becca a Finita: irmã da Cidade da Introspecção.
Bludd, Favo: antepassado do Niko Bludd.
Bludd, Esfrego: antepassado do Niko Bludd.
Bludd, lorde Niko: líder de Poritrin.
Bludd, Sajak: primeiro líder de Poritrin que defendeu a escravidão.
Budalá: misteriosa deidade da religião *zensunni*.
Budislam: religião dos *zensunni* e *zenshiítas*.

Burrhorse: animal de carga da Terra.
Butler, Faykan: primeiro do *Jihad*.
Butler, Fredo: irmão menor de Serena, falecido por causa de uma enfermidade da sangue.
Butler, Livia: mãe de Serena, abadessa da Cidade da Introspecção.
Butler, Manion: vice-rei da Liga de Nobres.
Butler, Manion: filho de Serena Butler e Xavier Harkonnen, neto do vice-rei Manion Butler.
Butler, Octa: irmã menor de Serena Butler.
Butler, Serena: filha do vice-rei Manion Butler.
Buzzell: planeta não aliado, origem das pedras *soo*.

Caladan: planeta marítimo, não aliado.
Camio: feiticeira de Rossak, discípula da Zufa.
Canções da Larga Marcha: história oral *zensunni*.
Cenva, Norma: filha anã da Zufa Cenva, gênio da matemática.
Cenva, Zufa: poderosa feiticeira de Rossak.
Percevejo de leite: aracnídeo comestível de Harmonthep.
Chiry, quarto: membro da tropa salusana.
Chusuk: planeta da liga, conhecido por seus instrumentos musicais.
Chusuk, Emi: grande compositor dos últimos tempos do Império Antigo.
Cimek: "máquinas com mentes humanas", cérebros imateriais armazenados em corpos mecânicos.
Circuito gelificado: sofisticado sistema eletrônico a base de líquido cristalino que forma a base das redes neurais de uma máquina pensante.
Cidade da Introspecção: retiro religioso e filosófico da Salusa, similar a um monastério.
Colônia Vertree: planeta da liga, muito industrializado.
Conselho de Nobres: corpo governamental de Poritrin.
Corrin: Planeta Sincronizado.
Quarto: quarta patente da Armada da Liga.

Dante: um dos titãs originais, perito em manipulações burocráticas.
Dhartha, ***naib***: líder da tribo *zensunni* de Arrakis.
Dragões: guarda de elite de Poritrin.
Dream Voyager : nave de atualização capitaneada pelo Seurat.

Ebbin: menino escravo de Poritrin.
Ebrahim: traiçoeiro ex-amigo do Selim.
Ecaz: planeta não aliado.
Eklo: pensador da Terra.
Eletrolíquido: líquido de manutenção vital azulado para pensadores e *cimeks*, que também atua como circuito líquido.
Era dos Titãs: o século dos governadores tiranos que derrocaram o Império Antigo, vivendo primeiro como humanos e depois como *cimeks*. A Era dos Titãs acabou quando o recém-nascide Omnius se apoderou de todos os sistemas e impôs sua lei.
Escarabajo: constelação vista desde o Arrakis.
Eslarpón: animal escamoso das selvas de Rossak

Ferrocalavaza: cabaça de Rossak.
Fibras ópticas: sofisticados sensores oculares utilizados por robôs.
Fibrohelechos: tecido de Rossak.
Fluometal: espécie de pele metálica provida de sensores utilizada por robôs.
Freer, Ohan: capataz humano que servia às máquinas pensantes na Terra.

Giedi City: capital e centro industrial de Giedi Prime.
Giedi Prime: planeta da Liga de Nobres, rico em recursos e capacidade industrial, governado por um magno.
Ginaz: planeta da Liga de Nobres, formado por água em sua major parte. A população vive nas ilhas dispersas de um arquipélago.
Ginjo, Iblis: carismático líder humano da Terra.
Globo de luz: fonte de iluminação móvel alimentada mediante energia residual de seu acampo suspensor. Desenvolvido por Norma Cenva no Poritrin.
Glyffa: anciã de Arrakis, mãe adotiva do Selim
Grogipcio: estilo arquitetônico extravagante do Império Antigo.

Habitação do Sol Invernal: estadia da mansão Butler.
Hagal: planeta da Liga de Nobres, conhecido por seus recursos minerais, governado por um marechal de campo.
Magno: cargo político de Giedi Prime.
Mahmad: filho do *naib* Dhartha.
Manresa, Bovko: primeiro vice-rei da liga.

Máquina pensante: termo global para os robôs, computadores e *cimeks* elevados contra a humanidade.
Meach, primeiro Vannibal: comandante da tropa salusana.
Mentrodos: sensores utilizados pelos *cimeks*.
Tropa local de Giedi Prime: força militar defensiva de Giedi Prime.
Tropa salusana: força militar da Salusa Secundus.
Cavaleiro de Vermes: pseudônimo adotado pelo Selim.
Moulay, Bel: líder religioso *zenshiíta*.

Narakobe, Pitcairn: filósofo e militar da liga.
Neocimek: gerações posteriores de cimeks, criadas a partir de humanos que desejam servir a *Omnius*.
Neuroeletrônicos: delicados circuitos utilizados em robôs.
Nuezhueca: noz de Rossak, usada para esculpir.

Olhos espiões: olhos eletrônicos móveis utilizados por *Omnius*.
Omnius: supermente eletrônica que controla às máquinas pensantes.
Ou'Mura, Nivny: um dos fundadores da Liga de Nobres.

Painel luminoso: fonte de luz fixa de larga duração.
Parhi, Julianna: nome verdadeiro da titã Juno.
Pariacero: liga de polímero metálico utilizado em construções pesadas.
Parlamento: edifício governamental da Zimia.
Parlamento da liga: corpo governamental da Liga de Nobres.
Parmentier: Planeta Sincronizado.
Paterson, Brigit: engenheiro do comando de Serena.
Pensador: cérebro imaterial, similar aos *cimeks*, dedicado à meditação de temas esotéricos.
Pincknon: planeta da liga.
Pistola Chandler: arma que dispara fragmentos de cristal afiados.
Planetas da liga: planetas signatários da carta constitucional da Liga de Nobres.
Planetas Sincronizados: planetas sob o controle de *Omnius*.
Plasmento: material de construção.
Poritrin: planeta da liga, berço do Tio Holtzman.
Powder, Jaymes: membro da tropa salusana; mais tarde, ajudante de Xavier Harkonnen.

Primero: patente mais elevada da Armada da Liga.

Rebeliões *Hrethgir*: primeiros levantamentos dos humanos escravizados contra as máquinas pensantes, em particular os *cimeks*. A mais importante teve lugar no Walgis, e foi brutalmente esmagada pelo Ajax.
Relicon: planeta da liga.
Reticulus: pensador.
Richese: planeta da liga.
Rico: membro da tropa salusana.
Rio Platina: rio do Parmentier, origem do prezado salmão.
Rocha Sentinela: formação rochosa de Arrakis.
Rossak: planeta da Liga de Nobres, lar das feiticeiras, origem de numerosas drogas.
Ruça: feiticeira de Rossak, aluna da Zufa.

Salão de sessões: edifício governamental da Zimia.
Salusa Secundus: planeta capital da Liga de Nobres.
Selim: jovem exilado de Arrakis.
Seneca: planeta da liga, de atmosfera corrosiva, regido por um patriarca.
Seurat: robô independente, capitão do *Dream Voyager*.
Sexto: sexta e última patente da Armada da Liga.
Shaitan: Satã.
Shakkad: antigo químico imperial, conhecido como "o Sábio", primeiro em estudar a especiaria do Arrakis.
Sheol: o domínio da condenação eterna na tradição zensunni, uma espantosa região metrô de horrores inimagináveis.
Silin: feiticeira de Rossak, aluna da Zufa.
Skouros, Andrew: nome verdadeiro de Agamenon no Império Antigo.
Souci: planeta não aliado, fonte de escravos, lar do Ebbin.
Starda: porto fluvial, capital de Poritrin.
Subordinado: um dos monges que servem aos pensadores.
Suk, doutor Rajid: inovador médico militar que participou da *Jihad* Butleriana.
Sumi, magno: líder eleito de Giedi Prime.
Supermente: sistema eletrônico inteligente e onipresente.
Suspensor: efeito de anulação da gravidade apoiado no desenho original do escudoHoltzman, modificado por Norma Cenva no Poritrin.

Taina: prima de Ishmael que habitava no Harmonthep.
Tamerlão: um dos Vinte Titãs originais.
Tantor, Emil: pai adotivo de Xavier.
Tantor, Lucille: mãe adotiva de Xavier.
Tantor, Vergyl: meio-irmão menor de Xavier.
Tanzerouft: deserto de Arrakis.
Terceiro: patente de terceiro nível na Armada da Liga.
Tirbes: feiticeira de Rossak, aluna da Zufa.
Titãs: os tiranos que conquistaram o Império Antigo.
Tlaloc: um dos titãs originais, o visionário que inspirou a revolta.
Tlulax: planeta não aliado do sistema do Thalim, conhecido por proporcionar escravos e material biológico.
Tubérculos osthmir: raízes comestíveis de Poritrin.

Ularda: Planeta Sincronizado.

Vabalone: concha de cores nativa do Buzzell.
Vinte Titãs: o grupo de senhores da guerra que acabou com o Império Antigo.
Venport, Aurelius: comerciante de Rossak, casal da Zufa Cenva.
Velha Mentemetálica: mote inventado pelo Vorian Atreides para o Seurat.
Vice-rei: líder da Liga de Nobres.

Walgis: um planeta sincronizado, origem das Primeiras Rebeliões *Hrethgir*.
Weyop: avô de Ishmael.
Wibsen, Ort: comandante da liga retirado, líder da missão de Serena ao Giedi Prime.
Wilby, quinto Vaughn: membro da tropa salusana.

Yardin: planeta não aliado.
Yo, Amia: escrava de Erasmo.
Young, quarta Steff oficial da tropa salusana.

Zanbar: planeta da liga, importante mercado de escravos.
Zenshiíta: seita budislâmica, pelo general mais violenta que a zensunni.
Zensunni: seita budislâmica, pelo general dócil.
Zimia: centro cultural e governamental da Salusa Secundus.

PLANETAS MAIORES

Planetas da Liga	Planetas Sincronizados	Planetas Não Aliados
Balut	Alpha Corvus	Anbus IV
Chusuk	Bela Tegeuse	Arrakis
Colônia Vertree	Corrin	Buzzell
Junção	Ix	Caladan
Giedi Prime	Parmentier	Ecaz
Ginaz	Quadra	Harmonthep
Hagal	Richese	Souci
Kaitain	Terra	Tlulax
Kirana III	Ularda	Yardin
Komider	Walgis	
Pincknon	Wallach IX, VII e VI	
Poritrin	Yondair	
Relicon		
Ros-Jal		
Rossak		
Salusa Secundus		
Seneca		
Zanbar		